

UNIVERSIDADE DO ALGARVE
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LISBOA

**SUPERVISÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA:
UM PROCESSO DE APRENDIZAGEM
E DESENVOLVIMENTO
PROFISSIONAL E ORGANIZACIONAL?**

ESTUDO DE CASO NUMA ESCOLA DO 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO

II VOLUMES (VOL. II)

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Especialização: Educação de Infância

Área: Supervisão e Desenvolvimento Local

ROSA MARIA FERREIRA DA SILVA

FARO

2007

UNIVERSIDADE DO ALGARVE
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LISBOA

**SUPERVISÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA:
UM PROCESSO DE APRENDIZAGEM
E DESENVOLVIMENTO
PROFISSIONAL E ORGANIZACIONAL?**

ESTUDO DE CASO NUMA ESCOLA DO 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Especialização: Educação de Infância - Supervisão e Desenvolvimento Local

ROSA MARIA FERREIRA DA SILVA

Orientação:

Professora Doutora TERESA MARIA SENA DE VASCONCELOS

Júri:

Presidente: Professora Doutora Teresa Pires Carreira

Vogais: Professora Doutora Maria Gabriela Correia de Castro Portugal

Professora Doutora Teresa Maria Sena de Vasconcelos

Professora Doutora Sandra Cristina Andrade Teodósio Santos Valadas

FARO

2007

VOLUME II

ÍNDICE

ANEXO I

GUIÕES DAS ENTREVISTAS.....	1
-----------------------------	---

ANEXO II

PROTOCOLOS DAS ENTREVISTAS.....	20
---------------------------------	----

ANEXO III

QUADROS DE ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DAS ENTREVISTAS (QUESTÕES E INFERÊNCIAS).....	98
-------------------------------------------------------------------------------------	----

ANEXO IV

QUADROS DE ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE MOMENTOS DE OBSERVAÇÃO (QUESTÕES E INFERÊNCIAS).....	203
-----------------------------------------------------------------------------------------------	-----

ANEXO V

QUADROS DE ANÁLISE E CATEGORIZAÇÃO DE ENTREVISTAS, MOMENTOS DE OBSERVAÇÃO E DADOS DOCUMENTAIS.....	239
-------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----

ANEXO I

GUIÕES DAS ENTREVISTAS

GUIÃO DA PRIMEIRA ENTREVISTA AO PAR DE ESTAGIÁRIAS

● **Tema:** Importância da Prática Pedagógica (Estágio) na Formação Inicial atribuída por duas Alunas (Estagiárias) do 4º Ano da Licenciatura em 1º Ciclo.

● **Objectivos:**

- Caracterizar e analisar as expectativas iniciais das estagiárias em relação à Prática Pedagógica que irão desenvolver numa turma de crianças da escola MA.
- Explicitar a importância que teve o período de observação das práticas da professora cooperante para a construção do projecto de intervenção educativa a partir de Janeiro.
- Caracterizar e analisar o tipo de recepção que a escola empreendeu.

BLOCOS	OBJECTIVOS ESPECÍFICOS	FORMULÁRIO DE QUESTÕES
Bloco A Legitimação da entrevista e motivação das entrevistadas	<ul style="list-style-type: none">● Informar das linhas gerais do trabalho que nos encontramos a realizar.● Informar dos objectivos da entrevista e da sua provável duração.● Motivar as entrevistadas para se expressarem relativamente ao tema da entrevista.● Explicar o modo de condução da entrevista.● Garantir o anonimato das entrevistadas.	<ul style="list-style-type: none">● Dar a conhecer/relembrar o tema e os objectivos gerais do nosso estudo.● Dar a conhecer o tema e os objectivos da entrevista.● Solicitar a colaboração das entrevistadas, explicitando a importância para o estudo.● Motivar as entrevistadas para se expressar relativamente ao tema da entrevista.● Explicar a forma como a entrevista será conduzida.● Propor e pedir autorização para a gravação da entrevista, assegurando-se o anonimato das opiniões emitidas.● Informar da disponibilização do protocolo da entrevista.
Bloco B Expectativas iniciais das estagiárias em relação à Prática Pedagógica	<ul style="list-style-type: none">● Perceber como é que estas estagiárias se posicionam face ao estágio.● Perceber se as estagiárias identificam no estágio potencialidades para a sua aprendizagem no que concerne à sua vida profissional futura.● Caracterizar e analisar as suas expectativas em relação à Prática Pedagógica que irão desenvolver	<ul style="list-style-type: none">● Consideram que este estágio pode ser importante para vocês?● Em que medida?● Que importância poderá ter este estágio tendo em conta a vossa futura profissão?● O que esperam aprender ao longo deste estágio?● Quais são as vossas maiores preocupações?

	numa turma de crianças da escola MA.	
Bloco C Importância do período de observação das práticas da professora cooperante para a construção do projecto de intervenção educativa	<ul style="list-style-type: none"> ● Explicitar a importância que teve o período de observação das práticas da professora cooperante. ● Perceber que tipo de aprendizagens foi eventualmente feita. ● Perceber qual o contributo deste período de observação para a construção do projecto de intervenção educativa a conceber e a implementar pelas estagiárias. 	<ul style="list-style-type: none"> ● Que balanço fazem destas primeiras semanas de estágio nesta escola, em geral, e na turma de meninos, com a professora cooperante, em particular? ● Que contributos trouxe para vocês a observação da prática pedagógica da professora cooperante? ● Consideram que aprenderam e ampliaram saberes? ● Que contributo terão estas semanas de observação no desenho do vosso projecto de intervenção?
Bloco D Recepção da Escola M.A.	<ul style="list-style-type: none"> ● Conhecer o tipo de recepção que a escola empreendeu. ● Perceber como as estagiárias caracterizam essa recepção por cada um dos agentes da escola ● Saber se as estagiárias estão a conhecer algumas das dinâmicas estabelecidas na escola. 	<ul style="list-style-type: none"> ● De que forma têm sido recebidas na escola: <ul style="list-style-type: none"> - pelo Conselho Executivo e outros órgãos de gestão - pela professora cooperante - pelos meninos - pelos outros professores da escola - pelos auxiliares e outros ● Como se têm sentido na escola? ● Que conhecimento têm das dinâmicas da escola? ● De que forma têm tido eventual conhecimento das mesmas?

GUIÃO DA SEGUNDA ENTREVISTA AO PAR DE ESTAGIÁRIAS

● **Tema:** Importância da Prática Pedagógica (Estágio) na Formação Inicial atribuída por duas Alunas (Estagiárias) do 4º Ano da Licenciatura em 1º Ciclo.

● **Objectivos:**

- Caracterizar e analisar, do ponto de vista das estagiárias, a relação estagiários/crianças da turma, estagiários/professora cooperante, estagiários/equipa de tutoria e estagiários/escola.
- Explicitar a influência dessas relações no projecto de intervenção construído, nas aprendizagens feitas e nas competências adquiridas pelas estagiárias.
- Perceber a opinião das estagiárias sobre o papel da escola no desenvolvimento do seu trabalho.

BLOCOS	OBJECTIVOS ESPECÍFICOS	FORMULÁRIO DE QUESTÕES
<p style="text-align: center;">Bloco A</p> <p>Legitimação da entrevista e motivação das entrevistadas</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● Recordar as linhas gerais do trabalho que nos encontramos a realizar. ● Recordar a entrevista realizada na primeira semana de intervenção das estagiárias e informar dos objectivos desta e da sua provável duração. ● Motivar as entrevistadas para se expressarem relativamente ao tema da entrevista. ● Explicar o modo de condução da entrevista. ● Garantir o anonimato das entrevistadas. 	<ul style="list-style-type: none"> ● Relembrar o tema e os objectivos gerais do nosso estudo. ● Dar a conhecer o tema e os objectivos da presente entrevista. ● Solicitar e agradecer a colaboração das entrevistadas, explicitando a importância para o estudo. ● Motivar as entrevistadas para se expressar relativamente ao tema da entrevista. ● Explicar a forma como a entrevista será conduzida. ● Propor e pedir autorização para a gravação da entrevista, assegurando-se o anonimato das opiniões emitidas. ● Informar da disponibilização do protocolo da entrevista. ● Garantir informação, se desejada, sobre o resultado do estudo.
<p style="text-align: center;">Bloco B</p> <p>Relação estagiários/crianças da turma, estagiários/professora cooperante, esta-</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● Caracterizar e analisar, do ponto de vista das estagiárias, a relação <ul style="list-style-type: none"> - estagiários/professora cooperante - estagiários/professores da equipa de tutoria - estagiários/ escola - estagiários/crianças da 	<ul style="list-style-type: none"> ● Que tipo de relação mantiveram com a professora cooperante? ● Que tipo de apoio é que consideram ter sido importante receber dela? ● Surgiram dificuldades? A que nível(eis)? ● Que tipo de relação mantiveram com os professores da equipa de tutoria? ● Que tipo de apoio é que consideram ter sido importante receber deles?

<p>giários/equipa de tutoria e estagiários/escola</p>	<p>turma.</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Captar, no quadro dessas relações, apoios existentes e dificuldades emergentes. 	<ul style="list-style-type: none"> ● Surgiram dificuldades? A que nível(eis)? ● Que tipo de relação mantiveram com os agentes da escola (conselho executivo, conselho pedagógico, professores, auxiliares,...) ● Que tipo de apoio e de quem receberam da escola? ● Surgiram dificuldades? A que nível(eis)? ● Que tipo de relação mantiveram com as crianças da turma? ● De que forma é que eles reagiram á vossa presença e ao trabalho que realizaram com eles? ● Surgiram dificuldades? A que nível(eis)?
<p>Bloco C</p> <p>Aprendizagens construídas, competências adquiridas</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● Perceber a importância que teve o período de intervenção, da prática pedagógica das estagiárias. ● Perceber que aprendizagens foram feitas e que competências consideram ter adquirido. ● Perceber qual foi o contributo dos momentos de planeamento, reflexão/avaliação sobre as práticas com a professora cooperante. ● Perceber qual foi o contributo dos professores da equipa de tutoria. ● Perceber que semelhanças e diferenças houve no trabalho com a professora cooperante e com os professores da equipa de tutoria. 	<ul style="list-style-type: none"> ● Na nossa primeira conversa, referiram que uma das vossas expectativas neste estágio se prendia com o seu “aproveitamento em relação ao futuro”. São expectativas concretizadas? Que contributos poderão representar estas semanas de estágio no vosso futuro como professoras? ● Consideram que este estágio foi importante para vocês, no que respeita a aprendizagens e competências adquiridas? ● Em que medida? De que forma? ● Consideram que aprenderam e ampliaram saberes? ● Em que aspectos e situações? ● Que importância tiveram os momentos de planificação das práticas e de reflexão/avaliação sobre as práticas, com a professora cooperante? ● O que aprenderam com ela ou o que é que ela vos ajudou a aprender? ● Que semelhanças e diferenças existiram entre momentos de trabalho com a professora cooperante e momentos idênticos com professores da equipa de tutoria? ● Em que situações é que procuraram a equipa de tutoria ou que esta vos procurou a vocês? Como geriram o factor tempo que, no início, conforme referiram, se apresentava complicado? ● Que importância identificam nos momentos de observação da vossa intervenção por professores

	<ul style="list-style-type: none"> ● Perceber que balanço fazem dos momentos de observação da sua prática por professores da equipa de tutoria. ● Perceber a importância dos momentos de seminário na escola <i>C.</i> e na <i>I.S.E.</i>. 	<p>da equipa de tutoria? Que semelhanças e diferenças com a professora cooperante?</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Em que medida foram importantes os seminários, quer na escola <i>C.</i>, quer na <i>I.S.F.</i>? ● Tiveram para vocês valor acrescentado em relação aos momentos de trabalho com a professora cooperante? ● E, finalmente, mas não menos importante, como se sentem em relação às aprendizagens que ajudaram a construir nos meninos da turma? ● Que balanço fazem da vossa intervenção e do projecto curricular de intervenção que construíram para e na turma?
<p>Bloco D</p> <p>Papel da Escola <i>C.</i> no desenvolvimento do trabalho das estagiárias</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● Conhecer a relação que se estabeleceu entre as estagiárias e a escola. ● Saber se as estagiárias conheceram e/ou participaram em algumas das dinâmicas estabelecidas na escola. ● Perceber que conhecimentos adquiriam as estagiárias sobre o funcionamento da escola enquanto organização. 	<ul style="list-style-type: none"> ● Que tipo de relação mantiveram com a escola e esta convosco? <ul style="list-style-type: none"> - Conselho Executivo e outros órgãos de gestão - outros professores da escola - auxiliares e outros ● Na primeira conversa que tivemos, referiram que tinham conhecimento de reuniões entre os professores com turmas de 1º ano. Ao longo das semanas de intervenção, têm algum conhecimento mais objectivo do funcionamento e da intenção dessas reuniões? ● Participaram em alguma(s)? ● Consideram importantes esses momentos? Ou, no caso de não terem existido, consideram que poderiam ter sido importantes? Em que medida? ● Relativamente ao Projecto Educativo da escola e ao Plano Anual de Actividades, que já era do vosso conhecimento no início do estágio, tiveram alguma participação? ● Consideram que o vosso trabalho contribuiu para a sua concretização? ● E, já agora, em relação ao projecto Curricular de Turma da professora cooperante, entendem que o vosso trabalho deu continuidade e foi uma mais-valia na concretização do mesmo? ● Que conhecimento têm neste momento em

	<ul style="list-style-type: none"> • Perceber que conhecimento terá a escola do trabalho das estagiárias. 	<p>relação à escola C. enquanto organização?</p> <ul style="list-style-type: none"> • O que ficaram a conhecer sobre o seu funcionamento e sobre, no geral, o funcionamento de uma escola? • E que conhecimento é que pensam que a escola foi tendo e tem do trabalho que desenvolveram na turma de meninos do 1º ano de escolaridade?
--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

GUIÃO DA PRIMEIRA ENTREVISTA À PROFESSORA COOPERANTE

● **Tema:** Impacto da Supervisão da Prática Pedagógica no desenvolvimento e na prática profissional de uma professora cooperante.

● **Objectivos:**

- Conhecer, do ponto de vista da vida da professora, a sua história enquanto cooperante.
- Explicitar e analisar o que a motiva para se envolver nesta actividade de supervisão de alunos da formação inicial.
- Conhecer as suas expectativas e preocupações inerentes a este processo e os papéis e funções que identifica na sua actuação enquanto supervisora da Prática Pedagógica de alunos do 4º ano do curso de formação inicial.

BLOCOS	OBJECTIVOS ESPECÍFICOS	FORMULÁRIO DE QUESTÕES
Bloco A Legitimação da entrevista e motivação da entrevistada	<ul style="list-style-type: none">● Informar das linhas gerais do trabalho que nos encontramos a realizar.● Informar dos objectivos da entrevista e da sua provável duração.● Garantir o anonimato da entrevistada.● Explicar o modo de condução da entrevista.● Motivar a entrevistada para se expressar relativamente ao tema da entrevista.	<ul style="list-style-type: none">● Dar a conhecer/relembrar o tema e os objectivos gerais do nosso trabalho de investigação.● Dar a conhecer o tema e os objectivos da entrevista.● Solicitar a colaboração da entrevistada, explicitando a importância para o estudo.● Propor e pedir autorização para a gravação da entrevista.● Explicar a forma como a entrevista será conduzida.● Motivar a entrevistada para se expressar relativamente ao tema da entrevista.● Informar da disponibilização do protocolo da entrevista.
Bloco B História de vida da professora enquanto cooperante	<ul style="list-style-type: none">● Conhecer a história de vida da professora no âmbito da supervisão de estágios.● Perceber como é que se deu o início desta função e como tem sido contactada para tal fim.● Captar a percepção da professora do impacto que a sua função de supervisão tem tido na sua vida pessoal e profissional.	<ul style="list-style-type: none">● Em que etapa da carreira docente se encontra?● Há quantos anos faz supervisão de estágios?● De que forma iniciou essa actividade?● Fale-me um pouco da sua experiência de participação em processos de supervisão de estágios da formação inicial.● Em que medida a sua prática como cooperante a tem afectado enquanto pessoa e enquanto profissional?● Tem formação específica na área da

	<ul style="list-style-type: none"> ● Perceber se a professora tem formação específica na área da supervisão. ● Perceber se a escola desempenha algum papel na selecção desta professora para cooperante. 	<p>supervisão pedagógica?</p> <ul style="list-style-type: none"> ● A instituição de ensino superior proporcionou-lhe algum momento de formação? Se sim, frequenta-o? Porquê? Se não, procurou formação neste âmbito? Qual? ● Há quantos anos faz supervisão de estágios nesta escola? ● Como foi feita, este ano, a abordagem para ser professora cooperante nesta escola? ● Por que razão considera que foi contactada para esse fim?
<p>Bloco C</p> <p>Motivações, expectativas e preocupações da professora para e na sua função de cooperante</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● Perceber a importância que a professora atribui ao seu papel de supervisora. ● Conhecer os motivos que levam a professora a ser cooperante. ● Conhecer as expectativas da professora enquanto cooperante em relação: <ul style="list-style-type: none"> - aos seus alunos; - aos estagiários; - à equipa de tutoria. - a si própria. ● Perceber que preocupações tem a professora considerando a sua função supervisiva. 	<ul style="list-style-type: none"> ● Como encara o seu papel de supervisora? ● Por que razão e por que motivos tem aceite esta função? ● Por que motivos aceitou, no presente ano lectivo, ser cooperante? ● Que expectativas tem em relação ao funcionamento do estágio, em relação quer aos estagiários, quer à equipa de tutoria e também em relação à sua actuação como orientadora de estágios do 4º ano (ano final da licenciatura)? ● Que preocupações a acompanham enquanto professora cooperante? ● Tem preocupações especiais na sua prática de sala de aula no momento em que “abre a porta” a estagiários?
<p>Bloco D</p> <p>Papéis e funções que a professora cooperante identifica na sua actuação enquanto supervisora da Prática Pedagógica</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● Perceber como é que a professora se posiciona face às suas funções e papéis enquanto supervisora de estágios. ● Conhecer, na sua perspectiva, a importância do período de observação das suas práticas por parte dos estagiários. ● Conhecer as implicações práticas de sala de aula que a sua função de cooperante poderá envolver. ● Conhecer formas eventuais de trabalho a adoptar pela cooperante com os estagiários. 	<ul style="list-style-type: none"> ● Que funções e que papéis estão implícitos, para si, nesta actividade? ● Agora que terminou o período de observação das suas práticas pelos alunos estagiários, que balanço faz deste período? Que importância lhe atribui? Como se sentiu? Que situações emergiram? ● Alterou, adequou a sua prática pelo facto de ter estagiários? ● Que momentos pensa disponibilizar para “trabalhar” com os seus estagiários e com que objectivos?

GUIÃO DA SEGUNDA ENTREVISTA À PROFESSORA COOPERANTE

• **Tema:**

Impacto da Supervisão da Prática Pedagógica no desenvolvimento e na prática profissional de uma professora cooperante.

• **Objectivos:**

- Caracterizar o ponto de vista da professora cooperante no que respeita à importância do seu papel de supervisora ao longo do processo de supervisão vivido e o contributo que reconhece na construção profissional das estagiárias.
- Caracterizar e analisar a importância do processo de supervisão da Prática Pedagógica no desenvolvimento pessoal e profissional da professora cooperante.
- Conhecer o ponto de vista da professora cooperante em relação ao impacto que o processo de supervisão de estágios de alunos da formação inicial teve no funcionamento e na organização escola e à forma como esta o potencia ou pode potenciar.

BLOCOS	OBJECTIVOS ESPECÍFICOS	FORMULÁRIO DE QUESTÕES
<p style="text-align: center;">Bloco A</p> <p>Legitimação da entrevista e motivação da entrevistada</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Recordar as linhas gerais do trabalho que nos encontramos a realizar. • Informar dos objectivos desta segunda entrevista e da sua provável duração. • Motivar a entrevistada para se expressar relativamente ao tema da entrevista. • Explicitar o modo de condução da entrevista. • Garantir o anonimato da entrevistada. 	<ul style="list-style-type: none"> • Dar a conhecer/relembrar o tema e os objectivos gerais do nosso trabalho de investigação. • Dar a conhecer o tema e os objectivos da entrevista. • Solicitar a colaboração da entrevistada, explicitando a importância para o estudo. • Explicar a forma como a entrevista será conduzida. • Motivar a entrevistada para se expressar relativamente ao tema da entrevista. • Propor e pedir autorização para a gravação da entrevista, assegurando o anonimato das opiniões. • Informar da posterior disponibilização do protocolo da entrevista. • Garantir informação sobre o resultado do estudo.
<p style="text-align: center;">Bloco B</p> <p>Impacto do processo de supervisão (estágio) no crescimento profissional das estagiárias</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Caracterizar o ponto de vista da professora cooperante no que respeita à importância do seu papel de supervisora ao longo do processo de supervisão vivido. 	<ul style="list-style-type: none"> • Que balanço faz do processo de supervisão vivido este ano tendo em conta a sua actuação junto das estagiárias (aspectos mais e menos conseguidos)? • No seu ponto de vista, que importância tiveram neste processo os espaços de conferências de supervisão que teve com as estagiárias? Como os geriu, ou seja, de que forma procedeu ao

<p>Bloco B</p> <p>Impacto do processo de supervisão (estágio) no crescimento profissional das estagiárias</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● Caracterizar o ponto de vista da professora cooperante no que respeita à importância do seu papel de supervisora ao longo do processo de supervisão vivido. 	<p>planeamento, reflexão e avaliação da prática pedagógica?</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Que contributos identifica na sua orientação para o crescimento profissional das estagiárias? ● Que papel desempenhou a equipa de tutoria da instituição superior de formação na prática de supervisão das estagiárias? Que articulação e que tipo de relação existiram entre si, as estagiárias e essa equipa? ● E os momentos de seminário realizados com os vários grupos a estagiarem nesta escola, em que medida poderão ter sido espaços de crescimento profissional para os estagiários?
<p>Bloco C</p> <p>Importância do processo de supervisão no desenvolvimento pessoal e profissional da professora cooperante</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● Caracterizar e analisar a importância que o processo de supervisão da Prática Pedagógica teve no desenvolvimento pessoal e profissional da professora cooperante. ● Perceber a importância que o processo de supervisão vivenciado poderá vir a ter em futuros momentos de supervisão pedagógica. 	<ul style="list-style-type: none"> ● Que implicações e que sentires trouxe para si este ano a supervisão de estágio? ● Para si própria, enquanto pessoa e profissional de educação, que balanço faz, que importância teve este processo de orientação de estágio? ● Quais os momentos vividos neste processo que considera mais importantes para si no que respeita ao seu desenvolvimento profissional? ● Considera que, neste contexto de supervisão, também emergiram para si novos saberes, novas atitudes, novas competências? Quais? Em que momentos surgiram? ● No início do estágio, referia alguma preocupação em relação à definição do seu papel de supervisora, tendo em conta a existência de uma equipa de tutoria da escola superior de formação. Como foi gerido esse processo e como foi potenciada a equipa? ● Que aprendizagens retira deste processo de supervisão para potenciar em futuros momentos de supervisionar estagiários?
<p>Bloco D</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● Conhecer o ponto de vista da professora cooperante em relação ao impacto que o processo de supervisão de estágios de alunos da formação inicial teve no funcionamento e na organização 	<ul style="list-style-type: none"> ● Considera que o trabalho de supervisão e de intervenção educativa das estagiárias teve algum impacto na escola? Se não aconteceu, de que forma poderia ter sido eventualmente potenciado? ● Que sentido poderia ter incluir no Projecto Educativo e no Projecto Curricular desta Escola a

<p>Impacto do processo de supervisão de estágios na escola cooperante.</p>	<p>escola.</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Perceber qual o conhecimento que a escola tem do processo de supervisão de estágios de alunos da formação inicial vivido no presente ano lectivo. ● Perceber a posição da professora cooperante em relação à potenciação da supervisão de estágios na escola enquanto organização. 	<p>supervisão de estágios? Que aspectos poderiam ser contemplados?</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Em Conselho de Ano do qual faz parte, alguma vez foram apresentadas ou discutidas situações nas quais a Prática Pedagógica dos estagiários estivessem implícitas? As mudanças e eventuais inovações foram aí divulgadas? Fará sentido isso acontecer? ● Tendo em conta que a maior parte dos professores pertencentes a esse Conselho de Ano eram cooperantes e, portanto, supervisores de estágios, houve entre vós alguma reflexão em relação ao vosso papel e actuação? Houve alguma iniciativa conjunta? ● Foi dado por si e pelas restantes professoras cooperantes algum feedback ao Conselho Executivo, ao Conselho de Docentes e ao Conselho Pedagógico do processo de supervisão vivido no âmbito da Prática Pedagógica e das situações emergentes dessa Prática? ● De que forma reagiram os seus colegas de ano e de escola que não desempenharam, este ano, função de supervisores, perante a presença e actuação de estagiários? Revelaram alguma curiosidade em conhecer o que aconteceu ao longo do processo? ● Considera que as eventuais inovações produzidas em sala de aula são partilhadas e postas ao serviço da melhoria e desenvolvimento da escola? De que forma? Se tal não aconteceu, poderia ser importante? Como considera viável tal concretização? ● As estagiárias tiveram algum tipo de participação a nível de escola? Se não houve, em que situações e de que forma poderia ou poderá ser operacionalizado? Que importância poderia ter tido ou poderá ter quer para a escola, quer para as estagiárias?
----------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

GUIÃO DA PRIMEIRA ENTREVISTA
À PRESIDENTE DO CONSELHO EXECUTIVO DA ESCOLA M.A.

● **Tema:** Responsabilidades assumidas e importância que a Escola M.A. atribui à supervisão de estágios por professores cooperantes que aqui leccionam.

● **Objectivos:**

- Caracterizar e analisar a escola, do ponto de vista histórico, no que concerne ao acolhimento de estagiários da formação inicial.
- Caracterizar e analisar, do ponto de vista do Conselho Executivo actual, a importância que os diversos processos de supervisão, no âmbito da formação inicial, têm tido para a escola enquanto organização.
- Perceber que preocupações (pedagógicas e outras) tem o Conselho Executivo relativamente ao processo de supervisão de estágios na escola.
- Caracterizar e analisar o tipo de relações que a escola, através do Conselho Executivo, mantém com a Instituição Superior de Formação, em particular com as equipas de tutoria.

BLOCOS	OBJECTIVOS ESPECÍFICOS	FORMULÁRIO DE QUESTÕES
<p style="text-align: center;">Bloco A</p> <p>Legitimação da entrevista e motivação da entrevistada</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● Informar das linhas gerais do trabalho que nos encontramos a realizar. ● Informar dos objectivos da entrevista e da sua provável duração. ● Garantir o anonimato da entrevistada. ● Explicar o modo de condução da entrevista. ● Motivar a entrevistada para se expressar relativamente ao tema da entrevista. 	<ul style="list-style-type: none"> ● Dar a conhecer/relembrar o tema e os objectivos gerais do nosso trabalho de investigação. ● Dar a conhecer o tema e os objectivos da entrevista. ● Solicitar a colaboração da entrevistada, explicitando a importância para o estudo. ● Propor e pedir autorização para a gravação da entrevista. ● Explicar a forma como a entrevista será conduzida. ● Motivar a entrevistada para se expressar relativamente ao tema da entrevista. ● Informar da disponibilização do protocolo da entrevista.
<p style="text-align: center;">Bloco B</p> <p>Caracterização da Escola M.A. relativamente à Supervisão da Prática Pedagógica</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● Caracterizar a escola, do ponto de vista histórico, no que concerne ao acolhimento de estagiários da formação inicial. ● Perceber se os estágios emanam somente de uma Instituição de Ensino Superior. ● Perceber qual a realidade, este 	<ul style="list-style-type: none"> ● Tem memória desde há quantos anos esta escola constituiu protocolo com a Instituição de Ensino Superior no sentido de acolher estágios? ● Quem desencadeia o processo? ● De que forma se concretiza? ● A escola recebe estagiários exclusivamente desta Instituição de Ensino Superior de Educação? ● Que estágios estão a decorrer este ano na escola?

	ano, da escola neste âmbito.	
<p>Bloco C</p> <p>Importância/ /Impacto dos processos de Supervisão de Estágios na Escola <i>M.A.</i> enquanto organização</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● Captar, do ponto de vista do Conselho Executivo actual, a importância que os diversos processos de supervisão, no âmbito da formação inicial, têm tido para a escola enquanto organização ● Perceber se o acompanhamento de estágios tem tido algum contributo para a melhoria da qualidade da educação prestada nesta escola. 	<ul style="list-style-type: none"> ● Considera que a prática pedagógica dos professores da escola tem sofrido alterações por influência da concretização de estágios na escola? ● Essa eventual mudança acontece em exclusivo nas práticas dos professores cooperantes ou também nos outros? ● Até que ponto é que o acolhimento de estágios é uma mais-valia para a escola <i>M.A.</i>? ● O que espera a escola conseguir com o acolhimento de estágios? ● Que vantagens, que contrapartidas, que benefícios?
<p>Bloco D</p> <p>Implicação e Responsabiliza-ção da Escola <i>M.A.</i> nos processos de Supervisão de Estágios</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● Perceber que preocupações (pedagógicas e outras) tem o Conselho Executivo relativamente ao processo de supervisão de estágios na escola. ● Caracterizar e analisar o tipo de recepção que a escola empreendeu aos estagiários. ● Perceber qual o grau de conhecimento que a comunidade educativa, em particular os docentes, tem do processo de estágio, em particular das práticas de sala de aula. ● Perceber qual o papel da escola na escolha de professores cooperantes. 	<ul style="list-style-type: none"> ● Quais são os papéis e funções da escola cooperante neste processo? ● Que responsabilidades ficam cometidas a esta escola? ● Que preocupações tem o Conselho Executivo no estabelecimento de relações entre estagiários e os diferentes agentes educativos da escola? ● Como se organiza a escola para receber e apoiar os estagiários da formação inicial? ● Que tipo de intervenção tem o Conselho Executivo no desenvolvimento do processo de estágio? ● Como se processa a selecção dos profes-sores cooperantes? Qual o papel da escola? ● Que tipo de conhecimento têm os órgãos de gestão da escola, para além do executivo, do processo e funcionamento de estágios? ● Têm algum tipo de envolvimento neste processo?
<p>Bloco E</p> <p>Tipo de relações institucionais entre a Escola <i>M.A.</i> e a Instituição de Ensino Superior</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● Identificar o tipo de relações que a escola mantém com a Instituição Superior de Formação. ● Perceber o modo de selecção dos professores cooperantes e a implicação da escola. 	<ul style="list-style-type: none"> ● Que tipo de relações se estabelecem entre a Escola <i>M.A.</i> e a Instituição Superior de Formação? ● Numa escola do 1º ciclo com esta dimensão, quais os professores que têm acolhido estagiários? ● Como são seleccionados? ● Como reagem a esta escolha os outros professores da escola?

GUIÃO DA SEGUNDA ENTREVISTA
À PRESIDENTE DO CONSELHO EXECUTIVO

● **Tema:** Responsabilidades assumidas e importância que a Escola *M.A.* atribui à supervisão de estágios por professores cooperantes que aqui leccionam. Perspectivas de enquadramento formal da supervisão de estágios na escola enquanto organização.

● **Objectivos:**

- Caracterizar e analisar o tipo de relações que o Conselho Executivo manteve com os grupos de estagiários, professores cooperantes e equipas de tutoria no sentido de tomar conhecimento e de divulgar o processo vivido pelos mesmos.
- Perceber qual o conhecimento que o Conselho Executivo teve da construção de práticas inovadoras em sala de aula e da qualidade de aprendizagens feitas pelos alunos (crianças).
- Caracterizar e analisar o impacto que o processo de supervisão de estágios de formação inicial teve, no presente ano lectivo, no funcionamento e organização da escola.
- Perceber qual a importância que este órgão de gestão atribui à supervisão pedagógica de estágios no que concerne à melhoria da qualidade educativa da escola.
- Perceber a existência de perspectivas no sentido de potenciar na escola, enquanto organização, a supervisão de estágios.

BLOCOS	OBJECTIVOS ESPECÍFICOS	FORMULÁRIO DE QUESTÕES
<p style="text-align: center;"><i>Bloco A</i></p> <p>Legitimação da entrevista e motivação da entrevistada</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● Recordar as linhas gerais do trabalho que nos encontramos a realizar. ● Informar dos objectivos desta segunda entrevista e da sua provável duração. ● Motivar a entrevistada para se expressar relativamente ao tema da entrevista. ● Explicitar o modo de condução da entrevista. ● Garantir o anonimato da entrevistada. 	<ul style="list-style-type: none"> ● Dar a conhecer/relembrar o tema e os objectivos gerais do nosso trabalho de investigação. ● Dar a conhecer o tema e os objectivos da entrevista. ● Solicitar a colaboração da entrevistada, explicitando a importância para o estudo. ● Explicar a forma como a entrevista será conduzida. ● Motivar a entrevistada para se expressar relativamente ao tema da entrevista. ● Propor e pedir autorização para a gravação da entrevista, assegurando o anonimato das opiniões. ● Informar da posterior disponibilização do protocolo da entrevista. ● Garantir informação sobre o resultado do estudo.

<p>Bloco B</p> <p>Tipo de relacionamento e responsabilidades assumidas pelo órgão de gestão da escola no que respeita à supervisão de estágios de alunos da formação inicial por professores cooperantes que aqui leccionam</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Caracterizar e analisar o tipo de relações que o Conselho Executivo manteve com os grupos de estagiários, professores cooperantes e equipas de tutoria no sentido de tomar conhecimento e de divulgar o processo vivido pelos mesmos. • Perceber qual o conhecimento que o Conselho Executivo teve da construção de práticas inovadoras em sala de aula e da qualidade de aprendizagens feitas pelos alunos (crianças). 	<p>De que forma é que o Conselho Executivo acompanhou o processo de supervisão dos estágios da formação inicial?</p> <p>Que papel é que lhe coube? Para que efeitos costumava ser procurado o Conselho Executivo no que respeita aos estágios?</p> <p>Em que momentos é que o Conselho Executivo teve feedback do funcionamento dos estágios em algumas turmas da escola? Quem promoveu esses momentos (o próprio conselho executivo, os cooperantes,...)? Esse feedback foi divulgado à escola em geral? De que forma (Conselhos de Docentes, Conselho Pedagógico, Assembleia de Escola,...)? Em que circunstâncias?</p> <p>Que conhecimento teve o Conselho Executivo a propósito do desenvolvimento e eventual inovação curricular nas turmas com estagiários?</p> <p>Que conhecimento teve o Conselho Executivo a propósito das aprendizagens realizadas pelos alunos de turmas com estágios de formação inicial?</p>
<p>Bloco C</p> <p>Importância que a Escola M.A. atribui à supervisão de estágios e perspectivas do seu enquadramento formal na escola enquanto organização</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer o ponto de vista do Conselho relativamente ao impacto que o processo de supervisão de estágios de formação inicial teve, no presente ano lectivo, no funcionamento e organização da escola. • Perceber qual a importância que este órgão de gestão atribui à supervisão pedagógica de estágios no que concerne à melhoria da qualidade educativa da escola. • Perceber a posição do Conselho Executivo em relação à potenciação na escola, enquanto organização, da supervisão de estágios. 	<p>Que importância teve este processo para a escola em geral e, em particular, na missão fundamental da escola que é a aprendizagem dos alunos e a qualidade da educação? Que importância, que vantagens para alunos e para docentes?</p> <p>Em sua opinião, os estagiários foram, este ano, uma mais-valia para a escola? Considera que o processo introduziu novas ideias e novas práticas?</p> <p>O facto de haver estagiários na escola e grupos de professores envolvidos no processo de supervisão da Prática Pedagógica tem resultado em valor acrescentado para a escola? De que forma? Como se exterioriza? Como se evidencia?</p> <p>O grupo de professores cooperantes desempenhou algum papel específico no contexto da escola?</p>

	<p>Que divulgação foi feita junto dos órgãos de orientação da escola?</p> <p>Em reuniões de Assembleia de Escola e/ou Conselho Pedagógico tiveram lugar algumas situações relativas ao funcionamento dos estágios?</p> <p>Os professores cooperantes têm alguma função específica no Conselho Pedagógico e/ou na Assembleia de Escola?</p> <p>Esses órgãos têm conhecimento da qualidade de actuação dos estagiários e do impacto que o seu trabalho tem nas aprendizagens dos alunos?</p> <ul style="list-style-type: none"> • Considera que as eventuais inovações produzidas em sala de aula são partilhadas e postas ao serviço da melhoria e desenvolvimento da escola? De que forma? Se tal não aconteceu, entende que poderia ser importante? Como considera viável tal concretização? • Em que situações e de que forma poderia ou poderá ser operacionalizada a intervenção de estagiários na escola? Que importância poderia ter tido ou poderá ter essa intervenção quer para a escola, para os seus professores e alunos, quer para as estagiárias? • De que forma encara a possibilidade de a supervisão de estágios na escola ser contemplada no Projecto Educativo e nos diversos documentos de organização da escola? Será que essa intencionalização poderia ajudar a melhorar a qualidade educativa do ensino que aqui é prestado? De que forma? Dirigido a quem?
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

**GUIÃO DA ENTREVISTA À PROFESSORA COORDENADORA
DA EQUIPA DE TUTORIA DA INSTITUIÇÃO SUPERIOR DE FORMAÇÃO**

Objectivos:

- Perceber os motivos e razões que determinaram a escolha desta escola e destas professoras cooperantes.
- Caracterizar e analisar o tipo de relações que a instituição superior de formação mantém com a escola e que relações mantém a equipa de tutoria com a escola e com os professores cooperantes.
- Conhecer o ponto de vista da professora tutora em relação ao impacto que o processo de supervisão da Prática Pedagógica de alunos da formação inicial (4º ano) tem no crescimento profissional dos estagiários e no desenvolvimento pessoal e profissional das professoras cooperantes.
- Conhecer a percepção da professora tutora em relação ao impacto que o processo de supervisão da Prática Pedagógica de alunos da formação inicial (4º ano) tem na mudança e desenvolvimento da escola enquanto organização.

BLOCOS	OBJECTIVOS ESPECÍFICOS	FORMULÁRIO DE QUESTÕES
<p style="text-align: center;"><i>Bloco A</i></p> <p>Legitimação da entrevista e motivação da entrevistada</p>	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Informar das linhas gerais do trabalho que nos encontramos a realizar. ➤ Informar dos objectivos da entrevista e da sua provável duração. ➤ Garantir o anonimato da entrevistada. ➤ Explicar o modo de condução da entrevista. ➤ Motivar a entrevistada para se expressar relativamente ao tema da entrevista. 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Dar a conhecer o tema e os objectivos gerais do nosso trabalho de investigação. ➤ Dar a conhecer o tema e os objectivos da entrevista. ➤ Solicitar a colaboração da entrevistada, explicitando a importância para o estudo. ➤ Propor e pedir autorização para a gravação da entrevista. ➤ Explicar a forma como a entrevista será conduzida. ➤ Motivar a entrevistada para se expressar relativamente ao tema da entrevista. ➤ Informar da disponibilização do protocolo da entrevista. ➤ Garantir informação sobre o resultado do estudo.
<p style="text-align: center;"><i>Bloco B</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Perceber os motivos e razões que determinaram a escolha desta escola e 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Por que se procedeu à selecção desta escola para acolhimento de estagiários? ➤ Que papel desempenha neste campo a Escola

<p>Opção pela Escola M.A. e pelos professores cooperantes</p>	<p>das professoras cooperantes.</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Caracterizar e analisar o tipo de relações que a instituição superior de formação mantém com a escola ➤ Caracterizar e analisar o tipo de relações que a equipa de tutoria mantém com a escola e com os professores cooperantes. 	<p>Superior de Formação, enquanto instituição, na relação com a escola de Acolhimento?</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ De que forma foi feita a abordagem à escola e aos professores cooperantes? ➤ O que e quem determinou a escolha dos professores que supervisionaram os estágios? ➤ Que tipo de relação mantiveram os docentes da equipa de tutoria com os órgãos de gestão e orientação pedagógica da escola? ➤ Considera que existe uma colaboração pessoal e profissional entre a equipa de tutoria e esses órgãos? De que forma se concretiza? ➤ Em que medida é que a mobilidade docente interfere na continuidade de colaboração entre instituição de formação e escola cooperante?
<p>Bloco C</p> <p>Impacto do processo de supervisão nos estagiários e nos professores cooperantes</p>	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Conhecer o ponto de vista da professora tutora em relação ao impacto que o processo de supervisão da Prática Pedagógica de alunos da formação inicial (4º ano) tem no crescimento profissional dos estagiários ➤ Conhecer o ponto de vista da professora tutora em relação ao impacto que esse processo tem no desenvolvimento pessoal e profissional das professoras cooperantes. 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Que impacto considera ter tido a Intervenção Educativa na construção da profissionalidade dos estagiários e no desenvolvimento pessoal e profissional dos professores cooperantes? ➤ Considera que a estrutura e a organização da Prática Pedagógica adoptada pela instituição de formação inicial de professores, da qual faz parte, ajuda a promover a aprendizagem e o desenvolvimento profissional dos professores cooperantes? ➤ Na sua opinião, a Intervenção Educativa destes estagiários influencia e origina processos de mudança e inovação das práticas dos professores cooperantes? ➤ Que estratégias desenvolve a equipa de tutoria no sentido de não só promover aprendizagens nos alunos estagiários, mas também em capacitar os professores cooperantes para a sua função de supervisores? ➤ São adoptadas práticas de formação dos professores cooperantes centrada na escola? ➤ Estiveram previstos, entre a equipa de tutoria e os professores cooperantes, momentos formais de partilha e discussão de experiências vividas com vista à melhoria do processo de supervisão?

<p style="text-align: center;">Bloco D</p> <p>Desenvolvimento Organizacional da Escola M.A.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Conhecer a percepção da professora tutora em relação ao impacto que o processo de supervisão da Prática Pedagógica de alunos da formação inicial tem na mudança e desenvolvimento da escola enquanto organização. ➤ Conhecer, na sua perspectiva, a importância da participação dos alunos estagiários em órgãos de orientação pedagógica da escola. 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Na sua opinião, que impacto têm os estágios de formação inicial na escola enquanto organização? ➤ Tem ideia se algum dos órgãos da escola tem conhecimento do processo de supervisão das alunas, de eventuais práticas inovadoras e do impacto nas aprendizagens das crianças? ➤ Considera que a estrutura e a organização da Prática Pedagógica adoptada pela Escola Superior de Formação potencia o desenvolvimento organizacional da escola? Como encara esta possibilidade? ➤ Considera importante estar formalmente previsto esse aspecto no protocolo estabelecido entre as duas instituições? ➤ As alunas da formação inicial que foram por nós abordadas, consideram que poderia ter sido importante terem participado em alguns espaços da escola de forma a conhecerem, por exemplo, o funcionamento dos conselhos de docentes e o conselho pedagógico. Como vê esta possibilidade? Na sua opinião, haveria vantagens para as alunas e para a escola?
--------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

ANEXO II

PROTOCOLOS DAS ENTREVISTAS

PRIMEIRA ENTREVISTA ÀS ESTAGIÁRIAS

- **Data de Realização:** 19 de Janeiro
- **Hora de Início:** 13:35H
- **Tempo de Duração:** 23 minutos
- **Local de Realização:** Sala de aula disponível (excepcionalmente sem alunos nesta tarde)
- **Metodologia:** Esta entrevista foi feita a um par de estagiárias que desenvolverão, em colaboração, a sua Prática Pedagógica na mesma turma de crianças, com a mesma professora cooperante da escola *E.C.*.

N - Nesta primeira conversa, e eu espero ter pelo menos mais uma convosco, e é uma conversa que eu gostaria de ter tido convosco antes da interrupção do Natal, portanto no fim do período de observação e antes do início da vossa intervenção... Mas isso também não me foi possível a mim, porque eu atrasei-me na entrega do meu projecto de tese e entretanto estávamos em férias e eu não tinha o vosso contacto e mesmo que o tivesse também não tinha esse direito, de vos interromper as férias. Sendo assim, esta conversa tem a ver com as expectativas que vocês colocam neste estágio e que balanço é que vocês fazem das vossas semanas de observação aqui na escola e em que medida é que isso foi importante. Basicamente é este o conteúdo da nossa conversa: que expectativas, o que, para que foram as semanas de observação, com quem é que vocês estão a pensar poder contar para vos apoiar.

E1 - Posso responder?

E2 - Sim.

E1 – Principalmente as primeiras semanas serviram para conhecer não só a turma, as características da turma, essencialmente isso, porque só assim é que conseguimos ter a noção do meio onde estamos a trabalhar, as estratégias que temos de utilizar e tudo mais...

E2 - O ambiente...

E1 - O ambiente... tudo isso veio reflectir-se agora nas nossas planificações porque isso só dessa forma é que conseguimos desenvolver os procedimentos para a planificação e também conhecer a metodologia utilizada pela professora. Portanto, cada método de trabalho, cada planificação, requer uma planificação, a sua planificação. E este método tem a sua planificação específica que é para o ensino global.

N - Está a referir-se ao ensino da linguagem escrita.

E1 - Sim, à leitura e à escrita.

N - Muito bem.

E1 - Expectativas, ... o aproveitamento deste estágio em relação ao futuro. É a última oportunidade que nós temos de observar alguém, portanto que nos poderá dar algumas bases para o futuro profissional e... é de salientar que foi a primeira vez que observei este método de trabalho. Portanto, até agora, tenho estado noutras realidades e neste momento vim para uma com um método de trabalho que eu nunca tinha...

E2 - E uma realidade também diferente... a escola também é diferente das... das que nós conhecíamos...

E1 - Bom, acho que respondi a tudo...

E2 - As expectativas é ... é o nosso último ano... é um estágio, é complicado, é complicado, é muito extenso, é três meses. No ano passado foi só uma semana. Se calhar devia ser ...

E1 - Mais progressivamente...

E2 - Sim, progressivamente... é que no ano passado foi só uma semana e este ano já são seis semanas. Seis semanas cada uma, ou seja, dá doze semanas. É passar de um mês, é um bocado complicado nesse aspecto. Mas eu, com a ajuda da professora, e dos outros professores acho que vai ser importante...

N - Estas semanas de observação na turma, as que já passaram e as que estão a acontecer, já que há uma sempre em observação, em que medida é que isso é importante? É importante observar quem a fazer o quê? O que é que é importante? Para o vosso futuro profissional, qual é a importância deste estágio?

E1 - Tem um papel essencial que é a última oportunidade de mostrar aquilo que valemos. Portanto, nós até agora é só uma semana e o que é uma semana? Uma semana não dá quase para nada. Portanto é a primeira e a grande oportunidade que nós temos de dar algo e a última enquanto alunas. Quer dizer é a primeira e última. A turma serve-nos... a caracterização da turma para que é que serve? Primeiro para termos a noção de quais são as crianças que têm dificuldades, quais são os alunos que estão em situação intermédia e quais são os bons quer dizer os alunos que já se destacam a nível positivo. Porquê? Porque para os alunos que têm dificuldades temos que desenvolver um tipo de actividades, para os intermédios outras e para os bons outras. Não os podemos obrigar a recuar ...

E2 - A estar no mesmo ritmo, a fazer as mesmas coisas

E1 - É desenvolver os que estão num patamar mais elevado, quer dizer, é não fazer tudo igual...

N - E essa ideia, esse sentir, resulta destas semanas de estágio em observação?

E1 - Eu acho que sim, porque eu até agora, até agora eu só tinha percebido a nível da diferenciação pedagógica eu apenas fazia referência às crianças com dificuldades. Nunca tinha pensado para as que têm as grandes... quer dizer que se destacam de uma forma positiva...

E2 - E só quando começámos a dar as aulas a semana passada e esta semana é que deu para perceber. Nós entregávamos coisas para os alunos e depois para os mais avançados depois aquilo ... já está..

E1 - Portanto já sabemos que ao longo destas semanas temos que criar actividades adequadas ao ritmo deles e ao nível de aprendizagem.

N - E qual é o papel da professora cooperante?

E1 - Uma está à frente e as outras duas estão atrás. (sorrisos e risos) Portanto, não está ninguém, não está ninguém...

E2 - Não está ninguém parado, ninguém a ...observamo-nos no fundo todas umas às outras, mas ninguém está parado. Há uma responsável pela aula, que fala e diz as coisas, e as outras duas estão a colaborar com ela, ou seja, estão a ajudá-la. Ou seja, eu acho que é importante, está a ser agora nesta primeira fase. Principalmente no momento de estudo autónomo. Somos três, dividimo-nos e vamos ajudar os meninos que têm mais dificuldade. E acho que eles assim estão a... estão a conseguir progredir na aprendizagem. Há meninos que não conseguiam quase ler e agora quando estamos ao pé deles já começam a ler ...

E1 - São coisas que depois no no nosso futuro profissional nós sabemos que...que é só uma dentro da sala. Isto é possível porque somos três e já que somos três temos que aproveitar essa, essa oportunidade. Quando eu for professora, isto vai ter que ser de uma forma mais lenta. Quer dizer, nós somos do 1º ano e somos três a acompanhar o tempo de estudo autónomo e...

E2 - Não é nada fácil. Não é nada fácil.

E1 - Numa semana eles já perceberam o que é que se pretende, numa semana. Enquanto que se for só um professor, este processo pode demorar um mês, um mês e mais alguma coisa.

E2 - Mas agora se pudermos ajudar, com a nossa ajuda, não é?

N - E qual é o papel dos professores da *I.E.S.*?

E2 - É ajudar-nos nas actividades, nas actividades de português, de matemática. Mostramos imensas coisas. Acha que está bem, que não está bem, o que é que podíamos fazer... perguntamos a opinião deles.

E1 - Perguntamos, é principalmente perguntarmos nas actividades em que sentimos mais dificuldades. Quer dizer, naquelas em que não sentimos dificuldades não, mas quer dizer perguntamos... Mas (risos)

E2 - Nós ainda não falámos (risos)

E1 - Nós ainda não falámos, porquê? Porque nós falamos muito com a professora cooperante e a professora cooperante...

E2 - Nós mostramos as coisas à professora cooperante e a professora cooperante diz que sim ou então muda...

E1 - Nós estamos naquela que quando nós realmente sentirmos dificuldades, recorreremos então aos professores.

E2 - Primeiro aqui com a professora cooperante e depois lá.

E1 - Quer dizer, se nós aqui não conseguirmos visualizar bem a actividade, vamos procurar mais apoio. Aquilo que acontece neste momento, falo por mim, uma vez que isto são actividades que se fazem para o dia a seguir e é muita coisa para se fazer, são as planificações, são as actividades, são os materiais, são os alunos,...

E2 - Como é o método global e fazemos o texto é apresentado à segunda-feira e terça-feira já temos que trazer actividades, não dá para sairmos daqui fazer actividades e ainda ir à *I.E.S.* falar com os professores... se os professores viessem cá ... e estivessem mais disponíveis era uma coisa. Agora,

nós temos que sair das aulas à uma, ter que ir para casa, ir ter que fazer as actividades para o dia a seguir. Ou ir, ir à *I.E.S.*, estar lá uma tarde toda e depois as actividades... é muito tempo.

E1 - É que depois ficamos lá uma tarde, é uma tarde e depois nem sempre os professores estão lá àquela hora.

E2 - Há pouco, quando falaram no vosso período de observação, corrijam-me se estiver errada, vocês referiram que foi muito importante para conhecerem a turma.

E2 - Conhecer a turma e conhecer a professora. Conhecer a maneira como ela falava com os alunos, as actividades...

E1 - Percepcionámos essencialmente qual, quais as acções que se desenvolviam nesta sala para darmos seguimento e não chegarmos aqui e não utilizarmos uma metodologia completamente diferente, não termos a noção de conhecermos os alunos, onde estamos ...

E2 - É conhecer a turma e é conhecer a professora também.

E1 - Exactamente. O contexto, sim o contexto.

N - De que forma é que foram recebidas nesta escola quando chegaram? Estou a falar em termos de escola.

E2 - Nós já não é a primeira vez que cá estamos.

N - Ah! Já não é a primeira vez?!

E2 - Não, não, mas o que eu noto é que a directora é uma pessoa espectacular. Sempre que nos encontra em qualquer parte aí da escola, fala-nos, pergunta-nos se estamos boas, se precisamos de alguma coisa. Enquanto que ... no ano passado, no colégio mal víamos a directora e quando víamos a directora passava por nós e a directora nem sabia quem é que nós éramos e aqui não.

N - Portanto, foram bem recebidas.

E1 e E2 - Ah, sim, sim.

N - Portanto são bem recebidas pela presidente do Conselho executivo. E o resto da equipa? Os outros professores da escola? Têm algum contacto com eles?

E2 - Só com as professoras cooperantes que estão com os nossos colegas. Com os outros professores não... não...

N - Têm um menor conhecimento...

E2 - Sim, sim.

N - E que conhecimento têm vocês do funcionamento desta escola?

(Um pouco de silêncio)

E2 - Do funcionamento desta escola (olha para a sua colega interrogativamente)?...

N - Têm alguma noção de como os professores aqui funcionam? Em termos de trabalho...

E1 - Isso não, não temos conhecimento do funcionamento...

N - Ou seja, vocês para o ano, vamos supor e esperemos que sim, vão ter uma turma numa escola e vão ter colegas com quem vão também precisar de funcionar. Têm alguma ideia do que há numa escola, como por exemplo esta, para fazermos com os nossos pares?

E2 - Talvez um pouco ao nível do primeiro ano... têm reuniões...

E1 - Basicamente o que se passa o que se nesta sala parece que é mais ou menos o que se passa nas outras salas do 1º ano...

E2 - É. Os professores reúnem. Os do primeiro ano reúnem, falam do método que estão a dar... Quer dizer trabalham em conjunto...

E1 - Agora, não temos uma grande ideia porque quer dizer estamos a estagiar e não há tanta troca de informação...

N - Agora, uma pergunta sem rodeios, muito directa (sorrisos): o que é que vocês já aprenderam nesta primeira parte deste estágio?

(As duas estagiárias olham uma para a outra)

E1 e E2 - Já aprendemos a trabalhar o método global (risos)...

E2 - O método global é o essencial: já aprendemos a trabalhar o método global.

N - E vale a pena? O que é que vos parece?

E2 - Eu acho que dá para fazer muitas actividades lúdicas com os alunos...

E1 - Mais criativas...

E2 - Mais criativas... O método tradicional é mais, é tudo ao mesmo tempo, é todos em conjunto, é muito “a tia dá o dado...” é tudo e eles aqui não. Trazem as vivências deles aqui para dentro da sala e formam os textos, as palavras, ah trabalham ... parece que são eles que ... a dar a volta ... são eles que fazem as palavras, eles é que fazem as frases, eles é que fazem os textos... acho que é mais motivador para eles. Por isso é que eles ficam todos contentes, “ah, é o meu texto; sou eu a ler o meu texto; é o meu texto”...

E1 - Não são meros pregadores, não é?

E2 - É.

E1 - Eu também acho.

N - Em relação ao vosso curso, vocês têm várias disciplinas e também têm esta: Intervenção Educativa. É assim que se designa não é verdade?

E1 e E2 - Sim, sim.

N - Qual é o papel desta Intervenção Educativa no vosso curso? Vocês há pouco até diziam que é muito tempo...

E1 e E2 - Não, não...

E2 - Nós não dissemos que era muito tempo...

E1 - Não era muito tempo. Foi muito tempo durante quatro anos..

E2 - Do terceiro para o quarto ano acho que deviam ter, por exemplo no ano passado devíamos ter dado se calhar um mês de aulas e não uma semana e não uma semana só para agora não ser assim, devia ter sido mais tempo...

E1 - Esta é a disciplina que ... fundamental do nosso curso, quer dizer...

N - Considera-la assim?...

E1 - Considero.

N - Porquê?

E1 - Considero porque é aqui que nós aprendemos. Porque é aqui que estamos em interacção com os alunos...

E2 - Esta é que vai ser a nossa futura profissão.

E1 - Acho que estes quatro anos tinham-se resumido se calhar a três, ou a dois...

E2 - Ou a dois (sorrisos)...

N - Se...

E1 - Se tivesse havido mais tempo de intervenção....

E2 - Foi importante... Nos primeiros anos foi importante, mas eram aquelas visitas em que... umas horas, duas horas...

E1 - Eram só visitas e nós... quer dizer...

N - Não era uma observação continuada...

E1 - Eu penso assim, se realmente eu me tivesse enganado..., por acaso, pensando-se, se eu achasse que não era este o meu curso... Primeiro para achar que este era o meu curso eu tinha que ter, ver-me perante uma turma. E eu só me apercebi disso quando estive perante uma turma então uma pessoa se estiver à espera desse momento só chega a esse momento para aí no 3º ano...

E2 - No 2º ano deste um dia de aulas, um dia de aulas...

E1 - Mas não é um dia que faz diferença. Por exemplo, eu ao fim destes quatro anos ... estar perante uma turma que não se vê se...

E2 - Mas se calhar também não estávamos preparadas...

E1 - Mas só no 4º ano é que te apercebes disso...

E2 - Não sei...

E1 - Quer dizer, tiveste preparação teórica.

E2 - Sim...

E1 - E muitas disciplinas, muitas disciplinas na minha opinião, se calhar...

E2 - Eram desnecessárias.

E1 - Não fizeram nenhum sentido. E se calhar esse tempo poderia ser utilizado de outra forma. É esta a minha maneira de ver as coisas.

N - Como é que então a teoria entra aqui neste momento, nesta Intervenção Educativa? Neste momento de estágio? Que importância tem essa parte teórica?

E2 - Tem, tem.

E1 - Tem, tem. Aprendemos as bases. Aprendemos basicamente. Aprendemos a parte teórica do que se entendia por Tempo de Trabalho Autónomo, por este método, por método global e também por outro tipo de métodos para também termos outra noção do que é que se faz em outro tipo de trabalho...

E2 - Da diferenciação pedagógica.

E1 - Da diferenciação pedagógica, quer dizer as bases para aquilo que estamos aqui a viver.

N - Está bem. Muito obrigada por esta conversa, pela vossa disponibilidade. ... Conversámos sobre os assuntos que eu no início vos disse que tinha contemplado. Se quiserem acrescentar alguma coisa...

E1 e E2 - (Olham-se e acenam a cabeça em sinal negativo)

N - Então, só mesmo para acabar, uma última pergunta: com quem é que vocês acham, neste momento, com quem é que vocês acham que estão a aprender?

E1 (de imediato) - Com todos.

E2 - Estamos a aprender com a professora cooperante, sem dúvida. Eu estou a aprender com ela e se calhar ela está a aprender comigo. Eu estou a aprender com os alunos. Os alunos estão a aprender connosco. Nós também aprendemos com eles... não são só eles connosco. Acho que estamos todos a aprender. Se calhar até a professora cooperante está a aprender (risos).

E1 - Se calhar...

E2 - Se calhar até está, se calhar... (risos de novo)

N - Eu há pouco registei que ... uma de vocês disse “é a última oportunidade que, é a última oportunidade que não sei quê”. Será?! Acham que sim?

E1 e E2 - (risos)

E1 - No papel de estágio, de estagiárias espero bem que...

E1 e E2 - (risos de novo)

N - Vamos ser positivas... Se no próximo ano vocês tiverem colocação numa escola...

E1 - (de imediato) Vamos ter que observar...

E2 - Mas não vamos lá ficar sentadas a observar, vamos ter que intervir e observar...

E1 - Mas vou ter que fazer uma observação num meio que não é o meu. Quer dizer, quando nós tivermos a nossa turma temos que observar também o nosso meio... no fundo este não é o nosso meio. Nós não somos as grandes responsáveis pela turma. A responsabilidade está dividida. Mas se houver algum problema quem é que ... quem assume é a professora cooperante.

N - Está muito bem. Só uma pergunta final como não podia deixar de ser: estão a gostar?

E1 e E2 - Estamos.

E1 - Estamos. Estamos cansadas ... (risos)

N - Está bem. Muito obrigada mais uma vez. E então mais para o final do vosso estágio nós voltamos a falar outra vez, se vocês não se importarem e tiverem paciência para falar um bocadinho comigo.

E1 e E2 - (risos)

E1 - Nós até nem gostamos nada de falar... (risos)

N - Então depois retomaremos esta conversa e estes e novos assuntos. Muito obrigada.

SEGUNDA ENTREVISTA ÀS ESTAGIÁRIAS

- **Data de Realização:** - 5 de Maio
- **Hora de Início:** 16:00H
- **Tempo de Duração:** - 58 minutos
- **Local de Realização:** Átrio recolhido da Instituição Superior de Formação
- **Metodologia:** Esta entrevista a duas estagiárias realizou-se com base no guião previamente elaborado, ainda que a condução da mesma tenha assumido as características de uma “conversa”. As questões foram colocadas à medida que as situações eram expostas ou abordadas pelas entrevistadas. Terminado o período de estágio e em fase de escrita e organização do portefólio e relatório referentes ao processo vivido, as estagiárias mostraram-se muito bem dispostas, alegres e disponíveis para terem connosco esta conversa.
Depois de recordarmos a finalidade e os objectivos do nosso trabalho, voltámos a solicitar permissão para registarmos a nossa conversa em suporte magnético (áudio), o que foi bem aceite. Comprometemo-nos, obviamente, ao anonimato do testemunho e à disponibilização da transcrição da entrevista de forma a poderem fazer os cortes e/ou ajustes que viessem a considerar necessários. A versão da transcrição aqui apresentada já foi alvo destes «ajustes».

N – Mais uma vez obrigada pela vossa colaboração... Estivemos a conversar um bocadinho antes para nos situarmos, novamente, no trabalho que estou a pretender fazer... e gostaria, para começar, de retomar a primeira conversa que nós tivemos. Na altura, vocês diziam que se prendiam, no estágio, com o seu aproveitamento em relação ao futuro. O que eu vos quero perguntar é: concretizaram-se ou não, estas expectativas? Que contributo estas semanas de estágio, nesta escola, poderá ter, no vosso futuro, como professoras?

E2 - Queres começar tu? Podes começar...

E1 - Posso começar?... Eu acho que sim, que correspondeu bastante às nossas expectativas. Essencialmente, não só a nível profissional como a nível pessoal. Deu-nos, também, muita carga (como é que eu hei-de dizer...) de maturidade... a mim, essencialmente, força e segurança para continuar agora... Para iniciar esta nova fase!

N - Portanto, este estágio foi importante. Tu consideras, em particular, que te deu maturidade; maturidade para?...

E1 - Para me relacionar com as crianças (é necessário maturidade), é necessária, também, muita preparação em relação a muitas respostas que têm que se dar em certas situações... Porquê?... porque é necessário uma experiência de vida diferente daquela a que estávamos habituadas até então... E, também, maturidade a nível profissional relacionada com conteúdos já que nós nunca tínhamos estado num 1º ano; deparámo-nos com situações diferentes daquelas que tínhamos vivido até então.

N - Em termos de aprendizagens específicas, quais as que considera ter feito?

E2 - Eu aprendi muito em termos de trabalho; do que é estar a trabalhar numa escola. Que tipo de trabalho é que temos de desenvolver com os alunos... Uma coisa é nós estarmos aqui na escola e aprender a teoria, outra coisa é estar “lá” e adequar os trabalhos aos diferentes ritmos que existem na sala de aula. Acho que isso nos deu uma “grande bagagem” este ano porque estivemos 3 meses a trabalhar para aqueles meninos, com ritmos diferentes, coisa que só tínhamos ouvido em teoria!... E é muito diferente nós estarmos lá e, em casa, fazermos as actividades para cada menino e pensar em todos! Isso enriqueceu-nos bastante a nós! Conseguimos, mesmo, ver como é a realidade! Porque a diferenciação pedagógica é muito bonito estar a ler em livros mas, numa sala de aula, é diferente, não é?!... E acho que isso enriqueceu-nos bastante. Tínhamos “lá” diferentes ritmos, tínhamos meninos com necessidades educativas especiais (nunca tínhamos tido no nosso estágio). Foi bom, no nosso último ano de estágio, ter dois meninos com NEE’s; ver que tipo de trabalho é possível fazer com eles..., ver como é que os outros trabalham com eles, porque não somos só nós (é também, a psicóloga, a professora de apoio...); o trabalho que há entre nós todos.

E1 - Há ainda outra coisa que eu queria frisar: isto da diferenciação pedagógica, até então, eu, quando ouvia falar de diferenciação pedagógica, tinha só a ideia dos meninos que se situavam num “nível mais atrasado de desenvolvimento”... não tinha a percepção dos alunos que estavam “além de”... Também deu para definir bem, perceber bem, este conceito de diferenciação pedagógica.

N - Portanto, no estágio, no fundo, houve alguma apreensão de conhecimento. Vocês, concretizaram muito aquilo que teoricamente tinham já alguma ideia....; depois, em termos de prática, tiveram a possibilidade de o “pôr a render”...

E2 - Contactar com a realidade, mesmo....

N - Eu estive convosco na primeira reunião que estiveram com a professora cooperante; em que ela vos ia transmitindo o tipo de trabalho que fazia com os alunos, a dinâmica da turma, a continuidade que gostava que fosse dada... Na altura, era dito que iria haver planificações semana a semana, reflexões semana a semana, avaliação semana a semana... Como é que isso se procedeu? Como é que foi? Que importância é que teve?

(risos de ambas as entrevistadas)

E2 - Foi difícil!... A professora C. sempre nos apoiou em termos da planificação. Mas é assim... uma das coisas que aprendemos nos seminários é que: os professores tutores e a professora cooperante...acho que, devia haver uma reunião com os professores, com a professora cooperante e connosco para que a professora cooperante, que é a pessoa que conhece melhor a turma, poder falar com os professores tutores...porque nós andámos aqui, ao princípio, um pouco: a professora cooperante dizia-nos uma coisa para a planificação (no seguimento que ela queria dar) e depois os professores tutores, que não conheciam a turma, já iam por “outros caminhos “...e, nós, andámos aqui... um pouco confusas....; até que “acertámos os pontos” e falámos com a professora cooperante – que é quem melhor conhece os alunos, que sabe o ritmo dos alunos – e “desligámo-nos” um pouco dos professores tutores,, mas sempre a ouvir a opinião deles, e começámos a trabalhar mesmo com a professora cooperante e, foi a partir daí, que demos um grande “salto”..., que as coisas começaram a correr muito bem, mesmo!...

N - Esse momento a que se está a referir, como é que isso aconteceu...quando fala, a partir daí, parece-me que o que houve foi uma mudança estratégica...

E2 - Foi um reunião que nós tivemos, em que... – foi uma reunião com a professora T – nós dissemos-lhe que estávamos a fazer coisas... que já não nos faziam sentido. E, quando não faz sentido para nós, muito menos para os alunos; não adianta estar a fazer uma coisa que não nos faz sentido a nós! Então, nós, a professora cooperante e a professora T, tivemos todas uma reunião e decidimos começar a pôr sentido nas coisas... Porque...,tipo, a matemática eram actividades soltas, que não estavam ligadas...e não queríamos isso! Achámos que os meninos não estavam a aprender, nem nós! E então, a partir desse momento, as coisas começaram a fazer sentido para todos...e depois correu tudo muito bem... Acho que devia haver um “acerto”... Essas reflexões e... é trabalho feito desde o início mas com um só...especial para nós... a partir desse momento é que, houve essa reunião, esse “acerto” de linguagens e de quem é que fala o quê..., quem é que diz o quê...

E1 - Acho que os professores tutores podem-nos ajudar mas..., quando não têm a percepção do contexto em que nós estamos a actuar,... também nos podem dar “um sinal” para algumas actividades, mas essas actividades podem não fazer sentido naquele mesmo contexto...Podem fazer sentido noutra contexto, mas naquele podem não funcionar... E nós tivemos que desenvolver actividades que fizessem sentido naquele contexto. Só para tirar dúvidas é que nós recorremos mais aos tutores das disciplinas...

N - Então,... Qual é a importância que a professora cooperante desempenhou, aqui, no vosso estágio e, que papel tiveram os professores da Escola Superior de Educação?

E2 - Eu acho que o papel mais importante foi, sem dúvida, o da professora cooperante. Acho que foi..., para além de estar a trabalhar connosco,... era... apoiava-nos em tudo... havia uma relação connosco e com a professora cooperante que não existe com os outros professores tutores, porque os outros professores são de todos, não é? E, muitas vezes, nós queremos o apoio deles e eles não estavam cá ou estavam com outro grupo... e, depois, à hora que nos podiam atender, nós já não podíamos... é um pouco confuso..., então, a única pessoa que estava sempre connosco era a professora cooperante e..., foi a partir daí, acho que, tanto eu como a Inês dissemos Não, é assim...chega! Não vamos andar aos papéis, vamos...vamos centrar-nos na professora cooperante...e vamos fazer o que a professora cooperante acha que é melhor porque é ela que está com os alunos desde o primeiro dia de aulas, e é ela quem, melhor do que ninguém, conhece os alunos. Fomos pedir ajuda a alguns professores, só em termos das actividades – já formuladas - mas já vistas com a professora com a professora cooperante... para ver se era mesmo assim...

E1 - E eles apenas ajudavam-nos em algumas dúvidas...

E2 - A dar alguma ideia... mas acho que o papel fundamental foi da professora cooperante.

E1 - Recorremos muito pouco aos tutores,... muito pouco...

N - Este ano?...

E1 - Este ano..., muito pouco. E..., no ano passado, ainda houve um seminário em que, colegas nossos se queixaram que no ano anterior havia mais apoio e, depois contradisseram-se um bocadinho... nós, por acaso, ficámos um pouco caladas nesse seminário...que foi: eles disseram que os professores tutores não ajudavam, não ajudavam!, e que vinham cá e não ajudavam... mas, depois,

todos chegaram a um consenso que, quando começaram a fazer o que a professora cooperante lhe dizia, que as coisas correram melhor!...(riso)...Foi engraçado!.. Eles..., quer dizer, dizerem uma coisa...e, depois,...(como é que eu hei-de dizer)...não... disseram uma coisa e, depois, voltaram atrás com aquilo que disseram...

N - Pelo que eu percebi, existem..., quanto a vocês, algumas diferenças entre o apoio que a professora cooperante vos dava e o apoio que aqui, na *I.E.S.*, vocês podiam ter... Portanto, aí era diferente... Por um lado, era o conhecimento dos alunos que a professora cooperante tinha...e, não só, também pelo ritmo de trabalho que estava ser desenvolvido. É isso?

E1 e E2 - Sim.

N - Então, em que situações específicas é que vocês procuravam a equipa de tutoria?

E1 - Foi mais no início...

E2 - Foi sobretudo no início, que procurámos, os professores, foi...mais quando... no início..para ver as actividades.... algumas actividades...

E1 - ...Nós devemos ter sido um dos grupos que recorreu menos à equipa de tutoria...

N - E como é que vocês...que importância é que vocês dão aos momentos de observação das vossas aulas? Portanto, ao momento da observação da vossa intervenção? Quer dizer, pela professora cooperante, pela professora coordenadora-tutora e pelos outros, das diversas áreas? Como é que vocês sentem..., que importância é que vocês identificam, que semelhanças é que há entre, por exemplo, serem observadas pela professora cooperante e serem observadas pelos outros professores? Que importância é que isso teve?

E1 - Portanto,... à partida, quando estamos a ser avaliadas pela professora cooperante...

E2 - É todos os dias, não é?... (risos)

E1 - ... ela já está, à partida, a par daquilo que vai acontecer; ao contrário dos outros professores que têm uma agenda, mas não sabem bem...

N - O que se está a passar naquele momento...

E1 - Exactamente. Portanto, é uma novidade para uns e para outros já não...já é algo conhecido. Ah... em relação a sentimentos: a avaliação da professora cooperante passou a ser rotina, portanto, acabei por me “desligar” um pouco da avaliação porque..., quer dizer...

E2 - Fazia parte...

E1 - Exactamente! Quando vinha alguém da equipa de tutoria era o tal “elemento estranho”... e que nós, também, nos ressentíamos um pouco...ao início..., depois já não. Depois, já passou a fazer parte da rotina. Mas claro que marcava, marcava! Enquanto que a professora cooperante não marcava porque já fazia parte do contexto.

N - Vocês sentiam-se, durante este período, observadas?

E2 e E1 - Claro...claro!

E1 - É assim..., também há uma coisa que é: com a professora cooperante, era diferente a avaliação e a observação que ela fazia porque havia actividades, como em outros grupos, que correm melhor e outras correm pior, não é?... Nada pode correr a 100%... E o nosso medo foi... houve uma actividade em que um professor foi lá e que não nos correu bem; e nós: ,...nós não devíamos ser avaliadas só porque esta actividade correu mal!... Foi um dia em que ele veio... acho que até foi um “Ler, contar

e mostrar”...ele, nas semanas anteriores, disse: Foi o melhor “Ler, contar e mostrar” das alunas da ESE, que eu vi! E nós ficámos todas contentes! Foi lá, passadas duas semanas, e, para mim, foi um dos piores “Ler, contar e mostrar” que aconteceu! E foi o único, neste estágio, o “Ler, contar e mostrar” que correu mal! E uma pessoa sente-se assim: e se o professor fica com impressão que... o “Ler, contar e mostrar” era muito bom, e agora já está... é que, depois, o professor não foi mais... não nos foi ver mais... E se ele leva esta impressão com ele? Não é bom para nós, não é? Ficamos, sempre, um pouco reticentes a isso... Ele observou-nos três vezes; duas vezes correram bem, a última correu mal... ele pode levar aquilo como “estar a cair”..., não é? É um pouco...

N – Falemos no ciclo das vossas reflexões com a professora cooperante, portanto...que tinham, com certeza, como base, penso eu, o vosso trabalho, o trabalho que iam fazendo e, por outro lado, a resposta à reacção dos meninos..., a vossa atitude, a vossa postura....; como é que vocês sentem ou como é que vocês sentiram essa reflexão? Esse feedback que a professora ia dando?

E1 - Eu acho que todos os feedbacks que a professora ia dando, nós íamos aceitando. Eu acho que..., por acaso, nós somos pessoas humildes, e que aceitamos tudo o que nos dizem... Nós achamos que é para nosso bem, não é? – e deve ser...

N - E foi?

E1 - Foi! E foi...Foi! Porque é assim..., mais do que ninguém, a P.C. quer que aquela turma evolua, não é?... Mais do que ninguém! E então, todos os feedbacks que ela nos dá, de certeza que é para a turma evoluir, assim como nós! Porque se nós evoluirmos a turma evolui... Acho que foi bastante bom... porque, todos os feedbacks que ela dava eram importantes! Para todas as actividades, nós falávamos sobre o que é que correu bem, o que não correu, o que podíamos melhorar... Todos os dias.... Deixava-nos falar primeiro e só depois é que dizia: na minha opinião, eu também acho que vocês deviam ter feito isto e isto...; mas deixava-nos falar primeiro, e só depois é que dava a opinião dela. E nós, claro, aproveitávamos a opinião dela e nas outras actividades lá tentávamos melhorar, de acordo com aquilo que ela tinha falado...

N - Foram fazendo... foram construindo alguns saberes, algumas aprendizagens face ao que a...

E1 - Sim, muito, muito.

N - Vocês tiveram momentos em que a professora cooperante estava a trabalhar convosco. Houve outros momentos em que estavam a professora cooperante e a tutora?

E2 - A trabalhar connosco?

N – Sim...

E2 - Como assim? A trabalhar na turma?

N - Não, não. Em termos de trabalho de planificação e em termos de trabalho de avaliação. Que tivessem estado, não só vocês as duas com a professora cooperante, mas, também, com professores aqui da escola.

E1 - Sim, com a professora T.

E2 - Numa reunião

E1 - Naquela reunião... Uma reunião que nós tivemos, tipo intermédio do... Aquela avaliação em Fevereiro, a seguir às férias do Carnaval, naquela semana em que tivemos só dois dias de aulas. Nós tivemos uma reunião, foi uma reunião de avaliação com a professora cooperante, onde a professora

C esteve. A professora disse que adorou a reunião, e que até ficou com vontade de ir trabalhar para a escola conosco... Foi, foi o único momento que estivemos assim...

N – Em conjunto?

E1 – Sim... Ah... e tivemos com o professor responsável pelo nosso grupo, que era o professor A, da área das ciências sociais. E que também, cada vez que... ele observou-nos três vezes, e das três vezes ficámos lá e falámos: eu, a E2, o professor e a professora. Falámos os quatro sobre como correu, a professora dava a opinião... Tanto que, daquela vez – do “Ler, Contar e Mostrar”, a professora disse: que não... que não sabe o que se passou... mas são dias...

N - Pois, exactamente...

E1 - que não tem corrido assim... e dava a sua opinião.

N - Muito bem. Vocês tiveram depois outros momentos, eu assisti a dois, que eram os momentos de seminário, com todos os professores cooperantes da escola, com os vossos...

E1 - Mais ou menos...

N - ... não?

E1 - Nunca esteve a equipa tutora, toda, num seminário.

N - Ah...

E1 - Ia só um... o único que estava sempre presente era o professor de Expressão Plástica. Depois variou, houve uma vez que foi a professora de Língua Portuguesa...

E2 - ... e a professora de Matemática.

E1 - A professora de Matemática, também, foi a um e falámos dos problemas e dos materiais... Mas, de resto estava sempre só...

N - Portanto, em termos de equipa, de professores da *I.E.S.*, não estavam sempre todos presentes? Havia sempre uma pessoa presente, que era a professora...

E1 – T..., a professora T. e o professor de Expressão Plástica também estiveram sempre presentes..

N - Exacto... Depois estavam os professores cooperantes... os vossos colegas...

E1 - os nossos colegas...sim...

N - Que importância vocês dão a esses momentos? Acham que foram importantes ou não?

E1 - Eu acho que foram importantes. Principalmente para a partilha de materiais, porque nós, infelizmente, “calhámos” com um grupo de colegas que tem alguma dificuldade em partilhar os materiais, o que não é bom.

N - E no entanto vocês estavam todos com o 1º ano de escolaridade...

E1 - Estávamos todos com o 1º ano de escolaridade... E acho que aqui na *I.E.S.* se fala tanto na cooperação e no trabalho a pares, e no trabalho em grupo... isso foi a coisa que eles não fizeram... E depois foi engraçado, quando nós começámos a apresentar os nossos materiais, nas semanas a seguir, já nos vinham dizer: ah os vossos materiais... aquilo que fizeram? Olha o que é que vão fazer em música? Por exemplo, eles nunca tinham “dado” a expressão musical, e nós demos, e vieram logo ter conosco... E esses seminários foram importantes para eles perceberem que nós também somos um grupo, que nós também trabalhamos, e que nós também temos materiais... principalmente... para mim os seminários, foi isso.

N - Portanto, os seminários ali na escola...

E2 - Foi a única forma de perceber o que os outros estavam a fazer.

N - Ah... Era o momento de partilha?

E2 - ... de partilha!

N - E esse momento de partilha, em termos de aprendizagem, é importante... de que forma?

E1 - É importante. Portanto, é importante... Porque é bom ver que, há... a mesma actividade e não é igual em todos os grupos... não corre bem, ou corre... é diferente e pode-se fazer diferente! Por exemplo, o Tempo de Estudo Autónomo: apesar de termos, quase todos, a mesma grelha, a mesma metodologia, são diferentes. É diferente, o trabalho em si é diferente.

N - Quais foram os momentos... dos seminários acontecidos na escola, que para vocês tiveram maior importância, em termos de “agarrar”, agarrar aquela actividade, ou aquela proposta, ou aquela forma de fazer, ou aquele material e dizer: Nós podíamos pegar nisto para... Houve alguma situação assim?

E2 - A nível da Matemática... Ouvimos os outros, vimos o que fizeram... começámos a ter mais cuidado, a introduzir materiais que fizessem parte das vivências dos alunos.

E1 - A matemática essencialmente...

N - Hum, hum...

E1 - Tipo o Trabalho de Texto, acho que foi um seminário, também, que foi bom. Mas nós, nós... Acho que foi uma das coisa que correu muito bem. Também a professora cooperante era muito experiente, não é? (risos)

E2 - E ajudou-nos imenso.

N - E acham que é importante, um professor com muita experiência?

E1 - Acho que é muito importante... muito, muito importante... Acho mesmo! Não é por ser o nosso grupo, mas a nível de Trabalho de Texto, acho que nós, dos quatro grupos, foi, foi... fomos o que fizemos um melhor Trabalho de Texto com os alunos. Tipo, ainda agora, um seminário que houve sobre Trabalho de Texto, eles a dizerem... eles é que davam temas para os alunos escreverem, temas para os alunos criarem um texto..., e nós não. As coisas saíam naturais dos alunos, tipo, começámos a dar dois textos de forma natural... que foi a “Hora da Escrita”, um aluno só escreveu duas frases, e nós: vamos ajudar o I a fazer um texto? E a partir dali saiu... era as partes da casa que deu para a área de Estudo do Meio, tudo de forma natural, não fomos nós que dissemos: Escreve sobre as partes da casa! Por acaso é um dos objectivos, está no programa, mas nós nem pensámos naquela semana que... mas surgiu, de forma natural. E eles não... era tudo mais direccionado, mais orientado, vamos falar sobre a Primavera, vamos falar... O teste da Primavera também surgiu: vamos todos falar sobre a Primavera... É diferente... E acho que a professora cooperante nisso... a experiência que ela tem... foi fabulosa mesmo.

N - Então e em relação aos meninos? Que balanço é que vocês fazem em relação à vossa intervenção, ao vosso trabalho. Que impacto é que o vosso trabalho teve nas aprendizagens dos meninos?

E2 - Verificou-se evolução, o que era de esperar! (risos)

E1 - Já agora... estamos a fazer as grelhas de avaliação, que nós fizemos mensalmente, e... é engraçado a gente passar daquele amarelo (mais ou menos) para o verde, em que eles já liam, já...

mesmo aqueles alunos que tinham aquela forma de ler, assim, mais hesitante. Agora, assim: aposto que em fim de Janeiro, em meados de Janeiro... Março, começam a ler. Nós quando estamos a ver... Eu quando estou a ver, às vezes penso assim: em Janeiro aqueles escreviam duas frases...

E2 - Contávamos os que sabiam ler... os que estavam a começar a ler, e agora, no final começámos a contar os que não sabiam ler.

E1 - Pois...

E2 - Foi isto, assim...

N - Vocês tiveram conhecimento, no principio... logo no início de estágio, tiveram conhecimento do Projecto Curricular de Turma que a professora cooperante tinha concebido, e desenhado. De que forma é que vocês se entrosaram nesse Projecto Curricular de Turma? Consideram que a vossa intervenção foi uma mais valia para a concretização daquele Projecto Curricular de Turma?

E2 - Estava interligado, porque, os objectivos que se pressupunha que os meninos aprendessem naquela fase, estavam lá presentes, portanto...

E1 - Tinham aqueles três objectivos: da responsabilidade, autonomia ...

E2 - Exacto... Que faziam, por acaso... estavam a par com os nossos objectivos, que tínhamos definido no nosso Projecto, e andámos sempre “par e passo”.

N - Sim...

E2 - Não nos centrámos muito no Projecto...

E1 - ... no Projecto Curricular de Turma, mas fizemos tudo...

E2 - Mas fizemos em volta do projecto... quer dizer...

E1 - A professora disse-nos que havia três pontos fundamentais no projecto que era: a cooperação, a autonomia, e a responsabilidade. E nós focámo-nos naqueles três pontos, e, todas as actividades, todos os momentos que nós passámos com aqueles alunos... tínhamos sempre em conta aqueles três pontos. Tanto que fazíamos sempre as actividades...

N - E isso agora faz sentido para vocês?

E2 - Faz sentido...

N - Fazia sentido no início porque...

E2 - ... e passou a fazer parte, porquê? Porque nós agora observamos nos seminários, e reparamos que as nossas actividades... poucos foram os grupos que fizeram em grupo... porque... até acharam estranho, nós apresentarmos uma actividade de Matemática... e eles acharam estranho como é que um 1º ano (eles tinham um 2º ano), e como é que um 1º ano tinha conseguido resolver aqueles problemas?

E1 - E eu respondi que... que nós quando fizemos os grupos (que eles estavam em “U”).

E2 - Primeiro, estavam em grupo, que era aquilo que elas não tinham... e para além de estarem em grupo...

E1 - Em grupo, nós tivemos a preocupação, de um por grupo, de pôr um menino que já tenha um nível de aprendizagem mais elevado. Por exemplo, elas estavam a dizer: ah, mas os meus não conseguem resolver os problemas... E eu: pois muitos “lá” também não conseguem ler o problema em si, mas têm um que vai ajudar, ou seja, há “ali” cooperação... Mas depois também disse que tivemos em conta, tentar fazer problemas com palavras que eles já conhecessem, ou seja, se eles

tiverem o: “tem dois rebuçados”, os “re”... tipo, as listas de palavras, que eles conseguiam ler já os bocadinhos... Tivemos em conta isso.

N - Muito bem... Como é que as crianças reagiam ao vosso trabalho com elas?

E1 - Eu acho que logo de início eles começaram... quando foi aquele dos jogos... começámos mais com uma forma de jogos... tipo na Matemática: um grande dado com os problemas, tipo, logo para haver cooperação. E, foi engraçado, porque eles nunca tinham trabalhado em grupo...

E2 - Foi o primeiro momento.

E1 - ... e o primeiro momento que foi com esse jogo, eles uniram-se todos (e até punham assim a mão para pensar)...

E2 - Em equipa, era equipa.

E1 - Era equipa mesmo... e eu assim: Olha afinal, isto é capaz de ir pelo bom caminho, isto de trabalhar em grupo se calhar nem... nem é mau... E foi bastante produtivo esses jogos assim, não é? Tinham... era a Matemática, Estudo do Meio, mesmo a Português...

N - Como é que era... vocês, em sala de aula? Estou a pensar em relação aos meninos... deixou de ser, a professora cooperante, a partir de Janeiro a orientar o trabalho, ainda que estivesse presente, e passaram a ser vocês... Como é que foi a reacção das crianças?

E2 - Eu acho que nunca houve esse medo...

N - ... Não?

E2 - Éramos três!

E1 - Eles viam-nos, sempre, como três pessoas dentro da sala de aula que os podiam ajudar, tanto que... pronto, a parte inicial da aula, ou era eu ou a I, porque era o “Ler, Contar e Mostrar”... mas depois em termos das actividades, nós apostávamos muito no Tempo de Estudo Autónomo, nas actividades em grupo... ou seja, éramos três adultos, cada adulto ia a um grupo, e ajudava... E eu acho que eles nem percebiam quem era quem... se era a semana da I, se era a semana da S, se era a semana da professora C, se quê... não tinham muito...

N - Tinham em vocês uma referência de alguém que os podia, realmente...

E2 - Ajudar!

E1 - sim, sim, porque isso notava-se... porque recorriam sempre ao nosso apoio... Ajudas-me a fazer? Olha, Sónia ou Inês eu não consigo fazer isto aqui? E depois era variável, podia estar eu a intervir... chamavam a I, chamavam a professora F...

E2 - Apesar de só haver uma responsável por “aquela” semana, eram três que ajudavam!

E1 - ... tanto que os textos que eles escreviam eram: Eu tenho três professoras... Nós somos dezanove meninos, com três professoras... Não diziam: com uma professora, ou com... eram três professoras... Era uma vez dezanove meninos com três professoras...

N - Que relação é que vocês estabeleceram, durante este estágio, com a escola em si? Com a escola, conselho executivo, os outros órgãos de gestão, os outros professores da escola?

E1 - Eu acho que a directora da escola é uma pessoa espectacular... Nós estivemos em outras escolas, em que a directora da escola se calhar passava por nós mas, se calhar são duas professoras novas... A directora desta escola não! Falava sempre com um grande sorriso na boca, sempre: Olá bom dia, como estão? Precisam de alguma coisa?

E2 - Prestável...

E1 - Se precisarem de alguma coisa venham ter comigo. Uma vez, na aula de Expressão Plástica, aconteceu um pequeno problemzinho, a auxiliar esqueceu-se de pôr as tintas... a directora, por acaso, passou naquela altura e ficou logo... e, foi logo ao outro bloco buscar as tintas para nós, para nos ajudar, porque viu... E estava sempre a ser prestável... Sempre: Se precisarem de alguma coisa, eu estou aqui, venham ter comigo. Em termos da biblioteca, também a professora P., penso eu também, espectacular! Quando íamos à biblioteca, sempre a pôr-nos à vontade com os alunos...

E2 - E os próprios auxiliares, o que é importante, porque... É bom mantermos uma boa relação com as auxiliares, porque sempre que precisamos de algum material convém também ter um apoio...

E1 - Eu gostei muito daquela escola, pelo ambiente todo... por todo o ambiente.

N - Na primeira conversa que tivemos, referiram que tinham conhecimento de reuniões entre professores com turmas do 1º ano... Portanto, havia reuniões, entre os professores que naquela escola tinham 1º ano... Ao longo do tempo que vocês estagiaram, ao longo das semanas de intervenção, tiveram alguma participação nessas reuniões?

E2 - Nem... nunca mais, soube de nenhuma reunião...

E1 - Não tivemos mais...

E2 - ... Não, não, não... havia reuniões, é, havia reuniões, mas nós não participávamos.

E1 - Nós não participávamos nas reuniões.

N - Parece-vos que a escola tem algum conhecimento do trabalho que vocês desenvolveram naquela turma?

E1 - Eu penso que sim... Tem! Lembras-te da Directora, ...que entrou na sala de aula, um dia e disse que vinha à sala de aula dar os parabéns à turma, porque passou na biblioteca e a professora P. disse-lhe que estes alunos estavam a ler muito bem... Que mostraram muito entusiasmo em ir buscar livros: ah eu já li este, eu agora quero ler este... e liam os títulos..., e foi-lhes dar os parabéns porque a professora P. disse que: estes alunos já sabem ler muito bem!... E nós ficámos todas contentes, não é?!

N - Para o ano, esperemos que assim seja (também não sei se esta a vossa vontade), mas vamos supor que vão para uma escola... têm conhecimento do trabalho que se faz em termo de escola? O que é que aprenderam do que é ser-se professor numa escola?

E1 - Eu acho que, sinceramente, dentro de uma sala de aula, o professor dentro da sala de aula: nós já temos conhecimento do trabalho que temos de desenvolver... Eu, pessoalmente (não sei da I) trabalhos extra sala de aula: eu não tenho muito conhecimento... Sei que os professores têm reuniões, por exemplo, com os mesmos anos lectivos costumam-se reunir... mas tipo, outras funções, porque os professores têm outras funções... eu, sinceramente, não estou dentro do... desse assunto.

N - ... E o que é que vos parece? Para o ano... isso preocupa-vos?... Não vos preocupa?

E1 - Por um lado preocupa... porque se nos fazem algumas perguntas, nós não sabemos responder, não é? Não é o “não saber responder”... não estamos a par das coisas que se passam na escola, e, a mim preocupa-me um pouco, porque não sei bem o trabalho que vou ter...

N - Como é que este estágio poderia contribuir para esse conhecimento, mais alargado, do que é estar numa escola? Porque, conforme vocês disseram, os professores de uma escola têm outro tipo de trabalho ainda para fazer, há outras funções, como estavam a dizer. Consideram que era importante que o estágio previsse algo a esse nível?

E1 - Eu penso que sim... Que era importante para nós, se para o ano formos colocadas numa escola, já estarmos dentro do assunto. Já sabemos que há reuniões para aqueles órgãos, não é? Os órgãos...

N - ... E vocês sabem quais são os órgãos de gestão da escola?

E1 - ... órgãos de gestão... não!

E2 - Mais ou menos... quer dizer, não temos uma percepção, porque, também, não estivemos bem a par da situação, não é? É isto...

E1 - É isso, é verdade. Mas eu acho que era importante, tipo, uma semana, ou uns dias... acompanharmos o trabalho por inteiro do professor...

E2 - Exactamente.

E1 - ... o dia todo, para vermos a aula de manhã até à uma, e, depois era a reunião do conselho que a professora costumava ter... Irmos à reunião, vermos os assuntos que são discutidos na reunião, ver o que é que se faz... todo o outro processo que há, por fora da sala de aula.

E2 - Portanto, ser professor dentro da sala de aula e ser professor fora da sala de aula, é isto!

N - Também tiveram conhecimento no princípio do ano, e quando digo principio... principio de estágio, em Janeiro, disseram que tiveram contacto com o Projecto Educativo da Escola, com o Plano Anual de Actividades... a esse nível o que é que vocês desenvolveram que vos pareça ter tido um contributo para a concretização do Projecto Educativo, do Plano Anual de Actividades daquela escola?

E2 - As Visitas de Estudo, essencialmente. Nós utilizámos, de uma forma bastante gratificante, essas Visitas de Estudo... Por exemplo, a Visita de Estudo realizada ao Palácio de Queluz permitiu-nos abordar o conteúdo da Segurança Rodoviária, ...

E1 - ... Estudo do Meio, Matemática com os carros, com os números das partes... Língua Portuguesa...

E2 - ... de uma forma intercurricular... acho que é assim não é? Intercurricular... Interdisciplinar... Nós também conseguimos aproveitar estas Visitas de Estudo de uma forma bastante gratificante. Primeiro, porque fazia parte de uma vivência de algo que partiu da sala de aula (que os alunos conseguiram ver), foi uma realidade vivenciada. E depois, permitiu-nos desenvolver outros conteúdos... Portanto, julgo que foi dessa forma que nós aproveitámos o... também relacionámos o Projecto Curricular de Escola com o nosso projecto...

E1 - ...com as actividades anuais que eles fizeram.

N - ... Portanto tudo quanto... quanto diga respeito ao funcionamento de turma, vocês pensam que, neste momento, têm conhecimento... adquiriram, realmente, conhecimento de como é que um professor precisa (à partida) de funcionar numa turma... Mas em termos de funcionamento de escola, este estágio trouxe-vos alguma mais valia?

E1 - ... Sinceramente... Acho que era mesmo necessário mesmo aquilo que eu disse: um dia inteiro, ou uma semana acompanhar, mesmo, o trabalho do professor... ia ser diferente.

E2 - Na escola, não só na turma. Na escola.

N - ... Muito bem. Agora gostava de vos colocar individualmente a seguinte questão: pontos fortes, e pontos menos...

E2 - ... Pontos fracos!

N - ... Pontos fracos, se quiserem... ou menos favoráveis, deste estágio... Pronto: pontos fortes, pontos fracos.

E2 - Pontos fortes... Um grande ponto forte foi a relação que estabelecemos com a turma, portanto desde o início nós tivemos logo grandes afinidades com... em relação à turma. Tivemos capacidade de visualizar os problemas, daquele menino, tivemos essa facilidade... julgo que foi uma mais valia... foi termos esta capacidade de facilmente visualizarmos as dificuldades, os pontos fracos, os próprios pontos fracos e pontos fortes, dos próprios alunos. Outro ponto forte: a boa relação que estabelecemos com a professora cooperante, foi essencial. Ponto fraco: se calhar... por certo, foi esta fase, esta evolução... foi uma evolução que nós próprias sofremos, e, que isso pode ter-se, também, revelado nos próprios alunos. Eles tiveram... portanto, eles acompanharam aquela nossa primeira fase que não foi tão boa, e, portanto se tivessem a própria professora deles, se calhar tinha desenvolvido um melhor trabalho naquela fase...

N - ... No início da vossa intervenção?

E2 - No início, exactamente. Porque, ao fim e ao cabo, eles estão a ser... Nós estamos a fazer dos próprios alunos uma experiência, e eles sofreram essa experiência no início. E isso não é tão gratificante para nós, porque nós sabemos à partida que aquela fase não foi tão boa. Muito bem... depois “lá para a frente”, conseguimos evoluir e isso revelou-se nos alunos. Mas podia não ter acontecido... e se não acontecesse?

E1 - ... Não foi boa, mas, também, não foi má! Porque eles ficaram num nível estável, percebes? Também não regrediram... Ficaram “ali”, não regrediram... andaram a empatar... não foi má, a fase. Andaram “ali” a empatar um pouco...

E2 - Mas isso coloca uma questão: e se esta evolução não tivesse ocorrido? Íamos estar ali... portanto...

E1 - ... se calhar houve em estágios, que aconteceu isso...

E2 - ... exacto! Nos estágios em que isso aconteceu, ... estivemos... Não houve evolução numa turma inteira durante um 1º ano... não é? Isso é perigoso, num 1º ano de escolaridade, ter esta experiência...

E2 - ... Portanto, isso também... Quer dizer, nós nunca à partida queríamos... Nós sempre quisemos evoluir, queríamos sempre muito mais, mas isso também... nessa primeira fase também nos colocou um pouco reticentes... Portanto, julgo que esse foi o ponto fraco... Não sei se é um ponto fraco... é fraco porque foi no início...

E1 - ... é menos bom!

E2 - É menos bom... mas, uma vez que houve evolução...

N - ... Foi superada essa situação, não foi?

E2 - Exactamente!

N - ... Felizmente!

E1 - ... pontos fortes, a E2 já disse a maioria das coisas... Ponto forte, eu concordo com a E2: a relação que estabelecemos com os alunos e com a professora cooperante. Eu acho que logo desde... se calhar desde a primeira semana de estágio que houve uma cumplicidade, muito grande, entre nós todos. Porque os meninos, logo no intervalo, acontecia qualquer coisa vinham logo ter connosco: ó S. isto... aconteceu isto... ou isto aquilo... Eu acho que, se eles não tivessem confiança em nós ou, não tivessem uma boa relação connosco, éramos indiferentes. No intervalo, fora da sala de aula, ou até fora da escola, eles às vezes viam-nos, vinham ter connosco e falavam. Acho que... um grande ponto forte é a nossa boa relação com os alunos e com a professora cooperante. Outro ponto forte foi: os conhecimentos e os saberes que a professora cooperante nos transmitiu, e nos ajudou a... (como é que se diz) ajudou a crescer, porque nós crescemos! Nós crescemos dentro daquela sala de aula (desde o primeiro dia) desde 9 de Janeiro até ao dia 21 de Abril, nós crescemos... imenso! Eu acho, eu falo por mim, crescemos muito! E, isso é um ponto bastante forte, porque, é bom os alunos terem crescido, e, é bom nós também termos crescido. É bom termos crescido todos juntos! Pontos, assim, fortes... a nível pessoal, pronto... formação pessoal também já disse que crescemos... Pontos fracos, era aquela situação que a E2 disse: que temos pena de não termos começado logo... mas, também, aquilo tinha de ser feito com calma, não podíamos começar logo “ali”... Houve aquele período, que se calhar a evolução deles podia ter ocorrido mais cedo, mas desde que se tenha verificado uma evolução nos alunos é sempre bom...

N - ... gratificante.

E1 - ...é sempre gratificante. Pontos fracos: foi aquele aspecto, que agora se referiu em termos dos órgãos de gestão da escola que nós não temos conhecimento, e que eu gostava, sinceramente... gostava de estar mais dentro do assunto. Para um dia quando for dar aulas para saber o que é que é o trabalho do professor, não só na sala de aula, mas fora... o trabalho do professor ... em casa também já conhecemos um pouco, não é? (risos) O da sala de aula e em casa... Também é importante, o trabalho do professor em casa, não é? Não é só na sala de aula... em casa também é muito importante... e na escola... em si! Acho que isso é o ponto mais fraco deste estágio.

N - Um balanço de aprendizagens feitas... O que é que aprenderam neste estágio?

E2 - Uma metodologia diferente daquela que estava habituada, habituada também não digo, só tivemos um ano para estagiar antes deste. A metodologia utilizada, o ano de escolaridade, porque, também, nunca tínhamos estado num 1º ano de escolaridade... Alguns conteúdos que também nunca tínhamos trabalhado. Em termos em atenção o programa de 1º Ciclo... também, já tínhamos sido direccionados para o programa mas nunca, na realidade... Quer dizer, no ano passado, tivemos um estágio em que cada um teve de dar uma semana, mas, também, pouco tivemos de olhar... E temos de ter em conta que aquele programa tem de ser cumprido, e, portanto... também, foi bom, porque também tivemos essa visualização.

N - Portanto, aprendeste a utilizar, a ir recorrer...

E2 - Ao programa. Exactamente.

E1 - Houve, houve bastantes aprendizagens... uma pessoa, agora assim, a falar é mais difícil...

E2 - Todos os dias aprendemos ...

E1 - Aprendemos, os métodos... O método, tanto na Língua Portuguesa... que foi bastante importante. Nós nunca tínhamos estado a trabalhar com o método global. Eu, sinceramente... eu (não sei se a E2), ao princípio fazia-nos um pouco confusão. Eu assim: Mas como é que é possível? Como é que é possível eles lerem aquilo, se eles não sabem o que é que está lá escrito, se eles não conhecem? Como é que é... E depois, lembras-te uma vez que estávamos na fase de observação e a professora mostrou uma ficha e a professora disse: O que é que se faz aqui? E eles: escreve na, na, na... e a gente: então mas se eles... nós assim: afinal eles sabem ler! Mas, fazia-nos confusão, porque não estávamos dentro do assunto... era só a teoria...

E2 - Ainda hoje me faz um pouco de confusão, apesar de ter funcionado... apesar de ter funcionado. Porque nós no início verificámos que... Isso fez-me muita confusão. Porquê? Porque eu achava que na minha vida aquilo que eu tinha sido obrigada a decorar não me fazia sentido. E eu olhei para aquilo e pensei: Mas isto são os textos que vêm dos próprios meninos, fazem sentido para eles. Contudo, aquela palavra se for colocada “aqui à parte” eles não a sabem ler... então: mas “ali” fez sentido e aqui não faz? “Ali” aprenderam ou não? Ou só decoraram? Portanto, foi essa a minha grande interrogação. Porque fazia sentido, sim. Porque era um texto que vinha deles, contudo, se aquelas palavras fossem divididas por outros textos (que faziam sentido a outros meninos), se calhar já não sabiam... E isso, para mim, deixou-me um pouco baralhada no início...

E1 - ... Depois, quando fomos nós a intervir, as coisas já começaram a fazer sentido.

E2 - Porque é... É fascinante como é que eles assimilavam aquelas palavras tão rapidamente e no dia a seguir conseguiam visualizá-las.

E1 - ... e no outro dia a seguir. E, se nós disséssemos assim: esta palavra já saiu num texto. Eles logo: é no texto do L. que ele fez... Ate decoravam a data e o mês. É engraçado e trabalhar sobre esse método, com esse método, em termos de aprendizagem para nós, foi muito, muito bom.

N - Que vontade e à vontade sentem vocês, vamos supor em... que falamos numa turma, da qual vocês são responsáveis...

E1 - ...eu, sinceramente, se tiver um 1º ano, eu vou ficar dividida: porque, foi o que a professora C. disse na reunião aos pais, que eles tinham de confiar na experiência que a professora C., já tinha, para este novo método. E nós, se calhar para o ano, que experiência... nós não temos experiência para dizer aos pais: olhem confiem em mim que é o meu primeiro ano que estou a dar aulas, confiem em mim... é diferente. E é um método que nem todos pais conhecem...

E2 - ... a maioria dos pais não conhecem.

E1 - Ainda há colegas meus, que eu às vezes falo, e eles: ai é? E eles aprendem?; e eu: aprendem, e vocês nem imaginam como! Eu, sinceramente... É assim, eu estou tentada a trabalhar o método global, não é? Porque aprendemos agora, e está fresquinho... e resulta...

E2 - E, também, porque não sabemos como é que se trabalha o método tradicional num 1º ano de escolaridade.

E1 - Pois, isso já nem... já nem...

E2 - Não sabemos. Nunca tivemos... Foi bom termos essa experiência: de estarmos num 1º ano em que houve esta metodologia e estarmos...

E1 - Ou seja, em vez de quatro anos (de andarmos aqui) tínhamos de estar seis... (risos)

E2 - Não! Era começar desde o primeiro ano, este estágio ser maior desde o primeiro ano...

E1 - ... mas o outro, também é mais fácil, tens os manuais, é só ...

E2 - ... porque se nós... se alguém nos pede para dar uma opinião: qual o método que te faz mais sentido? Eu, neste momento, não sei! Porquê?

E1 - ... Não sabes?

E2 - Não! Quer dizer...sei... as bases sei quais são. Agora nunca vi, não posso falar de algo que nunca vi. Nunca vi utilizarem uma metodologia tradicional num 1º ano. Só vi esta metodologia.

N - Como é que aprendeu a ler e a escrever?

E2 - Com a tradicional, só que não me lembro. (risos)

E1 - Eu lembro-me era: a a a a a a; e e e e e e; i i i i i...

E2 - Quer dizer a mim faz mais sentido este... contudo, eu nunca vi o outro. Eu sofri esse, mas não me lembro.

E1 - Nos seminários, houve um grupo, que teve um método tradicional. Elas a dizerem que: queriam dar duas letras por semana mas que a professora dizia que era muito. E nós: duas letras? Eles aprendem não sei quantas palavras novas, por semana! Faz muita confusão!

E2 - Isso a nós fez-nos uma confusão maluca! Quer dizer, fez muita confusão, mas foi bom, também, termos essa experiência. Falarmos daquilo que já vimos, que já experienciámos. E acho que isso também era bom... Apesar de fazer um bocado de confusão, mas, é verdade! Mas, ainda, queria frisar outro aspecto, em termos de aprendizagens: eu nunca tinha trabalhado com uma criança com necessidades educativas especiais, mas já tinha a percepção que a metodologia... quer dizer, há sempre uma professora de apoio (e há um trabalho desenvolvido por uma professora de apoio) contudo, eu nunca tinha visto e feito este trabalho... Quer dizer, uma sequência de trabalho iniciada pela professora de apoio e continuada pela professora cooperante. E a professora cooperante está sempre “a par” com aquilo que a professora de apoio realiza. E está tudo interligado e a professora de apoio sabe o que se está a trabalhar, sabe quais são os textos e as palavras que estão a ser trabalhados.

E1 - Tem de haver um trabalho entre as duas.

E2 - E eu não sabia como é que isto funcionava, e eu queria saber, queria aprender. E depois, a certa altura (agora quando nós nos viemos embora), as crianças com necessidades educativas estavam a relacionar já os primeiros textos que as outras crianças tinham aprendido...

E2 - Mas foi espectacular, porque eu nunca tinha percebido como é que isto funcionava. Eles relacionavam a imagem com uma palavra, e isso, para mim foi estrondoso, porque aquela imagem que eles desenhavam fazia-lhes sentido, por isso, é que eles iam à palavra, eles relacionavam... depois, isso, permitiu-lhes chegarem à frase, e, depois da frase ao texto que eles tinham feito.

E1 - Nós também aprendemos muito com os meninos com necessidades educativas especiais, porque, também, o trabalho que nós desenvolvemos com eles...

E2 - Eu acho que esta foi a grande aprendizagem... aquela que me deu mais prazer. Foi algo que eu não tinha noção nenhuma, não tinha qualquer noção de como é que ocorria. E, deu-me mesmo muito prazer, mesmo, muito prazer!

E1 - Aprendemos com as necessidades educativas especiais, também. Porque, apesar de elas serem necessidades educativas especiais, o que eu estava a dizer era: nós desenvolvemos um trabalho, que era o “Projecto dos Animais”, e que elas também queriam fazer. E, claro que fizeram, não como os outros, mas fizeram o trabalho. E a nível de comunicação, uma das meninas que tinha necessidades educativas especiais foi a melhor a apresentar o trabalho. E, uma coisa que eu tinha dito à I, eu assim: eu só lhe disse uma vez! Porque eu assim: Ah, ela quer apresentar, vai apresentar como os outros (era sobre os tubarões). Eu disse: o tubarão vive, o tubarão nasce, o tubarão assusta as pessoas... numa forma assim muito natural. Só lhe disse uma vez, ela chegou lá à frente do quadro e disse tudo, tudo, tudo... e ainda inventou...

E2 - Primeiro, porque tinha uma grande necessidade, ela queria fazer aquilo que os outros faziam. Porque ela, até agora, ela tinha a noção que estava a fazer coisas que os outros não estavam a fazer, e, ela não estava a fazer aquilo que ela queria. Porque, ela queria fazer aquilo que os outros estavam a fazer! E foi um momento que ela teve para fazer a mesma coisa que eles, e ela foi a melhor.

E1 - Aquela apresentação, foi de longe, a melhor. Claro que não teve aqueles conteúdos que os outros todos abordaram, mas, a forma dela falar, de mostrar o animal e: ele vai comer aquilo...

E2 - E, agora no final, houve um momento fundamental, quando nós viemos embora (o ultimo dia), em que houve avaliação por parte deles, do trabalho realizado por nós. E, foi da parte deles, que saíram as palavras que mais nos fizeram sentir... porque, mais a mim, refiro-me a mim própria. Porquê? Porque a J., que é uma das crianças que tem necessidades educativas especiais, conseguiu ir buscar aprendizagens que tinha realizado, desde o início. Portanto, os meninos só se lembraram agora, da Visita de Estudo realizada (que tinha sido na semana passada), de trabalhos realizados na semana passada... e, ela foi buscar aprendizagens realizadas desde o início que nós estivemos lá.

E1 - Eu acho que, apesar deles terem o rótulo (entre aspas, não é?) de necessidades educativas especiais, eu acho que eles em várias áreas... por exemplo: a J. (o B., não) está ao mesmo nível que os outros alunos. Em termos de contagens, quando nós... havia lá meninos que estavam mais atrasados do que ela. E, é engraçado ter esse trabalho, porque, apesar de tudo, de ser uma menina com necessidades educativas especiais, há várias áreas, há várias actividades em que ela está ao nível dos outros. É engraçado perceber isso.

N – Está-me a parecer que esse foi um aspecto francamente positivo no vosso estágio. E as maiores dificuldades, prenderam-se com o quê?

E1 - As dificuldades prenderam-se com... No início, eu ... nós estávamos preocupadas é com os meninos, eu sinceramente, estava preocupada era com os meninos. É um 1º ano, a professora C dizia: eles têm de chegar ao final do ano a saber ler e a escrever. E nós sentimos essa responsabilidade! Eu assim: reflexões? É para mim, é importante para mim, mas eu estou mais preocupada é com os alunos. Eu prefiro estar a fazer uma actividade em casa para “amanhã” para eles, do que estar a fazer uma reflexão para mim... sinceramente. Eu sei que eu posso reflectir em casa sem ter que escrever, não é? Nós reflectimos sem ter que escrever... Mas, há que haver, depois, um suporte escrito.

N - Vocês reflectiam, faziam diariamente um trabalho de reflexão com a professora cooperante?

E1 - Quase sempre fazíamos todos os dias reflexão do trabalho, em termos de actividades. Depois marcávamos sempre uma reunião à quarta-feira, outras vezes, era à sexta-feira...

E2 - Todas as semanas havia uma...

E1 - Todas as semanas, pelo menos, uma havia de certeza! Em que fazíamos o balanço da semana, da que passou e da que vinha, (O que é que...). Fazíamos sempre o balanço. Os conteúdos, as estratégias, o que aconteceu, o que não aconteceu... o que podíamos melhorar, o que não podíamos melhorar...

E2 - O que aconteceu nesta semana, o que vai acontecer na próxima semana... o que correu mal nesta semana, e que para a semana vamos ter de melhorar...

N - Tal como vocês referiram atrás. Eu penso que já conversámos sobre várias situações importantes relacionadas com o vosso estágio e que podemos terminar aqui. Mas se quiserem algo sobre aquela turma, aquela escola... estejam há vontade.

E1 - A única coisa que eu queria dizer, é que acho que, no início da entrevista, nós tínhamos dito que achávamos que o estágio devia ser mais progressivo. Não sei se se lembra?

N - Lembro-me, sim.

E1 - E, a sensação que eu tive no último dia, é que é assim: o estágio não devia acabar agora! O estágio devia continuar! Porque estamos a deixar os meninos, agora, que eles estão a dar o salto e está tudo a correr maravilhosamente! Se, no início eu achava: Ai, três meses? É muito! É muito... não dá... não sei se vou aguentar. Agora, que cheguei ao último dia, dizia: Não, isto devia de continuar! Não devíamos parar aqui... deviam deixar-nos continuar! Custou muito deixar a turma, deixar a professora... Custou, muito! Se no início dissemos aquilo, eu já escrevi na minha reflexão, sugestão: um ano de estágio, para ver o trabalho todo. (risos) Porque se o estágio corre bem, se está tudo a correr bem, uma pessoa não quer deixar... não quer parar a meio! Quer continuar...

N - Hum, hum... Disse uma palavra, que para mim também é importante: sugestões. Que sugestões? Vocês terminam, felizmente, o curso este ano (têm a vossa licenciatura), são senhoras professoras... Sugestões para os colegas que hão-de vir, para os estágios que hão-de e vão acontecer...

E2 - É na prática que se aprende. E, por isso, devia haver mais tempo de prática. Mais tempo de prática! Passamos muito tempo aqui na *IES*, sem necessidade nenhuma: com algumas cadeiras que não fazem sentido algum, que não nos são necessárias...

E1 - Acho que era importante, nem que fosse, tipo, por semana (uma vez, duas), ir assim às escolas, e estar numa sala de aula. Eu acho que é muito importante a prática.

E2 - Acho que há muitas cadeiras que é só enfeitar... Há cadeiras que não fazem qualquer...

E1 - Eu acho que "aqui", também, se aprende, mas, acho que na sala de aula e com os alunos, aprende-se mesmo! E outra sugestão que eu dou é para os colegas que vierem é: tudo o que a professora cooperante disser, para eles aproveitarem...

E2 - ... é sagrado!

E1 - ... é sagrado, tudo! Desde o início... eu se agora me dissessem: volta atrás...

E2 - Quer dizer, depende um bocado, se tiverem uma boa cooperante como nós tivemos.

E1 - Pois, claro, claro...

E2 - Porque se tiverem o azar de ter uma má cooperante, uma má profissional, isso pode ser, também, uma grande desvantagem...

E1 - Pois... Eu se voltasse atrás, tinha feito... aquele salto tinha sido antes, tinha sido mais cedo.

E2 - Se tivessem estado no nosso contexto... no nosso contexto era: aquilo que a professora cooperante pensa, era sagrado. Agora o problema é, se estiverem a ser acompanhados por uma professora cooperante que é má profissional!

N - E quanto aos professores tutores?

E1 - ... é difícil! É difícil estar a dar sugestões para eles...

E2 - É difícil porque são poucos professores e eles não acompanham só o quarto ano... Eles estão a acompanhar o quarto e o terceiro ano.

E1 - É complicado! Nós falámos sobre isto num seminário... Houve um seminário, em que a professora C. falou, e, explicou-nos o porquê de não estarem lá os professores tutores sempre... É que a *I.E.S.* levou uma grande reviravolta, e que houve muitos professores que se foram embora, e ficaram 1/3 daqueles que estavam. E, é difícil eles estarem a acompanhar-nos... se calhar eles têm turmas do segundo, terceiro e quarto ano, e ter que andar nestas práticas todas, é complicado... é complicado! Mas eles estão sempre... a maior parte deles estão... estavam disponíveis... E, houve grupos que aproveitaram.

N - ... Muito bem. Balanço final deste estágio?

E2 - Positivo!

E1 - Super positivo! (risos) Foi um estágio bastante produtivo! Para já, porque ainda estivemos um bom tempo com os alunos (estivemos 3 meses), mais aqueles meses de observação e acho que foi muito bom para nós... de todos os estágios, também foi o que passámos mais tempo. Valeu a pena!

N - Muito obrigada às duas... colegas...

E1 - (risos)... De nada!

PRIMEIRA ENTREVISTA À PROFESSORA COOPERANTE

- **Data de Realização:** 20 de Janeiro
- **Hora de Início:** 15:15H
- **Tempo de Duração:** 37 minutos
- **Local de Realização:** Escola onde leccionamos num sala de aula disponível (excepcionalmente sem alunos nesta tarde)
- **Metodologia:** Almoçámos juntas neste dia, num local muito próximo da escola onde leccionamos e que dista cerca de um quilómetro da escola M.A. Como a professora cooperante ainda não conhecia as instalações da nossa escola e tinha revelado curiosidade em fazê-lo, findo o almoço procedemos a uma visita guiada à nossa escola. Como a sala de aula onde leccionamos uma turma de 2º ano de escolaridade no horário da manhã estava devoluta nessa tarde, a entrevista acabou por ter lugar neste espaço.

Ainda antes de se iniciar a gravação áudio, já sentadas em duas cadeiras normalmente ocupadas por crianças, houve uma conversa muito informal durante a qual, para além de se ter conversado sobre vários assuntos relacionados com a escola, as crianças, o momento político-educativo actual,... , demos a conhecer o tema e os objectivos da nossa pesquisa, tendo-se conseguido criar sem dificuldade um clima natural e solto, propício à conversa que se pretendia à volta das questões que prevíamos. Comprometemo-nos, obviamente, ao anonimato do testemunho e à disponibilização da transcrição da entrevista de forma a poder fazer os cortes e/ou ajustes que viesse a considerar necessários. A versão da transcrição aqui apresentada já foi alvo destes «ajustes».

N - Antes de mais, quero agradecer a sua disponibilidade para colaborar comigo no trabalho que estou agora a iniciar e que espero consiga desenvolver até ao fim, mas que sem esta ajuda seria impossível.

PC - Se eu puder ajudar, pode contar comigo.

N - Então, gostava primeiro que me dissesse qual é a sua formação académica.

PC - É o Magistério Primário e depois mais o CESE em supervisão pedagógica e gestão da formação.

N - O número de anos de serviço que tem.

PC - Tenho... estou no trigésimo, estou no trigésimo.

N - Quanto tempo de trabalho tem como cooperante no 1º ciclo?

PC - Tenho muitos anos. Comecei quando tinha o segundo ano portanto ora deixe cá ver... três, quatro, ora cinco, cinco, seis anos. Seis anos.

N - E na escola aonde se encontra agora? Quanto tempo?

PC - Ora foram todos esses menos um. Portanto cinco, cinco anos. Portanto espere aí... não. Quatro anos aqui e dois anos na escola M2.

N - Está bem. Pronto, basicamente, o que eu lhe queria pedir nesta primeira entrevista, porque eu gostaria que depois no final do estágio pudéssemos conversar de novo, que falasse sobre a sua experiência como cooperante. Como é que aconteceu, como é que foi abordada, o que é que a leva a aceitar, porque é que se envolve nesta supervisão da prática pedagógica das alunas da formação inicial, bom basicamente é isto. Podemos conversar sobre este assunto?

PC - Claro. Pronto. O porque e como fui abordada no primeiro ano. Fui abordada por uma professora da *I.E.S* que conhecia uma professora da escola, uma colega, neste caso concreto a MJ, portanto foi por intermédio da MJ eu fazia parte do grupo dela e pronto propuseram-me para eu ser cooperante e eu aceitei. Pronto foi assim que começou. Foi através da MJ e da professora da *I.E.S*. concretamente a V. E nos outros anos tem sido através do U, da T,...

N - Portanto, passou a ser contactada a partir daí por professores da *I.E.S*.

PC - Pois, exactamente.

N - O que é que a levou e o que é que a leva neste momento a aceitar?

PC - Pois, são coisas diferentes. No primeiro ano que fui aceitar, fiquei muito contente porque achava que era algo com que ia aprender. Pronto, era uma experiência nova e eu pensava que com as meninas estagiárias eu iria aprender muito. E isso enriquecer-me-ia à minha prática e a mim como pessoa. E isso aconteceu, aconteceu mesmo. Hoje, se calhar penso ao contrário. Hoje penso que se calhar não são elas que me vão dar muito a mim a nível, a nível de prática... Vejo as estagiárias... e este ano concretamente aceitei-as porque, tendo um primeiro ano e sabendo que é um dos anos em que nós temos que estar e trabalhar muito, muito, muito com eles e que os alunos estão muito dependentes de nós, eu aceitei por pensar que as estagiárias são uma mais-valia para a turma. Portanto, teria muito mais tempo. Seríamos três professoras e três professoras é diferente de uma. Mas, neste momento, penso que neste momento, eu tenho mais para dar, eu posso ser mais útil a elas do que elas a mim, a nível da prática. De toda a maneira ... Eu também estou a aprender. Porque é assim, eu quando estou a pensar naquilo que vou fazer ali na sala, eu estou a pensar não só para mim e para os meus meninos, mas também estou a pensar numa perspectiva de estar a ajudar as estagiárias que também estão a aprender a ser professoras e isso leva-me também a pensar melhor na acção e a aprender. Está a ver?

N - Exactamente.

PC - Foi o caso de ontem à noite. Eu estive a pensar num trabalho de texto... elas deram-me a grelha semanal onde tinham lá as sessões e eu olhei para aquilo e pensei olha isto podia fazer-se desta maneira e de outra maneira e de outra maneira e então estive a estruturar e a pensar quais eram as várias hipóteses de trabalhar de uma maneira mais, mais diversificada, porque quando nós estamos a dar as aulas, nós já temos mais experiência e mesmo numa situação nova nós mesmo que não tenhamos a situação planificada, nós conseguimos dar a volta e partir depois para outro dia e agarrar naquilo. Se nós não as ajudarmos a terem um leque diversificado de situações que possam acontecer, é mais difícil para elas agarrarem nas situações. Portanto elas têm que ter várias hipóteses de trabalho e essas hipóteses de trabalho elas depois podem ir buscá-las e adaptá-las às situações que aparecem. Tendo ali as estratégias que se podem aplicar e depois estando na prática com os miúdos e

as dicas que eu lhes vou dando, elas dali com as ideias que já têm, as diversas pistas, já é mais fácil agarrarem as situações novas. Não sei se me faço entender.

N - Faz, claro que sim. Qual é que acha que é o seu principal papel, a sua principal função enquanto professora cooperante?

PC - É mais uma orientadora. Uma ... é mais uma orientadora de maneira a estimulá-las ainda que se tenha de apontar as falhas mas de uma maneira muito estimulante. Tenho sempre muito medo de... quer dizer, quando estamos as três, dizer isto saiu mal. Naquilo que saiu mal há sempre qualquer coisinha de bem. Não desmotivar, não as desmotivar sobretudo. Apontar os erros, mas encorajar, encorajar, o meu papel também é de encorajar. Eu no meio da sala sinto-me mais como moderadora. Mas tenho sempre o cuidado de dar muitas pistas, de diversificar as estratégias, para elas, naquelas várias que lhes são dadas, se identificarem com algumas das estratégias apresentadas e eu digo-lhes sempre que elas não podem fazer sem sentirem as coisas. É por isso. São nossas colegas. Nós temos que, como é que eu hei-de dizer, temos que ser muito realistas. Fazer sentir que há imensa coisa que no dia a dia lhes vai aparecer e que elas têm que resolver. E não há receitas para nada. As receitas que há, é elas estarem abertas a aprender, e estarem disponíveis... é a disponibilidade interior e a abertura para aprender. Nunca, o nosso projecto nunca está feito. Está a fazer-se. Nós, todos os dias estamos a construí-lo. E é dizer-lhes não é que saiba mais que elas. Só tenho mais experiência e depois tudo o que sei tem sido com colegas, com a partilha dos outros e também com a minha vontade também para aprender. Porque nós quando estamos abertas para aprender, até com uma simples conversa que nós tenhamos umas com as outras, nós aprendemos. É assim, eu também estou ao serviço delas. Tal e qual. É assim, eu ponho-me sempre em causa. Se um menino não está a adquirir uma determinada competência, está com dificuldades, não está a andar como nós gostaríamos que ele andasse e não está a atingir determinados objectivos e a chegar àquelas metas que nós traçámos para aquele tempo, eu nunca quase nunca atribuo o facto aos meninos. Eu ponho-me sempre em causa, o que é que eu estou a fazer mal? O que é que eu poderia ter feito? Então, pondo-me sempre em causa, eu estou sempre à espera de ir buscar qualquer coisa para que determinadas falhas não aconteçam.

PC - Quais são as suas preocupações, se é que se pode falar em preocupações, quando abre a sua sala a estagiários?

PC - Eu julgo que mudei, que cresci. Sabe, nos primeiros anos, eu tinha grande preocupação de, naquela altura, fazer um bocadinho diferente já que me estavam a ver, que me estavam a observar, eu sentia-me avaliada. Mas eu agora, quer dizer, já não tenho essa preocupação. Quer dizer, já faço tudo tal qual como faço no meu dia a dia tal qual como eu sou...

N - Já muito natural

PC - Isso, já muito natural. Elas estão lá mas elas estarem lá a observar para mim, para mim já me esqueço que elas estão lá.

N - E, na sua opinião, em que medida é que esse período de observação é importante para elas?

PC - Eu acho que é importante e eu costumo-lhes dizer. É importante porque é assim, é nesse período que têm oportunidade de observar um professor em acção. Confrontar a teoria estudada com a prática. É um tempo de levantamento de questões sobre o observado quer sobre as didácticas, quer

sobre atitudes e comportamentos. É o início da construção e apropriação do seu modelo pedagógico como professor. Aprendem também com aquilo que a cooperante não faz bem. Eu digo sempre: olhem, se vocês acharem que eu estou a fazer mal, então, olhem, com os nossos erros e os erros dos outros nós também temos ... podemos aprender. Então eu não vou fazer assim, podemos melhorar isto. Eu faço muitas vezes com elas, muitas vezes, a minha auto-avaliação portanto, isso é que é. Eu estou ali e só sou um bocadinho diferente delas é ter mais anos de experiência. De resto mais nada. De resto continuo a errar e a tentar todos os dias melhorar. Assim é que eu sinto. Com os erros que observam e sobre os quais devem reflectir, também aprendem.

N - É a sua postura.

PC - É a minha postura. Assim é que eu sinto, assim é que eu sou. Eu também me ponho muito em causa.

N - Retomando um pouco o que estávamos a falar atrás. Quando foi então abordada este ano para ter estágios foi...

PC - Este ano foi muito sinceramente eu este ano só recebi estágios só a pensar nas minhas crianças só e mais nada.

N - Uhm uhm

PC - Só e mais nada. Porque eu tenho um primeiro ano e nós só na organização da sala ainda ajudam mais a ser cada vez mais autónomos. Aliás eu penso que quanto mais gente houvesse agora a ajudar-me melhor seria. Portanto foi só a pensar nos meninos. O que me motiva é dar mais e melhor aos meus alunos. Esse é o ponto número um. Depois eu, com a minha experiência, é claro que também posso e quero ajudar os professores mais novos. Apesar da minha inquietude, a inquietude não passa, a preocupação não passa, mas julgo que estou mais apta a resolver situações imprevistas e aquelas coisas que nós no início de carreira ficamos sufocadas, ficamos embaraçadas. Julgo que a experiência trouxe-me algum saber, alguma segurança. Neste momento estou com alguma segurança e acho que isso pode ser rico para elas. Portanto, neste momento estou noutra postura. Portanto, elas são uma mais valia na sala e estou ali também para as ajudar, mas a minha, a minha primeira aposta foi o meu grupo de meninos.

N - Conforme está a dizer então, está numa outra postura mas também está aqui para as ajudar.

PC - Claro, sim, sim

N - Há pouco falámos nos papéis a desempenhar enquanto cooperante. Conhece o protocolo que a *I.E.S* estabelece com a escola? A colega também assina um...

PC - É assim, este ano... O que está dentro da capa eu já li tudo mas, pronto eu assinei, mas sinceramente... ainda não me debrucei sobre o protocolo. Li-o transversalmente.

N - Na capa tem um regulamento.

PC - Sim, sim, sim. Isso li e há o protocolo...

N - Sim e há o regulamento do funcionamento do estágio, do funcionamento da intervenção educativa...

PC - Sim. Portanto, por exemplo, em relação às planificações. Entre aquilo que está e o que é vai uma grande diferença. Olhe, por exemplo, qual é o meu papel na questão das planificações das estagiárias? Às vezes há uma questão de linguagens. Se eu souber que eu sou, que eu é que tenho

inteira responsabilidade daquela planificação entre mim e a estagiária, eu, é uma coisa. Agora se eu ajudo e depois eu sei que aquela planificação vai passar pela professora A e esta diz que não são estas palavras, que isto não deve ser assim e não deve ser assim, ... qual é o nosso papel? Aqui ainda não percebi muito bem qual é o meu papel.

N - Teve conhecimento que há uma oficina de formação para cooperantes na *I.E.S?*

PC - Não... Não me recordo.

N - Está realmente a funcionar uma oficina de formação na *I.E.S.* com um grupo de cooperantes que têm este ano estagiários e um dos objectivos dessa formação é exactamente aferir linguagens e os procedimentos...

PC - E quem é que está a dar essa oficina?

N - A C e a I. São as duas.

PC - Mas então espere lá uma coisa. Não estão a trabalhar com cooperantes...

N - Estão, estão. Só estão a trabalhar com cooperantes.

PC - Então, e quais são as cooperantes que estão lá? Da *M.A.*, da minha escola, penso que ninguém foi abordado nesse sentido, portanto ninguém se inscreveu.

N - Ah! Eu pensei que tivessem tido conhecimento.

PC - Não, eu não sei. Só se falaram nisso no ano passado... Olhe quer dizer... sabe que eu até estou... (ar preocupado) ... sabe que eu ando a esquecer-me muito das coisas... mas não, não me lembro nada disso.

N - Bom, que preocupações particulares é que tem quando abre a sua sala de aula às estagiárias? A partir do momento que aceita, tem preocupações com as crianças, com o funcionamento,...

PC - Tenho preocupações a nível do funcionamento da sala. Quero que seja a continuidade do meu trabalho. Deixo-as ser criativas, deixo-as pôr em prática o seu projecto de trabalho, mas tenho muita preocupação na ... na continuidade daquilo que os meninos estão a fazer. Há um trabalho de intervenção com as crianças... E a minha preocupação também é estar ali para ajudá-las.

N - Claro.

PC - Sobretudo e dentro daquilo que eu sei, dentro da minha experiência, ajudar, fazer o melhor possível e ajudar o mais possível. Pronto é só isso.

N - Tendo já este tempo de serviço e tendo já estes seis anos de experiência como cooperante, considera que cresceu profissionalmente, ou este período de cooperação é essencialmente um período de maior ajuda às crianças e de ajuda para as estagiárias? Até que ponto o facto de ter trabalhado estes anos com estagiárias, até que ponto é que isso foi para si um desenvolvimento em termos profissionais?

PC - É sempre. É assim, nós com estas coisas... é assim, portanto, nós quando temos, nós somos um modelo, quer queiramos, quer não para elas na sala de aula. E isso faz-nos apesar de nós sermos o mais naturais possíveis e fazermos o que vimos fazendo ao longo das nossas aulas, nós temos sempre a preocupação de fazermos o melhor possível. Estruturo melhor o trabalho, dou até um fio condutor melhor às coisas. Não nos esquecemos de fazer a reflexão todos os dias. Porque eu quer dizer, quer seja eu, quer sejam elas, há sempre um momento de reflexão. Portanto, nesses momentos, há sempre uma avaliação. E nessa avaliação-reflexão, nós estamos sempre a crescer. Quer a nível

profissional quer pessoal. Quer dizer, o facto de nós termos por exemplo temos duas miúdos, por exemplo eu com elas, eu também estou todos os dias a aprender. A postura delas, elas embora se estejam a esforçar na sala com os miúdos, na entoação de voz, na maneira como organizam as coisas... Eu, para ter autoridade, para fazer alguma observação, elas depois têm que olhar para mim e sentirem essa autoridade e essa autoridade elas vão buscá-la àquilo que observam e à minha relação com os outros e ... com os meninos. Portanto, nós estamos sempre a crescer. Crescemos a nível profissional porque temos, portanto, estão ali duas pessoas, estão a olhar para nós.

N - É mais exigente consigo própria nesses momentos?

PC - Sou, ai sou... Sou mais cuidadosa, quer dizer sou mais cuidadosa. Sendo mais cuidadosa, penso mais nas coisas. Penso mais nas coisas e... estou a crescer. Estou mesmo a crescer, de uma maneira e de outra. Não há crescimento pessoal sem crescimento pessoal nem pessoal sem profissional. As duas coisas encadeiam-se.

N - Pois.

PC - Eu acho que a profissão. Quer dizer eu acho que uma pessoa que não seja que não tenha uma determinada formação como pessoa, não pode ser boa a nível profissional. E por muito profissional que queiramos ser se não tivermos a parte da pessoa ali... é que as duas coisas ligam-se... a nossa profissão é uma dualidade.

N - Pois. E qual é o papel da escola neste processo? A escola enquanto organização qual é o seu papel? Qual é o papel do órgão de gestão?

PC - É assim. Aquela escola muito concretamente. Aquela escola é muito aberta. Em relação às estagiárias, qual é o papel dela? É acolhê-los o melhor possível. É dar-lhes a conhecer, dar-lhes os dados que eles precisam quando é solicitada. É uma escola muito aberta a todas as suas solicitações, portanto dos estágios e das escolas que querem pôr lá os seus estagiários. Portanto, ... e eu fui este ano abordada através da do conselho executivo. A T telefonou para a PCE e depois a PCE é que comunicou connosco. E entretanto é que vieram as conversas particulares e o ajuste de coisas, mas primeiro houve um contacto com a escola, depois o conselho executivo contactou com as pessoas e depois a partir daí é que houve os contactos particulares. Aqui na escola funciona assim. Enquanto por exemplo quando estive na escola M2, fui contactada primeiro pessoalmente e depois é que foi pela escola.

N - Portanto esta escola é uma escola que já tem alguma história em termos de receber estagiários.

PC - - Exactamente. Exactamente.

N - Há alguma situação formal prevista no Projecto Educativo de Escola, no Plano Anual de Actividades, no Regulamento Interno... há alguma intencionalidade em receber estágios e em criar um grupo de trabalho?...

PC - Quer dizer, há abertura a esse tipo de coisas, mas... não me apercebi ainda que tivesse havido essa iniciativa. Porque o projecto educativo, por exemplo tem um plano de formação, mas agora ... não está nada ligado às estagiárias nem à formação inicial, neste caso. Era uma coisa que por acaso... aí teria que haver alguém ... no conselho pedagógico e eu por acaso sei lá de duas pessoas que têm que têm alunos da formação inicial ... e levantar esse, esse tipo de acções, por exemplo a necessidade de se fazer alguma coisa nessa área e se calhar...

N - Vocês são um grupo de professores cooperantes. Neste momento não sei quantos professores é que têm estagiários, não sei...

PC - Já fomos mais. Agora somos só quatro.

N - Quatro? E há algum trabalho que se esteja a projectar fazer em conjunto?

PC - Olhe, ainda não fizemos, mas já falámos, já falámos muitas vezes. O grupo já sentiu necessidade de se reunir e concretamente tratar do trabalho que está a acontecer nas salas a fazer-se com as estagiárias. Portanto, só faltou alguma, portanto, tomar a iniciativa. Portanto dizer: tal dia fazemos a reunião para tratar de assuntos das turmas e dos estagiários.

N - E essa reunião seria entre vocês as quatro e as estagiárias ou só entre as quatro?

PC - Numa primeira reunião seria só entre as quatro e depois poder-se-ia abrir, portanto, não veríamos inconveniente que as estagiárias estivessem.

N - E como é que as outras colegas, portanto, as que não têm este ano estagiários recebem esta situação?

PC - Ali naquela escola é o mais normalíssimo possível. Coisa que não é bem visto noutras escolas. Por exemplo, noutras escolas, entendem que nós cooperantes somos superiores, há ali qualquer coisa ... diferentes... sente-se professoras com estagiárias como professoras diferentes. Nem sei se entendem por ser bom ou mau. Eu não sei que diferença, mas que se sente que elas olham com uma certa diferença para as professoras cooperantes. Nesta escola concretamente não há. Porquê? Porque quase todas já tiveram estagiárias e quem não teve foi porque não quis. Porque o conselho executivo aborda as pessoas de uma maneira muito aberta.

N - Uhm uhm

PC - Porque como é uma escola muito grande, a *I.E.S.* normalmente contacta. E pronto como eu já tinha dito, há grupos grandes e várias pessoas lá da escola já tinham tido oportunidade e quem ... quem não teve...

N - Foi por opção própria...

PC - Foi, foi por opção própria. Portanto, este ano temos lá da parte manhã...

N - Então este ano, lá na escola, a *I.E.S.* contacta o conselho executivo no sentido de saber quem é que está interessado e depois é a escola, o conselho Executivo que contacta todos os professores.

PC - Todos os professores que tenham o mesmo ano. Portanto, a professora da *I.E.S.* contacta o conselho executivo e diz das suas necessidades e depois aí o Conselho Executivo contacta essas pessoas. Por exemplo, este ano julgo que foi abordado todo o primeiro ano para quem estava interessado em ter estagiários e houve uma professora que disse à partida que não queria ter estagiários este ano, pronto e não teve.

N - Conhece o protocolo que a *I.E.S.* estabelece com a escola? Sabe o que é que está previsto para a escola assumir, por exemplo? Que tipo de responsabilidades é que tem?

PC - Não, muito sinceramente... assim, estar a dizer que conheço. Já li, eu sei que quando estava ligada ao conselho executivo, eu recebia aquilo e lia, mas agora não sei.

N - Quais são as suas expectativas, este ano, em relação ao estágio destas duas jovens? Quer para si própria, quer para estas duas futuras professoras, quer dos professores da *I.E.S.*... Que expectativas?

PC - Eu tenho uma grande expectativa que é o da ajuda, da grande ajuda e de o grupo de crianças beneficiar ao nível de sala de aula. De trabalho. Eu neste momento, conhecendo já minimamente as duas estagiárias, tenho expectativas positivas. Acho que nos podemos enriquecer mutuamente. Desde que elas sejam abertas àquilo que eu estou disposta a dar-lhes... dar-lhes pistas.

N - Que momentos é que pensa este ano disponibilizar para trabalhar com as estagiárias?

PC - Eu, todos os dias, mas todos os dias, depois das aulas, eu falo um bocadinho com elas. Reflectimos todos os dias sobre o trabalho desenvolvido. Uns dias mais tempo que outros, mas todos os dias nós reflectimos. Eu, não sendo uma professora espectadora, mas tiro sempre um bocadinho para tirar as minhas notas para quando está a correr muito bem eu faço a minha anotação, quando está a correr menos bem, faço umas observações a lápis e depois no final do dia eu depois digo: porque é que acham que aconteceu? Olhem isto correu melhor por causa disto, disto e isto e isto aconteceu porque, portanto estou sempre dou sempre feedback daquilo que eu vejo e não estou como espectadora, às vezes até diluída no meio da sala.

N - Sim.

PC - Pronto, depois temos um dia por semana em que nós sentamo-nos e que descontraidamente e com tempo vamos fazer a análise de toda a semana.

N - Uma análise geral...

PC - Uma análise geral e depois vamos programar a próxima semana. Portanto, todos os dias há uma reflexão diária e depois há um dia por semana em que nós reunimos mesmo reunimos duas, três horas, o tempo que for necessário, para reflexão semanal, avaliação barra programação, preparação.

N - Muito bem. Muito obrigada pela sua colaboração. Por hoje já chega. Depois, daqui a três meses mais ou menos, quando as estagiárias já estiverem na fase final do estágio, nós, se não se importar e se puder ser, voltamos a conversar, dessa vez já sobre o funcionamento deste estágio.

PC - Está bem.

PC - Obrigada.

SEGUNDA ENTREVISTA À PROFESSORA COOPERANTE

- **Data de Realização:** 4 de Agosto
- **Hora de Início:** 11:50H
- **Tempo de Duração:** 60 minutos
- **Local de Realização:** Biblioteca da escola *M.A.*
- **Metodologia:** Esta entrevista realizou-se com base no guião de entrevista previamente elaborado, ainda que a condução da mesma tenha sido mais uma “conversa”, partindo de uma questão introdutória global, sendo que as questões emergiam à medida que as situações eram expostas ou abordadas pela entrevistada. Estando já a decorrer o período de férias para as crianças e para muitos professores, a cooperante recebeu-nos de maneira muito fresca e afável, manifestando de novo a sua inteira disponibilidade para colaborar na nossa pesquisa. Depois de recordarmos a finalidade e os objectivos do nosso trabalho, voltámos a solicitar permissão para registarmos a nossa conversa em suporte magnético (áudio), o que foi bem aceite. Comprometemo-nos, obviamente, ao anonimato do testemunho e à disponibilização da transcrição da entrevista de forma a poder fazer os cortes e/ou ajustes que viesse a considerar necessários. A versão da transcrição aqui apresentada já foi alvo destes «ajustes».

N – Mais uma vez agradeço-lhe esta segunda introspecção na sua vida e consciência pessoal e profissional, mas realmente, e recordando a primeira entrevista que eu fiz e a conversa que tivemos, este meu trabalho tem a ver com a supervisão da prática pedagógica de alunos da formação inicial e com o impacto em termos de aprendizagem que essa supervisão pode ter em todas as frentes, digamos assim. A frente do professor estagiário, dos próprios alunos, das crianças, do professor coordenador e da escola enquanto organização. Como é que se aprende neste processo? Como é que se potenciam as aprendizagens que se vão realizando? E portanto como primeira questão, e terminado o estágio deste ano, acho que podia ser que balanço é que faz do processo que este ano foi vivido consigo tendo em conta a actuação que teve junto das estagiárias e do trabalho que elas desenvolveram.

PC – É um balanço positivo na medida em que eu vi, senti e eu vivi que progressivamente o trabalho delas se desenvolveu e o envolvimento delas foi sempre evoluindo. Portanto, eu via-as um pouco distanciadas realmente da prática, senti pouca preparação a nível das áreas curriculares no aspecto da didáctica e progressivamente senti que elas melhoraram tanto nesse aspecto como no envolvimento no modelo pedagógico que estava a ser desenvolvido na minha sala.

N – Isso significa que para sentir que houvesse evolução e envolvimento da parte das estagiárias, o que é que houve, que contributo é que eventualmente deu?

PC – Houve um contributo, até uma maior exigência da minha parte. No princípio, sugeria as ideias, lançava as ideias e a prática não aparecia. E eu andava angustiada porque tinha um grupo do 1º ano que tinha um trabalho muito organizado, sistematizado e rico na Língua Portuguesa, tinha várias

coisas, várias competências a desenvolver a nível de Estudo do Meio, a nível dos projectos, a nível dos estudos e eu via as coisas muito fechadas, muito agarradas à planificação que elas faziam. E a minha angústia certamente passou para elas. No princípio, se calhar, de uma forma não muito positiva, mas depois eu consegui que elas dessem um salto mais ou menos em Fevereiro e deram esse salto.

N – Acha que houve algum momento específico para isso acontecer?

PC – Houve, houve. Houve um momento específico. Houve um momento em que eu achei que devia envolver a professora tutora no trabalho das alunas estagiárias/professora cooperante. E foi nessa altura que assim elas deram um salto.

N – Quando há pouco se referia que elas se agarravam muito às planificações, porque é que acha que isso acontecia?

PC – Isso acontecia, isso acontece devido às inseguranças, à falta de experiência, ao ter medo de não conseguir agarrar os miúdos, de não conseguir ter tempo, de não conseguir ter bagagem, portanto, para estar com uma turma, um grupo. Portanto, para ter um grupo, para trabalhar com o grupo. E muitas vezes havia coisas, havia assuntos, vivências que eram muito importantes ser agarradas e elas por medo de ser... bom, elas estavam com muito medo da avaliação, da avaliação delas.

N – Sim...

PC – Centrado muito na planificação, muito na programação. Elas aí julgo que também era por isso e era também pelo à vontade que elas ainda não tinham. Mas progressivamente elas foram ... devido à minha muita insistência, porque... por exemplo, havia um momento no Ler, Contar e Mostrar que era o tempo e o espaço onde isso podia ser feito, eu estava sempre muito atenta, por exemplo, quando algum menino trazia coisas escritas por eles, ou qualquer coisa para mostrar que eu achava interessante e que até se encaixava no que estava a acontecer ou que queria que acontecesse, eu ia ao pé delas ou levantava o dedo e pedia a minha intervenção e agarrando naquilo que eu dizia, com a minha intervenção fazia com que elas parassem e agarrassem aquilo.

N – Como é que elas reagem a essa tua intervenção?

PC – Eu julgo que reagem bem. Portanto, isto foi acontecendo e na avaliação que eu fazia no final do dia com elas, ia apontando aqueles pontos-chave que eu achava que elas se deviam ter desprendido da planificação e ter agarrado aquilo e que até podiam ter avançado para outro tipo de coisas, porque aquilo vinha até no seguimento de qualquer coisa que se tinha dado ou que se podia dar até para a planificação que elas ali tinham. Era coisas que para elas aparentemente não eram evidentes, mas que para mim eram evidentes. Tanto para aquilo que ainda estava para vir, porque a planificação era semanal e depois era diária. Portanto, eu tinha uma visão da agenda semanal e da diária que estava a ser... portanto, com a nossa prática e com a experiência, nós temos uma abrangência maior das coisas.

N – Portanto, havia momentos específicos para trabalharem a três. Estava a dizer mesmo agora que todos os dias tinham um momento que reflectiam sobre aquilo que se tinha passado...

PC – Sim, é assim. Portanto, durante a manhã, até ao intervalo, portanto, elas já eram senhoras de, portanto a não ser ... eu intervinha quando realmente eu via que... mas muito disfarçadamente, de maneira a elas não se enervarem, de maneira a não se perderem, fazia as coisas assim de uma

maneira, não sei bem dizer como, era uma orientação, mas com um certo subterfúgio, de maneira a que elas percebessem as coisas mas ...

N – Sem colidir eventualmente com a presença delas...

PC – Sim, com a presença delas. Sem andar a ver, sem mostrar aos miúdos, sem desautorizar a actuação delas. Era a minha preocupação, era não as desautorizar perante os miúdos. Foi sempre a minha preocupação. Era realmente os miúdos verem nelas também as professoras e que eu não soubesse mais que elas. Eram três professoras que estavam ali com eles. Tive sempre essa preocupação. Imagine que cada intervalo, elas davam uma determinada aula e eu apontei dois ou três pontos e que achava que isto era fundamental. Assim, não esquecer isto e chamava a atenção para determinadas coisas. Mas depois mesmo no final da aula, havia sempre ali um momento em que nós reflectíamos as três o que tinha corrido bem, o que tinha corrido mal e havia sempre um bocadinho para o dia seguinte. E depois semanalmente havia mesmo um dia. Mas há coisas que não dá para ser a reflexão semanal. Tem que ser a reflexão diária, ...

N - Mais próxima...

PC – Mais próxima do acontecido. Porque se não, quer dizer, é o reflectir na prática e ali na prática...

N – Até para ter alguma influência no dia a seguir...

PC – Exactamente. Era esse tipo de coisas. Portanto, era uma reflexão centrada na acção próxima, a realizada e a que se vai realizar.

N – Sim.

PC – Que servisse depois para elas no momento que viesse a seguir, usufruissem dessa reflexão.

N – Há pouco referiu também que houve ali um momento que considerou que precisava de haver ali um espaço de reflexão e de trabalho, penso eu, mais integrado entre as estagiárias, a colega enquanto cooperante e a tutora. Porque é que sentiu essa necessidade? Que papel é que desempenhou a equipa de tutoria neste processo de supervisão da prática pedagógica? Que articulação é que houve entre as estagiárias, a professora cooperante e ...

PC – A equipa...

N – E a equipa?

PC – Então é assim. Houve uma altura em princípio do estágio em que eu senti que aquilo que elas traziam para a minha sala de aula nada tinha a ver com aquilo que eu fazia na sala de aula, que eu queria que os meus meninos fizessem na sala de aula. Que eu achava correcto ser feito naquela sala de aula. Os desenhos para os meninos pintarem: uma fotocópia. Determinados tipos de trabalhos, portanto, eu sentia que a minha linguagem, o que eu lhes pedia na matemática, na língua portuguesa, nas expressões, nada tinha a ver com aquilo que eu achava ...

N – No fundo com o projecto curricular de turma que tinha traçado...

PC – Com o meu projecto curricular de turma.

N – E que elas tinham consultado.

PC – Exacto e cuidado, consultado não, eu tinha tirado fotocópias e dei-lhes.

N – Exactamente.

PC – Não tinha nada a ver com o meu modelo, com o meu projecto pessoal de actuação. E eu entendo que, e eu entendi que o elas estarem ali, elas não podiam deixar de ser elas próprias, mas elas tinham que se encaixar no meu trabalho. E eu pensei assim, às vezes as coisas vinham de tal maneira que elas não entendiam a linguagem. Eu pensei assim, mas não é isto. Eu conheço a professora tutora, eu conheço elementos daquela equipa, elas trazerem-me aquilo e levarem para lá estas coisas, isto não tem nada a ver comigo. E há aqui qualquer coisa que eu não entendo. E eu preciso também de integrar a equipa de supervisão, de tutoria na minha sala de aula. Elas também tinham que perceber qual é a minha filosofia de estar nesta sala. Mas não pode ser através das estagiárias. Tem que ser através da presença e através de uma reunião em que elas e a equipa estejam aqui e eu diga aquilo que eu acho que elas têm que fazer aqui. E dar-lhes, na matemática vocês têm que fazer isto, isto e aquilo para os miúdos chegarem aqui. Na língua portuguesa, vocês têm que fazer isto e aquilo para os miúdos chegarem aqui. E a equipa entender a minha linguagem para depois as poderem ajudar. Porque elas chegavam lá e pediam ajuda, mas pediam ajuda à maneira delas. Não pediam ajuda naquilo que eu achava que elas deviam ter ajuda. Vinham com uma ajuda completamente diferente daquilo que eu queria e achava importante para o grupo.

N – Das suas expectativas...

PC – Das minhas expectativas.

N – E eventualmente daquilo que tinham preparado nas vossas reuniões de trabalho...

PC – Exactamente! Eu preparava, portanto, as programações, eu preparava as programações com elas, mas aquilo depois, portanto, na prática, na aula, no grupo, era completamente diferente. E eu sentia que os meninos andavam a ser prejudicados. E eu andava muito angustiada. E então eu senti que era altura, pronto. E foi nesse momento em que eu pedi uma reunião à tutora e que também para ser com a professora de matemática e ... mais gente, mas não, só veio a tutora e pronto a reunião foi com as estagiárias, com a tutora e comigo. E julgo que foi a partir desse dia que a tutora devia ter tido uma conversa com elas, ou então quando elas lhe pediam ajuda ela ficou a entender, ficou a perceber aquilo que eu queria exactamente quando elas iam lá com uma determinada dúvida, ela entendia-as melhor. Eu julgo que houve aqui durante algum tempo falhas de comunicação, falhas de comunicação. Porque não, as coisas a princípio não funcionaram muito bem. Eu fui pouco persuasiva porque eu pensava... mas a partir de hoje tenho a certeza que (risos), pensava que elas, como é que eu hei-de dizer, vinham com mais, entendiam mais o que é o terreno. Vinham com mais preparação...

N – Até porque eram alunas do 4º ano...

PC – Do 4º ano. Mas não vêm. Tem que passar muita coisa por nós. Nós que temos a prática, nós que já temos experiência nestas coisas de supervisão. Como professoras cooperantes temos sempre de partir, elas são pessoas, são estudantes e que nós estamos aqui para as ajudar muito, muito, muito, muito. E orientá-las muito, muito, muito, muito. E exigir-lhes. Não: tem que se fazer e aquilo vai-se fazendo, amanhã temos que fazer. Se calhar somos um bocadinho duras, aquilo como alunas de estágio, é um bocadinho duro a nível de trabalho, mas se calhar é por isso mesmo que elas estão a estagiar. E todos os estágios são um bocado duros.

N – Está a pôr, parece-me, uma nota da importância, do papel fundamental que está a atribuir à professora cooperante.

PC – Sim. Da professora cooperante que trabalhe, a trabalhar com a equipa, com os restantes membros da equipa de tutoria. Fundamental! Professora cooperante e alunos, não resulta só. Até porque, é uma coisa engraçada, há coisas que quando o professor tutor de ciências as vinha observar, se nós não tivermos um trabalho também com esse professor, até acertar quem faz, quem ajuda a fazer as programações, quem ajuda a fazer as reflexões, porque há coisas, há perspectivas diferentes de pessoa para pessoa. Há, como é que eu hei-de dizer, nem é bem perspectivas o termo, há concepções diferentes de fazer as coisas e as miúdas estão no meio. Às vezes elas trabalham, trabalham e o professor de ciências diz uma coisa ao avaliá-las, por exemplo, a programação, aqui devia estar uma coisa. Ah, mas a professora cooperante disse que se podia fazer assim, a professora de matemática disse que se podia fazer assim e as miúdas, sem querer, não sei, não sei de quem é a culpa, andam ali no meio.

N – Há alguma falta de coesão...

PC – Há falta de a equipa toda acertar linhas condutoras, fios condutores, para um trabalho que se quer coerente...

N – Como é que acha que isso pode ser feito?

PC – Eu acho que havia, antes de, ou seja, no início de estágio, cada grupo de alunas estagiárias reunirem-se com a sua equipa de tutoria, com a presença da professora cooperante. Em que a professora cooperante pusesse a equipa a par do seu projecto, do seu projecto pessoal e depois elas iam fazer um projecto delas, um projecto de intervenção que se integre no meu projecto de turma.

N – Sim.

PC – E depois quando elas tivessem o projecto de intervenção feito, haver novamente outra reunião com a equipa toda e depois a prática começar, quer dizer, ir começando. Portanto, é assim, uma primeira reunião em que a equipa toda e as alunas estagiárias se reunissem para ajudar a fazer um projecto. Depois quando tivessem o projecto feito, de actuação, portanto, há uma fase de observação e nessa fase de observação a equipa tinha que se reunir.

N – Uhm, uhm.

PC – E portanto, na fase depois quando elas já trazem o projecto feito, a equipa reunia-se outra vez com a professora cooperante.

N – Para fazerem uma espécie de programação a médio prazo...

PC – Exacto.

N – Em termos de modelo, de actuação,...

PC – Exactamente! Há muitos modelos. Por exemplo, há umas estagiárias que estão numa determinada sala com um determinado modelo, por exemplo em que utilizam muito os livros, em que a professora está a ver... depois noutra sala, outro modelo. Portanto em cada grupo de alunos estagiários havia de haver este tipo de trabalho. Trabalho inicial para toda a equipa conhecer a professora cooperante. E saber por exemplo, na matemática, como é que está e até para se ajudarem uns aos outros. Porque a professora cooperante está em formação também. Eu entendo a professora cooperante também uma pessoa que está em formação.

N – Uhm, uhm...

PC – O facto de eu pensar que eu vou aprender muito com as alunas estagiárias, tudo depende de uma atitude. É uma atitude que eu tenho que as ajudar muito no ensino prático e portanto tenho de saber fazê-lo, de saber fazê-lo cada vez melhor...

N – É de dar e receber...

PC – É de dar e receber. É de dar e receber... se eu dou, depois o receber na mesma linha daquilo que eu vou dar, está a perceber, para depois nós todos nos formarmos. Estas coisas têm que ser todas muito bem sintonizadas, porque aqui não pode haver falhas de sintonização. Porque se não as alunas estão no meio, quem perde são elas e depois os alunos e nós angustiamos-nos. Temos ali “o menino” ali na mão. E andamos ali também num range range, numa angústia muito grande. Eu andei numa angústia muito grande. Pensei, mas o que é que eu faço no meio disto tudo?

N – Então que alteração é que houve desde essa reunião? Que impacto é que pensa ter tido essa reunião em termos de funcionamento do trabalho?

PC – Foi elas perceberem que...

N – Elas, as estagiárias...

PC – Sim, elas perceberem o que estavam ali a fazer e o que é que se pretendia delas.

N – Uhm, uhm...

PC – E foi elas sentirem que este trabalho,... que a professora tutora tinha percebido aquilo que eu estava a exigir.

N – Será que então também houve por parte das estagiárias um maior... como é que eu hei-de dizer... houve a partir daí... elas sempre a ouvirem, sempre lhe deram importância, eu já percebi isso, mas será que a partir dessa altura elas a ouvirem de uma forma diferente?

PC – Ai completamente. Eu estou convencida que foi um ouvir completamente diferente. Um ouvir...elas ouviam e tal e ia-se fazendo, a partir daquela altura, porque eu dei, porque eu pus tudo por escrito. Eu não falei só. Eu pus por escrito. Na biblioteca faz-se, na língua portuguesa é isto, isto, isto e isto; na matemática é isto, isto, isto e isto e elas pegaram naquilo, enriqueceram aquilo e devolveram aquilo. Porque eu penso que foi a presença, elas perceberem, elas eram muito, muito... eu julgo que elas estavam aqui muito pela nota.

N – Ah, percebo...

PC – Na minha opinião pessoal... Pelo menos é o que eu penso...

N – Sim, mas elas estão realmente em contexto de avaliação formal.

PC – E a presença da professora tutora e eu registar tudo e a professora tutora perceber...

N – Talvez tenha havido aí uma maior credibilidade para as estagiárias da sua pessoa enquanto orientadora?!...

PC – Eu não sei, sabe. Ah... talvez, mas que elas se envolveram a cem por cento envolveram-se e eu senti que aquilo...

N – Será que elas sentiram que aí a professora cooperante e a professora tutora estavam em sintonia e que as podiam orientar...

PC – Pois, eu não sei o que foi. O que eu sei é que foi uma volta de qualidade. Pronto, foi um golpe face muito forte. Por exemplo, muito concretamente, eu agora vou à prática. Quando eu um dia vi

ela vir fazer um trabalho qualquer pelo Carnaval em que os miúdos tinham que pintar um desenho todo fotocopiado. Era um desenho de um palhaço, sei lá, uma coisa qualquer, e dava para toda a gente para os meninos pintarem. E eu disse, na reflexão oral, então isto não pode ser. Então não era muito mais rico os meninos fazerem cada um o seu desenho e depois pôr-se o desenho, mostrar-se o desenho. Depois disse-lhes assim, olhem se a vossa professora chegar aqui, ela vai chamar a atenção para esse ponto. Esse ponto, eu não concordo com ele. Aliás eu já tinha falado convosco sobre isso. Portanto, isso são estereótipos que não dão nada, não enriquecem a vossa prática, isto não pode continuar assim.

N – Uhm, uhm...

PC – Então não é que a professora tutora apareceu nessa hora? Bem, apanharam um raspanete, ela apanhou um raspanete. Eu depois não disse nada na altura, mas depois disse: estão a ver? Portanto, isto vem em sintonia daquilo que eu vos tinha dito. De encontro ao que eu tinha dito, isto não pode ser. Os meninos não podem pintar desenhos todos iguais. A criatividade não é ... Ah, como era Carnaval, pensava que... não, não pode ser. E depois estive a falar com elas sobre isso. E foi nessa altura que depois eu reuni com elas. É assim, eu julgo que foi ... foi a presença delas ali... E depois quando elas chegavam para pedir ajuda, eu julgo que a partir daquele dia, sempre que elas iam pedir ajuda, a professora tutora percebia-as melhor. E até dizia, não foi isto? Olhem que foi isto. E ajudava-as a preparar as coisas...

N – Portanto, houve um aferir de linguagem.

PC – Exactamente. Portanto, porque a professora tutora quando acabou a reunião disse, apetece ficar aqui a dar aulas convosco. Apetece-me ficar aqui, F. ... Portanto ela entendeu aquilo que eu estava a dizer e fez também certamente criar entusiasmo às moças que antes se calhar não tinha criado. Portanto houve ali um volte face...

N – Uma mudança...

PC – É, um volte face e, na minha opinião, acho que foi bastante, bastante positivo. E daí achar que foi a viragem deste estágio.

N – Muito bem. Em relação ainda a estes momentos de encontro entre os vários actores aqui implicados, aconteceram alguns seminários aqui na escola com a equipa de tutoria com todos os estagiários e com os professores cooperantes. Em que medida, de que forma é que acha que... como é que vê estes seminários? Acha que têm algum impacto na aprendizagem, no crescimento das jovens, na tal articulação entre...

PC – É assim, a primeira coisa é assim: os seminários são sempre incompletos porque a equipa nunca está completa. Primeiro, primeiro. Para a aferição de linguagens, portanto,... Eu acho os seminários muito, muito importantes. Os seminários são as tais reuniões alargadas a todos os grupos de estagiários, de estágio. Pronto, os seminários vêm na continuação das reuniões que eu acho fundamentais para a prática. Mas os seminários foram sempre incompletos. Nunca estive a equipa toda. Houve um professor que nunca apareceu. A matemática apareceu uma vez. Só dois professores, a professora tutora e um professor é que apareceram. Portanto, da minha equipa só dois seminários é que estiveram com dois professores das miúdas. Foi um de matemática e a professora tutora.

N – Os outros não os conheceu?

PC – Conheci, mas não estavam nos... Conheci em observação um só e ... ah, e a outra professora de português só veio à sala... a professora de português veio uma vez à sala, a professora de estudos sociais veio duas vezes e nos seminários só numa reunião é que esteve a professora de matemática com a professora tutora que era a responsável por todos os estágios. Portanto, as equipas... os seminários estiveram sempre incompletos na sua equipa.

N – Pois...

PC – Pronto, portanto aí há alguma falha. Pronto, mas acho fundamentais estes seminários. Importantes porquê? Importantes porque é um momento em que em conjunto os outros grupos de estágio portanto mostram, põem no grupo os trabalhos que estão a fazer em cada uma das salas e isso é fundamental. Portanto, se perante vários professores, quer em situação de cooperante ou não, a partir de trabalho e de experiência é fundamental numa situação de formação inicial mais fundamental é, mais importante é, porque elas estão numa situação de aprendizagem, quanto mais coisas virem e com quanto mais coisas elas se identificarem, a nível da matemática, a nível da língua, mais ricas estão, mais ricas ficam. E daí poderem depois adaptar ao seu modelo pessoal de actuação que eu acho fundamental.

N – No que respeita aos professores cooperantes, qual é a importância que acha que estes momentos de seminário podem ter?

PC – Olhe, eu julgo que são tão importantes para nós como para as estagiárias. Porque as estagiárias estão em situação, estão ainda em formação inicial. Ao nível concretamente com a professora cooperante, eu em todos os seminários aprendi qualquer coisa. Ou uma estratégia ao nível do trabalho de texto, ou uma estratégia a nível da matemática, um trabalho que eles fizeram, ou um problema qualquer que eles contaram, um problema de situações imprevistas de sala de aula. Quer dizer, quem está desperta para aprender, aprende sempre.

N – Pois...

PC – Portanto, acho fundamental.

N – Considera que neste contexto de supervisão emergiram para si novos saberes, emergiram para si novas atitudes, novas competências?

PC – Olhe, é assim, a nível pessoal, é assim, o pessoal tem que ser ligado ao profissional. A nível pessoal, a minha atitude a nível de estar com as estagiárias...

N – Está a referir-se como professora cooperante...

PC – Sim, acho que aprendi, porque ter atitude de firmeza, de assertividade,... aprendi muito. Na maneira como lhes pedia um determinado tipo de coisas. A nível de atitude pessoal que depois irá influenciar o estar na sala de aula a nível profissional, acho que aprendi.

N – Isso significa que fez algumas aprendizagens para, por exemplo, se neste ano lectivo que se aproxima se tiver novamente estagiários, vai potenciar eventualmente algumas aprendizagens que fez aqui...

PC – Vou, mas isso para mim é muito claro. Para mim, isso é claro. Porque acho que até aquelas falhas que eu, hoje, falando e avaliando da atitude das estagiárias, do trabalho delas, eu julgo que as coisas não correram tão bem se calhar pelo facto de as minhas atitudes não serem tão firmes quanto

é necessário e tão seguras quanto é necessário (fala de uma forma muito pausada). Portanto e aí julgo que aprendi muitas coisas. E no próximo ano, se tiver estagiárias, que eu no início até dizia que não ia ter, mas se calhar até vou ter (risos), ... acho que vou servir-me dos ensinamentos que tive este ano. ... Misturo muito as coisas não misturo? (olha para nós, com ar preocupado)

N – Não, não faz mal. Nós estamos a conversar naturalmente sobre a situação do estágio, portanto não tem problema nenhum, pelo contrário. Vamos então voltar aos seminários. Esta questão de estarem todos os estagiários e de estarem os professores cooperantes. Na primeira conversa que tivemos, referiu que estaria nos vossos planos terem alguns momentos de trabalho entre professores que tinham estagiários este ano e de forma a eventualmente potenciarem e reflectirem sobre o funcionamento do estágio e as aprendizagens das próprias crianças. Isso foi feito? Vocês partilhavam... por exemplo, essa sua angústia inicial em relação às estagiárias e algumas fragilidades que se estavam a reflectir nas crianças... houve alguma partilha, houve alguma reflexão em termos de grupo de cooperantes?

PC – Houve partilha de angústias e de momentos às vezes menos bons de quase todas as professoras cooperantes que tinham estagiários na fase inicial, mas de uma maneira muito informal. Portanto, era nossa intenção ainda algumas vezes nos encontrarmos... ah, temos que marcar uma reunião para nos encontrarmos, acertarmos agulhas, vermos o que é que estás a fazer na tua sala, o que é que estás a dizer às tuas estagiárias, o que é que estás a fazer, qual é o projecto, como é que fazem a língua portuguesa... mas essas intenções apenas ficaram por boas intenções. Formalmente, nada fizemos. Não aconteceu. Mas de vez em quando a parte ... sobretudo na fase inicial, julgo que as angústias e o mau estar e alguns problemas que aconteceram foram partilhados, assim no intervalo, nas conversas assim de chá (risos), mas em reuniões formais nós nunca fizemos. Por falta de tempo, pronto, olhe, não fizemos. Mas era nossa intenção. Mas depois eu julgo que na fase inicial toda a gente sentia essa necessidade, mas depois tal como eu também dei a volta às coisas e as coisas melhoraram, julgo que também nas outras salas as coisas também melhoraram e as pessoas começaram a falar menos das angústias e começaram a dizer: olha, estão a fazer isto na minha sala, os miúdos fizeram isto, quer dizer, nós íamos trocando impressões mas muito informalmente.

N – Houve algum momento em que as estagiárias tivessem mostrado à escola o trabalho ou uma parte do trabalho que tenham realizado com as crianças?

PC – É assim, concretamente no meu grupo não houve. Programámos uma actividade integrada na hora do conto em que foi construída uma história, os miúdos contaram, desenharam, construíram fantoches. Depois pensámos fazer uma sessão para eles contarem essa história com fantoches às outras salas, mas houve muita coisa para fazer na altura e não conseguimos fazer isso. No entanto, fomos à sala de uma das professoras cooperantes. Fomos participar em experiências que eles fizeram lá de manhã uma sessão de actividades experimentais e convidaram os miúdos do 1º ano. Nós fomos lá participar nessa actividade. Houve também outro grupo de estagiários que fez uma mostra de trabalhos aqui no polivalente, de expressão plástica. Nós não fomos lá e fomos à outra. A minha sala foi a única que não fez nada para os outros. Mas foi... centrámo-nos muito a fazer muita coisa a nível de sala e quando demos por isso o tempo tinha passado, as coisas iniciadas estavam começadas, quisemos acabar e não... porque aqui, como a escola é muito grande, as coisas tinham

que ser programadas com alguma antecedência. Eram feitos os convites para uma sala, portanto era preciso um dia ou dois para abranger as salas. Não podia ser tudo no mesmo dia. Depois também havia o jardim de infância, era o jardim de infância e o 1º ano, mas quando demos por isso não foi possível. No entanto, houve as outras três salas que fizeram, nós fomos ver actividades que os outros grupos de estágio fizeram.

N – Esteve a falar em relação às crianças, portanto em relação à partilha entre as próprias crianças, de trabalho e aprendizagens feitas. E em relação à supervisão do estágio, como é que vê a possibilidade de haver uma partilha, uma reflexão e um dar a conhecer mais alargado entre as professoras cooperantes da escola, eventualmente com a participação dos estagiários. Como é que isso poderia ser possível? Será que isso era importante ou não?

PC – Eu acho que é possível e acho que é importante desde que no projecto que as estagiárias fazem, esteja isso contemplado...

N – Então uma situação intencionalizada?...

PC – Intencionalizada. Estando numa escola com uma população tão grande, tem que ser um trabalho bem pensado porque um trabalho de sala de aula para ser mostrado, tem que ser feito com algum cuidado. Tem que ser muito, muito bem pensado. Agora ocorreu-me, ainda não tinha pensado nisso, mas deveria ser contemplado no projecto de estágio, de intervenção. Porque nós de uma semana para a outra podemos programar uma actividade para mostrar às várias turmas, podemos programar uma actividade por exemplo no polivalente, mas se for projectado inicialmente eu julgo que é um trabalho que não vai acrescentar nada ao trabalho de sala de aula, porque vai ser integrado, e depois uma mostra. Portanto, isto é ao nível de sala de aula de mostrar às outras turmas. A nível depois da reflexão também podemos programar uma reflexão depois baseado naquilo em que cada um mostrou, o processo como se desenvolveu.

N – Estou a pensar por exemplo na tal reunião com a professora tutora, no crescimento que despoletou, se isto não teria sido importante...

PC – Falou-se uma parte. Portanto, quando houve o último seminário de avaliação de estágio, uma das coisas que eu disse foi essa. Portanto, que o estágio tinha melhorado a partir daquela reunião e avancei com a ideia de em próximos trabalhos, em próximos estágios, esta reunião que houve comigo e que eu achei muito benéfica fosse feita no início em todos os grupos, porque toda a gente aí beneficiaria. Portanto, eu lancei uma ideia para as pessoas para o ano, aliás eu no meu grupo vou exigir, agora nos outros grupos podem adoptar a ideia ou não, mas se a equipa de tutoria achar que a minha ideia é plausível, eu julgo que podem avançar com ela. É importantíssimo.

N – Relativamente ao conhecimento que a escola, agora ultrapassando a ideia das turmas com os estagiários, e ultrapassando a questão dos professores estagiários, que conhecimento é que os órgãos de gestão da escola tiveram do funcionamento destes estágios?

PC – Bem, os órgãos de gestão tiveram o conhecimento do trabalho que houve por exemplo ao nível de... da exposição no ginásio, agora falando mais concretamente ao nível do desenvolvimento do trabalho, é assim, têm conhecimento porque eu tenho uma relação pessoal muito próxima do Conselho Executivo. Eu quando fazia qualquer coisa, eu vinha e dizia «olhem o que os meus meninos fizeram». Por exemplo, quando veio o escritor, «olhem o que nós programámos na sala».

Pronto, foi feito comigo e com as estagiárias. Por acaso até nem foi, esta dos escritores. Mas pronto, quando fazíamos um projecto, ou um trabalho eu ia e «você querem ver o que os meus meninos fizeram?». Quando eu fiz a reunião com os pais e com as estagiárias, eu disse-lhes «olhem, eu vou fazer a reunião com os pais, mas as minhas estagiárias também vão estar presentes; elas vão participar, metade da reunião vai ser feita por elas e metade da reunião é feita por mim. Portanto, formalmente não há nada, mas informalmente vou falando, vou dizendo o que é que se faz. E elas também vêm as estagiárias e falam com elas... julgo que é uma coisa informal.

N – Que sentido poderia ter formalizar um pouco mais esta situação? Que sentido poderia ter, já que estamos a falar muito numa questão pedagógica, que mobiliza as crianças, porque vocês têm vários grupos de estágio, que sentido poderia ter prever estas situações, reflectir, comunicar determinadas situações favoráveis ou menos favoráveis... num conselho pedagógico, quem sabe até no projecto curricular de agrupamento... que sentido poderia ter numa escola que é tão receptiva e tão aberta ao funcionamento de estágios? Até que ponto é que esta questão poderia ser formalizada em termos de órgãos de ...

PC – Estou a perceber o que está a dizer. Olhe, é assim, eu julgo e penso que se calhar ainda não está formalizada porque as pessoas que têm estágios ainda não tiveram força... e a ideia... no pedagógico para integrar isto num plano de formação. A escola, neste momento, um aspecto menos bom é ainda não termos um plano de formação bem definido. Mas ao fazer-se um plano de formação era uma área que cabia, era uma área que cabia muito bem. Era integrar nesse plano de formação o trabalho que se faz na escola a nível dos estagiários, a nível da supervisão. Podia ser muito bem integrado no plano de formação aqui desta escola. E mais, e por exemplo por que não arranjarmos no final de cada estágio, por exemplo, arranjarmos um momento em que a escola, como já tivemos aqui várias acções de formação, arranjássemos um lugar, tempo e espaço em que os grupos de estágio mostrassem aos outros, comunicassem numa sala onde houvesse a comunicação do trabalho que fizemos com elas e elas explicassem como é que aquilo foi feito. Portanto, era uma exposição de trabalhos, mas centrada na sala de aula em que as professoras cooperantes e estagiárias dessem a conhecer, partilhassem o trabalho daqueles meses de estágio. Imagine, por exemplo, arranjava-se uma sala, não lhe chamaria exposição, era um debate, reflexão sobre o trabalho desenvolvido nas várias salas. Isso podia ser muito importante para as pessoas. Por exemplo, na língua portuguesa, como trabalhámos, por exemplo um texto, como é que aquele grupo do 1º ano fez. Íamos ao Estudo do Meio, os trabalhos. Apareciam os trabalhos todos feitos. Como é que eles surgiam? Portanto, seria muito interessante. Mas portanto agora falta integrar isto na dinâmica da escola. Como integrar isto na dinâmica da escola? Não aparecer isto desgarrado, um mês. Portanto isto tinha que ser uma coisa com princípio, meio e fim. Só assim é que faz e vai ter sentido.

N – Por exemplo estas reuniões que são mensais, de Conselho de Ano, em que há com certeza uma parte que respeita à parte mais pedagógica, relacionada directamente com os alunos, de que forma é que vê eventualmente a participação, ainda que fosse uma espécie de observação participante das alunas estagiárias. Será que para elas também era importante?

PC – Eu acho que quanto mais elas se envolverem na dinâmica de uma escola e dos órgãos existentes nelas, mais ricas elas vão, mais preparadas elas vão. Eu não sei com que olhos o resto da

escola, o resto das professoras que estão lá e não têm estagiários vêem isto, porque às vezes isto é muito melindroso. Estar uma pessoa estranha ali que não lhes diz nada. Mas eu entendo que na parte da reflexão, da partilha, da experiência do trabalho de sala de aula, eu acho que era muito importante. E até, nessa parte elas participavam e nas outras partes em que é dar resposta, é responder a determinados procedimentos hierarquicamente eu não sei, não sendo elas participantes activas, se não seria bom para o futuro delas. Eu não acho nada, nada, nada de negativo elas estarem presentes. Só que não sei até que ponto seria aceite pelo resto do grupo.

N – Pois, isso teria que ser ...

PC – Tinha que ser uma coisa falada a nível de escola, falada pela escola toda, e depois a nível de ano tinha que ser negociado.

N – E isso poderia ser uma mais valia para a escola?

PC – Eu acho. É assim, podia ser uma mais valia para os professores. Se é para os professores, é para a escola. É assim, era uma mais valia sobretudo para os professores cooperantes. Era mais valia para os professores cooperantes como eu disse há bocado porque o facto de o que eu faço numa sala de aula e o que outra faz numa sala de aula há sempre qualquer coisinha mesmo seguindo às vezes determinados princípios mas depois há determinadas estratégias às vezes há pequenas coisas que nós dizemos há aqui qualquer coisa falha-me qualquer coisa falta-me qualquer coisa que eu não sei ainda o que é mas às vezes aquilo que se faz noutra sala, se faz noutra e se faz noutra vem dar resposta àquilo que ando à procura porque é tudo muito centrado na prática. Embora seja pensado, ou seja as linhas fundamentais requeiram determinadas actividades. Portanto, eu acho muito importante.

N - Vocês este ano elaboraram um novo projecto educativo de escola. Está algo contemplado em relação à supervisão de estágios?

PC - Não está nada contemplado, não está nada contemplado no projecto educativo. Por acaso eu não participei nesse grupo de trabalho e podia ter sido uma coisa contemplada. Poderia ter sido. Mas é uma coisa que se pode, como é algo que é revisto anualmente, pode ser acrescentado alguns pontos, acho que é uma coisa importantíssima.

N – Em termos do conselho pedagógico, faz parte do conselho Pedagógico?

PC – Fiz, agora tenho outras funções.

N – Houve algum momento em que tivesse sido apresentado ao Conselho Pedagógico o trabalho desenvolvido com os estagiários?

PC – Não houve nenhum momento nas reuniões. Houve um ano muito cheio de coisas. Houve o documento das competências essenciais, das áreas curriculares disciplinares e não disciplinares. Levou-nos muitas horas de trabalho, ordinárias e extraordinárias. Depois houve a revisão do Regulamento Interno, tudo em horas extraordinárias. Houve também a leitura do trabalho do projecto educativo, a revisão... houve muito, muito, muito trabalho e não houve nada que contemplasse o trabalho desenvolvido com os grupos de estágio.

N – Então que feedback é que neste momento o Conselho Executivo tem do funcionamento do estágio este ano?

PC – Feedback? Sinceramente, eu não sei. Pontualmente, sabem. Informalmente, sabem que eu ao princípio andava triste, depois que comecei a ter expectativas mais positivas e por fim que a

avaliação foi bastante positiva. Que globalmente as pessoas ficaram contentes com os estágios. Daí a saber que ... não sei, não sei se dos outros grupos elas têm mais feedback. Se calhar até terão, porque pode ter sido um trabalho ainda mais vivido, como houve aqui a exposição da Expressão Plástica... não sei se aquelas actividades desenvolvidas na sala se o Conselho Executivo foi convidado ou não para ir assistir a alguma actividade, não sei. Não sei, o Conselho Executivo sabe do trabalho por informações particulares.

N - De uma forma muito resumida, pontos fortes e pontos frágeis deste estágio.

PC – Olhe, pontos fortes ... vou falar em mim, primeiro (ri-se)

N – Pode falar no que quiser: em si, nas crianças, ...

PC –Pontos fortes, em relação a mim. Uma reflexão da minha atitude, uma mudança da minha atitude face às exigências com as estagiárias. Os alunos não terem perdido nada e terem uma mais valia com as estagiárias. No trabalho com os alunos julgo que os meninos não ficaram nada, nada prejudicados. A minha sala de aula no final do ano, posso dizer que no final do ano, naquele período de Abril a Maio que não estive acho que, como é que eu hei-de dizer, tive falta do apoio que elas davam aos meninos. Porque tinha alunos com necessidades educativas especiais a quem elas deram muita atenção e prepararam, tiveram sempre a preocupação de preparar as actividades para eles. Portanto, de uma maneira muito diferenciada. E os outros meninos, também tendo de alguma maneira alguns grupos muito distintos sobretudo ao nível da Língua Portuguesa que precisavam também de um trabalho muito individualizado, nós as três conseguíamos atender essas crianças. Quando elas se foram embora, eu tinha que me desdobrar e eu senti muito a falta delas. Portanto, um ponto muito positivo foi a mais valia, o grande apoio que elas me deram às crianças, sobretudo às que precisavam de mais apoio para progredirem nos seus saberes. Portanto, isto é para mim. Para elas, julgo que levaram alguma bagagem se quiserem fazer uso dela acho que foram, eu pessoalmente acho que foram mais ricas do que aquilo que vieram. A nível dos momentos de situações imprevistas que elas tiveram que dar resposta, do grupo que aparentemente tendo um grupo homogéneo, era bastante heterogéneo e daquilo que elas face a um grupo heterogéneo elas vão ter que fazer, certamente que elas foram mais ricas no sentido de irem para a prática com a noção que têm muitos grupos numa sala e que têm que preparar várias coisas para uma turma. Não basta preparar uma lição para todos, mas sim várias lições. Portanto e eu insisti muito nisso, muito nisso. Portanto, jamais a postura de preparar uma aulinha que sirva para todos. Portanto, uma aula não vai servir para todos. Espero bem que elas não desistam. Portanto, o pessoal, as estagiárias,... e muito importante este trabalhar em grupo, portanto cooperante, professoras estagiárias e depois os seminários, eu sinto uma riqueza. Acho que é um ponto forte. Portanto, o papel dos seminários acho que embora não tenham funcionado na perfeição, foi um ponto forte neste estágio. Não sei, parece que já me perdi...

N – Não, não. Estava a falar nos pontos fortes...

PC – Pois os pontos fortes. Agora os mais frágeis, as maiores fragilidades... portanto foi na parte inicial de estágio, foi a falta de comunicação em alguma altura, portanto na fase inicial também. E é a tal falta das tais reuniões em que toda a equipa de tutoria se reúna com estagiários e cooperantes. Acho que é uma fragilidade mas que poderá vir a ser uma mais valia para todos os grupos de estágio.

N – Pronto, penso que terminámos, que falámos de tudo o que tinha previsto...

PC – Ah, fizemos uma coisa, ... em termos de escola... ah, tinha-me esquecido... nós, houve também um trabalho em grupo... pois, o que eu acho também que foi um ponto fraco, é assim, ... é a falta de comunicação entre os vários grupos de estágio. Eu julgo que há ali assim, quer dizer, houve ... e há... alguma rivalidade entre os grupos de estagiários e isso faz com que depois se fechem e nós cooperantes vamos também fechando naquele núcleo, está a ver? Porque eu acho, eu pressinto, eu pressenti que eles entre os grupos de estágio partilham pouco. Cada um quer fazer o mais bonito possível, o melhor possível e depois fecham-se entre eles. E há pouca partilha, acho que é um ponto fraco também. Um ponto forte que houve, na Páscoa o meu grupo e o grupo de outra professora cooperante fizeram um jogo de pista «à procura dos ovos de Páscoa» aqui no recinto e acho que foi um momento alto de partilha entre estas duas salas de aula. E a partir dessa altura, foi pena não ser mais cedo, eu senti que aqueles dois grupos de estágio ficaram mais próximos. E até nós, professoras cooperantes, começámos a falar mais no trabalho de sala de aula sobre o que se estava a fazer. Houve uma aproximação. Portanto deverá... agora vou mudar para outro assunto, mas depois encaixa... Portanto, se no projecto de intervenção for contemplado momentos de partilha a nível de grupos e a nível de escola, as coisas funcionam melhor e têm maior impacto, mas tem que estar previsto no projecto deles. Portanto, isso se calhar a professora cooperante tem que também saber disso.

N – Sim, no projecto de intervenção e também, como falava há pouco também no da escola, não?

PC – Sim e depois também para depois se poder integrar no da escola em si. Portanto, é assim, há o projecto de cada grupo e depois havia de haver uma parte da escola que havia de ser comum, esse ponto, essa parte da escola, havia de ser comum, por exemplo agendar datas para conseguir dar visibilidade a esse trabalho, é assim, uma coisa mais concentrada, quer dizer, não é concentrada, mas é não ser desgarrada, tem que ser uma actividade que tem que estar em sintonia com cada uma das salas mas por exemplo com um ponto único, um ponto que unisse...

N – Estou a lembrar-me que na *I.E.S.* no fim do estágio cada grupo de estagiários tem que preparar uma comunicação ao grande grupo turma relativo ao seu estágio. Podem por exemplo encontrar uma determinada área, uma determinada temática e comunica aos colegas. Esses momentos também estão abertos aos professores cooperantes.

PC – Mas depois há pouco, quer dizer, está bem, são abertas. Mas depois não há ninguém que diga com tempo... intencionalizar-se logo e envolver-se todas as pessoas. Pronto, sabemos do seminário... depois em tal data faz-se, depois eles vêm buscar os trabalhos para as intervenções, ... mas é tudo muito partido, muito solto, ... Portanto, eu por exemplo soube que elas iam fazer a intervenção sobre a matemática e iam fazer a apresentação das histórias, mas eu, ... não sei, há qualquer coisa solta...

N – Até que ponto estas comunicações...

PC – Imagine, imagine aqui numa escola tão grande como esta que teve cinco grupos de estágio, se isso não poderia ter sido feito aqui, por exemplo? E a equipa de tutoria juntava-se aqui. Eu julgo que era mais próximo da realidade. Por exemplo, no polivalente, onde isso pudesse ser feito, ou numa sala onde se pudesse disponibilizar um retroprojector e... não sei, não sei bem quantos alunos serão,

mas eu acho que era possível. Ou então essa partilha, esse pôr em comum eu acho que devia ser uma coisa mais... toda a gente tem muito trabalho. Haver uma pessoa responsável por chamar a atenção dos professores cooperantes, não se esqueçam que hoje é o dia de... era como, bem, se nós sentíamos a obrigação de ir aos seminários, também íamos sentir a obrigação de ir à parte final, a esse seminário. Esse seminário era o culminar de todo o estágio, sobretudo dos grupos que tivessem trabalhado na mesma escola, por exemplo. ... As escolas têm espaços, polivalentes... quer dizer, nós a pensarmos nas coisas é que depois temos as ideias de como é que funcionará melhor este funcionamento, mas julgo que não seria nada despropositado fazer este tipo de apresentação na escola, no terreno, no local onde elas desenvolvem a prática.

N – Acha que a escola podia crescer com isso?

PC – Claro, sabe porquê? Porque toda a gente pensa muito na prática, mas o facto de termos estagiárias faz com que ainda pensemos mais nela. Pensamos mais, temos mais cuidado com a nossa postura, com a nossa desorganização barra organização e pronto se naqueles momentos de observação, sobretudo quando estamos a ser observadas. Há dias em que nós esquecemos, mas quando estamos a preparar as aulas, pensamos melhor nas coisas e todos os dias temos que pensar bem nelas porque alguém está na sala que nos está a ver como modelo. Eu acho que se para nós é importante, para os outros também é importante.

N – É uma responsabilidade?

PC – É uma responsabilidade acrescida, dá-nos maior responsabilidade pessoal.

N – Muito obrigada pelo tempo que nos disponibilizou e pela sua preciosa colaboração.

PRIMEIRA ENTREVISTA À PRESIDENTE DO CONSELHO EXECUTIVO

- **Data de Realização:** 12 de Abril de 2006
- **Hora de Início:** 15:50H
- **Tempo de Duração:** 47 minutos
- **Local de Realização:** Escola M.A., gabinete do Conselho Executivo

N - Primeiro que tudo muito obrigada pela sua colaboração. Pela sua colaboração enquanto Presidente do Conselho Executivo desta escola, por me permitir realizar o trabalho no âmbito do mestrado que estou a frequentar e do qual já lhe falei há pouco. Como é do seu conhecimento tenho tido alguns momentos de encontro com duas estagiárias e uma das professoras cooperantes. Por tudo isso e por esta conversa que agora me proporciona, muito obrigada, pois o meu trabalho só é possível por me estar a ser dada esta possibilidade.

PCE - Mas a escola é e foi sempre aberta para todas estas iniciativas e com certeza que para si será de par em par.

N - Muito obrigada. A primeira pergunta que lhe queria colocar tem a ver com o saber mais um pouco de si, começando pelo ano em que fez a sua formação inicial e onde é que foi.

PCE - Foi em Castelo Branco, na altura na escola do Magistério Primário, em 1975/76.

N - Nessa altura era de quantos anos o curso?

PCE - Três, nessa altura já era de três. O meu curso é o primeiro de três anos e o último portanto... houve várias mudanças... foi o primeiro portanto de três anos e o último em que ainda se podia ingressar com o 5º ano de liceu.

N - Então tem o 5º ou o 7º ano?

PCE - Iniciei o Magistério já com o 6º ano concluído, fiz a minha admissão e a inscrição no sétimo ano condicional. Na altura já era um bocadinho complicado. Já havia muitos candidatos e já se corria o risco de não, de não ingressar e portanto nessa base eu mantive a minha inscrição no 7º ano condicional, fiz o exame de admissão ao Magistério. Como tudo correu bem, fiz a transferência do meu 7º ano de dia para a noite. E no 1º ano ainda fiz duas cadeiras de sétimo, portanto no 1º de Magistério. Depois acabei.

N - Muito bem. Depois de ter acabado a sua formação inicial, neste momento, que grau académico é que possui?

PCE - Então eu agora, há alguns aninhos fiz o CESE em Supervisão e Gestão da Formação que é portanto uma equivalência à licenciatura. Terminei em 1999.

N - Falou-me em Castelo Branco e, entretanto, este CESE foi em ...

PCE - Foi na Escola Superior de Educação de Lisboa na qual, instituição, portanto, onde eu há alguns anos atrás tinha feito uma formação... eu não sei muito bem em que contexto, sei que aquilo foi... não, não, não era só. Eu ia a dizer que foi por ser ensino particular, porque eu trabalhei sete anos no ensino particular...

N - Sim...

PCE - Mas não, eu lembro-me de ter encontrado colegas aqui de MA e portanto do ensino oficial. Era uma formação ao nível da língua e depois com base nessa formação e a convite do inspector eu e uma outra colega que trabalhava aqui no MA, num colégio do MA e mais outras de Lisboa, salvo erro preparámos uma formação para colegas do ensino particular que não tinham o curso. Agora não sei como é que as coisas se processam, mas há uns vinte anos atrás ou mais as pessoas que tinham apenas o 5º ano conseguiam uma licença para leccionar no ensino particular e de facto havia muito boa gente que... Não tinham formação, faziam depois a formação... mas havia gente muito válida mesmo. Eu conheci uma colega de quem eu ainda sou muito amiga que era que eu só percebi que ela não tinha o curso quando ela me disse. Realmente ela era uma mulher com um desempenho extraordinário, mas a verdade é que não tinham. Mas nós preparámos uma formação. Foi o meu primeiro desafio.

N - Está muito bem. Então, quantos anos de serviço é que tem, incluindo os do particular?

PCE - Vinte e oito. Já sou assim...

N - E qual o número de anos a leccionar?

PCE - Vinte. Vinte a leccionar e oito o oitavo na gestão.

N - Dos oito anos na gestão, quantos como presidente?

PCE - Este 4º como presidente. Os quatro primeiros como vice-presidente.

N - Sei que trabalhou também como cooperante...

PCE - Sim, foi uma experiência muito rica.

N - Durante quanto tempo?

PCE - Penso que durante três anos, ou seja, ... foi durante todo o meu percurso exceptuando o primeiro ano...

N - Aqui nesta escola?

PCE - Sim, quando cheguei a esta escola. Iniciei com um primeiro ano, por isso os meninos estão agora no 12º ano, está a ver, estou no 12º ano aqui. Iniciei com um primeiro ano que aqui concluíram, fizeram a sua transição ao ciclo seguinte e eu nesse ano, no ano imediatamente a seguir fiquei na gestão. Portanto devo ter sido professora cooperante durante três anos o 2º, 3º e 4º anos.

N - Muito bem. E já agora que balanço dessa experiência?

PCE - Devo dizer que foram experiências maravilhosas (diz, marcando as sílabas). Aliás, foi talvez a minha experiência enquanto cooperante que me deu depois alguma força, o contacto depois com os professores tutores, com os estagiários para depois entrar no CESE da Supervisão e Gestão da Formação.

N - Foi a sua formação específica nesta área, para cooperante...

PCE - Sim, exactamente.

N - Fez mais alguma?

PCE - Não, não. Nunca tinha tido e também nunca tinha tido estagiários a não ser nesta escola. Na altura, enfim, fiquei com alguns receios... às vezes temos receios, mas foi em boa hora, porque foi das experiências mais enriquecedoras que eu já ... ainda há dias eu referia isso... que eu já tive.

N - Esta escola já tinha professores estagiários, na altura em que veio para cá?

PCE - Quando eu cheguei, já tinha tido em anos anteriores. Já, já de certeza absoluta. Pelo menos um ano já, porque esta escola já há muitos anos que abre as portas a alunos estagiários da *I.E.S.* e de outras instituições...

N - Eu ia perguntar-lhe isso mesmo, se eram só estagiários da *I.E.S.* ou se havia de outras instituições...

PCE - Não, nós sempre que somos solicitados, abrimos as portas a todos.

N - Sabe dizer-me há quantos anos esta escola recebe realmente alunos estagiários e tem professores cooperantes?

PCE - Pelo menos há doze, treze anos. Quando eu cheguei, já havia alunos estagiários. Não tenho memória de anteriormente ter... sim, eu penso que...pelo menos treze anos, menos não é.

N - Desde o início com a *I.E.S.*...

PCE - Sempre, com a *I.E.S.* e com outras instituições. Eu também tive de outras, nomeadamente do *P.*.

N - Relativamente à *I.E.S.*, que tipo de relações é que as duas escolas têm?

PCE - Eu penso que temos uma boa relação com a *I.E.S.*. Penso que... quer com os professores tutores quer com a instituição em si. Ou seja, há algum carinho, se é assim que eu posso dizer e... é recíproco este carinho. E sempre que... eu estou a pensar, por exemplo, na acção de formação de matemática, nós tivemos aqui um problema informático e não recebemos as informações atempadamente. Eu entretanto contacto a instituição e houve algum carinho, algum cuidado. Mesmo já ultrapassando prazos estabelecidos por sermos uma escola também cooperante, penso que há também esse carinho e essa atenção. E sempre que a escola tem algo para oferecer em termos de alguma formação, em termos de algum colóquio,... tem sempre a atenção de nos dar a conhecer e de nos incluir. Penso que são boas relações institucionais e penso também que há algum carinho. Eu tenho algum carinho. Eu não sei se consigo, se estou a misturar... mas tenho um carinho por essa escola, por quem vem dessa escola e ...

N - A *I.E.S.* constitui um protocolo, um protocolo com esta...

PCE - Sim, sim, sim...

N - Conhece o teor desse protocolo?

PCE - Sim, sim, sim...

N - Basicamente que exigências, que implicações há para esta escola?

PCE - Esta escola... pois, oferece os espaços, pois nós temos o espaço e evidentemente somos sempre nós que contactamos as colegas que, ou que o tutor diz, ou que nós eventualmente achamos estarem interessadas e que, do nosso ponto de vista, do nosso, como é óbvio, são modelos a seguir... Quando me solicitam, quando eu sou contactada pela instituição através de um dos professores tutores é evidente que, do meu ponto de vista, eu tento sempre contactar em primeiro lugar as pessoas, as colegas que eu considero com práticas inovadoras,... com práticas que têm a ver com a minha linha de pensamento e também com práticas como eu sempre trabalhei, com as minhas práticas pedagógicas.

N - Então isso quer dizer que a *I.E.S.*, normalmente um professor tutor...

PCE - Sim, normalmente um professor tutor...

N - Contacta convosco, normalmente consigo, enquanto presidente deste conselho executivo,...

PCE - Sim, órgão de gestão...

N - E são vocês que determinam a forma de contacto com as pessoas?

PCE - Sim, somos nós. E depois há imediatamente a seguir e após as informações que nós damos ao professor tutor, quer em termos de horários, quer em termos de, aliás quando há o primeiro contacto, nós perguntamos sempre quais são os interesses para... para podermos contemplar para isso mesmo não é, para podermos contemplar quer em termos de horários, porque isso é importante, os anos de escolaridade, portanto, nós tentamos perceber. Face às exigências entre aspas ou para aquilo que a escola pretende, nós depois contactamos as pessoas que, do nosso ponto de vista, fazem sentido para um, um bom trabalho de cooperação.

N - Há aqui muitos professores nesta escola que já tiveram estagiários...

PCE - Já. Há professores que já vêm sendo cooperantes desde o tempo em que eu também fui... há professores que o foram posteriormente e há nomeadamente uma professora que já foi duas vezes cooperante noutras escolas...

N - Portanto, essa professora já foi cooperante noutras escolas...

PCE - Sim, já, noutras escolas. Com a mesma instituição e uma das tutoras também sei que era a mesma. Porque depois estas coisas têm... faz sentido que depois estas pessoas procurem nas escolas os seus professores de referência.

N - Portanto, quando a *I.E.S.*, e já percebi que aqui *I.E.S.* são essencialmente os professores tutores, quando eles vos contactam é muito também no sentido de irem trabalhar novamente com professores cooperantes com quem já trabalharam.

PCE - Exactamente. Houve um ano em que havia ... a *I.E.S.* precisava de um grande número de, de enfim, de professores cooperantes e eu lembro-me que fiz um pequenino texto, ou seja, caracterizei um pouco daquilo que eu sabia que era ser-se cooperante, sobretudo o que interessa aqui, embora o pessoal e o profissional sejam indissociáveis, mas tentei caracterizar cada um dos professores ... e apresentei isso na reunião que tive com os professores tutores e com base nisso houve uma selecção. Porque elas são, eu digo elas mas eu lembro-me que nessa altura também havia dois professores. Eu lembro-me por exemplo do professor *J* e do professor... que eu agora...

N - O *M*?...

PCE - Exactamente, mas nos últimos anos tem sido só professoras. E há algum cuidado, há algum cuidado, temos muito cuidado... E o que eu acho é que ... há preocupação e algum acompanhamento aos professores... aos jovens professores não é, aos estagiários que aqui estão. Isso é importante dizer. Eu digo sempre. Obviamente que nada nem ninguém é perfeito. Com certeza que a *I.E.S.*... terá necessidade de rever algumas coisas, mas no que me é dado a perceber, daquilo que eu sei, daquilo que eu vejo e estabelecendo comparações, é uma escola que acompanha e é muito preocupada, acho eu.

N - Relativamente aos estagiários, que preocupações é que este órgão de gestão, e a colega em particular, têm quando recebem estagiários nesta escola?

PCE - Sim... Normalmente sou eu que os recebo, a não ser que por qualquer eventualidade tenha que ser outra colega. Não é porque outra colega não seja capaz de fazer tão bem ou melhor do que

eu,... mas normalmente isso passa para mim e eu gosto muito de falar, depois gosto muito de os pôr à vontade, porque na situação deles, sempre que nós entramos, vamos a um lugar diferente, por nós desconhecido, é sempre muito complicado, porque há alguns receios. Não sabemos o que é que vamos encontrar. Pronto, é como as mudanças. E eu porque já senti um pouco isso, tenho o cuidado de os receber, de os pôr à vontade. De lhes dizer sempre das nossas limitações, mas também que podem contar connosco, comigo e com todos. Nós gostaríamos de ter uma escola diferente, uma escola melhor, melhor no sentido de melhores condições físicas, mais recursos humanos, enfim... este gabinete que fosse de facto um gabinete e às vezes é gabinete, meio gabinete, meio arrecadação, não temos muitos espaços. É aqui que também acaba por cair tudo, sabe, é um tipo, gostava...

N - Então quando os recebe...

PCE - Dou-lhes a conhecer... faço-lhes o ponto da situação. Digo-lhes que ... mostro-lhes tudo, digo-lhes das nossas dificuldades. É uma coisa engraçada que eu digo sempre “isto não é fácil, mas é muito bonito, se vocês... é preciso perceber que é mesmo isto que querem. Não é fácil, mas é muito bonito. E vão ter... esta escola, digo-lhes isto também, “é uma escola com características especiais, mas é uma escola onde se aprende muito. Exactamente pelas características atípicas que tem. É diferente na situação geográfica, é diferente porque são três edifícios, porque tem uma área muito grande, porque tem muitos alunos, enfim, há uma grande heterogeneidade aqui. Portanto digo-lhes sempre, até um bocadinho a rir, olhem vejam lá se é isto que querem, isto dói, isto não é fácil, mas é muito, muito bonito. Pronto, é o que eu costumo fazer. Atendê-los, recebê-los, mostrar-lhes a escola, mostrar-lhes os serviços principais, digamos assim, vão à biblioteca, vão à secretaria e vão aos espaços de uma forma em geral. Disponibilizo-me para falar com eles e para os esclarecer de algumas dúvidas. Dou-lhes, portanto, forneço-lhes todos os documentos da escola que possam ser importantes para o seu trabalho, nomeadamente projecto educativo, regulamento interno e outros.

N - Uhm, uhm...

PCE - Pronto e, e ficamos disponíveis para alguma...

N - E como é que a escola no geral, em termos das pessoas que trabalham cá, portanto, desde professores cooperantes a professores não cooperantes, auxiliares da acção educativa, pessoal administrativo, como é que estas pessoas recebem os estagiários?

PCE - Eu acho que todos na escola os recebem bem. Sobretudo aqueles que lhes estão mais próximos. Compreende por exemplo que é mais fácil e como entra muita gente na escola, às vezes nos outros edifícios não há aquela visibilidade, sobretudo não há aquela.... Imagine, este ano os estagiários estão todos concentrados no edifício B. Portanto, não há uma grande visibilidade para o edifício A relativamente a estas pessoas. Porque a escola recebe muita gente independentemente destes estagiários. Recebe jovens que estão a fazer estudos, nomeadamente estou a pensar agora, na área da saúde, na área da alimentação... às vezes estudos na área da psicologia, colegas nossas que também estão a fazer... mestrados e portanto entra muita gente na escola e, portanto, às vezes não há grande visibilidade de quem são aquelas pessoas e do que elas fazem mas claro que as pessoas que vêm, sejam elas estagiários ou não, são bem tratados, julgo eu serem bem tratados. E sobretudo pelas pessoas que estão mais próximas. Estou a pensar por exemplo no pessoal auxiliar, naquele edifício, ou nos colegas daquele edifício, penso que estes jovens são bem recebidos. São bem acarinhados.

N - Há pouco, quando falava que do momento que a *I.E.S.* vos contacta para terem estágios a funcionar na escola e que há da vossa parte um cuidado na identificação, na...

PCE - Selecção...

N - Selecção das pessoas, como é que as pessoas que não são seleccionadas, entre aspas, vêem essa situação? Como é que as pessoas que não são contactadas para terem estagiários reagem?

PCE - Tentamos não ferir susceptibilidades. Tentamos que as pessoas... se nos apercebemos que as pessoas estão mesmo interessadas, mas que por questões de horário ou até mesmo ... de acordo com uma forma de trabalhar que é diferente e que não é exactamente aquilo que se pretende, nós normalmente dizemos que a selecção foi feita de acordo com o ano de escolaridade, ou de acordo com o horário. Normalmente há preferência para os horários da manhã e... e portanto e também nem toda a gente é aberta, nem toda a gente abre a porta aos novos alunos... estagiários...

N - Portanto, existem as duas situações: aqueles que não são abertos e não querem receber estágios e têm eventualmente alguns que não tendo estágios gostariam de ter tido ou de ter...

PCE - Sim, mas no que me é dado a perceber não, pelo menos aquilo que chega, pelo menos no que chega a mim, não é nada de ..., claramente antes que alguém questione, eu digo olha a selecção foi feita... este ano, por exemplo, tivemos uma situação que felizmente correu muito bem, mas que, quer eu quer, neste caso a C, estávamos um bocadinho preocupadas, porque no contacto que a C fez, era, imagine, seis pessoas, quer dizer foi o número que me foi dado neste caso pela, pela...

N - Pela C...

PCE - Exactamente. Eu contacto com elas, as professoras, elas disponibilizam-se. De início houve ali alguma relutância e sobretudo porque eram as colegas que tinham o 1º ano, como é que é, eu queria, mas não já, porque é um primeiro ano, é complicado, não conheço os meninos, há uma série de... porque eram estágios todos do 4º ano, que implicam um período mais alargado...

N - Exactamente.

PCE - E, e... mas depois foi engraçado, porque houve uma colega que disse “eu quero” e era do 1º ano e as outras todas a questionarem porque era “eu não quereria já”, porque é o tal primeiro ano, há o estabelecimento de regras mas depois foi engraçado que na generalidade...

N - Quiseram.

PCE - Exactamente.

N - Tanto que este ano os estágios estão concentrados no 1º ano.

PCE - Exactamente. Era o interesse também da tutora para os estágios destes jovens... ficarem no 1º ano. E olhe que, como eu digo, é um ano de excelência, é um ano de excelência mesmo.

N - Porquê?

PCE - Porque conheço. É assim, não... vamos lá a ver, sem querer também ferir ninguém. Eu não conheço bem toda a gente. Conheço de uma maneira geral, mas há pessoas que eu conheço muito melhor. E em geral as professoras com que ... eu identifico-me muito, muito este ano com o trabalho das colegas do 1º ano. Nomeadamente este ano tive a oportunidade de estar numa sala em que a colega teve de sair assim de repente e eu fui para lá toda contente. E como me senti muito bem naquele contexto, eu trabalhei com os meninos. Não me foi nada difícil, porque eu identifico-me e eu senti-me assim como peixinho na água e houve uma reciprocidade. Eles gostaram que eu

estivesse, dei continuidade a ... e depois disse até à colega que tinha ficado encantada, os miúdos, sabe, já muito abertos, ...

N - Qual é a ...

PCE - Há uma resposta que eu não dei. Perguntou-me como é que ... agora também me escapou... se as pessoas aceitavam ou não...

N - Ah, ...

PCE - Eu gostava de concluir só isto. Havia uma quinta ou uma sexta pessoa, agora eu não... de repente não sei, que tinha dito sim e eu até disse “vá lá, aceita” e de repente já não era preciso uma pessoa, porque tinha havido um problema com um grupo de jovens que viriam estagiar. A *T.* estava preocupada e eu também, porque eu não queria ferir aquela colega. E era exactamente uma colega que não era do 1º ano que ia ficar excluída.

N - Uhm, uhm...

PCE - E eu tinha preparado enfim umas palavras para lhe dizer, para não a magoar e é engraçado que a própria colega, entretanto, por razões pessoais, tinha também decidido não aceitar, estava também ela preocupada para não magoar ninguém, está a ver, e felizmente tudo se resolveu. Ela decidiu não, nós íamos-lhe dizer, eu e a *T.*, não por aquelas razões, mas enfim correu tudo bem. Isto para dizer que não tenho assim... Às vezes preocupa-me. Quando sinto enfim que há colegas que querem e que, que não são seleccionadas, preocupo-me um bocadinho, mas felizmente não tem havido problemas. As pessoas têm entendido ou porque é o ano de escolaridade ou porque é aquele turno, ou porque já não é preciso mais, no início pensava-se num número que já não corresponde às necessidades e as coisas têm corrido bem.

N - Está bem. Esta situação, nenhuma destas situações passa pelo pedagógico, por exemplo?

PCE - ... É assim... não... no pedagógico não... nem no projecto... vai ficando ano após ano... já ficou naturalmente instituído... mas faz todo o sentido essa questão, todo, todo. Mas já ficou, foi ficando instituído... eu não me lembro numa fase inicial ... como é que isto foi tratado, está a perceber...

N - Sim, sim...

PCE - E portanto, ninguém questiona, as pessoas aceitam o não... sentimos, eu sinto, penso que as outras pessoas também o sentirão, que a vinda dos jovens estagiários é uma mais-valia para a escola. Eu sentia isso enquanto cooperante e sinto agora enquanto, enquanto... neste órgão de gestão da escola.

N - Uma mais-valia... De que forma?

PCE - De que forma? Eles trazem sempre uma lufada de ar fresco. Vêm com novas ideias juntar-se a pessoas que têm mais ou menos experiência, dependendo. Eu, enquanto experiência pessoal, achei sempre, e acho, que foi muito, muito importante para mim. Porque eles traziam ideias novas, porque eles vêm cheios de vontade... pelos menos, não quer dizer que sempre, sempre, mas tive grupos de excelência. Aliás, eu tive um grupo em que um dos elementos foi muito falado na *I.E.S.*, ou seja, era conhecido como um bom aluno. Portanto, está a ver já o que é que eu ganhei com estes jovens, não é? É a tal lufada de ar fresco, vêm portanto com ideias novas, vêm-nos ajudar a nós a implementar algumas...algumas...

N - Dinâmicas?!...

PCE - Algumas dinâmicas. São motores, eu acho que são motores. Encontram depois aqui professores com mais ou menos experiência, abertos, normalmente são pessoas abertas, abertas também a permitir que na sua sala de aula sejam alteradas algumas coisas, algumas dinâmicas, sejam implementadas ... percebe? E é esta, desta dinâmica toda que eu acho que um grande enriquecimento que surte efeitos sobretudo nos meninos, mas que nos enriquece a nós professores e também a eles estagiários. Portanto, é esta dinâmica, é esta reciprocidade que é uma mais-valia para a escola...

N - Que visibilidade, que impacto é que pensa que tem agora e que tem tido ao longo destes anos o facto de haver estágios a acontecerem aqui nesta escola, sendo esta escola já um pouco veterana, digamos assim?...

PCE - É o tal enriquecimento para todos...

N - Uhm... E?...

PCE - É o tal enriquecimento, são as novas... são as tais novas dinâmicas de que falávamos há pouco... Eu penso que é e está tudo dito. É esta reciprocidade, estas reuniões, estes encontros, os seminários em que se debatem as questões... são postas na mesa, professores mais novos, professores mais experientes, mais velhos, mais jovens... Pensam juntos, reflectem...

N - Está também a falar muito nos professores...

PCE - Estou. Para pôr na cooperante Eu acho que há também um enriquecimento para os professores cooperantes. Eu senti sempre e penso que os colegas também sentem. E, por exemplo, eu gosto sempre, é engraçado, eu gosto sempre de falar com as colegas e de lhes perguntar, porque como sabe também, nos grupos de estagiários há diferenças quer pela maneira de agir, quer, enfim, há uma série de factores que implicam... que as pessoas ajam e reajam de uma forma diferente.... Há jovens que estão mais canalizados para uma área, outros para outra, há outros que são mais completos e portanto há uns que são mais extrovertidos. Agarram, este agarrar entre aspas, portanto encontramos de tudo como depois na nossa profissão não é e há, há jovens muito completos. Isso depois também tem a ver e eu discutia isso há tempos com uma colega também depende da maturidade, alguns que ainda estão com alguns receios, outros a maturidade e as experiências de vida já lhes proporcionam um estar diferente, um agarrar diferente, um comunicar com os meninos diferente, pronto, um todo diferente e...

N - E estava a dizer que....

PCE - E eu estava a dizer que costumo perguntar...

N - Exactamente...

PCE - Que costumo perguntar aos colegas e porque sou sempre eu que me abeiro deles, delas, neste caso delas, e falo com elas e pergunto se realmente estão ou não interessadas. É incentivo um bocadinho, digo sempre: temos que abrir as nossas portas e vocês têm obrigação disso. Quando eu tenho mais à vontade e quando eu sei que dali vai sair com certeza um bom trabalho, porque conheço as pessoas, porque me identifico, eu digo que temos obrigação, temos obrigação de dar o nosso melhor porque vêm jovens que em princípio são aqueles que nos vão seguir e portanto há todo o...

N - Neste caso, para o ano, em princípio, são professores, não é?

PCE – Exactamente. Temos obrigação de dar o nosso melhor e, portanto, depois também gosto de saber se o produto, se a experiência é enriquecedora, se valeu a pena.

N - E como é que fica a saber?

PCE – Perguntando. Primeiro é assim, se posso até vou às turmas, se posso até eles às vezes não se apercebem, mas eu até nomeadamente na actividade que fazem aqui no polivalente, na educação física, ou nos jogos, eu passo e fico um bocadinho a olhar, a ver. Parece até que eu às vezes não tenho nada para fazer (sorrisos)...

N – Ah, sim...

PCE – Não é? Mas fico com alguma intenção. Fico para ver qual é a reacção dos meninos, fico para ver qual é o tipo de trabalho, interesse-me muito por isso e fico. E, e gosto de ver o envolvimento. Há uns que se envolvem mais do que outros. Não quer dizer que não sejam todos... responsáveis e, e preocupados, mas é a maneira de ser também de cada um e há jovens aqui que me dá gosto ver e sinto que vão ser bons profissionais e depois também há a relação que eu estabeleço com eles. Falo com eles, eles aproximam-se de mim, sobretudo depois também quando há... sei lá... Há tempos, por exemplo, eu fui às salas... a todas do 1º ano e aproveitei porque também estavam lá os estagiários e era importante eles também ouvirem isto, porque eles acompanham também todo o trabalho e ajudam muito e ... e trazem ideias novas e e é evidente que são uma mais valia para a turma, não é, porque imagine trabalhos de grupo, trabalho de grupo, trabalhos a pares, enfim, são mais duas pessoas, duas pessoas adultas que passado uns meses eventualmente irão enfrentar uma turma e portanto dão uma ajuda preciosa, muito boa mesmo. E portanto, eu tive o cuidado de ir. E fui dizer àqueles meninos todos que eu estava muito contente, fui a todo o B, que eu estava muito contente com eles, porque eu sabia que eles já liam, que eu já tinha estado na biblioteca e que a P me tinha dito, inclusivamente, eu própria tinha apanhado lá um grupo de uma colega a quem eu depois também fui dizer, e que eu estava muito contente e muito feliz e que lhes ia agradecer e depois também agradei as pinturas que estão ali,... porque eles já liam. E que eu estava feliz, que gostava que eles continuassem, que levassem muitos livros para casa e que continuassem a vir à biblioteca. E também falei das pinturas, que estavam muito bonitas e é engraçado que eu depois dizia: “então vocês não aprenderam bem sozinhos, pois não? Houve quem vos ajudasse”. Houve numa turma, numa sala foi giríssimo, quem os ajudou? Resposta, as duas estagiárias. Claro que nos rimos muito depois porque a professora... a professora ficou... (risos)

N – Eles estavam no momento em evidência, eventualmente os dois estagiários... não é,... eram eles na altura que assumiam os grupos...

PCE - Ora bem, era isso. Quem é que os ajudou? E depois ainda nos rimos muito. E depois então e a professora? E eles também riram, porque realmente são três pessoas ali.

N - Pois.

PCE – E eles estão muito bem, estão muito bem relacionados. Pelo que eu pude perceber, das entradas e saídas que eu fiz às salas, do envolvimento, eu só posso dizer que a experiência é positiva e, eu só digo uma coisa, oxalá que todos os anos haja estagiários aqui, haja professores abertos a recebê-los que, com as suas estratégias e com dinâmicas dignas de serem seguidas, mas por outro

lado também abertos, e são com certeza, é óbvio... para receber novas ideias, novas coisas, as tais lufadas de ar fresco que vêm através destes jovens da *I.E.S.*...

N - Como é que isso passa para a escola em geral, quer dizer, não sei se passa...

PCE - Passa, passa, por exemplo,... Esse conhecimento passa pelas actividades que são mais nos espaços comuns, por exemplo, este trabalho que vê ali no ginásio, que é uma exposição de pintura lindíssima, é evidente que como foi feito num sala de aula com dois estagiários, eles tiveram também a sua colaboração. Eu às vezes apercebo-me, normalmente em épocas específicas, eles têm sempre coisas interessantes para fazer. Este ano o Dia da Árvore, Árvore-Primavera,... Lembro-me que houve actividades muito interessantes. Já o tempo permitia aqui fora, eles traziam todos, incluindo os estagiários, umas coroas que depois uma delas ficou para mim, uma coroa de flores. Lembro-me, por exemplo, no Carnaval, eles mascararam-se todos no cortejo, acompanharam sempre os meninos e a professora,... de uma forma muito envolvida, portanto, isto acaba por, por depois ter reflexos na escola, traduzir-se numa presença e numa intervenção muito válida na escola.

N - Há pouco dizia, e eu registei porque me podia esquecer e gostava de retomar o que falou: “é uma escola onde se aprende muito”. Este funcionamento de estágios também contribui de alguma forma para que se aprenda nesta escola?

PCE – Acho que sim. Acho que aprendemos uns com os outros sempre. E esta escola por ser tão grande... Olhe eu vou-lhe dar um exemplo muito rápido.... Não sei se foi consigo que eu falei. Da biblioteca saiu uma proposta: um caulezinho, que no caso é um pauzinho de espetada, para todos os meninos da escola, para que cada turma tenha o mesmo número de pauzinhos correspondente ao seu número de alunos. A proposta era: nós damos os caules, vocês dão as flores. Isto num contexto bonito, um texto que foi entregue. É lindo de ver, e neste momento acho que ainda terá só metade, a diversidade, as técnicas que apareceram e que ainda aparecem na biblioteca. Repare, a uma proposta de trabalho, cada professor adapta à sua forma de estar, de ser, de ver as coisas. Uns são mais dirigistas, outros menos, há colegas que apenas puseram materiais em cima da mesa materiais e os meninos trabalharam, criaram. Há outros que, se calhar, quiseram dirigir mais, saíram maravilhas... as flores mais variadas, com os materiais mais diversos, com uma diversidade imensa. Este é um grande, é só um exemplo de um grande enriquecimento, ou seja, há uma proposta de trabalho,... e aprende-se muito, porque somos muitos. E de um sai alguma coisa de diferente...

N - Há um contributo...

PCE - E cada um de nós adapta à sua maneira. É esta partilha, esta troca de experiências, este envolvimento, esta dinâmica diária. Não é por acaso que os... os professores queixam-se que nesta escola se trabalha muito, que é muito envolvente, porque há muitos projectos... mas a verdade é que os professores vão-se embora e voltam e temos disto vários exemplos... aprende-se muito...

N - Que bom...

PCE – E quando nós perguntamos porquê, ... trabalha-se muito, mas está-se bem aqui, porque, porque somos todos unidos, porque mesmo com problemas conseguimos sempre ultrapassá-los...

N – Na sua opinião, o que será que faz com que os professores aceitem ter estágios?

PCE - Por que é que eu acho que aceitam?

N - Qual é a sua percepção?

PCE – Porque acham que... acima de tudo, a vinda de novos jovens lhes vai enriquecer o seu trabalho. E por sua vez também o seu contributo vai melhorar a prestação de quem... de quem está agora a começar. Eu penso que há uma reciprocidade, sim, eu falo por mim, eu acho que... Eu achei sempre que ganhei mais, eu achei sempre que ganhei ... porque eu estou a ver os meus grupos... Atenção que eu tive um grupo difícil e foi assim um bocadinho complicado, mas os outros todos eram muito bons, aqueles jovens traziam coisas interessantíssimas, traziam ideias ótimas e que eu abraçava com muito carinho.

N - Qual é o grau de conhecimento que tem, enquanto elemento de um órgão de gestão, já percebi que vai às salas e também vai com certeza nessa função, e... e que se vai apercebendo do que vai acontecendo, mas referindo-nos ao órgão de gestão, Conselho Executivo, te algum conhecimento formal do que está a acontecer nos estágios? Dos progressos, dos problemas, eventualmente das dificuldades, ou não existe esse conhecimento enquanto escola?

PCE –Enquanto escola de facto não, não temos essa visibilidade. Não chega, ou melhor, chega ... através de mim, mas se calhar é por isso mesmo, se calhar não chega de outra forma porque se calhar eu estou muito presente... Digo eu, não sei, mas percebo muito nem o que está a dizer.

N - Considera que os professores que têm estagiários, as práticas destes professores, alguns dos quais já conhece há doze anos,...

PCE - Já...

N – As suas práticas têm sofrido alguma influência, tem havido alguma diferença nas práticas dos professores que têm estágios?

PCE - Eu acho que sim. Acho que sim.

N - Eles têm tido, já houve alguma formação para cooperantes nesta escola?

PCE –Aqui não, não houve formação para cooperantes, mas acho que houve na *I.E.S.* Eu acho que sim, ..., eu estou a lembrar-me nomeadamente de uma professora desta escola, que é uma boa profissional do meu ponto de vista, e acho que não é só do meu, que este ano não aceitou estágios porque era um primeiro ano e tal como as outras colegas teve os seus receios, ela é de facto uma professora, uma boa professora empenhada, profissional, tudo isso, mas penso que... já algumas coisas se alteraram na prática dela desde que ela, e ela tem tido vários grupos de estagiários, desde que ela, tem estágios. Porque é assim: estas coisas também não são por acaso. Porque as pessoas são empenhadas, são abertas, se abrem a sua sala, estão abertas à partilha, se estão abertas à partilha, estão abertas portanto à troca, ao dar e receber, se recebem acabam por interiorizar isso que recebem e adaptá-lo. É evidente que nós não fazemos todos igual, nós temos uma base digamos assim que depois adaptamos à nossa forma de ser, de estar aos contextos que temos à nossa volta. Portanto, eu não tenho dúvida nenhuma que tem influência sim senhora a vinda de estagiários para as cooperantes... claro que às vezes as experiências são menos boas,... Há uma colega aqui que, por exemplo, teve já uma experiência riquíssima e ela sente que cresceu, mas que os jovens que estavam com ela também cresceram bastante, mas teve já outras experiências menos boas, que isto é assim, nem todos nasceram realmente para... para...

N - Para serem professores...

PCE - Exactamente.

N - Em termos de responsabilidade, enquanto Conselho Executivo, Órgão de Gestão, que responsabilidades lhe parece, num processo destes, de estágios da formação inicial... que responsabilidade enquanto órgão de gestão sobre o que disse há pouco: a aprendizagem dos meninos, os professores... Que responsabilidades? Que preocupações? ...

PCE - Quando diz, que responsabilidades passam por aqui, quer dizer, refere-se às nossas preocupações enquanto conselho executivo?

N - Sim...

PCE - Ou àquilo que nos chega, ao feedback que nós temos dos nossos colegas cooperantes?

N - Se calhar às duas situações, porque talvez uma implique a outra...

PCE - Por exemplo,... uma das coisas que preocupa os nossos colegas cooperantes é o facto de os estágios de 4º ano serem muito prolongados e ... enquanto não se encontra o momento certo, ou seja, enquanto não há uma adaptação recíproca...

N - Entre estagiários e professor cooperante...

PCE - Exactamente ... enquanto... e sobretudo se se trata de 1º ano, as colegas ficam mais ansiosas. Portanto, o medo aqui e a ansiedade reside sempre no facto de prejudicarem os meninos. E até encontrar esse momento que é um momento ... em que de facto há uma adaptação até à forma de trabalhar, à forma de trabalhar... eu queria dizer, às vezes parece que até no, nos olhares parece que as pessoas já se entendem, até se estabelecer uma comunicação e uma relação importantes para trabalhar em conjunto, penso que esta, esta é a maior angústia. A maior angústia... e é óbvio que essa angústia é para os nossos colegas e é também para nós enquanto responsáveis por uma escola que é... podia ser pequena, a responsabilidade também existia, mas se calhar por ser maior, parece que temos... porque é um maior número de meninos, há uma responsabilidade grande... está aqui... em causa o crescimento, o processo educativo/evolutivo destes meninos e portanto é uma responsabilidade grande. Daí que haja o cuidado de... e também sempre do nosso ponto de vista, é óbvio, que os meninos sejam, os meninos-jovens, sejam entregues entre aspas...

N - Sim...

PCE - Sejam entregues ao professor que nós entendamos que são de facto pessoas que devem, que são um modelo a seguir. Claro que o modelo a seguir isto é sempre muito subjectivo, é muito relativo, é o modelo, mas...

N - Mas é uma pessoa de referência...

PCE - É uma pessoa de referência, exactamente.

N - E a instituição de formação, a *M.A.*, que papel tem aqui a desempenhar? Qual é a função?

PCE - Sim...

N - Até que ponto é que... Há pouco disse, logo no início da nossa conversa, que considera que a *I.E.S.* tem preocupações...

PCE - Tem. *A I.E.S.* tem preocupações num bom acompanhamento. Ou pelo menos é um acompanhamento melhor e maior, próximo. Eu não sei se posso dizer isto, mas é o que eu sinto. Melhor que em qualquer, isso sem dúvida nenhuma, melhor do que em qualquer outra das experiências que temos tido com outras instituições e não vou referir nomes como é óbvio...

N - Claro...

PCE - Mas, em relação à *I.E.S.*, escola oficial, e outras instituições particulares, pois a *I.E.S.*, eu digo isto sempre, eu digo isto muitas vezes, é de facto a mais atenta, a mais preocupada no acompanhamento e sinto até um, um,... nos últimos anos também posso dizer isto porque, é assim, eu já estou cá há muito tempo, já vivi muitas situações, já estive num papel, noutro...

N - E agora noutro...

PCE - E posso fazer um balanço e devo dizer que nos últimos anos tenho sentido ainda uma maior aproximação, mais cuidado, mais envolvimento, mais oferta, oferta de, de ... que tipo de oferta... os seminários que são feitos, as formações que são propostas, as ofertas que aparecem aos professores cooperantes e não só, sinto que tem havido, que têm sido em crescendo esta, esta ligação, esta interação toda e esta, esta evolução no acompanhamento e no trabalho dos estágios.

N - Está muito bem. Pronto, eu penso que para a primeira conversa já abordámos as situações que eu tinha previsto. Eu gostaria depois que pudéssemos voltar a falar para eventualmente aprofundarmos alguma das situações que agora conversámos, está bem?

PCE - Está certo.

N - Eu dar-lhe-ei o protocolo desta entrevista para o ler, verificar...

PCE - E verificar muitos “is” e muitos à frente e para trás...

(risos)

N - Isso não faz mal, isso não faz mal. Muito obrigada de novo. A sua colaboração é preciosa para o nosso trabalho.

SEGUNDA ENTREVISTA À PRESIDENTE DO CONSELHO EXECUTIVO

- **Data de Realização:** 7 de Agosto de 2006
- **Hora de Início:** 15:50H
- **Tempo de Duração:** 42 minutos
- **Local de Realização:** Escola M.A., átrio descoberto anexo ao refeitório e à biblioteca da escola

P.C.E. – ... (Já falava connosco ainda antes de começarmos a gravar)... Tenho pensado muito no que falámos da última vez.

N – Tem?!

P.C.E. – Tenho! Tenho pensado... de que maneira é que, através do Conselho Pedagógico (porque o Conselho Pedagógico é o órgão que eu considero - e se calhar não sou só eu – mais importante da escola)... é o órgão, numa escola, e mesmo que se privilegie a Assembleia;... para mim...o Conselho Pedagógico é o órgão mais importante e ponto final! E eu penso que, através do Conselho Pedagógico, devem passar – ou deve passar – tudo o que é pedagógico. Obviamente que os estágios na escola passam por aí! E..., embora eu ache que as coisas acabam por... - sobretudo uma vez que esta escola tem estas características de ser uma única, mas ter edifícios dificulta algumas coisas – sem dúvida nenhuma, até o convívio com os professores e com toda a comunidade, dificulta... - ... era mais fácil. E, por isso, eu acho que o impacto – ou que existe impacto – se calhar mais centrado... em cada edifício, embora eu depois, dependendo das actividades, possa... possa também... ser mais abrangente. E... eu acho que, embora isso possa sair e de alguma forma possa ter impacto, se as actividades e a influência daquilo que é feito aqui passar pelo Conselho Pedagógico, pode ser muito importante. E eu, desde a última vez que nós conversámos, fiquei a pensar como será importante – em próximos estágios e na continuação – isto passar por lá.

N – Sabe que da conversa que eu tive com a colega cooperante que teve estágios este ano e... com quem eu falei também, mais do que uma vez, sobre este assunto..., ela também, no fundo, vai muito ao encontro do que me está a dizer. Ela chegou-me a dizer olhe, sabe...eu realmente nunca tinha pensado nisso.. Nunca pensámos nisso!...

P.C.E. – Foi um alerta para nós ... que eu...foi, sim senhor! Pois... naquele dia, uma das perguntas que me fez – e tenho-a muito na cabeça – foi: E isto passa pelo pedagógico?

N – Sim e...

P.C.E. – Eu lembro-me de ter dito... olhe, é assim; já há tantos anos que isto está aqui instituído – que isto faz parte da cultura da escola – que não se estendeu..., não se alargou de outra forma... manteve-se a mesma postura... as mesmas...

Mas acho que faz algum sentido..., passar pelo Pedagógico... ou, pelo menos, o Pedagógico saber... quem é que está na escola, o que está a fazer e, depois, as estratégias ou o trabalho desenvolvido poder ter... digamos que... uma maior abrangência. E ser de um conhecimento alargado na escola. Porque, por exemplo, eu lembro-me que houve uma actividade de alguns estagiários que... chegou...,

naturalmente a toda a escola. Porque ela esteve relacionada... com... umas...umas indicações sobre árvores... uns alertas sobre... a árvore é um ser vivo... deve ser...

N – Este ano?

P.C.E. – Este ano. Não sei muito bem precisar... Sei que me chamou à atenção a mim... com certeza que chamou também à atenção dos miúdos e... de toda esta comunidade. E outras actividades que eles fizeram que eu me lembro perfeitamente deles terem feito... Até a participação deles no cortejo de Carnaval... lembro-me que, não só os da colega C mas outros, estiveram presentes, também se mascararam e deram muito apoio aos miúdos. Quer dizer, acabam, também, por fazer parte...

N – ... da comunidade?...

P.C.E. – Exactamente!

N – No fundo, eles acabam por estar aqui um 2º período inteiro, não é?

P.C.E. – É.

N – ...e ainda mais algum tempo! Eles chegam a estar aqui cerca de 4 meses.

P.C.E. – Alguns iam tão chorosos!...

N – Pois...

P.C.E. – ... Tão chorosos... Eles deram um suspiro aqui!... E era mesmo notória a emoção que eles levavam pelo facto de... e voltaram! Eles voltaram!... já estavam fora do seu estágio, mas lembro-me que, no passeio... na visita de estudo que todo o 1º ano fez, ao Jardim Zoológico... eles estiveram na sua grande maioria. Acho que só uma ou duas é que não puderam estar presentes, mas a grande maioria esteve e acompanhou os miúdos. E estiveram cá noutras ocasiões! Acho que... isto...isto é muito importante! É revelador de todo o empenho deles..., que estiveram aí...

N – Estava a falar... da questão do Conselho Pedagógico. E de... haver ... haver alguma preocupação no Pedagógico, haver um trabalho..., algo que se relacione com os estágios...

P.C.E. – Sim, pensei, para conhecer... Por um lado, para dar a conhecer e, por outro lado, se for caso disso, discutir em Pedagógico aquilo que está a ser feito e de que forma é que isso é importante para a escola inteira...

N – Porque, neste momento, esse conhecimento – em termos do órgão que é o Conselho Pedagógico – não existe?...

P.C.E. – Não senhor! Mas porque...

N – Alguma vez... em alguma das reuniões deste ano... Penso que tem assento no Conselho Pedagógico?

P.C.E. – Tenho. Não estive em todas mas, quando eu não estive, estive a E...

N – Nas reuniões em que estive, alguma vez se falou..., alguém... falou sobre algo que tivesse a ver com os estágios?

P.C.E. – Não me lembro. Eu não me lembro... mas, como lhe digo, ficou-me – na nossa primeira reunião – esse alerta! E fiquei a pensar que, nos próximos anos, e a começar já para este que vem aí...

N – Como é que acha que isso pode ser viabilizado? Como é que isso pode...

P.C.E. – Como é que eu acho?... Em primeiro lugar, dando a conhecer, no Conselho Pedagógico, do... dos professores cooperantes...e que estagiários estão na escola. E, depois, qual é o seu projecto.

Não é? Todos nós sabemos qual é o objectivo dos estagiários nas escolas, não é? Mas também sabemos que, ao longo dos tempos e tendo em conta o conhecimento e aquilo que se vai aprofundando, não é?... Como cada vez é mais importante a sua intervenção. E, se calhar, essa intervenção não é... não deve ser restrita à sala de aula... porque eles, quando saírem do seu estágio, quando partirem para o trabalho efectivo com a responsabilidade de uma turma, por exemplo,... não vão estar limitados à sua sala de aula, mas sim a uma realidade que é a escola. Obviamente, depois com... toda a especificidade que tem um trabalho com um grupo..., também da escola...

N – Porque é que pensa que é importante... haver estágios... que importância é que traz, para esta escola, de facto... Por exemplo, este ano, que importância lhe parece que teve a supervisão pedagógica de estágios, da formação inicial, aqui na escola? Quem é que ganhou com este processo?

P.C.E. – Eu acho que... que ganha toda a gente.

N – Estava agora a centrar... Estava a pensar em termos da profissão que eles vão...

P.C.E. – E penso que é importante quer para eles, que vão “abraçar uma profissão”, quer para a escola em geral... para a comunidade em geral, vão beneficiar... Porque é assim: por um lado, eles... pelo trabalho que desenvolvem, pelo apoio que têm do professor cooperante e até dos professores da *I.E.S.* pelas aprendizagens que fazem – que é uma “mais valia para eles” - ... mas, por outro lado, eu acho e sempre achei, mesmo quando eu tive estagiários,... achei sempre que era uma grande mais valia para nós.

N – Nós, ... cooperantes...?

P.C.E. – Sim, se, por um lado, nós temos a experiência adquirida... nós, professores cooperantes..., por outro lado, temos depois a «frescura» de gente nova, com novas ideias, com novas estratégias, com novas propostas... que, de alguma forma, são importantes para nós! É, no fundo, a renovação, não é? Porque... porque é assim: não podemos estagnar, não podemos fazer sempre mais do mesmo!... É importante adequar às realidades que nós temos... e... é verdade que, depois de quinze, vinte anos... vinte cinco e mais anos de serviço – que é, neste caso, o meu – e, por mais que nós nos tentemos actualizar, eu acho que..., a vinda dos estagiários, só pode ser uma mais valia para todos!

N – É também uma acção formativa para os professores cooperantes?

P.C.E. – É! Eu acho que se traduz num enriquecimento para o professor cooperante, naturalmente, para os estagiários e para os meninos (para o grupo-turma, não é?) e eles, depois... Digamos que são as interacções; no fundo é isto! Acho que é a palavra certa..., as interacções que se vão estabelecendo, que se vão criando ao longo do tempo... Não tenho dúvida nenhuma que aprendem os professores cooperantes, que aprendem os professores estagiários, que há um enriquecimento grande para os miúdos – para o grupo/turma – e até, se calhar, para os professores tutores. Acho que esta interacção toda é fundamental!

N – Esta escola...

P.C.E. – Se isto for depois alargado à escola..., acho que é uma mais valia, sem dúvida nenhuma! As estratégias que estão a desenvolver... e nós sabemos que isto, depois, depende muito se há professores que abrem as suas portas e que... estão muito receptivos àquilo que chega de novo - e isso é óptimo e eu espero que aconteça – portanto, dá uma grande margem aos professores, estagiários e aos tutores para poderem trabalhar. E..., felizmente, isso acontece muito nesta escola!

Às vezes, há uma «repousa» – um entrave – e, aí, é mais complicado...; mas eu acho que as pessoas acabam sempre por ceder... e, portanto, esta abertura só pode resultar e traduzir-se num trabalho muito enriquecido.

N – Portanto, coloca esta questão em termos de escola – já que começámos esta conversa por aqui - ... considera que... não seria difícil, através do Conselho Pedagógico, e seria vantajoso... que houvesse ali um momento de partilha, de formas de fazer, de actividades desenvolvidas, de trabalhos feitos com os alunos?...

P.C.E. – Acho. Acho... porque isso, depois, acaba por passar aos outros anos, não é? O Conselho Pedagógico tem a representatividade de..., do professor de cada ano; que é o coordenador de ano que, por sua vez, é o elemento fundamental nas reuniões de cada ano... É ele que passa a mensagem do Conselho Pedagógico para os grupos e vice-versa...

N – Portanto, há um representante de cada ano, em Pedagógico...

P.C.E. – ...Em Pedagógico. Que leva, por sua vez, às reuniões de ano toda a informação... que, entretanto, toda a informação e todos os assuntos, que foram discutidos em Pedagógico. Portanto, seria o veículo...; um veículo muito...muito facilitador para toda esta informação e todo este enriquecimento acontecer na escola toda.

N – Agora..., isso teria que estar formalizado. Portanto, tinha que haver essa intenção prévia, não é?

P.C.E. – Eu fiquei a pensar nisto... Eu fiquei a pensar desde a última vez que conversámos... e..., agora que se aproximou esta nova conversa..., este novo contacto, fui repensando muito isso. Acho que é, em conjunto, por exemplo, falar com as colegas do Executivo ou falar com as, com as colegas do Pedagógico, ver de que forma... porque é assim: temos alguma autonomia – para além daquilo que está estabelecido, através da legislação, que deve ser discutido, todos os normativos que vão chegando, etc. -, mas, além disso, a escola tem autonomia para, de acordo com as suas necessidades, discutir os assuntos que entender pertinentes. Portanto, eu acho que isso pode, perfeitamente, ficar agendado; pode-se, inclusivamente, pôr à consideração de todos e, quando se entender... importante e pertinente, dar a conhecer aquilo que está a ser feito...

N – Por exemplo, ... vamo-nos centrar neste ano que acaba de chegar ao fim, os estágios que estiveram aqui a decorrer..., pelo menos os desta instituição de formação – da *I.E.S.* -, eles estavam a estagiar em grupos do 1º ano. Só havia grupos do 1º ano com estágios...

P.C.E. – Sim.

N – Até que ponto... tem conhecimento se o que era realizado, em sala de aula, com os estagiários – previamente planificado com as professoras cooperantes e avaliado por elas – era, ou não, tema para uma reunião de conselho de ano? Sabe se isso aconteceu?

P.C.E. – Sei... quer dizer... Mas sei, no entanto, que, nomeadamente o 1º ano, ... houve reuniões mensais, e mais naquelas que faziam extraordinariamente, discutiam, sim, vários temas. E acredito que entre eles tivesse... - uma vez que grande parte do 1º ano tinha estágios - que estivessem também contempladas acções desenvolvidas nos mesmos. Eu..., por exemplo..., um dos trabalhos que veio a público, digamos assim, ... uma exposição que esteve aqui patente no nosso ginásio... estava realmente um espectáculo!

N – O das pinturas, dos meninos? O dos quadros?...

P.C.E. – Exactamente. Isso não passou despercebido... a ninguém, não é? Não passou despercebido a ninguém e, sobretudo, os miúdos viveram muito este trabalho – este e outros – e isso acabou por ter alguma importância! Eu não digo que não podia existir, da mesma forma, uma exposição desta natureza não havendo estagiários, mas sabemos perfeitamente que esse trabalho é sempre enriquecido com a presença de mais dois adultos... Adultos esses que se preparam para... abraçar uma carreira que é a carreira de professor! E portanto foi, de certeza. E foi, pelas conversas que eu fui tendo com as colegas, uma grande mais valia a presença deles porque houve trabalhos, e houve mais atenção que se foi dando a alunos, caso por caso, que um professor apenas não conseguiria fazer... e uma boa ajuda; portanto, mais dois elementos, que durante vários meses permaneceram na escola, veio naturalmente enriquecer o trabalho todo. Isso depois acaba por se traduzir e por chegar ao resto da escola! Esta exposição, aqui, foi caso disso...

N – Como é que vê a possibilidade..., e eventualmente reconhece a importância ou não, de os estagiários participarem, ainda que com o estatuto de observadores, não sei..., nessas reuniões de... conselho de ano? Por exemplo, este ano. Vários estagiários, parece-me que eram 4 grupos.. 5 grupos, portanto, são 10 estagiários pelo menos... até que ponto é que a presença deles, em reunião de Conselho de Ano onde estavam presentes as suas professoras cooperantes que abordavam, com certeza, assuntos relativos aos meninos com quem eles estavam a trabalhar, até que ponto é que isso poderia ser viável e se seria, ou não, importante?

P.C.E. – Eu acho que é viável e acho que é importante. Voltamos sempre à minha “tecla” que é a mesma... As interações, as sugestões, a participação de cada um – cada um, professor titular de turma ou professor estagiário - ..., penso que só podem ser importantes. Viável e importante! Viável é! Não vejo, se eles são professores estagiários, se acompanham o grupo, se planificam com o professor titular de turma,... não vejo porque não poderão, não direi em todas, mas naquelas que sejam mais significativas, participar... Até porque, mesmo que as reuniões não sejam só de carácter pedagógico, porque há reuniões onde tem também de se discutir...

N – ... assuntos de carácter mais administrativo, burocrático...

P.C.E. – Isso... a legislação que chega, as formas de..., as alterações que devem ocorrer com base nesses normativos...; eu penso que só podem ajudar porque eles vão sair daqui – quanto melhor e maior for a informação, quanto mais conhecimento tiverem da legislação..., da forma como devem agir,... melhor! Porque é assim: quanto maior for o enriquecimento deles e a preparação, em melhores condições eles estarão depois no terreno, não é? Portanto, tudo aquilo que seja... que tenha a ver com a escola no seu todo, como organização, pode ser uma aprendizagem importante para eles...

N – O estágio... parece-me que, pelo menos este ano é a sensação que eu tenho, centrou-se muito na sala de aula, não é? Até que ponto é que estes jovens futuros professores poderiam, também, ter uma outra acção na escola? Para além daquela.... porque os professores, na escola, não têm só a responsabilidade da sua turma, dos seus meninos, têm também outras funções, trabalhos a fazer... Até que ponto é que estes estagiários também poderiam estar, eventualmente, integrados em actividades de carácter mais abrangente? Que ultrapasse as paredes de sala de aula... não sei se isso faria sentido...

P.C.E. – Acho que faz...; desde que eles estejam disponíveis e que queiram colaborar, acho que não há ninguém que impeça... – não há ninguém que impeça... Se nós os queremos profissionais activos, competentes, interventivos; então tem de se lhes “abrir as portas” e de se lhes dar oportunidade de participarem em tudo! Seja numa biblioteca, por exemplo... Nós temos aqui uma biblioteca..., porque não darem o seu contributo, saberem qual é o funcionamento da mesma e, caso tenham... Eu acho é que eles têm a sua agenda muito preenchida mas..., eu acho que têm. Porque têm de conciliar o estágio aqui com os seminários, com trabalhos... mas, caso seja viável e possa estar contemplado no seu horário, até tem mesmo razão de ser... Estamos aqui mesmo ao lado da biblioteca... um espaço onde eles poderiam – para além da sala de aula e da sua intervenção na mesma – ... cá fora também!... Isto é um espaço privilegiado para isso! Em que eles podiam... A nossa biblioteca pretende... – às vezes os recursos humanos não permitem – ser um espaço aberto às requisições, às pesquisas, às animações... e, portanto, eles podiam, perfeitamente, ter o seu espaço, mas ... tempo é preciso que ... haja oportunidade tendo em conta os “afazeres” na *I.E.S* – para poder intervir e colaborar no trabalho aqui desenvolvido... Eu achava isso muito importante!

N – Conforme já disse, foi professora cooperante e nós também..., e..., enquanto temos estagiários a trabalharem com os nossos alunos, passamos a ter, para além da preocupação com as crianças, passamos a ter, também, preocupação com o trabalho que os estagiários desenvolvem com as crianças.... Agora... Falámos muito sobre os estagiários, nas aprendizagens que eles poderiam obter ao estar presentes num conselho de ano, por exemplo... e... como é que vê esta questão dos estágios e reporto-me, mais uma vez, a esta situação em que nesta escola, este ano, havia 5 professores do 1º ano que receberam estágios..., e que passaram, com certeza, algumas fases com ansiedades, expectativas relativas ao mesmo, que..., enfim, em reunião de conselho de ano, essa situação de supervisão de estágio terá sido um ponto de reflexão?

P.C.E. – Eu não direi que na reunião de ano ... Não sei se aconteceu..., mas acredito que acontecesse, pelo menos, num grupo mais restrito em que...

N – ... um grupo mais restrito quer dizer entre as professoras cooperantes que, informalmente...

P.C.E. – ... Exactamente! E fossem, realmente, discutindo... os problemas que iam tendo, as preocupações... mas também, ao mesmo tempo, as alegrias e as partilhas que iam tendo... “os ganhos” – digamos assim – que iam adquirindo... Eu lembro-me, perfeitamente, de ter falado com uma das colegas quando vi alguns trabalhos de estudo..., as pesquisas... – e estamos a falar de meninos de 1º ano - ... ; e ela disse-me, claramente que – eu até lhe disse: ai que saudades de trabalhos tão bonitos! Tanto trabalho aqui!... – e ela disse-me, claramente, isto só foi possível..., estes meus objectivos só se concretizaram, porque tive comigo mais duas pessoas, durante o tempo suficiente, para o conseguir. Porque, quando foi preciso dar apoio – e trata-se de uma colega com... pelo menos duas crianças a precisar de um apoio redobrado, mais atenções...portanto, tem duas crianças nessa situação...

N – Com necessidades educativas especiais, é isso?

P.C.E. – Sim. E ela disse... – e bem especiais – ... e ela disse-me que foi fundamental a presença dos estagiários para, realmente, conseguir concretizar algumas das actividades e, portanto, atingir objectivos que tinha em mente...

N – Na outra conversa que tivemos, dizia que ia tendo conhecimento daquilo que ia acontecendo no estágio... dessa tal forma, em conversas como agora diz...

P.C.E. – ... e as idas à turma, também... Eu, nessa conversa, também disse que quando me apercebi...; porque o feedback relativamente às leituras deles e aos progressos, chegou-me através da biblioteca... Inclusivamente, eu cheguei a estar na biblioteca e os meninos aparecerem e, com todo o “à-vontade”, a querer ler e a discutir... , e a escolher... Eu apercebi-me disso! Portanto..., a colega que estava lá – e que está – disse-me que era uma alegria e que, aqueles meninos do 1º ano, eram um encanto! Eram um encanto!... Eu fiquei tão entusiasmada que fui, sala a sala, dizer-lhes que estava muito contente...

N – Não está a centrar isso numa turma?!... Nas várias turmas em que tiveram estagiários isso acontecia...; era isso?

P.C.E. – Sim, sim, sim!

N – E foi turma a turma?!...

P.C.E. – Foi engraçado... - foi uma vez uma pequenina conversa... - eles referenciavam sempre os professores estagiários em primeiro lugar!...

N – As crianças?

P.C.E. – Exactamente!... Então, vocês estão muito contentes, é verdade... mas não aprenderam sozinhos... Tiveram ajudas, não é? Quem é que vos ajudou? Quem é que... Portanto, as referências primeiras eram sempre os professores estagiários... e, depois, era o professor da turma...; porque, se calhar, de alguma forma alguns foram-se identificando mais, ou estando mais próximos ou... não sei..., talvez por serem mais jovens..., não sei... É por isso que não podemos chegar aos 65 anos a trabalhar! Eles querem gente mais nova! (risos) E..., talvez por isso, não sei muito bem, se calhar era importante perceber...ou não era..., não sei! Sei que... eles referenciavam, em primeiro lugar, os professores estagiários!...

N – ...Os estagiários... Então..., de que forma é que, este ano, acompanhou este estágio? Foi assim, nesta...

P.C.E. – Foi, foi... Primeiro, porque me sinto sempre um bocadinho responsável... porque sou eu que incentivo as pessoas..., às vezes, há algum receio... Neste caso, este ano, houve uma colega que disse *Eu quero* e, depois, as outras estavam com algumas indecisões – não porque não quisessem, até porque são pessoas que estão habituadas a ter estagiários, mas por ser um 1ºano...em que há sempre uma fase de adaptação para todos... Os meninos do 1º ano requerem mais atenções, sobretudo inicialmente... Mas, depois, houve assim... uma adesão boa! Eu sinto-me sempre muito responsável! E sempre, sempre, eu vou perguntando como é que se sentem..., falo com os estagiários e pergunto como é que eles se sentem na escola..., falo com os colegas e pergunto se aquele... se o trabalho que está a ser feito é um trabalho produtivo, se estão contentes..., se está a ajudar...

N – Qual é o balanço que faz deste ano que acaba de terminar?

P.C.E. – É muito positivo!... Muito positivo... Muito, muito positivo! E, nalguns casos, isso foi... foi muito visível até a mim! E nas actividades, por exemplo, no espaço do Polivalente, do ginásio..., às vezes, eu passava – porque, infelizmente, é também um espaço de passagem e, por menos que queiramos incomodar, acabamos sempre por passar – e detinha-me ali, às vezes... e isso parecia que

estava assim “descuidada”, sem nada para fazer, mas isso também era uma forma de... Primeiro gosto de perceber os comportamentos dos meninos noutras situações...porque eu conheço a grande maioria deles aqui, no refeitório... às vezes, conhece-os na sala de aula e sei dos seus problemas... , depois, também gosto de saber qual é a sua reacção numa ou outra actividade que, neste caso, era a Educação Física, nos jogos, e..., portanto, gosto de perceber isso!... Às vezes, até questiono as colegas relativamente ao comportamento dos meninos aqui ou na sala... Estou aqui muitas horas; gosto de saber... E..., relativamente aos estagiários, eu também fazia a mesma coisa..., apreciava o trabalho deles, a forma como lidavam com os meninos... Eu acho que, de uma forma geral, como perguntava, o balanço é muito positivo... e acho que passou por aqui, este ano, gente que promete muito! Muito mesmo!

N – E os professores cooperantes que, este ano, receberam...que foram cooperantes, que estiveram a trabalhar com estágios; qual é o feedback que eles lhe deram do trabalho que foi desenvolvido com os futuros professores?

P.C.E. – De uma forma geral, bom. De uma forma geral, bom.

N – Eles costumam “passar-lhe” angústias, problemas..., felicidade, alegrias...?

P.C.E. – Sim!... Eu penso que, a certa altura, eles até os protegem, está a ver?! Estou a pensar, por exemplo, nas visitas de estudo... Como é que é com as visitas de estudo... é assim, temos sempre um grande problema: por um lado, é importante que eles vão – porque é importante o acompanhamento deles – e, por outro lado, é bom... que eles acompanhem noutra situação para conhecerem os miúdos e, enfim..., para irem aprendendo a saber estar também nestas situações..., nestas ocasiões. Mas, depois, temos sempre um grave problema porque, sobretudo quando são viagens do grande grupo (todo o 1ºano), é assim... os meios são poucos e temos sempre o problema de pagamentos, não é? Como é que vai ser?... Podem... imagine que, para 30 meninos ou 40 meninos, só entra um adulto ou dois... como é que é? E, portanto, eles, os cooperantes... têm sempre o cuidado de os proteger..., são estudantes, não têm os seus vencimentos, às vezes, são jovens até com algumas dificuldades. E, portanto, “abeiram-se” de nós no sentido de ver qual é a melhor forma deles não serem prejudicados mas, também, de poderem acompanhar; que, para nós, é óptimo!... Porque, normalmente, as escolas não têm meios..., recursos humanos, e, portanto, é sempre importante! Eu digo sempre nós depois vamos ver a forma como é que isto se vai resolver..., eles não vão ser prejudicados, nem os meninos, nem os colegas porque a ida deles é fundamental! Mas, por aí... protegem-nos, preocupam-se com eles...; é isso mesmo: o termo correcto é a protecção! E vêem-nos um pouco, cada um, o seu grupo, quase..., não como alunos porque eles já estão noutra situação, mas são como um professor... tutor...; um professor que os protege..., que os ajuda. Que os encaminha...

N - ... Falou em professor tutor... Como é que sente... qual é o seu sentir do acompanhamento das equipas de tutoria da Escola Superior de Educação aos alunos estagiários e aos professores cooperantes?

P.C.E. - Os professores... tutores... O meu sentimento é assim: desde sempre, mesmo quando eu tive alunos, tenho sentido em crescendo um apoio muito bom! E uma preocupação... Este ano até achei interessante porque, não só... o professor tutor mas também outros professores daquela turma –

porque há outras disciplinas, outras cadeiras que são leccionadas por diferentes professores - , e achei muito interessante que eles viessem aperceber-se das realidades. Achei... inclusivamente os seminários, alguns realizados aqui na escola – acho que é importante, neste espaço... e julgo, do que me é dado perceber, que é um acompanhamento, pelo menos, muito melhor do que aquele que nós sentimos por parte de outras instituições particulares! Isso, eu disse sempre! Foi o que eu senti...

N - Já o tinha referido na outra conversa que tivemos...

P.C.E. - Já... já tinha dito na outra vez... E..., acho que a *I.E.S* é, se calhar, a instituição mais preocupada e mais atenta...; mais protectora, digamos assim..., dos seus meninos.

N - Eu acho que, à medida que fomos conversando, fomos... falando das várias situações que eu tinha previstas realmente... para esta entrevista. Deixe-me só verificar aqui... mas eu acho que..., mais ou menos, falámos já... Nunca estive presente em nenhum desses seminários, que referiu há pouco?

P.C.E. - Não... Nunca estive presente....; nem eu nunca pensei nisso, nunca fui solicitada e, este ano, foi também para mim um ano particularmente difícil e, portanto, como há pouco disse, não consegui estar sempre presente no Conselho Pedagógico..., exactamente por essa razão...

N - Também já falámos que, em Conselho Pedagógico, este ano, não estive essa situação contemplada e que poderá realmente vir a estar...

P.C.E. - É... Levantou uma questão que eu acho muito importante e que, para o ano, vou, pelo menos, despoletá-la. Vou falar com as pessoas...

N - Vocês, este ano, têm um novo... um Projecto Educativo recente....

P.C.E. - Temos! Temos... E um Projecto Curricular de Escola em curso, portanto, a ser elaborado...

N - Pois... Eu, com uma das colegas com quem falei, ela disse-me exactamente isso, que está o Projecto Curricular em curso. Também já verifiquei que no Projecto Educativo não está contemplada, expressa, esta situação de..., esta escola, receber os estágios e de ter professores aqui que estão envolvidos em supervisão pedagógica... Estando a dizer que vai, provavelmente já este ano, abordar esta questão em Pedagógico...

P.C.E. - Sim, sim, sim!

N - O facto de isso estar expresso, de estar contemplado, de estar formalizado no Projecto Educativo, no Projecto Curricular de Escola... poderá ajudar, de facto, a potenciar esta vertente?

P.C.E. - Acho... não quer dizer que...

N - Intencionalizá-lo, está a ver?...

P.C.E. - Estou...e acho que, pelo menos isso, é assim: achei sempre importante, tanto que fui cooperante e foi uma experiência muito rica para mim, acho que aprendi muito, muito, muito com os estagiários... Portanto, e isso... isso é prova de como eu valorizo a entrada de outras pessoas na sala de aula e, portanto, todas as interações que se vão criando,... todo aquele percurso é importante... Portanto, valorizo isso! Mas, de facto, nunca pensei e, por isso, estamos sempre a aprender e sempre a reflectir, acho que devemos ser muito reflexivos e depois, da reflexão, deve vir a intervenção e acção, portanto.... fiquei muito desperta, depois da nossa conversa..., e acho que se isto não estiver só na cabeça das pessoas ou seja,... se estiver na prática, se isto estiver contemplado em

documentos importantes da escola, traduz-se depois... Não sei se é dar outra importância..., mas, pelo menos, nunca ficará no esquecimento!

N - E que papel poderia ter a *I.E.S.* ... Acha que poderia aqui desempenhar, também, em termos de escola, para além da sua preocupação centrada nos estagiários, poderia haver aqui uma outra vertente assumida?...

P.C.E. - Acho! Acho! Acho que pode... Inclusivamente, a *I.E.S.* é muito solicitada para... as formações, a formação contínua e continuada, e, portanto, eu acho que... seria uma boa forma... Eu acho que já é! Mas..., digamos que podiam reforçar-se estes laços institucionais e podia haver um enriquecimento maior, não apenas para os estagiários e para os professores cooperantes, mas para todo o corpo docente da escola. Acho que só podia enriquecer... porque a *I.E.S.* é, por excelência, uma escola formadora, não só para formação inicial, como também para formação contínua.

N - Esta escola tem, recorde-me, quantos professores a leccionar?

P.C.E. - Trinta e oito.

N - Este ano esteve com 38...

P.C.E. - Vai continuar e não podemos ter mais! Digamos que não temos capacidade...

N - ... Para mais professores.

P.C.E. - Para mais professores...

N - Destes 38 houve 5, este ano, que estiveram com estágios de 4ºano...

P.C.E. - Já tivemos mais...muito, muito, muito mais gente...

N - Pois...muito mais gente... Portanto, houve aqui 4 professores directamente envolvidos. Considera que os outros colegas têm alguma ideia... de eventuais inovações de sala de aula? De formas de fazer, de reacções dos alunos, de aprendizagens...

P.C.E. - Eu acho que isso, neste caso, tratou-se só de 1º ano. Mas eu acho que, com este objectivo de passar formas de trabalhar, estratégias, inovações..., pois, exactamente as estratégias não só as estratégias para trabalhar com o grupo em geral, mas como aquelas específicas para situações que requerem maiores atenções, que requerem necessidades e cuidados especiais,... portanto, com esse objectivo... Este ano, realmente foi só para o 1ºano... Eu não tenho dúvidas nenhuma, mas não tenho mesmo, que, no grupo, se discutissem modos, estratégias, inovações... Claro que, se calhar, ficou mais limitado, não quer dizer que não tivesse passado, é evidente que pode passar sempre, mas ao grupo de ano porque, realmente, se tratava só de 1ºano. Mas não tenho dúvida que se isso passar para outros... que isso se torna num enriquecimento muito maior e numa passagem... porque, por menos que nós queiramos inovar ou mudar, já há muito tempo que nós falamos que as mudanças são sempre muito difíceis... e os professores, e não só os professores, todos somos muito... muito...ajude-me...

N - Resistentes à mudança?...

P.C.E. - Sim..., é um pouco isso. Todos temos alguma dificuldade em mudar porque não sabemos o que vamos encontrar... Portanto, há alguma estabilidade, “o tapete está direitinho”..., não sabemos quando é que nos tiram tudo.... Portanto, temos alguma resistência, era isso..., alguma resistência à mudança! Mas, eu penso que, lentamente, as pessoas chegam à conclusão que é inevitável! A mudança tem que vir...

N - E nestas questões quando nós partilhamos a informação de como aconteceu..., é mais fácil nós acreditarmos que aquela maneira de fazer, que aquela forma...afinal é viável...

P.C.E. - E acho que há sempre quem, pelo menos, experimente... Depois, existem sempre... há aquela fase de círculos, círculos..., mas a pessoa chega à conclusão que realmente não pode deixar de existir a mudança... Porque..., se as mudanças são significativas, se o que nós temos... se os meninos que nós temos na escola não são mais os meninos que tínhamos anteriormente, se há uma grande diversidade, se há uma série de factores que se foram alterando...; naturalmente, que a nossa função também tem de ser diferente, portanto, também tem que haver mudanças, tem que haver alterações! E, por mais resistente que se seja – temos sempre essa dificuldade -, todos nós queremos fazer o nosso melhor, todos nós queremos o sucesso..., o nosso sucesso é o sucesso dos nossos alunos...; como tal, vamos todos tentando mudar. Se... uns com mais facilidade do que outros, como em tudo na vida ... se, portanto, houver este tipo de discussão...

N - Esta partilha de experiências...

P.C.E. - ... e se formos falando das coisas de uma forma mais abrangente, se reflectirmos juntas, de certeza que isso tem reflexos, tem impacto e que... se vão depois traduzir em alterações significativas e, portanto, podemos nós pensar que sejam para a melhoria da nossa escola, do nosso ensino, não é?

N - Para terminarmos, acha que a escola, esta escola, sai enriquecida pelo facto de ter... de continuar a “abrir as suas portas” e ... a ter “procura”, é uma das mais procuradas, não é, é sempre procurada...

P.C.E. - Todos os anos temos tido estágios e eu fico muito contente! Fico sempre muito contente! Porque sinto isso como no tempo em que eu os recebia na minha sala de aula... uma mais valia...

N - Vale a pena continuar a investir?

P.C.E. - Eu acho que sim! Sem dúvida nenhuma... porque há-de sempre haver professores interessados... E eu até lhes costumo dizer que têm a obrigação... Nós temos a obrigação! De “abrir as portas”... Primeiro porque, se estes jovens não passarem por estágios, não passarem por algumas experiências, ser-lhes-á muito mais difícil, depois, a sua integração. Depois, por outro lado, também a escola ganha com a vinda deles por causa de tudo aquilo que nós falámos...pelas interações que se vão estabelecendo, pelas inovações que eles vão trazendo, pelas coisas novas, pelas estratégias...Enfim, o enriquecimento que a escola lhes dá e o enriquecimento de cada um em particular, de cada um estagiário e de cada um cooperante! É importante e é bastante significativo para a escola!

N - A qualidade educativa desta escola desenvolve-se, cresce, eventualmente com esta... com esta participação dos estágios?

P.C.E. - Também! Também..., sem dúvida nenhuma... Também, também... Eu cresci muito, enriqueci-me muito, ficaram até saudades da relação que se foi estabelecendo... Eu aprendi muito, muito, muito!... Foi das experiências mais ricas que eu tive! E acho que toda a gente aprende e são...

N - E nessa altura aprendeu com os estagiários e aprendeu também algo com... o professor tutor dos estagiários, eventualmente?

P.C.E. - Sim, sim! Sim, aprendi “sim senhor”! Aprendi... Houve muita... houve muitas estratégias... e houve... muitas coisas novas de se fazer e de saber-fazer que eles trouxeram...

N - A reflexão...

P.C.E. - Houve mesmo esta troca... eu aprendi com eles e eles aprenderam comigo, sem dúvida nenhuma...

N - Isso, realmente, é o ponto de partida para continuar a “abrir a porta desta escola”....

P.C.E. -... Aprendemos uns com os outros...

N – Agora terminámos mesmo. Muito obrigada!...

P.C.E. – De nada!...

N – A sua ajuda foi preciosa!

ENTREVISTA À TUTORA (PROFESSORA COORDENADORA DA EQUIPA DE TUTORIA)

- **Data de Realização:** 6 de Abril
- **Hora de Início:** 19:07 H
- **Tempo de Duração:** 21 minutos + 4 minutos
- **Local de Realização:** Em casa da professora tutora que nos recebeu muito simpática e atenciosamente, tendo-nos convidado para partilhar o jantar. Já conversáramos informalmente várias vezes sobre o processo de estágio a acontecer na escola MA, tendo obtido a sua autorização e total abertura para estarmos presentes em diversas situações do estágio das alunas que colaboraram connosco para este estudo, como por exemplo os seminários. Apesar de a problemática e os objectivos do nosso estudo já lhe serem familiares, recordámos o âmbito e os objectivos do mesmo antes de iniciarmos a entrevista propriamente dita. Solicitámos autorização para a gravação áudio e assumimos o compromisso do anonimato do testemunho e da disponibilização da transcrição da entrevista de forma a poder fazer os cortes e/ou ajustes que viesse a considerar necessários.

N – Primeiro que tudo, porquê esta escola? Por que razão é procurada para receber alunos da formação inicial em situação de estágio?

T – Portanto, esta escola não é de agora. Há muitos anos que de facto, neste caso a *IES*, tem relação com a escola *MA*. Mesmo anteriormente a mim, outros colegas meus já lá tinham estado. Portanto, eu devo ter chegado à escola já na sequência de outros colegas meus que lá estiveram a acompanhar estágios ... para aí, sei lá, nos anos 93, 94, não sei bem, mas é por essa altura. Aquilo que me motiva ou que motivou a ir para a escola *MA* na qualidade de professora tutora, é sempre o que me motivou a ir para uma outra qualquer escola. Porque a selecção de escolas cooperantes, dado não haver por parte da *IES* uma política de formação, ou antes de selecção de centros de estágios, claramente definida, leva a que os contratos com as escolas sejam feitos num registo meramente individual. A *IES* não tem no seu projecto educativo, no seu projecto formativo, não tem contratos com as escolas tais, tais e tais no sentido de isto e aquilo e aqueloutro. Portanto, fica ao critério, tem ficado sempre, desde que eu me conheço como tutora, tem ficado sempre ao critério de cada tutor, e entende-se por tutor o responsável por uma turma, por um grupo de alunos em prática pedagógica, a escolha das escolas e naturalmente dos professores cooperantes. No meu caso particular, aquilo que sempre me preocupou, ou antes, que eu sempre privilegiei, porque outros colegas meus privilegiam outras coisas, alguns privilegiam a distância entre a *IES* e a escola, para mim aquilo que eu sempre privilegiei ao longo destes anos todos foi o conhecimento das pessoas-professores; o conhecimento ou as referências da sua competência profissional, ou se quiser o modo como estão na profissão e como se disponibilizam a partilhar as suas práticas connosco, estagiários e formadores. A escolha resulta, digamos, do reconhecimento da competência pedagógica dos meus colegas professores do ensino básico. E assim, a forma que eu tenho sempre de chegar às escolas, a todas as escolas, é através de um ou outro professor cooperante que eu conheço...

N – Que lhe serve como referência...

T – Que me serve como referência e em quem confio no sentido de encontrar nessa mesma escola outras pessoas com o seu perfil. E portanto, quando eu chego à escola *MA*, quando eu chego, eu conheço nessa altura a *MJ* e portanto é por essa via que eu lá chego. Porque a conheço, porque ela é professora do meu tempo em que eu sou professora ainda na escola do 1º ciclo, porque sei a evolução que ela teve, porque eu lhe reconheço competência profissional e é através dela que pergunto «e vê se na escola me encontras pessoas que possam fazer este tipo de trabalho». Acresce ainda depois que na escola *MA* estão desde há uns tempos colocados uma série de professores de quem eu tive o grato prazer e a felicidade de ter sido professora no CESE de supervisão. E, portanto, é outra entrada possível. Ou, são pessoas que eu conheço, ou são meus ex-alunos em quem eu confio, meus alunos quer da formação inicial ou outra. E portanto, a minha chegada à escola é por esta via e é sempre desta forma.

N – Mesmo depois de, ao longo destes anos ter lá vários estágios a funcionar. Quer dizer, digamos que isso aconteceu no início, quando chegou, mas...

T – É sempre.

N – É sempre... Então a escola não é procurada enquanto escola, mas é procurada pelas pessoas que trabalham na escola...

N – Exactamente. Claro que a certa altura, e neste caso concreto e actualmente continuo a ter lá a *PC*, temos um Conselho Executivo que é extremamente aberto, que nos abre as portas. Quando precisamos de alguma coisa, é lá que batemos ou porque há alunos Erasmus, ou porque há primeiros anos, ou porque há alguém que quer conhecer a escola, ou porque não sei o quê, é portanto um Conselho Executivo bastante aberto e disponível e por outro lado tem lá um conjunto de pessoas que efectivamente ao longo destes anos todos já fomos construindo uma linguagem, já fomos construindo referências e portanto são pessoas que merecem uma credibilidade muitíssimo grande. Mas também é verdade que naquela escola, muitos e muitos professores cooperantes já o deixaram de ser. E este ano, isto é, isto é delicado eu dizer, mas de facto, à medida que nós vamos trabalhando numa escola e à medida que vamos conhecendo, também nos vão sendo dados argumentos e conhecimento que nos faz dizer que, com estas pessoas, eu não quero...

N – Trabalhar mais...

T – Eu não quero trabalhar mais. Pronto, isto é muito delicado, naturalmente. São situações...

N – Voltando à abordagem. Eu sei que existe um protocolo entre...

N – O protocolo é institucional e regulamenta só questões de natureza genérica. Sei lá, recebe os alunos, a escola cooperante encarrega-se enfim de tomar uma série de medidas que facilitem quer a entrada dos alunos, quer dos professores da *IES*, disponibilizar documentos, etc., etc.. Por outro lado a *IES* compromete-se a muito pouco, diria eu, que é no fundo só servir como recurso, servir eventualmente para situações de cursos de formação contínua, de formação especializada... e efectivamente no caso de *MA* há dois anos a esta parte nós propusemos mesmo desenvolver lá um conjunto de acções de formação contínua, lá...

N – Na escola...

N – Na escola, sim. E efectivamente não tivemos adesão. As pessoas... fora dos cooperantes, quer dizer, para além dos cooperantes. Chegámos a combinar com a *PCE* exactamente isso e ela achou a

ideia ótima e nós queríamos, neste caso era eu e a I, e nós queríamos, tínhamos lá estágios as duas, e nós queríamos ter aberto uma oficina de formação às horas que as pessoas quisessem, mas não...

N – Os vossos objectivos para esta formação estavam de alguma forma ligados à prática pedagógica dos alunos da formação inicial?

T – O nosso objectivo é sempre o mesmo: melhorar a qualidade das práticas: reflectir com as pessoas e procurar avanços a partir do que cada um é capaz, do que já realiza, quer... porque isto da formação tem que ser sentida, desejada, tem de corresponder a uma vontade das pessoas. Penso cada vez mais que, nos processos de supervisão em que me envolvo, a aprendizagem dos nossos alunos é tanto maior e autêntica quanto maior for o envolvimento dos professores cooperantes, quanto mais convergentes forem as acções dos tutores e dos professores cooperantes, quanto mais diálogo e partilha existirem. De facto esta escola tinha possibilidades de se transformar num grande centro de formação, eu acho que tinha condições para isso. É uma escola grande, com...

N – Com o corpo docente mais ou menos estável...

N – Exactamente e portanto há algumas coisas que são realizadas pelos alunos estagiários durante a sua prática que poderiam ter mais visibilidade na escola e serem acções despoletadoras das mudanças de algumas práticas, que julgo ser um aspecto bem pertinente na escola em questão. Quer dizer, estou-me a lembrar no ano lectivo passado, estavam lá quatro grupos de alunos, quatro a estagiarem em primeiros anos, de facto num registo enfim muito pouco preparado, mas entre eles, entre os quatro grupos, houve algumas iniciativas interseturmas. Estou-me a lembrar de uma exposição...

N – Exposição...

N – Isso, de uma exposição de pintura que foi realizada no ginásio. Foi cuidada, foi organizada, foram convidados professores, portanto, quer dizer que aquela exposição de pintura, aquela ou outras coisas que se pudessem fazer, podia ser o rastilho para outros professores, porque havia mais professores com o primeiro ano, havia outros professores. Quer dizer, se este tipo de coisas fosse incentivado, e eu e a I era isso que propúnhamos, era partir de realizações dos estagiários, dando visibilidade junto dos outros professores, e, acima de tudo, reflectir com eles o significado disto.

N – Considera que, durante estes anos que tem acompanhado estágios naquela escola, tem havido algum impacto no trabalho dos professores no que respeita às práticas? Acha que o facto de esta escola receber todos os anos alunos da formação inicial que, à partida, trazem algumas sugestões e ideias de trabalho pedagógico com as crianças diferente e muito acompanhado pela IES, que isso possa ter tido algum impacto nesta escola?

N – Não acredito. Não acredito mesmo nada. Quer dizer, aqui há uns anos a esta parte, eu tive essas ilusões... acho que quis acreditar que ajudámos pessoas sem estagiários a evoluírem profissionalmente. Agora, de todo não acredito. Mesmo com alguns professores com quem trabalhamos que enquanto dura o estágio, as pessoas ficam muito satisfeitas com as dinâmicas e as mudanças na organização do sistema de aprendizagem das crianças e dizem que vão continuar essa acção. Acaba o estágio, voltamos no ano seguinte e nada foi alterado Da mesma forma que não se muda por decreto. Também não se muda por se ter visto fazer isto ou aquilo... as mudanças correspondem a vontades e convicções internas às pessoas e não a meros factores externos. Quer

dizer, eu neste momento trabalho com três excelentes profissionais na escola *MA*: a *F*, a *O* e a *H*. Não tenho dúvidas nenhuma, são três excelentes profissionais. Claro que, claro está que através dos nossos alunos e quando estamos juntos a pensar sobre as coisas, claro que todos aprendemos imenso, os alunos ... os tutores e admito que qualquer uma delas aprenda também. E podemos sempre melhorar esta ou aquela dinâmica, o funcionamento disto ou daquilo, claro. Mas eu acho que a aprendizagem da profissão, ou antes, as profissionais que elas são, não é por via da colaboração da *IES*. Não é fundamentalmente por isso. Porque se fosse assim, outros colegas, alguns desses que ainda lá estão e outros que já lá não estão, também teriam continuado e...

N – E desistiram.

T – E desistiram.

N – Portanto aquela ideia de eventualmente aquela ideia de esta ou outra escola, mas estamos a falar nesta, se poder constituir como um centro...

T – Pois, eu acho muito difícil. Quer dizer, não acho impossível e talvez futuramente, futuramente como as coisas estão neste momento...

N – Tendo em conta esta nova dinâmica em termos de autonomia das escolas, de haver órgãos de gestão nas escolas, como o Conselho Pedagógico, e de haver um conjunto de documentos da escola, como o projecto educativo, ou como o projecto curricular de escola e numa escola que tem este trabalho tão próximo com vários professores especialistas da *IES*, como é que vê a possibilidade de esta situação de estágio estar prevista em reuniões e nesses documentos? Em termos das próprias crianças e é isto sempre que os professores e a própria professora cooperante me diz, é que todo o trabalho que faz é sempre em prol de melhoria em termos da sua prática com as crianças porque receber estágios ajuda-a a potenciar muita coisa em que ela acredita. Até que ponto é que o facto de os estágios estarem formalmente previstos numa escola em que existe esta colaboração com a *IES* poderia potenciar-se a prática pedagógica destes professores que trabalham nesta escola?

T – É assim, eu acho que a médio prazo, toda a orientação normativa que se configura na formação de professores é para aí que tende. Isto é, no fundo, quer o Ministério de Educação, o maior empregador dos professores, quer o Ministério do Ensino Superior, toda a regulamentação, todos os normativos, toda a filosofia, que vem no sentido da formação de professores, é de fazer protocolos não meramente administrativos, mas de formação contínua de todos os professores dos agrupamentos. O agrupamento é a unidade digamos organizacional do terreno que, no entender quer do Ministério de Educação, quer do Ministério do Ensino Superior, deverá acolher quer os futuros professores, em termos da sua formação inicial, portanto os estagiários, quer digamos as dinâmicas ou as potencialidades que as instituições de formação têm relativamente quer à formação inicial, e por isso colocam lá os alunos, quer à formação contínua. Isto é, eu acho que a médio prazo se vai caminhar para se fazer protocolos não do tipo dos que a *IES* tem feito até agora, que fez no ano passado e que ainda fez este ano, para uma coisa destas. Portanto, através do conselho pedagógico, isto é, deve ser uma preocupação dos conselhos executivos e da Assembleia de Agrupamento e no final, do Conselho Pedagógico, inscrever no apelo à autoformação, inscrever digamos como ponto estratégico de intervenção, inscrever a formação dos professores de todos os níveis de ensino, portanto, para o ensino básico naturalmente. E de contar com a instituição escola ou universidade,

neste caso a *IES* que vai ser integrada rapidamente na Universidade de Lisboa e portanto uma escola universitária que se responsabiliza. Digamos, e eu agora, e eu agora nem nunca tinha pensado nisto, porque de facto apesar de pensar que um estágio se faz numa sala de aula e que uma sala de aula fica numa escola, de facto as características que eu privilegio é a formação dos estagiários para trabalharem com as crianças e depois o trabalho com a escola deriva do trabalho que se faz com as crianças... (toca o telemóvel) E agora, peço desculpa, tenho que interromper.

N – Por favor, não tem importância.

(Atendimento do telefone e deslocação para a cozinha onde a professora tutora prepara um magnífico arroz de feijão e pataniscas de bacalhau com que, alguns minutos depois, nos deliciámos. Enquanto cozinha, vai conversando connosco, mas não registámos em gravação todos os seus comentários desde o início pedindo-lhe a partir de determinada altura autorização para o voltarmos a fazer, dada a relevância que as suas opiniões poderiam vir a ter para o nosso estudo.)

N – Estava-me a dizer que...

T – Quando nós propusemos agora os planos de estudo, estes novos planos de estudo... uma das coisas que tinha que ir anexo era ... o Ministério só acredita os cursos se tiverem um corpo docente com determinadas características, se tiverem um conjunto de protocolos de agrupamentos de escolas que recebam os eventuais estágios...

N – Então, parece-me que já estamos a caminhar eventualmente para esta questão de o protocolo já não ser só o professor tutor que individualmente contacta professores, mas isso vai responsabilizá-los muito mais...

T – Vai responsabilizar a escola superior de educação, vai atribuir e, quer dizer, e isso é o que os meus colegas dizem na escola é assim, isto era bom, isto é bom porque isto é uma forma de nós nos comprometermos com a formação daquelas pessoas e portanto no sentido de após a formação dessas pessoas virem a receber os nossos alunos, isto é, estarem preparados para receberem os nossos alunos.

N – Então está a falar também em formação no âmbito da supervisão...

T – Em termos de supervisão. Portanto, os contratos, os protocolos que agora estabelecemos assim à pressão ou em cima do acontecimento foi dizer ao agrupamento X, Y, Z, àquelas pessoas que nós já conhecemos, neste caso a *L*, por exemplo, visto que assinam logo o protocolo...

N – Então já começaram esse tipo de abordagem para o próximo ano lectivo?

N – Não é só para um ano lectivo. É para um horizonte muito mais alargado, porque não são contratos de um ano. Bom, isto é muito complicado e delicado, porque esse decreto prevê, por exemplo, que os contratos não são feitos já com um professor. Além do agrupamento, que eu tivesse comprometido X pessoas daquela escola por exemplo daquele agrupamento a terem cooperantes durante não sei quanto tempo. Comprometendo-se a *IES*, esse é o grande ... (Toca a campainha.) Já aí vem o meu rapaz... (dirige-se à porta e continua a falar) comprometendo-se a *IES* a formar ou a ajudar a preparar esses professores.

(Chega o filho da professora tutora e demos aqui por terminada esta entrevista. Deliciámo-nos com o jantar. Muito, muito obrigada!)

ANEXO III

QUADROS DE ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DAS ENTREVISTAS (QUESTÕES E INFERÊNCIAS)

PRIMEIRA ANÁLISE À PRIMEIRA ENTREVISTA DAS ESTAGIÁRIAS

ENTREVISTA (transcrição integral)	INFERÊNCIAS / QUESTÕES
<p>N - Nesta primeira conversa, e eu espero ter pelo menos mais uma convosco, e é uma conversa que eu gostaria de ter tido convosco antes da interrupção do Natal, portanto no fim do período de observação e antes do início da vossa intervenção... Mas isso também não me foi possível a mim, porque eu atrasei-me na entrega do meu projecto de tese e entretanto estávamos em férias e eu não tinha o vosso contacto e mesmo que o tivesse também não tinha esse direito, de vos interromper as férias. Sendo assim, ▲ <u>esta conversa tem a ver com as expectativas que vocês colocam neste estágio e que balanço é que vocês fazem das vossas semanas de observação aqui na escola e em que medida é que isso foi importante. Basicamente é este o conteúdo da nossa conversa: que expectativas, o que, para que foram as semanas de observação, com quem é que vocês estão a pensar poder contar para vos apoiar.</u></p> <p>E1 - Posso responder?</p> <p>E2 - Sim.</p> <p>E1 – <u>Principalmente as primeiras semanas serviram para ♠ <u>conhecer não só a turma, as características da turma</u>, essencialmente isso, porque só assim é que conseguimos <u>ter a noção do meio onde estamos a trabalhar, as estratégias que temos de utilizar e tudo mais...</u></u></p> <p>E2 - O ambiente...</p> <p>E1 - O ambiente... <u>tudo isso veio reflectir-se agora nas nossas planificações</u> porque isso só dessa forma é que conseguimos desenvolver os procedimentos para a planificação e também <u>conhecer a metodologia utilizada pela professora</u>. Portanto, cada método de trabalho, cada planificação, requer uma planificação, a sua planificação. E este método tem a sua <u>planificação específica que é para o ensino global</u>.</p> <p>N - Está a referir-se ao ensino da linguagem escrita.</p> <p>E1 - Sim, à leitura e à escrita.</p>	<p>▲ Nesta “introdução”, estabelece-se um contacto, uma relação com as estagiárias, dando-se a conhecer o tema e os objectivos da entrevista, optando-se por colocar uma questão global.</p> <p>♠ Prática Pedagógica: conhecimento de um mundo real. Importância atribuída ao período de observação na turma → conhecimento da turma, do meio, das estratégias adoptadas e a adoptar; influência no projecto de intervenção a conceber; conhecimento da metodologia utilizada pela professora cooperante, sobretudo a que respeita ao ensino global da linguagem escrita.</p> <p>planificação metodologia</p>

<p>N - Muito bem.</p> <p>E1 - Expectativas, ... ♦ <u>o aproveitamento deste estágio em relação ao futuro.</u> É a última oportunidade que nós temos de observar alguém, portanto <u>que nos poderá dar algumas bases para o futuro profissional</u> e... é de salientar que <u>foi a primeira vez que observei este método de trabalho.</u> Portanto, <u>até agora, tenho estado noutras realidades e neste momento vim para uma com um método de trabalho que eu nunca tinha...</u></p> <p>E2 - ☆ <u>E uma realidade também diferente... a escola também é diferente das... das que nós conhecíamos...</u></p> <p>E1 - Bom, acho que respondi a tudo...</p> <p>E2 - As expectativas é ... ♪ <u>é o nosso último ano... é um estágio, é complicado, é complicado, é muito extenso, é três meses.</u> No ano passado foi só uma semana. Se calhar devia ser ...</p> <p>E1 - Mais progressivamente...</p> <p>E2 - ♪ <u>Sim, progressivamente... é que no ano passado foi só uma semana e este ano já são seis semanas.</u> Seis semanas cada uma, ou seja, dá doze semanas. É passar de um mês, é um bocado complicado nesse aspecto. ♣ <u>Mas eu, com a ajuda da professora, e dos outros professores acho que vai ser importante...</u></p> <p>N - Estas semanas de observação na turma, as que já passaram e as que estão a acontecer, já que há uma sempre em observação, em que medida é que isso é importante? É importante observar quem a fazer o quê? O que é que é importante? Para o vosso futuro profissional, qual é a importância deste estágio?</p> <p>E1 - Tem um papel essencial que é a última oportunidade de ♪ <u>mostrar aquilo que valemos.</u> Portanto, nós até agora é só uma semana e o que é uma semana? Uma semana não dá quase para nada. Portanto é a primeira e a grande oportunidade que nós temos de dar algo e a última enquanto alunas. Quer dizer é a primeira e última. A turma serve-nos... a caracterização da turma para que é que serve? Primeiro para ☺ <u>termos a noção de quais são as crianças que têm dificuldades, quais são os alunos que estão em situação intermédia e quais são os bons quer dizer os alunos que já se destacam a nível positivo. Porquê? Porque para os alunos que têm dificuldades temos que desenvolver um tipo de actividades, para os intermédios outras e para os bons outras. Não os podemos obrigar a recuar ...</u></p> <p>E2 - A estar no mesmo ritmo, a fazer as mesmas coisas</p> <p>E1 - É desenvolver os que estão num patamar mais elevado, quer</p>	<p>♦ Prática pedagógica: Primeiro grande passo para a vida profissional. Expectativas criadas para este estágio → fazer aprendizagens importantes para a futura vida profissional, algumas das quais relativas a uma metodologia do ensino da linguagem escrita. Dá conta de já ter abordado outras metodologias.</p> <p>☆ Referência à realidade da escola <i>M.A.</i> e às diferenças de contexto; noção de que está a acontecer uma transição ecológica. Uma realidade distinta, ainda que a seguir as estagiárias revelem já terem estado anteriormente nesta escola.</p> <p>♪ Importância atribuída ao estágio. Preocupação com a carga, o peso de um estágio final do seu curso de Formação Inicial; defesa de uma perspectiva, em termos de tempo de estágios, mais progressiva. Ver orientações para formação inicial.</p> <p>♣ Primeira referência à equipa de suporte ao estágio: a professora cooperante e a equipa de tutoria, expectando a sua ajuda.</p> <p>♪ Importância do estágio para as alunas: mostrar o que já são capazes de fazer – talvez mostrar aos outros e a si mesmas o que aprenderam ao longo do curso. No fundo pode significar que considera que já fizeram aprendizagens importantes. – a teoria e a prática.</p> <p>☺ Importância do período de observação: conhecimento dos alunos</p>
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

dizer, é não fazer tudo igual...

N - E essa ideia, esse sentir, resulta destas semanas de estágio em observação?

E1 - Eu acho que sim, porque eu até agora, ☉ até agora eu só tinha percebido a nível da diferenciação pedagógica eu apenas fazia referência às crianças com dificuldades. Nunca tinha pensado para as que têm as grandes... quer dizer que se destacam de uma forma positiva...

E2 - E só quando começámos a dar as aulas a semana passada e esta semana é que deu para perceber. Nós entregávamos coisas para os alunos e depois para os mais avançados depois aquilo ... já está..

E1 - Portanto ☺ já sabemos que ao longo destas semanas temos que criar actividades adequadas ao ritmo deles e ao nível de aprendizagem.

N - E qual é o papel da professora cooperante?

E1 - Uma está à frente e as outras duas estão atrás. (sorrisos e risos) Portanto, não está ninguém, não está ninguém...

E2 - Não está ninguém parado, ninguém a ...observamo-nos no fundo todas umas às outras, mas ninguém está parado. ☼ Há uma responsável pela aula, que fala e diz as coisas, e as outras duas estão a colaborar com ela, ou seja, estão a ajudá-la. Ou seja, eu acho que é importante, está a ser agora nesta primeira fase. Principalmente no momento de estudo autónomo. Somos três, dividimo-nos e vamos ajudar os meninos que têm mais dificuldade. E acho que eles assim estão a... estão a conseguir progredir na aprendizagem. Há meninos que não conseguiam quase ler e agora quando estamos ao pé deles já começam a ler ...

E1 - São coisas que depois no no nosso futuro profissional nós sabemos que...que é só uma dentro da sala. Isto é possível porque somos três e já que somos três temos que aproveitar essa, essa oportunidade. ☽ Quando eu for professora, isto vai ter que ser de uma forma mais lenta. Quer dizer, nós somos do 1º ano e somos três a acompanhar o tempo de estudo autónomo e...

E2 - Não é nada fácil. Não é nada fácil.

E1 - Numa semana eles já perceberam o que é que se pretende, numa semana. Enquanto que se for só um professor, este processo pode demorar um mês, um mês e mais alguma coisa.

E2 - Mas agora se pudermos ajudar, com a nossa ajuda, não é?

N - E qual é o papel dos professores da I.E.S.?

E2 - ➤ É ajudar-nos nas actividades, nas actividades de português,

da turma que possibilite um trabalho mais adequado e diferenciado.

☉ Consciencialização, nova aprendizagem, feita em primeira instância no período de observação e aprofundada nos primeiros momentos de intervenção, de actuação. – da observação à acção.

☺ Diferenciação pedagógica: adequar o trabalho ao ritmo e ao nível dos alunos.

☼ A cooperação e colaboração entre as estagiárias e a cooperante em situação de sala de aula, havendo a preocupação essencial de apoiar, ajudar as crianças, “andaimar”, mais e melhor do que se fosse só uma pessoa.

Parece que a 1ª função aqui da professora cooperante é sentida como ajuda não só para as próprias estagiárias, mas para estas sempre em função dos meninos.

☽ Antevisão de prováveis dificuldades.

de matemática. Mostramos imensas coisas. Acha que está bem, que não está bem, o que é que podíamos fazer... perguntamos a opinião deles.

E1 - Perguntamos, > é principalmente perguntarmos nas actividades em que sentimos mais dificuldades. Quer dizer, naquelas em que não sentimos dificuldades não, mas quer dizer perguntamos... ♦ Mas (risos)

E2 - Nós ainda não falámos (risos)

E1 - Nós ainda não falámos, porquê? Porque nós falamos muito com a professora cooperante e a professora cooperante...

E2 - Nós mostramos as coisas à professora cooperante e a professora cooperante diz que sim ou então muda...

E1 - Nós estamos naquela que quando nós realmente sentirmos dificuldades, recorreremos então aos professores.

E2 - Primeiro aqui com a professora cooperante e depois lá.

E1 - Quer dizer, * se nós aqui não conseguirmos visualizar bem a actividade, vamos procurar mais apoio. Aquilo que acontece neste momento, falo por mim, uma vez que isto são actividades que se fazem para o dia a seguir e é muita coisa para se fazer, são as planificações, são as actividades, são os materiais, são os alunos,...

E2 - Como é o método global e fazemos o texto é apresentado à segunda-feira e terça-feira já temos que trazer actividades, * não dá para sairmos daqui fazer actividades e ainda ir à I.E.S. falar com os professores... se os professores viessem cá ... e estivessem mais disponíveis era uma coisa. Agora, nós temos que sair das aulas à uma, ter que ir para casa, ir ter que fazer as actividades para o dia a seguir. Ou ir, ir à I.E.S., estar lá uma tarde toda e depois as actividades... é muito tempo.

E1 - É que depois ficamos lá uma tarde, é uma tarde e depois nem sempre os professores estão lá àquela hora.

E2 - Há pouco, quando falaram no vosso período de observação, corriam-me se estiver errada, vocês referiram que foi muito importante para conhecerem a turma.

E2 - ☺ Conhecer a turma e conhecer a professora. Conhecer a maneira como ela falava com os alunos, as actividades...

E1 - Percepcionámos essencialmente qual, quais as acções que se desenvolviam nesta sala para darmos seguimento e não chegarmos aqui e não utilizarmos uma metodologia completamente diferente, não termos a noção de conhecermos os alunos, onde estamos ...

E2 - ☺ É conhecer a turma e é conhecer a professora também.

> A função da equipa de tutoria: ajuda na proposta de actividades; apoio e opinião sobre materiais construídos

♦ A função da professora cooperante parece aqui assumir um espaço de grande relevância; é a primeira referência de apoio. É o conhecimento que detém do grupo de crianças, a proximidade, a vivência, o fazer parte do processo, o estar lá sempre.

* A Instituição de Ensino Superior e a equipa de tutoria surgem, com valor/esclarecimento acrescentado sobre o apoio da professora cooperante, em situações específicas e, talvez, de carácter mais especializado.

* A dificuldade encontrada para haver uma procura mais sistemática do apoio da equipa de tutoria e de esta, por sua vez, os procurar mais: a disponibilidade temporal

{Como terá sido gerido este factor ao longo das semanas seguintes de formação? Em que situações mais específicas é que as estagiários procuraram a equipa ou que esta as procurou a elas?}

<p>E1 - Exactamente. <u>O contexto, sim o contexto.</u></p> <p>N - De que forma é que foram recebidas nesta escola quando chegaram? Estou a falar em termos de escola.</p> <p>E2 - Nós já não é a primeira vez que cá estamos.</p> <p>N - Ah! Já não é a primeira vez?!</p> <p>E2 - Não, não, mas o que eu noto é que * a directora é uma pessoa espectacular. Sempre que nos encontra em qualquer parte aí da escola, fala-nos, pergunta-nos se estamos boas, se precisamos de alguma coisa. Enquanto que ... no ano passado, no colégio mal víamos a directora e quando víamos a directora passava por nós e a directora nem sabia quem é que nós éramos e aqui não.</p> <p>N - Portanto, foram bem recebidas.</p> <p>E1 e E2 - Ah, sim, sim.</p> <p>N - Portanto são bem recebidas pela presidente do Conselho executivo. E o resto da equipa? Os outros professores da escola? Têm algum contacto com eles?</p> <p>E2 - * <u>Só com as professoras cooperantes que estão com os nossos colegas. Com os outros professores não... não...</u></p> <p>N - Têm um menor conhecimento...</p> <p>E2 - Sim, sim.</p> <p>N - E que conhecimento têm vocês do funcionamento desta escola?</p> <p>✂ (Um pouco de silêncio)</p> <p>E2 - ✂ <u>Do funcionamento desta escola</u> (olha para a sua colega interrogativamente)?...</p> <p>N - Têm alguma noção de como os professores aqui funcionam? Em termos de trabalho...</p> <p>E1 - ✂ <u>Isso não, não temos conhecimento do funcionamento...</u></p> <p>N - Ou seja, vocês para o ano, vamos supor e esperemos que sim, vão ter uma turma numa escola e vão ter colegas com quem vão também precisar de funcionar. Têm alguma ideia do que há numa escola, como por exemplo esta, para fazermos com os nossos pares?</p> <p>E2 - <u>Talvez um pouco ao nível do primeiro ano... têm reuniões...</u></p> <p>E1 - Basicamente o que se passa o que se nesta sala parece que é mais ou menos o que se passa nas outras salas do 1º ano...</p> <p>E2 - É. Os professores reúnem. <u>Os do primeiro ano reúnem, falam do método que estão a dar... Quer dizer trabalham em conjunto...</u></p> <p>E1 - Agora, não temos uma grande ideia porque quer dizer estamos a estagiar e não há tanta troca de informação...</p> <p>N - Agora, uma pergunta sem rodeios, muito directa (sorrisos): o que é que vocês já aprenderam nesta primeira parte deste estágio?</p>	<p>☺ Importância do período de observação: conhecimento dos alunos e do funcionamento da professora cooperante de forma a darem continuidade ao trabalho já iniciado.</p> <p>* A recepção atenciosa e calorosa feita pela escola, na pessoa da presidente do conselho executivo.</p> <p>* As estagiárias apresentam conhecer apenas as outras três professoras cooperantes da escola em cujas turmas os colegas se encontram a trabalhar.</p> <p>✂ As estagiárias mostram não ter praticamente qualquer conhecimento do funcionamento organizacional da escola. têm a percepção da existência de reuniões de professores. Manifestam um conhecimento muito ténue da existência de reuniões de professores ao nível do ano de escolaridade no qual se encontram a estagiar.</p>
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

(As duas estagiárias olham uma para a outra)

E1 e E2 - ◆ Já aprendemos a trabalhar o método global (risos)...

E2 - O método global é o essencial: já aprendemos a trabalhar o método global.

N - E vale a pena? O que é que vos parece?

E2 - Eu acho que dá para fazer muitas actividades lúdicas com os alunos...

E1 - Mais criativas...

E2 - Mais criativas... O método tradicional é mais, é tudo ao mesmo tempo, é todos em conjunto, é muito “a tia dá o dado...” é tudo e eles aqui não. ◆ Trazem as vivências deles aqui para dentro da sala e formam os textos, as palavras, ah trabalham ... parece que são eles que ... a dar a volta ... são eles que fazem as palavras, eles é que fazem as frases, eles é que fazem os textos... acho que é mais motivador para eles. Por isso é que eles ficam todos contentes, “ah, é o meu texto; sou eu a ler o meu texto; é o meu texto”...

E1 - Não são meros pregadores, não é?

E2 - É.

E1 - Eu também acho.

N - Em relação ao vosso curso, vocês têm várias disciplinas e também têm esta: Intervenção Educativa. É assim que se designa não é verdade?

E1 e E2 - Sim, sim.

N - Qual é o papel desta Intervenção Educativa no vosso curso? Vocês há pouco até diziam que é muito tempo...

E1 e E2 - Não, não...

E2 - Nós não dissemos que era muito tempo...

E1 - Não era muito tempo. Foi muito tempo durante quatro anos..

E2 - Do terceiro para o quarto ano acho que deviam ter, por exemplo ♪ no ano passado devíamos ter dado se calhar um mês de aulas e não uma semana e não uma semana só para agora não ser assim, devia ter sido mais tempo...

E1 - Esta é a disciplina que ... fundamental do nosso curso, quer dizer...

N - Considera-la assim?...

E1 - Considero.

N - Porquê?

E1 - Considero porque é aqui que nós aprendemos. Porque é aqui que estamos em interacção com os alunos...

E2 - Esta é que vai ser a nossa futura profissão.

Será que ao longo das semanas de intervenção as estagiárias têm algum conhecimento mais objectivo do funcionamento e da intenção dessas reuniões? Será que participaram em alguma? Será que consideram importante esses momentos, ou, no caso de não terem existido, será que lhe atribuem alguma importância em termos de aprendizagem?

◆ As estagiárias identificam como aprendizagem o trabalho com crianças através de uma metodologia do ensino/aprendizagem da leitura e escrita e transmitem entusiasticamente essa aprendizagem de saber-fazer.

<p>E1 - Acho que estes quatro anos tinham-se resumido se calhar a três, ou a dois...</p> <p>E2 - Ou a dois (sorrisos)...</p> <p>N - Se...</p> <p>E1 - Se tivesse havido <u>mais tempo de intervenção</u>...</p> <p>E2 - Foi importante... Nos primeiros anos foi importante, mas eram aquelas visitas em que... umas horas, duas horas...</p> <p>E1 - Eram só visitas e nós... quer dizer...</p> <p>N - Não era uma observação continuada...</p> <p>E1 - Eu penso assim, se realmente eu me tivesse enganado..., por acaso, pensando-se, ♥ <u>se eu achasse que não era este o meu curso...</u></p> <p><u>Primeiro para achar que este era o meu curso eu tinha que ter, verme perante uma turma.</u> E eu só me apercebi disso quando estive perante uma turma então <u>uma pessoa se estiver à espera desse momento só chega a esse momento para aí no 3º ano...</u></p> <p>E2 - No 2º ano deste um dia de aulas, um dia de aulas...</p> <p>E1 - Mas não é um dia que faz diferença. Por exemplo, eu ao fim destes quatro anos ... estar perante uma turma que não se vê se...</p> <p>E2 - Mas se calhar também não estávamos preparadas...</p> <p>E1 - Mas só no 4º ano é que te apercebes disso...</p> <p>E2 - Não sei...</p> <p>E1 - Quer dizer, tiveste preparação teórica.</p> <p>E2 - Siim...</p> <p>E1 - E muitas disciplinas, muitas disciplinas na minha opinião, se calhar...</p> <p>E2 - Eram desnecessárias.</p> <p>E1 - Não fizeram nenhum sentido. E <u>se calhar esse tempo poderia ser utilizado de outra forma.</u> É esta a minha maneira de ver as coisas.</p> <p>N - Como é que então a teoria entra aqui neste momento, nesta Intervenção Educativa? Neste momento de estágio? Que importância tem essa parte teórica?</p> <p>E2 - Tem, tem.</p> <p>E1 - Tem, tem. ♦ <u>Aprendemos as bases.</u> Aprendemos basicamente. <u>Aprendemos a parte teórica do que se entendia por Tempo de Trabalho Autónomo, por este método, por método global e também por outro tipo de métodos para também termos outra noção do que é que se faz em outro tipo de trabalho...</u></p> <p>E2 - <u>Da diferenciação pedagógica.</u></p> <p>E1 - Da diferenciação pedagógica, quer dizer <u>as bases para aquilo</u></p>	<p>♪ As estagiárias referem novamente o tempo de Intervenção Educativa neste 4º ano e a discrepância com os anteriores. Consideram esta disciplina muito importante no currículo do curso, em termos de aprendizagem, pelo que defendem que deveria ser contemplada com mais tempo ao longo dos quatro anos.</p> <p>Para a Prof. Tutora: <i>Considera que o tempo de Intervenção Educativa, que apela sobretudo à prática, à aprendizagem prática, ainda que sustentada na teoria, poderia estar organizada de uma forma diferente neste curso de Formação Inicial com vista, logicamente, a uma aprendizagem mais profícua nestes futuros professores?</i></p> <p>♥ Ser professor é gostar, é amar a sua profissão...</p>
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

que estamos aqui a viver.

N - Está bem. Muito obrigada por esta conversa, pela vossa disponibilidade. ... Conversámos sobre os assuntos que eu no início vos disse que tinha contemplado. Se quiserem acrescentar alguma coisa...

E1 e E2 - (Olham-se e acenam a cabeça em sinal negativo)

N – Então, só mesmo para acabar, uma última pergunta: com quem é que vocês acham, neste momento, com quem é que vocês acham que estão a aprender?

E1 (de imediato) - ☼ Com todos.

E2 - Estamos a aprender com a professora cooperante, sem dúvida.

Eu estou a aprender com ela e se calhar ela está a aprender comigo.

Eu estou a aprender com os alunos. Os alunos estão a aprender connosco. Nós também aprendemos com eles... não são só eles connosco. Acho que estamos todos a aprender. Se calhar até a professora cooperante está a aprender (risos).

E1 - Se calhar...

E2 - Se calhar até está, se calhar... (risos de novo)

N - Eu há pouco registei que ... uma de vocês disse “é a última oportunidade que, é a última oportunidade que não sei quê”. Será?! Acham que sim?

E1 e E2 - (risos)

E1 - No papel de estágio, de estagiárias espero bem que...

E1 e E2 - (risos de novo)

N - Vamos ser positivas... Se no próximo ano vocês tiverem colocação numa escola...

E1 - (de imediato) Vamos ter que observar...

E2 - Mas não vamos lá ficar sentadas a observar, ● vamos ter que intervir e observar...

E1 - Mas vou ter que fazer uma observação num meio que não é o meu. Quer dizer, quando nós tivermos a nossa turma temos que observar também o nosso meio... no fundo este não é o nosso meio. Nós não somos as grandes responsáveis pela turma. A responsabilidade está dividida. Mas se houver algum problema quem é que ... quem assume é a professora cooperante.

N - Está muito bem. Só uma pergunta final como não podia deixar de ser: estão a gostar?

E1 e E2 - Estamos.

E1 - Estamos. Estamos cansadas ... (risos)

N - Está bem. Muito obrigada mais uma vez. E então mais para o

♪ Novamente referência ao tempo de Intervenção Educativa e à importância atribuída à Prática Pedagógica.

◆ A importância da aprendizagem/fundamentação teórica

☼ As estagiárias revelam que, neste processo, todos os envolvidos estão a aprender, até mesmo a professora cooperante, ainda que esta, na sua óptica, seja a que tem maior saberes adquiridos, sendo, no momento, a sua maior referência.

final do vosso estágio nós voltamos a falar outra vez, se vocês não se importarem e tiverem paciência para falar um bocadinho comigo.

E1 e E2 - (risos)

E1 - Nós até nem gostamos nada de falar... (risos)

N - Então depois retomaremos esta conversa e estes e novos assuntos. Muito obrigada.

● **Projeção:** precisar de saber observar e intervir em simultâneo.

PRIMEIRA ANÁLISE À SEGUNDA ENTREVISTA DAS ESTAGIÁRIAS

ENTREVISTA (transcrição integral)	INFERÊNCIAS / QUESTÕES
<p>N – Mais uma vez obrigada pela vossa colaboração... Estivemos a conversar um bocadinho antes para nos situarmos, novamente, no trabalho que estou a pretender fazer... e gostaria, para começar, de retomar a primeira conversa que nós tivemos. Na altura, vocês diziam que se prendiam, no estágio, com o seu aproveitamento em relação ao futuro. O que eu vos quero perguntar é: concretizaram-se ou não, estas expectativas? Que contributo estas semanas de estágio, nesta escola, poderá ter, no vosso futuro, como professoras?</p> <p>E2 - Queres começar tu? Podes começar....</p> <p>E1 - Posso começar?... Eu acho que sim, que ♠ <u>correspondeu bastante às nossas expectativas. Essencialmente, não só a nível profissional como a nível pessoal. Deu-nos, também, muita carga (como é que eu hei-de dizer...) de maturidade... a mim, essencialmente, força e segurança para continuar agora... Para iniciar esta nova fase!</u></p> <p>N - Portanto, este estágio foi importante. Tu consideras, em particular, que te deu maturidade; maturidade para?...</p> <p>E1 - ♦ <u>Para me relacionar com as crianças (é necessário maturidade), é necessária, também, muita preparação em relação a muitas respostas que têm que se dar em certas situações... Porquê?... , porque é necessário uma experiência de vida diferente daquela a que estávamos habituadas até então... E, também, maturidade a nível profissional relacionada com conteúdos já que nós nunca tínhamos estado num 1º ano; deparámo-nos com situações diferentes daquelas que tínhamos vivido até então.</u></p> <p>N - Em termos de aprendizagens específicas, quais as que considera ter feito?</p> <p>E2 - Eu aprendi muito em termos de trabalho; ☆ <u>do que é estar a trabalhar numa escola. Que tipo de trabalho é que temos de desenvolver com os alunos... Uma coisa é nós estarmos aqui na escola e aprender a teoria, outra coisa é estar “lá” e adequar os trabalhos aos diferentes ritmos que existem na sala de aula. Acho que isso nos deu uma “grande bagagem” este ano porque estivemos 3 meses a trabalhar para aqueles meninos, com ritmos diferentes, coisa que só tínhamos ouvido em teoria!... E é muito diferente nós estarmos lá e, em casa, fazermos as actividades para cada menino e</u></p>	<p>Nesta “introdução”, estabelece-se um contacto, uma relação com a professora cooperante, recordando-lhe o tema e os objectivos da entrevista, optando-se por colocar uma questão global, aberta de forma a que ela expresse as suas vivências, ideias e opiniões livremente.</p> <p>♠ A estagiária dá conta de concretização de expectativas, identificando como ganhos a aquisição de maturidade, força e segurança, referindo-se às dimensões pessoal e profissional.</p> <p>♦ Explicita que a maturidade (aprender a agir) que adquiriu se revela essencialmente no relacionamento com as crianças e nas respostas situadas que há necessidade de dar em contexto de sala de aula, assim como maturidade, diríamos crescimento e aumento de saberes no que respeita aos conteúdos e estratégias curriculares (didáctica).</p> <p>☆ Referência à escola, mas parece-nos que se poderia aqui substituir por sala de aula, já que é aqui que a estagiária centra o seu discurso. Entende este processo como uma mais valia, uma complementaridade em relação às aprendizagens «teóricas» realizadas na Instituição Superior de Formação, agora complementadas e</p>

pensar em todos! Isso enriqueceu-nos bastante a nós! Conseguimos, mesmo, ver como é a realidade! Porque a diferenciação pedagógica é muito bonito estar a ler em livros mas, numa sala de aula, é diferente, não é?!... E acho que isso enriqueceu-nos bastante.

Tínhamos “lá” diferentes ritmos, tínhamos meninos com necessidades educativas especiais (nunca tínhamos tido no nosso estágio). Foi bom, no nosso último ano de estágio, ter dois meninos com NEE’s; ver que tipo de trabalho é possível fazer com eles..., ver como é que os outros trabalham com eles, porque não somos só nós (é também, a psicóloga, a professora de apoio...); o trabalho que há entre nós todos.

E1 - Há ainda outra coisa que eu queria frisar: isto da diferenciação pedagógica, até então, eu, quando ouvia falar de diferenciação pedagógica, tinha só a ideia dos meninos que se situavam num “nível mais atrasado de desenvolvimento”... não tinha a percepção dos alunos que estavam “além de”... Também deu para definir bem, perceber bem, este conceito de diferenciação pedagógica.

N - Portanto, no estágio, no fundo, houve alguma apreensão de conhecimento. Vocês, concretizaram muito aquilo que teoricamente tinham já alguma ideia...; depois, em termos de prática, tiveram a possibilidade de o “pôr a render”...

E2 - Contactar com a realidade, mesmo....

N - Eu estive convosco na primeira reunião que estiveram com a professora cooperante; em que ela vos ia transmitindo o tipo de trabalho que fazia com os alunos, a dinâmica da turma, a continuidade que gostava que fosse dada... Na altura, era dito que iria haver planificações semana a semana, reflexões semana a semana, avaliação semana a semana... Como é que isso se procedeu? Como é que foi? Que importância é que teve?

(risos de ambas as entrevistadas)

E2 - Foi difícil!... ♪ A professora C. sempre nos apoiou em termos da planificação. Mas é assim... ♣ uma das coisas que aprendemos nos seminários é que: os professores tutores e a professora cooperante...acho que, devia haver uma reunião com os professores, com a professora cooperante e connosco para que a professora cooperante, que é a pessoa que conhece melhor a turma, poder falar com os professores tutores...porque nós andámos aqui, ao princípio, um pouco: a professora cooperante dizia-nos uma coisa para a planificação (no seguimento que ela queria dar) e depois os professores tutores, que não conheciam a turma, já iam por “outros

enriquecida com a prática levada a cabo ao longo de três meses. Referência, portanto, à articulação teoria/prática


Diferenciação pedagógica

♪ Primeira referência ao papel da professora cooperante – apoio na planificação

♣ Emerge a ideia de uma fragilidade no processo de supervisão de estágio e uma sugestão para a ultrapassar. Parece ter a ver com alguma dificuldade na concertação dos vários actores implicados, sendo que a estagiária está a valorizar a professora cooperante já que é ela a responsável pelo grupo de crianças e que já

caminhos “...e, nós, andámos aqui... um pouco confusas....; até que “acertámos os pontos” e falámos com a professora cooperante – que é quem melhor conhece os alunos, que sabe o ritmo dos alunos – e “desligámo-nos” um pouco dos professores tutores., mas sempre a ouvir a opinião deles, e começámos trabalhar mesmo com a professora cooperante e, foi a partir daí, que demos um grande “salto”..., que as coisas começaram a correr muito bem, mesmo!...

N - Esse momento a que se está a referir, como é que isso aconteceu...quando fala, a partir daí, parece-me que o que houve foi uma mudança estratégica...


E2 - Foi um reunião que nós tivemos, em que... – foi uma reunião com a professora T – nós dissemos-lhe que estávamos a fazer coisas... que já não nos faziam sentido. E, quando não faz sentido para nós, muito menos para os alunos; não adianta estar a fazer uma coisa que não nos faz sentido a nós!  Então, nós, a professora cooperante e a professora T, tivemos todas uma reunião e decidimos começar a pôr sentido nas coisas... Porque...,tipo, a matemática eram actividades soltas, que não estavam ligadas...e não queríamos isso! Achámos que os meninos não estavam a aprender, nem nós! E então, a partir desse momento, as coisas começaram a fazer sentido para todos...e depois correu tudo muito bem... Acho que devia haver um “acerto”... Essas reflexões e... é trabalho feito desde o início mas com um só...especial para nós... a partir desse momento é que, houve essa reunião, esse “acerto” de linguagens e de quem é que fala o quê..., quem é que diz o quê...

E1 - ☺ Acho que os professores tutores podem-nos ajudar mas..., quando não têm a percepção do contexto em que nós estamos a actuar,... também nos podem dar “um sinal” para algumas actividades, mas essas actividades podem não fazer sentido naquele mesmo contexto...Podem fazer sentido noutra contexto, mas naquele podem não funcionar... E nós tivemos que desenvolver actividades que fizessem sentido naquele contexto. Só para tirar dúvidas é que nós recorremos mais aos tutores das disciplinas...

N - Então,... Qual é a importância que a professora cooperante desempenhou, aqui, no vosso estágio e, que papel tiveram os professores da Escola Superior de Educação?

E2 - ● Eu acho que o papel mais importante foi, sem dúvida, o da professora cooperante. Acho que foi..., para além de estar a trabalhar connosco,... era... apoiava-nos em tudo... havia uma relação connosco e com a professora cooperante que não existe com

adoptou um determinado modelo de actuação ao qual carece acima de tudo ser dada continuidade ainda que valorizado na medida do possível com o contributo de todos.

 O facto de ter havido uma reunião conjunta entre estagiárias, professora cooperante e professora tutora (coordenadora da equipa de tutoria) parece ter conduzido a uma mudança de atitudes que pode ter sido determinante tanto para os alunos (crianças) como para as estagiárias e, em geral, para este processo de supervisão da prática pedagógica

☺ A importância dos professores da Instituição Superior de Formação afirma-se como uma ajuda suplementar à que é feita pela professora cooperante, ficando isso a dever-se ao facto de ser esta a conhecer o contexto, a estar no mesmo “plano ecológico”, o grupo de crianças, conhecimento que para os tutores é menos real, menos situado.

● O papel da professora cooperante continua a ser explicitado como fundamental para a concretização da prática pedagógica, transparecendo que as aprendizagens se fizeram

os outros professores tutores, porque os outros professores são de todos, não é? E, muitas vezes, nós queremos o apoio deles e eles não estavam cá ou estavam com outro grupo... e, depois, à hora que nos podiam atender, nós já não podíamos... é um pouco confuso... então, a única pessoa que estava sempre connosco era a professora cooperante e..., foi a partir daí, acho que, tanto eu como a Inês dissemos Não, é assim...chega! Não vamos andar aos papéis, vamos...vamos centrar-nos na professora cooperante...e vamos fazer o que a professora cooperante acha que é melhor porque é ela que está com os alunos desde o primeiro dia de aulas, e é ela quem, melhor do que ninguém, conhece os alunos. Fomos pedir ajuda a alguns professores, só em termos das actividades – já formuladas - mas já vistas com a professora com a professora cooperante... para ver se era mesmo assim...

E1 - E eles apenas ajudavam-nos em algumas dúvidas...

E2 - A dar alguma ideia... mas acho que o papel fundamental foi da professora cooperante.

E1 - Recorremos muito pouco aos tutores,... muito pouco...

N - Este ano?...

E1 - Este ano..., muito pouco. E..., no ano passado, ainda houve um seminário em que, colegas nossos se queixaram que no ano anterior havia mais apoio e, depois contradisseram-se um bocadinho... nós, por acaso, ficámos um pouco caladas nesse seminário...que foi: eles disseram que os professores tutores não ajudavam, não ajudavam!, e que vinham cá e não ajudavam... mas, depois, todos chegaram a um consenso que, quando começaram a fazer o que a professora cooperante lhe dizia, que as coisas correram melhor!...(riso)...Foi engraçado!.. Eles..., quer dizer, dizerem uma coisa...e, depois,...(como é que eu hei-de dizer)...não... disseram uma coisa e, depois, voltaram atrás com aquilo que disseram...

N - Pelo que eu percebi, existem..., quanto a vocês, algumas diferenças entre o apoio que a professora cooperante vos dava e o apoio que aqui, na ESE, vocês podiam ter... Portanto, aí era diferente... Por um lado, era o conhecimento dos alunos que a professora cooperante tinha...e, não só, também pelo ritmo de trabalho que estava ser desenvolvido. É isso?

E1e E2 - Sim.

N - Então, em que situações específicas é que vocês procuravam a equipa de tutoria?

E1 - Foi mais no início...

essencialmente com ela dado que esta as acompanhou sempre em situação, tendo a sua ajuda sido preciosa. O que aponta para uma formação específica da professora cooperante como supervisora.

Manifesta-se alguma dificuldade em conseguir encontrar espaços de encontro com os professores tutores, pois estes encontram-se sempre muito ocupados dado o número de estagiários que precisam de acompanhar. Ainda assim, fica a ideia de que estes professores são importantes na validação de estratégias a adoptar, no esclarecimento eventual de conteúdos científicos respeitantes a determinada área/disciplina curricular, acolhendo-se e aguardando-se as suas orientações, acrescentando, assim, segurança ao trabalho das estagiárias. É sugerido que esta ideia também é partilhada pelos colegas de estágio.

E2 - ❖ Foi sobretudo no início, que procurámos, os professores, foi...mais quando... no início..para ver as actividades.... algumas actividades...

E1 - ...Nós devemos ter sido um dos grupos que recorreu menos à equipa de tutoria...

N - E como é que vocês...que importância é que vocês dão aos momentos de observação das vossas aulas? Portanto, ao momento da observação da vossa intervenção? Quer dizer, pela professora cooperante, pela professora coordenadora-tutora e pelos outros, das diversas áreas? Como é que vocês sentem..., que importância é que vocês identificam, que semelhanças é que há entre, por exemplo, serem observadas pela professora cooperante e serem observadas pelos outros professores? Que importância é que isso teve?

E1 - Portanto,.... à partida, ☼ quando estamos a ser avaliadas pela professora cooperante...

E2 - É todos os dias, não é?... (risos)

E1 - ... ela já está, à partida, a par daquilo que vai acontecer; ao contrário dos outros professores que têm uma agenda, mas não sabem bem...

N - O que se está a passar naquele momento...

E1 - Exactamente. Portanto, é uma novidade para uns e para outros já não...já é algo conhecido. Ah... em relação a sentimentos: a avaliação da professora cooperante passou a ser rotina, portanto, acabei por me “desligar” um pouco da avaliação porque..., quer dizer...

E2 - Fazia parte...

E1 - Exactamente! Quando vinha alguém da equipa de tutoria era o tal “elemento estranho”... e que nós, também, nos ressentíamos um pouco...ao início..., depois já não. Depois, já passou a fazer parte da rotina. Mas claro que marcava, marcava! Enquanto que a professora cooperante não marcava porque já fazia parte do contexto.

N - Vocês sentiam-se, durante este período, observadas?

E2 e E1 - Claro...claro!

E1 - É assim..., também há uma coisa que é: com a professora cooperante, era diferente a avaliação e a observação que ela fazia porque havia actividades, como em outros grupos, que correm melhor e outras correm pior, não é?... Nada pode correr a 100%...

❖ E o nosso medo foi... houve uma actividade em que um professor foi lá e que não nos correu bem; e nós: ,...nós não devíamos ser avaliadas só porque esta actividade correu mal!... Foi um dia em

❖ No início, procuraram mais os tutores, afinal eram a sua primeira referência e quase única na altura.

☼ Ao referir-se às situações de observação das suas práticas, as estagiárias remetem de imediato esses momentos para a questão da avaliação da sua intervenção e para o peso que essa avaliação tem. Também aqui reforçam o papel da professora cooperante já que esta vive com elas este processo, faz parte dele de uma forma muito próxima, com carácter continuado e sistemático, de tal forma que o peso da avaliação acaba por se esvaír e ocupar um plano inferior. O peso da avaliação mantém-se no entanto com os professores tutores, apesar de estes só estarem presentes algumas vezes.

Parece-nos que emerge a ideia da importância indelével da ajuda que a professora cooperante pode prestar às alunas: uma ajuda continuada e contextualizada. Daqui também nos surge a ideia da importância e da responsabilidade da Instituição Superior de Formação na sua abordagem a escola que acolhe estágios e na angariação de professores cooperantes.

<p>que ele veio... acho que até foi um “Ler, contar e mostrar”...ele, nas semanas anteriores, disse: Foi o melhor “Ler, contar e mostrar” das alunas da ESE, que eu vi! E nós ficámos todas contentes! ❖<u>Foi lá, passadas duas semanas, e, para mim, foi um dos piores “Ler, contar e mostrar” que aconteceu! E foi o único, neste estágio, o “Ler, contar e mostrar” que correu mal! E uma pessoa sente-se assim: e se o professor fica com impressão que... o “Ler, contar e mostrar” era muito bom, e agora já está... ❖é que, depois, o professor não foi mais...não nos foi ver mais... E se ele leva esta impressão com ele? Não é bom para nós, não é? Ficamos, sempre, um pouco reticentes a isso... ❖Ele observou-nos três vezes; duas vezes correram bem, a última correu mal... ele pode levar aquilo como “estar a cair”..., não é? É um pouco...</u></p> <p>N – Falemos no ciclo das vossas reflexões com a professora cooperante, portanto...que tinham, com certeza, como base, penso eu, o vosso trabalho, o trabalho que iam fazendo e, por outro lado, a resposta à reacção dos meninos..., a vossa atitude, a vossa postura...; como é que vocês sentem ou como é que vocês sentiram essa reflexão? Esse feedback que a professora ia dando?</p> <p>E1 - Eu acho que ❖ <u>todos os feedbacks que a professora ia dando, nós íamos aceitando.</u> Eu acho que..., por acaso, nós somos pessoas humildes, e que aceitamos tudo o que nos dizem... <u>Nós achamos que é para nosso bem, não é?</u> – e deve ser...</p> <p>N - E foi?</p> <p>E1 - Foi! E foi...Foi! Porque é assim..., <u>Úmais do que ninguém, a P.C. quer que aquela turma evolua, não é?... Mais do que ninguém! E então, todos os feedbacks que ela nos dá, de certeza que é para a turma evoluir, assim como nós! Porque se nós evoluirmos a turma evolui... ➤ Acho que foi bastante bom... porque, todos os feedbacks que ela dava eram importantes!</u> Para todas as actividades, nós falávamos sobre o que é que correu bem, o que não correu, o que podíamos melhorar... Todos os dias.... Deixava-nos falar primeiro e só depois é que dizia: na minha opinião, eu também acho que vocês deviam ter feito isto e isto...; mas deixava-nos falar primeiro, e só depois é que dava a opinião dela. ➤ <u>E nós, claro, aproveitávamos a opinião dela e nas outras actividades lá tentávamos melhorar, de acordo com aquilo que ela tinha falado...</u></p> <p>N - Foram fazendo... foram construindo alguns saberes, algumas aprendizagens face ao que a...</p> <p>E1 - Sim, muito, muito.</p>	<p>❖ a não continuidade do processo de observação pelos professores da IES e o peso da avaliação.</p> <p>❖ Reflexão – feedback – o “bem das estagiárias ligado ao “bem” dos alunos.</p> <p>∪ Preocupação com as aprendizagens das crianças. (De facto esta questão emerge não só da conversa com as estagiárias, mas também com a cooperante). Ligação/relação estreita entre a evolução/aprendizagem das crianças e a evolução/aprendizagem das estagiárias.</p> <p>➤ Importância dada às orientações da cooperante e a rentabilização/aproveitamento dessas orientações/ajudas no sentido de melhorarem a sua intervenção em sala de aula.</p>
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>N - Vocês tiveram momentos em que a professora cooperante estava a trabalhar convosco. Houve outros momentos em que estavam a professora cooperante e a tutora?</p> <p>E2 - A trabalhar connosco?</p> <p>N - Sim...</p> <p>E2 - Como assim? A trabalhar na turma?</p> <p>N - Não, não. Em termos de trabalho de planificação e em termos de trabalho de avaliação. Que tivessem estado, não só vocês as duas com a professora cooperante, mas, também, com professores aqui da escola.</p> <p>E1 - Sim, com a professora T.</p> <p>E2 - Numa reunião</p> <p>E1 - ♦ <u>Naquela reunião...</u> Uma reunião que nós tivemos, tipo intermédio do... Aquela avaliação em Fevereiro, a seguir às férias do Carnaval, naquela semana em que tivemos só dois dias de aulas. <u>Nós tivemos uma reunião, foi uma reunião de avaliação com a professore cooperante, onde a professora C esteve. A professora disse que adorou a reunião, e que até ficou com vontade de ir trabalhar para a escola connosco... Foi, foi o único momento que estivemos assim...</u></p> <p>N - Em conjunto?</p> <p>E1 - Sim... Ah... * <u>e tivemos com o professor responsável pelo nosso grupo, que era o professor A, da área das ciências sociais. E que também, cada vez que... ele observou-nos três vezes, e das três vezes ficámos lá e falámos: eu, a E2, o professor e a professora. Falámos os quatro sobre como correu, a professora dava a opinião... Tanto que, daquela vez - do "Ler, Contar e Mostrar", a professora disse: que não... que não sabe o que se passou... mas são dias...</u></p> <p>N - Pois, exactamente...</p> <p>E1 - <u>que não tem corrido assim... e dava a sua opinião.</u></p> <p>N - Muito bem. Vocês tiveram depois outros momentos, eu assisti a dois, que eram os momentos de seminário, com todos os professores cooperantes da escola, com os vossos...</p> <p>E1 - Mais ou menos...</p> <p>N - ... não?</p> <p>E1 - ☆ <u>Nunca estive a equipa tutora, toda, num seminário.</u></p> <p>N - Ah...</p> <p>E1 - <u>Ia só um... o único que estava sempre presente era o professor de Expressão Plástica. Depois variou, houve uma vez que foi a professora de Língua Portuguesa...</u></p>	<p>♦ A referência à reunião conjunta com as estagiárias, a professora cooperante e a professora tutora (coordenadora da equipa), como um marco, um momento que propiciou a mudança, o trabalho concertado entre os vários agentes implicados e que, decerto, proporcionou aprendizagens.</p> <p>* Parece-nos de novo evidente a importância da cooperante no processo de supervisão, como fio condutor, como elemento de ajuda sempre atenta e presente, ao invés dos professores da IES que não têm essa possibilidade e, portanto, essa visão.</p> <p>☆ A constatação do facto de a equipa de tutoria estar pouco presente</p>
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>E2 - ... e a professora de Matemática.</p> <p>E1 - ☹ <u>a professora de Matemática, também, foi a um e falámos dos problemas e dos materiais...</u> Mas, de resto estava sempre só...</p> <p>N - Portanto, em termos de equipa, de professores da ESE, não estavam sempre todos presentes? Havia sempre uma pessoa presente, que era a professora...</p> <p>E1 - T..., a professora T. e o professor de Expressão Plástica também estiveram sempre presentes..</p> <p>N - Exacto... Depois estavam os professores cooperantes... os vossos colegas...</p> <p>E1 - os nossos colegas...sim...</p> <p>N - Que importância vocês dão a esses momentos? Achem que foram importantes ou não?</p> <p>E1 - Eu acho que foram importantes. ✨ <u>Principalmente para a partilha de materiais, porque nós, infelizmente, “calhámos” com um grupo de colegas que tem alguma dificuldade em partilhar os materiais, o que não é bom.</u></p> <p>N - E no entanto vocês estavam todos com o 1º ano de escolaridade...</p> <p>E1 - Estávamos todos com o 1º ano de escolaridade... E acho que aqui na <i>I.E.S.</i> se fala tanto na cooperação e no trabalho a pares, e no trabalho em grupo... isso foi a coisa que eles não fizeram... ✨ <u>E depois foi engraçado, quando nós começámos a apresentar os nossos materiais, nas semanas a seguir, já nos vinham dizer: ah os vossos materiais... aquilo que fizeram? Olha o que é que vão fazer em música?</u> Por exemplo, eles nunca tinham “dado” a expressão musical, e nós demos, e vieram logo ter connosco... E esses seminários foram importantes para eles perceberem que nós também somos um grupo, que nós também trabalhamos, e que nós também temos materiais... principalmente... para mim os seminários, foi isso.</p> <p>N - Portanto, os seminários ali na escola...</p> <p>E2 - ✨ <u>Foi a única forma de perceber o que os outros estavam a fazer.</u></p> <p>N - Ah... Era o momento de partilha?</p> <p>E2 - ... de partilha!</p> <p>N - E esse momento de partilha, em termos de aprendizagem, é importante... de que forma?</p> <p>E1 - ☺ <u>É importante. Portanto, é importante... Porque é bom ver que, há... a mesma actividade e não é igual em todos os grupos...</u></p>	<p>☹ Os professores presentes em seminários temáticos, perante necessidades emergentes das intervenções práticas dos estagiários.</p> <p>✨ Uma dificuldade: o espírito de equipa entre colegas, a urgência da partilha, da colaboração.</p> <p>Importância dos seminários para partilha de materiais e para se ter percepção do que todos os grupos de estágio a funcionarem na escola estavam a concretizar. Ficamos com a ideia que os seminários a que as estagiárias se referem não dizem respeito somente aos que aconteceram na escola <i>M.A.</i>, mas também aos que se realizaram na Instituição Superior de Formação com a coordenadora da equipa de tutoria e os estagiários.</p> <p>✨ Seminários para partilhar experiências e materiais</p> <p>☺ A importância dos seminários, da partilha de vivências - a aprendizagem</p>
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

não corre bem, ou corre... é diferente e pode-se fazer diferente! Por exemplo, o Tempo de Estudo Autónomo: apesar de termos, quase todos, a mesma grelha, a mesma metodologia, são diferentes. É diferente, o trabalho em si é diferente.

N - Quais foram os momentos... dos seminários acontecidos na escola, que para vocês tiveram maior importância, em termos de “agarrar”, agarrar aquela actividade, ou aquela proposta, ou aquela forma de fazer, ou aquele material e dizer: Nós podíamos pegar nisto para... Houve alguma situação assim?

E2 - ☺ A nível da Matemática... Ouvimos os outros, vimos o que fizeram... começámos a ter mais cuidado, a introduzir materiais que fizessem parte das vivências dos alunos.

E1 - A matemática essencialmente...

N - Hum, hum...

E1 - ☺ Tipo o Trabalho de Texto, acho que foi um seminário, também, que foi bom. Mas nós, nós... Acho que foi uma das coisa que correu muito bem. * Também a professora cooperante era muito experiente, não é? (risos)

E2 - * E ajudou-nos imenso.

N - E acham que é importante, um professor com muita experiência?

E1 - Acho que é muito importante... muito, muito importante... Acho mesmo! Não é por ser o nosso grupo, mas a nível de Trabalho de Texto, acho que nós, dos quatro grupos, foi, foi... fomos o que fizemos um melhor Trabalho de Texto com os alunos. Tipo, ainda agora, um seminário que houve sobre Trabalho de Texto, eles a dizerem... eles é que davam temas para os alunos escreverem, temas para os alunos criarem um texto..., e nós não. As coisas saíam naturais dos alunos, tipo, começámos a dar dois textos de forma natural... que foi a “Hora da Escrita”, um aluno só escreveu duas frases, e nós: vamos ajudar o I a fazer um texto? E a partir dali saiu... era as partes da casa que deu para a área de Estudo do Meio, tudo de forma natural, não fomos nós que dissemos: Escreve sobre as partes da casa! Por acaso é um dos objectivos, está no programa, mas nós nem pensámos naquela semana que... mas surgiu, de forma natural. E eles não... era tudo mais direccionado, mais orientado, vamos falar sobre a Primavera, vamos falar... O teste da Primavera também surgiu: vamos todos falar sobre a Primavera... É diferente... * E acho que a professora cooperante nisso... a experiência que ela tem... foi fabulosa mesmo.

com os pares - e a possibilidade de se poder retirar dela mais saberes e saberes-fazer.

* A valorização pelas estagiárias do saber experiencial da professora cooperante e da ajuda que ela lhes prestou.

* A importância dada de novo ao saber experiencial da professora

<p>N - Então e em relação aos meninos? Que balanço é que vocês fazem em relação à vossa intervenção, ao vosso trabalho. Que impacto é que o vosso trabalho teve nas aprendizagens dos meninos?</p> <p>E2 - <u>*Verificou-se evolução, o que era de esperar!</u> (risos)</p> <p>E1 - <u>Já agora... estamos a fazer as grelhas de avaliação, que nós fizemos mensalmente, e... é engraçado a gente passar daquele amarelo (mais ou menos) para o verde, em que eles já liam, já... mesmo aqueles alunos que tinham aquela forma de ler, assim, mais hesitante. Agora, assim: aposto que em fim de Janeiro, em meados de Janeiro... Março, começam a ler. Nós quando estamos a ver... Eu quando estou a ver, às vezes penso assim: em Janeiro aqueles escreviam duas frases...</u></p> <p>E2 - <u>*Contávamos os que sabiam ler... os que estavam a começar a ler, e agora, no final começámos a contar os que não sabiam ler.</u></p> <p>E1 - Pois...</p> <p>E2 - Foi isto, assim...</p> <p>N - Vocês tiveram conhecimento, no princípio... logo no início de estágio, tiveram conhecimento do Projecto Curricular de Turma que a professora cooperante tinha concebido, e desenhado. De que forma é que vocês se entrosaram nesse Projecto Curricular de Turma? Consideram que a vossa intervenção foi uma mais valia para a concretização daquele Projecto Curricular de Turma?</p> <p>E2 - Estava interligado, porque, os objectivos que se pressupunha que os meninos aprendessem naquela fase, estavam lá presentes, portanto...</p> <p>E1 - Tinham aqueles três objectivos: da responsabilidade, autonomia ...</p> <p>E2 - Exacto... Que faziam, por acaso... <u>⌘ estavam a par com os nossos objectivos, que tínhamos definido no nosso Projecto, e andámos sempre “par e passo”.</u></p> <p>N - Sim...</p> <p>E2 - Não nos centrámos muito no Projecto...</p> <p>E1 - ... no Projecto Curricular de Turma, mas fizemos tudo...</p> <p>E2 - Mas fizemos em volta do projecto... quer dizer...</p> <p>E1 - A professora disse-nos que havia três pontos fundamentais no projecto que era: a cooperação, a autonomia, e a responsabilidade. E nós focámo-nos naqueles três pontos, e, todas as actividades, todos os momentos que nós passámos com aqueles alunos... tínhamos sempre em conta aqueles três pontos. Tanto que fazíamos sempre as</p>	<p>cooperante</p> <p>* As estagiárias dão conta das aprendizagens das crianças e consideram que a sua presença, a sua actuação foi importante.</p> <p>⌘ Ligação projecto curricular de turma com o projecto curricular das estagiárias</p>
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

actividades...

N - E isso agora faz sentido para vocês?

E2 - Faz sentido...

N - Fazia sentido no início porque...

E2 - ... e passou a fazer parte, porquê? Porque nós agora observamos nos seminários, e reparamos que as nossas actividades... poucos foram os grupos que fizeram em grupo... porque... até acharam estranho, nós apresentarmos uma actividade de Matemática... e eles acharam estranho como é que um 1º ano (eles tinham um 2º ano), e como é que um 1º ano tinha conseguido resolver aqueles problemas?

E1 - E eu respondi que... que nós quando fizemos os grupos (que eles estavam em "U").

E2 - Primeiro, estavam em grupo, que era aquilo que elas não tinham... e para além de estarem em grupo...

E1 - Em grupo, ☼ nós tivemos a preocupação, de um por grupo, de pôr um menino que já tenha um nível de aprendizagem mais elevado. Por exemplo, elas estavam a dizer: ah, mas os meus não conseguem resolver os problemas... E eu: pois ☼ muitos "lá" também não conseguem ler o problema em si, mas têm um que vai ajudar, ou seja, há "ali" cooperação... Mas depois também disse que tivemos em conta, tentar fazer problemas com palavras que eles já conhecessem, ou seja, se eles tiverem o: "tem dois rebuçados", os "re"... tipo, as listas de palavras, que eles conseguiam ler já os bocadinhos... Tivemos em conta isso.

N - Muito bem... Como é que as crianças reagiam ao vosso trabalho com elas?

E1 - Eu acho que logo de início eles começaram... quando foi aquele dos jogos... começámos mais com uma forma de jogos... tipo na Matemática: um grande dado com os problemas, tipo, logo para haver cooperação. E, foi engraçado, porque eles nunca tinham trabalhado em grupo...

E2 - Foi o primeiro momento.

E1 - ... e o primeiro momento que foi com esse jogo, eles uniram-se todos (e até punham assim a mão para pensar)...

E2 - Em equipa, era equipa.

E1 - Era equipa mesmo... e eu assim: ☼ Olha afinal, isto é capaz de ir pelo bom caminho, isto de trabalhar em grupo se calhar nem... nem é mau... E foi bastante produtivo esses jogos assim, não é? Tinham... era a Matemática, Estudo do Meio, mesmo a

☼ Estratégias de desenvolvimento curricular e de estarem atentas às diferenças entre as crianças

☼ Estratégias de desenvolvimento curricular; dinâmica de grupos

Português...

N - Como é que era... vocês, em sala de aula? Estou a pensar em relação aos meninos... deixou de ser, a professora cooperante, a partir de Janeiro a orientar o trabalho, ainda que estivesse presente, e passaram a ser vocês... Como é que foi a reacção das crianças?

E2 - Eu acho que nunca houve esse medo...

N - ... Não?

E2 - ✨ Éramos três!

E1 - ✨ Eles viam-nos, sempre, como três pessoas dentro da sala de aula que os podiam ajudar, tanto que... pronto, a parte inicial da aula, ou era eu ou a I, porque era o “Ler, Contar e Mostrar”... mas depois em termos das actividades, ✨ nós apostávamos muito no Tempo de Estudo Autónomo, nas actividades em grupo... ou seja, éramos três adultos, cada adulto ia a um grupo, e ajudava... E eu acho que eles nem percebiam quem era quem... se era a semana da I, se era a semana da S, se era a semana da professora C, se quê... não tinham muito...

N - Tinham em vocês uma referência de alguém que os podia, realmente...

E2 - ✨ Ajudar!

E1 - sim, sim, porque isso notava-se... porque recorriam sempre ao nosso apoio... Ajudas-me a fazer? Olha, Sónia ou Inês eu não consigo fazer isto aqui? E depois era variável, podia estar eu a intervir... chamavam a I, chamavam a professora F...

E2 - ☉ Apesar de só haver uma responsável por “aquela” semana, eram três que ajudavam!

E1 - ✨ ... tanto que os textos que eles escreviam eram: Eu tenho três professoras... Nós somos dezanove meninos, com três professoras... Não diziam: com uma professora, ou com... eram três professoras... Era uma vez dezanove meninos com três professoras...

N - Que relação é que vocês estabeleceram, durante este estágio, com a escola em si? Com a escola, conselho executivo, os outros órgãos de gestão, os outros professores da escola?

E1 - ♪ Eu acho que a directora da escola é uma pessoa espectacular... Nós estivemos em outras escolas, em que a directora da escola se calhar passava por nós mas, se calhar são duas professoras novas... A directora desta escola não! Falava sempre com um grande sorriso na boca, sempre: Olá bom dia, como estão? Precisam de alguma coisa?

✨ Parece-nos ficar muito clara a forma como, por um lado, as estagiárias caracterizam a cooperante, sempre presente, disponível a ajudá-las, e por outro lado a postura da cooperante, numa atitude de, diríamos, observadora participante, sempre em favor, primeiro que tudo, das aprendizagens das crianças.

✨ Aceitação das estagiárias pelas crianças e reconhecimento natural e espontâneo da ajuda que aquelas lhes podiam prestar.

☉ Espírito de colaboração entre estagiárias e professora cooperante em prol das aprendizagens das crianças

✨ Novamente a aceitação da ajuda das estagiárias pelos meninos, para além da prestada pela “sua” professora.

♪ O discurso das estagiárias deixa transparecer a afabilidade, a atenção pessoal que a Presidente do Conselho Executivo e outros agentes da escola tinham com elas, havendo disponibilidade para prestar a ajuda

E2 - Prestável...

E1 - Se precisarem de alguma coisa venham ter comigo. Uma vez, na aula de Expressão Plástica, aconteceu um pequeno problemzinho, a auxiliar esqueceu-se de pôr as tintas... a directora, por acaso, passou naquela altura e ficou logo... e, foi logo ao outro bloco buscar as tintas para nós, para nos ajudar, porque viu... E estava sempre a ser prestável... Sempre: Se precisarem de alguma coisa, eu estou aqui, venham ter comigo. Em termos da biblioteca, também a professora P., penso eu também, espectacular! Quando íamos à biblioteca, sempre a pôr-nos à vontade com os alunos...

E2 - ♯ E os próprios auxiliares, o que é importante, porque... É bom mantermos uma boa relação com as auxiliares, porque sempre que precisamos de algum material convém também ter um apoio...

E1 - ♣ Eu gostei muito daquela escola, pelo ambiente todo... por todo o ambiente.

N - Na primeira conversa que tivemos, referiram que tinham conhecimento de reuniões entre professores com turmas do 1º ano... Portanto, havia reuniões, entre os professores que naquela escola tinham 1º ano... Ao longo do tempo que vocês estagiaram, ao longo das semanas de intervenção, tiveram alguma participação nessas reuniões?

E2 - Nem... nunca mais, soube de nenhuma reunião...

E1 - Não tivemos mais...

E2 - ... Não, não, não... ♥ havia reuniões, é, havia reuniões, mas nós não participávamos.

E1 - Nós não participávamos nas reuniões.

N - Parece-vos que a escola tem algum conhecimento do trabalho que vocês desenvolveram naquela turma?

E1 - Eu penso que sim... Tem! ♪ Lembras-te da Directora, ...que entrou na sala de aula, um dia e disse que vinha à sala de aula dar os parabéns à turma, porque passou na biblioteca e a professora P. disse-lhe que estes alunos estavam a ler muito bem... Que mostraram muito entusiasmo em ir buscar livros: ah eu já li este, eu agora quero ler este... e liam os título..., e foi-lhes dar os parabéns porque a professora P. disse que: estes alunos já sabem ler muito bem!... E nós ficámos todas contentes, não é?!

N - Para o ano, esperemos que assim seja (também não sei se esta a vossa vontade), mas vamos supor que vão para uma escola... têm conhecimento do trabalho que se faz em termo de escola? O que é que aprenderam do que é ser-se professor numa escola?

necessária. As estagiárias deixam transparecer uma imagem totalmente positiva da escola de acolhimento. Fica reforçada neste discurso a ideia da natureza informal das abordagens e relações sociais.

♯ colaboração

♣ grau de satisfação em relação à escola cooperante

♥ Desconhecimento e não participação nas reuniões formais entre professores da escola, mesmo no Conselho de Docentes do ano de escolaridade (1º) que as estagiárias acompanharam e que incluía na altura os restantes professores cooperantes. Até que ponto poderia ter sido importante para as alunas participarem, ainda que como observadoras nestas reuniões? Será que poderia ter sido uma mais valia e uma aprendizagem interessante e útil para um ingresso que se prevê a curto prazo na profissão?

♪ Aprendizagem do trabalho curricular, pedagógico. Aprendem as crianças, progridem nas suas aprendizagens e há uma imediata satisfação das estagiárias, que assumem responsabilidade sobre a realização desses novos saberes, e que têm aqui também um feedback da sua prestação, da sua intervenção, da sua

E1 - ♦ Eu acho que, sinceramente, dentro de uma sala de aula, o professor dentro da sala de aula: nós já temos conhecimento do trabalho que temos de desenvolver... Eu, pessoalmente (não sei da D) trabalhos extra sala de aula: eu não tenho muito conhecimento... Sei que os professores têm reuniões, por exemplo, com os mesmos anos lectivos costumam-se reunir... mas tipo, outras funções, porque os professores têm outras funções... eu, sinceramente, não estou dentro do... desse assunto.

N - ... E o que é que vos parece? Para o ano... isso preocupa-vos?... Não vos preocupa?

E1 - Por um lado preocupa... porque se nos fazem algumas perguntas, nós não sabemos responder, não é? Não é o “não saber responder”... ♦ não estamos a par das coisas que se passam na escola, e, a mim preocupa-me um pouco, porque não sei bem o trabalho que vou ter...

N - Como é que este estágio poderia contribuir para esse conhecimento, mais alargado, do que é estar numa escola? Porque, conforme vocês disseram, os professores de uma escola têm outro tipo de trabalho ainda para fazer, há outras funções, como estavam a dizer. Consideram que era importante que o estágio previsse algo a esse nível?

E1 - ● Eu penso que sim... Que era importante para nós, se para o ano formos colocadas numa escola, já estarmos dentro do assunto. Já sabermos que há reuniões para aqueles órgãos, não é? Os órgãos...

N - ... E vocês sabem quais são os órgãos de gestão da escola?

E1 - ... órgãos de gestão... não!

E2 - Mais ou menos...quer dizer, ♦ não temos uma percepção, porque, também, não estivemos bem a par da situação, não é? É isto...

E1 - É isso, é verdade. ♦ Mas eu acho que era importante, tipo, uma semana, ou uns dias... acompanharmos o trabalho por inteiro do professor...

E2 - Exactamente.

E1 - ♦ ... o dia todo, para vermos a aula de manhã até à uma, e, depois era a reunião do conselho que a professora costumava ter...Irmos à reunião, vermos os assuntos que são discutidos na reunião, ver o que é que se faz... todo o outro processo que há, por fora da sala de aula.

E2 - ♦ Portanto, ser professor dentro da sala de aula e ser

própria aprendizagem no saber fazer, no saber ajudar a aprender... de facto, que maior satisfação para um professor (profissionalizado ou em profissionalização) que não seja a efectiva aprendizagem dos seus alunos?!

♦ As estagiárias dão conta das aprendizagens que fizeram em contexto de sala de aula, mas apercebem-se da ausência de conhecimento no que concerne ao funcionamento da escola enquanto organização, opinando que tal aprendizagem poderia no entanto ser importante.

● A importância dada ao conhecimento do funcionamento e funções dos órgãos da escola.

♦ As estagiárias revelam que a sua actuação não se voltou para a escola”, já que os principais objectivos que as movem na cadeira de Intervenção Educativa IV centram-se no trabalho com os alunos, em sala de aula.

professor fora da sala de aula, é isto!

N - Também tiveram conhecimento no princípio do ano, e quando digo principio... principio de estágio, em Janeiro, disseram que tiveram contacto com o Projecto Educativo da Escola, com o Plano Anual de Actividades... a esse nível o que é que vocês desenvolveram que vos pareça ter tido um contributo para a concretização do Projecto Educativo, do Plano Anual de Actividades daquela escola?

E2 - ☿ As Visitas de Estudo, essencialmente. Nós utilizámos, de uma forma bastante gratificante, essas Visitas de Estudo... Por exemplo, a Visita de Estudo realizada ao Palácio de Queluz permitiu-nos abordar o conteúdo da Segurança Rodoviária, ...

E1 - ... Estudo do Meio, Matemática com os carros, com os números das partes... Língua Portuguesa...

E2 - ... de uma forma intercurricular... acho que é assim não é? Intercurricular... Interdisciplinar... Nós também conseguimos aproveitar estas Visitas de Estudo de uma forma bastante gratificante. Primeiro, porque fazia parte de uma vivência de algo que partiu da sala de aula (que os alunos conseguiram ver), foi uma realidade vivenciada. E depois, permitiu-nos desenvolver outros conteúdos... ☼ Portanto, julgo que foi dessa forma que nós aproveitámos o... também relacionámos o Projecto Curricular de Escola com o nosso projecto...

E1 - ...com as actividades anuais que eles fizeram.

N - ... Portanto tudo quanto... quanto diga respeito ao funcionamento de turma, vocês pensam que, neste momento, têm conhecimento... adquiriram, realmente, conhecimento de como é que um professor precisa (à partida) de funcionar numa turma... Mas em termos de funcionamento de escola, este estágio trouxe-vos alguma mais valia?

E1 - ♦ ...Sinceramente... Acho que era mesmo necessário mesmo aquilo que eu disse: um dia inteiro, ou uma semana acompanhar, mesmo, o trabalho do professor... ia ser diferente.

E2 - ♦ Na escola, não só na turma. Na escola.

N - ... Muito bem. Agora gostava de vos colocar individualmente a seguinte questão: pontos fortes, e pontos menos...

E2 - ... Pontos fracos!

N - ... Pontos fracos, se quiserem... ou menos favoráveis, deste estágio... Pronto: pontos fortes, pontos fracos.

E2 - Pontos fortes... ● Um grande ponto forte foi a relação que

☿ Integração no Plano Anual de Actividades da escola através das visitas de estudo.

☼ Tendo em conta a existência de um projecto curricular de escola e de turma, este registo revela que houve alguma preocupação em as alunas inserirem no seu projecto de intervenção situações contempladas naqueles documentos reguladores/ /orientadores das actividades curriculares das crianças.

♦ De novo a exteriorização da necessidade de poderem ter tido contacto com momentos diversificados de trabalho do professor na escola que não se cingisse à sala de aula.

● A relação afectiva estabelecida

estabelecemos com a turma, portanto desde o início nós tivemos logo grandes afinidades com... em relação à turma. Tivemos capacidade de visualizar os problemas, daquele menino, tivemos essa facilidade... julgo que foi uma mais valia... foi termos esta capacidade de facilmente visualizarmos as dificuldades, os pontos fracos, os próprios pontos fracos e pontos fortes, dos próprios alunos. ● Outro ponto forte: a boa relação que estabelecemos com a professora cooperante, foi essencial. ↗ Ponto fraco: se calhar... por certo, foi esta fase, esta evolução... foi uma evolução que nós próprias sofremos, e, que isso pode ter-se, também, revelado nos próprios alunos. Eles tiveram... portanto, ♣ eles acompanharam aquela nossa primeira fase que não foi tão boa, e, portanto se tivessem a própria professora deles, se calhar tinha desenvolvido um melhor trabalho naquela fase...

N - ... No início da vossa intervenção?

E2 - No início, exactamente. Porque, ao fim e ao cabo, eles estão a ser... Nós estamos a fazer dos próprios alunos uma experiência, e ♣ eles sofreram essa experiência no início. E isso não é tão gratificante para nós, porque nós sabemos à partida que aquela fase não foi tão boa. Muito bem... depois “lá para a frente”, conseguimos evoluir e isso revelou-se nos alunos. Mas podia não ter acontecido... e se não acontecesse?

E1 - ... Não foi boa, mas, também, não foi má! Porque eles ficaram num nível estável, percebes? Também não regrediram... Ficaram “ali”, não regrediram... andaram a empatar... não foi má, a fase. Andaram “ali” a empatar um pouco...

E2 - Mas isso coloca uma questão: e se esta evolução não tivesse ocorrido? Íamos estar ali... portanto...

E1 - ... se calhar houve em estágios, que aconteceu isso...

E2 - ... exacto! Nos estágios em que isso aconteceu, ... estivemos... Não houve evolução numa turma inteira durante um 1º ano... não é? Isso é perigoso, num 1º ano de escolaridade, ter esta experiência...

E2 - ... Portanto, isso também... Quer dizer, nós nunca à partida queríamos... ☒ Nós sempre quisemos evoluir, queríamos sempre muito mais, mas isso também... nessa primeira fase também nos colocou um pouco reticentes... Portanto, julgo que esse foi o ponto fraco... Não sei se é um ponto fraco... é fraco porque foi no início...

E1 - ... é menos bom!

com a turma é aqui entendida como um aspecto conseguido neste estágio, tal como a relação estabelecida com a professora cooperante.

↗ Perspectiva do desenvolvimento profissional – a satisfação pela sua evolução; dimensão desenvolvimentista subjacente à organização e gestão da turma.

♣ Novamente a evidência de uma grande preocupação com as aprendizagens dos alunos, em não os prejudicar no seu processo de ensino/aprendizagem. Este é, parecem-nos, um factor impulsionador da vontade de melhorar a prática pedagógica, distanciando-se do factor «nota», da classificação final da cadeira de Intervenção Educativa. O crescimento e o valor do processo de estágio também se joga aqui, no envolvimento pleno do trabalho com as crianças, no aferir e melhorar posturas e procedimentos, no adquirir competências distanciadas de uma mera classificação académica. É a consciencialização da profissionalidade em si, é a “maturidade que se adquire”, estando aqui implícito o desenvolvimento pessoal.

☒ Abertura, predisposição para o desenvolvimento, para a aprendizagem contínua.

E2 - É menos bom... mas, uma vez que houve evolução...

N - ... Foi superada essa situação, não foi?

E2 - Exactamente!

N - ... Felizmente!

E1 - ... pontos fortes, a E2 já disse a maioria das coisas... Ponto forte, eu concordo com a E2: ♪ a relação que estabelecemos com os alunos e com a professora cooperante. Eu acho que logo desde... se calhar desde a primeira semana de estágio que houve uma cumplicidade, muito grande, entre nós todos. Porque os meninos, logo no intervalo, acontecia qualquer coisa vinham logo ter connosco: ó S. isto... aconteceu isto... ou isto aquilo... Eu acho que, se eles não tivessem confiança em nós ou, não tivessem uma boa relação connosco, éramos indiferentes. No intervalo, fora da sala de aula, ou até fora da escola, eles às vezes viam-nos, vinham ter connosco e falavam. ♪ Acho que... um grande ponto forte é a nossa boa relação com os alunos e com a professora cooperante. ☺
Outro ponto forte foi: os conhecimentos e os saberes que a professora cooperante nos transmitiu, e nos ajudou a... (como é que se diz) ajudou a crescer, porque nós crescemos! Nós crescemos dentro daquela sala de aula (desde o primeiro dia) desde 9 de Janeiro até ao dia 21 de Abril, nós crescemos... imenso! Eu acho, eu falo por mim, crescemos muito! E, isso é um ponto bastante forte, porque, é bom os alunos terem crescido, e, é bom nós também termos crescido. É bom termos crescido todos juntos! Pontos, assim, fortes... a nível pessoal, pronto... formação pessoal também já disse que crescemos... Pontos fracos, era aquela situação que a E2 disse: que temos pena de não termos começado logo... mas, também, aquilo tinha de ser feito com calma, não podíamos começar logo "ali"... ☹ Houve aquele período, que se calhar a evolução deles podia ter ocorrido mais cedo, mas desde que se tenha verificado uma evolução nos alunos é sempre bom...

N - ... gratificante.

E1 - ...é sempre gratificante. Pontos fracos: ☼ foi aquele aspecto, que agora se referiu em termos dos órgãos de gestão da escola que nós não temos conhecimento, e que eu gostava, sinceramente... gostava de estar mais dentro do assunto. Para um dia quando for dar aulas para saber o que é que é o trabalho do professor, não só na sala de aula, mas fora... o trabalho do professor ... em casa também já conhecemos um pouco, não é? (risos) O da sala de aula e em casa... Também é importante, o trabalho do professor em casa, não

♪ Reforço na importância da relação pessoal, afectiva estabelecida com as crianças e com a professora cooperante.

☺ A satisfação pelo seu crescimento pessoal e profissional em sintonia e simultânea à evolução dos alunos. É explicitado o papel importante desempenhado pela professora cooperante no que respeita à realização e evolução de aprendizagens e de conhecimentos. Sentimos a valorização do saber prático, do saber em uso na sala de aula. Além disso, de novo, a dimensão evolutiva, de desenvolvimento pessoal e profissional, este materializado sobretudo em competências, em saber agir.

☹ Mais uma vez menção à importância concedida às aprendizagens que as crianças fazem e à necessidade de não as prejudicarem com o seu, ainda, segundo a própria, frágil saber em acção, o qual evoluiu e deu um salto positivo ao longo do estágio.

☼ Referência à importância da aprendizagem feita no que se refere ao

é? Não é só na sala de aula... em casa também é muito importante... e na escola... em si! Acho que isso é o ponto mais fraco deste estágio.

N – Um balanço de aprendizagens feitas... O que é que aprenderam neste estágio?

E2 - ◡ Uma metodologia diferente daquela que estava habituada, habituada também não digo, só tivemos um ano para estagiar antes deste. A metodologia utilizada, o ano de escolaridade, porque, também, nunca tínhamos estado num 1º ano de escolaridade... Alguns conteúdos que também nunca tínhamos trabalhado. Em termos em atenção o programa de 1º Ciclo... também, já tínhamos sido direccionados para o programa mas nunca, na realidade... Quer dizer, no ano passado, tivemos um estágio em que cada um teve de dar uma semana, mas, também, pouco tivemos de olhar... E temos de ter em conta que aquele programa tem de ser cumprido, e, portanto... também, foi bom, porque também tivemos essa visualização.

N - Portanto, aprendeste a utilizar, a ir recorrer...

E2 – Ao programa. Exactamente.

E1 - Houve, houve bastantes aprendizagens... uma pessoa, agora assim, a falar é mais difícil...

E2 - Todos os dias aprendemos ...

E1 - ► Aprendemos, os métodos... O método, tanto na Língua Portuguesa... que foi bastante importante. Nós nunca tínhamos estado a trabalhar com o método global. Eu, sinceramente... eu (não sei se a E2), ao princípio fazia-nos um pouco confusão. Eu assim: Mas como é que é possível? Como é que é possível eles lerem aquilo, se eles não sabem o que é que está lá escrito, se eles não conhecem? Como é que é... E depois, lembras-te uma vez que estávamos na fase de observação e a professora mostrou uma ficha e a professora disse: O que é que se faz aqui? E eles: escreve na, na, na... e a gente: então mas se eles... nós assim: afinal eles sabem ler! Mas, fazia-nos confusão, ❖ porque não estávamos dentro do assunto... era só a teoria...

E2 - Ainda hoje me faz um pouco de confusão, apesar de ter funcionado... apesar de ter funcionado. Porque nós no início verificámos que... Isso fez-me muita confusão. Porquê? Porque eu achava que na minha vida aquilo que eu tinha sido obrigada a decorar não me fazia sentido. E eu olhei para aquilo e pensei: Mas isto são os textos que vêm dos próprios meninos, fazem sentido

que é ser professor na sala de aula e em casa, na “dispersão e multiplicidade de tarefas” (reflexão sobre a acção, planificação, preparação de materiais,...), como aspecto positivo do estágio, e ao desconhecimento do papel do professor na organização escola como aspecto desfavorável. Parece-nos, no entanto, que fomos nós, através desta conversa, que despoletámos a consciência desta eventual necessidade. As suas preocupações centraram-se, de facto, ao longo de todo o processo, no âmbito do trabalho de sala de aula, preocupação aliás inerente à própria natureza e filosofia deste estágio, conforme pudemos verificar na leitura do documento da Instituição Superior de Formação relativa a esta cadeira.

◡ A aprendizagem das estagiárias concretizada a partir do modelo pedagógico desenvolvido pela professora cooperante, pela transposição didáctica, da teoria à prática. As estagiárias aprendem sobre a profissão, desenvolvem competências em termos de “organizar e dirigir situações de aprendizagem” e “conhecer conteúdos a serem ensinados” (Perrenoud).

► Experimentação/Aprendizagem na prática de uma metodologia do ensino da Língua Portuguesa

❖ O mencionarem o conhecimento teórico, as estagiárias defendem que este não é suficiente. Valorizam o saber da prática.

para eles. Contudo, aquela palavra se for colocada “aqui à parte” eles não a sabem ler... então: mas “ali” fez sentido e aqui não faz? “Ali” aprenderam ou não? Ou só decoraram? Portanto, foi essa a minha grande interrogação. Porque fazia sentido, sim. Porque era um texto que vinha deles, contudo, se aquelas palavras fossem divididas por outros textos (que faziam sentido a outros meninos), se calhar já não sabiam... E isso, para mim, deixou-me um pouco baralhada no início...

E1 - ... Depois, ✦ quando fomos nós a intervir, as coisas já começaram a fazer sentido.

E2 - Porque é... ☺ É fascinante como é que eles assimilavam aquelas palavras tão rapidamente e no dia a seguir conseguiam visualizá-las.

E1 - ... e no outro dia a seguir. E, se nós disséssemos assim: esta palavra já saiu num texto. Eles logo: é no texto do L. que ele fez... Ate decoravam a data e o mês. * É engraçado e trabalhar sobre esse método, com esse método, em termos de aprendizagem para nós, foi muito, muito bom.

N - Que vontade e à vontade sentem vocês, vamos supor em... que falamos numa turma, da qual vocês são responsáveis...

E1 - * ...eu, sinceramente, se tiver um 1º ano, eu vou ficar dividida: porque, foi o que a professora C. disse na reunião aos pais, que eles tinham de confiar na experiência que a professora C., já tinha, para este novo método. E nós, se calhar para o ano, que experiência... nós não temos experiência para dizer aos pais: olhem confiem em mim que é o meu primeiro ano que estou a dar aulas, confiem em mim... é diferente. E é um método que nem todos pais conhecem...

E2 - ... a maioria dos pais não conhecem.

E1 - Ainda há colegas meus, que eu às vezes falo, e eles: ai é? E eles aprendem?; e eu: aprendem, e vocês nem imaginam como! Eu, sinceramente... É assim, eu estou tentada a trabalhar o método global, não é? Porque aprendemos agora, e está fresquinho... e resulta...

E2 - E, também, porque não sabemos como é que se trabalha o método tradicional num 1º ano de escolaridade.

E1 - Pois, isso já nem... já nem...

E2 - Não sabemos. Nunca tivemos... Foi bom termos essa experiência: de estarmos num 1º ano em que houve esta metodologia e estarmos...

✦ Fazer para aprender a fazer e dar sentido ao que é feito

☺ Ficar deslumbrado, é gostar do que se vê e do que se faz – é a dimensão do desenvolvimento pessoal.

* Aprendizagem de uma metodologia do ensino da Língua e valorização da aprendizagem experiencial.

* Foi feito um percurso, houve uma vivência, refere-se uma aprendizagem, mas parece não haver ainda confiança, determinação e o acreditar suficientes e necessários para adoptar uma prática que, no entanto, segundo as estagiárias, resultou junto das crianças e faz sentido para elas.

E1 - ♣ Ou seja, em vez de quatro anos (de andarmos aqui) tínhamos de estar seis... (risos)

E2 - Não! Era começar desde o primeiro ano, este estágio ser maior desde o primeiro ano...

E1 - ... mas o outro, também é mais fácil, tens os manuais, é só ...

E2 - ... porque se nós... se alguém nos pede para dar uma opinião: qual o método que te faz mais sentido? Eu, neste momento, não sei! Porquê?

E1 - ... Não sabes?

E2 - Não! Quer dizer...sei... as bases sei quais são. Agora nunca vi, não posso falar de algo que nunca vi. Nunca vi utilizarem uma metodologia tradicional num 1º ano. Só vi esta metodologia.

N - Como é que aprendeu a ler e a escrever?

E2 - Com a tradicional, só que não me lembro. (risos)

E1 - Eu lembro-me era: a a a a a a; e e e e e e e; i i i i i...

E2 - Quer dizer a mim faz mais sentido este... contudo, eu nunca vi o outro. Eu sofri esse, mas não me lembro.

E1 - Nos seminários, houve um grupo, que teve um método tradicional. Elas a dizerem que: queriam dar duas letras por semana mas que a professora dizia que era muito. E nós: duas letras? Eles aprendem não sei quantas palavras novas, por semana! Faz muita confusão!

E2 - Isso a nós fez-nos uma confusão maluca! Quer dizer, fez muita confusão, mas foi bom, também, termos essa experiência. Falarmos daquilo que já vimos, que já experienciámos. E acho que isso também era bom... Apesar de fazer um bocado de confusão, mas, é verdade! ☺ Mas, ainda, queria frisar outro aspecto, em termos de aprendizagens: eu nunca tinha trabalhado com uma criança com necessidades educativas especiais, mas já tinha a percepção que a metodologia... quer dizer, há sempre uma professora de apoio (e há um trabalho desenvolvido por uma professora de apoio) contudo, eu nunca tinha visto e feito este trabalho... Quer dizer, uma sequência de trabalho iniciada pela professora de apoio e continuada pela professora cooperante. E a professora cooperante está sempre “a par” com aquilo que a professora de apoio realiza. E está tudo interligado e a professora de apoio sabe o que se está a trabalhar, sabe quais são os textos e as palavras que estão a ser trabalhados.

E1 - Tem de haver um trabalho entre as duas.

E2 - ✎ E eu não sabia como é que isto funcionava, e eu queria saber, queria aprender. E depois, a certa altura (agora quando nós

♣ Valorização da componente prática e vislumbre de um reforço temporal na componente prática ao longo do curso como uma mais valia.

☺ No acompanhamento a uma criança com NEE, as estagiárias tiveram a possibilidade de viver o processo de apoio a essa criança a partir de um trabalho concertado entre a professora cooperante e a professora de apoio.

✎ Destaca-se a vontade a disponibilidade e predisposição para a

<p>nos viemos embora), as crianças com necessidades educativas estavam a relacionar já os primeiros textos que as outras crianças tinham aprendido...</p> <p>E2 - Mas foi espectacular, porque eu nunca tinha percebido como é que isto funcionava. Eles relacionavam a imagem com uma palavra, e isso, para mim foi estrondoso, porque aquela imagem que eles desenhavam fazia-lhes sentido, por isso, é que eles iam à palavra, eles relacionavam... depois, isso, permitiu-lhes chegarem à frase, e, depois da frase ao texto que eles tinham feito.</p> <p>E1 - <u>* * Nós também aprendemos muito com os meninos com necessidades educativas especiais, porque, também, o trabalho que nós desenvolvemos com eles...</u></p> <p>E2 - <u>Eu acho que esta foi a grande aprendizagem... aquela que me deu mais prazer. Foi algo que eu não tinha noção nenhuma, não tinha qualquer noção de como é que ocorria. E, deu-me mesmo muito prazer, mesmo, muito prazer!</u></p> <p>E1 - Aprendemos com as necessidades educativas especiais, também. Porque, apesar de elas serem necessidades educativas especiais, o que eu estava a dizer era: <u>* * nós desenvolvemos um trabalho, que era o “Projecto dos Animais”, e que elas também queriam fazer. E, claro que fizeram, não como os outros, mas fizeram o trabalho. E a nível de comunicação, uma das meninas que tinha necessidades educativas especiais foi a melhor a apresentar o trabalho.</u> E, uma coisa que eu tinha dito à I, eu assim: eu só lhe disse uma vez! Porque eu assim: Ah, ela quer apresentar, vai apresentar como os outros (era sobre os tubarões). Eu disse: o tubarão vive, o tubarão nasce, o tubarão assusta as pessoas... numa forma assim muito natural. Só lhe disse uma vez, ela chegou lá à frente do quadro e disse tudo, tudo, tudo... e ainda inventou...</p> <p>E2 - Primeiro, porque tinha uma grande necessidade, ela queria fazer aquilo que os outros faziam. Porque ela, até agora, ela tinha a noção que estava a fazer coisas que os outros não estavam a fazer, e, ela não estava a fazer aquilo que ela queria. <u>* * Porque, ela queria fazer aquilo que os outros estavam a fazer! E foi um momento que ela teve para fazer a mesma coisa que eles, e ela foi a melhor.</u></p> <p>E1 - Aquela apresentação, foi de longe, a melhor. Claro que não teve aqueles conteúdos que os outros todos abordaram, mas, a forma dela falar, de mostrar o animal e: ele vai comer aquilo...</p> <p>E2 - E, agora no final, houve um momento fundamental, quando nós viemos embora (o ultimo dia), em que houve avaliação por</p>	<p>aprendizagem.</p> <p>* * O valor atribuído às aprendizagens feitas no trabalho com crianças com NEE.</p> <p>Consciencialização de uma das competências apontadas por Perrenoud “conceber e fazer evoluir os dispositivos de diferenciação”, fornecendo “apoio integrado a alunos portadores de grandes dificuldades”, fazendo do sucesso escolar uma realidade para todos. Também nos dá conta da evolução sentida pelas próprias estagiárias.</p>
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

parte deles, do trabalho realizado por nós. E, foi da parte deles, que saíram as palavras que mais nos fizeram sentir... porque, mais a mim, refiro-me a mim própria. Porquê? Porque a J., que é uma das crianças que tem necessidades educativas especiais, conseguiu ir buscar aprendizagens que tinha realizado, desde o início. Portanto, os meninos só se lembraram agora, da Visita de Estudo realizada (que tinha sido na semana passada), de trabalhos realizados na semana passada... e, ela foi buscar aprendizagens realizadas desde o início que nós estivemos lá.

E1 - Eu acho que, apesar deles terem o rótulo (entre aspas, não é?) de necessidades educativas especiais, eu acho que eles em várias áreas... por exemplo: a J. (o B., não) está ao mesmo nível que os outros alunos. Em termos de contagens, quando nós... havia lá meninos que estavam mais atrasados do que ela. E, ☹ é engraçado ter esse trabalho, porque, apesar de tudo, de ser uma menina com necessidades educativas especiais, há várias áreas, há várias actividades em que ela está ao nível dos outros. É engraçado perceber isso.

N - Está-me a parecer que esse foi um aspecto francamente positivo no vosso estágio. E as maiores dificuldades, prenderam-se com o quê?

E1 - As dificuldades prenderam-se com... No início, eu ... nós estávamos preocupadas é com os meninos, eu sinceramente, estava preocupada era com os meninos. É um 1º ano, a professora C dizia: eles têm de chegar ao final do ano a saber ler e a escrever. E nós sentimos essa responsabilidade! Eu assim: reflexões? É para mim, é importante para mim, mas eu estou mais preocupada é com os alunos. Eu prefiro estar a fazer uma actividade em casa para “amanhã” para eles, do que estar a fazer uma reflexão para mim... sinceramente. Eu sei que eu posso reflectir em casa sem ter que escrever, não é? Nós reflectimos sem ter que escrever... Mas, há que haver, depois, um suporte escrito.

N - Vocês reflectiam, faziam diariamente um trabalho de reflexão com a professora cooperante?

E1 - * Quase sempre fazíamos todos os dias reflexão do trabalho, em termos de actividades. Depois marcávamos sempre uma reunião à quarta-feira, outras vezes, era à sexta-feira...

E2 - Todas as semanas havia uma...

E1 - * Todas as semanas, pelo menos, uma havia de certeza! Em que fazíamos o balanço da semana, da que passou e da que vinha,

☹ A percepção das diferenças e das potencialidades de cada criança.

Transmissão de responsabilidades sobre as aprendizagens dos alunos pela professora cooperante às estagiárias.

* Referência aos momentos de planificação e de reflexão realizados com a professora cooperante.

Reflectir na e sobre a acção para intervir.


(O que é que...). Fazíamos sempre o balanço. Os conteúdos, as estratégias, o que aconteceu, o que não aconteceu... o que podíamos melhorar, o que não podíamos melhorar...

E2 - O que aconteceu nesta semana, o que vai acontecer na próxima semana... o que correu mal nesta semana, e que para a semana vamos ter de melhorar...



N – Tal como vocês referiram atrás. Eu penso que já conversámos sobre várias situações importantes relacionadas com o vosso estágio e que podemos terminar aqui. Mas se quiserem algo sobre aquela turma, aquela escola... estejam há vontade.

E1 - A única coisa que eu queria dizer, é que acho que, no início da entrevista, nós tínhamos dito que achávamos que o estágio devia ser mais progressivo. Não sei se se lembra?

N - Lembro-me, sim.

E1 - E, a sensação que eu tive no ultimo dia, é que é assim: o estágio não devia acabar agora! O estágio devia continuar! Porque estamos a deixar os meninos, agora, que eles estão a dar o salto e está tudo a correr maravilhosamente! Se, no início eu achava: Ai, três meses? É muito! É muito... não dá... não sei se vou aguentar. Agora, que cheguei ao ultimo dia, dizia: Não, isto devia de continuar! Não devíamos parar aqui... deviam deixar-nos continuar!  Custou muito deixar a turma, deixar a professora... Custou, muito! Se no início dissemos aquilo, eu já escrevi na minha reflexão, sugestão: um ano de estágio, para ver o trabalho todo. (risos) Porque se o estagio corre bem, se está tudo a correr bem, uma pessoa não quer deixar... não quer parar a meio! Quer continuar...


N - Hum, hum... Disse uma palavra, que para mim também é importante: sugestões. Que sugestões? Vocês terminam, felizmente, o curso este ano (têm a vossa licenciatura), são senhoras professoras... Sugestões para os colegas que hão-de vir, para os estágios que hão-de e vão acontecer...


E2 -  É na prática que se aprende. E, por isso, devia haver mais tempo de prática. Mais tempo de prática!  Passamos muito tempo aqui na IES, sem necessidade nenhuma: com algumas cadeiras que não fazem sentido algum, que não nos são necessárias...


E1 - Acho que era importante, nem que fosse, tipo, por semana (uma vez, duas), ir assim às escolas, e estar numa sala de aula. Eu acho que é muito importante a prática.

E2 - Acho que há muitas cadeiras que é só enfeitar... Há cadeiras

A vontade de o estágio não terminar antes do final do ano lectivo, contrariando a ideia apresentada inicialmente da complexidade da “longevidade” do estágio.

 Levantamento da sugestão de o estágio ter lugar desde o início ao fim do ano lectivo dos alunos. Nota-se o envolvimento e a responsabilização pessoal.

 Valorização da aprendizagem que é concretizada na prática, em acção.

 Desvalorização de algumas disciplinas de carácter supostamente teórico do curso de formação.

que não fazem qualquer...

E1 - ✂ Eu acho que “aqui”, também, se aprende, mas, acho que na sala de aula e com os alunos, aprende-se mesmo! E outra sugestão que eu dou é para os colegas que vierem é: ♦ tudo o que a professora cooperante disser, para eles aproveitarem...

E2 - ... é sagrado!

E1 - ... é sagrado, tudo! Desde o início... eu se agora me dissessem: volta atrás...

E2 - ♪ Quer dizer, depende um bocado, se tiverem uma boa cooperante como nós tivemos.

E1 - Pois, claro, claro...

E2 - ♪ Porque se tiverem o azar de ter uma má cooperante, uma má profissional, isso pode ser, também, uma grande desvantagem...

E1 - Pois... Eu se voltasse atrás, tinha feito... aquele salto tinha sido antes, tinha sido mais cedo.

E2 - Se tivessem estado no nosso contexto... no nosso contexto era: aquilo que a professora cooperante pensa, era sagrado. ♪ Agora o problema é, se estiverem a ser acompanhados por uma professora cooperante que é má profissional!

N - E quanto aos professores tutores?

E1 - ... é difícil! É difícil estar a dar sugestões para eles...

E2 - ♥ É difícil porque são poucos professores e eles não acompanham só o quarto ano... Eles estão a acompanhar o quarto e o terceiro ano.

E1 - É complicado! Nós falámos sobre isto num seminário... Houve um seminário, em que a professora C. falou, e, explicou-nos o porquê de não estarem lá os professores tutores sempre... É que a I.E.S. levou uma grande reviravolta, e que houve muitos professores que se foram embora, e ficaram 1/3 daqueles que estavam. E, é difícil eles estarem a acompanhar-nos... se calhar eles têm turmas do segundo, terceiro e quarto ano, e ter que andar nestas práticas todas, é complicado... é complicado! ♥ Mas eles estão sempre... a maior parte deles estão... estavam disponíveis... E, houve grupos que aproveitaram.

N - ... Muito bem. Balanço final deste estágio?

E2 - Positivo!

E1 - Super positivo! (risos) Foi um estágio bastante produtivo! Para já, porque ainda estivemos um bom tempo com os alunos (estivemos 3 meses), mais aqueles meses de observação e acho que foi muito bom para nós... de todos os estágios, também foi o que

✂ Atribuição de importância à teoria, mas valorização particular da prática.

♦ Destaque da importância atribuída ao papel desempenhado pela professora cooperante.

♪ Referência à importância da competência profissional da professora cooperante e de qualquer professor cooperante.

♥ Referência à sobreposição de papéis dos professores da equipa de tutoria, situação que implica e parece criar alguma instabilidade no acompanhamento e supervisão das práticas. Compreensão e aceitação da dificuldade em todos os professores da equipa de tutoria estarem mais presentes, reconhecendo, ainda assim, a disponibilidade destes para as ajudarem.

Valorização da Prática Pedagógica supervisionada no âmbito do módulo do curso Intervenção Educativa IV.

passámos mais tempo. Valeu a pena!

N – Muito obrigada às duas... colegas...

E1 - (risos)... De nada!

PRIMEIRA ANÁLISE À PRIMEIRA ENTREVISTA DA PROFESSORA COOPERANTE

ENTREVISTA	INFERÊNCIAS / QUESTÕES
<p>N - Antes de mais, quero agradecer a sua disponibilidade para colaborar comigo no trabalho que estou agora a iniciar e que espero consiga desenvolver até ao fim, mas que sem esta ajuda seria impossível.</p> <p>PC - Se eu puder ajudar, pode contar comigo.</p> <p>N - Então, gostava primeiro que me dissesse qual é a sua formação académica.</p> <p>PC - É o Magistério Primário e depois mais o CESE em supervisão pedagógica e gestão da formação.</p> <p>N - O número de anos de serviço que tem.</p> <p>PC - Tenho... estou no trigésimo, estou no trigésimo.</p> <p>N - Quanto tempo de trabalho tem como cooperante no 1º ciclo?</p> <p>PC - Tenho muitos anos. Comecei quando tinha o segundo ano portanto ora deixe cá ver... três, quatro, ora cinco, cinco, seis anos. Seis anos.</p> <p>N - E na escola aonde se encontra agora? Quanto tempo?</p> <p>PC - Ora foram todos esses menos um. Portanto cinco, cinco anos. Portanto espere aí... não. Quatro anos aqui e dois anos na escola M2.</p> <p>N - Está bem. Pronto, basicamente, o que eu lhe queria pedir nesta primeira entrevista, porque eu gostaria que depois no final do estágio pudéssemos conversar de novo, que falasse sobre a sua experiência como cooperante. Como é que aconteceu, como é que foi abordada, o que é que a leva a aceitar, porque é que se envolve nesta supervisão da prática pedagógica das alunas da formação inicial, bom basicamente é isto. Podemos conversar sobre este assunto?</p> <p>PC - Claro. Pronto. ♠ <u>O porque e como fui abordada no primeiro ano. Fui abordada por uma professora da I.E.S que conhecia uma professora da escola, uma colega, neste caso concreto a MJ, portanto foi por intermédio da MJ eu fazia parte do grupo dela e pronto propuseram-me para eu ser cooperante e eu aceitei. Pronto foi assim que começou. Foi através da MJ e da professora da I.E.S. concretamente a V. E nos outros anos tem sido através do U, da T,...</u></p> <p>N - Portanto, passou a ser contactada a partir daí por professores da</p>	<p>Nesta “introdução”, estabelece-se um contacto, uma relação com a professora cooperante, tentando-se perceber o seu curriculum na área da supervisão e dando-se a conhecer o tema e os objectivos da entrevista, optando-se por colocar uma questão global, aberta de forma a que ela expresse as suas vivências, ideias e opiniões livremente</p> <p>Habilitações académicas: Magistério Primário + CESE em supervisão e Gestão da Formação</p> <p>30 anos de serviço</p> <p>6 anos cooperante da I.E.S.</p> <p>4 anos cooperante na escola M.A.</p> <p>♠ A cooperante revela aqui que terá sido sempre abordada de forma personalizada e individualizada para assumir a função de supervisora da prática pedagógica e não através de um contacto institucional.</p>

I.E.S..

PC – Pois, exactamente.

N - O que é que a levou e o que é que a leva neste momento a aceitar?

PC – Pois, são coisas diferentes. ♦ No primeiro ano que fui aceitar, fiquei muito contente porque achava que era algo com que ia aprender. Pronto, era uma experiência nova e eu pensava que com as meninas estagiárias eu iria aprender muito. E isso enriquecer-me-ia à minha prática e a mim como pessoa. E isso aconteceu, aconteceu mesmo. Hoje, se calhar penso ao contrário. ☆ Hoje penso que se calhar não são elas que me vão dar muito a mim a nível, a nível de prática... † Vejo as estagiárias... e este ano concretamente aceitei-as porque, tendo um primeiro ano e sabendo que é um dos anos em que nós temos que estar e trabalhar muito, muito, muito com eles e que os alunos estão muito dependentes de nós, eu aceitei por pensar que as estagiárias são uma mais-valia para a turma. Portanto, teria muito mais tempo. Seríamos três professoras e três professoras é diferente de uma. ♪ Mas, neste momento, penso que neste momento, eu tenho mais para dar, eu posso ser mais útil a elas do que elas a mim, a nível da prática. ♣ De toda a maneira ... Eu também estou a aprender. Porque é assim, eu quando estou a pensar naquilo que vou fazer ali na sala, eu estou a pensar não só para mim e para os meus meninos, mas também estou a pensar numa perspectiva de estar a ajudar as estagiárias que também estão a aprender a ser professoras e isso leva-me também a pensar melhor na acção e a aprender. Está a ver?

N - Exactamente.

PC - Foi o caso de ontem à noite. Eu estive a pensar num trabalho de texto... elas deram-me a grelha semanal onde tinham lá as sessões e eu olhei para aquilo e pensei olha isto podia fazer-se desta maneira e de outra maneira e de outra maneira e então estive a estruturar e a pensar quais eram as várias hipóteses de trabalhar de uma maneira mais, mais diversificada, porque quando nós estamos a dar as aulas, nós já temos mais experiência e mesmo numa situação nova nós mesmo que não tenhamos a situação planificada, nós conseguimos dar a volta e partir depois para outro dia e agarrar naquilo. © Se nós não as ajudarmos a terem um leque diversificado de situações que possam acontecer, é mais difícil para elas agarrarem nas situações. Portanto elas têm que ter várias hipóteses de trabalho e essas hipóteses de trabalho elas depois podem ir

♦ Expectativas criadas quando iniciou a supervisão: construir aprendizagens, em particular de natureza prática, entendendo-a uma mais valia para a prática e um contributo para um maior crescimento e desenvolvimento pessoal

☆ Tendo em conta o conhecimento prático construído e adquirido, a aprendizagem prática que realizou ao longo dos anos, expressa que são as estagiárias que terão agora mais a aprender com ela.

† Motivação: a aprendizagem das crianças. Considera que o facto de aceitar estagiárias é importante para ela enquanto professora responsável por um grupo de crianças que terão a beneficiar com a sua presença na turma pois a capacidade de ajuda, e, portanto, de acompanhamento a cada criança é maior.

♪ Entende que neste momento da sua vida de professora, no ponto em que se encontra na sua carreira e no que respeita à prática pedagógica, são as estagiárias que poderão realizar mais aprendizagens com a sua ajuda, com o seu saber experiencial.

♣ A responsabilidade que assume em relação às estagiárias obriga-a a reflectir ainda mais sobre a prática (das estagiárias e da sua) e considera que tal atitude a leva também a continuar a aprender. Além da preocupação com a aprendizagem dos meninos, revela também estar preocupada com a aprendizagem das

buscá-las e adaptá-las às situações que aparecem. Tendo ali as estratégias que se podem aplicar e depois estando na prática com os miúdos e as dicas que eu lhes vou dando, elas dali com as ideias que já têm, as diversas pistas, já é mais fácil agarrarem as situações novas. Não sei se me faço entender.

N - Faz, claro que sim. Qual é que acha que é o seu principal papel, a sua principal função enquanto professora cooperante?

PC - ☉ É mais uma orientadora. Uma ... é mais uma orientadora de maneira a estimulá-las ainda que se tenha de apontar as falhas mas de uma maneira muito estimulante. Tenho sempre muito medo de... quer dizer, quando estamos as três, dizer isto saiu mal. Naquilo que saiu mal há sempre qualquer coisinha de bem. Não desmotivar, não as desmotivar sobretudo. Apontar os erros, mas encorajar, encorajar, o meu papel também é de encorajar. Eu no meio da sala ☼ sinto-me mais como moderadora. Mas tenho sempre o cuidado de dar muitas pistas, de diversificar as estratégias, para elas, naquelas várias que lhes são dadas, se identificarem com algumas das estratégias apresentadas e eu digo-lhes sempre que elas não podem fazer sem sentirem as coisas. É por isso. São nossas colegas. Nós temos que, como é que eu hei-de dizer, temos que ser muito realistas. ☉ Fazer sentir que há imensa coisa que no dia a dia lhes vai aparecer e que elas têm que resolver. E não há receitas para nada. ☹ As receitas que há, é elas estarem abertas a aprender, e estarem disponíveis... é a disponibilidade interior e a abertura para aprender. Nunca, o nosso projecto nunca está feito. Está a fazer-se. Nós, todos os dias estamos a construí-lo. E é dizer-lhes não é que saiba mais que elas. Só tenho mais experiência e depois tudo o que sei tem sido com colegas, com a partilha dos outros e também com a minha vontade também para aprender. Porque nós quando estamos abertas para aprender, até com uma simples conversa que nós tenhamos umas com as outras, nós aprendemos. É assim, eu também estou ao serviço delas. Tal e qual. É assim, eu ponho-me sempre em causa. Se um menino não está a adquirir uma determinada competência, está com dificuldades, não está a andar como nós gostaríamos que ele andasse e não está a atingir determinados objectivos e a chegar àquelas metas que nós traçamos para aquele tempo, eu nunca quase nunca atribuo o facto aos meninos. ☑ Eu ponho-me sempre em causa, o que é que eu estou a fazer mal? O que é que eu poderia ter feito? Então, pondo-me sempre em causa, eu estou sempre à espera de ir buscar qualquer

estagiárias.

*A reflexão que faz sobre as propostas das estagiárias; a criação de alternativas; é uma reflexão mais «apurada» é lançar pistas de trabalho, é «andaimar».

☉ Função/papel da supervisora: ajudar as alunas na sua prática, fornecendo-lhes instrumentos de trabalho que lhes possibilite tomar conhecimento das mesmas e fazer opções.

☉ Função/papel da supervisora entendida como orientadora e desencadeadora de reflexão sobre a acção; uma reflexão construtiva «encorajadora».

☼ De novo a questão da ajuda, disponibilizando saberes práticos que possam alargar e adequar o conhecimento prático em crescimento das estagiárias, precisando estas de retirar aprendizagem sem que tal aconteça «a papel químico», mas que exista uma aprendizagem pessoal, personalizada, própria.

☉ A aprendizagem é continuada e situada, dependendo das situações.

☹ A aprendizagem ao longo da vida – a importância de se estar sempre disponível para aprender com a nossa prática e também com a prática e os saberes partilhados dos outros, a aprendizagem com os pares. Será isto que vai acontecer ao longo do estágio? A professora cooperante centra a sua mais valia no valor acrescentado da sua experiência, do seu conhecimento prático. Ainda assim, revela a sua disponibilidade e

coisa para que determinadas falhas não aconteçam.

PC - Quais são as suas preocupações, se é que se pode falar em preocupações, quando abre a sua sala a estagiários?

PC - † Eu julgo que mudei, que cresci. Sabe, nos primeiros anos, eu tinha grande preocupação de, naquela altura, fazer um bocadinho diferente já que me estavam a ver, que me estavam a observar, eu sentia-me avaliada. Mas eu agora, quer dizer, já não tenho essa preocupação. Quer dizer, já faço tudo tal qual como faço no meu dia a dia tal qual como eu sou...

N - Já muito natural

PC - Isso, já muito natural. Elas estão lá mas elas estarem lá a observar para mim, para mim já me esqueço que elas estão lá.

N - E, na sua opinião, em que medida é que esse período de observação é importante para elas?

PC - Eu acho que é importante e eu costumo-lhes dizer. É importante porque é assim, é nesse período que têm oportunidade de observar um professor em acção. Confrontar a teoria estudada com a prática. É um tempo de levantamento de questões sobre o observado quer sobre as didácticas, quer sobre atitudes e comportamentos. É o início da construção e apropriação do seu modelo pedagógico como professor. > Aprendem também com aquilo que a cooperante não faz bem. Eu digo sempre: olhem, se vocês acharem que eu estou a fazer mal, então, olhem, com os nossos erros e os erros dos outros nós também temos ... podemos aprender. Então eu não vou fazer assim, podemos melhorar isto. Eu faço muitas vezes com elas, muitas vezes, a minha auto-avaliação portanto, isso é que é. Eu estou ali e só sou um bocadinho diferente delas é ter mais anos de experiência. De resto mais nada. ✂ De resto continuo a errar e a tentar todos os dias melhorar. Assim é que eu sinto. Com os erros que observam e sobre os quais devem reflectir, também aprendem.

N - É a sua postura.

PC - É a minha postura. Assim é que eu sinto, assim é que eu sou. Eu também me ponho muito em causa.

N - Retomando um pouco o que estávamos a falar atrás. Quando foi então abordada este ano para ter estágios foi...

PC - † Este ano foi muito sinceramente eu este ano só recebi estágios só a pensar nas minhas crianças só e mais nada.

N - Uhm uhm

PC - Só e mais nada. Porque eu tenho um primeiro ano e nós só na

intenção para continuar a aprender.

☑ Auto-reflexão; reflexão sobre a acção no intuito de a melhorar, não responsabilizando o outro, mas colocando-se a si mesma em questão.

† Dá conta que, no início, tinha uma preocupação acrescida na forma como planeava as aulas e como as orientava, já que se sentia observada e avaliada. Depois acabou por encarar esses momentos de forma natural. Revela a existência de crescimento pessoal e profissional

✂ Importância do período de observação – confronto teoria/prática e ainda a reflexão sobre o observado, ou seja, sobre uma prática.

> Chama a atenção das estagiárias para a aprendizagem que pode ser feita através da observação da prática e da reflexão sobre a mesma no sentido de a melhorar, de a aperfeiçoar.

✂ Atitude humilde, admitindo que nem tudo o que faz, está bem feito ou é o mais adequado em determinado momento. E as estagiárias, assim como ela mesma, podem aprender com isso, levando-as a reflectir sobre a sua prática, a prática que observaram.

† Reforço do que já havia referido sobre as motivações que a levaram a aceitar estagiárias: essencialmente e em primeira instância, a aprendizagem das crianças, não descurando, no entanto, poder ajudar

<p>organização da sala ainda ajudam mais a ser cada vez mais autônomos. Aliás eu penso que quanto mais gente houvesse agora a ajudar-me melhor seria. Portanto <u>foi só a pensar nos meninos. O que me motiva é dar mais e melhor aos meus alunos. Esse é o ponto número um. Depois eu, com a minha experiência, é claro que também posso e quero ajudar os professores mais novos.* Apesar da minha inquietude, a inquietude não passa, a preocupação não passa, mas julgo que estou mais apta a resolver situações imprevistas e aquelas coisas que nós no início de carreira ficamos sufocadas, ficamos embaraçadas. Julgo que a experiência trouxe-me algum saber, alguma segurança. Neste momento estou com alguma segurança e acho que isso pode ser rico para elas. Portanto, neste momento estou noutra postura. ↗ Portanto, elas são uma mais valia na sala e estou ali também para as ajudar, mas a minha, a minha primeira aposta foi o meu grupo de meninos.</u></p> <p>N - Conforme está a dizer então, está numa outra postura mas também está aqui para as ajudar.</p> <p>PC - Claro, sim, sim</p> <p>N - Há pouco falámos nos papéis a desempenhar enquanto cooperante. Conhece o protocolo que a <i>I.E.S</i> estabelece com a escola? A colega também assina um...</p> <p>PC - ♦ <u>É assim, este ano... O que está dentro da capa eu já li tudo mas, pronto eu assinei, mas sinceramente... ainda não me debrucei sobre o protocolo. Li-o transversalmente.</u></p> <p>N - Na capa tem um regulamento.</p> <p>PC - Sim, sim, sim. Isso li e há o protocolo...</p> <p>N - Sim e há o regulamento do funcionamento do estágio, do funcionamento da intervenção educativa...</p> <p>PC – Sim. Portanto, por exemplo, em relação às planificações. Entre aquilo que está e o que é vai uma grande diferença. Olhe, por exemplo, qual é o meu papel na questão das planificações das estagiárias? Às vezes há uma questão de linguagens. Se eu souber que eu sou, que eu é que tenho inteira responsabilidade daquela planificação entre mim e a estagiária, eu, é uma coisa. * <u>Agora se eu ajudo e depois eu sei que aquela planificação vai passar pela professora A e esta diz que não são estas palavras, que isto não deve ser assim e não deve ser assim, ... qual é o nosso papel? Aqui ainda não percebi muito bem qual é o meu papel.</u></p> <p>N - Teve conhecimento que há uma oficina de formação para cooperantes na <i>I.E.S</i>?</p>	<p>as estagiárias, considerando sempre a importância da sua experiência..</p> <p>* Valorização do seu saber prático e da importância que o mesmo poderá ter na aprendizagem das estagiárias. É uma situação que nos transporta para o seu momento de vida de professora.</p> <p>↗ De novo a sua grande motivação: dar uma maior ajuda aos meninos, mas também ajudar as estagiárias. Dupla motivação: as estagiárias serem uma mais valia para a turma de crianças e ajudar as estagiárias.</p> <p>♦ Revela remeter para segundo plano a dimensão institucional e protocolar, reconhecendo não se ter detido neste assunto.</p> <p>* Preocupação com a definição de papéis (cooperante e tutores) e com a aferição de linguagens entre a professora cooperante e os professores da Instituição superior de Formação de Professores. Em relação a este assunto, terá havido</p>
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>PC - Não... Não me recordo.</p> <p>N - Está realmente a funcionar uma oficina de formação na <i>I.E.S.</i> com um grupo de cooperantes que têm este ano estagiários e um dos objectivos dessa formação é exactamente aferir linguagens e os procedimentos...</p> <p>PC - E quem é que está a dar essa oficina?</p> <p>N - A C e a I. São as duas.</p> <p>PC - Mas então espere lá uma coisa. Não estão a trabalhar com cooperantes...</p> <p>N - Estão, estão. Só estão a trabalhar com cooperantes.</p> <p>PC - Então, e quais são as cooperantes que estão lá? Da <i>M.A.</i>, da minha escola, penso que ninguém foi abordado nesse sentido, portanto ninguém se inscreveu.</p> <p>N - Ah! Eu pensei que tivessem tido conhecimento.</p> <p>PC - Não, eu não sei. Só se falaram nisso no ano passado...Olhe quer dizer... sabe que eu até estou... (ar preocupado) ... sabe que eu ando a esquecer-me muito das coisas... mas não, não me lembro nada disso.</p> <p>N - Bom, que preocupações particulares é que tem quando abre a sua sala de aula às estagiárias? A partir do momento que aceita, tem preocupações com as crianças, com o funcionamento,...</p> <p>PC - ☞ <u>Tenho preocupações a nível do funcionamento da sala. Quero que seja a continuidade do meu trabalho. Deixo-as ser criativas, deixo-as pôr em prática o seu projecto de trabalho, mas tenho muita preocupação na ... na continuidade daquilo que os meninos estão a fazer.</u> Há um trabalho de intervenção com as crianças... ☺ <u>E a minha preocupação também é estar ali para ajudá-las.</u></p> <p>N - Claro.</p> <p>PC - ☺ <u>Sobretudo e dentro daquilo que eu sei, dentro da minha experiência, ajudar, fazer o melhor possível e ajudar o mais possível.</u> Pronto é só isso.</p> <p>N - Tendo já este tempo de serviço e tendo já estes seis anos de experiência como cooperante, considera que cresceu profissionalmente, ou este período de cooperação é essencialmente um período de maior ajuda às crianças e de ajuda para as estagiárias? Até que ponto o facto de ter trabalhado estes anos com estagiárias, até que ponto é que isso foi para si um desenvolvimento em termos profissionais?</p> <p>PC - É sempre. É assim, nós com estas coisas... é assim, portanto,</p>	<p>esclarecimentos ao longo do ano? Quem está envolvido?</p> <p>Não tinha conhecimento da formação para cooperantes na <i>I.E.S.</i> Que viabilidade de uma formação desta natureza em contexto de escola cooperante?</p> <p>Parece não ter tido conhecimento da formação a acontecer na <i>I.E.S.</i> com professores cooperantes.</p> <p>☞ De novo as preocupações relativas ao processo de ensino-aprendizagem das crianças que defende precisar de ser continuado sem sofrer alteração muito menos um volte face metodológico com a intervenção das estagiárias.</p> <p>☺ Função/papel da professora cooperante: ajudar as estagiárias, voltando a exteriorizar a ideia do valor da sua experiência capitalizada.</p>
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

nós quando temos, * nós somos um modelo, quer queiramos, quer não para elas na sala de aula. E isso faz-nos apesar de nós sermos o mais naturais possíveis e fazemos o que vimos fazendo ao longo das nossas aulas, nós temos sempre a preocupação de fazermos o melhor possível. Estruturo melhor o trabalho, dou até um fio condutor melhor às coisas. Não nos esquecemos de fazer a reflexão todos os dias. Porque eu quer dizer, quer seja eu, quer sejam elas, há sempre um momento de reflexão. Portanto, nesses momentos, há sempre uma avaliação. E nessa avaliação-reflexão, nós estamos sempre a crescer. Quer a nível profissional quer pessoal. Quer dizer, o facto de nós termos por exemplo temos duas miúdos, por exemplo eu com elas, eu também estou todos os dias a aprender. A postura delas, elas embora se estejam a esforçar na sala com os miúdos, na entoação de voz, na maneira como organizam as coisas... Eu, para ter autoridade, para fazer alguma observação, elas depois têm que olhar para mim e sentirem essa autoridade e essa autoridade elas vão buscá-la àquilo que observam e à minha relação com os outros e ... com os meninos. Portanto, nós estamos sempre a crescer. Crescemos a nível profissional porque temos, portanto, estão ali duas pessoas, estão a olhar para nós.

N - É mais exigente consigo própria nesses momentos?

PC - Sou, aí sou... Sou mais cuidadosa, quer dizer sou mais cuidadosa. Sendo mais cuidadosa, penso mais nas coisas. Penso mais nas coisas e... estou a crescer. Estou mesmo a crescer, de uma maneira e de outra. Não há crescimento pessoal sem crescimento pessoal nem pessoal sem profissional. As duas coisas encadeiam-se.

N - Pois.

PC - Eu acho que a profissão. Quer dizer eu acho que uma pessoa que não seja que não tenha uma determinada formação como pessoa, não pode ser boa a nível profissional. E por muito profissional que queiramos ser se não tivermos a parte da pessoa ali... é que as duas coisas ligam-se... a nossa profissão é uma dualidade.

N - Pois. E qual é o papel da escola neste processo? A escola enquanto organização qual é o seu papel? Qual é o papel do órgão de gestão?

PC - É assim. * Aquela escola muito concretamente. Aquela escola é muito aberta. Em relação às estagiárias, qual é o papel dela? É acolhê-los o melhor possível. É dar-lhes a conhecer, dar-lhes os dados que eles precisam quando é solicitada. É uma escola muito

* Função/papel da supervisora enquanto modelo da prática e também como incentivadora da reflexão na e sobre a acção.

A cooperante revela a importância que atribui à reflexão enquanto momento de avaliação e de aprendizagem/crescimento pessoal e profissional.

Considera que para exigir das alunas uma determinada atitude, ela própria precisa de a adoptar, de a ter naturalmente intrínseca à sua prática, o que a obriga a estar atenta e a assumir uma postura auto-reflexiva. O facto de receber e orientar estagiárias, obriga-a a estar ainda mais atenta, a ser mais exigente consigo mesma, o que a leva a desenvolver-se pessoal e profissionalmente, a fazer aprendizagens continuadas.

A responsabilidade que sente pelo facto de estar a ser observada – reocupação em “fazer bem”.

(É interessante verificar como a professora cooperante, que no início desta conversa menciona que o facto de ter aceite estagiárias se prendeu essencialmente com as aprendizagens dos seus meninos, se refere agora essencialmente à sua própria aprendizagem, não só enquanto professora responsável por um grupo de crianças no 1º ano de escolaridade e, portanto, sobre a sua prática que está constantemente a pôr em causa com o objectivo de a melhorar, mas também enquanto supervisora, atribuindo-se a si mesma responsabilidades acrescidas dada a

aberta a todas as suas solicitações, portanto dos estágios e das escolas que querem pôr lá os seus estagiários. Portanto, ✂ ... e eu fui este ano abordada através da do conselho executivo. A T telefonou para a PCE e depois a PCE é que comunicou conosco. E entretanto é que vieram as conversas particulares e o ajuste de coisas, mas primeiro houve um contacto com a escola, depois o conselho executivo contactou com as pessoas e depois a partir daí é que houve os contactos particulares. Aqui na escola funciona assim. Enquanto por exemplo quando estive na escola M2, fui contactada primeiro pessoalmente e depois é que foi pela escola.

N - Portanto esta escola é uma escola que já tem alguma história em termos de receber estagiários.

PC - - Exactamente. Exactamente.

N - Há alguma situação formal prevista no Projecto Educativo de Escola, no Plano Anual de Actividades, no Regulamento Interno... há alguma intencionalidade em receber estágios e em criar um grupo de trabalho?...

PC - Quer dizer, ✧ há abertura a esse tipo de coisas, mas... não me apercebi ainda que tivesse havido essa iniciativa. Porque o projecto educativo, por exemplo tem um plano de formação, mas agora ... não está nada ligado às estagiárias nem à formação inicial, neste caso. Era uma coisa que por acaso... aí teria que haver alguém ... no conselho pedagógico e eu por acaso sei lá de duas pessoas que têm que têm alunos da formação inicial ... e levantar esse, esse tipo de acções, por exemplo a necessidade de se fazer alguma coisa nessa área e se calhar...

N - Vocês são um grupo de professores cooperantes. Neste momento não sei quantos professores é que têm estagiários, não sei...

PC - Já fomos mais. Agora somos só quatro.

N - Quatro? E há algum trabalho que se esteja a projectar fazer em conjunto?

PC - Olhe, ♪ ainda não fizemos, mas já falámos, já falámos muitas vezes. O grupo já sentiu necessidade de se reunir e concretamente tratar do trabalho que está a acontecer nas salas a fazer-se com as estagiárias. Portanto, só faltou alguma, portanto, tomar a iniciativa. Portanto dizer: tal dia fazemos a reunião para tratar de assuntos das turmas e dos estagiários.

N - E essa reunião seria entre vocês as quatro e as estagiárias ou só entre as quatro?

importância atribuída à sua prática e aos seus saberes enquanto contributo para a aprendizagem das estagiárias, já que se assume como «modelo»)

* Função/papel da escola em relação aos estagiários: acolhimento, disponibilidade para dar as informações necessárias

✂ A cooperante dá agora a conhecer a forma como acontece a abordagem da Instituição de Ensino Superior nesta escola: através do Conselho Executivo, ainda que pareça estar implícito o contacto com determinados professores, neste caso esta cooperante. Dá conta que é uma situação que não acontece sempre desta forma. Exemplifica com o contacto estabelecido consio enquanto leccionava em outra escola ter sido feito pessoalmente, sem intervenção do Conselho Executivo.

✧ A professora esclarece que nos documentos formais de gestão e orientação pedagógica da escola não há referência à supervisão de estágio, mostrando, no entanto, que tal poderia acontecer, havendo abertura na instituição que o permitiria. Mostra também que o processo poderia ser desencadeado por professores cooperantes com assento no conselho pedagógico.

♪ Há a intenção de se fazer algum trabalho conjunto (de reflexão, avaliação) entre as professoras que este ano são cooperantes nesta escola e de eventualmente alargar essa reflexão às estagiárias.

PC - Numa primeira reunião seria só entre as quatro e depois poder-se-ia abrir, portanto, não veríamos inconveniente que as estagiárias estivessem.

N - E como é que as outras colegas, portanto, as que não têm este ano estagiários recebem esta situação?

PC - Ali naquela escola é o mais normalíssimo possível. Coisa que não é bem visto noutras escolas. Por exemplo, noutras escolas, entendem que nós cooperantes somos superiores, há ali qualquer coisa ... diferentes... sente-se professoras com estagiárias como professoras diferentes. Nem sei se entendem por ser bom ou mau. Eu não sei que diferença, mas que se sente que elas olham com uma certa diferença para as professoras cooperantes. Nesta escola concretamente não há. Porquê? Porque ♥ quase todas já tiveram estagiárias e quem não teve foi porque não quis. Porque o conselho executivo aborda as pessoas de uma maneira muito aberta.

N - Uhm uhm

PC - Porque como é uma escola muito grande, a I.E.S. normalmente contacta. E pronto como eu já tinha dito, há grupos grandes e várias pessoas lá da escola já tinham tido oportunidade e quem ... quem não teve...

N - Foi por opção própria...

PC - Foi, foi por opção própria. Portanto, este ano temos lá da parte manhã...

N - Então este ano, lá na escola, a I.E.S. contacta o conselho executivo no sentido de saber quem é que está interessado e depois é a escola, o conselho Executivo que contacta todos os professores.

PC - ♪ Todos os professores que tenham o mesmo ano. Portanto, a professora da I.E.S. contacta o conselho executivo e diz das suas necessidades e depois aí o Conselho Executivo contacta essas pessoas. Por exemplo, este ano julgo que foi abordado todo o primeiro ano para quem estava interessado em ter estagiários e houve uma professora que disse à partida que não queria ter estagiários este ano, pronto e não teve.

N - Conhece o protocolo que a I.E.S. estabelece com a escola? Sabe o que é que está previsto para a escola assumir, por exemplo? Que tipo de responsabilidades é que tem?

PC - ♦ Não, muito sinceramente... assim, estar a dizer que conheço. Já li, eu sei que quando estava ligada ao conselho executivo, eu recebia aquilo e lia, mas agora não sei.

N - Quais são as suas expectativas, este ano, em relação ao estágio

♥ Parece que o Conselho Executivo, para além dos professores que a própria I.E.S. privilegia por já ter trabalhado com os mesmos ou por outro motivo, também alarga essa possibilidade a outros professores da escola, concedendo ao Conselho Executivo a tarefa de identificar professores interessados. Numa escola com cerca de 40 professores titulares de turma, parece-nos significativo que a maior parte já tenha feito supervisão de estágios.

, ainda que, neste momento, só quatro estejam a fazer este trabalho.

♪ Este ano a Instituição de Ensino Superior parece ter privilegiado professores que tenham o primeiro ano de escolaridade, não se tendo limitado a solicitar a colaboração de determinados professores cooperantes.

♦ Mostra de novo que coloca para um plano inferior de importância no seu trabalho de cooperante a dimensão institucional e protocolar.

destas duas jovens? Quer para si própria, quer para estas duas futuras professoras, quer dos professores da I.E.S.... Que expectativas?

PC - ☼ Eu tenho uma grande expectativa que é o da ajuda, da grande ajuda e de o grupo de crianças beneficiar ao nível de sala de aula. De trabalho. Eu neste momento, conhecendo já minimamente as duas estagiárias, tenho expectativas positivas. Acho que nos podemos enriquecer mutuamente. Desde que elas sejam abertas àquilo que eu estou disposta a dar-lhes... dar-lhes pistas.

N - Que momentos é que pensa este ano disponibilizar para trabalhar com as estagiárias?

PC - Eu, todos os dias, mas todos os dias, depois das aulas, eu falo um bocadinho com elas. Reflectimos todos os dias sobre o trabalho desenvolvido. Uns dias mais tempo que outros, mas todos os dias nós reflectimos. ● Eu, não sendo uma professora espectadora, mas tiro sempre um bocadinho para tirar as minhas notas para quando está a correr muito bem eu faço a minha anotação, quando está a correr menos bem, faço umas observações a lápis e depois no final do dia eu depois digo: porque é que acham que aconteceu? Olhem isto correu melhor por causa disto, disto e isto e isto aconteceu porque, portanto estou sempre dou sempre feedback daquilo que eu vejo e não estou como espectadora, às vezes até diluída no meio da sala.

N - Sim.

PC - Pronto, depois ☼ temos um dia por semana em que nós sentamo-nos e que descontraidamente e com tempo vamos fazer a análise de toda a semana.

N - Uma análise geral...

PC - Uma análise geral e depois vamos programar a próxima semana. Portanto, ● todos os dias há uma reflexão diária e depois há um dia por semana em que nós reunimos mesmo reunimos duas, três horas, o tempo que for necessário, para reflexão semanal, avaliação barra programação, preparação.

N - Muito bem. Muito obrigada pela sua colaboração. Por hoje já chega. Depois, daqui a três meses mais ou menos, quando as estagiárias já estiverem na fase final do estágio, nós, se não se importar e se puder ser, voltamos a conversar, dessa vez já sobre o funcionamento deste estágio.

PC - Está bem.

PC - Obrigada.

☼ Refere novamente como expectativa a ajuda que as estagiárias podem ser em relação ao grupo de crianças e também aposta no trabalho que pode ser feito na equipa cooperante-estagiárias, numa perspectiva de “enriquecimento mútuo”.

● Função/ papel da supervisora enquanto mediadora da reflexão na e sobre a acção

☼ Reflexão semanal

● Reflexão diária e reflexão semanal, mais distanciada e com carácter projectivo de planeamento da acção seguinte.

PRIMEIRA ANÁLISE À SEGUNDA ENTREVISTA DA PROFESSORA COOPERANTE

ENTREVISTA (transcrição integral)	INFERÊNCIAS / QUESTÕES
<p>N – Mais uma vez agradeço-lhe esta segunda introspecção na sua vida e consciência pessoal e profissional, mas realmente, e recordando a primeira entrevista que eu fiz e a conversa que tivemos, este meu trabalho tem a ver com a supervisão da prática pedagógica de alunos da formação inicial e com o impacto em termos de aprendizagem que essa supervisão pode ter em todas as frentes, digamos assim. A frente do professor estagiário, dos próprios alunos, das crianças, do professor coordenador e da escola enquanto organização. Como é que se aprende neste processo? Como é que se potenciam as aprendizagens que se vão realizando? E portanto como primeira questão, e terminado o estágio deste ano, acho que podia ser que balanço é que faz do processo que este ano foi vivido consigo tendo em conta a actuação que teve junto das estagiárias e do trabalho que elas desenvolveram.</p> <p>PC – <u>É um balanço positivo na medida em que ♠ eu vi, senti e eu vivi que progressivamente o trabalho delas se desenvolveu e o envolvimento delas foi sempre evoluindo. Portanto, eu via-as um pouco distanciadas realmente da prática, senti pouca preparação a nível das áreas curriculares no aspecto da didáctica e progressivamente senti que elas melhoraram tanto nesse aspecto como no envolvimento no modelo pedagógico que estava a ser desenvolvido na minha sala.</u></p> <p>N – Isso significa que para sentir que houvesse evolução e envolvimento da parte das estagiárias, o que é que houve, que contributo é que eventualmente deu?</p> <p>PC – <u>Houve um contributo, até uma maior exigência da minha parte. No princípio, sugeria as ideias, lançava as ideias e a prática não aparecia. E eu andava angustiada porque tinha um grupo do 1º ano que tinha um trabalho muito organizado, sistematizado e rico na Língua Portuguesa, tinha várias coisas, várias competências a desenvolver a nível de Estudo do Meio, a nível dos projectos, a nível dos estudos e eu via as coisas muito fechadas, muito agarradas à planificação que elas faziam. E a minha angústia certamente passou para elas. No princípio, se calhar, de uma forma não muito positiva, <u>mas depois eu consegui que elas dessem um salto mais ou</u></u></p>	<p>Nesta “introdução”, estabelece-se um contacto, uma relação com a professora cooperante, recordando-lhe o tema e os objectivos da entrevista, optando-se por colocar uma questão global, aberta de forma a que ela expresse as suas vivências, ideias e opiniões livremente.</p> <p>♠ A evolução, aprendizagem feita pelas estagiárias é situada no campo da didáctica no âmbito do modelo pedagógico adoptado pela cooperante; pressupões a aprendizagem de um modelo de trabalho pedagógico no qual a cooperante desempenha um papel importante de introdução ao modelo e de desenvolvimento do mesmo</p>

menos em Fevereiro e deram esse salto.

N – Acha que houve algum momento específico para isso acontecer?

PC – Houve, houve. Houve um momento específico. ♦ Houve um momento em que eu achei que devia envolver a professora tutora no trabalho das alunas estagiárias/professora cooperante. E foi nessa altura que assim elas deram um salto.

N – Quando há pouco se referia que elas se agarravam muito às planificações, porque é que acha que isso acontecia?

PC – Isso acontecia, isso acontece devido às inseguranças, à falta de experiência, ao ter medo de não conseguir agarrar os miúdos, de não conseguir ter tempo, de não conseguir ter bagagem, portanto, para estar com uma turma, um grupo. Portanto, para ter um grupo, para trabalhar com o grupo. E muitas vezes havia coisas, havia assuntos, vivências que eram muito importantes ser agarradas e elas por medo de ser... bom, elas estavam com muito medo da avaliação, da avaliação delas.

N – Sim...

PC – Centrado muito na planificação, muito na programação. Elas aí julgo que também era por isso e era também pelo à vontade que elas ainda não tinham. Mas progressivamente elas foram ... devido à minha muita insistência, porque... por exemplo, havia um momento no Ler, Contar e Mostrar que era o tempo e o espaço onde isso podia ser feito, eu estava sempre muito atenta, por exemplo, quando algum menino trazia coisas escritas por eles, ou qualquer coisa para mostrar que eu achava interessante e que até se encaixava no que estava a acontecer ou que queria que acontecesse, ☆ eu ia ao pé delas ou levantava o dedo e pedia a minha intervenção e agarrando naquilo que eu dizia, com a minha intervenção fazia com que elas parassem e agarrassem aquilo.

N – Como é que elas reagem a essa tua intervenção?

PC – Eu julgo que reagem bem. Portanto, isto foi acontecendo e ♪ na avaliação que eu fazia no final do dia com elas, ia apontando aqueles pontos-chave que eu achava que elas se deviam ter desprendido da planificação e ter agarrado aquilo e que até podiam ter avançado para outro tipo de coisas, porque aquilo vinha até no seguimento de qualquer coisa que se tinha dado ou que se podia dar até para a planificação que elas ali tinham. Era coisas que para elas aparentemente não eram evidentes, mas que para mim eram evidentes. Tanto para aquilo que ainda estava para vir, porque a

♦ A cooperante já referira na 1ª entrevista a importância de se aferirem linguagens entre as estagiárias, os professores da instituição superior de formação e ela própria. Aqui parece-nos estar presente novamente a importância desta ideia, ao referir-se o envolvimento simultâneo dos elementos envolvidos no processo, reforçando-se a ideia de equipa e tentando minorar ou anular conflitos ou divergências.

☆ O papel/a função da cooperante: ela centra a sua atenção no que está a acontecer na sala de aula, mantendo atenção e proximidade, sem perder de vista os interesses dos meninos e a aprendizagem destes e intervém no sentido de ajudar as estagiárias a desenvolver uma prática mais adequada à realidade daquelas crianças, naquele momento, colocando ao seu dispor o seu conhecimento de formas alternativas de lidar com diversas situações, usando as situações emergentes da prática e da vivência do grupo de crianças para dar continuidade ao trabalho de sala de aula. Este tipo de ajuda parece ter sido fundamental para as estagiárias poderem aprender com ela, sendo-lhes de alguma forma exigido que usem posteriormente esse conhecimento em novas situações, ou sejam que demonstrem estar a adquirir competências.

planificação era semanal e depois era diária. Portanto, eu tinha uma visão da agenda semanal e da diária que estava a ser... portanto, com a nossa prática e com a experiência, nós temos uma abrangência maior das coisas.

N – Portanto, havia momentos específicos para trabalharem a três. Estava a dizer mesmo agora que todos os dias tinham um momento que reflectiam sobre aquilo que se tinha passado...

PC – Sim, é assim. Portanto, durante a manhã, até ao intervalo, portanto, elas já eram senhoras de, portanto a não ser ... eu intervinha quando realmente eu via que... mas muito disfarçadamente, de maneira a elas não se enervarem, de maneira a não se perderem, fazia as coisas assim de uma maneira, não sei bem dizer como, era uma orientação, mas com um certo subterfúgio, de maneira a que elas percebessem as coisas mas ...

N – Sem colidir eventualmente com a presença delas...

PC – Sim, com a presença delas. ♣ Sem andar a ver, sem mostrar aos miúdos, sem desautorizar a actuação delas. Era a minha preocupação, era não as desautorizar perante os miúdos. Foi sempre a minha preocupação. Era realmente os miúdos verem nelas também as professoras e que eu não soubesse mais que elas. Eram três professoras que estavam ali com eles. Tive sempre essa preocupação. ♪ Imagine que cada intervalo, elas davam uma determinada aula e eu aponteí dois ou três pontos e que achava que isto era fundamental. Assim, não esquecer isto e chamava a atenção para determinadas coisas. Mas depois mesmo no final da aula, havia sempre ali um momento em que nós reflectíamos as três o que tinha corrido bem, o que tinha corrido mal e havia sempre um bocadinho para o dia seguinte. E depois semanalmente havia mesmo um dia. Mas há coisas que não dá para ser a reflexão semanal. Tem que ser a reflexão diária, ...

N - Mais próxima...

PC – Mais próxima do acontecido. Porque se não, quer dizer, é o reflectir na prática e ali na prática...

N – Até para ter alguma influência no dia a seguir...

PC – Exactamente. Era esse tipo de coisas. Portanto, era uma reflexão centrada na acção próxima, a realizada e a que se vai realizar.

N – Sim.

PC – Que servisse depois para elas no momento que viesse a seguir, usufruissem dessa reflexão.

♪ Retomando uma ideia que tinha transmitido na 1ª entrevista, a cooperante reforça a importância que assume neste processo de supervisão a sua orientação, o seu saber e conhecimento adquirido através da experiência e reforça também a importância da avaliação enquanto momento de reflexão na e sobre a acção e sobre a reflexão da acção. A cooperante transparece acreditar na função da reflexão da prática

♣ Por outro lado, nesta ajuda às estagiárias, a cooperante mostra ter o cuidado de fazer sugestões sem humilhar ou desautorizar as jovens.

♪ Novamente a importância dos momentos de reflexão sobre a prática para serem feitas aprendizagens; parece-nos haver uma postura clara de incentivo ao desenvolvimento das competências reflexivas das estagiárias condutor ao seu desenvolvimento profissional. No fundo é reflectir para aprender a agir de forma cada vez mais adequada e ajustada à realidade, a cada situação emergente da prática.

N – Há pouco referiu também que houve ali um momento que considerou que precisava de haver ali um espaço de reflexão e de trabalho, penso eu, mais integrado entre as estagiárias, a colega enquanto cooperante e a tutora. Porque é que sentiu essa necessidade? Que papel é que desempenhou a equipa de tutoria neste processo de supervisão da prática pedagógica? Que articulação é que houve entre as estagiárias, a professora cooperante e ...

PC – A equipa...

N – E a equipa?

PC – Então é assim. Houve uma altura em princípio do estágio em que eu senti que aquilo que elas traziam para a minha sala de aula nada tinha a ver com aquilo que eu fazia na sala de aula, que eu queria que os meus meninos fizessem na sala de aula. Que eu achava correcto ser feito naquela sala de aula. Os desenhos para os meninos pintarem: uma fotocópia. Determinados tipos de trabalhos, portanto, eu sentia que a minha linguagem, o que eu lhes pedia na matemática, na língua portuguesa, nas expressões, nada tinha a ver com aquilo que eu achava ...

N – No fundo com o projecto curricular de turma que tinha traçado...

PC – Com o meu projecto curricular de turma.

N – E que elas tinham consultado.

PC – Exacto e cuidado, consultado não, eu tinha tirado fotocópias e dei-lhes.

N – Exactamente.

PC – Não tinha nada a ver com o meu modelo, com o meu projecto pessoal de actuação. E eu entendo que, e eu entendi que o elas estarem ali, elas não podiam deixar de ser elas próprias, mas elas tinham que se encaixar no meu trabalho. E eu pensei assim, às vezes as coisas vinham de tal maneira que elas não entendiam a linguagem. Eu pensei assim, mas não é isto. ● Eu conheço a professora tutora, eu conheço elementos daquela equipa, elas trazerem-me aquilo e levarem para lá estas coisas, isto não tem nada a ver comigo. E há aqui qualquer coisa que eu não entendo. E eu preciso também de integrar a equipa de supervisão, de tutoria na minha sala de aula. Elas também tinham que perceber qual é a minha filosofia de estar nesta sala. Mas não pode ser através das estagiárias. Tem que ser através da presença e através de uma reunião em que elas e a equipa estejam aqui e eu diga aquilo que eu

☉ Função/papel da supervisora: ajudar as alunas na sua prática, fornecendo-lhes instrumentos de trabalho que lhes possibilite tomar conhecimento das mesmas e fazer opções.

● A importância que a cooperante atribui a um trabalho de equipa efectiva entre os professores da instituição superior de formação, ela própria enquanto cooperante e as estagiárias.

acho que elas têm que fazer aqui. E dar-lhes, na matemática vocês têm que fazer isto, isto e aquilo para os miúdos chegarem aqui. Na língua portuguesa, vocês têm que fazer isto e aquilo para os miúdos chegarem aqui. E a equipa entender a minha linguagem para depois as poderem ajudar. Porque elas chegavam lá e pediam ajuda, mas pediam ajuda à maneira delas. Não pediam ajuda naquilo que eu achava que elas deviam ter ajuda. Vinham com uma ajuda completamente diferente daquilo que eu queria e achava importante para o grupo.

N – Das suas expectativas...

PC – Das minhas expectativas.

N – E eventualmente daquilo que tinham preparado nas vossas reuniões de trabalho...

PC – Exactamente! Eu preparava, portanto, as programações, eu preparava as programações com elas, mas aquilo depois, portanto, na prática, na aula, no grupo, era completamente diferente. E eu sentia que os meninos andavam a ser prejudicados. E eu andava muito angustiada. E então eu senti que era altura, pronto. ☼ E foi nesse momento em que eu pedi uma reunião à tutora e que também para ser com a professora de matemática e ... mais gente, mas não, só veio a tutora e pronto a reunião foi com as estagiárias, com a tutora e comigo. E julgo que foi a partir desse dia que a tutora devia ter tido uma conversa com elas, ou então quando elas lhe pediam ajuda ela ficou a entender, ficou a perceber aquilo que eu queria exactamente quando elas iam lá com uma determinada dúvida, ela entendia-as melhor. Eu julgo que houve aqui durante algum tempo falhas de comunicação, falhas de comunicação. Porque não, as coisas a princípio não funcionaram muito bem. Eu fui pouco persuasiva porque eu pensava... mas a partir de hoje tenho a certeza que (risos), pensava que elas, como é que eu hei-de dizer, vinham com mais, entendiam mais o que é o terreno. Vinham com mais preparação...

N – Até porque eram alunas do 4º ano...

PC – Do 4º ano. Mas não vêm. Tem que passar muita coisa por nós. ☽ Nós que temos a prática, nós que já temos experiência nestas coisas de supervisão. Como professoras cooperantes temos sempre de partir, elas são pessoas, são estudantes e que nós estamos aqui para as ajudar muito, muito, muito, muito. E orientá-las muito, muito, muito, muito. E exigir-lhes. Não: tem que se fazer e aquilo vai-se fazendo, amanhã temos que fazer. Se calhar somos um

☼ O momento da mudança: a reunião de trabalho conjunta entre os elementos da «tríade»; a cooperante considera que, a partir desse momento, foi mais fácil e mais profícua a sua ajuda e, sobretudo, a ajuda da professora tutora.

☽ A importância do conhecimento prático, experiencial na ajuda a dar às estagiárias na construção do seu saber pessoal e profissional.

bocadinho duras, aquilo como alunas de estágio, é um bocadinho duro a nível de trabalho, mas se calhar é por isso mesmo que elas estão a estagiar. E todos os estágios são um bocado duros.

N – Está a pôr, parece-me, uma nota da importância, do papel fundamental que está a atribuir à professora cooperante.

PC – Sim. ► Da professora cooperante que trabalhe, a trabalhar com a equipa, com os restantes membros da equipa de tutoria. Fundamental! Professora cooperante e alunos, não resulta só. Até porque, é uma coisa engraçada, há coisas que quando o professor tutor de ciências as vinha observar, se nós não tivermos um trabalho também com esse professor, até acertar quem faz, quem ajuda a fazer as programações, quem ajuda a fazer as reflexões, porque há coisas, há perspectivas diferentes de pessoa para pessoa. Há, como é que eu hei-de dizer, nem é bem perspectivas o termo, há concepções diferentes de fazer as coisas e as miúdas estão no meio. Às vezes elas trabalham, trabalham e o professor de ciências diz uma coisa ao avaliá-las, por exemplo, a programação, aqui devia estar uma coisa. Ah, mas a professora cooperante disse que se podia fazer assim, a professora de matemática disse que se podia fazer assim e as miúdas, sem querer, não sei, não sei de quem é a culpa, andam ali no meio.

N – Há alguma falta de coesão...

PC – Há falta de a equipa toda acertar linhas condutoras, fios condutores, para um trabalho que se quer coerente...

N – Como é que acha que isso pode ser feito?

PC – Eu acho que havia, antes de, ou seja, no início de estágio, cada grupo de alunas estagiárias reunirem-se com a sua equipa de tutoria, com a presença da professora cooperante. Em que a professora cooperante pusesse a equipa a par do seu projecto, do seu projecto pessoal e depois elas iam fazer um projecto delas, um projecto de intervenção que se integre no meu projecto de turma.

N – Sim.

PC – E depois quando elas tivessem o projecto de intervenção feito, haver novamente outra reunião com a equipa toda e depois a prática começar, quer dizer, ir começando. Portanto, é assim, uma primeira reunião em que a equipa toda e as alunas estagiárias se reunissem para ajudar a fazer um projecto. Depois quando tivessem o projecto feito, de actuação, portanto, há uma fase de observação e nessa fase de observação a equipa tinha que se reunir.

N – Uhm, uhm.

► De novo a importância do trabalho em equipa de supervisão. A cooperante evidencia a sua preocupação em aferir linguagens e procedimentos de forma a não se passar para as estagiárias incoerências ou discordâncias, o que as deixará inseguras. Numa equipa multidisciplinar, o entendimento entre as pessoas e a aferição de linguagens, saberes e procedimentos é aqui muito valorizado.

PC – E portanto, na fase depois quando elas já trazem o projecto feito, a equipa reunia-se outra vez com a professora cooperante.

N – Para fazerem uma espécie de programação a médio prazo...

PC – Exacto.

N – Em termos de modelo, de actuação,...

PC – Exactamente! Há muitos modelos. Por exemplo, há umas estagiárias que estão numa determinada sala com um determinado modelo, por exemplo em que utilizam muito os livros, em que a professora está a ver... depois noutra sala, outro modelo. Portanto em cada grupo de alunos estagiários havia de haver este tipo de trabalho. * Trabalho inicial para toda a equipa conhecer a professora cooperante. E saber por exemplo, na matemática, como é que está e até para se ajudarem uns aos outros. Porque a professora cooperante está em formação também. Eu entendo a professora cooperante também uma pessoa que está em formação.

N – Uhm, uhm...

PC – O facto de eu pensar que eu vou aprender muito com as alunas estagiárias, tudo depende de uma atitude. É uma atitude que eu tenho que as ajudar muito no ensino prático e portanto tenho de saber fazê-lo, de saber fazê-lo cada vez melhor...

N – É de dar e receber...

PC – É de dar e receber. É de dar e receber... se eu dou, depois o receber na mesma linha daquilo que eu vou dar, está a perceber, para depois nós todos nos formarmos. ♦ Estas coisas têm que ser todas muito bem sintonizadas, porque aqui não pode haver falhas de sintonização. Porque se não as alunas estão no meio, quem perde são elas e depois os alunos e nós angustiamo-nos. Temos ali “o menino” ali na mão. E andamos ali também num rangue range, numa angústia muito grande. Eu andei numa angústia muito grande. Pensei, mas o que é que eu faço no meio disto tudo?

N – Então que alteração é que houve desde essa reunião? Que impacto é que pensa ter tido essa reunião em termos de funcionamento do trabalho?

PC – Foi elas perceberem que...

N – Elas, as estagiárias...

PC – Sim, elas perceberem o que estavam ali a fazer e o que é que se pretendia delas.

N – Uhm, uhm...

PC – E foi elas sentirem que este trabalho,... que a professora tutora tinha percebido aquilo que eu estava a exigir.

* A cooperante coloca-se aqui numa postura de aprendizagem, de (auto)formação permanente. Ajuda a aprender, mas ela também o está a fazer, colocando-se sempre numa postura de aprendizagem.

♦ De novo a questão relacionada com o trabalho a fazer-se entre os elementos que constituem a equipa de supervisão.

N – Será que então também houve por parte das estagiárias um maior... como é que eu hei-de dizer... houve a partir daí... elas sempre a ouviram, sempre lhe deram importância, eu já percebi isso, mas será que a partir dessa altura elas a ouviram de uma forma diferente?

PC – Ai completamente. Eu estou convencida que foi um ouvir completamente diferente. Um ouvir...elas ouviam e tal e ia-se fazendo, a partir daquela altura, porque eu dei, porque eu pus tudo por escrito. Eu não falei só. Eu pus por escrito. Na biblioteca faz-se, na língua portuguesa é isto, isto, isto e isto; na matemática é isto, isto, isto e isto e elas pegaram naquilo, enriqueceram aquilo e devolveram aquilo. Porque eu penso que foi a presença, elas perceberem, elas eram muito, muito... eu julgo que elas estavam aqui muito pela nota.

N – Ah, percebo...

PC – Na minha opinião pessoal... Pelo menos é o que eu penso...

N – Sim, mas elas estão realmente em contexto de avaliação formal.

PC – E a presença da professora tutora e eu registar tudo e a professora tutora perceber...

N – Talvez tenha havido aí uma maior credibilidade para as estagiárias da sua pessoa enquanto orientadora?!...

PC – Eu não sei, sabe. Ah... talvez, mas que elas se envolveram a cem por cento envolveram-se e eu senti que aquilo...

N – Será que elas sentiram que aí a professora cooperante e a professora tutora estavam em sintonia e que as podiam orientar...

PC – Pois, eu não sei o que foi. O que eu sei é que foi uma volta de qualidade. Pronto, foi um golpe face muito forte. Por exemplo, muito concretamente, eu agora vou à prática. Quando eu um dia vi ela vir fazer um trabalho qualquer pelo Carnaval em que os miúdos tinham que pintar um desenho todo fotocopiado. Era um desenho de um palhaço, sei lá, uma coisa qualquer, e dava para toda a gente para os meninos pintarem. E eu disse, na reflexão oral, então isto não pode ser. Então não era muito mais rico os meninos fazerem cada um o seu desenho e depois pôr-se o desenho, mostrar-se o desenho. Depois disse-lhes assim, olhem se a vossa professora chegar aqui, ela vai chamar a atenção para esse ponto. Esse ponto, eu não concordo com ele. Aliás eu já tinha falado convosco sobre isso. Portanto, isso são estereótipos que não dão nada, não enriquecem a vossa prática, isto não pode continuar assim.

N – Uhm, uhm...

PC – Então não é que a professora tutora apareceu nessa hora? Bem, apanharam um raspanete, ela apanhou um raspanete. Eu depois não disse nada na altura, mas depois disse: estão a ver? Portanto, isto vem em sintonia daquilo que eu vos tinha dito. De encontro ao que eu tinha dito, isto não pode ser. Os meninos não podem pintar desenhos todos iguais. A criatividade não é ... Ah, como era Carnaval, pensava que... não, não pode ser. E depois estive a falar com elas sobre isso. E foi nessa altura que depois eu reuni com elas. É assim, eu julgo que foi ... foi a presença delas ali... E depois quando elas chegavam para pedir ajuda, * eu julgo que a partir daquele dia, sempre que elas iam pedir ajuda, a professora tutora percebia-as melhor. E até dizia, não foi isto? Olhem que foi isto. E ajudava-as a preparar as coisas...

N – Portanto, houve um aferir de linguagem.

PC – Exactamente. Portanto, porque a professora tutora quando acabou a reunião disse, apetece ficar aqui a dar aulas convosco. Apetece-me ficar aqui, F. ... Portanto ela entendeu aquilo que eu estava a dizer e fez também certamente criar entusiasmo às moças que antes se calhar não tinha criado. Portanto houve ali um volte face...

N – Uma mudança...

PC – É, um volte face e, na minha opinião, acho que foi bastante, bastante positivo. E daí achar que foi a viragem deste estágio.

N – Muito bem. Em relação ainda a estes momentos de encontro entre os vários actores aqui implicados, aconteceram alguns seminários aqui na escola com a equipa de tutoria com todos os estagiários e com os professores cooperantes. Em que medida, de que forma é que acha que... como é que vê estes seminários? Acha que têm algum impacto na aprendizagem, no crescimento das jovens, na tal articulação entre...

PC – É assim, a primeira coisa é assim: ☺ os seminários são sempre incompletos porque a equipa nunca está completa. Primeiro, primeiro. Para a aferição de linguagens, portanto,... Eu acho os seminários muito, muito importantes. Os seminários são as tais reuniões alargadas a todos os grupos de estagiários, de estágio. Pronto, os seminários vêm na continuação das reuniões que eu acho fundamentais para a prática. Mas os seminários foram sempre incompletos. Nunca estive a equipa toda. Houve um professor que nunca apareceu. A matemática apareceu uma vez. Só dois professores, a professora tutora e um professor é que apareceram.

* O conhecimento da filosofia de trabalho da cooperante pela tutora, assim como a confiança e o crédito entre ambas as partes revela-se aqui fundamental na melhoria da qualidade de ajuda para e na prática das estagiárias.

☺ A cooperante atribui importância aos seminários, mas deixa transparecer que estes ficaram aquém da sua expectativa em termos de possíveis aprendizagens e aferição de linguagem entre todos os envolvidos dada a ausência de alguns professores de disciplinas específicas.

Entende estes seminários fundamentais na partilha de

Portanto, da minha equipa só dois seminários é que estiveram com dois professores das miúdas. Foi um de matemática e a professora tutora.

N – Os outros não os conheceu?

PC – Conheci, mas não estavam nos... Conheci em observação um só e ... ah, e a outra professora de português só veio à sala... a professora de português veio uma vez à sala, a professora de estudos sociais veio duas vezes e nos seminários só numa reunião é que estive a professora de matemática com a professora tutora que era a responsável por todos os estágios. Portanto, as equipas... os seminários estiveram sempre incompletos na sua equipa.

N – Pois...

PC – Pronto, portanto aí há alguma falha. Pronto, mas acho fundamentais estes seminários. Importantes porquê? **** Importantes porque é um momento em que em conjunto os outros grupos de estágio portanto mostram, põem no grupo os trabalhos que estão a fazer em cada uma das salas e isso é fundamental. Portanto, se perante vários professores, quer em situação de cooperante ou não, a partir de trabalho e de experiência é fundamental numa situação de formação inicial mais fundamental é, mais importante é, porque elas estão numa situação de aprendizagem, quanto mais coisas virem e com quanto mais coisas elas se identificarem, a nível da matemática, a nível da língua, mais ricas estão, mais ricas ficam. E daí poderem depois adaptar ao seu modelo pessoal de actuação que eu acho fundamental.**

N – No que respeita aos professores cooperantes, qual é a importância que acha que estes momentos de seminário podem ter?

PC – Olhe, eu julgo que são tão importantes para nós como para as estagiárias. Porque as estagiárias estão em situação, estão ainda em formação inicial. Ao nível concretamente com a professora cooperante, eu em todos os seminários aprendi qualquer coisa. Ou uma estratégia ao nível do trabalho de texto, ou uma estratégia a nível da matemática, um trabalho que eles fizeram, ou um problema qualquer que eles contaram, um problema de situações imprevistas de sala de aula. Quer dizer, quem está desperta para aprender, aprende sempre.

N – Pois...

PC – Portanto, acho fundamental.

N – Considera que neste contexto de supervisão emergiram para si novos saberes, emergiram para si novas atitudes, novas

estratégias, de materiais pedagógicos entre os grupos de estagiários a funcionarem na escola, este ano todos a estagiarem em grupos de crianças do 1º ano de escolaridade. De novo a ideia de que aprender e construir um projecto pessoal de professor não é fazer uma fotocópia do que ouve ou do que vê fazer, mas integrar e transformar essa informação em saber pessoal e profissional que poderá usar quando sentir necessidade em momentos futuros.

**** Referência à importância dos seminários para as cooperantes da escola. Adoptando uma postura de aprendizagem permanente, a cooperante evidencia como continua a estar atenta no sentido de continuar a aprender para melhorar e ajustar ainda mais a sua prática. Apesar de, na 1ª entrevista, ter mencionado várias vezes que, dado o momento na sua vida profissional, de vários anos de experiência, seriam sobretudo as estagiárias que poderiam aprender com ela, mostra mesmo assim que continua a aprender sempre e que estes momentos de seminário desempenham um papel importante nesta aprendizagem.**

competências?

PC – Olhe, é assim, a nível pessoal, é assim, o pessoal tem que ser ligado ao profissional. A nível pessoal, a minha atitude a nível de estar com as estagiárias...

N – Está a referir-se como professora cooperante...

PC – Sim, * acho que aprendi, porque ter atitude de firmeza, de assertividade,... aprendi muito. Na maneira como lhes pedia um determinado tipo de coisas. A nível de atitude pessoal que depois irá influenciar o estar na sala de aula a nível profissional, acho que aprendi.

N – Isso significa que fez algumas aprendizagens para, por exemplo, se neste ano lectivo que se aproxima se tiver novamente estagiários, vai potenciar eventualmente algumas aprendizagens que fez aqui...

PC – Vou, mas isso para mim é muito claro. Para mim, isso é claro. Porque ✨ acho que até aquelas falhas que eu, hoje, falando e avaliando da atitude das estagiárias, do trabalho delas, eu julgo que as coisas não correram tão bem se calhar pelo facto de as minhas atitudes não serem tão firmes quanto é necessário e tão seguras quanto é necessário (fala de uma forma muito pausada). Portanto e aí julgo que aprendi muitas coisas. E no próximo ano, se tiver estagiárias, que eu no início até dizia que não ia ter, mas se calhar até vou ter (risos), ... acho que vou servir-me dos ensinamentos que tive este ano. ... Misturo muito as coisas não misturo? (olha para nós, com ar preocupado)

N – Não, não faz mal. Nós estamos a conversar naturalmente sobre a situação do estágio, portanto não tem problema nenhum, pelo contrário. Vamos então voltar aos seminários. Esta questão de estarem todos os estagiários e de estarem os professores cooperantes. Na primeira conversa que tivemos, referiu que estaria nos vossos planos terem alguns momentos de trabalho entre professores que tinham estagiários este ano e de forma a eventualmente potenciarem e reflectirem sobre o funcionamento do estágio e as aprendizagens das próprias crianças. Isso foi feito? Vocês partilhavam... por exemplo, essa sua angústia inicial em relação às estagiárias e algumas fragilidades que se estavam a reflectir nas crianças... houve alguma partilha, houve alguma reflexão em termos de grupo de cooperantes?

PC – ✨ Houve partilha de angústias e de momentos às vezes menos bons de quase todas as professoras cooperantes que tinham

* Explicita que com este processo fez aprendizagens enquanto supervisora, deixando transparecer a responsabilidade que assume ao assumir este papel de supervisora e da importância que tal missão pode ter na futura vida profissional das estagiárias.

✨ A cooperante mostra neste momento estar assumidamente a fazer uma reflexão sobre a sua actuação neste processo de supervisão, identificando aprendizagens feitas e considerando poder rentabilizar o seu novo conhecimento para futuros momentos de trabalho de supervisão que, revela, não declinará.

✨ A cooperante revela que não houve na escola momentos formais de trabalho entre as professoras

estagiários na fase inicial, mas de uma maneira muito informal. Portanto, era nossa intenção ainda algumas vezes nos encontrarmos... ah, temos que marcar uma reunião para nos encontrarmos, acertarmos agulhas, vemos o que é que estás a fazer na tua sala, o que é que estás a dizer às tuas estagiárias, o que é que estás a fazer, qual é o projecto, como é que fazem a língua portuguesa... mas essas intenções apenas ficaram por boas intenções. Formalmente, nada fizemos. Não aconteceu. Mas de vez em quando a parte ... sobretudo na fase inicial, julgo que as angústias e o mau estar e alguns problemas que aconteceram foram partilhados, assim no intervalo, nas conversas assim de chá (risos), mas em reuniões formais nós nunca fizemos. Por falta de tempo, pronto, olhe, não fizemos. Mas era nossa intenção. Mas depois eu julgo que na fase inicial toda a gente sentia essa necessidade, mas depois tal como eu também dei a volta às coisas e as coisas melhoraram, julgo que também nas outras salas as coisas também melhoraram e as pessoas começaram a falar menos das angústias e começaram a dizer: olha, estão a fazer isto na minha sala, os miúdos fizeram isto, quer dizer, nós íamos trocando impressões mas muito informalmente.

N – Houve algum momento em que as estagiárias tivessem mostrado à escola o trabalho ou uma parte do trabalho que tenham realizado com as crianças?

PC – É assim, concretamente no meu grupo não houve. Programámos uma actividade integrada na hora do conto em que foi construída uma história, os miúdos contaram, desenharam, construíram fantoches. ♪ Depois pensámos fazer uma sessão para eles contarem essa história com fantoches às outras salas, mas houve muita coisa para fazer na altura e não conseguimos fazer isso. No entanto, fomos à sala de uma das professoras cooperantes. Fomos participar em experiências que eles fizeram lá de manhã uma sessão de actividades experimentais e convidaram os miúdos do 1º ano. Nós fomos lá participar nessa actividade. Houve também outro grupo de estagiários que fez uma mostra de trabalhos aqui no polivalente, de expressão plástica. Nós não fomos lá e fomos à outra. A minha sala foi a única que não fez nada para os outros. Mas foi... centrámo-nos muito a fazer muita coisa a nível de sala e quando demos por isso o tempo tinha passado, as coisas iniciadas estavam começadas, quisemos acabar e não... porque aqui, como a escola é muito grande, as coisas tinham que ser programadas com

cooperantes para reflectirem sobre a supervisão que estavam a desenvolver nas suas salas de aula com as suas estagiárias. Manifesta ter havido essa intenção, mas não se chegou à concretização. Por outro lado, refere que as conversas informais foram acontecendo ao longo do período de estágio. No início com enfoque particular na forma como o processo de supervisão estava a acontecer (daí falarem sobre as suas angústias de supervisoras e de ajuda às estagiárias sem perder de vista os seus grupos de crianças) e posteriormente com uma focagem maior sobre os fazeres didácticos.

♪ Houve alguma partilha entre grupos de crianças a serem acompanhados por estagiários, tendo aqueles dado a conhecer a colegas, a estagiários e a cooperantes trabalho que realizaram e aprendizagens que efectuaram,

alguma antecedência. Eram feitos os convites para uma sala, portanto era preciso um dia ou dois para abranger as salas. Não podia ser tudo no mesmo dia. Depois também havia o jardim de infância, era o jardim de infância e o 1º ano, mas quando demos por isso não foi possível. No entanto, houve as outras três salas que fizeram, nós fomos ver actividades que os outros grupos de estágio fizeram.

N – Esteve a falar em relação às crianças, portanto em relação à partilha entre as próprias crianças, de trabalho e aprendizagens feitas. E em relação à supervisão do estágio, como é que vê a possibilidade de haver uma partilha, uma reflexão e um dar a conhecer mais alargado entre as professoras cooperantes da escola, eventualmente com a participação dos estagiários. Como é que isso poderia ser possível? Será que isso era importante ou não?

PC – ♥ Eu acho que é possível e acho que é importante desde que no projecto que as estagiárias fazem, esteja isso contemplado...

N – Então uma situação intencionalizada?...

PC – Intencionalizada. Estando numa escola com uma população tão grande, tem que ser um trabalho bem pensado porque um trabalho de sala de aula para ser mostrado, tem que ser feito com algum cuidado. Tem que ser muito, muito bem pensado. Agora ocorreu-me, ainda não tinha pensado nisso, mas deveria ser contemplado no projecto de estágio, de intervenção. Porque nós de uma semana para a outra podemos programar uma actividade para mostrar às várias turmas, podemos programar uma actividade por exemplo no polivalente, mas se for projectado inicialmente eu julgo que é um trabalho que não vai acrescentar nada ao trabalho de sala de aula, porque vai ser integrado, e depois uma mostra. Portanto, isto é ao nível de sala de aula de mostrar às outras turmas. A nível depois da reflexão também podemos programar uma reflexão depois baseado naquilo em que cada um mostrou, o processo como se desenvolveu.

N – Estou a pensar por exemplo na tal reunião com a professora tutora, no crescimento que despoletou, se isto não teria sido importante...

PC – ♪ Falou-se uma parte. Portanto, quando houve o último seminário de avaliação de estágio, uma das coisas que eu disse foi essa. Portanto, que o estágio tinha melhorado a partir daquela reunião e avancei com a ideia de em próximos trabalhos, em próximos estágios, esta reunião que houve comigo e que eu achei

♥ A cooperante remete para a instituição superior de formação a formalização no projecto de intervenção educativa de um momento de comunicação final na escola E.C. do trabalho desenvolvido por cada grupo de estagiários, prevendo-se uma mostra para crianças e um momento de reflexão entre os vários intervenientes do processo de estágio.

♪ A importância do seminário enquanto espaço privilegiado de partilhar momentos vividos de particular relevância no processo de supervisão e de lançar possibilidades

muito benéfica fosse feita no início em todos os grupos, porque toda a gente aí beneficiaria. Portanto, eu lancei uma ideia para as pessoas para o ano, aliás eu no meu grupo vou exigir, agora nos outros grupos podem adoptar a ideia ou não, mas se a equipa de tutoria achar que a minha ideia é plausível, eu julgo que podem avançar com ela. É importantíssimo.

N – Relativamente ao conhecimento que a escola, agora ultrapassando a ideia das turmas com os estagiários, e ultrapassando a questão dos professores estagiários, que conhecimento é que os órgãos de gestão da escola tiveram do funcionamento destes estágios?

PC – Bem, ◆ os órgãos de gestão tiveram o conhecimento do trabalho que houve por exemplo ao nível de... da exposição no ginásio, agora falando mais concretamente ao nível do desenvolvimento do trabalho, é assim, têm conhecimento porque eu tenho uma relação pessoal muito próxima do Conselho Executivo.

Eu quando fazia qualquer coisa, eu vinha e dizia «olhem o que os meus meninos fizeram». Por exemplo, quando veio o escritor, «olhem o que nós programámos na sala». Pronto, foi feito comigo e com as estagiárias. Por acaso até nem foi, esta dos escritores. Mas pronto, quando fazíamos um projecto, ou um trabalho eu ia e «vocês querem ver o que os meus meninos fizeram?». Quando eu fiz a reunião com os pais e com as estagiárias, eu disse-lhes «olhem, eu vou fazer a reunião com os pais, mas as minhas estagiárias também vão estar presentes; elas vão participar, metade da reunião vai ser feita por elas e metade da reunião é feita por mim. Portanto, formalmente não há nada, mas informalmente vou falando, vou dizendo o que é que se faz. E elas também vêem as estagiárias e falam com elas... julgo que é uma coisa informal.

N – Que sentido poderia ter formalizar um pouco mais esta situação? Que sentido poderia ter, já que estamos a falar muito numa questão pedagógica, que mobiliza as crianças, porque vocês têm vários grupos de estágio, que sentido poderia ter prever estas situações, reflectir, comunicar determinadas situações favoráveis ou menos favoráveis... num conselho pedagógico, quem sabe até no projecto curricular de agrupamento... que sentido poderia ter numa escola que é tão receptiva e tão aberta ao funcionamento de estágios? Até que ponto é que esta questão poderia ser formalizada em termos de órgãos de ...

PC – Estou a perceber o que está a dizer. Olhe, é assim, eu julgo e

de trabalho futuro. A cooperante apresenta mais uma vez a sua postura de reflexividade crítica sobre a prática, construindo conhecimento com a mesma e mostrando querer usá-lo em situações futuras.

◆ A cooperante revela que o conhecimento que o Conselho Executivo da Escola detém em relação ao processo de supervisão de estágios é de natureza totalmente informal, considerando que a boa relação pessoal que mantém com aquele órgão potencia esse conhecimento informal. Por outro lado acrescenta que as professores que constituem o Conselho Executivo também abordam informalmente as estagiárias no sentido, pensamos nós, de perceber se está tudo a correr bem e/ou se precisam de alguma ajuda.

penso que ☼ se calhar ainda não está formalizada porque as pessoas que têm estágios ainda não tiveram força... e a ideia... no pedagógico para integrar isto num plano de formação. A escola, neste momento, um aspecto menos bom é ainda não termos um plano de formação bem definido. Mas ao fazer-se um plano de formação era uma área que cabia, era uma área que cabia muito bem. Era integrar nesse plano de formação o trabalho que se faz na escola a nível dos estagiários, a nível da supervisão. Podia ser muito bem integrado no plano de formação aqui desta escola. E mais, e por exemplo ● por que não arranjarmos no final de cada estágio, por exemplo, arranjarmos um momento em que a escola, como já tivemos aqui várias acções de formação, arranjassemos um lugar, tempo e espaço em que os grupos de estágio mostrassem aos outros, comunicassem numa sala onde houvesse a comunicação do trabalho que fizemos com elas e elas explicassem como é que aquilo foi feito. Portanto, era uma exposição de trabalhos, mas centrada na sala de aula em que as professoras cooperantes e estagiárias dessem a conhecer, partilhassem o trabalho daqueles meses de estágio. Imagine, por exemplo, arranjava-se uma sala, não lhe chamaria exposição, era um debate, reflexão sobre o trabalho desenvolvido nas várias salas. Isso podia ser muito importante para as pessoas. Por exemplo, na língua portuguesa, como trabalhámos, por exemplo um texto, como é que aquele grupo do 1º ano fez. Íamos ao Estudo do Meio, os trabalhos. Apareciam os trabalhos todos feitos. Como é que eles surgiam? Portanto, seria muito interessante. ♦ Mas portanto agora falta integrar isto na dinâmica da escola. Como integrar isto na dinâmica da escola? Não aparecer isto desgarrado, um mês. Portanto isto tinha que ser uma coisa com princípio, meio e fim. Só assim é que faz e vai ter sentido.

N – Por exemplo estas reuniões que são mensais, de Conselho de Ano, em que há com certeza uma parte que respeita à parte mais pedagógica, relacionada directamente com os alunos, de que forma é que vê eventualmente a participação, ainda que fosse uma espécie de observação participante das alunas estagiárias. Será que para elas também era importante?

PC – ♦ Eu acho que quanto mais elas se envolverem na dinâmica de uma escola e dos órgãos existentes nelas, mais ricas elas vão, mais preparadas elas vão. Eu não sei com que olhos o resto da escola, o resto das professoras que estão lá e não têm estagiários vêem isto, porque às vezes isto é muito melindroso. Estar uma pessoa estranha

☼ Conversa-se (reflecte-se) e as ideias surgem... Há uma atitude de abertura em relação a uma eventual oficina de formação na escola no âmbito da supervisão de estágios, mas há que criar nos professores da escola que assumem a responsabilidade de acompanhamento de estágios essa necessidade e essa vontade.

● Retomando o trabalho pedagógico desenvolvido durante o período de estágio, a coordenadora manifesta fazer-lhe sentido (tal como atrás já tinha mencionado, ainda que talvez não de uma forma tão entusiasta como a ouvimos falar neste momento da entrevista) um momento de reflexão final conjunta na escola entre todos os participantes e, pensamos nós, mesmo aberto a todos os docentes da escola.

♦ Considera importante formalizar-se esta intenção no quadro da instituição escola.

♦ Entende que poderia ser importante para as estagiárias a sua participação nos Conselhos de Ano, mas considera que tal poderia não ser muito bem-vindo pelos professores não-cooperantes (ainda que a maior parte,

ali que não lhes diz nada. Mas eu entendo que na parte da reflexão, da partilha, da experiência do trabalho de sala de aula, eu acho que era muito importante. E até, nessa parte elas participavam e nas outras partes em que é dar resposta, é responder a determinados procedimentos hierarquicamente eu não sei, não sendo elas participantes activas, se não seria bom para o futuro delas. Eu não acho nada, nada, nada de negativo elas estarem presentes. Só que não sei até que ponto seria aceite pelo resto do grupo.

N – Pois, isso teria que ser ...

PC – Tinha que ser uma coisa falada a nível de escola, falada pela escola toda, e depois a nível de ano tinha que ser negociado.

N – E isso poderia ser uma mais valia para a escola?

PC – Eu acho. É assim, podia ser uma mais valia para os professores. Se é para os professores, é para a escola. É assim, era uma mais valia sobretudo para os professores cooperantes. Era mais valia para os professores cooperantes como eu disse há bocado porque o facto de o que eu faço numa sala de aula e o que outra faz numa sala de aula há sempre qualquer coisinha mesmo seguindo às vezes determinados princípios mas depois há determinadas estratégias às vezes há pequenas coisas que nós dizemos há aqui qualquer coisa falha-me qualquer coisa falta-me qualquer coisa que eu não sei ainda o que é mas às vezes aquilo que se faz noutra sala, se faz noutra e se faz noutra vem dar resposta àquilo que ando à procura porque é tudo muito centrado na prática. Embora seja pensado, ou seja as linhas fundamentais requeiram determinadas actividades. Portanto, eu acho muito importante.

N - Vocês este ano elaboraram um novo projecto educativo de escola. Está algo contemplado em relação à supervisão de estágios?

PC - ☆ Não está nada contemplado, não está nada contemplado no projecto educativo. Por acaso eu não participei nesse grupo de trabalho e podia ter sido uma coisa contemplada. Poderia ter sido. Mas é uma coisa que se pode, como é algo que é revisto anualmente, pode ser acrescentado alguns pontos, acho que é uma coisa importantíssima.

N – Em termos do conselho pedagógico, faz parte do conselho Pedagógico?

PC – Fiz, agora tenho outras funções.

N – Houve algum momento em que tivesse sido apresentado ao Conselho Pedagógico o trabalho desenvolvido com os estagiários?

PC – ♪ Não houve nenhum momento nas reuniões. Houve um ano

conforme mencionou atrás já tenham tido estagiários) carecendo portanto tal situação de uma negociação prévia. Entende que daí poderiam advir aprendizagens também para os professores da escola, essencialmente para os cooperantes. Não seria importante o envolvimento do Conselho Pedagógico? Não seria interessante prever esta situação quer no Plano de Formação dos estagiários, por parte da instituição superior de formação, quer no Plano Anual de Actividades da Escola e até no Regulamento Interno da Escola E.C. enquanto instituição de acolhimento de estágios?

☆ No Projecto Educativo da Escola não existe qualquer referência aos processos de supervisão desenvolvidos na escola, ainda que haja abertura para tal acontecer. Parece-nos que esta necessidade ainda não foi sentida pela escola enquanto organização. Tal facto mostra de alguma forma que estes processos de supervisão são vividos nesta escola individualmente, por cada um dos professores cooperantes com os seu grupo de estagiários.

♪ Revela que em Conselho

muito cheio de coisas. Houve o documento das competências essenciais, das áreas curriculares disciplinares e não disciplinares. Levou-nos muitas horas de trabalho, ordinárias e extraordinárias. Depois houve a revisão do Regulamento Interno, tudo em horas extraordinárias. Houve também a leitura do trabalho do projecto educativo, a revisão... houve muito, muito, muito trabalho e não houve nada que contemplasse o trabalho desenvolvido com os grupos de estágio.

N – Então que feedback é que neste momento o Conselho Executivo tem do funcionamento do estágio este ano?

PC – Feedback? Sinceramente, eu não sei. ♣ Pontualmente, sabem. Informalmente, sabem que eu ao princípio andava triste, depois que comecei a ter expectativas mais positivas e por fim que a avaliação foi bastante positiva. Que globalmente as pessoas ficaram contentes com os estágios. Daí a saber que ... não sei, não sei se dos outros grupos elas têm mais feedback. Se calhar até terão, porque pode ter sido um trabalho ainda mais vivido, como houve aqui a exposição da Expressão Plástica... não sei se aquelas actividades desenvolvidas na sala se o Conselho Executivo foi convidado ou não para ir assistir a alguma actividade, não sei. Não sei, o Conselho Executivo sabe do trabalho por informações particulares.

N - De uma forma muito resumida, pontos fortes e pontos frágeis deste estágio.

PC – Olhe, pontos fortes ... vou falar em mim, primeiro (ri-se)

N – Pode falar no que quiser: em si, nas crianças, ...

PC – 🎵 Pontos fortes, em relação a mim. Uma reflexão da minha atitude, uma mudança da minha atitude face às exigências com as estagiárias. Os alunos não terem perdido nada e terem uma mais valia com as estagiárias. No trabalho com os alunos julgo que os meninos não ficaram nada, nada prejudicados. A minha sala de aula no final do ano, posso dizer que no final do ano, naquele período de Abril a Maio que não estive acho que, como é que eu hei-de dizer, tive falta do apoio que elas davam aos meninos. Porque tinha alunos com necessidades educativas especiais a quem elas deram muita atenção e prepararam, tiveram sempre a preocupação de preparar as actividades para eles. Portanto, de uma maneira muito diferenciada.

E os outros meninos, também tendo de alguma maneira alguns grupos muito distintos sobretudo ao nível da Língua Portuguesa que precisavam também de um trabalho muito individualizado, nós as três conseguíamos atender essas crianças. Quando elas se foram

Pedagógico não existiu nenhum momento de trabalho relacionado com a supervisão de estágios a acontecer em quatro turmas da escola. Tendo em conta que em outros anos até houve mais estágios a concretizarem-se na escola e mesmo em maior número de grupos do que este ano, parece-nos não ter sido em momento algum adoptado esta prática.

♣ De novo o conhecimento informal do Conselho executivo relativo ao funcionamento dos estágios e à supervisão efectuada pelas professoras cooperantes.

🎵 Importância do estágio para a cooperante: efectuou uma aprendizagem enquanto supervisora que a leva a tomar uma atitude de maior exigência com as estagiárias em próximos trabalhos de supervisão; a importância que para si tem o facto de os seus alunos, as crianças, não terem sido prejudicadas, antes beneficiadas com a presença das estagiárias e o seu trabalho com eles; e ainda a importância do estágio na aprendizagem dos alunos.

embora, eu tinha que me desdobrar e eu senti muito a falta delas. Portanto, um ponto muito positivo foi a mais valia, o grande apoio que elas me deram às crianças, sobretudo às que precisavam de mais apoio para progredirem nos seus saberes. Portanto, isto é para mim. Para elas, ☺ julgo que levaram alguma bagagem se quiserem fazer uso dela acho que foram, eu pessoalmente acho que foram mais ricas do que aquilo que vieram. A nível dos momentos de situações imprevistas que elas tiveram que dar resposta, do grupo que aparentemente tendo um grupo homogéneo, era bastante heterogéneo e daquilo que elas face a um grupo heterogéneo elas vão ter que fazer, certamente que elas foram mais ricas no sentido de irem para a prática com a noção que têm muitos grupos numa sala e que têm que preparar várias coisas para uma turma. Não basta preparar uma lição para todos, mas sim várias lições. Portanto e eu insisti muito nisso, muito nisso. Portanto, jamais a postura de preparar uma aulinha que sirva para todos. Portanto, uma aula não vai servir para todos. Espero bem que elas não desistam. Portanto, o pessoal, as estagiárias,... ● e muito importante este trabalhar em grupo, portanto cooperante, professoras estagiárias e depois os seminários, eu sinto uma riqueza. Acho que é um ponto forte. Portanto, o papel dos seminários acho que embora não tenham funcionado na perfeição, foi um ponto forte neste estágio. Não sei, parece que já me perdi...

N – Não, não. Estava a falar nos pontos fortes...

PC – Pois os pontos fortes. Agora os mais frágeis, ☼ as maiores fragilidades... portanto foi na parte inicial de estágio, foi a falta de comunicação em alguma altura, portanto na fase inicial também. E é a tal falta das tais reuniões em que toda a equipa de tutoria se reúna com estagiários e cooperantes. Acho que é uma fragilidade mas que poderá vir a ser uma mais valia para todos os grupos de estágio.

N – Pronto, penso que terminámos, que falámos de tudo o que tinha previsto...

PC – Ah, fizemos uma coisa, ... em termos de escola... ah, tinha-me esquecido... nós, houve também um trabalho em grupo... pois, o que eu acho também que foi um ponto fraco, é assim, ... é a falta de comunicação entre os vários grupos de estágio. Eu julgo que há ali assim, quer dizer, houve ... e há... alguma rivalidade entre os grupos de estagiários e isso faz com que depois se fechem e nós cooperantes vamos também fechando naquele núcleo, está a ver?

☺ Importância do estágio para as estagiárias: aprendizagem ao nível da gestão curricular de um grupo, das respostas diferenciadas que há necessidade de encontrar

● Importância do trabalho em grupo entre a cooperante e as estagiárias e também dos seminários

☼ Reforça a ideia já assinalada da necessidade de um trabalho conjunto com a equipa de tutoria desde o início da Intervenção Educativa, a qual se inicia com a observação por parte das estagiárias de aulas orientadas pela professora cooperante.

Porque eu acho, U eu pressinto, eu pressenti que eles entre os grupos de estágio partilham pouco. Cada um quer fazer o mais bonito possível, o melhor possível e depois fecham-se entre eles. E há pouca partilha, acho que é um ponto fraco também. Um ponto forte que houve, na Páscoa o meu grupo e o grupo de outra professora cooperante fizeram um jogo de pista «à procura dos ovos de Páscoa» aqui no recinto e acho que foi um momento alto de partilha entre estas duas salas de aula. E a partir dessa altura, foi pena não ser mais cedo, eu senti que aqueles dois grupos de estágio ficaram mais próximos. E até nós, professoras cooperantes, começámos a falar mais no trabalho de sala de aula sobre o que se estava a fazer. Houve uma aproximação. Portanto deverá... agora vou mudar para outro assunto, mas depois encaixa... Portanto, se no projecto de intervenção for contemplado momentos de partilha a nível de grupos e a nível de escola, as coisas funcionam melhor e têm maior impacto, mas tem que estar previsto no projecto deles. Portanto, isso se calhar a professora cooperante tem que também saber disso.

N – Sim, no projecto de intervenção e também, como falava há pouco também no da escola, não?

PC – Sim e depois também para depois se poder integrar no da escola em si. Portanto, é assim, há o projecto de cada grupo e depois havia de haver uma parte da escola que havia de ser comum, esse ponto, essa parte da escola, havia de ser comum, por exemplo agendar datas para conseguir dar visibilidade a esse trabalho, é assim, uma coisa mais concentrada, quer dizer, não é concentrada, mas é não ser desgarrada, tem que ser uma actividade que tem que estar em sintonia com cada uma das salas mas por exemplo com um ponto único, um ponto que unisse...

N – Estou a lembrar-me que na *I.E.S.* no fim do estágio cada grupo de estagiários tem que preparar uma comunicação ao grande grupo turma relativo ao seu estágio. Podem por exemplo encontrar uma determinada área, uma determinada temática e comunica aos colegas. Esses momentos também estão abertos aos professores cooperantes.

PC – Mas depois há pouco, quer dizer, está bem, são abertas. Mas depois não há ninguém que diga com tempo... ♦ intencionalizar-se logo e envolver-se todas as pessoas. Pronto, sabemos do seminário... depois em tal data faz-se, depois eles vêm buscar os trabalhos para as intervenções, ... mas é tudo muito partido, muito

U Importância atribuída à partilha entre os grupos de estágio, a trabalho feito em comum como desencadeadora de uma reflexão comum, considerando-a como uma mais valia.

► Retoma o que já havia referido relativamente à formalização no projecto de intervenção dos estagiários de espaços de partilha e reflexão ao nível de cada grupo e dos grupos entre si (estagiários, cooperantes e equipa de tutoria) e também ao nível de escola.

♦ Parece-nos estar a defender aqui um trabalho de supervisão ainda mais integrado, envolvido e participante por parte dos cooperantes em todos os

solto, ... Portanto, eu por exemplo soube que elas iam fazer a intervenção sobre a matemática e iam fazer a apresentação das histórias, mas eu, ... não sei, há qualquer coisa solta...

N – Até que ponto estas comunicações...

PC – Imagine, * imagine aqui numa escola tão grande como esta que teve cinco grupos de estágio, se isso não poderia ter sido feito aqui, por exemplo? E a equipa de tutoria juntava-se aqui. Eu julgo que era mais próximo da realidade. Por exemplo, no polivalente, onde isso pudesse ser feito, ou numa sala onde se pudesse disponibilizar um retroprojector e... não sei, não sei bem quantos alunos serão, mas eu acho que era possível. Ou então essa partilha, esse pôr em comum eu acho que devia ser uma coisa mais... toda a gente tem muito trabalho. Haver uma pessoa responsável por chamar a atenção dos professores cooperantes, não se esqueçam que hoje é o dia de... era como, bem, se nós sentíamos a obrigação de ir aos seminários, também íamos sentir a obrigação de ir à parte final, a esse seminário. Esse seminário era o culminar de todo o estágio, sobretudo dos grupos que tivessem trabalhado na mesma escola, por exemplo. ... As escolas têm espaços, polivalentes... quer dizer, nós a pensarmos nas coisas é que depois temos as ideias de como é que funcionará melhor este funcionamento, mas julgo que não seria nada despropositado fazer este tipo de apresentação na escola, no terreno, no local onde elas desenvolvem a prática.

N – Acha que a escola podia crescer com isso?

PC – Claro, sabe porquê? Porque toda a gente pensa muito na prática, mas o facto de termos estagiárias faz com que ainda pensemos mais nela. Pensamos mais, temos mais cuidado com a nossa postura, com a nossa desorganização barra organização e pronto se naqueles momentos de observação, sobretudo quando estamos a ser observadas. Há dias em que nós esquecemos, mas quando estamos a preparar as aulas, pensamos melhor mas coisas e todos os dias temos que pensar bem nelas porque alguém está na sala que nos está a ver como modelo. Eu acho que se para nós é importante, para os outros também é importante.

N – É uma responsabilidade?

PC – É uma responsabilidade acrescida, dá-nos maior responsabilidade pessoal.

N – Muito obrigada pelo tempo que nos disponibilizou e pela sua preciosa colaboração.

momentos, mesmo nos que são sobretudo assumidos pela instituição superior de formação e equipa de tutoria.

* A cooperante, à medida que a entrevista acontece e a conversa se desenvolve, manifesta estar a fazer uma reflexão sobre o funcionamento do processo de supervisão. Parece-nos inequívoca a inexistência até ao momento de um envolvimento da escola enquanto instituição/organização, parece-nos até que nunca este aspecto terá sido alvo de reflexão na escola, contudo, com a emergência deste assunto nesta conversa, a cooperante transparece total abertura para se realizar um trabalho com sentido com envolvimento e postura diferente da escola, acrescentando de novo que o facto de se fazer supervisão de estágios implica inevitavelmente maiores preocupações e responsabilidade no que respeita ao trabalho concretizado com as crianças, tomando-se maior consciência dos fazeres pedagógicos, o que a leva, cremos, a não se acomodar em determinados gestos e saberes-fazer, mas a tentar sempre melhorar a sua acção, somando e relacionando aprendizagens.

PRIMEIRA ANÁLISE À PRIMEIRA ENTREVISTA DA PRESIDENTE DO CONSELHO EXECUTIVO

ENTREVISTA	INFERÊNCIAS / QUESTÕES
<p>N - Primeiro que tudo muito obrigada pela sua colaboração. Pela sua colaboração enquanto Presidente do Conselho Executivo desta escola, por me permitir realizar o trabalho no âmbito do mestrado que estou a frequentar e do qual já lhe falei há pouco. Como é do seu conhecimento tenho tido alguns momentos de encontro com duas estagiárias e uma das professoras cooperantes. Por tudo isso e por esta conversa que agora me proporciona, muito obrigada, pois o meu trabalho só é possível por me estar a ser dada esta possibilidade.</p> <p>PCE - Mas a escola é e foi sempre aberta para todas estas iniciativas e com certeza que para si será de par em par.</p> <p>N - Muito obrigada. A primeira pergunta que lhe queria colocar tem a ver com o saber mais um pouco de si, começando pelo ano em que fez a sua formação inicial e onde é que foi.</p> <p>PCE - Foi em Castelo Branco, na altura na escola do Magistério Primário, em 1975/76.</p> <p>N - Nessa altura era de quantos anos o curso?</p> <p>PCE - Três, nessa altura já era de três. O meu curso é o primeiro de três anos e o último portanto... houve várias mudanças... foi o primeiro portanto de três anos e o último em que ainda se podia ingressar com o 5º ano de liceu.</p> <p>N - Então tem o 5º ou o 7º ano?</p> <p>PCE - Inicie o Magistério já com o 6º ano concluído, fiz a minha admissão e a inscrição no sétimo ano condicional. Na altura já era um bocadinho complicado. Já havia muitos candidatos e já se corria o risco de não, de não ingressar e portanto nessa base eu mantive a minha inscrição no 7º ano condicional, fiz o exame de admissão ao Magistério. Como tudo correu bem, fiz a transferência do meu 7º ano de dia para a noite. E no 1º ano ainda fiz duas cadeiras de sétimo, portanto no 1º de Magistério. Depois acabei.</p> <p>N - Muito bem. Depois de ter acabado a sua formação inicial, neste momento, que grau académico é que possui?</p> <p>PCE - Então eu agora, <u>há alguns aninhos fiz o CESE em Supervisão e Gestão da Formação que é portanto uma equivalência à licenciatura. Terminei em 1999.</u></p>	<p>▲ No início desta entrevista, ficámos a conhecer que, para além do Curso Normal do Magistério, a PCE frequentou um CESE em Supervisão Pedagógica e Gestão da Formação e tendo ficado com a equivalência à licenciatura. Tem 28 anos de serviço, dozes dos quais exercidos na escola <i>M.A.</i>. Destes, oito anos como elemento do Conselho Executivo, sendo já Presidente há 4 anos. Antes de assumir estes cargos, leccionou nesta escola tendo sido professora cooperante durante 3 anos.</p>

N - Falou-me em Castelo Branco e, entretanto, este CESE foi em ...

PCE - Foi na Escola Superior de Educação de Lisboa na qual, instituição, portanto, onde eu há alguns anos atrás tinha feito uma formação... eu não sei muito bem em que contexto, sei que aquilo foi... não, não, não era só. Eu ia a dizer que foi por ser ensino particular, porque eu trabalhei sete anos no ensino particular...

N - Sim...

PCE - Mas não, eu lembro-me de ter encontrado colegas aqui de MA e portanto do ensino oficial. Era uma formação ao nível da língua e depois com base nessa formação e a convite do inspector eu e uma outra colega que trabalhava aqui no MA, num colégio do MA e mais outras de Lisboa, salvo erro preparámos uma formação para colegas do ensino particular que não tinham o curso. Agora não sei como é que as coisas se processam, mas há uns vinte anos atrás ou mais as pessoas que tinham apenas o 5º ano conseguiam uma licença para leccionar no ensino particular e de facto havia muito boa gente que... Não tinham formação, faziam depois a formação... mas havia gente muito válida mesmo. Eu conheci uma colega de quem eu ainda sou muito amiga que era que eu só percebi que ela não tinha o curso quando ela me disse. Realmente ela era uma mulher com um desempenho extraordinário, mas a verdade é que não tinham. Mas nós preparámos uma formação. Foi o meu primeiro desafio.

N - Está muito bem. Então, quantos anos de serviço é que tem, incluindo os do particular?

PCE - Vinte e oito. Já sou assim...

N - E qual o número de anos a leccionar?

PCE - Vinte. Vinte a leccionar e oito o oitavo na gestão.

N - Dos oito anos na gestão, quantos como presidente?

PCE - Este 4º como presidente. Os quatro primeiros como vice-presidente.

N - Sei que trabalhou também como cooperante...

PCE - Sim, foi uma experiência muito rica.

N - Durante quanto tempo?

PCE - Penso que durante três anos, ou seja, ... foi durante todo o meu percurso exceptuando o primeiro ano...

N - Aqui nesta escola?

PCE - Sim, quando cheguei a esta escola. Iniciei com um primeiro ano, por isso os meninos estão agora no 12º ano, está a ver, estou no 12º ano aqui. Iniciei com um primeiro ano que aqui concluíram,

fizeram a sua transição ao ciclo seguinte e eu nesse ano, no ano imediatamente a seguir fiquei na gestão. Portanto devo ter sido professora cooperante durante três anos o 2º, 3º e 4º anos.

N - Muito bem. E já agora que balanço dessa experiência?

PCE - ♠ Devo dizer que foram experiências maravilhosas (diz, marcando as sílabas). Aliás, foi talvez a minha experiência enquanto cooperante que me deu depois alguma força, o contacto depois com os professores tutores, com os estagiários para depois entrar no CESE da Supervisão e Gestão da Formação.

N - Foi a sua formação específica nesta área, para cooperante...

PCE - Sim, exactamente.

N - Fez mais alguma?

PCE - Não, não. Nunca tinha tido e também ♠ nunca tinha tido estagiários a não ser nesta escola. Na altura, enfim, fiquei com alguns receios... às vezes temos receios, mas foi em boa hora, porque foi das experiências mais enriquecedoras que eu já ... ainda há dias eu referia isso... que eu já tive.

N - Esta escola já tinha professores estagiários, na altura em que veio para cá?

PCE - Quando eu cheguei, já tinha tido em anos anteriores. Já, já de certeza absoluta. Pelo menos um ano já, porque ♦ esta escola já há muitos anos que abre as portas a alunos estagiários da I.E.S. e de outras instituições...

N - Eu ia perguntar-lhe isso mesmo, se eram só estagiários da I.E.S. ou se havia de outras instituições...

PCE - Não, nós sempre que somos solicitados, abrimos as portas a todos.

N - Sabe dizer-me há quantos anos esta escola recebe realmente alunos estagiários e tem professores cooperantes?

PCE - Pelo menos há doze, treze anos. Quando eu cheguei, já havia alunos estagiários. Não tenho memória de anteriormente ter... sim, eu penso que...pelo menos treze anos, menos não é.

N - Desde o início com a I.E.S....

PCE - Sempre, com a I.E.S. e com outras instituições. Eu também tive de outras, nomeadamente do P..

N - Relativamente à I.E.S., que tipo de relações é que as duas escolas têm?

PCE - ☆ Eu penso que temos uma boa relação com a I.E.S.. Penso que... quer com os professores tutores quer com a instituição em si. Ou seja, há algum carinho, se é assim que eu posso dizer e... é

♠ Importância que a PCE atribui à supervisão de estágios, tendo sido a sua função de supervisora que despoletou em si a necessidade de apostar na sua formação pessoal nesta área, fazendo uma especialização.

♦ A escola M.A. acolhe estágios de várias instituições superiores de formação desde há pelo menos treze anos e sempre (para além de outras situações pontuais e não de continuidade) com a Instituição de Ensino Superior que supervisiona o estágio de que é alvo a nossa pesquisa.

☆ A relação estabelecida entre a escola M.A. e a Instituição de Ensino Superior é considerada positiva. Para

recíproco este carinho. ☆ E sempre que... eu estou a pensar, por exemplo, na acção de formação de matemática, nós tivemos aqui um problema informático e não recebemos as informações atempadamente. Eu entretanto contacto a instituição e houve algum carinho, algum cuidado. Mesmo já ultrapassando prazos estabelecidos por sermos uma escola também cooperante, penso que há também esse carinho e essa atenção. E sempre que a escola tem algo para oferecer em termos de alguma formação, em termos de algum colóquio,... tem sempre a atenção de nos dar a conhecer e de nos incluir. Penso que são boas relações institucionais e penso também que há algum carinho. Eu tenho algum carinho. Eu não sei se consigo, se estou a misturar... mas tenho um carinho por essa escola, por quem vem dessa escola e ...

N - A *I.E.S.* constitui um protocolo, um protocolo com esta...

PCE - Sim, sim, sim...

N - Conhece o teor desse protocolo?

PCE - Sim, sim, sim...

N - Basicamente que exigências, que implicações há para esta escola?

PCE - Esta escola... pois, oferece os espaços, pois nós temos o espaço e evidentemente ♪ somos sempre nós que contactamos as colegas que, ou que o tutor diz, ou que nós eventualmente achamos estarem interessadas e que, do nosso ponto de vista, do nosso, como é óbvio, são modelos a seguir... Quando me solicitam, quando eu sou contactada pela instituição através de um dos professores tutores é evidente que, do meu ponto de vista, eu tento sempre contactar em primeiro lugar as pessoas, as colegas que eu considero com práticas inovadoras,... com práticas que têm a ver com a minha linha de pensamento e também com práticas como eu sempre trabalhei, com as minhas práticas pedagógicas.

N - Então isso quer dizer que a *I.E.S.*, normalmente um professor tutor...

PCE - Sim, normalmente um professor tutor...

N - Contacta convosco, normalmente consigo, enquanto presidente deste conselho executivo,...

PCE - Sim, órgão de gestão...

N - E são vocês que determinam a forma de contacto com as pessoas?

PCE - Sim, somos nós. E depois há imediatamente a seguir e após as informações que nós damos ao professor tutor, quer em termos

além da natureza institucional, expressa-se também uma relação informal, «afectiva», entre ambas que fica a dever-se a esta colaboração na supervisão de estágios. Existe a preocupação por parte da Instituição de Ensino Superior de dar a conhecer à escola *M.A.* eventos de carácter formativo (e não só), convidando-a e recebendo de forma favorável a sua participação.

♪ A escolha de professores cooperantes inicia-se por um contacto de um professor tutor da Instituição de Ensino Superior (e não desta enquanto instituição/organização) para a Presidente do Conselho Executivo, acontecendo a escolha de cooperantes ou por indicação do professor tutor, ou por indicação da Presidente da Escola *M.A.*, obedecendo tal escolha a critérios, segundo a própria, relacionados com a inovação das suas práticas, ou com o facto de essas práticas desenvolvidas por esses professores terem afinidades com a filosofia pedagógica da Presidente e mesmo com a sua própria prática de sala de aula. Parece-nos, portanto, que professores da Instituição Superior de Formação depositam confiança no Conselho Executivo, na pessoa da sua

de horários, quer em termos de, ♣ aliás quando há o primeiro contacto, nós perguntamos sempre quais são os interesses para... para podermos contemplar para isso mesmo não é, para podermos contemplar quer em termos de horários, porque isso é importante, os anos de escolaridade, portanto, nós tentamos perceber. Face às exigências entre aspas ou para aquilo que a escola pretende, nós depois contactamos as pessoas que, do nosso ponto de vista, fazem sentido para um, um bom trabalho de cooperação.

N - Há aqui muitos professores nesta escola que já tiveram estagiários...

PCE - Já. ♪ Há professores que já vêm sendo cooperantes desde o tempo em que eu também fui... há professores que o foram posteriormente e há nomeadamente uma professora que já foi duas vezes cooperante noutras escolas...

N - Portanto, essa professora já foi cooperante noutras escolas...

PCE - Sim, já, noutras escolas. Com a mesma instituição e uma das tutoras também sei que era a mesma. Porque depois estas coisas têm... ☺ faz sentido que depois estas pessoas procurem nas escolas os seus professores de referência.

N - Portanto, quando a *I.E.S.*, e já percebi que aqui *I.E.S.* são essencialmente os professores tutores, quando eles vos contactam é muito também no sentido de irem trabalhar novamente com professores cooperantes com quem já trabalharam.

PCE - Exactamente. Houve um ano em que havia ... ☉ a *I.E.S.* precisava de um grande número de, de enfim, de professores cooperantes e eu lembro-me que fiz um pequenino texto, ou seja, caracterizei um pouco daquilo que eu sabia que era ser-se cooperante, sobretudo o que interessa aqui, embora o pessoal e o profissional sejam indissociáveis, mas tentei caracterizar cada um dos professores ... e apresentei isso na reunião que tive com os professores tutores e com base nisso houve uma selecção. Porque elas são, eu digo elas mas eu lembro-me que nessa altura também havia dois professores. Eu lembro-me por exemplo do professor *J* e do professor... que eu agora...

N - O *M*?...

PCE - Exactamente, mas nos últimos anos tem sido só professoras. E há algum cuidado, há algum cuidado, temos muito cuidado... E o que eu acho é que ... ☼ há preocupação e algum acompanhamento aos professores... aos jovens professores não é, aos estagiários que aqui estão. Isso é importante dizer. Eu digo sempre. Obviamente

presidente, no sentido de encontrar cooperantes, para supervisionarem a intervenção educativa dos alunos estagiários. Esta confiança parece ficar a dever-se ao facto de ela própria já ter sido professora cooperante e talvez também por ter feito uma especialização nesta área na Instituição de Ensino Superior a que nos temos vindo a referir.

♣ No contacto estabelecido por professores tutores, há um esclarecimento junto da Presidente do Conselho Executivo em termos de horário, de ano de escolaridade (e será que também de perfil??), de forma a poderem encontrar os professores cooperantes mais ajustados às necessidades dos tutores da *I.E.S.*

♪ Percebe-se que há professores nesta escola que já fazem supervisão de práticas educativas há vários anos.

☺ Referência ao facto de os professores tutores procurarem nesta e em outras escolas os professores cooperantes com quem já trabalharam e que são a sua “referência”.

☉ A escolha de professores cooperantes na escola *M.A.* por parte da Presidente do Conselho Executivo para além de ser uma preocupação, parecendo obedecer a alguns critérios previamente estabelecidos pela Instituição Superior de Formação e, diríamos, completados pela própria, dado o conhecimento que tem dos professores a leccionarem na escola *M.A.*, passa também, sempre que se justifica, por reuniões formais de trabalho entre professores tutores e a

que nada nem ninguém é perfeito. Com certeza que a I.E.S.... terá necessidade de rever algumas coisas, mas no que me é dado a perceber, daquilo que eu sei, daquilo que eu vejo e estabelecendo comparações, é uma escola que acompanha e é muito preocupada, acho eu.

N - Relativamente aos estagiários, que preocupações é que este órgão de gestão, e a colega em particular, têm quando recebem estagiários nesta escola?

PCE - Sim... ◡ Normalmente sou eu que os recebo, a não ser que por qualquer eventualidade tenha que ser outra colega. Não é porque outra colega não seja capaz de fazer tão bem ou melhor do que eu,... mas normalmente isso passa para mim e eu gosto muito de falar, depois gosto muito de os pôr à vontade, porque na situação deles, sempre que nós entramos, vamos a um lugar diferente, por nós desconhecido, é sempre muito complicado, porque há alguns receios. Não sabemos o que é que vamos encontrar. Pronto, é como as mudanças. ◡ E eu porque já senti um pouco isso, tenho o cuidado de os receber, de os pôr à vontade. De lhes dizer sempre das nossas limitações, mas também que podem contar conosco, comigo e com todos. Nós gostaríamos de ter uma escola diferente, uma escola melhor, melhor no sentido de melhores condições físicas, mais recursos humanos, enfim... este gabinete que fosse de facto um gabinete e às vezes é gabinete, meio gabinete, meio arrecadação, não temos muitos espaços. É aqui que também acaba por cair tudo, sabe, é um tipo, gostava...

N - Então quando os recebe...

PCE - ► Dou-lhes a conhecer... faço-lhes o ponto da situação. Digo-lhes que ... mostro-lhes tudo, digo-lhes das nossas dificuldades. É uma coisa engraçada que eu digo sempre “isto não é fácil, mas é muito bonito, se vocês... é preciso perceber que é mesmo isto que querem. Não é fácil, mas é muito bonito. ► E vão ter... esta escola, digo-lhes isto também, “é uma escola com características especiais, mas é uma escola onde se aprende muito. Exactamente pelas características atípicas que tem. É diferente na situação geográfica, é diferente porque são três edifícios, porque tem uma área muito grande, porque tem muitos alunos, enfim, há uma grande heterogeneidade aqui. Portanto digo-lhes sempre, até um bocadinho a rir, olhem vejam lá se é isto que querem, isto dói, isto não é fácil, mas é muito, muito bonito. Pronto, é o que eu costumo fazer. Atendê-los, recebê-los, mostrar-lhes a escola, mostrar-lhes os

Presidente do Conselho Executivo, tendo esta a preocupação de caracterizar o corpo docente a trabalhar na sua escola.

☼ A Presidente do Conselho Executivo tece um elogio à Instituição de Ensino Superior e à forma como acompanha os estágios dos futuros professores.

◡ Dá conta das dificuldades inerentes à transição ecológica dos estagiários. A recepção aos estagiários na escola é feita pela Presidente do Conselho Executivo, havendo uma preocupação no sentido não só de lhes dar a conhecer as potencialidades e fragilidades da escola M.A., mas também de lhes mostrar a sua disponibilidade e a da escola em geral para os ajudar sempre que sentirem essa necessidade.

► Reforça a ideia da sua preocupação em receber os estagiários, transmitindo-lhes confiança e disponibilidade para responder às suas necessidades, disponibiliza-lhes documentos oficiais da escola (Regulamento Interno e Projecto educativo da Escola), faz uma primeira caracterização da escola C. e da sua população escolar, dando-lhes

serviços principais, digamos assim, vão à biblioteca, vão à secretaria e vão aos espaços de uma forma em geral. Disponibilizo-me para falar com eles e para os esclarecer de algumas dúvidas. Dou-lhes, portanto, forneço-lhes todos os documentos da escola que possam ser importantes para o seu trabalho, nomeadamente projecto educativo, regulamento interno e outros.

N - Uhm, uhm...

PCE - Pronto e, e ficamos disponíveis para alguma...

N - E como é que a escola no geral, em termos das pessoas que trabalham cá, portanto, desde professores cooperantes a professores não cooperantes, auxiliares da acção educativa, pessoal administrativo, como é que estas pessoas recebem os estagiários?

PCE - ♦ Eu acho que todos na escola os recebem bem. Sobretudo aqueles que lhes estão mais próximos. Compreende por exemplo que é mais fácil e como entra muita gente na escola, às vezes nos outros edifícios não há aquela visibilidade, sobretudo não há aquela... Imagine, este ano os estagiários estão todos concentrados no edifício B. Portanto, não há uma grande visibilidade para o edifício A relativamente a estas pessoas. Porque a escola recebe muita gente independentemente destes estagiários. Recebe jovens que estão a fazer estudos, nomeadamente estou a pensar agora, na área da saúde, na área da alimentação... às vezes estudos na área da psicologia, colegas nossas que também estão a fazer... mestrados e portanto entra muita gente na escola e, portanto, às vezes não há grande visibilidade de quem são aquelas pessoas e do que elas fazem mas claro que as pessoas que vêm, sejam elas estagiários ou não, são bem tratados, julgo eu serem bem tratados. E sobretudo pelas pessoas que estão mais próximas. Estou a pensar por exemplo no pessoal auxiliar, naquele edifício, ou nos colegas daquele edifício, penso que estes jovens são bem recebidos. São bem acarinhados.

N - Há pouco, quando falava que do momento que a I.E.S. vos contacta para terem estágios a funcionar na escola e que há da vossa parte um cuidado na identificação, na...

PCE - Selecção...

N - Selecção das pessoas, como é que as pessoas que não são seleccionadas, entre aspas, vêm essa situação? Como é que as pessoas que não são contactadas para terem estagiários reagem?

PCE - * Tentamos não ferir susceptibilidades. Tentamos que as pessoas... se nos apercebemos que as pessoas estão mesmo

a conhecer os espaços físicos que possam vir a potenciar as suas práticas.

♦ As palavras da Presidente do Conselho Executivo deixam transparecer o bom acolhimento que é feito aos estagiários, assim como a outras pessoas e entidades que procuram e se encontram na escola M.A., e a boa relação que se mantém com os mesmos, ainda que esta relação tenha uma natureza informal. Percebe-se que os estagiários e a sua função na escola são particularmente conhecidos por quem está directamente envolvido no processo de supervisão ou por quem está fisicamente em contacto com os mesmos nos dias de estágio, não parecendo, portanto, existir um conhecimento institucional/organizacional deste processo.

* Novamente a escolha de professores cooperantes. Existindo a

interessadas, mas que por questões de horário ou até mesmo ... de acordo com uma forma de trabalhar que é diferente e que não é exactamente aquilo que se pretende, nós normalmente dizemos que a selecção foi feita de acordo com o ano de escolaridade, ou de acordo com o horário. Normalmente há preferência para os horários da manhã e... e portanto e também nem toda a gente é aberta, nem toda a gente abre a porta aos novos alunos... estagiários...

N - Portanto, existem as duas situações: aqueles que não são abertos e não querem receber estágios e têm eventualmente alguns que não tendo estágios gostariam de ter tido ou de ter...

PCE - Sim, mas no que me é dado a perceber não, pelo menos aquilo que chega, pelo menos no que chega a mim, não é nada de ..., claramente antes que alguém questione, eu digo olha a selecção foi feita... este ano, por exemplo, tivemos uma situação que felizmente correu muito bem, mas que, quer eu quer, neste caso a C, estávamos um bocadinho preocupadas, porque no contacto que a C fez, era, imagine, seis pessoas, quer dizer foi o número que me foi dado neste caso pela, pela...

N - Pela C...

PCE - Exactamente. * Eu contacto com elas, as professoras, elas disponibilizam-se. De início houve ali alguma relutância e sobretudo porque eram as colegas que tinham o 1º ano, como é que é, eu queria, mas não já, porque é um primeiro ano, é complicado, não conheço os meninos, há uma série de... porque eram estágios todos do 4º ano, que implicam um período mais alargado...

N - Exactamente.

PCE - E, e... mas depois foi engraçado, porque houve uma colega que disse “eu quero” e era do 1º ano e as outras todas a questionarem porque era “eu não queria já”, porque é o tal primeiro ano, há o estabelecimento de regras mas depois foi engraçado que na generalidade...

N - Quiseram.

PCE - Exactamente.

N - Tanto que este ano os estágios estão concentrados no 1º ano.

PCE - Exactamente. Era o interesse também da tutora para os estágios destes jovens... ficarem no 1º ano. E olhe que, como eu digo, © é um ano de excelência, é um ano de excelência mesmo.

N - Porquê?

PCE - Porque conheço. É assim, não... vamos lá a ver, sem querer também ferir ninguém. Eu não conheço bem toda a gente. Conheço

preocupação de seleccionar professores cooperantes com um determinado perfil, apostando-se em primeira instância nas competências de professores a leccionarem na escola, que se acredita sejam importantes na função de supervisores, há também alguma preocupação em não «ferir susceptibilidades» dos que se mostram interessados em desenvolver este trabalho, mas que não são contemplados («escolhidos»). Será que, ainda assim, estes professores não compreendem o que está na base da sua «não selecção»? Se existisse de fato um estatuto e uma cultura de escola, enquanto organização, não seria de dar a possibilidade a estes professores de se «capacitarem» para esta função, passando isso pelo conhecimento ano a ano das práticas desenvolvidas nas turmas de crianças, do trabalho desenvolvido em situação de estágio, quer por estagiários, quer por cooperantes? Até que ponto o trabalho implícito na supervisão de estágios mais aberto e partilhado aos outros poderia permitir, formação aos professores da escola e veicular práticas pedagógicas mais ricas, inovadoras e adequadas?

* A reacção das professoras quando são abordadas no sentido de acolherem e supervisionarem estágios. As suas preocupações, nas palavras da Presidente do Conselho Executivo, recaem sobre as crianças e as suas aprendizagens. Daí que o

de uma maneira geral, mas há pessoas que eu conheço muito melhor. E em geral as professoras com que ... eu identifico-me muito, muito este ano com o trabalho das colegas do 1º ano.

Nomeadamente este ano tive a oportunidade de estar numa sala em que a colega teve de sair assim de repente e eu fui para lá toda contente. E como me senti muito bem naquele contexto, eu trabalhei com os meninos. Não me foi nada difícil, porque eu identifico-me e eu senti-me assim como peixinho na água e houve uma reciprocidade. Eles gostaram que eu estivesse, dei continuidade a ... e depois disse até à colega que tinha ficado encantada, os miúdos, sabe, já muito abertos, ...

N - Qual é a ...

PCE - Há uma resposta que eu não dei. Perguntou-me como é que ... agora também me escapou... se as pessoas aceitavam ou não...

N - Ah, ...

PCE - Eu gostava de concluir só isto. Havia uma quinta ou uma sexta pessoa, agora eu não... de repente não sei, que tinha dito sim e eu até disse “vá lá, aceita” e de repente já não era preciso uma pessoa, porque tinha havido um problema com um grupo de jovens que viriam estagiar. A T. estava preocupada e eu também, porque eu não queria ferir aquela colega. E era exactamente uma colega que não era do 1º ano que ia ficar excluída.

N - Uhm, uhm...

PCE - E eu tinha preparado enfim umas palavras para lhe dizer, para não a magoar e é engraçado que a própria colega, entretanto, por razões pessoais, tinha também decidido não aceitar, estava também ela preocupada para não magoar ninguém, está a ver, e felizmente tudo se resolveu. Ela decidiu não, nós íamos-lhe dizer, eu e a T., não por aquelas razões, mas enfim correu tudo bem. Isto para dizer que não tenho assim... * Às vezes preocupa-me. Quando sinto enfim que há colegas que querem e que, que não são seleccionadas, preocupo-me um bocadinho, mas felizmente não tem havido problemas. As pessoas têm entendido ou porque é o ano de escolaridade ou porque é aquele turno, ou porque já não é preciso mais, no início pensava-se num número que já não corresponde às necessidades e as coisas têm corrido bem.

N - Está bem. Esta situação, nenhuma destas situações passa pelo pedagógico, por exemplo?

PCE - * ... É assim... não... no pedagógico não... nem no projecto... vai ficando ano após ano... já ficou naturalmente

estágio numa turma de 1º ano de escolaridade se apresente para as cooperantes como uma responsabilidade maior.

☺ No entender da Presidente do Conselho Executivo, o grupo de professores que este ano acolheu estágios é um grupo de referência dadas as suas práticas, com as quais ela própria se identifica.

* As preocupações da Presidente do Conselho Executivo (e até da professora tutora) na selecção das cooperantes em não ferir susceptibilidades, tentando encontrar razões e motivos claros, reais e objectivos para a sua não selecção em determinada altura.

* Percebemos que a abertura da escola aos estágios e a selecção dos

instituído... mas faz todo o sentido essa questão, todo, todo. Mas já ficou, foi ficando instituído... eu não me lembro numa fase inicial ... como é que isto foi tratado, está a perceber...

N - Sim, sim...

PCE - E portanto, * ninguém questiona, as pessoas aceitam o não... sentimos, eu sinto, penso que as outras pessoas também o sentirão, que a vinda dos jovens estagiários é uma mais-valia para a escola. Eu sentia isso enquanto cooperante e sinto agora enquanto, enquanto... neste órgão de gestão da escola.

N - Uma mais-valia... De que forma?

PCE - De que forma? ✨ Eles trazem sempre uma lufada de ar fresco. Vêm com novas ideias juntar-se a pessoas que têm mais ou menos experiência, dependendo. Eu, enquanto experiência pessoal, achei sempre, e acho, que foi muito, muito importante para mim. Porque eles traziam ideias novas, porque eles vêm cheios de vontade... pelos menos, não quer dizer que sempre, sempre, mas tive grupos de excelência. Aliás, eu tive um grupo em que um dos elementos foi muito falado na I.E.S., ou seja, era conhecido como um bom aluno. Portanto, está a ver já o que é que eu ganhei com estes jovens, não é? É a tal lufada de ar fresco, vêm portanto com ideias novas, vêm-nos ajudar a nós a implementar algumas...algumas...

N - Dinâmicas?!...

PCE - Algumas dinâmicas. ✨ São motores, eu acho que são motores. Encontram depois aqui professores com mais ou menos experiência, abertos, normalmente são pessoas abertas, abertas também a permitir que na sua sala de aula sejam alteradas algumas coisas, algumas dinâmicas, sejam implementadas ... percebe? E é esta, desta dinâmica toda que eu acho que um grande enriquecimento que surte efeitos sobretudo nos meninos, mas que nos enriquece a nós professores e também a eles estagiários. Portanto, é esta dinâmica, é esta reciprocidade que é uma mais-valia para a escola...

N - Que visibilidade, que impacto é que pensa que tem agora e que tem tido ao longo destes anos o facto de haver estágios a acontecerem aqui nesta escola, sendo esta escola já um pouco veterana, digamos assim?...

PCE - ✨ É o tal enriquecimento para todos...

N - Uhm... E?...

PCE - ✨ É o tal enriquecimento, são as novas... são as tais novas

cooperantes acontece sem passar por outros órgãos de gestão e orientação pedagógica da escola, sendo este processo de supervisão e de cooperação de professores da escola com a Instituição de Ensino Superior, nas palavras da PCE, recebido e encarado, instituído, com naturalidade dado ser já um processo clássico e tradicionalmente aceite nesta escola, sendo considerado por quase todos como um valor acrescentado.

✨ Considera os estágios uma mais valia e justifica este sentir reportando-se de novo à sua experiência pessoal e profissional no âmbito da supervisão de estágios da qual faz um balanço francamente positivo. Entende que neste processo aprendem os meninos, aprendem os estagiários e aprendem também os cooperantes dado que se tiverem abertura para tal, têm a possibilidade de aprender novas dinâmicas com os estagiários que têm impacto junto das crianças. Segundo a PCE, há uma «aprendizagem recíproca».

✨ Reforça a ideia da «aprendizagem recíproca» que acontece através de momentos formais de reflexão entre os intervenientes no processo de supervisão, desde as crianças (no discurso da PCE nunca se perdem de vista), aos estagiários e aos professores cooperantes, considerando-se, para estes, aprendizagens práticas, de saberes-fazer em sala de aula actualizados e inovados, dando

dinâmicas de que falávamos há pouco... Eu penso que é e está tudo dito. É esta reciprocidade, estas reuniões, estes encontros, os seminários em que se debatem as questões... são postas na mesa, professores mais novos, professores mais experientes, mais velhos, mais jovens... Pensam juntos, reflectem...

N - Está também a falar muito nos professores...

PCE - Estou. Para pôr na cooperante Eu acho que há também um enriquecimento para os professores cooperantes. Eu senti sempre e penso que os colegas também sentem. E, por exemplo, eu gosto sempre, é engraçado, eu gosto sempre de falar com as colegas e de lhes perguntar, porque como sabe também, nos grupos de estagiários há diferenças quer pela maneira de agir, quer, enfim, há uma série de factores que implicam... que as pessoas ajam e reajam de uma forma diferente.... Há jovens que estão mais canalizados para uma área, outros para outra, há outros que são mais completos e portanto há uns que são mais extrovertidos. Agarram, este agarrar entre aspas, portanto encontramos de tudo como depois na nossa profissão não é e há, há jovens muito completos. Isso depois também tem a ver e eu discutia isso há tempos com uma colega também depende da maturidade, alguns que ainda estão com alguns receios, outros a maturidade e as experiências de vida já lhes proporcionam um estar diferente, um agarrar diferente, um comunicar com os meninos diferente, pronto, um todo diferente e...

N - E estava a dizer que....

PCE - E eu estava a dizer que costumo perguntar...

N - Exactamente...

PCE – Que ♪ costumo perguntar aos colegas e porque sou sempre eu que me abeiro deles, delas, neste caso delas, e falo com elas e pergunto se realmente estão ou não interessadas. E incentivo um bocadinho, digo sempre: temos que abrir as nossas portas e vocês têm obrigação disso. Quando eu tenho mais à vontade e quando eu sei que dali vai sair com certeza um bom trabalho, porque conheço as pessoas, porque me identifico, eu digo que temos obrigação, temos obrigação de dar o nosso melhor porque vêm jovens que em princípio são aqueles que nos vão seguir e portanto há todo o...

N - Neste caso, para o ano, em princípio, são professores, não é?

PCE – Exactamente. ♥ Temos obrigação de dar o nosso melhor e, portanto, depois também gosto de saber se o produto, se a experiência é enriquecedora, se valeu a pena.

sempre a sua vivência pessoal como exemplo disso mesmo.

Parece-nos que a valorização que a PCE faz dos estágios está muito inter-relacionada com a sua experiência de vida pessoal, da qual faz um balanço positivo enquanto pessoa e profissional e, por isso, continua a promover e a estimular a sua prática na escola *M.A.*.

♪ De novo a forma como estimula professores da escola, com cujas práticas se identifica, a receberem estágios.

♥ Referência ao feedback que procura ter e que recebe sobre o desenvolvimento dos estágios. É a

N - E como é que fica a saber?

PCE – Perguntando. Primeiro é assim, se posso até vou às turmas, se posso até eles às vezes não se apercebem, mas eu até nomeadamente na actividade que fazem aqui no polivalente, na educação física, ou nos jogos, eu passo e fico um bocadinho a olhar, a ver. Parece até que eu às vezes não tenho nada para fazer (sorrisos)...

N – Ah, sim...

PCE – Não é? Mas fico com alguma intenção. Fico para ver qual é a reacção dos meninos, fico para ver qual é o tipo de trabalho, interesse-me muito por isso e fico. E, e gosto de ver o envolvimento. Há uns que se envolvem mais do que outros. Não quer dizer que não sejam todos... responsáveis e, e preocupados, mas é a maneira de ser também de cada um ♪ e há jovens aqui que me dá gosto ver e sinto que vão ser bons profissionais e depois também há a relação que eu estabeleço com eles. Falo com eles, eles aproximam-se de mim, sobretudo depois também quando há... sei lá... Há tempos, por exemplo, eu fui às salas... a todas do 1º ano e ♦ aproveitei porque também estavam lá os estagiários e era importante eles também ouvirem isto, porque eles acompanham também todo o trabalho e ajudam muito e ... e trazem ideias novas e ... e é evidente que são uma mais valia para a turma, não é, porque imagine trabalhos de grupo, trabalho de grupo, trabalhos a pares, enfim, são mais duas pessoas, duas pessoas adultas que passado uns meses eventualmente irão enfrentar uma turma e portanto dão uma ajuda preciosa, muito boa mesmo. E portanto, eu tive o cuidado de ir. E fui dizer àqueles meninos todos que eu estava muito contente, fui a todo o B, que eu estava muito contente com eles, porque eu sabia que eles já liam, que eu já tinha estado na biblioteca e que a P me tinha dito, inclusivamente, eu própria tinha apanhado lá um grupo de uma colega a quem eu depois também fui dizer, e ☼ que eu estava muito contente e muito feliz e que lhes ia agradecer e depois também agradeci as pinturas que estão ali,... porque eles já liam. E que eu estava feliz, que gostava que eles continuassem, que levassem muitos livros para casa e que continuassem a vir à biblioteca. E também falei das pinturas, que estavam muito bonitas e é engraçado que eu depois dizia: “então vocês não aprenderam bem sozinhos, pois não? Houve quem vos ajudasse?”. Houve numa turma, numa sala foi giríssimo, quem os ajudou? Resposta, as duas estagiárias. Claro que nos rimos muito depois porque a professora...

própria PCE que questiona os intervenientes e procura fazer a observação (informal) de alguns momentos de desenvolvimento de aula em que sejam os estagiários os dinamizadores, procurando sentir o seu grau de envolvimento.

♪ Estabelece uma relação com os estagiários, procurando inteirar-se da forma como o processo está a decorrer.

♦ Mais uma vez menciona as aprendizagens que podem ser feitas com os estagiários - «novas ideias» -, e a mais valia que representam enquanto ajuda às crianças e ao desenvolvimento das suas aprendizagens.

☼ Valorização do trabalho dos estagiários e das aprendizagens das crianças.

a professora ficou... (risos)

N – Eles estavam no momento em evidência, eventualmente os dois estagiários... não é,... eram eles na altura que assumiam os grupos...

PCE - Ora bem, era isso. Quem é que os ajudou? E depois ainda nos rimos muito. E depois então e a professora? E eles também riram, ● porque realmente são três pessoas ali.

N - Pois.

PCE – E eles estão muito bem, estão muito bem relacionados. ▲ Pelo que eu pude perceber, das entradas e saídas que eu fiz às salas, do envolvimento, eu só posso dizer que a experiência é positiva e, eu só digo uma coisa, ♠ oxalá que todos os anos haja estagiários aqui, haja professores abertos a recebê-los que, com as suas estratégias e com dinâmicas dignas de serem seguidas, mas por outro lado também abertos, e são com certeza, é óbvio... para receber novas ideias, novas coisas, as tais lufadas de ar fresco que vêm através destes jovens da I.E.S....

N - Como é que isso passa para a escola em geral, quer dizer, não sei se passa...

PCE - Passa, passa, por exemplo,... ♦ Esse conhecimento passa pelas actividades que são mais nos espaços comuns, por exemplo, este trabalho que vê ali no ginásio, que é uma exposição de pintura lindíssima, é evidente que como foi feito num sala de aula com dois estagiários, eles tiveram também a sua colaboração. Eu às vezes apercebo-me, normalmente em épocas específicas, eles têm sempre coisas interessantes para fazer. Este ano o Dia da Árvore, Árvore-Primavera,... Lembro-me que houve actividades muito interessantes. Já o tempo permitia aqui fora, eles traziam todos, incluindo os estagiários, umas coroas que depois uma delas ficou para mim, uma coroa de flores. Lembro-me, por exemplo, no Carnaval, eles mascararam-se todos no cortejo, acompanharam sempre os meninos e a professora,... de uma forma muito envolvida, portanto, isto acaba por, por depois ter reflexos na escola, traduzir-se numa presença e numa intervenção muito válida na escola.

N - Há pouco dizia, e eu registei porque me podia esquecer e gostava de retomar o que falou: “é uma escola onde se aprende muito”. Este funcionamento de estágios também contribui de alguma forma para que se aprenda nesta escola?

PCE – ☆ Acho que sim. Acho que aprendemos uns com os outros sempre. E esta escola por ser tão grande... Olhe eu vou-lhe dar um

● O facto de haver mais duas pessoas a ajudar as crianças é mais uma vez referido como uma mais valia.

▲ Faz um balanço positivo do funcionamento dos estágios até este momento

♠ Deseja que os estágios continuem a ser uma realidade na escola. Considera importante haver professores que, por um lado, desenvolvam práticas que possam servir de modelo aos estagiários, recebendo-os e supervisionando-os e que, por outro lado, estejam dispostos a fazer aprendizagens através de sugestões e ideias dos estagiários, reconhecendo nestes, portanto, saberes que podem conduzir a actualizações importantes dos professores cooperantes.

♦ A visibilidade na escola do trabalho que os estagiários desenvolvem com as crianças acontece sobretudo em situações de exposição de trabalhos no polivalente, ao qual toda a comunidade educativa tem acesso e faz uso, e em momentos de trabalho previsto no plano Anual de Actividades que envolvam várias turmas da escola.

☆ Aprendizagem com os outros

exemplo muito rápido.... Não sei se foi consigo que eu falei. Da biblioteca saiu uma proposta: um caulezinho, que no caso é um pauzinho de espetada, para todos os meninos da escola, para que cada turma tenha o mesmo número de pauzinhos correspondente ao seu número de alunos. A proposta era: nós damos os caules, vocês dão as flores. Isto num contexto bonito, um texto que foi entregue. É lindo de ver, e neste momento acho que ainda terá só metade, a diversidade, as técnicas que apareceram e que ainda aparecem na biblioteca. Repare, a uma proposta de trabalho, cada professor adapta à sua forma de estar, de ser, de ver as coisas. Uns são mais dirigistas, outros menos, há colegas que apenas puseram materiais em cima da mesa materiais e os meninos trabalharam, criaram. Há outros que, se calhar, quiseram dirigir mais, saíram maravilhas... as flores mais variadas, com os materiais mais diversos, com uma diversidade imensa. Este é um grande, é só um exemplo de um grande enriquecimento, ou seja, há uma proposta de trabalho,... e aprende-se muito, porque somos muitos. E de um sai alguma coisa de diferente...

N - Há um contributo...

PCE - E cada um de nós adapta à sua maneira. ♪ É esta partilha, esta troca de experiências, este envolvimento, esta dinâmica diária. Não é por acaso que os... os professores queixam-se que nesta escola se trabalha muito, que é muito envolvente, porque há muitos projectos... mas a verdade é que os professores vão-se embora e voltam e temos disto vários exemplos... aprende-se muito...

N - Que bom...

PCE – E quando nós perguntamos porquê, ... trabalha-se muito, mas está-se bem aqui, porque, porque somos todos unidos, porque mesmo com problemas conseguimos sempre ultrapassá-los...

N – Na sua opinião, o que será que faz com que os professores aceitem ter estágios?

PCE - Por que é que eu acho que aceitam?

N - Qual é a sua percepção?

PCE – Porque ♣ acham que... acima de tudo, a vinda de novos jovens lhes vai enriquecer o seu trabalho. E por sua vez também o seu contributo vai melhorar a prestação de quem... de quem está agora a começar. Eu penso que há uma reciprocidade, sim, eu falo por mim, eu acho que... Eu achei sempre que ganhei mais, eu achei sempre que ganhei ... porque eu estou a ver os meus grupos... Atenção que eu tive um grupo difícil e foi assim um bocadinho

♪ A aprendizagem através da partilha de experiências no envolvimento de projectos comuns.

♣ Sempre apelando à sua vivência como cooperante, percebe-se que a PCE considera que o trabalho de supervisão de estágios traduz-se em ganhos e em aprendizagem recíproca entre estagiários e cooperantes, dando ênfase às sugestões inovadoras dos

complicado, mas os outros todos eram muito bons, ♣ aqueles jovens traziam coisas interessantíssimas, traziam ideias ótimas e que eu abraçava com muito carinho.

N - Qual é o grau de conhecimento que tem, enquanto elemento de um órgão de gestão, já percebi que vai às salas e também vai com certeza nessa função, e... e que se vai apercebendo do que vai acontecendo, mas referindo-nos ao órgão de gestão, Conselho Executivo, te algum conhecimento formal do que está a acontecer nos estágios? Dos progressos, dos problemas, eventualmente das dificuldades, ou não existe esse conhecimento enquanto escola?

PCE – ♪ Enquanto escola de facto não, não temos essa visibilidade. Não chega, ou melhor, chega ... através de mim, mas se calhar é por isso mesmo, se calhar não chega de outra forma porque se calhar eu estou muito presente... Digo eu, não sei, mas percebo muito nem o que está a dizer.

N - Considera que os professores que têm estagiários, as práticas destes professores, alguns dos quais já conhece há doze anos,...

PCE - Já...

N – As suas práticas têm sofrido alguma influência, tem havido alguma diferença nas práticas dos professores que têm estágios?

PCE - Eu acho que sim. Acho que sim.

N - Eles têm tido, já houve alguma formação para cooperantes nesta escola?

PCE – ☺ Aqui não, não houve formação para cooperantes, mas acho que houve na I.E.S. ☹ Eu acho que sim, ..., eu estou a lembrar-me nomeadamente de uma professora desta escola, que é uma boa profissional do meu ponto de vista, e acho que não é só do meu, que este ano não aceitou estágios porque era um primeiro ano e tal como as outras colegas teve os seus receios, ela é de facto uma professora, uma boa professora empenhada, profissional, tudo isso, mas penso que... já algumas coisas se alteraram na prática dela desde que ela, e ela tem tido vários grupos de estagiários, desde que ela, tem estágios. Porque é assim: estas coisas também não são por acaso. ☼ Porque as pessoas são empenhadas, são abertas, se abrem a sua sala, estão abertas à partilha, se estão abertas à partilha, estão abertas portanto à troca, ao dar e receber, se recebem acabam por interiorizar isso que recebem e adaptá-lo. É evidente que nós não fazemos todos igual, nós temos uma base digamos assim que depois adaptamos à nossa forma de ser, de estar aos contextos que temos à nossa volta. Portanto, eu não tenho dúvida nenhuma que tem

estagiários que podem ser um contributo para o enriquecimento dos professores cooperantes.

♪ Assume que não existe um conhecimento formal através dos órgãos de gestão da escola do funcionamento dos estágios, colocando-se a si, pessoalmente, como possível razão de tal acontecer, pelo facto de estar atenta e, segundo ela, muito presente.

☺ Referência a uma formação para cooperantes da iniciativa e responsabilidade da Instituição Superior de Formação, que teve lugar neste local, não se tendo realizado essa formação na escola M.A. e não tendo havido professores desta a frequentá-la.

☹ No parecer da PCE pode haver mudanças, alterações nas práticas dos professores cooperantes por influência do seu acompanhamento e supervisão de estágios.

☼ Partindo do pressuposto que os professores que aceitam estagiários são pessoas e profissionais de espírito aberto acabam por receber influências do trabalho que aqueles desenvolvem e que acontece ao longo do processo

influência sim senhora a vinda de estagiários para as cooperantes...
claro que às vezes as experiências são menos boas,... Há uma colega aqui que, por exemplo, teve já uma experiência riquíssima e ela sente que cresceu, mas que os jovens que estavam com ela também cresceram bastante, mas teve já outras experiências menos boas, que isto é assim, nem todos nasceram realmente para... para...

N - Para serem professores...

PCE - Exactamente.

N - Em termos de responsabilidade, enquanto Conselho Executivo, Órgão de Gestão, que responsabilidades lhe parece, num processo destes, de estágios da formação inicial... que responsabilidade enquanto órgão de gestão sobre o que disse há pouco: a aprendizagem dos meninos, os professores... Que responsabilidades? Que preocupações? ...

PCE - Quando diz, que responsabilidades passam por aqui, quer dizer, refere-se às nossas preocupações enquanto conselho executivo?

N - Sim...

PCE - Ou àquilo que nos chega, ao feedback que nós temos dos nossos colegas cooperantes?

N - Se calhar às duas situações, porque talvez uma implique a outra...

PCE - Por exemplo, ∪... uma das coisas que preocupa os nossos colegas cooperantes é o facto de os estágios de 4º ano serem muito prolongados e ... enquanto não se encontra o momento certo, ou seja, enquanto não há uma adaptação recíproca...

N - Entre estagiários e professor cooperante...

PCE – Exactamente ► ... enquanto... e sobretudo se se trata de 1º ano, as colegas ficam mais ansiosas. Portanto, o medo aqui e a ansiedade reside sempre no facto de prejudicarem os meninos. E até encontrar esse momento que é um momento ... em que de facto há uma adaptação até à forma de trabalhar, à forma de trabalhar... eu queria dizer, às vezes parece que até no, nos olhares parece que as pessoas já se entendem, ► até se estabelecer uma comunicação e uma relação importantes para trabalhar em conjunto, penso que esta, esta é a maior angústia. A maior angústia... e é óbvio que essa angústia é para os nossos colegas e é também para nós enquanto responsáveis por uma escola que é... podia ser pequena, a responsabilidade também existia, mas se calhar por ser maior, parece que temos... porque é um maior número de meninos, há uma

de supervisão. Esta influência não se traduz, segundo a PCE, em «cópia», mas em adaptação pessoal, em transformação, em saber pessoal que será posteriormente posto em uso, em acção.

∪ A preocupação maior que chega à PCE por parte dos professores cooperantes centra-se no facto de os estágios do 4º ano serem longos e de a ansiedade se instalar sobretudo quando as crianças estão no 1º ano de escolaridade, já que a grande preocupação é que os estágios não prejudiquem as aprendizagens das crianças.

► Considera fundamental o estabelecimento de uma comunicação e de uma relação colaborativa de entendimento entre cooperantes e estagiários já que, enquanto tal não se concretiza, existem ansiedades e angústias que são partilhadas pelo Conselho Executivo, na pessoa da PCE em particular, já que está em causa o processo de ensino/aprendizagem das crianças da

<p><u>responsabilidade grande... está aqui... em causa o crescimento, o processo educativo/evolutivo destes meninos e portanto é uma responsabilidade grande.</u> Daí que haja o cuidado de... e também sempre do nosso ponto de vista, é óbvio, <u>que os meninos sejam, os meninos-jovens,</u> sejam entregues entre aspas...</p> <p>N - Sim...</p> <p>PCE - ♦ <u>Sejam entregues ao professor que nós entendamos que são de facto pessoas que devem, que são um modelo a seguir. Claro que o modelo a seguir isto é sempre muito subjectivo, é muito relativo,</u> é o modelo, mas...</p> <p>N - Mas é uma pessoa de referência...</p> <p>PCE - É uma pessoa de referência, exactamente.</p> <p>N - E a instituição de formação, a <i>M.A.</i>, que papel tem aqui a desempenhar? Qual é a função?</p> <p>PCE - Sim...</p> <p>N - Até que ponto é que... Há pouco disse, logo no início da nossa conversa, que considera que a <i>I.E.S.</i> tem preocupações...</p> <p>PCE - Tem. * <u>A <i>I.E.S.</i> tem preocupações num bom acompanhamento. Ou pelo menos é um acompanhamento melhor e maior, próximo. Eu não sei se posso dizer isto, mas é o que eu sinto. Melhor que em qualquer, isso sem dúvida nenhuma, melhor do que em qualquer outra das experiências que temos tido com outras instituições e não vou referir nomes como é óbvio...</u></p> <p>N - Claro...</p> <p>PCE - * <u>Mas, em relação à <i>I.E.S.</i>, escola oficial, e outras instituições particulares, pois a <i>I.E.S.</i>, eu digo isto sempre, eu digo isto muitas vezes, é de facto a mais atenta, a mais preocupada no acompanhamento e sinto até um, um,... nos últimos anos também posso dizer isto porque, é assim, eu já estou cá há muito tempo, já vivi muitas situações, já estive num papel, noutro...</u></p> <p>N - E agora noutro...</p> <p>PCE - * <u>E posso fazer um balanço e devo dizer que nos últimos anos tenho sentido ainda uma maior aproximação, mais cuidado, mais envolvimento, mais oferta, oferta de, de ... que tipo de oferta... os seminários que são feitos, as formações que são propostas, as ofertas que aparecem aos professores cooperantes e não só, sinto que tem havido, que têm sido em crescendo esta, esta ligação, esta interacção toda e esta, esta evolução no acompanhamento e no trabalho dos estágios.</u></p> <p>N - Está muito bem. Pronto, eu penso que para a primeira conversa</p>	<p>escola MA pela qual é responsável.</p> <p>♦ Por parte do Conselho Executivo, mais uma vez parece-nos que de uma forma inequívoca e primordial, na pessoa da PCE, há também a preocupação e a responsabilidade de se encaminharem os estagiários para professores com práticas pedagógicas consideradas de referência na escola.</p> <p>* Na óptica da PCE, a Instituição de Ensino Superior revela preocupações no acompanhamento dos estágios, fazendo-o com atenção e sistemacidade.</p> <p>* Dá conta de, no seu entender, e tendo em conta o número de anos em que acompanha estes processos de supervisão de estágios na escola <i>M.A.</i>, quer enquanto cooperante, quer na sua qualidade de PCE, ter havido evolução na forma como a Instituição Superior de Formação presta o acompanhamento aos estágios e as</p>
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>já abordámos as situações que eu tinha previsto. Eu gostaria depois que pudéssemos voltar a falar para eventualmente aprofundarmos alguma das situações que agora conversámos, está bem?</p> <p>PCE - Está certo.</p> <p>N - Eu dar-lhe-ei o protocolo desta entrevista para o ler, verificar...</p> <p>PCE - E verificar muitos “is” e muitos à frente e para trás... (risos)</p> <p>N - Isso não faz mal, isso não faz mal. Muito obrigada de novo. A sua colaboração é preciosa para o nosso trabalho.</p>	<p>vertentes em que o concretiza: por um lado espaços de reflexão com a equipa de tutoria, estagiários e cooperantes (seminários) e, por outro, no desenvolvimento de acções de formação específicas para professores cooperantes.</p>
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

ENTREVISTA (E-PCE2)	INFERÊNCIAS / QUESTÕES
<p>P.C.E. – ... (Já falava connosco ainda antes de começarmos a gravar)... Tenho pensado muito no que falámos da última vez.</p> <p>N – Tem?!</p> <p>P.C.E. – Tenho! Tenho pensado... de que maneira é que, através do Conselho Pedagógico (porque o Conselho Pedagógico é o órgão que eu considero - e se calhar não sou só eu – mais importante da escola)... é o órgão, numa escola, e mesmo que se privilegie a Assembleia;... para mim...o Conselho Pedagógico é o órgão mais importante e ponto final! E eu penso que, através do Conselho Pedagógico, devem passar – ou deve passar – tudo o que é pedagógico. Obviamente que os estágios na escola passam por aí! E..., embora eu ache que as coisas acabam por... - sobretudo uma vez que esta escola tem estas características de ser uma única, mas ter edifícios dificulta algumas coisas – sem dúvida nenhuma, até o convívio com os professores e com toda a comunidade, dificulta... - ... era mais fácil. E, por isso, eu acho que o impacto – ou que existe impacto – se calhar mais centrado... em cada edifício, embora eu depois, dependendo das actividades, possa.... possa também... ser mais abrangente. E... eu acho que, embora isso possa sair e de alguma forma possa ter impacto, <u>▲ se as actividades e a influência daquilo que é feito aqui passar pelo Conselho Pedagógico, pode ser muito importante. E eu, desde a última vez que nós conversámos, fiquei a pensar como será importante – em próximos estágios e na continuação – isto passar por lá.</u></p> <p>N – Sabe que da conversa que eu tive com a colega cooperante que teve estágios este ano e... com quem eu falei também, mais do que uma vez, sobre este assunto..., ela também, no fundo, vai muito ao encontro do que me está a dizer. Ela chegou-me a dizer olhe, sabe...eu realmente nunca tinha pensado nisso.. Nunca pensámos nisso!...</p> <p>P.C.E. – Foi um alerta para nós ... que eu...foi, sim senhor! Pois... naquele dia, uma das perguntas que me fez – e tenho-a muito na cabeça – foi: E isto passa pelo pedagógico?</p> <p>N – Sim e...</p> <p>P.C.E. – Eu lembro-me de ter dito... olhe, é assim; <u>♠ já há tantos anos que isto está aqui instituído – que isto faz parte da cultura da</u></p>	<p>▲ A P.C.E. informa ter reflectido sobre o teor da primeira conversa que tivemos e considera que o Conselho Pedagógico, órgão que para ela é o mais importante da escola, poderia ser o órgão de excelência para, na escola, serem abordadas situações relacionadas com os estágios.</p> <p>♠ Retoma a ideia de os estágios terem já alguma tradição na escola e de haver um prática instituída sem que se</p>

escola – que não se estendeu..., não se alargou de outra forma... manteve-se a mesma postura... as mesmas...

♦ Mas acho que faz algum sentido..., passar pelo Pedagógico... ou, pelo menos, o Pedagógico saber... quem é que está na escola, o que está a fazer e, depois, as estratégias ou o trabalho desenvolvido poder ter... digamos que... uma maior abrangência. E ser de um conhecimento alargado na escola. Porque, por exemplo, ☆ eu lembro-me que houve uma actividade de alguns estagiários que... chegou..., naturalmente a toda a escola. Porque ela esteve relacionada... com... umas...umas indicações sobre árvores... uns alertas sobre... a árvore é um ser vivo... deve ser...

N – Este ano?

P.C.E. – Este ano. Não sei muito bem precisar... ☆ Sei que me chamou à atenção a mim... com certeza que chamou também à atenção dos miúdos e... de toda esta comunidade. E outras actividades que eles fizeram que eu me lembro perfeitamente deles terem feito... Até a participação deles no cortejo de Carnaval... lembro-me que, não só os da colega C mas outros, estiveram presentes, também se mascararam e deram muito apoio aos miúdos. Quer dizer, acabam, também, por fazer parte...

N – ... da comunidade?...

P.C.E. – Exactamente!

N – No fundo, eles acabam por estar aqui um 2º período inteiro, não é?

P.C.E. – É.

N – ...e ainda mais algum tempo! Eles chegam a estar aqui cerca de 4 meses.

P.C.E. – Alguns iam tão chorosos!...

N – Pois...

P.C.E. – ... Tão chorosos... Eles deram um suspiro aqui!... E era mesmo notória a emoção que eles levavam pelo facto de... e voltaram! ♪ Eles voltaram!... já estavam fora do seu estágio, mas lembro-me que, no passeio.... na visita de estudo que todo o 1º ano fez, ao Jardim Zoológico... eles estiveram na sua grande maioria. Acho que só uma ou duas é que não puderam estar presentes, mas a grande maioria esteve e acompanhou os miúdos. E estiveram cá noutras ocasiões! Acho que... isto...isto é muito importante! É revelador de todo o empenho deles..., que estiveram aí...

N – Estava a falar... da questão do Conselho Pedagógico. E de... haver ... haver alguma preocupação no Pedagógico, haver um

tenha sentido a necessidade de se fazer passar este assunto quer pelos órgãos de gestão e orientação da escola, à excepção do conselho executivo, em particular na pessoa da sua presidente, quer pelos documentos legais da mesma (projecto educativo, projecto curricular de escola, plano anual de actividades, entre outros)

♦ Coloca como hipótese de, em Conselho Pedagógico, ser explicitado quem são as pessoas (internas e externas) envolvidas nos estágios, o trabalho que estão a realizar, as estratégias que estão a desenvolver. Dessa forma haveria um conhecimento mais alargado do processo.

☆ Por estas palavras, parece-nos ter havido de facto alguma mostra de trabalho na escola e participação dos grupos de estagiários em actividades de escola, mas tudo acontece de uma maneira informal, sem que se tenham intencionalizado a participação e o envolvimento dos estágios nesses processos. A sua colaboração é bem-vinda, acabam «naturalmente» por se envolver em actividades colectivas da escola, mas o seu envolvimento não está desde o início do ano lectivo prevista.

♪ Revela que, na sua opinião e perante os factos, os estagiários se envolveram de facto com os grupos de crianças, tendo-se estabelecido uma relação importante, o que os levou a voltar à escola em diversas situações já em momentos extra-estágio.

trabalho..., algo que se relacione com os estágios...

P.C.E. – ♣ Sim, pensei, para conhecer... Por um lado, para dar a conhecer e, por outro lado, se for caso disso, discutir em Pedagógico aquilo que está a ser feito e de que forma é que isso é importante para a escola inteira...

N – Porque, neste momento, esse conhecimento – em termos do órgão que é o Conselho Pedagógico – não existe?...

P.C.E. – Não senhor! Mas porque...

N – Alguma vez... em alguma das reuniões deste ano... Penso que tem assento no Conselho Pedagógico?

P.C.E. – Tenho. Não estive em todas mas, quando eu não estive, estive a E...

N – Nas reuniões em que estive, alguma vez se falou..., alguém... falou sobre algo que tivesse a ver com os estágios?

P.C.E. – ♪ Não me lembro. Eu não me lembro... mas, como lhe digo, ficou-me – na nossa primeira reunião – esse alerta! E fiquei a pensar que, nos próximos anos, e a começar já para este que vem aí...

N – Como é que acha que isso pode ser viabilizado? Como é que isso pode...

P.C.E. – Como é que eu acho?... ☉ Em primeiro lugar, dando a conhecer, no Conselho Pedagógico, do... dos professores cooperantes...e que estagiários estão na escola. E, depois, qual é o seu projecto. Não é? Todos nós sabemos qual é o objectivo dos estagiários nas escolas, não é? Mas também sabemos que, ao longo dos tempos e tendo em conta o conhecimento e aquilo que se vai aprofundando, não é?... Como cada vez é mais importante a sua intervenção. E, se calhar, ☉ essa intervenção não é... não deve ser restrita à sala de aula... porque eles, quando saírem do seu estágio, quando partirem para o trabalho efectivo com a responsabilidade de uma turma, por exemplo,... não vão estar limitados à sua sala de aula, mas sim a uma realidade que é a escola. Obviamente, depois com... toda a especificidade que tem um trabalho com um grupo..., também da escola...

N – Porque é que pensa que é importante... haver estágios... que importância é que traz, para esta escola, de facto... Por exemplo, este ano, que importância lhe parece que teve a supervisão pedagógica de estágios, da formação inicial, aqui na escola? Quem é que ganhou com este processo?

P.C.E. – Eu acho que... que ganha toda a gente.

♣ Volta a mencionar ter reflectido sobre este assunto, reflexão essa despoletada pela nossa abordagem na primeira entrevista. Ainda assim, não parece ter havido qualquer iniciativa da sua parte nesse sentido ao longo deste ano lectivo, nem mesmo no balanço final de ano, apesar de ter falado sobre o assunto com a professora cooperante.

♪ Mais uma vez o registo de ausência de trabalho relacionado com os estágios em Conselho Pedagógico ou sequer de referência a eles.

☉ Aspectos possíveis, na sua óptica, a serem apresentados e discutidos no Conselho Pedagógico.

☉ Considera que a intervenção educativa dos alunos estagiários pode não ficar circunscrita à sala de aula, dado que, em futuro próximo, a sua profissão acontecerá numa escola, em sentido mais lato e abrangente que uma sala de aula.

N – Estava agora a centrar... Estava a pensar em termos da profissão que eles vão...

P.C.E. – E ☼ penso que é importante quer para eles, que vão “abraçar uma profissão”, quer para a escola em geral... para a comunidade em geral, vão beneficiar... Porque é assim: por um lado, eles... pelo trabalho que desenvolvem, pelo apoio que têm do professor cooperante e até dos professores da I.E.S. pelas aprendizagens que fazem – que é uma “mais valia para eles” - ... mas, por outro lado, eu acho e sempre achei, mesmo quando eu tive estagiários,... achei sempre que era uma grande mais valia para nós.

N – Nós, ... cooperantes...?

P.C.E. – ☽ Sim, se, por um lado, nós temos a experiência adquirida... nós, professores cooperantes..., por outro lado, temos depois a «frescura» de gente nova, com novas ideias, com novas estratégias, com novas propostas... que, de alguma forma, são importantes para nós! É, no fundo, a renovação, não é? Porque... porque é assim: não podemos estagnar, não podemos fazer sempre mais do mesmo!... É importante adequar às realidades que nós temos... e... é verdade que, depois de quinze, vinte anos... vinte cinco e mais anos de serviço – que é, neste caso, o meu – e, por mais que nós nos tentemos actualizar, eu acho que..., a vinda dos estagiários, só pode ser uma mais valia para todos!

N – É também uma acção formativa para os professores cooperantes?

P.C.E. – É! ☽ Eu acho que se traduz num enriquecimento para o professor cooperante, naturalmente, para os estagiários e para os meninos (para o grupo-turma, não é?) e eles, depois... ➤ Digamos que são as interacções; no fundo é isto! Acho que é a palavra certa..., as interacções que se vão estabelecendo, que se vão criando ao longo do tempo... Não tenho dúvida nenhuma que aprendem os professores cooperantes, que aprendem os professores estagiários, que há um enriquecimento grande para os miúdos – para o grupo/turma – e até, se calhar, para os professores tutores. Acho que esta interacção toda é fundamental!

N – Esta escola...

P.C.E. – ♦ Se isto for depois alargado à escola..., acho que é uma mais valia, sem dúvida nenhuma! As estratégias que estão a desenvolver... e nós sabemos que * isto, depois, depende muito se há professores que abrem as suas portas e que... estão muito receptivos àquilo que chega de novo - e isso é óptimo e eu espero

☼ Retoma a «aprendizagem recíproca» de que falava na primeira entrevista. Os estagiários aprendem a partir do trabalho que desenvolvem no terreno com o apoio da professora cooperante e da equipa de tutoria; por outro lado, as aprendizagens também acontecem nos professores cooperantes.

☽ Esclarece os motivos pelos quais, na sua opinião, os professores cooperantes também aprendem. Refere-se a uma actualização, uma renovação de estratégias pedagógicas, resultando numa mais valia directamente para os cooperantes e, implicitamente, uma mais valia para as crianças.

➤ A aprendizagem cooperativa, partilhada, o conhecimento de cada um enriquecido pelo saber e pelo saber-fazer do outro conduz à aprendizagem dos diversos actores implicados, mencionando-se aqui também os professores das equipas de tutoria.

♦ Volta a referir que os estágios podem ter valor acrescentado para a escola.

* Novamente a ideia de «abertura» das portas da sala de aula, do não-

que aconteça – portanto, dá uma grande margem aos professores, estagiários e aos tutores para poderem trabalhar. E..., felizmente, isso acontece muito nesta escola! Às vezes, há uma «repousa» – um entrave – e, aí, é mais complicado...; mas eu acho que as pessoas acabam sempre por ceder... e, portanto, esta abertura só pode resultar e traduzir-se num trabalho muito enriquecido.

N – Portanto, coloca esta questão em termos de escola – já que começámos esta conversa por aqui - ... considera que... não seria difícil, através do Conselho Pedagógico, e seria vantajoso... que houvesse ali um momento de partilha, de formas de fazer, de actividades desenvolvidas, de trabalhos feitos com os alunos?...

P.C.E. – Acho. Acho... porque * isso, depois, acaba por passar aos outros anos, não é? O Conselho Pedagógico tem a representatividade de..., do professor de cada ano; que é o coordenador de ano que, por sua vez, é o elemento fundamental nas reuniões de cada ano... É ele que passa a mensagem do Conselho Pedagógico para os grupos e vice-versa...

N – Portanto, há um representante de cada ano, em Pedagógico...

P.C.E. – ...em Pedagógico. * Que leva, por sua vez, às reuniões de ano toda a informação... que, entretanto, toda a informação e todos os assuntos, que foram discutidos em Pedagógico. Portanto, seria o veículo...; um veículo muito...muito facilitador para toda esta informação e todo este enriquecimento acontecer na escola toda.

N – Agora..., isso teria que estar formalizado. Portanto, tinha que haver essa intenção prévia, não é?

P.C.E. – Eu fiquei a pensar nisto... Eu fiquei a pensar desde a última vez que conversámos... e..., agora que se aproximou esta nova conversa..., este novo contacto, fui repensando muito isso. Acho que é, em conjunto, por exemplo, falar com as colegas do Executivo ou falar com as, com as colegas do Pedagógico, ver de que forma... porque é assim: ☺ temos alguma autonomia – para além daquilo que está estabelecido, através da legislação, que deve ser discutido, todos os normativos que vão chegando, etc. -, mas, além disso, a escola tem autonomia para, de acordo com as suas necessidades, discutir os assuntos que entender pertinentes. Portanto, eu acho que isso pode, perfeitamente, ficar agendado; pode-se, inclusivamente, pôr à consideração de todos e, quando se entender... importante e pertinente, dar a conhecer aquilo que está a ser feito...

N – Por exemplo, ... vamo-nos centrar neste ano que acaba de

isolamento como condição sine qua non para que os estágios e as aprendizagens a ele ligadas aconteçam.

* Apresenta-se o Conselho Pedagógico como sendo o órgão de gestão e orientação da escola mais adequado à reflexão sobre os estágios, dado que nele estão representados todos os anos de escolaridade por professores que têm a função de transmitir aos colegas o que está a acontecer na escola e, desta forma, poderia assumir-se como veículo de transmissão de informação.

(Ainda assim, parece-nos que, tendo em conta a sua natureza e funções, o Conselho Pedagógico poderia assumir um papel mais dinâmico e estratégico no que respeita ao funcionamento dos estágios na escola)

☺ No quadro da Autonomia das Escolas, a P.C.E. assume que poderia ser prevista a discussão sobre a supervisão de estágios em Conselho Pedagógico.

chegar ao fim, os estágios que estiveram aqui a decorrer..., pelo menos os desta instituição de formação – da *I.E.S.* -, eles estavam a estagiar em grupos do 1º ano. Só havia grupos do 1º ano com estágios...

P.C.E. – Sim.

N – Até que ponto... tem conhecimento se o que era realizado, em sala de aula, com os estagiários – previamente planificado com as professoras cooperantes e avaliado por elas – era, ou não, tema para uma reunião de conselho de ano? Sabe se isso aconteceu?

P.C.E. – * Sei... quer dizer... Mas sei, no entanto, que, nomeadamente o 1º ano, ... houve reuniões mensais, e mais naquelas que faziam extraordinariamente, discutiam, sim, vários temas. E acredito que entre eles tivesse... - uma vez que grande parte do 1º ano tinha estágios - que estivessem também contempladas acções desenvolvidas nos mesmos. Eu..., por exemplo..., um dos trabalhos que veio a público, digamos assim, ... uma exposição que esteve aqui patente no nosso ginásio... estava realmente um espectáculo!

N – O das pinturas, dos meninos? O dos quadros?...

P.C.E. – Exactamente. Isso não passou despercebido... a ninguém, não é? Não passou despercebido a ninguém e, sobretudo, os miúdos viveram muito este trabalho – este e outros – e isso acabou por ter alguma importância! * Eu não digo que não podia existir, da mesma forma, uma exposição desta natureza não havendo estagiários, mas sabemos perfeitamente que esse trabalho é sempre enriquecido com a presença de mais dois adultos... Adultos esses que se preparam para... abraçar uma carreira que é a carreira de professor! E portanto foi, de certeza. E foi, pelas conversas que eu fui tendo com as colegas, uma grande mais valia a presença deles porque houve trabalhos, e houve mais atenção que se foi dando a alunos, caso por caso, que um professor apenas não conseguiria fazer... e uma boa ajuda; portanto, mais dois elementos, que durante vários meses permaneceram na escola, veio naturalmente enriquecer o trabalho todo. ✨ Isso depois acaba por se traduzir e por chegar ao resto da escola! Esta exposição, aqui, foi caso disso...

N – Como é que vê a possibilidade..., e eventualmente reconhece a importância ou não, de os estagiários participarem, ainda que com o estatuto de observadores, não sei..., nessas reuniões de... conselho de ano? Por exemplo, este ano. Vários estagiários, parece-me que eram 4 grupos.. 5 grupos, portanto, são 10 estagiários pelo menos...

* Conhecedora do decurso de reuniões de Conselho de Ano, que implicavam, no mesmo momento e lugar, os professores do 1º ano da escola e, portanto, todos os professores que neste ano lectivo estavam a supervisionar a prática pedagógica de estagiários, mostra no entanto não estar segura que tenha havido alguma reflexão sobre o decursos dos estágios, ainda que tal lhe pareça possível ter acontecido. Não é, portanto, uma questão formalmente assumida para ser reflectida neste órgão.

* Valorização do trabalho que é feito com a ajuda, envolvimento e empenho dos estagiários. A presença de mais dois adultos, com preocupações pedagógicas, próxi-mos profissionais do ensino, a funcionarem com um grupo de crianças potencia o trabalho que estivesse a ser feito exclusivamente por um professor, o titular da turma e estes são os primeiros a reconhecê-lo. (É uma ideia sintonizada com o testemunho que recolhemos da professora cooperante quando esta nos explica os seus motivos e razões para receber estagiários.)

até que ponto é que a presença deles, em reunião de Conselho de Ano onde estavam presentes as suas professoras cooperantes que abordavam, com certeza, assuntos relativos aos meninos com quem eles estavam a trabalhar, até que ponto é que isso poderia ser viável e se seria, ou não, importante?

P.C.E. – Eu acho que é viável e acho que é importante. ♦ Voltamos sempre à minha “tecla” que é a mesma... As interações, as sugestões, a participação de cada um – cada um, professor titular de turma ou professor estagiário - ..., penso que só podem ser importantes. ♪ Viável e importante! Viável é! Não vejo, se eles são professores estagiários, se acompanham o grupo, se planificam com o professor titular de turma,... não vejo porque não poderão, não direi em todas, mas naquelas que sejam mais significativas, participar... Até porque, mesmo que as reuniões não sejam só de carácter pedagógico, porque há reuniões onde tem também de se discutir...

N – ... assuntos de carácter mais administrativo, burocrático...

P.C.E. – Isso... a legislação que chega, as formas de..., as alterações que devem ocorrer com base nesses normativos...; eu penso que só podem ajudar porque eles vão sair daqui – quanto melhor e maior for a informação, quanto mais conhecimento tiverem da legislação..., da forma como devem agir,... melhor! Porque é assim: quanto maior for o enriquecimento deles e a preparação, em melhores condições eles estarão depois no terreno, não é? Portanto, tudo aquilo que seja... que tenha a ver com a escola no seu todo, como organização, pode ser uma aprendizagem importante para eles...

N – O estágio... parece-me que, pelo menos este ano é a sensação que eu tenho, centrou-se muito na sala de aula, não é? Até que ponto é que estes jovens futuros professores poderiam, também, ter uma outra acção na escola? Para além daquela... porque os professores, na escola, não têm só a responsabilidade da sua turma, dos seus meninos, têm também outras funções, trabalhos a fazer... Até que ponto é que estes estagiários também poderiam estar, eventualmente, integrados em actividades de carácter mais abrangente? Que ultrapasse as paredes de sala de aula... não sei se isso faria sentido...

P.C.E. – Acho que faz...; ♥ desde que eles estejam disponíveis e que queiram colaborar, acho que não há ninguém que impeça... – não há ninguém que impeça... Se nós os queremos profissionais

✘ De novo se regista a ideia de que o conhecimento que a escola, enquanto instituição/organização, tem sobre o desenvolvimento dos estágios é um conhecimento informal.

♦ De novo a aprendizagem e o conhecimento novo que se produz em interação.

♪ A P.C.E. considera importante e viável a presença dos estagiários em reuniões de Conselho de Ano não só, como tem explicitado, porque através das interações entre estagiários e cooperantes se produz conhecimento, mas também pelo facto de, na perspectiva dos estagiários, futuros professores numa escola, estes poderem inteirar-se, compreender e até mesmo participar em trabalho de escola que ultrapassa as paredes da sala de aula. Explicita e defende portanto a importância de estes também entrarem em contacto e conhecerem a escola enquanto organização.

♥ Aceita a possibilidade de os estagiários participarem na vida da escola para além da sua intervenção

ativos, competentes, interventivos; então tem de se lhes “abrir as portas” e de se lhes dar oportunidade de participarem em tudo! Seja numa biblioteca, por exemplo... Nós temos aqui uma biblioteca..., porque não darem o seu contributo, saberem qual é o funcionamento da mesma e, caso tenham... ♪ Eu acho é que eles têm a sua agenda muito preenchida mas..., eu acho que têm. Porque têm de conciliar o estágio aqui com os seminários, com trabalhos... mas, caso seja viável e possa estar contemplado no seu horário, até tem mesmo razão de ser... Estamos aqui mesmo ao lado da biblioteca... um espaço onde eles poderiam – para além da sala de aula e da sua intervenção na mesma – ... cá fora também!... Isto é um espaço privilegiado para isso! Em que eles podiam... A nossa biblioteca pretende... – às vezes os recursos humanos não permitem – ser um espaço aberto às requisições, às pesquisas, às animações... e, portanto, eles podiam, perfeitamente, ter o seu espaço, mas ... tempo ♪ é preciso que ... haja oportunidade tendo em conta os “afazeres” na I.E.S – para poder intervir e colaborar no trabalho aqui desenvolvido... Eu achava isso muito importante!

N – Conforme já disse, foi professora cooperante e nós também., e..., enquanto temos estagiários a trabalharem com os nossos alunos, passamos a ter, para além da preocupação com as crianças, passamos a ter, também, preocupação com o trabalho que os estagiários desenvolvem com as crianças.... Agora... Falámos muito sobre os estagiários, nas aprendizagens que eles poderiam obter ao estar presentes num conselho de ano, por exemplo... e... como é que vê esta questão dos estágios e reporto-me, mais uma vez, a esta situação em que nesta escola, este ano, havia 5 professores do 1º ano que receberam estágios..., e que passaram, com certeza, algumas fases com ansiedades, expectativas relativas ao mesmo, que..., enfim, em reunião de conselho de ano, essa situação de supervisão de estágio terá sido um ponto de reflexão?

P.C.E. – ♦ Eu não direi que na reunião de ano ... Não sei se aconteceu..., mas acredito que acontecesse, pelo menos, num grupo mais restrito em que...


N – ... um grupo mais restrito quer dizer entre as professoras cooperantes que, informalmente...

P.C.E. – ... Exactamente! E fossem, realmente, discutindo... os problemas que iam tendo, as preocupações... mas também, ao mesmo tempo, as alegrias e as partilhas que iam tendo... “os ganhos” – digamos assim – que iam adquirindo... Eu lembro-me,

em sala de aula.

♪ Eventual dificuldade em os estagiários conciliarem os seus tempos de prática (planificação, intervenção, reflexão/avaliação) com o tempo dedicado a outras actividades de escola; refere a possibilidade de estar incluído no seu «horário», diríamos nos objectivos formais do estágio, essa intenção.


♦ Mostra desconhecer a existência de momentos de reflexão a propósito da intervenção educativa dos estagiários. Manifesta que lhe parece mais viável terem existido conversas informais entre professoras que este ano desempenharam função de cooperantes.

perfeitamente, de ter falado com uma das colegas quando vi alguns trabalhos de estudo..., as pesquisas... – e estamos a falar de meninos de 1º ano - ... ; e ela disse-me, claramente que – eu até lhe disse: ai que saudades de trabalhos tão bonitos! Tanto trabalho aqui!... – e  ela disse-me, claramente, isto só foi possível...estes meus objectivos só se concretizaram, porque tive comigo mais duas pessoas, durante o tempo suficiente, para o conseguir. Porque, quando foi preciso dar apoio – e trata-se de uma colega com... pelo menos duas crianças a precisar de um apoio redobrado, mais atenções...portanto, tem duas crianças nessa situação...

N – Com necessidades educativas especiais, é isso?

P.C.E. – Sim. E ela disse... – e bem especiais – ... e ela disse-me que foi fundamental a presença dos estagiários para, realmente, conseguir concretizar algumas das actividades e, portanto, atingir objectivos que tinha em mente...


N – Na outra conversa que tivemos, dizia que ia tendo conhecimento daquilo que ia acontecendo no estágio... dessa tal forma, em conversas como agora diz...

P.C.E. –  ... e as idas à turma, também... Eu, nessa conversa, também disse que quando me apercebi....; porque o feedback relativamente às leituras deles e aos progressos, chegou-me através da biblioteca... Inclusivamente, eu cheguei a estar na biblioteca e os meninos aparecerem e, com todo o “à-vontade”, a querer ler e a discutir... , e a escolher... Eu apercebi-me disso! Portanto..., a colega que estava lá – e que está – disse-me que era uma alegria e que, aqueles meninos do 1º ano, eram um encanto! Eram um encanto!... Eu fiquei tão entusiasmada que fui, sala a sala, dizer-lhes que estava muito contente...

N – Não está a centrar isso numa turma?!... Nas várias turmas em que tiveram estagiários isso acontecia...; era isso?


P.C.E. – Sim, sim, sim!


N – E foi turma a turma?!...


P.C.E. –  Foi engraçado... - foi uma vez uma pequenina conversa... - eles referenciavam sempre os professores estagiários em primeiro lugar!...

N – As crianças?

P.C.E. – Exactamente!... Então, vocês estão muito contentes, é verdade... mas não aprenderam sozinhos... Tiveram ajudas, não é? Quem é que vos ajudou? Quem é que... Portanto, as referências primeiras eram sempre os professores estagiários... e, depois, era o

 Tem conhecimento da valorização dada pelas cooperantes do trabalho desenvolvido pelos estagiários com as crianças, identificando neles a situação de dois adultos que podem ajudar, potenciar o trabalho de sala de aula feito somente pelo professor titular de turma.

 O conhecimento que a Presidente do Conselho Executivo mostra ter do funcionamento dos estágios tem como origem conversas informais com os estagiários e com as professoras cooperantes, mas também as conversas e as evidências de aprendizagens e de crescimento manifestadas pelas crianças das turmas, expressando que, em determinados momentos, se dirigiu às salas para dar a conhecer a sua satisfação pelos saberes das crianças, elevando-lhes de alguma forma a sua auto-estima (das crianças e dos estagiários).

 Mostra ter feedback das crianças em relação ao trabalho desenvolvido pelos estagiários, exteriorizando aquelas a ideia de que fizeram aprendizagens em primeira instância com a ajuda dos estagiários.

professor da turma...; porque, se calhar, de alguma forma alguns foram-se identificando mais, ou estando mais próximos ou... não sei..., talvez por serem mais jovens..., não sei... É por isso que não podemos chegar aos 65 anos a trabalhar! Eles querem gente mais nova! (risos) E..., talvez por isso, não sei muito bem, se calhar era importante perceber...ou não era..., não sei! Sei que... eles referenciavam, em primeiro lugar, os professores estagiários!...

N – ...Os estagiários... Então..., de que forma é que, este ano, acompanhou este estágio? Foi assim, nesta...

P.C.E. – Foi, foi... Primeiro, ♠ porque me sinto sempre um bocadinho responsável... porque sou eu que incentivo as pessoas.... às vezes, há algum receio... Neste caso, este ano, houve uma colega que disse *Eu quero* e, depois, as outras estavam com algumas indecisões – não porque não quisessem, até porque são pessoas que estão habituadas a ter estagiários, mas por ser um 1ºano...em que há sempre uma fase de adaptação para todos... Os meninos do 1º ano requerem mais atenções, sobretudo inicialmente... Mas, depois, houve assim... uma adesão boa! ♠ Eu sinto-me sempre muito responsável! E sempre, sempre, eu vou perguntando como é que se sentem..., falo com os estagiários e pergunto como é que eles se sentem na escola..., falo com os colegas e pergunto se aquele... se o trabalho que está a ser feito é um trabalho produtivo, se estão contentes..., se está a ajudar...

N – Qual é o balanço que faz deste ano que acaba de terminar?

P.C.E. – ♦ É muito positivo!... Muito positivo... Muito, muito positivo! E, nalguns casos, isso foi... foi muito visível até a mim! E nas actividades, por exemplo, no espaço do Polivalente, do ginásio..., às vezes, eu passava – porque, infelizmente, é também um espaço de passagem e, por menos que queiramos incomodar, acabamos sempre por passar – e detinha-me ali, às vezes... e isso parecia que estava assim “descuidada”, sem nada para fazer, mas isso também era uma forma de... Primeiro gosto de perceber os comportamentos dos meninos noutras situações...porque eu conheço a grande maioria deles aqui, no refeitório... às vezes, conhece-os na sala de aula e sei dos seus problemas... , depois, também gosto de saber qual é a sua reacção numa ou outra actividade que, neste caso, era a Educação Física, nos jogos, e..., portanto, gosto de perceber isso!... Às vezes, até questiono as colegas relativamente ao comportamento dos meninos aqui ou na sala... Estou aqui muitas horas; gosto de saber... E..., relativamente aos estagiários, eu

♠ Tendo em conta que a opção por alguns professores da escola para assumirem a supervisão de estágios passa pela Presidente do Conselho Executivo, esta assume desde o início responsabilização pelo e no processo. Daí que tenha a preocupação em certificar-se de que tudo está a decorrer de forma positiva e favorável para todas as partes.

♦ Faz uma avaliação totalmente favorável do estágio no que respeita ao trabalho desenvolvido com as crianças. Manifesta a preocupação em perceber os sentires e os progressos de aprendizagem por parte dos meninos e em valorizar o trabalho feito pelos estagiários, mostrando uma forma afectiva de os abordar e de aumentar a sua auto-estima enquanto futuros profissionais de educação.

também fazia a mesma coisa..., apreciava o trabalho deles, a forma como lidavam com os meninos... Eu acho que, de uma forma geral, como perguntava, o balanço é muito positivo... e acho que passou por aqui, este ano, gente que promete muito! Muito mesmo!

N – E os professores cooperantes que, este ano, receberam...que foram cooperantes, que estiveram a trabalhar com estágios; qual é o feedback que eles lhe deram do trabalho que foi desenvolvido com os futuros professores?

P.C.E. – De uma forma geral, bom. De uma forma geral, bom.

N – Eles costumam “passar-lhe” angústias, problemas..., felicidade, alegrias...?

P.C.E. – Sim!... Eu penso que, a certa altura, eles até os protegem, está a ver?! Estou a pensar, por exemplo, nas visitas de estudo... Como é que é com as visitas de estudo... é assim, temos sempre um grande problema: por um lado, é importante que eles vão – porque é importante o acompanhamento deles – e, por outro lado, é bom... que eles acompanhem noutra situação para conhecerem os miúdos e, enfim..., para irem aprendendo a saber estar também nestas situações..., nestas ocasiões. Mas, depois, temos sempre um grave problema porque, sobretudo quando são viagens do grande grupo (todo o 1ºano), é assim... os meios são poucos e temos sempre o problema de pagamentos, não é? Como é que vai ser?... Podem... imagine que, para 30 meninos ou 40 meninos, só entra um adulto ou dois... como é que é? E, portanto, eles, os cooperantes... têm sempre o cuidado de os proteger..., são estudantes, não têm os seus vencimentos, às vezes, são jovens até com algumas dificuldades. E, portanto, “abeiram-se” de nós no sentido de ver qual é a melhor forma deles não serem prejudicados mas, também, de poderem acompanhar; que, para nós, é ótimo!... Porque, normalmente, as escolas não têm meios..., recursos humanos, e, portanto, é sempre importante! Eu digo sempre nós depois vamos ver a forma como é que isto se vai resolver..., eles não vão ser prejudicados, nem os meninos, nem os colegas porque a ida deles é fundamental! Mas, por aí... ☆ protegem-nos, preocupam-se com eles...; é isso mesmo: o termo correcto é a protecção! E vêm-nos um pouco, cada um, o seu grupo, quase..., não como alunos porque eles já estão noutra situação, mas são como um professor... tutor...; um professor que os protege..., que os ajuda. Que os encaminha...

N - ... Falou em professor tutor... Como é que sente... qual é o seu sentir do acompanhamento das equipas de tutoria da Escola

☆ Na sua óptica, os professores cooperantes adoptam uma postura protectora dos estagiários, colocando-se numa posição de alguém que os orienta, que os ajuda.

Superior de Educação aos alunos estagiários e aos professores cooperantes?

P.C.E. - Os professores... tutores... O meu sentimento é assim: desde sempre, mesmo quando eu tive alunos, ♪ tenho sentido em crescendo um apoio muito bom! E uma preocupação... Este ano até achei interessante porque, não só... o professor tutor mas também outros professores daquela turma – porque há outras disciplinas, outras cadeiras que são leccionadas por diferentes professores - , e achei muito interessante que eles viessem aperceber-se das realidades. ♣ Achei... inclusivamente os seminários, alguns realizados aqui na escola – acho que é importante, neste espaço... ♪ e julgo, do que me é dado perceber, que é um acompanhamento, pelo menos, muito melhor do que aquele que nós sentimos por parte de outras instituições particulares! Isso, eu disse sempre! Foi o que eu senti...

N - Já o tinha referido na outra conversa que tivemos...

P.C.E. - Já... já tinha dito na outra vez... E..., ♪ acho que a I.E.S. é, se calhar, a instituição mais preocupada e mais atenta...; mais protectora, digamos assim..., dos seus meninos.

N - Eu acho que, à medida que fomos conversando, fomos... falando das várias situações que eu tinha previstas realmente... para esta entrevista. Deixe-me só verificar aqui... mas eu acho que..., mais ou menos, falámos já... Nunca estive presente em nenhum desses seminários, que referiu há pouco?

P.C.E. - ☺ Não... Nunca estive presente...; nem eu nunca pensei nisso, nunca fui solicitada e, este ano, foi também para mim um ano particularmente difícil e, portanto, como há pouco disse, não consegui estar sempre presente no Conselho Pedagógico..., exactamente por essa razão...

N - Também já falámos que, em Conselho Pedagógico, este ano, não estive essa situação contemplada e que poderá realmente vir a estar...

P.C.E. - É... ☹ Levantou uma questão que eu acho muito importante e que, para o ano, vou, pelo menos, despoletá-la. Vou falar com as pessoas...

N - Vocês, este ano, têm um novo... um Projecto Educativo recente....

P.C.E. - Temos! Temos... E um Projecto Curricular de Escola em curso, portanto, a ser elaborado...

N - Pois... Eu, com uma das colegas com quem falei, ela disse-me

♪ Considera que os estagiários contam com um apoio cada vez mais adequado por parte dos professores tutores, considerando interessante o facto de não ser só um professor a fazer o trabalho de tutoria, mas de o processo de supervisão ser acompanhado por um grupo de professores da Instituição Superior de Formação – a equipa de tutoria.

♣ Refere a importância, no seu ponto de vista, da realização de seminários na escola *M.A.*.

♪ Retoma uma ideia que registou na primeira entrevista relacionada com o facto de considerar o acompanhamento da *I.E.S.* mais adequada do que por parte de outras instituições que também são recebidas na escola *M.A.* com o objectivo de acompanhar alunos da formação inicial.

☺ Ausência da sua presença em seminários e referência ao facto de essa sua presença não ter sido solicitada para esse efeito.

☹ Refere a importância de o Conselho Pedagógico prever na sua ordem de trabalhos alguma reflexão sobre o acompanhamento de estágios.

exactamente isso, que está o Projecto Curricular em curso. Também já verifiquei que no Projecto Educativo não está contemplada, expressa, esta situação de..., esta escola, receber os estágios e de ter professores aqui que estão envolvidos em supervisão pedagógica... Estando a dizer que vai, provavelmente já este ano, abordar esta questão em Pedagógico...

P.C.E. - Sim, sim, sim!

N - O facto de isso estar expresso, de estar contemplado, de estar formalizado no Projecto Educativo, no Projecto Curricular de Escola... poderá ajudar, de facto, a potenciar esta vertente?

P.C.E. - Acho... não quer dizer que...

N - Intencionalizá-lo, está a ver?...

P.C.E. - Estou...e acho que, pelo menos isso, é assim: ☀ achei sempre importante, tanto que fui cooperante e foi uma experiência muito rica para mim, acho que aprendi muito, muito, muito com os estagiários... Portanto, e isso... isso é prova de como eu valorizo a entrada de outras pessoas na sala de aula e, portanto, todas as interacções que se vão criando,... todo aquele percurso é importante... Portanto, valorizo isso! Mas, de facto, nunca pensei e, por isso, estamos sempre a aprender e sempre a reflectir, acho que devemos ser muito reflexivos e depois, da reflexão, deve vir a intervenção e acção, portanto.... ☹ fiquei muito desperta, depois da nossa conversa..., e acho que se isto não estiver só na cabeça das pessoas ou seja... se estiver na prática, se isto estiver contemplado em documentos importantes da escola, traduz-se depois... Não sei se é dar outra importância..., mas, pelo menos, nunca ficará no esquecimento!

N - E que papel poderia ter a *I.E.S.* ... Acha que poderia aqui desempenhar, também, em termos de escola, para além da sua preocupação centrada nos estagiários, poderia haver aqui uma outra vertente assumida?...

P.C.E. - Acho! Acho! Acho que pode... Inclusivamente, a *I.E.S.* é muito solicitada para... as formações, a formação contínua e continuada, e, portanto, eu acho que... seria uma boa forma... Eu acho que já é! Mas..., digamos que ► podiam reforçar-se estes laços institucionais e podia haver um enriquecimento maior, não apenas para os estagiários e para os professores cooperantes, mas para todo o corpo docente da escola. Acho que só podia enriquecer... porque a *I.E.S.* é, por excelência, uma escola formadora, não só para formação inicial, como também para

☀ Reforça a ideia de que atribui importância aos estágios e à sua supervisão, já que são (ou podem ser) momentos potenciais de aprendizagem.

☹ De novo a ideia de que a conversa que tivemos no início do estágio despoletou em si uma reflexão sobre o processo de supervisão e a sua visibilidade em órgãos de orientação pedagógica da escola, mencionando a importância que poderá ter a formalização desta intenção em documentos da escola *M.A.*, sobretudo no que se refere ao cumprimento de uma reflexão sobre os processos supervisivos a decorrerem na escola *M.A.*.

► Para além de reforçar os «laços institucionais», a professora parece aqui considerar que o facto de a Instituição Superior de Formação prever a escola organização nos processos de estágio, pode potenciar os saberes profissionais de todos os professores da escola *M.A.* numa perspectiva de formação contínua.

formação contínua.

N - Esta escola tem, recorde-me, quantos professores a leccionar?

P.C.E. – Trinta e oito.

N - Este ano esteve com 38...

P.C.E. - Vai continuar e não podemos ter mais! Digamos que não temos capacidade...

N - ... Para mais professores.

P.C.E. - Para mais professores...

N - Destes 38 houve 5, este ano, que estiveram com estágios de 4ºano...

P.C.E. - Já tivemos mais...muito, muito, muito mais gente...

N - Pois...muito mais gente... Portanto, houve aqui 4 professores directamente envolvidos. Considera que os outros colegas têm alguma ideia... de eventuais inovações de sala de aula? De formas de fazer, de reacções dos alunos, de aprendizagens...

P.C.E. - Eu acho que isso, neste caso, tratou-se só de 1º ano. Mas eu acho que, ◆ com este objectivo de passar formas de trabalhar, estratégias, inovações..., pois, exactamente as estratégias não só as estratégias para trabalhar com o grupo em geral, mas como aquelas específicas para situações que requerem maiores atenções, que requerem necessidades e cuidados especiais,... portanto, com esse objectivo... ◆ Este ano, realmente foi só para o 1ºano... Eu não tenho dúvidas nenhuma, mas não tenho mesmo, que, no grupo, se discutissem modos, estratégias, inovações... Claro que, se calhar, ficou mais limitado, não quer dizer que não tivesse passado, é evidente que pode passar sempre, mas ao grupo de ano porque, realmente, se tratava só de 1ºano. Mas não tenho dúvida que se isso passar para outros... que isso se torna num enriquecimento muito maior e numa passagem... porque, por menos que nós queiramos inovar ou mudar, já há muito tempo que nós falamos que as mudanças são sempre muito difíceis... e os professores, e não só os professores, todos somos muito.... muito...ajude-me...

N – Resistentes à mudança?...

P.C.E. - Sim..., é um pouco isso. Todos temos alguma dificuldade em mudar porque não sabemos o que vamos encontrar... Portanto, há alguma estabilidade, “o tapete está direitinho”..., não sabemos quando é que nos tiram tudo.... Portanto, temos alguma resistência, era isso..., alguma resistência à mudança! Mas, eu penso que, lentamente, as pessoas chegam à conclusão que é inevitável! A mudança tem que vir...

◆ Está implícita a mais valia dos estagiários em termos de se alargar e actualizar o leque de estratégias de trabalho com o grande e o pequeno grupo e até a criança individualmente. Quando se refere a inovação e a mudança parece centrar-se nesta questão pedagógica de natureza estratégica.

◆ Ainda que, parece-nos, sem certezas, a Presidente do Conselho Executivo acredita na existência eventual de partilha, de reflexão a pares sobre alguns «modos de fazer didácticos», ajudando a esta situação o facto de as professoras cooperantes pertencerem todas ao mesmo grupo de ano de escolaridade. Mostra poder ser importante que essa vivência não se confine a este grupo de professores.

N - E nestas questões quando nós partilhamos a informação de como aconteceu..., é mais fácil nós acreditarmos que aquela maneira de fazer, que aquela forma...afinal é viável...

P.C.E. - ☒ E acho que há sempre quem, pelo menos, experimente... Depois, existem sempre... há aquela fase de círculos, círculos..., mas a pessoa chega à conclusão que realmente não pode deixar de existir a mudança... Porque..., ✪se as mudanças são significativas, se o que nós temos... se os meninos que nós temos na escola não são mais os meninos que tínhamos anteriormente, se há uma grande diversidade, se há uma série de factores que se foram alterando...; naturalmente, que a nossa função também tem de ser diferente, portanto, também tem que haver mudanças, tem que haver alterações! E, por mais resistente que se seja – temos sempre essa dificuldade -, todos nós queremos fazer o nosso melhor, * todos nós queremos o sucesso..., o nosso sucesso é o sucesso dos nossos alunos...; como tal, vamos todos tentando mudar. Se... uns com mais facilidade do que outros, como em tudo na vida ... se, portanto, houver este tipo de discussão...

N - Esta partilha de experiências...

P.C.E. - .✪... e se formos falando das coisas de uma forma mais abrangente, se reflectirmos juntas, de certeza que isso tem reflexos, tem impacto e que... se vão depois traduzir em alterações significativas e, portanto, podemos nós pensar que sejam para a melhoria da nossa escola, do nosso ensino, não é?

N - Para terminarmos, acha que a escola, esta escola, sai enriquecida pelo facto de ter... de continuar a “abrir as suas portas” e ... a ter “procura”, é uma das mais procuradas, não é, é sempre procurada...

P.C.E. - ☺ Todos os anos temos tido estágios e eu fico muito contente! Fico sempre muito contente! Porque sinto isso como no tempo em que eu os recebia na minha sala de aula... uma mais valia...

N - Vale a pena continuar a investir?

P.C.E. - Eu acho que sim! ✪ Sem dúvida nenhuma... porque há-de sempre haver professores interessados... E eu até lhes costumo dizer que têm a obrigação... Nós temos a obrigação! De “abrir as portas”... Primeiro porque, se estes jovens não passarem por estágios, não passarem por algumas experiências, ser-lhes-á muito mais difícil, depois, a sua integração. Depois, por outro lado, também a escola ganha com a vinda deles por causa de tudo aquilo

* Ligação do sucesso de opções pedagógicas do professor ao sucesso obtido pelos alunos.

* A comunicação, a reflexão entre pares

☺ Sempre a referência à sala de aula e à sua experiência enquanto cooperante que, em sua óptica, foi muito rica. Reciprocidade...

* Os ganhos para a escola pelo facto de receber alunos estagiários e os ganhos para estes pelo facto de poderem contar com o apoio e orientação de professores desta escola.

que nós falamos...pelas interacções que se vão estabelecendo, pelas inovações que eles vão trazendo, pelas coisas novas, pelas estratégias...Enfim, o enriquecimento que a escola lhes dá e o enriquecimento de cada um em particular, de cada um estagiário e de cada um cooperante! É importante e é bastante significativo para a escola!

N - A qualidade educativa desta escola desenvolve-se, cresce, eventualmente com esta... com esta participação dos estágios?

P.C.E. - Também! *Também...., sem dúvida nenhuma... Também, também... Eu cresci muito, enriqueci-me muito, ficaram até saudades da relação que se foi estabelecendo... Eu aprendi muito, muito, muito!... Foi das experiências mais ricas que eu tive! E acho que toda a gente aprende e são...

N - E nessa altura aprendeu com os estagiários e aprendeu também algo com... o professor tutor dos estagiários, eventualmente?

P.C.E. - Sim, sim! Sim, aprendi “sim senhor”! ✨ Aprendi... Houve muita... houve muitas estratégias... e houve... muitas coisas novas de se fazer e de saber-fazer que eles trouxeram...

N - A reflexão...

P.C.E. - ◆ Houve mesmo esta troca... eu aprendi com eles e eles aprenderam comigo, sem dúvida nenhuma...

N - Isso, realmente, é o ponto de partida para continuar a “abrir a porta desta escola”....

P.C.E. - ◆ ... Aprendemos uns com os outros...

N – Agora terminámos mesmo. Muito obrigada!...

P.C.E. – De nada!...

N – A sua ajuda foi preciosa!




* Respondendo à questão da melhoria da qualidade educativa da escola por influência do processo de supervisão de estagiários, reporta-se de novo para a sala de aula e para o professor cooperante, mas, parece-nos, mais uma vez de uma forma individualizada. Apela de novo à sua experiência pessoal.

✨ Aprendizagem de estratégias e fazeres didácticos com os alunos estagiários.

◆ Aprendizagem recíproca, partilhada, cooperada entre cooperante e estagiário – esta é a marca mais forte no discurso da presidente do conselho executivo.

PRIMEIRA ANÁLISE À ENTREVISTA DA TUTORA (COORDENADORA DA EQUIPA DE TUTORIA)




ENTREVISTA (E-T)	INFERÊNCIAS / QUESTÕES
<p>N – Primeiro que tudo, porquê esta escola? Por que razão é procurada para receber alunos da formação inicial em situação de estágio?</p> <p>T – Portanto, esta escola não é de agora. ♦ <u>Há muitos anos que de facto, neste caso a IES, tem relação com a escola MA. Mesmo anteriormente a mim, outros colegas meus já lá tinham estado. Portanto, eu devo ter chegado à escola já na sequência de outros colegas meus que lá estiveram a acompanhar estágios ... para aí, sei lá, nos anos 93, 94, não sei bem, mas é por essa altura.</u> Aquilo que me motiva ou que motivou a ir para a escola MA na qualidade de professora tutora, é sempre o que me motivou a ir para uma outra qualquer escola. * <u>Porque a selecção de escolas cooperantes, dado não haver por parte da IES uma política de formação, ou antes de selecção de centros de estágios, claramente definida, leva a que os contratos com as escolas sejam feitos num registo meramente individual. A IES não tem no seu projecto educativo, no seu projecto formativo, não tem contratos com as escolas tais, tais e tais no sentido de isto e aquilo e aqueloutro.</u> Portanto, fica ao critério, tem ficado sempre, desde que eu me conheço como tutora, <u>tem ficado sempre ao critério de cada tutor, e entende-se por tutor o responsável por uma turma, por um grupo de alunos em prática pedagógica, a escolha das escolas e naturalmente dos professores cooperantes.</u> No meu caso particular, aquilo que sempre me preocupou, ou antes, que eu sempre privilegiei, porque outros colegas meus privilegiam outras coisas, ✧ <u>alguns privilegiam a distância entre a IES e a escola, para mim aquilo que eu sempre privilegiei ao longo destes anos todos foi o conhecimento das pessoas-professores: o conhecimento ou as referências da sua competência profissional, ou se quiser o modo como estão na profissão e como se disponibilizam a partilhar as suas práticas connosco, estagiários e formadores.</u> A escolha resulta, digamos, <u>do reconhecimento da competência pedagógica dos meus colegas professores do ensino básico.</u> E assim, ✧ <u>a forma que eu tenho sempre de chegar às escolas, a todas as escolas, é através de um ou outro professor cooperante que eu conheço...</u></p> <p>N – Que lhe serve como referência...</p>	<p>♦ A Escola MA recebe estagiários orientados por diferentes profes-sores tutores da IES há cerca de 12 anos.</p> <p>* A IES não tem seleccionados até ao momento centros de estágio, acabando os contactos com as escolas por serem feitos individualmente pelos tutores e os contratos também têm carácter individual.</p> <p>✧ Dá conta que cada tutor define e estabelece os seus próprios critérios e prioridades na selecção de professores cooperantes. No seu caso pessoal, o que lhe serve como principal referência é o conhecimento que tem dessas pessoas enquanto professores, da sua competência profissional e da abertura que demonstram em partilhar as suas práticas.</p> <p>✧ O contacto e a entrada numa escola acontece em primeira instância através de um professor com reconhecidas e relevantes práticas</p>

T – Que me serve como referência e  em quem confio no sentido de encontrar nessa mesma escola outras pessoas com o seu perfil. E portanto,  quando eu chego à escola MA, quando eu chego, eu conheço nessa altura a MJ e portanto é por essa via que eu lá chego. Porque a conheço, porque ela é professora do meu tempo em que eu sou professora ainda na escola do 1º ciclo, porque sei a evolução que ela teve, porque eu lhe reconheço competência profissional e é através dela que pergunto «e vê se na escola me encontras pessoas que possam fazer este tipo de trabalho». Acresce ainda depois que  na escola MA estão desde há uns tempos colocados uma série de professores de quem eu tive o grato prazer e a felicidade de ter sido professora no CESE de supervisão. E, portanto, é outra entrada possível. Ou, são pessoas que eu conheço, ou são meus ex-alunos em quem eu confio, meus alunos quer da formação inicial ou outra. E portanto, a minha chegada à escola é por esta via e é sempre desta forma.

N – Mesmo depois de, ao longo destes anos ter lá vários estágios a funcionar. Quer dizer, digamos que isso aconteceu no início, quando chegou, mas...


T – É sempre.


N – É sempre... Então a escola não é procurada enquanto escola, mas é procurada pelas pessoas que trabalham na escola...


N – Exactamente. Claro que a certa altura, e neste caso concreto e actualmente continuo a ter lá a PC,  temos um Conselho Executivo que é extremamente aberto, que nos abre as portas. Quando precisamos de alguma coisa, é lá que batemos ou porque há alunos Erasmus, ou porque há primeiros anos, ou porque há alguém que quer conhecer a escola, ou porque não sei o quê,  é portanto um Conselho Executivo bastante aberto e disponível e por outro lado tem lá um conjunto de pessoas que efectivamente ao longo destes anos todos já fomos construindo uma linguagem, já fomos construindo referências e portanto são pessoas que merecem uma credibilidade muitíssimo grande. Mas  também é verdade que naquela escola, muitos e muitos professores cooperantes já o deixaram de ser. E este ano, isto é, isto é delicado eu dizer, mas de facto, à medida que nós vamos trabalhando numa escola e à medida que vamos conhecendo, também nos vão sendo dados argumentos e conhecimento que nos faz dizer que, com estas pessoas, eu não quero...


N – Trabalhar mais...


pedagógicas.


 A partir do momento que a tutora contacta um dos professores da escola para colaborar como cooperante, e em quem deposita inteira confiança profissional, pode acontecer que esta, por sua vez, aponte de entre as colegas da instituição outras que possam ter perfil para também trabalharem com estagiários.

 Tal também aconteceu na escola MA.: a tutora conhece, na altura, uma das professoras da escola e é esta que, por sua vez, lhe dá conta de outros professores do 1º ciclo que, eventualmente, poderão dar um bom contributo aos estágios enquanto cooperantes. Sabemos que, entretanto, esta professora já se aposentou.

 Ex-alunos da formação inicial ou contínua e, no caso da escola MA, alunos de um CESE de supervisão, são sempre o seu ponto de contacto, constituindo, diríamos, a sua «bolsa de cooperantes».

 A importância da abertura do Conselho Executivo não só para colaborar no âmbito dos estágios, mas também de outras acções e actividades.

 Dá credibilidade ao trabalho e à postura do Conselho Executivo que, ao longo dos anos, se tem revelado importante nesta colaboração e com quem já existe uma linguagem aferida.

 Alguns dos professores em exercício na escola MA já foram cooperantes, mas no momento já não desempenham essa função, parecendo

T – Eu não quero trabalhar mais. Pronto, isto é muito delicado, naturalmente. São situações...

N – Voltando à abordagem. Eu sei que existe um protocolo entre...

N – ✂ O protocolo é institucional e regulamenta só questões de natureza genérica. Sei lá, recebe os alunos, a escola cooperante encarrega-se enfim de tomar uma série de medidas que facilitem quer a entrada dos alunos, quer dos professores da IES, disponibilizar documentos, etc., etc.. Por outro lado a IES compromete-se a muito pouco, diria eu, que é no fundo só servir como recurso, servir eventualmente para situações de cursos de formação contínua, de formação especializada... e efectivamente ☉ no caso de MA há dois anos a esta parte nós propusemos mesmo desenvolver lá um conjunto de acções de formação contínua, lá...

N – Na escola...

N – Na escola, sim. E efectivamente não tivemos adesão. As pessoas... fora dos cooperantes, quer dizer, para além dos cooperantes. Chegámos a combinar com a PCE exactamente isso e ela achou a ideia óptima e nós queríamos, neste caso era eu e a I, e nós queríamos, tínhamos lá estágios as duas, e nós queríamos ter aberto uma oficina de formação às horas que as pessoas quisessem, mas não...

N – Os vossos objectivos para esta formação estavam de alguma forma ligados à prática pedagógica dos alunos da formação inicial?

T – † O nosso objectivo é sempre o mesmo: melhorar a qualidade das práticas: reflectir com as pessoas e procurar avanços a partir do que cada um é capaz, do que já realiza, quer... porque isto da formação tem que ser sentida, desejada, tem de corresponder a uma vontade das pessoas. ☼ Penso cada vez mais que, nos processos de supervisão em que me envolvo, a aprendizagem dos nossos alunos é tanto maior e autêntica quanto maior for o envolvimento dos professores cooperantes, quanto mais convergentes forem as acções dos tutores e dos professores cooperantes, quanto mais diálogo e partilha existirem. De facto ● esta escola tinha possibilidades de se transformar num grande centro de formação, eu acho que tinha condições para isso. É uma escola grande, com...

N – Com o corpo docente mais ou menos estável...

N – Exactamente e portanto * há algumas coisas que são realizadas pelos alunos estagiários durante a sua prática que poderiam ter mais visibilidade na escola e serem acções despoletadoras das mudanças de algumas práticas, que julgo ser um aspecto bem pertinente na

ter passado a haver incompatibilidades em termos profissionais.

✂ O protocolo estabelecido entre a escola MA e a IES prevê situações de colaboração mútuas entre as duas instituições, no entender da tutora de carácter genérico.

☉ Existiu uma proposta de oficina de formação por parte de duas professoras tutoras da IES dirigida a professores não cooperantes da escola MA, mas estes não aderiram, apesar de a presidente do conselho Executivo ter defendido esta formação.

(Esta situação levanta-nos a seguinte questão: será que numa escola, que possa entender-se como um «centro de estágio» pode «obrigar» os seus professores a serem cooperantes ou estes só o serão se o desejarem e se tiverem perfil para tal? Não poderão correr-se riscos nestes «centros de estágio» quer de «forçar professores» a receberem estágios nas suas salas de aula, quer de os receberem mesmo não tendo reconhecido perfil e formação específica para tal, já para não falarmos em práticas pedagógicas de referência, diríamos memo de qualidade, que possam de facto ser um bom modelo de trabalho para os futuros professores?)

† Na óica da tutora, o primeiro objectivo da formação é a melhoria da qualidade das práticas dos professores (cooperantes ou potenciais cooperantes).

☼ A aprendizagem dos estagiários fica a depender do envolvimento dos cooperantes no processo de supervisão e da aferição de linguagem e partilha entre estes e os professores da IES.

● Refere a potencialidade e a possibilidade da escola MA se

escola em questão. Quer dizer, estou-me a lembrar no ano lectivo passado, ♦ estavam lá quatro grupos de alunos, quatro a estagiarem em primeiros anos, de facto num registo enfim muito pouco preparado, mas entre eles, entre os quatro grupos, houve algumas iniciativas interturmas. Estou-me a lembrar de uma exposição...

N – Exposição...

N – Isso, de * uma exposição de pintura que foi realizada no ginásio. Foi cuidada, foi organizada, foram convidados professores, portanto, quer dizer que aquela exposição de pintura, aquela ou outras coisas que se pudessem fazer, podia ser o rastilho para outros professores, porque havia mais professores com o primeiro ano, havia outros professores. ✖ Quer dizer, se este tipo de coisas fosse incentivado, e eu e a I era isso que propúnhamos, era partir de realizações dos estagiários, dando visibilidade junto dos outros professores, e, acima de tudo, reflectir com eles o significado disto.

N – Considera que, durante estes anos que tem acompanhado estágios naquela escola, tem havido algum impacto no trabalho dos professores no que respeita às práticas? Acha que o facto de esta escola receber todos os anos alunos da formação inicial que, à partida, trazem algumas sugestões e ideias de trabalho pedagógico com as crianças diferente e muito acompanhado pela IES, que isso possa ter tido algum impacto nesta escola?

N – Não acredito. Não acredito mesmo nada. Quer dizer, ✧ aqui há uns anos a esta parte, eu tive essas ilusões... acho que quis acreditar que ajudámos pessoas sem estagiários a evoluírem profissionalmente. Agora, de todo não acredito. Mesmo com alguns professores com quem trabalhamos que enquanto dura o estágio, as pessoas ficam muito satisfeitas com as dinâmicas e as mudanças na organização do sistema de aprendizagem das crianças e dizem que vão continuar essa acção. Acaba o estágio, voltamos no ano seguinte e nada foi alterado Da mesma forma que não se muda por decreto. Também não se muda por se ter visto fazer isto ou aquilo... as mudanças correspondem a vontades e convicções internas às pessoas e não a meros factores externos. Quer dizer, eu neste momento trabalho com três excelentes profissionais na escola MA: a F, a O e a H. Não tenho dúvidas nenhuma, são três excelentes profissionais. Claro que, ☉ claro está que através dos nossos alunos e quando estamos juntos a pensar sobre as coisas, claro que todos aprendemos imenso, os alunos ... os tutores e admito que qualquer uma delas aprenda também. E podemos sempre melhorar esta ou

constituir como «centro de formação».

* Apresenta e defende a hipótese de os estágios, as suas acções e intervenção no terreno, terem maior visibilidade na escola e poderem constitui-se como ponto de partida de formação dos docentes da mesma, numa atitude, diríamos, reflexiva e multiplicativa.


♦ Apesar de não intencionalizados e formalizados no início do estágio, houve algumas actividades da iniciativa dos estagiários de partilha entre turmas que, neste ano, tiveram estágios.

* Refere a exposição de pintura levada a cabo no ginásio como uma de muitas acções que poderiam ser concretizadas na escola da iniciativa dos grupos de estagiários e tal servir como mote para a reflexão com os professores da escola (cooperantes, mas também, e essencialmente, os não cooperantes).

(Será que esta situação não poderia estar intencionalizada e explícita no projecto educativo da escola, em particular no projecto de formação; será que esta não seria uma das hipóteses de potenciar os estágios como pólos de desenvolvimento, mudança e inovação na escola em questão?)

✖ Identifica o trabalho realizado nos estágios como desencadeador da formação, com grande dimensão reflexiva, potenciadora, portanto, de aprendizagem.

✧ A tutora opina que as mudanças das práticas dos professores se situam essencialmente na postura pessoal de cada um, no acreditarem de facto que vale a pena alterarem e

aquela dinâmica, o funcionamento disto ou daquilo, claro. Mas  eu acho que a aprendizagem da profissão, ou antes, as profissionais que elas são, não é por via da colaboração da IES. Não é fundamentalmente por isso. Porque se fosse assim, outros colegas, alguns desses que ainda lá estão e outros que já lá não estão, também teriam continuado e...


N – E desistiram.

T – E desistiram.


N – Portanto aquela ideia de eventualmente aquela ideia de esta ou outra escola, mas estamos a falar nesta, se poder constituir como um centro...


T – Pois, eu acho muito difícil. Quer dizer, não acho impossível e talvez futuramente, futuramente como as coisas estão neste momento...


N – Tendo em conta esta nova dinâmica em termos de autonomia das escolas, de haver órgãos de gestão nas escolas, como o Conselho Pedagógico, e de haver um conjunto de documentos da escola, como o projecto educativo, ou como o projecto curricular de escola e numa escola que tem este trabalho tão próximo com vários professores especialistas da IES, como é que vê a possibilidade de esta situação de estágio estar prevista em reuniões e nesses documentos? Em termos das próprias crianças e é isto sempre que os professores e a própria professora cooperante me diz, é que todo o trabalho que faz é sempre em prol de melhoria em termos da sua prática com as crianças porque receber estágios ajuda-a a potenciar muita coisa em que ela acredita. Até que ponto é que o facto de os estágios estarem formalmente previstos numa escola em que existe esta colaboração com a IES poderia potenciar-se a prática pedagógica destes professores que trabalham nesta escola?


T – É assim, eu acho que a médio prazo, toda a orientação normativa que se configura na formação de professores é para aí que tende. Isto é, no fundo, quer o Ministério de Educação, o maior empregador dos professores, quer o Ministério do Ensino Superior, toda a regulamentação, todos os normativos, toda a filosofia, que vem no sentido da formação de professores, é de fazer protocolos não meramente administrativos, mas de formação contínua de todos os professores dos agrupamentos.  O agrupamento é a unidade digamos organizacional do terreno que, no entender quer do Ministério de Educação, quer do Ministério do Ensino Superior, deverá acolher quer os futuros professores, em termos da sua

(auto)renovarem-se. Entende que nesta escola só têm potenciado os estágios como factor de aprendizagem e desencadeador de mudança os que acreditam no que realmente acontece durante o processo de supervisão e de intervenção dos estagiários. Muda-se quando se acredita e a prova disso são, segundo ela, as alterações que identifica ou não nas práticas dos próprios professores cooperantes. Ou seja, para que a intervenção educativa dos estagiários tenha impacto e desencadeia mudanças nas práticas dos professores não cooperantes ainda é muito mais difícil.

 Reconhece e identifica os estágios como desencadeadores de aprendizagens em todos os participantes no processo de supervisão.

 Considera que as professoras cooperantes são excelentes profissionais mas que isso não se deve essencialmente ao facto de participarem em processos de supervisão, ainda que também possa ter tido algum contributo.

 Dá conta das intenções dos ministérios da tutela do ensino básico e do ensino superior de se constituírem centros de estágios, numa perspectiva de formação inicial e contínua em intersecção e em desenvolvimento e crescimento profissional continuado.

 Expõe que a (auto)formação no contexto dos estágios e da supervisão poderá passar a ser uma das preocupações a veicular pelos órgãos

formação inicial, portanto os estagiários, quer digamos as dinâmicas ou as potencialidades que as instituições de formação têm relativamente quer à formação inicial, e por isso colocam lá os alunos, quer à formação contínua. Isto é, eu acho que a médio prazo se vai caminhar para se fazer protocolos não do tipo dos que a IES tem feito até agora, que fez no ano passado e que ainda fez este ano, para uma coisa destas. Portanto, através do conselho pedagógico, isto é, ☿ deve ser uma preocupação dos conselhos executivos e da Assembleia de Agrupamento e no final, do Conselho Pedagógico, inscrever no apelo à autoformação, inscrever digamos como ponto estratégico de intervenção, inscrever a formação dos professores de todos os níveis de ensino, portanto, para o ensino básico naturalmente. E de contar com a instituição escola ou universidade, neste caso a IES que vai ser integrada rapidamente na Universidade de Lisboa e portanto uma escola universitária que se responsabiliza.

Digamos, e eu agora, e eu agora nem nunca tinha pensado nisto, porque de facto apesar de pensar que um estágio se faz numa sala de aula e que uma sala de aula fica numa escola, de facto ☼ as características que eu privilegio é a formação dos estagiários para trabalharem com as crianças e depois o trabalho com a escola deriva do trabalho que se faz com as crianças... (toca o telemóvel) E agora, peço desculpa, tenho que interromper.

N – Por favor, não tem importância.

(Atendimento do telefone e deslocação para a cozinha onde a professora tutora prepara um magnífico arroz de feijão e pataniscas de bacalhau com que, alguns minutos depois, nos deliciámos. Enquanto cozinha, vai conversando connosco, mas não registámos em gravação todos os seus comentários desde o início pedindo-lhe a partir de determinada altura autorização para o voltarmos a fazer, dada a relevância que as suas opiniões poderiam vir a ter para o nosso estudo.)

N – Estava-me a dizer que...

T – Quando nós propusemos agora os planos de estudo, estes novos planos de estudo... uma das coisas que tinha que ir anexo era ... ☼ o Ministério só acredita os cursos se tiverem um corpo docente com determinadas características, se tiverem um conjunto de protocolos de agrupamentos de escolas que recebam os eventuais estágios...

N – Então, parece-me que já estamos a caminhar eventualmente para esta questão de o protocolo já não ser só o professor tutor que individualmente contacta professores, mas isso vai responsabilizá-

de gestão e orientação pedagógica dos agrupamentos de escolas aos seus professores, sendo que a IES passará nessa altura a ter a incumbência de acompanhar não só os alunos da formação inicial, mas também de se responsabilizar pela formação contínua dos professores em exercício nas escolas que os recebem, em particular nos domínios das práticas de sala de aula e da supervisão, ou seja, enquanto professores de um determinado nível de ensino, no caso desta escola, o primeiro ciclo, e supervisores de estágios.

☼ Privilegia o trabalho que estagiários deverão fazer com as crianças e, então, a partir dele poderá existir algum trabalho no âmbito mais alargado da escola.

☼ Que características estão previstas para este corpo docente? Como se podem encontrar determinadas características (perfil de supervisão?) num corpo docente que é colocado nas escolas e agrupamentos individualmente, sem obedecer a qualquer critério de carácter pedagógico, mas a aspectos quase exclusivamente administrativos (tempo de serviço, por exemplo)? Será que fica em aberto a possibilidade de, para uma determinada escola ou agrupamento, serem convidados professores para integrarem o corpo docente das mesmas no sentido de assumirem

los muito mais...

T – ✂ Vai responsabilizar a escola superior de educação, vai atribuir e, quer dizer, e isso é o que os meus colegas dizem na escola é assim, isto era bom, isto é bom porque isto é uma forma de nós nos comprometermos com a formação daquelas pessoas e portanto no sentido de após a formação dessas pessoas virem a receber os nossos alunos, isto é, estarem preparados para receberem os nossos alunos.

N – Então está a falar também em formação no âmbito da supervisão...

T – Em termos de supervisão. Portanto, os contratos, os protocolos que agora estabelecemos assim à pressão ou em cima do acontecimento foi dizer ao agrupamento X, Y, Z, àquelas pessoas que nós já conhecemos, neste caso a L, por exemplo, visto que assinam logo o protocolo...

N – Então já começaram esse tipo de abordagem para o próximo ano lectivo?

N – Não é só para um ano lectivo. ☉ É para um horizonte muito mais alargado, porque não são contratos de um ano. Bom, isto é muito complicado e delicado, porque esse decreto prevê, por exemplo, que os contratos não são feitos já com um professor. Além do agrupamento, que eu tivesse comprometido X pessoas daquela escola por exemplo daquele agrupamento a terem cooperantes durante não sei quanto tempo. Comprometendo-se a IES, esse é o grande ... (Toca a campainha.) Já aí vem o meu rapaz... (dirige-se à porta e continua a falar) comprometendo-se a IES a formar ou a ajudar a preparar esses professores.

(Chega o filho da professora tutora e demos aqui por terminada esta entrevista. Deliciámo-nos com o jantar. Muito, muito obrigada!)

supervisão de estágios? E se assim fosse, que critérios seriam estabelecidos? Por quem? Ministério? Ensino Superior? Escolas Superiores de Educação em parceria com Agrupamentos de Escolas? (Precisamos de consultar esta nova legislação)

✂ Maior responsabilização da escola superior de educação na formação contínua de professores de um determinado agrupamento ou escola, uma formação dirigida, orientada e intencionalizada para a formação de supervisores-cooperantes.

☉ Dá conta da nova legislação e da intenção de se constituírem protocolos com escolas que prevejam a médio ou a longo prazo um grupo de professores que se assumirão como cooperantes e que receberão formação específica para tal, da responsabilidade da IES.

ANEXO IV

QUADROS DE ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE MOMENTOS DE OBSERVAÇÃO (QUESTÕES E INFERÊNCIAS)

OBSERVAÇÃO DA PRIMEIRA REUNIÃO DE UM PAR DE ESTAGIÁRIAS COM A PROFESSORA COOPERANTE

- **Data de Realização:** 22 de Novembro de 2005
- **Hora de Início:** 15:00H
- **Tempo de Duração:** 1H27M
- **Local de Realização:** Gabinete dos professores da Escola MA

As duas estagiárias estão em período de observação e de concepção do seu projecto de intervenção educativa que irá desenvolver-se com o grupo de crianças, do primeiro ano de escolaridade, que a professora titular lecciona.

Já tínhamos conversado anteriormente com a professora cooperante e com as estagiárias, ainda assim fizemos questão de agradecer a permissão para estarmos presentes nesta reunião como observadoras e pedimos autorização para gravarmos toda a conversa, o que foi de imediato consentido. Recordámos ainda os principais objectivos do nosso trabalho no âmbito do mestrado que estamos a frequentar.

O local onde nos encontramos é um pequeno gabinete que é reservado aos docentes da escola para eventuais reuniões entre pares, com encarregados de educação ou com outros elementos da comunidade.

Esta reunião pretendeu ser para as estagiárias o conhecimento das opções de gestão curricular da professora cooperante num momento anterior à concepção do seu projecto de intervenção educativa. Para a professora cooperante pareceu-nos que esta reunião foi particularmente importante no sentido de transmitir às estagiárias as suas opções e prioridades no trabalho a realizar com estas crianças, pretendendo que o trabalho a concretizar pelas estagiárias seja uma continuidade e se integre no que ela realiza.

À medida que a reunião foi decorrendo, fomos tirando algumas notas que aqui transcrevemos e que completámos no momento da transcrição integral do registo áudio.

Na tabela seguinte limitamo-nos a transcrever as partes que entendemos (depois de lermos várias vezes o texto integral) que podem vir a complementar as ideias transmitidas pelas três intervenientes nas entrevistas que posteriormente lhes iremos fazer, já que as outras ideias aqui veiculadas prendem-se de facto com situações internas de funcionamento com o grupo de crianças, as quais não são objecto do presente estudo.

<p>Observação da reunião entre a professora cooperante e as estagiárias: voz da professora cooperante: <u>RPCE-PC</u></p>	<p>INFERÊNCIAS / QUESTÕES OCORRÊNCIAS</p>
<p><u>E1 - Tínhamos que começar por falar nas famílias.</u></p> <p><u>PC - Olhem é assim. É um dos pontos também que eu prezo muito, muito, muito. A primeira coisa que eu faço, já fiz, é uma reunião de pais. Essa reunião de pais, preparo-a sempre muito bem. Faço uma ordem de trabalhos, preparo muito bem. Faço uma ordem de trabalhos que é posta no quadro, depois em cada ponto da ordem de trabalhos eu devolvo o que quero desenvolver. Faço uma acta, eu tenho uma acta daquilo tudo. Se vocês quiserem, eu dou-vos uma fotocópia da acta da reunião que fiz com os pais, de tudo o que foi desenvolvido. Então o que é que eu foco nos pais, portanto é a minha apresentação. Ponho os pais à vontade. Insiro-os no calendário de atendimento que lhes entreguei como toda a gente faz e estou sempre disponível, mesmo tirando... manifesto a minha inteira disponibilidade para atender os pais se os pais não puderem vir naquele dia e hora que está marcado, eles comunicam comigo que eu de uma maneira ou de outra eu hei-de encontrar forma de me encontrar com eles na reunião. O que é que eu pretendia desta reunião portanto... primeiro as informações gerais de escola e depois o trabalho de sala</u></p> <p>(...)</p> <p><u>PC - E disse aos pais também a nível da língua portuguesa qual era a melhor forma de ensinar os filhos, que era uma coisa diferente daquilo que estavam habituados, que eles a imagem que têm da escola é como aprenderam e agora é completamente diferente, mas que eles olhassem bem para mim, que eu já tinha experiência nisto e que era para acreditarem no meu trabalho, que desde que eles acreditassem no meu trabalho e manifestassem esse acreditar nos filhos, que os filhos chegavam ao fim do ano com resultados na língua portuguesa e depois...</u></p> <p><u>E2 - Visitas de estudo para este ano, há alguma coisa,... é o que está no projecto?</u></p> <p><u>PC - ... nós planificámos as visitas de estudo consoante a altura mais ou menos que íamos falar que íamos desenvolver os temas...</u></p> <p>(...)</p> <p><u>PC - ... Depois, oportunamente, às vezes acontecem saídas que não estavam programadas, mas que nós fazemos porque é uma necessidade da altura, pronto eu não gosto muito de passeios</u></p>	<p>Preocupação das estagiárias: a relação com as famílias</p> <p>A conversa tem início com uma questão colocada à professora cooperante relativa às famílias e à comunidade. A professora cooperante detém-se na forma como se relaciona com os pais, dando conta de alguns momentos informais previstos para esse efeito e do conteúdo das suas conversas com eles que já tem previstas, uma das quais já aconteceu. Parece-nos que a professora cooperante, baseada na sua experiência e saber profissionais, justifica a sua forma de funcionar, as suas opções de relacionamento com as famílias.</p> <p>A professora cooperante dá conta da forma como tenta criar segurança nos pais no que respeita à aprendizagem da leitura e da escrita e ao método que vai adoptar para esse efeito.</p> <p>Dá conta de haver alguma planificação conjunta entre professores da escola, neste caso entre professores com o mesmo ano de escolaridade, que antecipam visitas de estudo colectivas.</p>

programados assim no início do ano. Programo sempre os indispensáveis no início do ano, mas depois aparecem sempre coisas que aparecem e que nós achamos oportuno...

(...)

PC - ... mas estes passeios grandes a nível de escola têm que ser marcados porque se não forem logo marcados não os podemos fazer e então aí nós temos que fazer uma calendarização antecipadamente para as visitas de estudo.

(...)

PC - ... A primeira coisa para funcionar a autonomia dos meninos é a organização da sala de aula.

(...)

E1 - O sistema de avaliação, que tipos de avaliação é que a professora privilegia?

PC - Olhem, é assim, vocês já viram que a avaliação, portanto a avaliação com os meninos, a avaliação é ... há vários níveis: a avaliação de trabalho de sala de aula e a avaliação... da progressão das aprendizagens...

(...)

PC - É assim, eu traço objectivos, o que é que os meninos têm que aprender num determinado período, num determinado tempo, não é, e depois, à medida que eles vão aprendendo, eu vou registando e vou passando para outra parte eu tenho lá uma folhinha que eu vou dar com isso tudo em que vocês vêem isso lindamente.

(...)

E1 - Agora... agora... em relação à gestão dos tempos e das aprendizagens, também já falámos (vai consultando uma folha onde tem registadas as questões a colocar)

PC - Pois, é assim, a questão dos tempos. Está a agenda semanal que devia estar lá exposta e que não está ainda porque eu tenho andado a modificá-la constantemente. Porquê? Porque eu não consigo fazer nada se eu não sentir. Porque é que eu mudo grelhas no 1º período, eu vou mudando grelhas. Faço uma, aquela não resulta, depois não resulta? Pois mudo até eu sentir que aquela é a adequada para aqueles meninos e depois vou-a adequando conforme as dificuldades e necessidades que eu vou sentindo no terreno e também conforme a maneira como eu vou interiorizando aquilo, estão a ver?

(...)

PC - ... Portanto o grande objectivo da minha sala é a cooperação a

A professora cooperante defende as actividades situadas, contextualizadas no grupo turma em detrimento das que são programadas no grupo de professores com o 1º ano de escolaridade na escola.

Continua a dar conta de actividades previstas no plano anual de actividades da escola para o 1º ano de escolaridade.

A conversa com as estagiárias continua sempre centrada em questões de gestão curricular.

Preocupação: a avaliação dos alunos.

Dá conta às alunas dos processos e instrumentos de registo que utiliza para avaliar as aprendizagens feitas pelas crianças.

De novo a preocupação das estagiárias: gestão dos tempos na sala de aula

<p><u>autonomia a responsabilidade ...</u> (...) E2 - Era as situações de aprendizagem Língua Portuguesa PC - Então comunicação oral os meninos quando conversam uns com os outros sentem-se muito mais próximos e dá coesão do grupo dá o calor dá o sentirmos que estamos perto não é? (...) PC - Estas rotinas para mim eu também tenho que a interiorizar eu já a tenho interiorizada e eles também por exemplo quando eles hoje na assembleia, a assembleia também vai ser um ritual que vocês vão ver que vai ser muito importante nesta turma quando começar a aparecer portanto as queixinhas quando aquelas queixinhas forem ali... E1 - Pois, os conflitos... PC - Quando aquelas queixinhas forem ali para o papelinho quando eles estão ali a descarregar e só forem discutidas na assembleia depois vocês vão ver que aquilo o perdoar que ela hoje não perdoou quando ela for fazer a aquela leitura já está tão fria que quando olhar para a outra e perdoa que já é amiga dela que já foi já foi digerido pronto estão a ver (...) PC - <u>É assim vocês têm estado a observar e a ver e é assim eu já tenho alguma deformação eu já estou deformada sabem os anos também deformam as pessoas enriquecem as pessoas sim mas a gente precisa também às vezes de nos distanciarmos efectivamente das coisas ouvindo pessoas que estão ao nosso lado e sermos chamados a atenção é a tal reflexão sobre o trabalho que nós fazemos gostaria muito agora quando chegasse ao fim do dia que tivéssemos sempre por exemplo dez minutos dez minutos professora porque é que fez assim? Ou porque é que o que é que acha acha que deu resultados? Quer dizer fazer uma reflexão convosco sobre o que vocês viram o que vocês assistiram.</u> - Exacto. PC - <u>às vezes eu penso já estou a fazer asneira. Às vezes eu digo assim ai meninos do vermelho bom isto é horrível!</u> E1 - Não, não é horrível! PC - Quer dizer, há coisas que nós fazemos sabem uma coisa? É assim. <u>Eu entendo que determinadas regras têm que ser interiorizadas progressivamente e muito negociadas e custam muito e nós às vezes queremos as coisas muito rápidas e então como as</u></p>	<p>A professora cooperante transmite às estagiárias princípios, valores e objectivos da sua actuação junto as crianças Preocupações com metodologias ligadas às áreas curriculares disciplinares Preocupação ligada à gestão de conflitos entre as crianças da turma A professora cooperante mostra aqui às alunas estagiárias como a experiência que ela já tem no terreno é importante, valorizando portanto a sua experiência profissional; mas, ao mesmo tempo, também revela como no decurso das actividades com as crianças também ela comete falhas e que o que é de facto necessário é reflectir sobre o que está a fazer para melhorar a sua actuação e o facto de as estagiárias poderem e deverem reflectir consigo também é fundamental. Portanto, consideramos, coloca-se numa postura de aprendizagem.</p>
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

queremos muito rápidas arranjamos estratégias tipo hum medo. O vermelho é um medo. Funciona, mas é um medo.

(...)

PC - Mas não ter medo. Portanto, estão a ver, não ter medo. As coisas que acharam que não saíram tão bem, as coisas que achavam que... porque é que se fez assim e não se fez de outra maneira, porque há sempre coisas diferentes. Vocês... têm de saber olhar. Eu aprendo com as coisas que faço bem ou mal, mas mais com as coisas que vejo fazer. Vocês olham para ali, é assim, há ali qualquer coisa que se está a fazer mal. E depois é assim, estou a aprender mais do que ... estou a ver uma coisa muito bem feita e eu digo assim, ah eu não consigo fazer aquilo ...

E2 - Mas nós também podemos dizer: ah, mas eu também quero fazer aquilo (ri)

PC - Pois é assim o que faz falta é sabermos observar e vocês estão a ver-me trabalhar e quando vocês começarem a trabalhar com eles todos os dias vamos ter que reflectir isso vai entrar na nossa rotina não é sair daqui à uma hora à pressa

(...)

PC - Quando vocês lerem o meu projecto curricular eu acho que vocês vão pôr muitas questões e eu acho que vão dar muitas ideias para aqui a nível de língua portuguesa

(...)

PC - Só que eu não tenho tempo para fazer para fazer tudo. E há tanta coisa que a gente trabalha, trabalha, trabalha e eu não consigo fazer tudo o que quero.

(...)

PC - Portanto, vocês para mim e para a turma vocês vão ser mais vão ser uma mais-valia. Portanto eu este ano aceitei estagiárias com muita honestidade, tive muito receio mas (sorriso) mas pensei, pensei, pensei e concluí que vocês deverão ser e têm que ser uma

A professora cooperante reforça a ideia da importância da reflexão sobre o trabalho que se vai realizando, na importância do «saber olhar» e da importância do período de observação das estagiárias.

A cooperante transmite às alunas a importância da reflexão conjunta sobre a acção, precisando de haver momentos para reflectirem em conjunto diariamente.

A professora cooperante revela que vai entregar o projecto curricular de turma às alunas para elas o consultarem e conhecerem.

A professora cooperante confia às estagiárias a sua falta de tempo para realizar todos os materiais didácticos que gostaria e seria

<p><u>mais valia para aqueles meninos. Nós no tempo de estudo autónomo temos que ajudar os meninos que mais precisam e que mais dificuldade têm.</u></p> <p>E1 - Claro, exactamente.</p> <p>PC - <u>Portanto e mesmo sem ser no tempo de estudo autónomo nós temos que ir vendo bem os meninos a maneira como eles trabalham a maneira como eles vão fazendo as coisas e com as três eles têm que ficar muito mais ricos do que se fosse só a professora portanto...</u></p> <p>E1 - <u>Aproveitar</u></p> <p>PC - <u>aproveitar o mais possível porque nós temos sempre muito que fazer dentro da sala, está bem?</u></p> <p>(...)</p> <p>PC - <u>Então e o vosso projecto? É uma questão de curiosidade. Quando tiverem tudo alinhavado, pois, por exemplo para a semana, para a semana acho que era tempo...</u></p> <p>E1 e E2 - Pois (risos)</p> <p>PC - <u>Era tempo de a gente em conjunto podermos pensar nisso tudo a partir da vossa criatividade.</u></p> <p>E2 - Nós antes de chegar depois a semana nós ...</p> <p>PC - <u>Ponham toda a vossa criatividade, todas as vossas ideias e depois eu, eu com todos os meus receios, as minhas angústias, os meus medos (risos) irei trabalhar convosco. Mas olhem que os meninos não podem terminar o ano sem saber ler e escrever e ...</u></p> <p>(...)</p> <p>PC - <u>...E depois vocês irem também com força para a escola e terem conhecimentos para depois vocês quiserem quando chegam a uma escola quiserem começar com um primeiro ano. ...</u></p> <p>(...)</p>	<p>necessário</p> <p>A professora cooperante expressa às estagiárias o motivo principal pelo qual aceitou este trabalho de supervisão: o facto de poder conta com as estagiárias para ajudar e potenciar as aprendizagens dos meninos</p> <p>A professora cooperante apela ao trabalho conjunto, em equipa de três de forma a potenciar este trabalho em prol do máximo acompanhamento e apoio das crianças e a aprendizagem feita por elas.</p> <p>A professora refere a realização do projecto de intervenção das alunas e a importância de este poder ser discutido com ela, dando-lhes abertura para desenvolverem e apresentarem as suas ideias e sugestões que, no entanto, devem ter como primeiro e principal objectivos o desenvolvimento de competências essenciais nas crianças.</p> <p>A professora cooperante mostra às estagiárias que elas podem aprender e potenciar este estágio para a sua prática profissional futura.</p>
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

**OBSERVAÇÃO DA REUNIÃO DOS ESTAGIÁRIOS
COM A PRESIDENTE DO CONSELHO EXECUTIVO**

- **Data de Realização:** 22 de Novembro de 2005
- **Hora de Início:** 13:30H
- **Tempo de Duração:** Uma hora e dezasseis minutos
- **Local de Realização:** Escola C, sala de aula da professora cooperante F, que neste dia, está devoluta no período da tarde por ausência do professor. Ainda assim, há uma professora que acompanha um grupo de três crianças ao fundo da sala. É a professora do apoio que, depois destas crianças, apoia também uma criança em cadeira de rodas. Ela mantém-se na sala durante toda a reunião.

Nas paredes da sala, há trabalhos de meninos: desenhos e textos. Também se encontram cartazes de editoras, um mapa de comportamentos, o alfabeto ilustrado, o cantinho da matemática, o cantinho da língua portuguesa. Uma das paredes mostra-se muito mais “arrumada” do que a do fundo

Quando chegamos à sala, a Presidente do Conselho Executivo e os Estagiários (5 raparigas e um rapaz) já estão sentados. Aguardam-nos, o que nos faz sentir um pouco menos à vontade e precisamos de apresentar de imediato as nossas desculpas. Não era assim que devia acontecer, tínhamos combinado às 13:20H. Mas, como damos aulas até às 13:00H, não nos foi de todo possível chegar antes. Ninguém mostra ar de enfado, muito pelo contrário. Os sorrisos e a boa disposição transparecem. Ocupamos o nosso lugar. Abrimos o caderno e colocamos em cima da mesa o gravador. Percebemos desde logo que os estagiários estão a combinar entre si a forma como vão colocar as questões. Têm com eles, à sua frente, nas mesas, algumas folhas, impressas.

Apresentamos o nosso trabalho e o motivo pelo qual nos encontramos neste dia aqui. Agradecemos a possibilidade que nos está a ser dada pela Presidente do Conselho Executivo e pelos estagiários para participarmos, enquanto observadores, nesta reunião.

Ainda antes de ter sido dado início à reunião, a Presidente do Conselho Executivo e os Estagiários falam em aprendizagem, a propósito da nossa postura de “estudantes” e, portanto de aprendizes agora e sempre. Não gravámos, infelizmente, esta conversa desde o início, pois não tivemos, entretanto, oportunidade de o solicitar aos presentes. Tal só aconteceu a partir do momento testemunhado a partir da transcrição seguinte.

<u>(Observação da reunião entre estagiários e a presidente do conselho executivo – REPCE)</u>	INFERÊNCIAS / QUESTÕES
PCE – ☆... Ao longo da vida nós aprendemos uns com os outros, aprendemos uns com os outros muito ao contrário do que possa parecer, ou do que possa parecer, aprendemos muito com eles. E às vezes são eles que nos alertam de uma forma mais ou menos	☆ A Presidente do Conselho Executivo revela de alguma forma como se coloca em relação à aprendizagem, defendendo que se

explícita, como nós... como devemos agir, é engraçado, nas composições escritas que fazem, nos diálogos que têm conosco. Há miúdos que nos ensinam muito, muito, muito. São lições muito importantes para nós. E depois aprendemos com os nossos pares também muito, enfim com todos os contextos em que vamos estando inseridos. Os nossos amigos livros, não é, às vezes há pouco tempo para os ler e... com quem tem outro tipo de vivências, enfim é ao longo da vida que a nossa aprendizagem vai enriquecendo, não é?

ED – Exactamente... Relativamente ao número de alunos... continuam a ser os 865 alunos ou já há uma actualização?

PCE –... ♪ É capaz de haver aí, não é capaz há de certeza aí um decréscimo, não porque a escola não seja solicitada, mas vocês sabem que em função das necessidades educativas especiais que vamos tendo e em função ou de acordo com as problemáticas existentes e com a sua fundamentação, o efectivo é reduzido de 24 para 20, estou a falar portanto das turmas com 20 alunos e na realidade esta escola tem um, um grande número de turmas com 20 alunos exactamente pelas problemáticas existentes não é. Claro que não chega que nós detectemos algum problema que tem conhecer reconhecido e fundamentado pelos técnicos competentes, ao nível de psicologia e portanto... e... do médico de família, da família em geral digamos assim, portanto para que haja realmente essa possibilidade tem que haver uma fundamentação. E como vocês sabem também esta escola é uma escola que tenta ser uma escola inclusiva e sabem-no bem até por aquilo que já se aperceberam e por isso... sendo uma escola destas, é uma escola que recebe todos os miúdos não é e aliás todas assim deveriam ser. E portanto, como eu dizia, sendo, continuando a ser uma escola muito solicitada até porque é a única escola desta área geográfica, tem reduzido um pouco, mas nós depois ... assim, porque como vocês sabem, há com alguma frequência esta mobilidade, estas entradas e saídas, portanto eu agora não tenho muito presente não é porque vai havendo algumas alterações, mas depois nós lá em cima nós podemos ver com a D exactamente o número, ela é que está na secretaria e com essa parte, está com os alunos e portanto vai alterando em função das modificações. Portanto,...

EC – E relativamente ao abandono escolar...

ED – Exactamente, também temos que ver isto.

PCE – É assim, não é significativo. ♣ Não temos um número

aprende ao longo da vida com os pares e ainda com as crianças, precisando o educador/professor de estar atento às suas manifestações, às suas revelações.

♪ Escola com aproximadamente 865 alunos, ainda que este número esteja em constante transformação devido às transferências.

♣ Escola sem abandono escolar

significativo de meninos que abandona a escola. Não há, não há, não.

ED – Alunos subsidiados, portanto dos escalões também podemos ver...

PCE – Também podem ver, mas posso dizer-vos que são cerca de... e eu vi esse número há muito pouco tempo, nós tivemos uma participação no âmbito do projecto Sócrates e fomos, fomos, eu, enquanto presidente do conselho executivo, acompanhei o grupo de trabalho portanto no âmbito do projecto Sócrates e portanto levávamos a caracterização da escola e tínhamos alguns dados e portanto nomeadamente esses. E portanto 🎵 são cerca de trezentos os meninos carenciados.

Es – Iihh... (entreolham-se, espantados)

PCE – Independentemente do escalão A ou B, são meninos que beneficiam de, de portanto de apoio da escola e que portanto ou almoçam gratuitamente, ou pagam só uma parte, ou têm um lanchinho, portanto, ontem alguém dizia naquele debate que há meninos que apenas têm a refeição da escola. É verdade, a refeição ou as refeições, porque têm o almoço, têm o lanche, dependendo do tempo que estão na escola têm o lanchinho da manhã e o lanchinho da tarde, portanto há um grupo significativo que é à volta de trezentos meninos que beneficiam deste tipo de apoio.

ED – Relativamente agora ao pessoal docente, professores com turma, quantos há?

PCE – ☺ Professores com turma 38, portanto não se alterou nada em relação ao ano anterior.

ED – Educadores com grupo...

PCE – Com grupo duas também, duas porque não temos mais espaço. Vocês vêem que para, para esta reunião estamos numa sala de aula que neste momento não tem professor. É muito difícil encontrar um espaço já perceberam porquê. Para além das salas estarem todas ocupadas com as turmas não é e com os grupos do pré-escolar, temos depois, são, é o vosso grupo, é o grupo dos terapeutas que vêm aqui à escola, apoios educativos, enfim, ● há um grande número de outros técnicos que estão na escola e que não têm espaço. Não temos espaço. Às vezes sabem no meu gabinete fecha-se a porta de foles, já tem servido para se poder reunir quando é um grupo mais pequeno. Portanto para vos dizer que há só dois grupos de pré-escolar por não termos mais recursos. Porque a lista de espera ficou com cerca de 90 meninos. É importante dizer isto,

🎵 Aproximadamente um terço dos meninos da escola é considerado carenciado, carecendo de auxílios económicos e usufruindo de refeições na escola de forma inteiramente gratuita ou com uma comparticipação.

☺ A escola mantém um corpo docente em actividade lectiva com responsabilidade de turma num total de 38 professores, além de duas educadores responsáveis pelo mesmo número de grupos de jardim de infância.

● Além dos professores titulares de turma, existem ainda outros técnicos que prestam serviço na escola.

porque as solicitações são muitas, as necessidades não é dos pais são grandes, mas efectivamente não temos espaços físicos, não há recursos.

ED – Eu reparei e penso que as minhas colegas também repararam que desde a última vez que estive cá a estagiar surgiram aqueles pavilhões pré-fabricados aqui mesmo ao lado e também outro lá em cima, onde nós estamos agora a estagiar. Acho que lá funciona a Associação de Pais, mas concretamente...

PCE – Vocês não se terão apercebido, mas aquele espaço lá em cima é o pavilhão, o chamado pavilhão do ATL, portanto aquele pré-fabricado, que já existe há algum tempo e surgiu da necessidade de ocupar os meninos em ATL. Em anos anteriores e isto já... se recuarmos bastante, nomeadamente quando eu cheguei cá há doze anos, não tínhamos este tipo de preocupações porque como havia muitos horários normais, às 15:30 as salas eram portanto ficavam livres, uma vez que os miúdos terminavam as suas aulas e os grupos de meninos podiam ficar nas referidas aulas não é. Terminavam as suas aulas, os meninos brincavam um bocadinho, mas as monitoras do ATL estavam habilitadas e portanto na turma X, Y, Z estavam os meninos, os grupos organizados. Portanto, isto recuando alguns anos. Com, inicialmente com o aumento da população e depois com esta inclusão que eu vos falei, e portanto embora não tantos alunos, mas a necessidade das turmas todas, desdobrou-se, portanto só temos meninos em horário de desdobramento, exceptuando o pré-escolar que não é permitido de outra forma. Até que se percebe porquê, portanto não se vai obrigar meninos a... e até mesmo os do 1º ano é uma violência muito grande, não é, não se vão obrigar meninos a vir para a escola, meninos de 5 às oito da manhã. Embora isso aconteça, digamos que às vezes a diferença de idades é às vezes ali de um mês, não é? Vocês reparem que os meninos, embora com situação condicional, podem entrar para a escola até 31 de Dezembro, desde que a escola tenha vaga, e, e portanto perceber que depois há meninos que de Janeiro estão entretanto no pré-escolar, estão a ver? Portanto quando nós falamos é uma violência muito grande obrigar seria obrigar os meninos a vir para a escola às oito da manhã, meninos do pré-escolar, não nos podemos esquecer que também os do primeiro ano não têm uma diferença grande e também vêm para a escola. **► Como vocês sabem o horário normal é aquele que está estabelecido por lei, é o horário pedagogicamente correcto, como nós todos**

☼ Na escola funciona um ATL da responsabilidade da associação de Pais e Encarregados de Educação.

∪ Todas as turmas funcionam em horário duplo (manhã ou tarde), excepto as crianças do Jardim de Infância que usufruem do horário normal.

► Não só dá conta aos estagiários da organização dos tempos lectivos dos alunos da escola, como os coloca a

percebemos é aquele que faz muito mais sentido, ... digamos que há um período da manhã, digamos que estão mais preparados, mais receptivos, se calhar a nós acontece-nos a mesma coisa, normalmente de manhã estamos melhor preparados para receber, para aprender... implica mais o nosso ... intelectual não é, a nossa cabeça, de tarde as actividades mais leves, com aquele periodozinho de aulas e portanto isto é o ideal não é. Eu não sei qual foi o horário que vocês tiveram enquanto alunos num primeiro ciclo, na altura ainda chamada escola primária não é, não sei que horário tiveram, mas na realidade este horário de desdobramento só existe porque não há recursos físicos, porque se não ele não existiria. O fundamental e o mais correcto pedagógico, enfim, tudo o que vocês quiserem é na realidade o horário normal. Portanto isto veio para vos dizer que temos 38 turmas em desdobramento exceptuando as duas turmas dois grupos do pré-escolar em horário normal que nem sequer é permitido de outra forma. Daí que nós temos uma lista de cerca de 90 meninos e só temos duas turmas e se pudéssemos desdobrar teríamos duas turmas não é? Portanto não se pode desdobrar e faz todo o sentido que não seja e ♦ estamos ansiosos por uma escola nova para que também pelo menos algumas turmas possam manter ou voltar aos horários normais. Quando eu cá cheguei há 12 anos havia muitos, o edifício C só tinha horários normais e atenção que a secretaria e biblioteca eram ainda salas de aula, o jardim de infância, os dois grupos de jardim de infância também ainda 1º ciclo. Portanto todo o edifício C tinha horário normal bem como um ou dois grupos não posso precisar agora no edifício B. Portanto, estão a ver, havia mais tranquilidade esta..., estes horários são muito violentos mesmo e vocês compreendem. A pessoa está numa sala de aula com os meninos e há um cansaço grande quer vosso, quer deles. Quer deles quer depois nosso, tudo muito mais ... violento, muito mais exigente, eles têm aquele intervalo da manhã e já é... é muito cedo, crianças que chegam agora à escola com 5, 6 anos das oito da manhã à uma da tarde, é muito forte. Se tivessem um período de almoço, quebravam um pouco. Também vinham mais tarde, nove da manhã, é uma hora mais tarde, portanto tudo isto... é assim, não temos as condições ideais, não temos de forma nenhuma. Começa por aí, começa pelos horários. (Voltando-se para nós)

N – Uhm, uhm... (concordando)

PCE – * O horário normal seria naturalmente o horário melhor

par da legislação, optando ainda por dar a sua opinião sobre o assunto.

♦ Dá conta da necessidade de construção e funcionamento de uma outra escola na zona/área geográfica da escola C.

* Reforça a sua defesa do horário normal das crianças do 1º ciclo.

pedagogicamente ahm portanto com mais serenidade, com mais calma, com possibilidade de melhor desenvolver os projectos. Esta escola enferma por este problema grave que é o número exagerado de alunos face aos recursos.

ED – Estamos aqui ainda a ver o projecto. Temos aqui dois professores e dois educadores ao abrigo do despacho n.º 105/97. Continuam os mesmos?

PCE – É assim, deixem-me só ver. Conti... deixem-me só ver. Vocês no ano passado têm referidos aí quantos?

EC e ED – Não é do ano passado, é o que está na Internet.

PCE – É assim, se está na Internet se calhar é o que está...

EC e ED – 2002/2003, é o que está aqui.

ED – Dois professores e dois educadores ao abrigo...

PCE – Ao abrigo...

ED – Do despacho n.º 105/ 97...

PCE – Portanto, queridos, eu vou-vos dizer, temos neste momento dois professores, dois não, três professores e duas educadoras assim é que é e aliás, uma das educadoras que é a J, até está ao serviço do 1º ciclo,... três professores ao abrigo do 105 e... e duas educadoras.

EC e ED – (verificam os seus apontamentos e dialogam em voz pouco audível)

ED – Sim, já está... e depois diz aqui mais um professor de apoio ao abrigo do decreto-lei n.º 35/88...

PCE – É assim, agora já, antes era o 35 agora já não é. É um outro que agora também não me recordo, mas que é... temos dois mas que aguardamos a chegada de um terceiro. Foram-nos atribuídos três. Temos dois e aguardamos a chegada de um terceiro. Eu depois dir-vos-ei... é de facto o antigo 35, mas que agora tem uma outra...

ED – E depois tem dois professores na Comissão Provisória...

PCE – Provisória? É assim, a Comissão Provisória nesse ano era constituída pelos mesmos elementos do Conselho Executivo. * Foi uma Comissão Provisória porque não, não tinha... o Conselho Executivo anterior e do qual eu também fazia parte, era uma das vice-presidentes, concluiu o seu mandato... (mudança de cassete)... era de novo as eleições, como não houve nenhuma lista ah de professores da escola que se propusesse para tal, foi necessário que na altura o serviço do Ministério e neste caso o CAE de Lisboa Ocidental, nomeasse alguém para desempenhar essas funções. Portanto, como não foi um conselho executivo, ou melhor, como não houve proposta, ninguém se candidatou, melhor, não houve

* Antes de assumir a presidência deste Conselho Executivo, esta professora já tinha feito parte do conselho executivo cessante, na função de vice-presidente. Inicialmente nomeada para encabeçar uma comissão provisória, foi eleita, junto com as suas duas colaboradoras, vice-presidentes do presente conselho executivo da escola *M.A.*

candidaturas. Foi por nomeação... por indicação, digamos assim. Foi uma comissão provisória. No ano seguinte essa comissão provisória passou a um conselho executivo com os mesmos elementos. Por isso vocês têm aí, os elementos são os mesmos actualmente mas num conselho executivo que tem o seu mandato a terminar agora no próximo mês de Maio.

ED – Depois diz também uma assessora técnico-pedagógica.

PCE – Neste momento, duas assessoras técnico-pedagógicas.

ED – Cinco professores ao abrigo da portaria 296/98.

PCE – Ora vamos ver, não são cinco professores, são dois professores ao abrigo da portaria. Vocês sabem o que é essa portaria?

Es – (acenos negativos de cabeça)

PCE – Portanto essa portaria dá possibilidade aos professores de poderem... num outro serviço na escola. Portanto, a portaria reduz total,... parcialmente ou na totalidade a componente lectiva. Portanto professores que por situações de saúde quer ao nível físico ou não requerem outro serviço na escola. Requerem a portaria e a portaria implica que a pessoa tenha a redução da componente lectiva que em alguns casos só é parcial e em alguns casos é mesmo total, portanto às vezes os problemas são de tal maneira que os professores não têm mesmo condições de trabalharem com os meninos.

ED – Depois diz ainda: dois professores ao abrigo do artigo n.º 121.

PCE – Que entretanto deixa de existir. O artigo 121 era aquele que os professores requeriam próximo da sua aposentação. E isso era porquê? Porque imaginem que eu requeria a minha aposentação em Março ou ainda antes e ficava desvinculada, se eu tivesse turma, não me era permitido abandonar os meus alunos e portanto quando eu solicito o artigo 121 é exactamente para ficar noutras funções da escola... é... era porque agora já não é possível, noutras funções na escola e sem turma. Portanto e nós normalmente aproveitávamos esses recursos, que eram excelentes recursos, para a biblioteca para trabalho na biblioteca ou na secretaria. Portanto as pessoas a partir do momento em que chegava a sua aposentação poder-se-iam afastar. Nalguns casos não afastavam. As pessoas estavam muito ligadas ao trabalho que faziam e iam ficando algum tempo. Mas havia pessoas que tinham mesmo necessidade de se afastar e no imediato iam-se embora, com turma isso não era possível. Por isso é que as pessoas requeriam o artigo 121 do estatuto da carreira

Neste início de conversa com os estagiários e tentando responder às perguntas destes, a Presidente do Conselho Executivo dá-lhes a conhecer a constituição do corpo docente da escola, desde o número total de docentes titulares de turma, até aos docentes que, abrangidos por decretos e portarias ministeriais, têm outras funções na escola.

docente, mas que agora dentro destas novas orientações já não é possível. Portanto, tudo isso ficou suspenso, não é....

ED – Agora, pessoal não docente. Dezoito auxiliares da acção educativa, continuam os mesmos?

PCE – Dezoito auxiliares da acção educativa... não, não são dezoito. São quinze,... quinze auxiliares da acção educativa. Depois para colmatar as nossas necessidades, porque percebem... fazem muita falta, primeiro até por estes espaços todos, depois pelo acompanhamento a crianças com necessidades educativas especiais e mais fortemente nas deficiências, para colmatar essa falta, nós temos, é-nos dadas a possibilidade de termos aqui funcionárias assalariadas, ou seja, estão à hora. Não têm contrato mas enfim dão a sua colaboração na escola desta forma. É assim, paga-se-lhes à hora e não, é assim não é muito fácil às vezes encontrarmos estas pessoas e sobretudo pessoas capazes para estar com os miúdos. Porque é assim, são situações precárias... também não se paga muito, paga-se-lhes pouco. Muitas vezes as pessoas ficam, vão ficando e vão aceitando, porque têm como grande objectivo um dia conseguir um contrato ficar na escola e é dessa forma que tem sido possível e já temos algumas pessoas nessa situação, que entraram a trabalhar a horas e mais tarde quando foi possível o contrato, acabaram por ficar. Portanto é já uma mais-valia porque já estiveram, já conhecem o serviço, estão mais à vontade e acho que elas também se empenham sempre que têm esse grande objectivo. Porque é complicado percebem, porque é complicado. É complicado * encontrar pessoas com o perfil adequado que não é exactamente só ou não são pessoas só para fazer limpezas, são pessoas que lidam com crianças e portanto não é a mesma coisa que lidar só com o balde e com a esfregona. É preciso saber estar com eles, é preciso saber acompanhá-las e, portanto, às vezes há uma certa dificuldade. Temos conseguido ainda assim que as pessoas se... desempenhem o seu papel da melhor forma, por isso não é fácil.

ED – E quantas são essas funcionárias assalariadas?

PCE – É assim, não é fixo. É em função das necessidades. Por exemplo, se nós informarmos os serviços de... por exemplo nós temos duas funcionárias de atestado médico. Uma em situação prolongada, já foi sujeita, não foi vai ser sujeita a uma junta médica. Porque quando as pessoas atingem um determinado número de faltas são propostas para uma junta médica. Portanto a junta médica

* Dá conta do número de auxiliares de acção educativa: 15 efectivas e algumas assalariadas.

* Também em relação ao número de auxiliares de acção educativa, a Presidente do Conselho Executivo não limita a sua resposta cedendo um número, mas expressa a sua opinião sobre as funções que aquelas precisam de desempenhar numa escola.

vai avaliar, não chega um médico, só um médico dizer que não está em condições. Quando se aproximam os 60 dias, a escola pede uma junta médica, para a pessoa ser sujeita a uma junta médica e a junta médica dirá se é para continuar, se é para colocar à junta. Portanto a junta tem essa função. E neste momento temos uma senhora nessa situação que este processo vai desencadear o processo da aposentação. Pelo menos ela vai requerer, é uma pessoa já com muitas fragilidades ao nível cardíaco e portanto já com muitos anos aqui e portanto vai desencadear. E depois temos uma outra funcionária que foi sujeita a uma intervenção cirúrgica aos pés que também não é previsível... às vezes há coisas, há situações de doença em que se prevê a vinda enfim, aqui não é porque é dos pés portanto estão a ver e sobretudo nesta profissão é muito complicado. E portanto face às nossas necessidades, nós vamos recorrendo aos serviços, vamos dando a conhecer das nossas necessidades, das nossas falhas. E em função disso é-nos dada a possibilidade uma pessoa, duas pessoas, três pessoas, conforme as necessidades.

ED – E agora funcionárias...

PCE – Bem as necessidades nossas são muitas. Conforme (risos) aquilo que entretanto é possível chegar.

ED – Funcionárias da cozinha, aqui tem oito.

EC – Oito na cozinha e duas....

PCE – Deixem-me pensar um bocadinho... é provável que se mantenha esse número e depois há no período de duas horas o acompanhamento de algumas pessoas. Estão a ver um período de duas horas que é o período do meio-dia às duas horas da tarde, que é o período em que são servidos os almoços, portanto há mais não sei se três, acho que são mais três pessoas que fazem esse acompanhamento. Não é, não é o tempo todo, são apenas duas horas para acompanhar os meninos à hora de almoço.

ED – Portanto...

PCE – Acho que são três, mas também não tenho a certeza. Depois posso ver melhor lá em cima.

EC – Já está tudo... Relativamente ao número de turmas por ano de escolaridade...

PCE – Relativamente ao número de turmas que... * deixem-me pensar... 1º ano, nove... 2º e terceiro julgo que oito...

ED – Segundo e terceiro em conjunto?

PCE – Não, oito cada. ...E 4º, onze, portanto vejam lá...

* Sendo 9 as turmas do 1º ano, significa que há 5 turmas cujas professoras não são este ano cooperantes.

EC e ED – (fazem a conta) Trinta e seis...

PCE – São trinta e seis? Então é porque nos falta aqui...

EC – Talvez as duas do pré-escolar.

PCE – ♦ Não, pré-escolar são duas, com o pré-escolar são 40. Com os grupos do pré-escolar são 40 turmas, nós temos 38 do 1º ciclo. Vejam lá... Nove, oito e oito, dezasseis, dezasseis mais onze vinte e sete não é... vinte e sete mais nove trinta e seis, o que significa que me estão a falhar duas turmas. Portanto essas duas turmas... Tenho a certeza que 1º ano, nove, 4º ano, onze, portanto a dúvida há-de estar aí no 2º e 3º que se calhar também são nove. Agora assim não vou demorar-vos, não faz sentido. Depois lá em cima nós corrigimos isso, está bem?

ED – Agora os principais problemas da escola.

PCE – Eu há dias, quando alguém me perguntava os principais problemas da escola, dizia que os principais problemas se prendem com ♪ um grande problema que é a não existência de uma outra escola nesta área geográfica. Porque é assim, também voltamos sempre... é assim, reparem que nada disto está isolado. As coisas estão perfeitamente interligadas. A questão dos horários, a questão do acompanhamento aos meninos, a questão da concretização dos projectos de uma forma mais calma e serena, porque, com mais condições, prende-se sempre com a grande falha que é não existência de outra escola. Porque se isso acontecesse, o número de alunos iria diminuir. Provavelmente, não direi todos, mas iríamos ter alguns horários normais e portanto tudo isso dava uma outra tranquilidade à escola. Eu vou-vos dar um exemplo muito concreto de como o número de alunos. Claro que depois temos outros, não é. Depois há outros associados, mas este é o problema mais grave. Bom,... por exemplo no refeitório que é um local onde todos nós devíamos ajudar. Alguns meninos dão continuidade às regras de casa a outros meninos tentar que eles aqui eles...

ED – Aprendessem.

PCE – Exactamente. Que eles aqui aprendessem como estar à mesa, a forma mais adequada, como usar os talheres, enfim. E essa é das regras importantes a ter com os nossos meninos. Como digo, a alguns dar continuidade a essas regras, porque sabemos que já existem em casa, e aos outros tentar que elas fossem implementadas. E que eles próprios as usassem. Isso é possível numa escola onde haja apenas dois turnos. No nosso caso por exemplo os meninos do meio-dia, os meninos da tarde almoçarem

♦ Número total de turmas do 1º ciclo este ano: 38; de jardim de infância: 2 grupos.

♪ Problema mais relevante da escola: não existir uma outra escola nesta área geográfica.

ao meio-dia e os meninos da que estiverem nas suas aulas durante a manhã, almoçarem à uma. Seria possível, não é. Entretanto tínhamos todos mais tempo para lhes dar atenção, para lhes dar a conhecer a melhor forma de estar, até sentarmo-nos com eles, por que não, porque só assim, no meio deles, é que realmente deve ser. E às vezes conseguimos. Sei lá, às vezes em que haja visitas de estudo de uma ano, e portanto, o refeitório está mais leve e até porque conseguimos sentar-nos, até conseguimos falar com eles, até conseguimos dizer-lhes... enfim, como... e eles próprios percebem isso, eles também percebem isso. Só que... quando... é como na nossa sala. Quando há confusão, se nós estivermos calmos, se nós conseguirmos falar com eles com alguma calma, eles vão serenando. Se nós, se for um dia for mais complicado para nós, porque nós também temos dias mais complicados e também nem sempre conseguimos ter a mesma reacção, reparem que quanto mais nós elevamos a voz, mais eles têm tendência de elevar e de gritar e é assim. No refeitório é a mesma coisa. Como há alguma confusão, é mais difícil que eles acalmem... portanto, isto para dizer muito claramente, resumidamente. São muitos miúdos. Aquelas senhoras estão permanentemente a repor as mesas, permanentemente, vocês apercebem-se disso e portanto nós queremos dar-lhes o melhor, servir entre aspas, eu digo isto muitas vezes, mas não conseguimos. A escola... e portanto para voltarmos ao princípio, problema número um, falta-nos outra escola para dar mais qualidade a esta, para que haja mais serenidade, mais, enfim, mais calma, projectos... postos em prática, ou melhor, concretizados de uma outra forma. Assim é um cansaço para toda a gente. É um cansaço para toda a gente. E claro que depois vêm outros problemas graves nesta escola. Temos muitos, olhem, por exemplo temos as condições físicas que não são as melhores... nomeadamente e vocês apercebem-se que em dias de chuva era fundamental que pelo menos os pavilhões estivessem ligados ... (*mudança de cassette; a PCE apercebe-se e pára, aguardando que o gravador esteja pronto*) ... Pelo menos em dias de chuva, era importante que os meninos circulassem de uns edifícios para os outros molhando-se o menos possível, bem como na espera para o almoço. Ainda hoje de manhã eu tive um pai enfim com toda a razão, aliás eu vou reiterar este pedido juntando a voz do pai e de outros pais junto dos serviços da EM que vocês sabem que é uma empresa municipal... a EM é uma empresa municipal que tem entre outras funções ou entre outras... entre outras funções a

reparação, claro que isto é sempre articulado com a Câmara porque a EM é uma empresa municipal, mas entre outras funções, o arranjo, a construção de novas escolas, as reparações, tudo isso é da responsabilidade, da responsabilidade da EM. E eu dizia exactamente ao senhor que ele tinha toda a razão, que nós também já tínhamos solicitado, que é uma necessidade premente não é e que ia juntar a minha à voz dele e de outros pais no sentido de reiterar isto tudo, não só... Que é assim, é importante mas para mim ainda é menos grave, porque reparem à espera do almoço, os meninos permanecem ali. É diferente de circular. Eles têm que... nós não temos condições e há sempre por mais cuidados que haja, por mais atenções que nós tenhamos ali, há sempre algum que se escapa. E depois ah, o meu filho molhou-se e hoje está constipado, tem toda a razão. Portanto, esse é o problema grave que nós temos. Depois, portanto, não vou agora especificar situação por situação, estando ao nível físico, há alterações a fazer, nomeadamente no edifício B. Vocês estão lá e apercebem-se, portanto, aquelas casas de banho e aqueles espaços todos ah, .. deviam ser melhorados, restaurados, porque de facto não há condições. Também, independentemente de se das ligações devia haver e os miúdos queixam-se disso. Eu hoje estive numa sala de miúdos do 4º ano em que eles se queixavam disso, eles têm toda a razão. Haver espaços onde eles pudessem brincar e estar em dias de chuva, que não há. Portanto têm aqueles telheiros exíguos que vocês conhecem quer no edifício B que é onde eles estão quer nos outros, aquilo é muito pequenino e não dá. Dá-nos a sensação que os meninos às vezes estão ali enjaulados, não é? Em dias de chuva, uns ficam com os professores nas turmas que até fazem o favor de ficar com eles para não haver tanta confusão. Mas é assim, há aqueles que têm a necessidade de correr, de saltar, de brincar, depois isto acaba por ser um problema na sala de aula e vocês sentem de certeza isso. Têm dificuldade em mantê-los mais atentos, mais sossegados, mais... ah, enfim, num ambiente de sala de aula. Vocês sentem isso com certeza em dias de chuva é muito complicado. se eles não tiverem oportunidade de correr, o que é normal. Não é por acaso que, que existe aquele tempo: para correr, para brincar, para saltar, para conversarem com os outros, portanto etc., etc.. Depois temos outros problemas, há por exemplo o não envolvimento de alguns pais. É um problema naturalmente e... e normalmente vêm à escola, normalmente vêm à escola, não quer dizer que haja excepções, os pais dos meninos que não nos

preocupam tanto, não é. Portanto, têm comportamentos normais, digamos que as suas atitudes estão de acordo com aquilo que é suposto nestas idades, portanto esse é um problema que nós temos. Ah...

ED – Como é que a escola pretende resolver esse problema? Que meios é que a escola tenta mobilizar para resolver esse problema?

PCE – Ah, é assim. Solicitamo-los o mais possível, fazendo-lhes entender da necessidade de estar connosco e que a parceria escola-família é fundamental para um crescimento harmonioso, um processo... escolar, portanto, mais rico com a participação deles. Portanto esta parceria é fundamental e fazemos assim. Agora é muito difícil e os problemas que nos chegam são muitos, problemas sociais, muito difícil também nós reconhecemos isso. É verdade que nós queixamo-nos, mas depois temos que perceber... as dificuldades muitas vezes de alguns encarregados de educação que saem cedo para trabalhar, que vêm tarde, com vidas complicadíssimas, a apanhar transportes, com muita dificuldade, alguma falta de compreensão por parte da entidade patronal para virem à escola, vidas mesmo complicadas. Muitas vezes é tudo para eles tão complicado que... que a escola, a escola que resolva, estão a ver? Muitas vezes é negligência pura: a escola que resolva! Mas outras vezes a gente percebe quando consegue falar com alguns pais ou através de... alguma vez que venham à escola, nós também percebemos aquelas dificuldades. Eu às vezes é muito mais importante ter dinheiro para o pão do que vir à escola. a escola que resolva tudo... estão a ver? E depois a nossa função de educadores, vocês vão ter oportunidade de se aperceber, antes não fosse, era sinal de que estava tudo bem. Vocês sabem que os problemas acabam todos por se concentrar na escola, não é? Se os meninos estão cá e se os problemas existem,... famílias sem estruturas,... está agora aqui um problema que enfim se vai alastrando... o desemprego, tudo, tudo isso a falta de recursos das famílias chega à escola. Porque é que chega à escola? Porque os meninos estão cá. E eles e aqui estão trazem esses reflexos. Eles trazem com eles, há vezes que nós até nós obrigamos muitas vezes a trabalhar, porque essa também é a nossa obrigação, nós queremos trabalhos, queremos resultados, mas depois percebemos que... que os miúdos têm vidas tão complicadas que não há, não há realmente capacidade para receber aquilo que nós temos para lhes dar, não há, porque há miúdos que têm vidas muito complicadas e, portanto, a nossa

função de educadores muitas vezes passa por assistência social, psicologia, passa um pouco por tudo isso e os contactos que nós temos de fazer para, para diferentes instituições, para diferentes organismos... e a dispersão, um educador, um professor não é preciso estar-se na gestão da escola para ter estas necessidades. Necessidades de que tudo funcione bem. Eu lembro-me que a professora F, não sei se algum de vós está com a professora F (levantam-se dois braços) no ano passado, portanto nós conversávamos. A professora F já esteve aqui no Conselho Executivo, saiu portanto terminou o tal mandato que eu vos falava e depois se entrou numa comissão provisória e agora é conselho executivo que é agora o que está a reger... e eu lembro-me que às vezes conversávamos e ela estava desesperada também com algumas situações da turma. Tinha que contactar os pais, tinha que encaminhar os pais, tinha que os apoiar, tinha que, portanto não é só, não é só estar na gestão. Claro que depois a gestão tem uma dimensão diferente. Tem a dimensão dos problemas todos da escola, enquanto que cada professor tem os seus, de sala de aula. Mas há uma dispersão muito grande do professor, do educador. Ele é chamado para uma multiplicidade de papéis, não é. Isso nós já verificámos e constatamos isso várias vezes. Portanto, e essa necessidade advém dos problemas que chegam à escola. E outro problema, que é na realidade um problema, é a ♪ chegada de meninos estrangeiros à escola sem o conhecimento da língua. Esse é outro problema e quando isto acontece no início do ano, enfim, não é fácil mas de alguma forma facilita mais a integração. Agora vocês imaginem que uma turma já constituída, já a trabalhar, com alguma estabilidade, em que as relações entre todos, quer enfim entre os miúdos, os pares quer com o professor estão já muito bem, portanto estabilizada digamos assim. Chega um menino que não tem qualquer domínio, venha ele do país de leste venha enfim de outro país qualquer. É muito complicado. Há ali... eu estou-me a lembrar de uma turma no ano passado que é a turma da professora M, que recebeu um menino que falava inglês só inglês e depois também não era um inglês muito comum, a própria professora que tinha algum domínio ficou com dificuldade. E depois imaginem o que era, uma turma que não era fácil. A professora normalmente tem turmas não muito fáceis. Ela tem algum... algum, um bom perfil para este tipo de meninos. Meninos já crescidos, com alguns problemas, meninos alguns que nem sequer tiveram alguma

♥ A PCE dá conta das funções de um professor na escola.

♪ Dá a conhecer a existência de meninos nos quais a língua portuguesa é a sua segunda língua.

escolaridade e ela tem um bom perfil, alguma facilidade para lidar com eles, quase que de igual para igual. Para meninos crescidos eles gostam disto e ela tem conseguido bons resultados. ... Tinha acabado de dar, iniciava-se um trabalho de estabilidade, com todos os meninos, portanto tudo corria bem quando o C chega e foi muito complicado. Ele vivia desesperado porque ninguém o entendia. A M também tinha alguma dificuldade portanto era difícil não é deixar os outros que já precisavam também muito dela e, e, como C foi difícil. Portanto ela viveu ali algum tempo difícil, depois felizmente conseguimos que ◆ o nosso animador sócio-cultural, que na altura tínhamos e que agora ainda não temos, ainda não sabemos nada ao nível do Ministério, apostou, dominava muito bem o inglês e apostou muito no trabalho com o C e conseguiu de alguma forma que ele se integrasse melhor. Quando o C estava melhor a integrar-se, o C estava melhor, o C foi-se embora para os Açores. Portanto, a situação, famílias complicadas, situações difíceis... mas pelo menos já levou, já levava algum domínio da língua. Ia ter com certeza os seus problemas nos Açores, mas pelo menos aqui, mas pelo menos já não iriam ser tantos. Portanto, esse também é um problema. E vocês sabem que as escolas não têm propriamente meios, não têm uma bolsa de recursos para, a escola faz o que pode entre o professor da turma, os apoios educativos, mas imaginem que às vezes, ... sobretudo, é sempre quando não é no início, os apoios foram definidos, estão definidos, têm o seu grupo de meninos e depois com a chegada de outros é complicado encontrar tempos, espaços para trabalhar com eles e portanto esse também é um problema grave que têm... haverá outros, mas são os problemas sociais, portanto as carências das famílias, problemas de integração, problemas de recursos, condições físicas são os maiores. Todos estes problemas decorrem da falta de uma escola, porque se queremos uma escola inclusiva também temos que ser uma escola que acolha não é só aceitar, temos que ter condições. E para ter condições temos naturalmente que ser uma escola mais pequena, com menos meninos. Queremos ser inclusiva, portanto queremos ser uma escola inclusiva mas portanto esse é o problema maior portanto... o grande empenhamento de tudo são os oitocentos e tal meninos, são os duzentos e tal, trezentos, não sei precisar, em ATL, portanto isto vai traduzir-se num grupo muito mais elevado não é, porque são os meninos das actividades lectivas mas depois são todos os outros meninos, que também estão na escola, portanto é

◆ A escola costuma poder contar com um animador cultural.

⊗ A PCE transmite as desvantagens da grande dimensão física da escola.

uma necessidade muito grande. Portanto, calculem, há um manuseamento muito maior de tudo, há um mexer de tudo portanto há uma necessidade de uma manutenção mais permanente... (a PCE é interrompida pelo som do telemóvel) Desculpem, não é normal. (Atende)

ED – Relativamente às finalidades e princípios orientadores, isso podemos encontrar no Projecto Educativo, não é?

PCE – Encontram sim. Encontram lá tudo. Os princípios orientadores... encontram lá tudo. Vocês sabem que há o projecto educativo, o regulamento interno, há o plano anual de actividades,... Olhem, vocês têm o 115, o Decreto-Lei 115-A de... de 4 de Maio. Vocês aqui encontram tudo o que é preciso relativamente aos órgãos, relativamente às linhas orientadoras, relativamente aos documentos importantes, vocês encontram tudo isso.

ED – Uhm, uhm...

PCE – No 115... se não têm, eu posso-lhes dar uma cópia.

ED – Uhm, o plano anual de actividades, está lá... uhm, actividades extra-curriculares...

PCE – Actividades extra-curriculares... é assim, como calculam (telemóvel toca de novo) Ai, é a minha irmã, peço desculpa...tenho o meu pai doente...

ED – (retomando) As actividades extra-curriculares...

PCE – Como calculam, numa escola tão ocupada, não é fácil haver actividades extra-curriculares. Portanto, as actividades que existem na escola, eu agora, eu agora não percebi que, passámos para outra conversa e eu não vos expliquei a razão pela qual estavam aqueles... portanto as actividades existentes na escola são as actividades dos meninos em ATL e como vêem foi preciso que fossem colocados ali aqueles enfim, chamemos-lhes pavilhões, chamemos-lhes contentores o que quiserem por não haver espaço não é, e portanto foi a solução que a Associação de Pais encontrou para minorar o problema que era a ocupação do tempo dos meninos. Portanto, estas actividades não temos, inclusivamente não podemos ter o inglês exactamente pela falta de recursos. Ainda tentámos que pudesse acontecer após as 18:30. Fizemos um contacto com os pais, mas a grande maioria não concordou e vocês ter-se-ão apercebido disso, pelo menos do contacto que fizemos, a grande maioria não concordou e por isso não avançámos. Portanto as actividades como digo são as de ATL que por falta de espaços tiveram que ocupar, tiveram que acolher aqueles pavilhões, contentores, como quiserem.

Esquecia-me entretanto de vos falar de uma outra ocupação do tempo dos meninos ... de alguns meninos da escola. Com certeza que já ouviram falar do projecto “Convivências”, já??

Estagiários – (acenos de cabeça afirmativos, mas olhares interrogativos)

PCE – ● O projecto “Convivências” é um projecto que decorre do Programa Escolhas segunda geração, que é concretizado aqui na escola, ou seja no espaço aqui da escola com meninos desta escola e que tem a Junta de Freguesia como principal parceira, se quisermos. Tem a Associação ... e tem a Junta de Freguesia e portanto foi com base nesse projecto que o Dr. Mário Soares veio à escola. Quer dizer, nós sabemos que, enfim, há outros objectivos, mas foi de facto para conhecer este projecto. Até porque também vieram a público aquelas notícias de França, a dificuldade, os problemas de integração, tudo isso e portanto era de alguma forma pertinente perceber o que é que se fazia, portanto neste caso na escola, mas este projecto como eu vos digo, tem como principal parceiro a Junta de Freguesia, e portanto é importante saber que estes meninos estão na escola em tempo contrário ao seu e o grande objectivo é ocupá-los, mas integrá-los. Portanto, dar-lhes a possibilidade, encontrando actividades e estratégias adequadas às necessidades deles e tem uma outra vertente, também o acompanhamento das famílias. Há uma assistente social ela diz... ela tenta fazer esse acompanhamento às famílias porque depois os problemas não estão dissociados, não é e portanto tinha-me esquecido de vos referir isso. Agora actividades da escola propostas da escola extra-curriculares não temos de facto alternativa, há as actividades do ATL, nomeadamente têm danças, têm inglês, têm agora não sei mas tinham educação física, portanto mas isso tudo através da Associação.

ED – Já que fala na Educação Física, fale-nos um pouco do funcionamento da Educação Física aqui na escola. Nós viemos a saber que só as turmas que quisessem ter natação é que podiam ter educação física...

PCE – É assim, este ano há alguma confusão ... para a prática dessas actividades. Em anos anteriores, a escola pôde... terceiros e quartos anos fazer, se possível terceiros e quartos anos, fazer a sua inscrição ... na prática da natação, pronto, e aqueles que não tinham natação, podiam inscrever-se na educação física. A nossa escola é muito grande e portanto não se conseguiu julgo eu e agora aqui salvaguardo alguma falha minha, mas penso que não foi possível

● Dá a conhecer projectos de dimensão que ultrapassa as paredes da escola e que inclui parcerias com outras entidades. É uma outra dimensão da escola.

integrar todos os terceiros anos. Ou seja, os quartos anos que não tinham natação, puderam ter um programa de acompanhamento de educação física através da Câmara Municipal, chamada “Escola em Movimento”. Estão a ver, portanto terceiros e quartos anos podiam beneficiar da natação, os quartos anos da educação física e também ainda alguns terceiros. Não conseguimos que fosse completamente abrangente a todos os terceiros, mas aos quartos sim, os quartos ou tinham educação física... desculpem, os terceiros, julgo que não conseguimos ser abrangentes. Eu até pus essa questão à Câmara. Porquê, porque somos muitos, porque é uma escola grande, vêm lá está, estão a ver, não foi possível contemplar todos. Este ano há, havia algumas questões e ainda não está tudo definido, estamos á espera de orientações da Câmara porque tal como o inglês, não é, da vontade do Ministério que, tal como o inglês, a educação física não seja ministrada, digamos assim, em horário lectivo, em horário curricular, que a aula deve ser extra-curricular. E portanto isso traz alguns problemas de organização quer à Câmara quer às escolas, não sei se isto chegou a si...

(A PCE dirige-se a nós)

N – Não, eu não sei de nada. Mas a Educação Física ainda é uma área curricular e, portanto,...

PCE – Mas a nós chegou. Ah, mas atenção. Isto é um projecto da Câmara, é um projecto da Câmara, mas independente disso, e é bom que seja dito, **▲ os professores desta escola desenvolvem essa actividade. Vocês sabem, porque ela faz parte do currículo.**

ED – Sim.

PCE – Pronto, agora compreende-se também que se eu que não sou professora de Educação Física, puder ter um acompanhamento de um técnico, aprendo com ele com certeza. Aprendo e quando eu sair desta situação que não possa ter esse acompanhamento, estou se calhar um bocadinho mais à vontade para poder eu própria portanto desenvolver essa actividade. Portanto, uma coisa não implica a outra. Na realidade, a educação física faz parte do currículo, ponto final. Agora, estamos a aguardar as orientações da Câmara de algumas necessidades, quer ao nível da prática da natação, quer da educação física, pronto. Não tenho assim muito de concreto para vos dizer. Aguardamos alguma informação da Câmara.

ED – Agora alguns projectos em curso, aqui na escola...

PCE – Alguns projectos... temos... temos, eu agora assim, se calhar devia ter trazido, devia estar munida... de ... de toda a

▲ A concretização, com a orientação dos professores das turmas, de todas as áreas curriculares.

documentação. ♠ O Projecto Sócrates, por exemplo, é um projecto que está em força. É um projecto como sabem internacional que tem como temática Necessidades Educativas Especiais na sala de aula... estou a olhar para a João porque a João é a coordenadora deste projecto (a professora que se encontra ao fundo da sala com a menina em cadeira de rodas) e estou a falar deste projecto porque é um projecto com continuidade. Atenção porque é preciso distinguirmos o Projecto Sócrates do Projecto Convivências. O Projecto Convivências é um projecto com características diferentes. Decorre no nosso espaço, com os nossos meninos, não são porém técnicos da escola que o concretizam não é, tem essa diferença. ... Depois relativamente a outros projectos para este ano, ♦ foi feita uma proposta ao conselho pedagógico para digamos de uma forma diferente de trabalhar e de pôr em prática os projectos e o objectivo ou a sugestão era partirmos de um grande tema que é o Ambiente e depois desenvolver subprojectos com base neste ... e portanto isso está tudo em elaboração. Neste, neste grande tema, neste grande bolo digamos assim que é o Ambiente, e como sabem muito se pode trabalhar, aliás tudo se pode trabalhar à volta do ambiente, projecto da matemática, projecto da ciência, ... ter aqui em conta aqui no ambiente quer ao nível das energias renováveis, quer ao nível da preservação que também está implícito, quer depois ao nível do ambiente nas relações humanas, estão a ver, e aqui nós podemos, podemos, estão implícitos os quatro pilares da educação e portanto foi com base em tudo isto que nós apresentámos, nós conselho executivo ... com a representante no conselho pedagógico, a representante que tem assento no conselho pedagógico, foi com base nisto que nós apresentámos ao conselho pedagógico para entretanto se formarem os grupos e as pessoas, as pessoas se incluírem neste grande ... e depois nos subprojectos. E portanto está tudo isto em elaboração e... para depois se pôr em prática. O Sócrates é um projecto que já vem em continuidade, que está a terminar, portanto, era de três anos, mas que também ele próprio se integra no ambiente. E se não reparem o Sócrates, cuja temática são as Necessidades Educativas Especiais na sala de aula, estão a ver aqui o respeitar, o respeito à diferença, estão a ver aqui portanto o respeito e a aceitação que está que vai-se buscar ao grande, ao grande bolo, ao grande tema que é o ambiente, as relações interpessoais. Não sei se fui clara aqui, mas de facto parece-me que pelo menos do que me é dado a perceber é tudo isto para vos dizer.

♠ Dá conhecimento de mais um projecto europeu no qual esta escola se insere.

♦ Informa de projectos da iniciativa da escola, aqui concebidos e em desenvolvimento no presente ano lectivo.

ED – Parcerias... Já percebemos que a Câmara... a Junta de Freguesia também é uma delas...

PCE – A Junta de Freguesia sempre que é solicitada e tendo em conta os recursos costuma estar nomeadamente estou a pensar na questão da utilização do autocarro e vocês isso sabem... sei lá, em momentos festivos, estou a pensar por exemplo no Dia da Criança, há sempre um mimo, quando eu digo um mimo estou a pensar por exemplo num gelado para os meninos... estou a lembrar-me que há alguns anos e este ano por exemplo estou a lembrar-me de uma coisa, ela possibilitou-nos a vinda de um pasteleiro que com os meninos confeccionou bolo rei, mais momentos em que a Junta... e enfim estou a pensar que quando iniciámos o nosso projecto de arranjo dos espaços verdes, digamos que o primeiro motor, para além do dinheiro que nós conseguimos através do projecto que apresentámos a Câmara, também tivemos a ajuda pôs-nos aqui um jardineiro, neste caso uma jardineira, que os meninos ... portanto fez algumas plantações, algumas sementeiras. Falou com eles, explicou-lhes, portanto, enfim, na medida das possibilidades, vocês sabem que os recursos não são muitos, isto é geral, ☆ a Junta costuma estar connosco e costuma estar presente...

ED – E a Câmara Municipal...

PCE – E a Câmara Municipal... por outro lado com a aquisição de verbas... Relativamente à Câmara e estas aquisições, as coisas também se foram alterando, mas continuamos a ter ajuda sim senhor da Divisão de Educação. Depois mais parcerias... dos parceiros importantes também, pelo menos que deveria ser, portanto a Associação de Pais que também na medida do possível também connosco colabora...

ED – O Centro de Saúde...

PCE – O Centro de Saúde, enfim, podemos, poderemos considerar na medida em que estão presentes, mesmo que o acompanhamento ou a ajuda não seja no imediato, porque todos vão vivendo com as mesmas dificuldades, mas podemos contar com a equipa de Saúde Escolar e há ainda outra situação que nós pusemos à directora do Centro, quando há uma queda, quando há um ferimento que é suficientemente grave para nós, mas que entendemos que para o hospital se calhar é melhor não porque há lá outras situações mais complicadas, e vamos para o centro de Saúde. E surgiu-nos um problema. Acontece que há meninos que estão aqui connosco mas que não pertencem a este Centro, pertencem a outros. Estão aqui

☆ A participação e envolvimento da Autarquia em projectos e acções a desenvolver na escola e os apoios da Associação de Pais, do centro de saúde,...

porque têm cá familiares, têm os avós, estão em colégios, enfim, há alguns que... por exemplo estão na área de, de trabalho, da profissão dos pais, que esse também esse é um dos motivos que levam às opções da escola e portanto nós deparámos com um problema. O menino de outro Centro de Saúde, era pedido o nome do médico de família ou a ficha de inscrição, fosse o que fosse, e nós não tínhamos. E portanto isto começou a trazer problemas às auxiliares que levavam os meninos e ... e portanto houve alguma dificuldade em os meninos serem vistos. Foi um problema que se pôs ao centro, á directora do Centro e que foi perfeitamente resolvido. Todos os meninos desta escola independentemente de pertencerem ou não àquele Centro vão ... nesta situação de primeiros socorros e portanto nesta necessidade de serem visto ainda ontem por exemplo foi um menino, acompanhado naturalmente por uma auxiliar, precisou de cuidados de primeiros socorros, para nós era um bocadinho complicado de resolver, para o hospital também entendemos que era demasiado levou e foi o Centro que tratou esse menino e nem sequer esse menino não tínhamos o cartão de utente, não tínhamos nada e não tivemos qualquer problema em tratá-lo também. Não sei se ... Câmara, Ed, ... e não sei se teremos mais ... ninguém...

ED – Pronto agora a nível da Associação de Pais, das funções da ... se calhar...

PCE – Penso que se calhar vocês deviam, penso que seria conveniente falar com alguém na Associação. ♪ Há uma monitora na Associação que está cá há muito anos, é a I, também faz parte da Associação de Pais porque tem a seu cargo uma sobrinha e porque está há muitos anos tem um conhecimento da história deste ATL, eu própria quando ela me perguntou porque precisava de fazer um trabalho mais profundo sobre a história da Associação disse que contactasse uma professora que aqui trabalhou muitos anos, aliás ela foi directora de escola, fez parte do conselho executivo, aliás ela era a presidente, que é a professora C, e foi ela ou pelo menos pela mão dela que a primeira Associação foi criada. Portanto com o seu impulso, com a sua... ela é uma mulher realmente de armas e de muita força e foi por mão dela que foi constituída a primeira associação de Pais. Portanto eu até disse neste caso à I que procurasse a C porque se queria pormenores com certeza que não estavam escritos mas que a C teria o conhecimento suficiente para, para lhe dar. Portanto, se vocês falarem com a I, ela vai estar com

♪ Informações sobre o funcionamento e a história de vida da Associação de Pais, dando conta que esta foi criada com o incentivo da escola na pessoa da sua presidente do conselho executivo da altura.

certeza disponível para vós um bocadinho, poder-vos-á informar melhor do que eu. Porque o que eu sei é que a Associação de Pais existe com o estatuto próprio, com as regras próprias, tem... portanto os meninos ocupados em tarefas diferentes para além de fazerem os trabalhos de casa, mas depois assim outros pormenores... tem actividades pagas, como sejam o inglês, como eu vos dizia há pouco, como seja dança, tudo isso... portanto acho que vocês depois podiam conversar com a I, está bem?

(neste momento, surge a professora F que aguardava que esta reunião terminasse para dar início à sua com as duas estagiárias que irão trabalhar na sua turma e que, bem disposta, pergunta se a reunião ainda demora muito. É informada por todos com acenos de cabeça que está mesmo a terminar)

ED – Portanto, acho que a gente já acabou, não sei se quer acrescentar mais alguma coisa que seja importante...

PCE – Eu não sei, acho que está tudo se calhar até demais...

ED – Eu não sei se a professora R (nós) quer fazer alguma pergunta...

N – Não, não... eu não... eu não, obrigada.

PCE – ♣ Se alguma dúvida surgir, depois, perguntem e se puder depois informo-vos, está bem? Ou qualquer outra coisa, se eu puder ser-vos útil, venham ter comigo. Eu farei tudo o que puder para vos ajudar.

(A reunião terminou com a PCE a dirigir-se para nós e para as duas estagiárias da professora F, perguntando-nos se não íamos comer alguma coisa. Mas, em tempo de trabalho, quantas vezes nem tempo há para se comer... De seguida, atenciosamente, dirigiu-se só a nós manifestando não só a sua preocupação em ter sido clara e esclarecedora com os estagiários, mas também de aquele momento ter sido útil para o nosso trabalho. Claro que sim e agradecemos-lhe mais uma vez. Durante toda a reunião sentimos sempre uma atenção particular com a nossa presença. Inclusivamente, sempre que a fita da cassete chegava ao fim, a PCE parava, sorria e aguardava que a cassete estivesse de novo funcional. Mil obrigadas! Agradecemos também aos estagiários.)

♣ Disponibilidade mostrada aos estagiários para eventuais esclarecimentos acrescidos ou apoios.

Observações:

Ao longo desta conversa, demos conta que um dos estagiários (ED) teria sido incumbido pelos seus colegas de assumir o papel de porta-voz do grupo e que traziam um guião previamente preparado para este fim.

As questões que colocaram denotam sobretudo uma preocupação no conhecimento da população da escola e do seu funcionamento, sobretudo em termos de espaços e também de projectos de natureza institucional que impliquem, ou não, outros parceiros.

Não houve em momento algum alusão ao trabalho possível ou susceptível de ser desenvolvido com o envolvimento dos estagiários na escola.

Em momento algum foram mencionados pelos estagiários ou pela presidente do conselho executivo, a existência de órgãos de orientação pedagógica da escola, como sejam os conselhos de ano ou o conselho pedagógico.

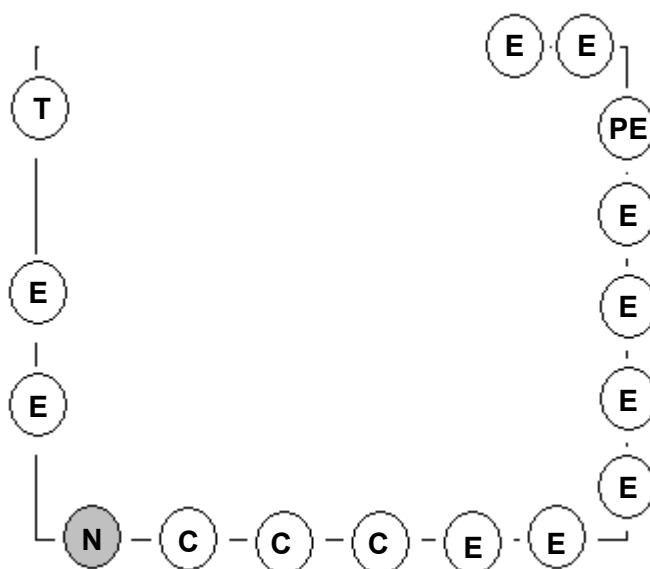
Todas as informações e comentários da presidente do conselho executivo da escola parecem-nos ter não só uma dimensão informativa mas também, em determinados momentos, uma dimensão didáctica.

OBSERVAÇÃO DO ÚLTIMO SEMINÁRIO DE ESTÁGIO NA ESCOLA MA

- **Data de Realização:** 18 de Abril de 2006
- **Hora de Início:** 14:08H
- **Tempo de Duração:** 1H24M
- **Local de Realização:** Escola MA, numa sala de aula excepcionalmente devoluta nesta tarde.

As mesas estão dispostas em U (esquema ao lado).

A tutora (T), coordenadora da equipa de professores da ESELx, ocupa a primeira mesa do lado esquerdo e, do outro lado, em frente, encontra-se um professor daquela equipa (PE). Os estagiários E, sentados lado a lado de acordo com os pares de trabalho, sentam-se em mesas seguidas. As professoras cooperantes (C) sentam-se também umas ao lado das outras. Nós também ocupamos um dos lugares do U (na última mesa do canto esquerdo, ao lado da cooperante que é nossa colaboradora neste estudo). Ao todo estão presentes nove estagiários e três cooperantes (uma faltou por ter ido a uma consulta médica).



Na tabela seguinte transcrevemos somente as partes que pensamos (depois de ouvirmos várias vezes a cassete-áudio) que poderem vir a complementar as ideias transmitidas pelos intervenientes nas entrevistas que temos vindo a fazer, já que as outras ideias aqui veiculadas prendem-se com situações que não constituem objecto do presente estudo.

Observação do último seminário: voz da Tutora (OUS-T); voz da Professora Cooperante (OUS-PC);	NOTAS DE CAMPO INFERÊNCIAS / QUESTÕES OCORRÊNCIAS
<p>OUS-T - ... A proposta que eu tinha para hoje era que indiferentemente de sermos alunos ou cooperantes que tivéssemos aqui num tempo curto a identificação dos pontos fortes e dos pontos fracos do estágio. Isto era uma questão, a outra questão era dar-vos conta do processo agora da última fase. (...) Ainda temos um momento de avaliação de cada par... A avaliação corresponde àquele documento que vos foi entregue logo no início (...) em que constam os indicadores de avaliação (...). Eu terei que estar com os catorze pares de estagiários (...). A par deste processo que é o que</p>	<p>Identificação dos objectivos deste seminário: os pontos fortes e os pontos fracos do processo de estágio</p> <p>Os professores cooperantes estão</p>

nos une ainda aos professores cooperantes (...) há ainda uma série de actividades (...) vão ser dadas instruções para a realização do relatório, para a realização do dossiê e calendarizar igualmente alguns seminários que vamos ter, seminários esses que vão estar abertos à participação dos cooperantes em que vocês vão fazer comunicações enfim de uma forma organizada sobre alguns aspectos não sobre todos os aspectos que desenvolveram no estágio. Portanto quero dizer aos professores cooperantes que essa informação mal esteja calendarizada podem e devem estar presentes, porque é dos vossos alunos, ou é das actividades que eles fizeram com os vossos alunos que se vai falar e mais uma vez são seminários de reflexão. A estrutura básica é quinze minutos para comunicação, cada par há-de inscrever-se em determinados temas e há-de organizar uma comunicação (...) e depois um período de uma hora para reflexão e discussão em que todos os intervenientes (...) que são maioritariamente os vossos colegas mas também nós da equipa e os cooperantes que puderem e desejarem estar presentes. (...) Com os cooperantes a ligação é agora esta da avaliação de cada par que é feita individualmente (...) cada cooperante com os seus pares (...)

(...) Depois é a dimensão da participação na escola e da relação com a comunidade portanto que tem a ver com as relações que se estabeleceram e com as atitudes que foram ou não foram evidenciados nessa relação: o trabalho em equipa, a capacidade de se relacionar com os diferentes membros da instituição, enfim, tanto quanto é possível, enfim, na situação de estagiário haver esta, em algumas escolas há mais, noutras há menos enfim, depende. (...)

(...) Eu peço especialmente aos cooperantes, e a avaliação será tanto mais rigorosa quanto mais autêntica for, (...) sempre o que se procurou foi ser real, ser autêntico e não é agora ... rompermos com essa situação. (...) Os momentos de avaliação participada não são tribunais, são momentos também de reflexão. Portanto, o que eu quero pedir é autenticidade (...)

(...) É evidente que há aqui uma evolução da aprendizagem, não há nenhum grupo que eu possa dizer que está exactamente como no sítio da partida, isso é impossível (...)

(...) de facto cada cooperante conhece o seu par e conhece-o bem e

envolvidos no processo de auto e heteroavaliação final dos estagiários, havendo uma reunião na *IES*.

Vão acontecer seminários de reflexão temáticos para serem apresentados e discutidos entre estagiários e os cooperantes estão convidados a participar.

É uma verdade que, tendo a tutora 14 pares de estagiários, poderia ser uma sobrecarga para ela, mas não seria possível e importante prever-se um seminário alargado a todos os docentes da escola MA, envolvendo os 9 estagiários, 4 grupos de estágio, que aqui desenvolveram a sua prática pedagógica?

De seguida há um conjunto de informações a propósito das dimensões a avaliar do período de intervenção dos estagiários.

Referência à avaliação na dimensão da escola, da instituição. A tutora deixa perceber que em algumas escolas o envolvimento dos estagiários em actividades de carácter institucional torna-se mais possível do que em outras. O que poderá facilitar ou mesmo despoletar esse envolvimento?

Solicitação aos cooperantes de um contributo «autêntico» na avaliação dos estagiários – emerge a importância da formação específica dos cooperantes para esta função da supervisão

A tutora dá conta de que todos os

isso aliás nem os meus colegas têm... quem tem a dimensão do grupo inteiro, sou eu, (...) e por isso é que eu tenho que estar em todos, porque os observei a todos, porque estive com todos, porque os acompanhei a todos ... e portanto eu é que tenho que ser aqui o fiel da balança que relativiza (...).

Em relação ao relatório de estágio... é escrito individualmente por cada um deles e esse relatório é avaliado e discutido oralmente connosco e quando digo connosco é perante a equipa de tutoria e se o professor cooperante puder, normalmente nunca pode estar, mas também poderia estar a assistir à discussão. No final, esse relatório ser-vos-á entregue. É um compromisso nosso, tal como foi o projecto que o relatório também vos seja entregue depois de discutido connosco (...). (...) O relatório traduz uma prática que é vivida numa escola e numa sala de aula (...) trata-se de avaliar o contexto da escola e o contexto da sala de aula (...).

(...) Se os colegas cooperantes forem à IES, eu posso fazer sessões contínuas... e aqui também posso, desde que haja espaço... Dava-vos mais jeito aqui ou na IES? (...) Então fica aqui.

(...) Pronto, eu lancei o repto dos pontos fortes e dos pontos fracos, não sei se alguém quer... (silêncio) Então, não há nada?

(...) Só quero dizer que o processo só fica encerrado depois no final com uma reunião de cooperantes, começámos com uma reunião geral e vamos acabar também com uma reunião geral também de todos os cooperantes para encerrarmos todo o processo para encerrarmos a avaliação da cooperação institucional, das nossas duas instituições e das diferentes escolas que colaboraram connosco.

(...) para aí sim avaliarmos a nossa cooperação e a forma como nós

estagiários fizeram aprendizagens ao longo do processo de estágio. Há uma evidência de evolução feita. Q que contribuiu para esta evolução?

A tutora tem a dimensão de todos os grupos de estágio; é ela que faz a ponte entre os alunos e a IES, é ela que os acompanha.

Referindo-se ao relatório, parece que ele é essencialmente um instrumento de avaliação para a equipa de tutoria podendo, ainda assim, a cooperante ter acesso a esse relatório e dar a sua opinião sobre o mesmo.

Para as reuniões finais de avaliação, a tutora disponibiliza-se a deslocar-se à escola MA. De todas as formas, não tem a ver com uma questão institucional, mas de disponibilidade pessoal.

Acontece a marcação das reuniões de avaliação com os pares de estagiários e cooperantes.

Será que as cooperantes vão preencher as fichas de avaliação do funcionamento do estágio? Poderia ser interessante ler a da Flora.

Passaram 30 minutos desde o início do seminário.

funcionámos a equipa de tutoria...

OUS-PC – Pronto, não quero deixar aqui sobre um ponto forte e um ponto fraco, é uma opinião. Então é assim, eu proponho que após o período de observação que os estagiários fazem na nossa sala de aula, haja uma reunião com professora cooperante ... o par dos alunos estagiários e a equipa que supervisiona, não só a T como os professores que estão envolvidos na prática dos alunos, professor de língua, professora de matemática, professora de língua, ... a equipa de tutoria. Porquê? Eu vou explicar. Porque eu acho que no início do estágio não é bom para os cooperantes nem o que se passa para eles, eles muito menos, eles estagiários. Eu senti-os no início do estágio como bolas de ping-pong. Porquê? Nós dávamos uma proposta (...) avançávamos com determinadas sugestões (...) eles iam (...) aos professores de lá... muitas vezes eles não entendiam... É assim, eu achei que no início não houve comunicação... Porquê? Porque se calhar a equipa de tutoria não sabe ... não percebe bem o que é que vai na sala de cada um... e muitas vezes nós dizemos umas coisas para os alunos que depois lá são interpretadas de uma maneira diferente e eles quando chegam cá já querem fazer de outro modo e aquilo, quer dizer, gera-se uma grande confusão. Nós cooperantes sentimos que também estamos a ser avaliadas, eu senti isso de início, muito sinceramente (...). Isto porquê? Eu no início não tive essa reunião e eu a partir de determinada altura senti necessidade de ter uma reunião com a T ... de planificação, de propostas de trabalho. E aí foi a grande viragem o estágio da E1 e da E2. Porque aí eu julgo que houve um entendimento de linguagens, houve um acerto de linguagem e houve, como é que eu hei-de dizer, houve um envolvimento de toda a gente. É muito importante que quem está do lado de lá perceba qual é o projecto de sala de aula de quem está cá para depois também entender os alunos quando chegam lá com determinadas propostas. Portanto, eu proponho que, após o período de observação em que eles apresentam o seu projecto de trabalho, haja uma reunião professora cooperante e tutoria para que aquilo que se passou comigo para que aquilo que se passou comigo a uma determinada altura, se passe no princípio do ano. (...) para depois de os professores também ouvirem a professora cooperante falar daquilo que se propõe fazer até ao final do ano com a ajuda delas, com o apoio delas, entendam determinadas propostas de trabalho que chegam para serem apoiadas pela IES, pela equipa. ... Pronto, foi o meu ponto forte na

Ponto fraco apontado pela cooperante: não aferição inicial de linguagens e não ter havido um encontro entre todos os participantes no processo para esse fim;

minha prática este ano e o ponto fraco foi no início.

OUS-T - ...Acho que foi muitíssimo pertinente ... cabe aqui e acho que cabe também lá na reunião final... É assim essa é a grande fragilidade ainda deste processo de supervisão... do nosso processo de supervisão (...) mas é muito difícil (...) mas tem que se apostar nisso. Nem imagina quanto será difícil, mas acho muito pertinente ... (...) Eu posso falar por mim e pela minha experiência de supervisão, destes processos e ser o quarto 4º ano em cinco 4ºs anos desta licenciatura que eu já acompanhei. Portanto, é o quarto 4º ano em cinco grupos que já saíram. Este é o quinto grupo que está a sair e eu acompanhei quatro deles. (...) Cada vez de facto é mais difícil fazer um trabalho de qualidade. (...) Eu no ano passado tinha treze grupos e este ano tenho catorze, mas com todos os cooperantes entre, no tempo em que mediou a apresentação do projecto dos alunos e a execução, o início da responsabilidade com todos os cooperantes... enfim ao vivo muitas vezes com colegas meus, não com toda a equipa, mas com colegas meus fiz essas reuniões que consegui fazer consigo este ano já a meio do percurso. Todos, antes do início fizemos, exactamente com esse objectivo: acerto de linguagens, mediação de propostas, esclarecimento dos nossos papéis, etc., etc., etc.. Este ano não consegui fazer. E porque é que eu não consegui fazer. Não consegui fazer porque tive mais uma turma de alunos, porquê, porque se foram embora não sei quantos professores da IES (...). E portanto, a certa altura, ... não é possível. Com os meus colegas o facto de estar aqui o meu colega PE e não estar por exemplo o PEE, é exactamente porque à mesma hora, além de ter aulas, tem outros grupos de prática do 2º ano e andamos todos... resultado é para os que cá ficam porque o trabalho é o mesmo com a agravante de que este ano houve mais uma turma (...). Nós somos os mesmos, os princípios são os mesmos, mas depois pôr isto na prática é extremamente complicado. Os meus colegas, com a agravante de que ontem começou a prática do 3º ano, muitos de nós que estão nesta equipa, estão simultaneamente na equipa do 3º e para estarem as mesmas pessoas pois alguma coisa que ... cada vez que nos encontramos... alguma coisa corre mal pois se nós estamos em vários sítios. Claro que o ponto mais fraco, eu vi, eu vejo, eu sinto, eu tenho detectado ... e tenho aqui o exemplo disso (...) quando nós temos de estar com os cooperantes de estar com eles e entendermos o que eles nos querem dizer, o que

Deixa perceber que o ponto fraco foi, na sua qualidade de cooperante, ter proposto a reunião com a tutora e as estagiárias e ter havido aferição de linguagens e esclarecimento de prioridades e caminhos pedagógicos e curriculares para a turma de crianças.

o cooperante quer (...) porque isto é mediado por aquilo que eles os estagiários entendem das coisas, quando é em presença (...) eu digo à cooperante, mas o que é que entende por isto, que é para nós termos a mesma linguagem, portanto há aqui três linguagens a falar... (...). Quer dizer que de facto é um princípio que para mim me é muitíssimo caro (...) que é o respeito que me merecem as práticas dos professores cooperantes quaisquer que elas sejam (...) e a minha resposta é sempre (...) faz o que a professora cooperante disse que é para fazer e não aquilo que supostamente eu achava que deveria ser feito. Porque quem de facto é o responsável pela turma é a C, é a O, é a F, é a H, é a R e não sou eu, ... eu ou os meus colegas. Nós podemos dar indicações, sugestões, melhorar as propostas, melhorar os materiais, melhorar a dinâmica, podemos dar, mas de facto, quem realiza, quem executa, não somos nós (...). Quando isto é feito em presença naturalmente que as coisas se tornam todas mais claras... E afinal todos nós queremos a mesma coisa, simplesmente as palavras que usamos depois como são mediadas pelas nossas representações, geram equívocos, geram coisas que não são explícitas e geram desconfianças e geram esse sentimento que é horrível ... que é nós estarmos a avaliar-vos que é falso, de todo e de todo e aqui falo em nome dos meus colegas, de todo é falso. (...) seguramente não é a prática dos professores cooperantes que nós queremos avaliar. Eventualmente... podemos reflectir sobre o que é que se está a passar ali, mas se a pessoa o desejar.

Nomeia as professoras cooperantes, incluindo-nos a nós.

A tutora e o professor da IES que faz parte da equipa continuam a colocar as grandes dificuldades que têm em realizar o acompanhamento ainda

	<p>mais adequado aos estagiários pelo facto de estarem com um corpo docente reduzido.</p>
--	-------------------------------------------------------------------------------------------

ANEXO V

QUADROS DE ANÁLISE E CATEGORIZAÇÃO DE ENTREVISTAS, MOMENTOS DE OBSERVAÇÃO E DADOS DOCUMENTAIS

DIMENSÃO A – AS ESTAGIÁRIAS

RELATÓRIO DE INTERVENÇÃO EDUCATIVA IV (Junho, 2006)

(Estagiária E1 → RIE-E1 ; Estagiária E2 → RIE-E2)

Categorias	Subcategorias	Origem	Unidades de Sentido
1. Envolvimento no processo de Prática de Ensino Supervisionada	1. Motivações e Expectativas	RIE-E1	<p>→ Se, por um lado, estava radiante pelo simples facto de poder intervir durante doze semanas, numa escola, numa turma, com um grupo de crianças que seriam, certamente, genuínas; por outro lado, sabia que seriam bastantes as dificuldades, as incertezas, os medos.</p> <p>→ Pois eu estava num ambiente que sempre sonhei! Eu estava a fazer o que eu realmente quero fazer no meu futuro.</p>
1. Envolvimento no processo de Prática de Ensino Supervisionada	2. Dificuldades e obstáculos	RIE-E1	<p>→ A certa altura sentimos que as actividades não faziam sentido para as crianças, nem mesmo para nós. (...) reunimo-nos com a professora cooperante e com a professora T e discutimos o que se tinha vindo a suceder, definimos metas e procurámos então desenvolver estratégias para as alcançar.</p>
		RIE-E1	<p>→ (...) vim a descobrir imensas dúvidas, incertezas e medos. Afinal, tal como a professora T refere, «não existem receitas», as crianças não são todas iguais, os contextos não são todos iguais, enfim, são mais as diferenças que as semelhanças.</p>
		RIE-E1	<p>→ (...) existem aspectos que, na minha opinião, não foram suficientemente trabalhados e que se reflectem em fragilidades que senti, essencialmente neste último ano de intervenção. Por exemplo, o facto de trabalharmos com um método que nunca, em tempo algum, o havíamos observado. (...) nos livros as coisas são mais simples, na realidade encontramos sempre algumas dificuldades (...).</p>
		RIE-E1	<p>→ O facto de estarmos perante uma metodologia nunca antes presenciada, com estratégias nunca antes</p>

<p>1. Envolvimento no processo de Prática de Ensino Supervisionada</p>	<p>2. Dificuldades e obstáculos</p>	<p>RIE-E1</p> <p>RIE-E1</p> <p>RIE-E1</p> <p>RIE-E1</p> <p>RIE-E2</p> <p>RIE-E2</p>	<p>utilizadas, com uma professora que não conhecíamos, colocou-nos numa posição inicial bastante insatisfatória.</p> <p>→ De início sentimos algumas dificuldades em seguirmos a metodologia utilizada. Contudo, após uma reunião com a professora cooperante e a professora T, realizámos um balanço das actividades desenvolvidas até então, delineámos metas e procurámos estratégias para irmos cada vez mais ao encontro dos objectivos que nós definimos. Penso poder afirmar que foi a partir deste momento que conseguimos iniciar um processo significativo.</p> <p>→ (...) andávamos a tentar conciliar o que a professora cooperante dizia, com o que diziam os professores na IES e, na prática, os resultados não estavam a ser muito animadores. Nós próprias sentíamos isso, as actividades não nos faziam sentido.</p> <p>→ Sentíamos que a professora cooperante não acreditava em nós. E, por outro lado, sentíamos que estas nossas dúvidas e hesitações estavam a prejudicar o processo de aprendizagem daquele grupo de crianças que haviam iniciado a escolarização. No entanto, com muito trabalho e dedicação, penso que conseguimos atingir os nossos objectivos.</p> <p>→ Como aspecto não tão positivo, gostaria de referir o ambiente de pouca cooperação e inter ajuda que se gerou entre os grupos de estágio na escola onde estagiei. Percebi que a competição a certa altura começou a surgir, o que prejudicou não só a relação entre colegas, mas de certo influenciou o trabalho desenvolvido na sala de aula.</p> <p>→ Foi na área da matemática que se verificou uma maior instabilidade aquando do início da nossa intervenção. Pois estávamos a realizar actividades que não nos faziam sentido (...) penso que é visível a evolução que houve desde a primeira semana de intervenção até à última semana.</p> <p>→ No início da minha intervenção, a insegurança, o medo de falhar, a ansiedade foram sentimentos que se apoderaram de mim.</p>
------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	2. Dificuldades e obstáculos	RIE-E2	→ Foi muito triste para mim a inexistência de confiança e a competição, pouco saudável, que existiu perante os grupos de estágio da minha escola.
2. Impacto do processo de Prática de Ensino Supervisionada: contributo para a aprendizagem e construção do conhecimento profissional das estagiárias	1. As aprendizagens das crianças	RIE-E1	→ É de referir que no final da nossa intervenção, os alunos já tinham uma participação mais activa lendo, avaliando e propondo alternativas para o trabalho a ser desenvolvido.
		RIE-E1	→ No que diz respeito ao sentido de cooperação e inter ajuda, através das actividades em grupo e a pares, dos trabalhos de projecto, dos trabalhos realizados durante o TEA e da Assembleia de Turma, conseguimos que os alunos se envolvessem e revelassem alguma evolução (...).
		RIE-E2	→ Não poderia deixar de mencionar, de uma forma mais particular, a felicidade que senti ao trabalhar com a Jéssica e com o Nuno as crianças com n.e.e. existentes no meu grupo-turma. Nunca pensei vir a sentir tanta satisfação em verificar a progressão destes dois alunos. ... É com muita alegria que afirmo termos «conseguido!
		RIE-E2	→ É de salientar o facto de, no início deste tempo, os alunos produzirem pequenos textos, houve mesmo textos de duas linhas, e no final destes momentos, em meados de Março, os alunos já produziam textos maiores, com sentido, com palavras novas e sobretudo diversificadas.
		RIE-E2	→ Penso que, na área de Língua Portuguesa, desenvolvemos um trabalho que permitiu aos alunos desenvolverem as suas capacidades de leitura, escrita e comunicação oral.
		RIE-E2	→ Posso dizer que à medida que fomos evoluindo e sentindo-nos mais confiantes nesta área, todo o trabalho que realizávamos foi ficando cada vez mais rico, criando condições de promoção do sucesso escolar e educativo dos alunos (...).
		RIE-E2	→ Contudo, após uma reflexão do que se estava a passar comigo, concluí que desta forma só «prejudicava» os alunos e isso era tudo o que eu não queria! Uma coisa era eu me prejudicar sozinha, outra, é prejudicar juntamente comigo os alunos.

	1. As aprendizagens das crianças	RIE-E2 RIE-E2 RIE-E2	<p>→ A meu ver, não foi benéfico para os alunos esta «oscilação», pois foram eles quem mais sofreram, estagnando em vez de progredirem.</p> <p>→ A evolução dos alunos foi sem dúvida um dos aspectos que não posso deixar de referenciar como positivo, pois se nos primeiros tempos contávamos os alunos que sabiam os conteúdos abordados, no final já contávamos os alunos que tinham dificuldades. Penso que esta evolução resulta do bom trabalho que desenvolvemos durante a nossa intervenção, sinal que identifica o «bom» trabalho que foi realizado e o espírito de grupo por parte das estagiárias e da professora.</p> <p>→ O facto de estarmos a estagiar num 1º ano de escolaridade, foi um desafio de grande responsabilidade, pois a ansiedade e a pressão são constantes.</p>
2. Impacto do processo de Prática de Ensino Supervisionada: contributo para a aprendizagem e construção do conhecimento profissional das estagiárias	2. Trabalho pedagógico e gestão curricular	RIE-E1 RIE-E1 RIE-E1 RIE-E2	<p>→ Durante o período de intervenção educativa, foi possível verificar que o Projecto Educativo de Escola (PEE) e o Projecto Curricular de Escola (PCE), por nós analisados aquando da concepção do Projecto de Intervenção, tinham uma influência directa no Projecto Curricular de Turma (PCT), constituindo um instrumento orientador da acção educativa.</p> <p>→ Assim, procurámos dar continuidade ao trabalho desenvolvido pela professora cooperante, relativamente ao cumprimento de regras de sala de aula (...), procurámos desenvolver trabalhos a pares e em grupo (...), procurámos continuar com a atribuição de responsáveis para a realização de tarefas da sala de aula (...), instituímos a T.E.A. (...), com o preenchimento de um P.I.T. (...), desenvolvemos um Trabalho de Projecto sobre Os Animais, entre outros momentos que atenderam ao carácter transversal das aprendizagens.</p> <p>→ Assim, de forma determinada e com o apoio da professora cooperante, decidimos colocar as mesas em grupo, apesar de exigir que todos os dias tivéssemos que alterar a disposição das mesas.</p> <p>→ No meu parecer, os objectivos traçados pela professora cooperante estão articulados e coerentes com</p>

		RIE-E2	o que está definido ao nível da escola → A interação entre o PCT e o PEE desenvolveu-se a partir de certas actividades, nomeadamente, na biblioteca da escola, de certas festividades como o Carnaval, como o jornal da escola e visitas de estudo.
		RIE-E2	→ (...) procurámos assegurar o equilíbrio entre a continuidade das opções metodológicas da professora cooperante e a implementação de novas propostas, a fim de criar um ambiente propício à promoção de aprendizagens(...).
2. Impacto do processo de Prática de Ensino Supervisionada: contributo para a aprendizagem e construção do conhecimento profissional das estagiárias	3. Interação com a orientadora cooperante	RIE-E1	→ Também como aspecto positivo, gostaria de referir a boa relação que estabelecemos quer com os alunos, quer com a professora cooperante, as quais nos permitiram desenvolver um ambiente de respeito e afectividade.
		RIE-E1	→ Relativamente à professora cooperante, apesar de sentir que, no início, não depositava muita confiança em nós, sentindo a sua preocupação pelo caminho que a nossa intervenção poderia seguir, foi sempre incansável, apoiando-nos e demonstrando-se sempre disposta para nos ajudar.
		RIE-E2	→ O contacto emergente e reflexivo com a professora cooperante fez-me questionar opções metodológicas e sentindo-me crescer/evoluir enquanto profissional de educação.
		RIE-E2	→ A professora cooperante é a professora que mais conhece o contexto em que estávamos inseridas, por isso é a pessoa mais indicada para nos ajudar.
		RIE-E2	→ A reviravolta aconteceu quando optámos por seguir os conselhos/opiniões da professora cooperante, pois mais do que ninguém é ela que conhece a turma/os alunos. Foi assim que conseguimos crescer juntamente com os alunos e foi desta forma que o estágio mudou de «cor» e tomou o rumo certo, ou seja, desenvolvimento de competências ligadas à aprendizagem.
		RIE-E2	→ Durante a fase de observação já tinha constatado que a professora cooperante era uma professora bastante experiente, amiga, com uma atitude face à profissão bastante positiva e dedicada e, acima de tudo, com uma simplicidade notável.

	3. Interação com a orientadora cooperante	RIE-E2 RIE-E2	<p>→ (...) foi constantemente uma professora que demonstrou sempre uma grande preocupação com a nossa intervenção, pois queria o melhor para todos nós, estagiárias e alunos.</p> <p>→ Sei que não deve ser fácil para uma professora interromper o trabalho que estava a desenvolver com os alunos para abrir as portas da sua sala de aula a duas estagiárias, contudo, a meu ver, penso que seja uma mais-valia, pois se houver cooperação, empenho, respeito, partilha, é mais fácil estar numa sala de aula três adultos em vez de um, e isto é benéfico em termos de acompanhamento individual a cada aluno.</p>
2. Impacto do processo de Prática de Ensino Supervisionada: contributo para a aprendizagem e construção do conhecimento profissional das estagiárias	5. Interação com a equipa de tutoria	RIE-E1 RIE-E2 RIE-E2 RIE-E2	<p>→ Sempre que precisei de apoio, de retirar dúvidas, um simples esclarecimento, estes nunca me foram negados. (...) Posso afirmar que em momentos de desânimo e cansaço, este apoio foi-me bastante útil e gratificante.</p> <p>→ Sei que posso recorrer aos professores sempre que necessitar, caso estejam disponíveis, claro!</p> <p>→ Outro aspecto menos positivo refere-se à estagnação dos alunos nas primeiras semanas de intervenção devido à nossa «oscilação» entre a professora cooperante e a equipa de tutoria. Não sabermos a quem «agradar»!</p> <p>→ Sei que a equipa de tutoria estava sempre pronta para nos ajudar sempre que fosse necessário, mas por vezes o que era discutido com eles não fazia sentido para o contexto onde estávamos inseridas (...).</p>
2. Impacto do processo de Prática de Ensino Supervisionada: contributo para a aprendizagem e construção do conhecimento profissional das estagiárias	6. Espaços de reflexão - seminários ou outros com a orientadora cooperante e a equipa de tutoria da Instituição de Ensino Superior	RIE-E1 RIE-E2 RIE-E2	<p>→ O primeiro momento de avaliação do nosso projecto de intervenção foi bastante importante, especialmente para reforçar a nossa preocupação em direccionarmos a nossa acção para aquele contexto determinado. Realizámos uma reunião com a professora cooperante e a professora T, onde fizemos um balanço do trabalho desenvolvido até então e identificámos algumas acções a melhorar e outras a implementar.</p> <p>→ Foi pena só nos apercebermos do trabalho que eles estavam a desenvolver nos seminários e «que bom que foi», pois só assim soube o que eles estavam a realizar e eles de mim, claro.</p> <p>→ Um dos pontos fortes deste estágio foi, sem dúvida,</p>

			os seminários de apresentação dos trabalhos desenvolvidos nas várias turmas e escolas. Na minha opinião, é de extrema importância esta partilha de ideias desenvolvidas durante o estágio, nos diversos contextos e anos de escolaridade uma vez que mostra um leque de diversidades de aprendizagens significativas e enriquecedoras, de ideias e trabalhos desenvolvidos.
3. Formas de envolvimento na/da escola	1. Relação com a escola-comunidade e com os órgãos de gestão	RIE-E2 RIE-E2	→ Em relação aos professores de apoio educativo, mais concretamente à professora de apoio educativo responsável por dois alunos da minha turma com NEE, esta demonstrou, durante toda a intervenção, a preocupação em manter uma ligação entre o trabalho desenvolvido na sala de aula com o trabalho que esta realizava com estes. Foi uma professora sempre atenta ao que se passava na sala de aula, mostrando-se sempre disponível para elaborar um trabalho em parceria connosco e com a professora cooperante. → No que se refere às auxiliares da educação, durante toda a Intervenção, revelaram-se pessoas de uma simpatia inacreditável, amigas e sempre disponíveis para o que fosse necessário e possível.
3. Formas de envolvimento na/da escola	2. Partilha de informação, canais de comunicação e de divulgação do trabalho realizado no estágio	RIE-E1 RIE-E2	→ Devido à regularidade com que os nossos meninos se dirigiam à biblioteca, a certa altura a monitora começou a deslocar-se à nossa sala de aula para observar os trabalhos realizados pelos próprios alunos. Neste sentido, mantivemos uma relação muito próxima com a biblioteca e, por sua vez, com a monitora da mesma. → Foi triste só no final do estágio podermos funcionar com um «grupo» de estágio para a actividade da Páscoa e que desse origem à interacção entre turmas. Até já tínhamos pensado em interagir com outra turma de um 1º ano que não tinha estagiários...
3. Formas de envolvimento na/da escola	3. Conhecimento de dinâmicas de organização e funcionamento da escola	RIE-E1	→ A interacção entre o PCT e o PCE verificou-se essencialmente com a participação do grupo-turma no Plano de Actividades da Escola, ou seja, através da visita de estudo ao cinema, com o visionamento do filme «Os Bravos do Pombal»; através da festa de Natal; o Desfile de Carnaval; Festa de S. Martinho;

	<p>3. Conhecimento de dinâmicas de organização e funcionamento da escola</p>	<p>RIE-E1</p> <p>RIE-E1</p> <p>RIE-E1</p> <p>RIE-E1</p> <p>RIE-E1</p> <p>RIE-E1</p> <p>RIE-E1</p>	<p>visita de estudo ao Teatro Politeama, com o visionamento do filme «Alice no País das Maravilhas»; uma sessão sobre a Higiene Oral, com a colaboração de duas enfermeiras; a visita de estudo ao Palácio de Queluz; a participação numa actividade desenvolvida pela biblioteca da escola, relativamente ao Início da Primavera, com a construção de uma flor (tulipa) por cada criança da sala de aula; com a participação no jornal da Escola e através da visita de estudo ao Parque da Serafina.»</p> <p>→ Contudo, e uma vez que a escola desenvolve actividades a fim de ajudar os alunos carenciados, foi possível arranjar o dinheiro necessário e a criança foi à visita. Neste contexto, apercebi-me de um esforço em assegurar a dita «igualdade de oportunidades».</p> <p>→ Durante o período de observação e intervenção, pude verificar que são diversos os actores educativos que intervêm no dia-a-dia deste contexto educativo e que asseguram o bom funcionamento do mesmo.</p> <p>→ No que respeita aos intervenientes que contactam diariamente com as crianças, realço o papel dos auxiliares da acção educativa, a equipa educativa e a monitora da biblioteca. Creio que os auxiliares de acção educativa que estão em contacto permanente com as crianças, desempenham um papel imprescindível, acompanhando as crianças no recreio e colaborando com os professores noutras actividades, como é o caso das visitas de estudo.</p> <p>→ Relativamente à turma em que intervimos, pude constatar a existência de uma equipa educativa constituída por uma professora de apoio aos alunos com necessidades educativas especiais e uma terapeuta da fala que apoiava uma criança.</p> <p>→ Apesar de não termos observado nenhuma, considero ainda pertinente referir a existência de reuniões regulares do conselho de docentes.</p> <p>→ Relativamente às reuniões de pais, tivemos a possibilidade de participar na reunião geral que ocorreu no segundo período lectivo, com todos os encarregados de educação, onde foi feito o balanço do trabalho</p>
--	------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	3. Conhecimento de dinâmicas de organização e funcionamento da escola	<p>RIE-E2 → Entre os professores, era notória a existência de cooperação, objetivos comuns, interação e empenho no trabalho que desenvolviam.</p> <p>RIE-E2 → Os professores que possuíam turmas do 1º ano de escolaridade realizavam reuniões (às quais não foi possível assistir) para que fosse discutido e elaborado todo o trabalho a desenvolver, em conjunto, nas turmas.</p> <p>RIE-E2 → Durante a intervenção, e em conversas com a presidente da escola, foi-me possível perceber que a escola aposta, forte, na relação família/escola.</p> <p>RIE-E2 → Ao longo de toda a intervenção, destaco como pontos negativos o facto de não saber todo o trabalho que o professor desenvolve para além da sala de aula. (...) Digo isto porque sei que os professores desempenham outras funções nas escolas para além da sala de aula e gostava de saber como é, de assistir! Julgo ser necessário estar a par destas funções uma vez que futuramente as irei desempenhar.</p>
3. Formas de envolvimento na/da escola	4. Identificação de situações de possível envolvimento na/da escola	RIE-E1 → Na minha opinião, teria sido bastante vantajoso observarmos o funcionamento destas mesmas reuniões, na medida em que será, acho, nestas reuniões que se trocam experiências e se ultrapassam dificuldades.

DIMENSÃO A – AS ESTAGIÁRIAS

PONTO DE VISTA DAS ESTAGIÁRIAS

(E-E1/1 – Respostas à Primeira Entrevista pela Estagiária E1;

E2-E/1 – Respostas à Primeira Entrevista pela Estagiária E2;

E-E1/2 – Respostas à Segunda Entrevista pela Estagiária E1;

E-E2/2 – Respostas à Segunda Entrevista pela Estagiária E2;

RIE-E1 – Relatório da Intervenção Educativa da Estagiária E1;

RIE-E2 – Relatório da Intervenção Educativa da Estagiária E2)

Categoria	Subcategoria	Origem	Unidades de Sentido
Envolvimento na Prática Pedagógica	Motivações, expectativas e preocupações	E-E1/1	→ o aproveitamento deste estágio em relação ao futuro. É a última oportunidade que nós temos de observar alguém, portanto que nos poderá dar algumas bases para o futuro profissional e...
		E-E2/1	→ é o nosso último ano... é um estágio, é complicado, é complicado, é muito extenso, é três meses... é que no ano passado foi só uma semana e este ano já são seis semanas...
		E-E2/1	→ Mas eu, com a ajuda da professora, e dos outros professores acho que vai ser importante...
		E-E1/1	→ é a última oportunidade de mostrar aquilo que valemos
		E-E1/1	→ Esta é a disciplina que ... fundamental do nosso curso, quer dizer... porque é aqui que nós aprendemos. Porque é aqui que estamos em interação com os alunos...
		E-E1/2	→ ... correspondeu bastante às nossas expectativas. Essencialmente, não só a nível profissional como a nível pessoal. Deu-nos, também, muita carga (como é que eu hei-de dizer...) de maturidade... a mim, essencialmente, força e segurança para continuar agora... Para iniciar esta nova fase!
		E-E1/2	→ Para me relacionar com as crianças, é necessário maturidade, é necessária, também, muita preparação em relação a muitas respostas que têm que se dar em certas situações... Porquê?... porque é necessário uma experiência de vida diferente daquela a que estávamos habituadas até então... E, também, maturidade a nível

Envolvimento na Prática Pedagógica	Motivações, expectativas e preocupações	E-E2/2 E-E2/2 E-E2/2 RIE-E1 RIE-E1 E-E2/2	profissional relacionada com conteúdos já que nós nunca tínhamos estado num 1º ano; → Verificou-se evolução, o que era de esperar! → É na prática que se aprende. E, por isso, devia haver mais tempo de prática. Mais tempo de prática! → Nós sempre quisemos evoluir, queríamos sempre muito mais... → Se, por um lado, estava radiante pelo simples facto de poder intervir durante doze semanas, numa escola, numa turma, com um grupo de crianças que seriam, certamente, genuínas; por outro lado, sabia que seriam bastantes as dificuldades, as incertezas, os medos. → Pois eu estava num ambiente que sempre sonhei! Eu estava a fazer o que eu realmente quero fazer no meu futuro. → Nós sempre quisemos evoluir, queríamos sempre muito mais...
Categoria	Subcategoria	Origem	Unidades de Sentido
Imersão na sala de aula: Desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem	Observar para conhecer o contexto	E-E1/1 E-E2/2 E-E1/1 E-E1/1 E-E2/1	→ ... é de salientar que foi a primeira vez que observei este método de trabalho. Portanto, até agora, tenho estado noutras realidades e neste momento vim para uma com um método de trabalho que eu nunca tinha... → Tivemos capacidade de visualizar os problemas, daquele menino, tivemos essa facilidade... julgo que foi uma mais valia... foi termos esta capacidade de facilmente visualizarmos as dificuldades, os pontos fracos, os próprios pontos fracos e pontos fortes, dos próprios alunos e ajudá-los. → conhecer não só a turma, as características da turma, essencialmente isso, porque só assim é que conseguimos ter a noção do meio onde estamos a trabalhar, as estratégias que temos de utilizar e tudo mais... → ... tudo isso veio reflectir-se agora nas nossas planificações ... e também conhecer a metodologia utilizada pela professora... este método tem a sua planificação específica que é para o ensino global. → Para conhecer a turma e conhecer a professora. Conhecer a maneira como ela falava com os alunos, as

Imersão na sala de aula: Desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem	Observar para conhecer o contexto	E-E1/1 E-E2/1 RIE-E2	actividades... → Percepcionámos essencialmente qual, quais as acções que se desenvolviam nesta sala para darmos seguimento → É conhecer a turma e é conhecer a professora também. → Durante a fase de observação já tinha constatado que a professora cooperante era uma professora bastante experiente, amiga, com uma atitude face à profissão bastante positiva e dedicada e, acima de tudo, com uma simplicidade notável.
Imersão na sala de aula: Desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem	Tomar decisões de organização curricular	E-E1/1 E-E2/2 RIE-E2 RIE-E1 RIE-E1 RIE-E2	→ ... já sabemos que ao longo destas semanas temos que criar actividades adequadas ao ritmo deles e ao nível de aprendizagem. → Em termos em atenção o programa de 1º Ciclo... também, já tínhamos sido direccionados para o programa mas nunca, na realidade... temos de ter em conta que aquele programa tem de ser cumprido, e, portanto... também, foi bom, porque também tivemos essa visualização. → O facto de estarmos a estagiar num 1º ano de escolaridade, foi um desafio de grande responsabilidade, pois a ansiedade e a pressão são constantes. → Assim, procurámos dar continuidade ao trabalho desenvolvido pela professora cooperante, relativamente ao cumprimento de regras de sala de aula (...), procurámos desenvolver trabalhos a pares e em grupo (...), procurámos continuar com a atribuição de responsáveis para a realização de tarefas da sala de aula (...), instituímos a T.E.A. (...), com o preenchimento de um P.I.T. (...), desenvolvemos um Trabalho de Projecto sobre Os Animais, entre outros momentos que atenderam ao carácter transversal das aprendizagens. → Assim, de forma determinada e com o apoio da professora cooperante, decidimos colocar as mesas em grupo, apesar de exigir que todos os dias tivéssemos que alterar a disposição das mesas. → (...) procurámos assegurar o equilíbrio entre a continuidade das opções metodológicas da professora

			cooperante e a implementação de novas propostas, a fim de criar um ambiente propício à promoção de aprendizagens(...).
Imersão na sala de aula: Desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem	Organizar e gerir a acção pedagógica	E-E1/1 E-E1/1 RIE-E1 RIE-E1 RIE-E2	<p>→ ... isto são actividades que se fazem para o dia a seguir e é muita coisa para se fazer, são as planificações, são as actividades, são os alunos,...</p> <p>→ termos a noção de quais são as crianças que têm dificuldades, quais são os alunos que estão em situação intermédia e quais são os bons quer dizer os alunos que já se destacam a nível positivo. Porquê? Porque para os alunos que têm dificuldades temos que desenvolver um tipo de actividades, para os intermédios outras e para os bons outras. Não os podemos obrigar a recuar... É desenvolver os que estão num patamar mais elevado, quer dizer, é não fazer tudo igual...</p> <p>→ O facto de estarmos perante uma metodologia nunca antes presenciada, com estratégias nunca antes utilizadas, com uma professora que não conhecíamos, colocou-nos numa posição inicial bastante insatisfatória.</p> <p>→ De início sentimos algumas dificuldades em seguirmos a metodologia utilizada. Contudo, após uma reunião com a professora cooperante e a professora T, realizámos um balanço das actividades desenvolvidas até então, delineámos metas e procurámos estratégias para irmos cada vez mais ao encontro dos objectivos que nós definimos. Penso poder afirmar que foi a partir deste momento que conseguimos iniciar um processo significativo.</p> <p>→ No início da minha intervenção, a insegurança, o medo de falhar, a ansiedade foram sentimentos que se apoderaram de mim.</p>
Imersão na sala de aula: Desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem	A relação com os alunos	E-E1/2 E-E2/2	<p>→ Eles viam-nos, sempre, como três pessoas dentro da sala de aula que os podiam ajudar... nós apostávamos muito no Tempo de Estudo Autónomo, nas actividades em grupo... ou seja, éramos três adultos, cada adulto ia a um grupo, e ajudava...</p> <p>→ Um grande ponto forte foi a relação que estabelecemos com a turma, portanto desde o início nós tivemos logo grandes afinidades com... em relação à</p>

		E-E2/2	turma. → No início, eu ... nós estávamos preocupadas era com os meninos. ...
		E-E1/2	→ ... tanto que os textos que eles escreviam eram: Eu tenho três professoras... Nós somos dezanove meninos, com três professoras... Não diziam: com uma professora, ou com... eram três professoras... Era uma vez dezanove meninos com três professoras...
Imersão na sala de aula: Desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem	Efeitos na aprendizagem dos alunos	E-E1/2	→ ... a professora C dizia: eles têm de chegar ao final do ano a saber ler e a escrever. E nós sentimos essa responsabilidade.
		E-E1/2	→ Porque se nós evoluirmos a turma evolui...
		E-E2/2	→ Contávamos os que sabiam ler... os que estavam a começar a ler, e agora, no final começámos a contar os que não sabiam ler.
	Efeitos na aprendizagem dos alunos	E-E1/2	→ ... estamos a fazer as grelhas de avaliação, que nós fizemos mensalmente, e... é engraçado agente passar daquele amarelo (mais ou menos) para o verde, em que eles já liam,...
		E-E2/2	→ Lembra-te da Directora, ...que entrou na sala de aula, um dia e disse que vinha à sala de aula dar os parabéns à turma, porque passou na biblioteca e a professora P. disse-lhe que estes alunos estavam a ler muito bem... Que mostraram muito entusiasmo em ir buscar livros... E nós ficámos todas contentes, não é?!
		E-E2/2	→ Ponto fraco: ... nós próprias sofremos, e, por isso pode ter-se, também revelado nos próprios alunos. ... eles acompanharam aquela nossa primeira fase que não foi tão boa, e, portanto se tivessem a própria professora deles, se calhar tinha desenvolvido um melhor trabalho naquela fase...
Imersão na sala de aula: Desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem	Efeitos na aprendizagem dos alunos	E-E1/2	→ Houve aquele período, que se calhar a evolução deles podia ter ocorrido mais cedo, mas desde que se tenha verificado uma evolução nos alunos é sempre bom...
		E-E2/2	→ É fascinante como é que eles assimilavam aquelas palavras tão rapidamente e no dia a seguir conseguiam visualizá-las.
		E-E1/2	→... nós desenvolvemos um trabalho, que era o “Projecto dos Animais”, e que elas também queriam

<p>Imersão na sala de aula:</p> <p>Desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem</p>	<p>Efeitos na aprendizagem dos alunos</p>	<p>E-E2/2</p> <p>E-E1/2</p> <p>E-E2/1</p> <p>RIE-E1</p> <p>RIE-E1</p> <p>E-E2/2</p> <p>RIE-E1</p> <p>RIE-E1</p>	<p>fazer. E, claro que fizeram, não como os outros, mas fizeram o trabalho. E a nível de comunicação, uma das meninas que tinha necessidades educativas especiais foi a melhor a apresentar o trabalho.</p> <p>→ ... ela queria fazer aquilo que os outros estavam a fazer! E foi um momento que ela teve para fazer a mesma coisa que eles, e ela foi a melhor.</p> <p>→ E, é engraçado ter esse trabalho, porque, apesar de tudo, de ser uma menina com necessidades educativas especiais, há várias actividades em que ela está ao nível dos outros. É engraçado perceber isso.</p> <p>→ E acho que eles assim estão a... estão a conseguir progredir na aprendizagem. Há meninos que não conseguiam quase ler e agora quando estamos ao pé deles já começam a ler ...</p> <p>→ E, por outro lado, sentíamos que estas nossas dúvidas e hesitações estavam a prejudicar o processo de aprendizagem daquele grupo de crianças que haviam iniciado a escolarização. No entanto, com muito trabalho e dedicação, penso que conseguimos atingir os nossos objectivos.</p> <p>→ É de referir que no final da nossa intervenção, os alunos já tinham uma participação mais activa lendo, avaliando e propondo alternativas para o trabalho a ser desenvolvido.</p> <p>→ ... eles sofreram essa experiência no início. E isso não é tão gratificante para nós, porque nós sabemos à partida que aquela fase não foi tão boa. Muito bem... depois “lá para a frente”, conseguimos evoluir e isso revelou-se nos alunos. Mas podia não ter acontecido... e se não acontecesse?</p> <p>→ No que diz respeito ao sentido de cooperação e inter ajuda, através das actividades em grupo e a pares, dos trabalhos de projecto, dos trabalhos realizados durante o TEA e da Assembleia de Turma, conseguimos que os alunos se envolvessem e revelassem alguma evolução</p> <p>→ Não poderia deixar de mencionar, de uma forma mais particular, a felicidade que senti ao trabalhar com a Jéssica e com o Nuno as crianças com n.e.e.</p>
---------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>Imersão na sala de aula: Desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem</p>	<p>Efeitos na aprendizagem dos alunos</p>	<p>RIE-E2 RIE-E2 RIE-E2 RIE-E2</p>	<p>existentes no meu grupo-turma). Nunca pensei vir a sentir tanta satisfação em verificar a progressão destes dois alunos. (...) É com muita alegria que afirmo termos «conseguido!</p> <p>→ É de salientar o facto de, no início deste tempo, os alunos produzirem pequenos textos, houve mesmo textos de duas linhas, e no final destes momentos, em meados de Março, os alunos já produziam textos maiores, com sentido, com palavras novas e sobretudo diversificadas.</p> <p>→ Penso que, na área de Língua Portuguesa, desenvolvemos um trabalho que permitiu aos alunos desenvolverem as suas capacidades de leitura, escrita e comunicação oral.</p> <p>→ A meu ver, não foi benéfico para os alunos esta «oscilação», pois foram eles quem mais sofreram, estagnando em vez de progredirem.</p> <p>→ A evolução dos alunos foi sem dúvida um dos aspectos que não posso deixar de referenciar como positivo, pois se nos primeiros tempos contávamos os alunos que sabiam os conteúdos abordados, no final já contávamos os alunos que tinham dificuldades.</p>
<p>Categoria</p>	<p>Subcategoria</p>	<p>Origem</p>	<p>Unidades de Sentido</p>
<p>Imersão na Sala de Aula: Percurso de aprendizagem e construção de conhecimento profissional</p>	<p>Do conhecimento teórico ao conhecimento teórico-prático</p>	<p>E-E2/1 E-E2/1 E-E1/1 E-E1/2</p>	<p>→ ... se eu achasse que não era este o meu curso... Primeiro para achar que este era o meu curso eu tinha que ter, ver-me perante uma turma. E eu só me apercebi disso quando estive perante uma turma então uma pessoa se estiver à espera desse momento só chega a esse momento para aí no 3º ano...</p> <p>→ E só quando começámos a dar as aulas a semana passada e esta semana é que deu para perceber.</p> <p>→ Aprendemos as bases. Aprendemos basicamente. Aprendemos a parte teórica do que se entendia por Tempo de Trabalho Autónomo, por este método, por método global e também por outro tipo de métodos para também termos outra noção do que é que se faz em outro tipo de trabalho... Da diferenciação pedagógica, quer dizer as bases para aquilo que estamos aqui a viver.</p> <p>→ Eu acho que “aqui” (na <i>I.E.S.</i>), também, se aprende,</p>

		RIE-E1	<p>mas, acho que na sala de aula e com os alunos, aprende-se mesmo!</p> <p>→ (...) existem aspectos que, na minha opinião, não foram suficientemente trabalhados e que se reflectem em fragilidades que senti, essencialmente neste último ano de intervenção. Por exemplo, o facto de trabalharmos com um método que nunca, em tempo algum, o havíamos observado. (...) nos livros as coisas são mais simples, na realidade encontramos sempre algumas dificuldades (...).</p>
Imersão na Sala de Aula: Percurso de aprendizagem e construção de conhecimento profissional	Evolução na aquisição de conhecimento teórico-prático	E-E1/1	<p>→ ... correspondeu bastante às nossas expectativas. Essencialmente, não só a nível profissional como a nível pessoal. Deu-nos, também, muita carga (como é que eu hei-de dizer...) de maturidade... a mim, essencialmente, força e segurança para continuar agora... Para iniciar esta nova fase!</p>
		E-E1/2	<p>→ Para me relacionar com as crianças, é necessário maturidade, é necessária, também, muita preparação em relação a muitas respostas que têm que se dar em certas situações... Porquê?... porque é necessário uma experiência de vida diferente daquela a que estamos habituadas até então... E, também, maturidade a nível profissional relacionada com conteúdos já que nós nunca tínhamos estado num 1º ano;</p>
		E-E2/2	<p>→ Verificou-se evolução, o que era de esperar!</p>
		E-E1/2	<p>→ E, isso é um ponto bastante forte, porque, é bom os alunos terem crescido, e, é bom nós também termos crescido. É bom termos crescido todos juntos!... formação pessoal também já disse que crescemos...</p>
		E-E1/1	<p>→ ... até agora eu só tinha percebido a nível da diferenciação pedagógica eu apenas fazia referência às crianças com dificuldades. Nunca tinha pensado para as que têm as grandes... quer dizer que se destacam de uma forma positiva...</p>
		E-E1/1 e E2/1	<p>→ Já aprendemos a trabalhar o método global...</p>
		E-E2/1	<p>→ Eu acho que dá para fazer muitas actividades lúdicas com os alunos...</p>
		E-E1/1	<p>→ Mais criativas...</p>
		E-E2/1	<p>→ Trazem as vivências deles aqui para dentro da sala e formam os textos, as palavras, ah trabalham ... parece</p>

<p>Imersão na Sala de Aula: Percurso de aprendizagem e construção de conhecimento profissional</p>	<p>Evolução na aquisição de conhecimento teórico-prático</p>	<p>E-E2/2</p> <p>E-E2/2</p> <p>E-E1/2</p> <p>E-E2/2</p> <p>E-E1/2</p> <p>E-E1/2</p> <p>E-E1/2</p> <p>E-E2/2</p> <p>E-E1/2 p.23</p> <p>E-E2/2</p>	<p>que são eles que ... a dar a volta ... são eles que fazem as palavras, eles é que fazem as frases, eles é que fazem os textos... acho que é mais motivador para eles. Por isso é que eles ficam todos contentes, “ah, é o meu texto; sou eu a ler o meu texto; é o meu texto”...</p> <p>→ Eu aprendi muito em termos de trabalho; do que é estar a trabalhar numa escola. Que tipo de trabalho é que temos de desenvolver com os alunos... Uma coisa é nós estarmos aqui na escola e aprender a teoria, outra coisa é estar “lá” e adequar os trabalhos aos diferentes meninos e ritmos que existem na sala de aula.</p> <p>→ Mas isso enriqueceu-nos bastante a nós! Conseguimos, mesmo, ver como é a realidade! Porque a diferenciação pedagógica é muito bonito estar a ler em livros mas, numa sala de aula, é diferente, não é?!... E acho que isso enriqueceu-nos bastante.</p> <p>→ Também deu para definir bem, perceber bem, este conceito de diferenciação pedagógica.</p> <p>→ Aprendemos... uma metodologia diferente ... A metodologia utilizada, o ano de escolaridade, porque, também, nunca tínhamos estado num 1º ano de escolaridade... Alguns conteúdos que também nunca tínhamos trabalhado.</p> <p>→ Aprendemos, os métodos... O método, tanto na Língua Portuguesa... que foi bastante importante.</p> <p>→ quando fomos nós a intervir, as coisas já começaram a fazer sentido.</p> <p>→ Nós também aprendemos muito com os meninos com necessidades educativas especiais...</p> <p>→ Eu acho que esta foi a grande aprendizagem... com os meninos com NEE, aquela que me deu mais prazer. Foi algo que eu não tinha noção nenhuma, não tinha qualquer noção de como é que ocorria. E, deu-me mesmo muito prazer, mesmo, muito prazer!</p> <p>→ ... afinal eles sabem ler! Mas, fazia-nos confusão, porque não estávamos dentro do assunto... era só a teoria...</p> <p>→ Mas, ainda, queria frisar outro aspecto, em termos de aprendizagens: eu nunca tinha trabalhado com uma criança com necessidades educativas especiais, mas já</p>
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>Imersão na Sala de Aula: Percurso de aprendizagem e construção de conhecimento profissional</p>	<p>Convicções e crenças</p>	<p>E-E1/2 p.23</p> <p>E-E1/2 p.24</p> <p>E-E1/2 p.24</p> <p>E-E2/2 p.17</p> <p>E-E1/2 p.30</p> <p>E-E1/1 p.4</p> <p>E-E1/2 p.21</p> <p>RIE-E1</p> <p>RIE-E1</p>	<p>calhar até a professora cooperante está a aprender (risos).</p> <p>→ É engraçado e trabalhar sobre esse método, com esse método em termos de aprendizagem para nós, foi muito, muito bom.</p> <p>→ ...eu, sinceramente, se tiver um 1º ano, eu vou ficar dividida: porque, foi o que a professora C disse na reunião aos pais, que eles tinham de confiar na experiência que a professora C, já tinha, para este novo método. E nós, se calhar para o ano, que experiência... nós não temos experiência para dizer aos pais: olhem confiem em mim que é o meu primeiro ano que estou a dar aulas, confiem em mim... é diferente. E é um método que nem todos pais conhecem...</p> <p>→ Eu, sinceramente... É assim, eu estou tentada a trabalhar o método global, não é? Porque aprendemos agora, e está fresquinho... e resulta...</p> <p>→ Eu acho que, sinceramente, dentro de uma sala de aula, o professor dentro da sala de aula: nós já temos conhecimento do trabalho que temos de desenvolver...</p> <p>→ Super positivo! (risos das duas) Foi um estágio bastante produtivo! Para já, porque ainda estivemos um bom tempo com os alunos estivemos 3 meses, mais aqueles meses de observação e acho que foi muito bom para nós... de todos os estágios, também foi o que passámos mais tempo. ... Valeu a pena!</p> <p>→ ... sabemos que... que é só uma dentro da sala. ... Quando eu for professora, isto vai ter que ser de uma forma mais lenta.</p> <p>→ Nós crescemos dentro daquela sala de aula (desde o primeiro dia) desde 9 de Janeiro até ao dia 21 de Abril, nós crescemos... imenso! Eu acho, eu falo por mim, crescemos muito!</p> <p>→ (...) vim a descobrir imensas dúvidas, incertezas e medos. Afinal, tal como a professora T refere, «não existem receitas», as crianças não são todas iguais, os contextos não são todos iguais, enfim, são mais as diferenças que as semelhanças.</p> <p>→ Contudo, após uma reflexão do que se estava a passar comigo, concluí que desta forma só</p>
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Imersão na Sala de Aula: Percurso de aprendizagem e construção de conhecimento profissional	Convicções e crenças	RIE-E2 RIE-E2	<p>«prejudicava» os alunos e isso era tudo o que eu não queria! Uma coisa era eu me prejudicar sozinha, outra, é prejudicar juntamente comigo os alunos.</p> <p>→ Penso que esta evolução resulta do bom trabalho que desenvolvemos durante a nossa intervenção, sinal que identifica o «bom» trabalho que foi realizado e o espírito de grupo por parte das estagiárias e da professora.</p> <p>→ Sei que não deve ser fácil para uma professora interromper o trabalho que estava a desenvolver com os alunos para abrir as portas da sua sala de aula a duas estagiárias, contudo, a meu ver, penso que seja uma mais-valia, pois se houver cooperação, empenho, respeito, partilha, é mais fácil estar numa sala de aula três adultos em vez de um, e isto é benéfico em termos de acompanhamento individual a cada aluno.</p>
Categoria	Subcategoria	Origem	Unidades de Sentido
Dimensão Interpessoal supervisiva: aprender a analisar a prática educativa	Interações com a professora cooperante	E-E2/1 E-E1/1 E-E2/2 E-E2/2 E-E1/2 E-E1/2 E-E1/2 E-E2/2	<p>→ Há uma responsável pela aula, que fala e diz as coisas, e as outras duas estão a colaborar com ela, ou seja, estão a ajudá-la. Somos três, dividimo-nos e vamos ajudar os meninos que têm mais dificuldade.</p> <p>→ Isto é possível porque somos três e já que somos três temos que aproveitar essa, essa oportunidade.</p> <p>→ Eu acho que o papel mais importante foi, sem dúvida, o da professora cooperante. Acho que foi..., para além de estar a trabalhar connosco,... era... apoiava-nos em tudo...</p> <p>→ ... a única pessoa que estava sempre connosco era a professora cooperante... acho que o papel fundamental foi da professora cooperante.</p> <p>→ ... todos chegaram a um consenso que, quando começaram a fazer o que a professora cooperante lhe dizia, que as coisas correram melhor!</p> <p>→ ... em relação a sentimentos: a avaliação da professora cooperante passou a ser rotina, portanto, acabei por me “desligar” um pouco da avaliação porque..., quer dizer...</p> <p>→ Também a professora cooperante era muito experiente, não é?</p> <p>→ E ajudou-nos imenso.</p>

Dimensão Interpessoal supervisiva: aprender a analisar a prática educativa	Interações com a professora cooperante	E-E1/2	→ E acho que a professora cooperante ... a experiência que ela tem... foi fabulosa mesmo.
		E-E1/2	→ Éramos três!
		E-E2/2	→ Apesar de só haver uma responsável por “aquela” semana, eram três que ajudavam!
		E-E2/2	→ ... ponto forte: a boa relação que estabelecemos com a professora cooperante, foi essencial.
		E-E1/2	→ Ponto forte, eu concordo com a E2: a relação que estabelecemos com os alunos e com a professora cooperante. Eu acho que logo desde... se calhar desde a primeira semana de estágio que houve uma cumplicidade, muito grande, entre nós todos.
		E-E1/2	→ Acho que... um grande ponto forte é a nossa boa relação com os alunos e com a professora cooperante.
		E-E1/2	→ Outro ponto forte foi: os conhecimentos e os saberes que a professora cooperante nos transmitiu, e nos ajudou a... (como é que se diz) ajudou a crescer, porque nós crescemos!
		E-E1/2	→ E outra sugestão que eu dou é para os colegas que vierem; é: tudo o que a professora cooperante disser, para eles aproveitarem... é sagrado, tudo!
		E-E2/2	→ Quer dizer, depende um bocado, se tiverem uma boa cooperante como nós tivemos... Porque se tiverem o azar de ter uma má cooperante, uma má profissional, isso pode ser, também, uma grande desvantagem...
		E-E2/2	→ Agora o problema é, se estiverem a ser acompanhados por uma professora cooperante que é má profissional!
		RIE-E1	→ Também como aspecto positivo, gostaria de referir a boa relação que estabelecemos quer com os alunos, quer com a professora cooperante, as quais nos permitiram desenvolver um ambiente de respeito e afectividade.
		RIE-E1	→ Relativamente à professora cooperante, apesar de sentir que, no início, não depositava muita confiança em nós, sentindo a sua preocupação pelo caminho que a nossa intervenção poderia seguir, foi sempre incansável, apoiando-nos e demonstrando-se sempre disposta para nos ajudar.
		RIE-E1	→ A professora cooperante é a professora que mais

<p>Dimensão Interpessoal supervisiva: aprender a analisar a prática educativa</p>	<p>Interações com a professora cooperante</p>	<p>RIE-E1</p> <p>RIE-E2</p> <p>RIE-E2</p>	<p>conhece o contexto em que estávamos inseridas, por isso é a pessoa mais indicada para nos ajudar.</p> <p>→ ... até que “acertámos os pontos” e falámos com a professora cooperante – que é quem melhor conhece os alunos, que sabe o ritmo dos alunos – e “desligámo-nos” um pouco dos professores tutores, mas sempre a ouvir a opinião deles, e começámos trabalhar mesmo com a professora cooperante e, foi a partir daí, que demos um grande “salto”..., que as coisas começaram a correr muito bem, mesmo!...</p> <p>→ (...) foi constantemente uma professora que demonstrou sempre uma grande preocupação com a nossa intervenção, pois queria o melhor para todos nós, estagiárias e alunos.</p> <p>→ A reviravolta aconteceu quando optámos por seguir os conselhos/opiniões da professora cooperante, pois mais do que ninguém é ela que conhece a turma/os alunos. Foi assim que conseguimos crescer juntamente com os alunos e foi desta forma que o estágio mudou de «cor» e tomou o rumo certo, ou seja, desenvolvimento de competências ligadas à aprendizagem.</p>
<p>Dimensão Interpessoal supervisiva: aprender a analisar a prática educativa</p>	<p>Conferências de supervisão com a professora cooperante</p>	<p>E-E2/2</p> <p>E-E1/2</p> <p>E-E1/2</p> <p>E-E1/2</p> <p>E-E1/2</p>	<p>→ A professora C sempre nos apoiou em termos da planificação</p> <p>→ ... todos os feedbacks que a professora ia dando, nós íamos aceitando. ... Eu acho que..., por acaso, nós somos pessoas humildes, e que aceitamos tudo o que nos dizem... Nós achamos que é para nosso bem, não é?... Porque é assim..., mais do que ninguém, a professora cooperante quer que aquela turma evolua, não é?... Mais do que ninguém! E então, todos os feedbacks que ela nos dá, de certeza que é para a turma evoluir, assim como nós!</p> <p>→ Acho que foi bastante bom... porque, todos os feedbacks que ela dava eram importantes!</p> <p>→ E nós, claro, aproveitávamos a opinião dela e nas outras actividades lá tentávamos melhorar, de acordo com aquilo que ela tinha falado...</p> <p>→ Quase sempre fazíamos todos os dias reflexão do trabalho, em termos de actividades. Depois marcávamos sempre uma reunião à quarta-feira, outras</p>

<p>Dimensão Interpessoal supervisa: aprender a analisar a prática educativa</p>	<p>Interações com a equipa de tutoria</p>	<p>E-E2/2 E-E1/2 E-E2/2 E-E1/2 E-E1/2 E-E1/2 E-E2/2 E-E2/2 E-E2/1 E-E1/1 E-E1/1</p>	<p>depois, à hora que nos podiam atender, nós já não podíamos... é um pouco confuso...</p> <p>→ Fomos pedir ajuda a alguns professores, só em termos das actividades – já formuladas - mas já vistas com a professora com a professora cooperante... para ver se era mesmo assim...</p> <p>→ E eles apenas ajudavam-nos em algumas dúvidas...</p> <p>→ Foi sobretudo no início que procurámos os professores, foi... mais quando... no início... para ver as actividades.... algumas actividades...</p> <p>→ quando estamos a ser avaliadas pela professora cooperante...Ela já está, à partida, a par daquilo que vai acontecer; ao contrário dos outros professores que têm uma agenda, mas não sabem bem...</p> <p>→ Quando vinha alguém da equipa de tutoria era o tal “elemento estranho”... e que nós, também, nos ressentíamos um pouco...ao início..., depois já não.</p> <p>→ É difícil porque são poucos professores e eles não acompanham só o quarto ano... Eles estão a acompanhar o quarto e o terceiro ano.</p> <p>→ Mas eles estão sempre... a maior parte deles estão... estavam disponíveis... E, houve grupos que aproveitaram.</p> <p>→ Foi lá, passadas duas semanas, e, para mim, foi um dos piores “Ler, contar e mostrar” que aconteceu! E foi o único, neste estágio, o “Ler, contar e mostrar” que correu mal!... é que, depois, o professor não foi mais... não foi ver mais... E se ele leva esta impressão com ele? Não é bom para nós, não é? ... Ele observou-nos três vezes; duas correram bem, a última correu mal...</p> <p>→ É ajudar-nos nas actividades, nas actividades de português, de matemática. Mostramos imensas coisas. Acha que está bem, que não está bem, o que é que podíamos fazer... perguntamos a opinião deles.</p> <p>→ é principalmente perguntarmos nas actividades em que sentimos mais dificuldades.</p> <p>→ Nós ainda não falámos, porquê? Porque nós falamos muito com a professora cooperante e a professora cooperante... quando nós realmente sentirmos dificuldades, recorreremos então aos professores.</p>
----------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>Dimensão Interpessoal supervisiva: aprender a analisar a prática educativa</p>	<p>Interações com a equipa de tutoria</p>	<p>E-E1/2 RIE-E1 RIE-E1 RIE-E2 RIE-E2 RIE-E2</p>	<p>→ e tivemos com o professor responsável pelo nosso grupo, que era o professor A, da área das ciências sociais. E que também, cada vez que... ele observou-nos três vezes, e das três vezes ficámos lá e falámos: eu, a E2, o professor e a professora. Falámos os quatro sobre como correu, a professora dava a opinião... Tanto que, daquela vez – do “Ler, Contar e Mostrar”, a professora disse: que não... que não sabe o que se passou... mas são dias... que não tem corrido assim... e dava a sua opinião.</p> <p>→ (...) andávamos a tentar conciliar o que a professora cooperante dizia, com o que diziam os professores na IES e, na prática, os resultados não estavam a ser muito animadores. Nós próprias sentíamos isso, as actividades não nos faziam sentido.</p> <p>→ Sempre que precisei de apoio, de retirar dúvidas, um simples esclarecimento, estes nunca me foram negados. (...) Posso afirmar que em momentos de desânimo e cansaço, este apoio foi-me bastante útil e gratificante.</p> <p>→ Sei que posso recorrer aos professores sempre que necessitar, caso estejam disponíveis, claro!</p> <p>→ Outro aspecto menos positivo refere-se à estagnação dos alunos nas primeiras semanas de intervenção devido à nossa «oscilação» entre a professora cooperante e a equipa de tutoria. Não sabermos a quem «agradar»!</p> <p>→ Sei que a equipa de tutoria estava sempre pronta para nos ajudar sempre que fosse necessário, mas por vezes o que era discutido com eles não fazia sentido para o contexto onde estávamos inseridas (...).</p>
<p>Dimensão Interpessoal supervisiva: aprender a analisar a prática educativa</p>	<p>Espaços de reflexão com a professora cooperante e a coordenadora-tutora</p>	<p>E-E2/2</p>	<p>→ ... os professores tutores e a professora cooperante...acho que, devia haver uma reunião com os professores, com a professora cooperante e connosco para que a professora cooperante, que é a pessoa que conhece melhor a turma, poder falar com os professores tutores...porque nós andámos aqui, ao princípio, um pouco: a professora cooperante dizia-nos uma coisa para a planificação (no seguimento que ela queria dar) e depois os professores tutores, que não conheciam a turma, já iam por “outros caminhos “...e, nós, andámos</p>

<p>Dimensão Interpessoal supervisiva: aprender a analisar a prática educativa</p>	<p>Espaços de reflexão com a professora cooperante e a coordenadora-tutora</p>	<p>E-E2/2 E-E2/2 E-E2/1 E-E1/2 RIE-E1 RIE-E1</p>	<p>aqui... um pouco confusas....;</p> <p>→ Então, nós, a professora cooperante e a professora T, tivemos todas uma reunião e decidimos começar a pôr sentido nas coisas... Porque..., tipo, a matemática eram actividades soltas, que não estavam ligadas...e não queríamos isso! Achámos que os meninos não estavam a aprender, nem nós! E então, a partir desse momento, as coisas começaram a fazer sentido para todos...e depois correu tudo muito bem... Acho que devia haver um “acerto”!</p> <p>→ a partir desse momento é que, houve essa reunião, esse “acerto” de linguagens e de quem é que fala o quê..., quem é que diz o quê...</p> <p>→ Primeiro aqui com a professora cooperante e depois lá.</p> <p>→ Naquela reunião... Nós tivemos uma reunião, foi uma reunião de avaliação com a professora cooperante, onde a professora T esteve. Foi muito importante para nós. A professora disse que adorou a reunião, e que até ficou com vontade de ir trabalhar para a escola connosco... Foi, foi o único momento que estivemos assim...</p> <p>→ A certa altura sentimos que as actividades não faziam sentido para as crianças, nem mesmo para nós. (...) reunimo-nos com a professora cooperante e com a professora T e discutimos o que se tinha vindo a suceder, definimos metas e procurámos então desenvolver estratégias para as alcançar.</p> <p>→ O primeiro momento de avaliação do nosso projecto de intervenção foi bastante importante, especialmente para reforçar a nossa preocupação em direccionarmos a nossa acção para aquele contexto determinado. Realizámos uma reunião com a professora C. e a professora T, onde fizemos um balanço do trabalho desenvolvido até então e identificámos algumas acções a melhorar e outras a implementar.</p>
<p>Dimensão Interpessoal supervisiva: aprender a</p>	<p>Seminários</p>	<p>E-E1/2</p>	<p>→ Eu acho que foram importantes. Principalmente para a partilha de materiais, porque nós, infelizmente, calhámos” com um grupo de colegas que tem alguma dificuldade em partilhar os materiais, o que não é bom.</p>

<p>analisar a prática educativa</p>	<p>Seminários</p>	<p>E-E1/2</p> <p>E-E1/2</p> <p>E-E2/2</p> <p>E-E1/2</p> <p>E-E2/2</p> <p>E-E1/2</p> <p>RIE-E1</p> <p>RIE-E2</p> <p>RIE-E2</p>	<p>→ E depois foi engraçado, quando nós começámos a apresentar os nossos materiais, nas semanas a seguir, já nos vinham dizer: ah os vossos materiais... aquilo que fizeram? Olha, o que é que vão fazer em música?</p> <p>→ Nunca estive a equipa tutora, toda, num seminário. ...Ia só um... Depois variou, houve uma vez que foi a professora de Língua Portuguesa ... a professora de Matemática, também, foi a um. Falámos dos problemas e dos materiais... a professora T e o professor de Expressão plástica também esteve presente.</p> <p>→ Foi a única forma de perceber o que os outros estavam a fazer.</p> <p>→ É importante. Portanto, é importante... Porque é bom ver que, há... a mesma actividade e não é igual em todos os grupos... não corre bem, ou corre... é diferente e pode-se fazer diferente! Por exemplo, o Tempo de Estudo Autónomo: apesar de termos, quase todos, a mesma grelha, a mesma metodologia, são diferentes. É diferente, o trabalho em si é diferente.</p> <p>→ A nível da Matemática... Ouvimos os outros, vimos o que fizeram... começámos a ter mais cuidado, a introduzir materiais que fizessem parte das vivências dos alunos.</p> <p>→ Tipo o Trabalho de Texto, acho que foi um seminário, também, que foi bom... Acho que foi uma das coisa que correu muito bem.</p> <p>→ Como aspecto não tão positivo, gostaria de referir o ambiente de pouca cooperação e inter ajuda que se gerou entre os grupos de estágio na escola onde estagiei. Percebi que a competição a certa altura começou a surgir, o que prejudicou não só a relação entre colegas, mas de certo influenciou o trabalho desenvolvido na sala de aula.</p> <p>→ Foi muito triste para mim a inexistência de confiança e a competição, pouco saudável, que existiu perante os grupos de estágio da minha escola.</p> <p>→ Foi pena só nos apercebermos do trabalho que eles estavam a desenvolver nos seminários e «que bom que foi», pois só assim soube o que eles estavam a realizar e eles de mim, claro.</p>
--------------------------------------------	-------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Dimensão Interpessoal supervisiva: aprender a analisar a prática educativa	Seminários	RIE-E2	→ Um dos pontos fortes deste estágio foi, sem dúvida, os seminários de apresentação dos trabalhos desenvolvidos nas várias turmas e escolas. Na minha opinião, é de extrema importância esta partilha de ideias desenvolvidas durante o estágio, nos diversos contextos e anos de escolaridade uma vez que mostra um leque de diversidades de aprendizagens significativas e enriquecedoras, de ideias e trabalhos desenvolvidos.
Categoria	Subcategoria	Origem	Unidades de Sentido
Inserção na escola cooperante M.A.	Relação com os órgãos de gestão e outros agentes da comunidade educativa	E-E2/1 E-E2/1 E-E1/2 E-E1/2 E-E2/2 E-E1/2 E-E1/2 E-E1/2 E-E1/2 E-E2/2 E-E1/2 E-E1/2	→ ... a directora é uma pessoa espectacular. Sempre que nos encontra em qualquer parte aí da escola, falamos, pergunta-nos se estamos boas, se precisamos de alguma coisa. → Só com as professoras cooperantes que estão com os nossos colegas. Com os outros professores não... não... → Eu acho que a directora da escola é uma pessoa espectacular... → Falava sempre com um grande sorriso na boca, sempre: Olá bom dia, como estão? Precisam de alguma coisa? → Prestável... → Se precisarem de alguma coisa venham ter comigo. → ... a directora, por acaso, passou naquela altura e ficou logo... e, foi logo ao outro bloco buscar as tintas para nós, para nos ajudar, porque viu... E estava sempre a ser prestável... Sempre: Se precisarem de alguma coisa, eu estou aqui, venham ter comigo. → Em termos da biblioteca, também a professora P., penso eu também, espectacular! Quando íamos à biblioteca, sempre a pôr-nos à vontade com os alunos... → E os próprios auxiliares, o que é importante, porque... É bom mantermos uma boa relação com as auxiliares, porque sempre que precisamos de algum material convém também ter um apoio... → Eu gostei muito daquela escola, pelo ambiente todo... por todo o ambiente. → No que se refere às auxiliares da educação, durante toda a Intervenção, revelaram-se pessoas de uma simpatia inacreditável, amigas e sempre disponíveis

			para o que fosse necessário e possível.
Inserção na escola cooperante M.A.	Circuitos de comunicação e divulgação da prática pedagógica	RIE-E1 RIE-E2	<p>→ Devido à regularidade com que os nossos meninos se dirigiam à biblioteca, a certa altura a monitora começou a deslocar-se à nossa sala de aula para observar os trabalhos realizados pelos próprios alunos. Neste sentido, mantivemos uma relação muito próxima com a biblioteca e, por sua vez, com a monitora da mesma.</p> <p>→ Foi triste só no final do estágio podermos funcionar com um «grupo» de estágio para a actividade da Páscoa e que desse origem à interacção entre turmas. Até já tínhamos pensado em interagir com outra turma de um 1º ano que não tinha estagiários...</p>
Inserção na escola cooperante M.A.	Conhecimento e intervenção em dinâmicas de escola	E-E1/1 E-E2/1 E-E2/2 E-E1/2 E-E1/2 E-E1/2 E-E1/2 E-E2/2 E-E2/2	<p>→ Isso não, não tem conhecimento do funcionamento...</p> <p>→ Talvez um pouco ao nível do primeiro ano... têm reuniões... Os do primeiro ano reúnem, falam do método que estão a dar... Quer dizer trabalham em conjunto...</p> <p>→ ... havia reuniões, é, havia reuniões, mas nós não participávamos.</p> <p>→ Nós não participávamos nas reuniões.</p> <p>→ Eu acho que, sinceramente, dentro de uma sala de aula, o professor dentro da sala de aula: nós já temos conhecimento do trabalho que temos de desenvolver... Eu, pessoalmente (não sei da I) trabalhos extra sala de aula: eu não tenho muito conhecimento... Sei que os professores têm reuniões, por exemplo, com os mesmos anos lectivos costumam-se reunir... mas tipo, outras funções, porque os professores têm outras funções... eu, sinceramente, não estou dentro do... desse assunto.</p> <p>→ ... não estamos a par das coisas que se passam na escola, e, a mim preocupa-me um pouco, porque não sei bem o trabalho que vou ter...</p> <p>→ Que era importante para nós, se para o ano formos colocadas numa escola, já estarmos dentro do assunto. Já sabermos que há reuniões para aqueles órgãos, não é?</p> <p>→ ... não temos uma percepção, porque, também, não estivemos bem a par da situação, não é?</p> <p>→ As Visitas de Estudo, essencialmente. Nós</p>

<p>Inserção na escola cooperante M.A.</p>	<p>Conhecimento e intervenção em dinâmicas de escola</p>	<p>E-E2/2</p> <p>E-E1/2</p> <p>E-E2/2</p> <p>E-E2/2</p> <p>RIE-E1</p> <p>RIE-E2</p>	<p>utilizámos, de uma forma bastante gratificante, do projecto da escola, essas Visitas de Estudo... Por exemplo, a Visita de Estudo realizada ao Palácio de Queluz permitiu-nos abordar o conteúdo da Segurança Rodoviária, ...</p> <p>→ Portanto, julgo que foi dessa forma, com as visitas de estudo, que nós aproveitámos o... também relacionámos o Projecto Curricular de Escola com o nosso projecto...</p> <p>→ Pontos fracos: foi aquele aspecto, que agora se referiu em termos dos órgãos de gestão da escola que nós não temos conhecimento, e que eu gostava, sinceramente... gostava de estar mais dentro do assunto. Para um dia quando for dar aulas para saber o que é que é o trabalho do professor, não só na sala de aula, mas fora... o trabalho do professor ... em casa também já conhecemos um pouco, não é? (risos) O da sala de aula e em casa... Também é importante, o trabalho do professor em casa, não é? Não é só na sala de aula... em casa também é muito importante... e na escola... em si! Acho que isso é o ponto mais fraco deste estágio.</p> <p>→ E eu não sabia como é que isto funcionava, e eu queria saber, queria aprender.</p> <p>→ ... quer dizer, há sempre uma professora de apoio... E a professora cooperante está sempre “a par” com aquilo que a professora de apoio realiza. E está tudo interligado e a professora de apoio sabe o que se está a trabalhar, sabe quais são os textos e as palavras que estão a ser trabalhados.</p> <p>→ Durante o período de intervenção educativa, foi possível verificar que o Projecto Educativo de Escola (PEE) e o Projecto Curricular de Escola (PCE), por nós analisados aquando da concepção do Projecto de Intervenção, tinham uma influência directa no Projecto Curricular de Turma (PCT), constituindo um instrumento orientador da acção educativa.</p> <p>→ No meu parecer, os objectivos traçados pela professora cooperante estão articulados e coerentes com o que está definido ao nível da escola</p>
--------------------------------------------------	----------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>Inserção na escola cooperante M.A.</p>	<p>Conhecimento e intervenção em dinâmicas de escola</p>	<p>RIE-E2</p> <p>RIE-E2</p> <p>RIE-E1</p> <p>RIE-E1</p> <p>RIE-E1</p> <p>RIE-E1</p>	<p>→ A interacção entre o PCT e o PEE desenvolveu-se a partir de certas actividades, nomeadamente, na biblioteca da escola, de certas festividades como o Carnaval, como o jornal da escola e visitas de estudo.</p> <p>→ Em relação aos professores de apoio educativo, mais concretamente à professora de apoio educativo responsável por dois alunos da minha turma com NEE, esta demonstrou, durante toda a intervenção, a preocupação em manter uma ligação entre o trabalho desenvolvido na sala de aula com o trabalho que esta realizava com estes. Foi uma professora sempre atenta ao que se passava na sala de aula, mostrando-se sempre disponível para elaborar um trabalho em parceria connosco e com a professora cooperante.</p> <p>→ A interacção entre o PCT e o PCE verificou-se essencialmente com a participação do grupo-turma no Plano de Actividades da Escola, ou seja, através da visita de estudo ao cinema, com o visionamento do filme «Os Bravos do Pombal»; através da festa de Natal; o Desfile de Carnaval; Festa de S. Martinho; visita de estudo ao Teatro Politeama, com o visionamento do filme «Alice no País das Maravilhas»; uma sessão sobre a Higiene Oral, com a colaboração de duas enfermeiras; a visita de estudo ao Palácio de Queluz; a participação numa actividade desenvolvida pela biblioteca da escola, relativamente ao Início da Primavera, com a construção de uma flor (tulipa) por cada criança da sala de aula; com a participação no jornal da Escola e através da visita de estudo ao Parque da Serafina.»</p> <p>→ Contudo, e uma vez que a escola desenvolve actividades a fim de ajudar os alunos carenciados, foi possível arranjar o dinheiro necessário e a criança foi à visita. Neste contexto, apercebi-me de um esforço em assegurar a dita «igualdade de oportunidades».</p> <p>→ Durante o período de observação e intervenção, pude verificar que são diversos os actores educativos que intervêm no dia-a-dia deste contexto educativo e que asseguram o bom funcionamento do mesmo.</p> <p>→ No que respeita aos intervenientes que contactam</p>
--------------------------------------------------	----------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>Inserção na escola cooperante M.A.</p>	<p>Conhecimento e intervenção em dinâmicas de escola</p>	<p>RIE-E1</p> <p>RIE-E1</p> <p>RIE-E1</p> <p>RIE-E2</p> <p>RIE-E2</p> <p>RIE-E2</p> <p>RIE-E2</p>	<p>diariamente com as crianças, realço o papel dos auxiliares da acção educativa, a equipa educativa e a monitora da biblioteca. Creio que os auxiliares de acção educativa que estão em contacto permanente com as crianças, desempenham um papel imprescindível, acompanhando as crianças no recreio e colaborando com os professores noutras actividades, como é o caso das visitas de estudo.</p> <p>→ Relativamente à turma em que intervimos, pude constatar a existência de uma equipa educativa constituída por uma professora de apoio aos alunos com necessidades educativas especiais e uma terapeuta da fala que apoiava uma criança.</p> <p>→ Apesar de não termos observado nenhuma, considero ainda pertinente referir a existência de reuniões regulares do conselho de docentes.</p> <p>→ Relativamente às reuniões de pais, tivemos a possibilidade de participar na reunião geral que ocorreu no segundo período lectivo, com todos os encarregados de educação, onde foi feito o balanço do trabalho realizado e o que se pretendia realizar no período seguinte. (...) De seguida, a professora cooperante realizou, junto de cada encarregado de educação, a avaliação do trabalho desenvolvido pelo seu educando. Julgo que estas reuniões são essenciais na resolução dos problemas existentes.</p> <p>→ Entre os professores, era notória a existência de cooperação, objectivos comuns, interacção e empenho no trabalho que desenvolviam.</p> <p>→ Os professores que possuíam turmas do 1º ano de escolaridade realizavam reuniões (às quais não foi possível assistir) para que fosse discutido e elaborado todo o trabalho a desenvolver, em conjunto, nas turmas.</p> <p>→ Durante a intervenção, e em conversas com a presidente da escola, foi-me possível perceber que a escola aposta, forte, na relação família/escola.</p> <p>→ Ao longo de toda a intervenção, destaco como pontos negativos o facto de não saber todo o trabalho que o professor desenvolve para além da sala de aula. (...) Digo isto porque sei que os professores</p>
--------------------------------------------------	----------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>Inserção na escola cooperante M.A.</p>	<p>Conhecimento e intervenção em dinâmicas de escola</p>	<p>RIE-E1</p>	<p>desempenham outras funções nas escolas para além da sala de aula e gostava de saber como é, de assistir! Julgo ser necessário estar a par destas funções uma vez que futuramente as irei desempenhar.</p> <p>→ Na minha opinião, teria sido bastante vantajoso observarmos o funcionamento destas mesmas reuniões, na medida em que será, acho, nestas reuniões que se trocam experiências e se ultrapassam dificuldades.</p>
--------------------------------------------------	----------------------------------------------------------	---------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>1. Envolvimento no processo de Prática de Ensino Supervisionada</p>	<p>2. Razões, motivações e expectativas</p>	<p>E-PC1</p> <p>E-PC1</p> <p>E-PC1</p> <p>E-PC1</p> <p>E-PC1</p> <p>E-PC1</p> <p>E-PC1</p> <p>E-PC1</p>	<p>prática e a mim como pessoa.</p> <p>→ Hoje penso que se calhar não são elas que me vão dar muito a mim a nível, a nível de prática...</p> <p>→ penso que neste momento eu tenho mais para dar eu posso ser mais útil a elas do que elas a mim, a nível da prática.</p> <p>→ Vejo as estagiárias... e este ano concretamente aceitei-as porque, tendo um primeiro ano e sabendo que é um dos anos em que nós temos que estar e trabalhar muito, muito, muito com eles e que os alunos estão muito dependentes de nós, eu aceitei por pensar que as estagiárias são uma mais-valia para a turma. Portanto, teria muito mais tempo. Seríamos três professoras e três professoras é diferente de uma...</p> <p>→ Este ano foi muito sinceramente eu este ano só recebi estágios só a pensar nas minhas crianças só e mais nada.</p> <p>→ ... foi só a pensar nos meninos. O que me motiva é dar mais e melhor aos meus alunos. Esse é o ponto número um. Depois eu com a minha experiência é claro que também posso e quero ajudar os professores mais novos.</p> <p>→ Eu tenho uma grande expectativa que é o da ajuda, da grande ajuda e de o grupo de crianças beneficiar ao nível de sala de aula.</p> <p>→ Eu neste momento, conhecendo já minimamente as duas estagiárias, tenho expectativas positivas. Acho que nos podemos enriquecer mutuamente.</p>
<p>1. Envolvimento no processo de Prática de Ensino Supervisionada</p>	<p>3. Papéis, funções, responsabilidades e preocupações</p>	<p>E-PC1</p>	<p>→ De toda a maneira ... Eu também estou a aprender. Porque é assim, eu quando estou a pensar naquilo que vou fazer ali na sala eu estou a pensar não só para mim e para os meus meninos mas também estou</p>

<p>1. Envolvimento no processo de Prática de Ensino Supervisionada</p>	<p>3. Papéis, funções, responsabilidades e preocupações</p>	<p>E-PC1</p> <p>E-PC1</p> <p>E-PC1</p>	<p>a pensar numa perspectiva de estar a ajudar as estagiárias que também estão a aprender a ser professoras e isso leva-me também a pensar melhor na acção e a aprender.</p> <p>→ É mais uma orientadora. Uma ... é mais uma orientadora de maneira a estimulá-las ainda que se tenha de apontar as falhas mas de uma maneira muito estimulante. Tenho sempre muito medo de... quer dizer isto saiu mal. Naquilo que saiu mal há sempre qualquer coisinha de bem. Não desmotivar, não as desmotivar sobretudo. Apontar os erros mas encorajar, encorajar, o meu papel também é de encorajar.</p> <p>→ Eu no meio da sala sinto-me mais como moderadora. Mas tenho sempre o cuidado de dar muitas pistas, de diversificar as estratégias para elas naquelas várias que lhes são dadas se identificarem com algumas das estratégias apresentadas e eu digo-lhes sempre que elas não podem fazer sem sentirem as coisas. ... Fazer sentir que há imensa coisa que no dia a dia lhes vai aparecer e que elas têm que resolver.</p> <p>→ E não há receitas para nada. As receitas que há, é elas estarem abertas a aprender, e estarem disponíveis... é a disponibilidade interior e a abertura para aprender. Nunca, o nosso projecto nunca está feito. Está a fazer-se. Nós, todos os dias estamos a construí-lo. E é dizer-lhes não é que saiba mais que elas. Só tenho mais experiência e depois tudo o que sei tem sido com colegas, com a partilha dos outros e também com a minha vontade também para aprender. Porque nós quando estamos abertas para aprender, até com uma simples conversa que nós</p>
------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------	----------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>1. Envolvimento no processo de Prática de Ensino Supervisionada</p>	<p>3. Papéis, funções, responsabilidades e preocupações</p>	<p>E-PC1</p> <p>E-PC1</p> <p>E-PC1</p> <p>E-PC1</p> <p>E-PC1</p> <p>E-PC1</p> <p>E-PC1</p>	<p>tenhamos umas com as outras, nós aprendemos.</p> <p>→ Eu ponho-me sempre em causa, o que é que eu estou a fazer mal? O que é que eu poderia ter feito? Então, pondo-me sempre em causa, eu estou sempre à espera de ir buscar qualquer coisa para que determinadas falhas não aconteçam.</p> <p>→ Sabe, nos primeiros anos eu tinha grande preocupação de naquela altura fazer um bocadinho diferente já que me estavam a ver que me estavam a observar eu sentia-me avaliada. Mas eu agora, quer dizer, já não tenho essa preocupação quer dizer já faço tudo tal qual como faço no meu dia a dia tal qual como eu sou...</p> <p>→ De resto continuo a errar e a tentar todos os dias melhorar. Assim é que eu sinto.</p> <p>→ Apesar da minha inquietude, a inquietude não passa, a preocupação não passa, mas julgo que estou mais apta a resolver situações imprevistas e aquelas coisas que nós no início de carreira ficamos sufocadas, ficamos embaraçadas. Julgo que a experiência trouxe-me algum saber, alguma segurança. Neste momento estou com alguma segurança e acho que isso pode ser rico para elas. Portanto, neste momento estou noutra postura.</p> <p>→ Tenho preocupações a nível do funcionamento da sala. Quero que seja a continuidade do meu trabalho. Deixo-as ser criativas, deixo-as pôr em prática o seu projecto de trabalho, mas tenho muita preocupação na ... na continuidade daquilo que os meninos estão a fazer. Há um trabalho de intervenção com as crianças...</p> <p>→ E a minha preocupação também é estar</p>
------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>1. Envolvimento no processo de Prática de Ensino Supervisionada</p>	<p>3. Papéis, funções, responsabilidades e preocupações</p>	<p>E-PC1</p> <p>E-PC1</p> <p>E-PC1</p> <p>E-PC1</p> <p>E-PC2</p> <p>E-PC2</p> <p>E-PC2</p>	<p>ali para ajudá-las.</p> <p>→ Sobretudo e dentro daquilo que eu sei, dentro da minha experiência ajudar fazer o melhor possível e ajudar o mais possível.</p> <p>→ ... nós somos um modelo, quer queiramos, quer não para elas na sala de aula. E isso faz-nos apesar de nós sermos o mais naturais possíveis e fazermos o que vimos fazendo ao longo das nossas aulas, nós temos sempre a preocupação de fazermos o melhor possível. Estruturo melhor o trabalho, dou até um fio condutor melhor às coisas.</p> <p>→ eu para ter autoridade, para fazer alguma observação, elas depois têm que olhar para mim e sentirem essa autoridade e essa autoridade elas vão buscá-la àquilo que observam e à minha relação com os outros e ... com os meninos.</p> <p>→ Desde que elas sejam abertas àquilo que eu estou disposta a dar-lhes... dar-lhes pistas.</p> <p>→ ... eu intervinha quando realmente eu via que... mas muito disfarçadamente, de maneira a elas não se enervarem, de maneira a não se perderem, fazia as coisas assim de uma maneira, não sei bem dizer como, era uma orientação, mas com um certo subterfúgio...</p> <p>→ Sem andar a ver, sem mostrar aos miúdos, sem desautorizar a actuação delas. Era a minha preocupação, era não as desautorizar perante os miúdos.</p> <p>→ Nós que temos a prática, nós que já temos experiência nestas coisas de supervisão. Como professoras cooperantes temos sempre de partir, elas são pessoas, são estudantes e que nós estamos aqui para as ajudar muito, muito, muito, muito.</p>
------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>1. Envolvimento no processo de Prática de Ensino Supervisionada</p>	<p>3. Papéis, funções, responsabilidades e preocupações</p>	<p>E-PC2</p>	<p>E orientá-las muito, muito, muito, muito. E exigir-lhes. → Porque toda a gente pensa muito na prática, mas o facto de termos estagiárias faz com que ainda pensemos mais nela. Pensamos mais, temos mais cuidado com a nossa postura, com a nossa desorganização barra organização e pronto se naqueles momentos de observação, sobretudo quando estamos a ser observadas. Há dias em que nós esquecemos, mas quando estamos a preparar as aulas, pensamos melhor nas coisas e todos os dias temos que pensar bem nelas porque alguém está na sala que nos está a ver como modelo. Eu acho que se para nós é importante, para os outros também é importante.</p>
<p>2. Impacto do processo de Prática de Ensino Supervisionada: contributo para a aprendizagem e desenvolvimento profissional da orientadora cooperante</p>	<p>1. Optimização da aprendizagem dos alunos (crianças)</p>	<p>E-PC1 E-PC1 E-PC2 E-PC2 E-PC2 E-PC2</p>	<p>→ Portanto, elas são uma mais valia na sala e estou ali também para as ajudar, mas a minha, a minha primeira aposta foi o meu grupo de meninos. → ... foi só a pensar nos meninos. O que me motiva é dar mais e melhor aos meus alunos. Esse é o ponto número um. → Pontos fortes ... Os alunos não terem perdido nada e terem uma mais valia com as estagiárias. → No trabalho com os alunos julgo que os meninos não ficaram nada, nada prejudicados. → ... posso dizer que no final do ano, naquele período de Abril a Maio ... tive falta do apoio que elas davam aos meninos. → Porque tinha alunos com necessidades educativas especiais a quem elas deram muita atenção e prepararam, tiveram sempre a preocupação de preparar as actividades para eles. Portanto, de uma</p>

		E-PC2	<p>maneira muito diferenciada.</p> <p>→ ... um ponto muito positivo foi a mais valia, o grande apoio que elas me deram sobretudo às crianças que precisavam de mais apoio para progredirem nos seus saberes.</p>
2. Impacto do processo de Prática de Ensino Supervisionada: contributo para a aprendizagem e desenvolvimento profissional da orientadora cooperante	2. Optimização da aprendizagem das estagiárias	<p>E-PC1</p> <p>E-PC1</p> <p>E-PC1</p>	<p>→ ... elas deram-me a grelha semanal onde tinham lá as sessões e eu olhei para aquilo e pensei olha isto podia fazer-se desta maneira e doutra maneira e de outra maneira e então estive a estruturar e a pensar quais eram as várias hipóteses de trabalhar de uma maneira mais, mais diversificada, porque quando nós estamos a dar as aulas, nós já temos mais experiência e mesmo numa situação nova nós mesmo que não tenhamos a situação planificada, nós conseguimos dar a volta e partir depois para outro dia e agarrar naquilo.</p> <p>→ Se nós não as ajudarmos a terem um leque diversificado de situações que possam acontecer, é mais difícil para elas agarrarem nas situações. Portanto elas têm que ter várias hipóteses de trabalho e essas hipóteses de trabalho elas depois podem ir buscá-las e adaptá-las às situações que aparecem. Tendo ali as estratégias que se podem aplicar e depois estando na prática com os miúdos e as dicas que eu lhes vou dando, elas dali com as ideias que já têm, as diversas pistas, já é mais fácil agarrar as situações novas.</p> <p>→ ... é nesse período que têm oportunidade de observar um professor em acção. Confrontar a teoria estudada com a prática. É um tempo de levantamento de questões sobre o observado quer sobre as didácticas, quer sobre atitudes e comportamentos. É o</p>

<p>2. Impacto do processo de Prática de Ensino Supervisionada: contributo para a aprendizagem e desenvolvimento profissional da orientadora cooperante</p>	<p>2. Optimização da aprendizagem das estagiárias</p>	<p>E-PC2</p> <p>E-PC2</p> <p>E-PC2</p> <p>E-PC2</p> <p>E-PC2</p> <p>E-PC2</p>	<p>início da construção e apropriação do seu modelo pedagógico como professor.</p> <p>→ ... eu vi, senti e eu vivi que progressivamente o trabalho delas se desenvolveu e o envolvimento delas foi sempre evoluindo.</p> <p>→ ... senti pouca preparação a nível das áreas curriculares no aspecto da didáctica e progressivamente senti que elas melhoraram tanto nesse aspecto como no envolvimento no modelo pedagógico que estava a ser desenvolvido na minha sala.</p> <p>→ Houve um contributo, até uma maior exigência da minha parte. No princípio, sugeria as ideias, lançava as ideias e a prática não aparecia. ... mas depois eu consegui que elas dessem um salto mais ou menos em Fevereiro e deram esse salto.</p> <p>→ eu ia ao pé delas ou levantava o dedo e pedia a minha intervenção e agarrando naquilo que eu dizia, com a minha intervenção fazia com que elas parassem e agarrassem aquilo.</p> <p>→ ... julgo que levaram alguma bagagem se quiserem fazer uso dela acho que foram, eu pessoalmente acho que foram mais ricas do que aquilo que vieram.</p> <p>→ ... certamente que elas foram mais ricas no sentido de irem para a prática com a noção que têm muitos grupos numa sala e que têm que preparar várias coisas para uma turma. Não basta preparar uma lição para todos, mas sim várias lições. Portanto e eu insisti muito nisso, muito nisso.</p>
<p>2. Impacto do processo de Prática de Ensino Supervisionada:</p>	<p>3. Optimização da função de professora e de supervisora/ orientadora da Prática</p>	<p>E-PC1</p> <p>E-PC1</p> <p>E-PC1</p>	<p>→ Eu também me ponho muito em causa.</p> <p>→ ... eu com elas, eu também estou todos os dias a aprender.</p> <p>→ Portanto, nós estamos sempre a</p>

<p>contributo para a aprendizagem e desenvolvimento profissional da orientadora cooperante</p>	<p>Pedagógica</p>	<p>E-PC1</p> <p>E-PC2</p> <p>E-PC2</p> <p>E-PC2</p>	<p>crescer. Crescemos a nível profissional porque temos, portanto, porque estão ali duas pessoas estão a olhar para nós...</p> <p>→ Sou mais cuidadosa, quer dizer sou mais cuidadosa. Sendo mais cuidadosa, penso mais nas coisas. Penso mais nas coisas e... estou a crescer. Estou mesmo a crescer, de uma maneira e de outra. Não há crescimento profissional sem crescimento pessoal nem pessoal sem profissional. As duas coisas encadeiam-se.</p> <p>→ Trabalho inicial para toda a equipa conhecer a professora cooperante. E saber por exemplo, na matemática, como é que está e até para se ajudarem uns aos outros. Porque a professora cooperante está em formação também. Eu entendo a professora cooperante também uma pessoa que está em formação.</p> <p>→ O facto de eu pensar que eu vou aprender muito com as alunas estagiárias, tudo depende de uma atitude. É uma atitude que eu tenho que as ajudar muito no ensino prático e portanto tenho de saber fazê-lo, de saber fazê-lo cada vez melhor...</p> <p>→ ... eu julgo que são tão importantes para nós como para as estagiárias. Porque as estagiárias estão em situação, estão ainda em formação inicial. Ao nível concretamente com a professora cooperante, eu em todos os seminários aprendi qualquer coisa. Ou uma estratégia ao nível do trabalho de texto, ou uma estratégia a nível da matemática, um trabalho que eles fizeram, ou um problema qualquer que eles contaram, um problema de situações imprevistas de sala de aula. Quer dizer, quem está desperta para aprender, aprende sempre.</p>
------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------	-----------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>2. Impacto do processo de Prática de Ensino Supervisionada: contributo para a aprendizagem e desenvolvimento profissional da orientadora cooperante</p>	<p>3. Optimização da função de professora e de supervisora/ orientadora da Prática Pedagógica</p>	<p>E-PC2</p> <p>E-PC2</p> <p>E-PC2</p>	<p>→ ... acho que aprendi, porque ter atitude de firmeza, de assertividade,... aprendi muito. Na maneira como lhes pedia um determinado tipo de coisas. A nível de atitude pessoal que depois irá influenciar o estar na sala de aula a nível profissional, acho que aprendi.</p> <p>→ ... acho que até aquelas falhas que eu, hoje, falando e avaliando da atitude das estagiárias, do trabalho delas, eu julgo que as coisas não correram tão bem se calhar pelo facto de as minhas atitudes não serem tão firmes quanto é necessário e tão seguras quanto é necessário (fala de uma forma muito pausada). Portanto e aí julgo que aprendi muitas coisas. E no próximo ano, se tiver estagiárias, que eu no início até dizia que não ia ter, mas se calhar até vou ter (risos), ... acho que vou servir-me dos ensinamentos que tive este ano. ...</p> <p>→ Pontos fortes, em relação a mim. Uma reflexão da minha atitude, uma mudança da minha atitude face às exigências com as estagiárias.</p>
<p>2. Impacto do processo de Prática de Ensino Supervisionada: contributo para a aprendizagem e desenvolvimento profissional da professora cooperante</p>	<p>4. Espaços de Reflexão com as estagiárias (planificação e avaliação da acção educativa)</p>	<p>E-PC1</p> <p>E-PC1</p> <p>E-PC1</p>	<p>→ Aprendem também com aquilo que a cooperante não faz bem. Eu digo sempre: olhem, se vocês acharem que eu estou a fazer mal, então, olhem, com os nossos erros e os erros dos outros nós também temos ... podemos aprender. Então eu não vou fazer assim, podemos melhorar isto. Eu faço muitas vezes com elas, muitas vezes, a minha auto-avaliação portanto, isso é que é. Eu estou ali e só sou um bocadinho diferente delas é ter mais anos de experiência. De resto mais nada.</p> <p>→ Com os erros que observam e sobre os quais devem reflectir, também aprendem.</p> <p>→ Não nos esquecemos de fazer a reflexão todos os dias. Porque eu quer</p>

<p>2. Impacto do processo de Prática de Ensino Supervisionada: contributo para a aprendizagem e desenvolvimento profissional da professora cooperante</p>	<p>4. Espaços de Reflexão com as estagiárias (planificação e avaliação da acção educativa)</p>	<p>E-PC1</p> <p>E-PC1</p> <p>E-PC2</p>	<p>dizer, quer seja eu, quer sejam elas há sempre um momento de reflexão. Portanto nesses momentos há sempre uma avaliação e nessa avaliação-reflexão, nós estamos sempre a crescer. Quer a nível profissional quer pessoal.</p> <p>→ Eu não sendo uma professora espectadora mas tiro sempre um bocadinho para tirar as minhas notas para quando está a correr muito bem eu faço a minha anotação, quando está a correr menos bem, faço umas observações a lápis e depois no final do dia eu depois digo: porque é que acham que aconteceu? Olhem isto correu melhor por causa disto, disto e isto e isto aconteceu porque, portanto estou sempre dou sempre feedback daquilo que eu vejo e não estou como espectadora às vezes até diluída no meio da sala.</p> <p>→ ... todos os dias há uma reflexão diária e depois há um dia por semana em que nós reunimos mesmo reunimos duas três horas, o tempo que for necessário para reflexão semanal, avaliação barra programação, preparação.</p> <p>→ ... na avaliação que eu fazia no final do dia com elas, ia apontando aqueles pontos-chave que eu achava que elas se deviam ter desprendido da planificação e ter agarrado aquilo e que até podiam ter avançado para outro tipo de coisas, porque aquilo vinha até no seguimento de qualquer coisa que se tinha dado ou que se podia dar até para a planificação que elas ali tinham. Era coisas que para elas aparentemente não eram evidentes, mas que para mim eram evidentes. Tanto para aquilo que ainda estava para vir, porque a planificação era semanal e depois era</p>
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>2. Impacto do processo de Prática de Ensino Supervisionada: contributo para a aprendizagem e desenvolvimento profissional da professora cooperante</p>	<p>4. Espaços de Reflexão com as estagiárias (planificação e avaliação da acção educativa)</p>	<p>E-PC2</p> <p>E-PC2</p>	<p>diária. Portanto, eu tinha uma visão da agenda semanal e da diária que estava a ser... portanto, com a nossa prática e com a experiência, nós temos uma abrangência maior das coisas.</p> <p>→ Imagine que cada intervalo, elas davam uma determinada aula e eu apontei dois ou três pontos e que achava que isto era fundamental. Assim, não esquecer isto e chamava a atenção para determinadas coisas. Mas depois mesmo no final da aula, havia sempre ali um momento em que nós reflectíamos as três o que tinha corrido bem, o que tinha corrido mal e havia sempre um bocadinho para o dia seguinte. E depois semanalmente havia mesmo um dia. Mas há coisas que não dá para ser a reflexão semanal. Tem que ser a reflexão diária, ...</p> <p>→ ... era uma reflexão centrada na acção próxima, a realizada e a que se vai realizar. ... Que servisse depois para elas no momento que viesse a seguir, usufruissem dessa reflexão.</p>
<p>2. Impacto do processo de Prática de Ensino Supervisionada: contributo para a aprendizagem e desenvolvimento profissional da orientadora cooperante</p>	<p>5. Interacção com a equipa de tutoria da Instituição de Ensino Superior</p>	<p>E-PC1</p> <p>E-PC1</p> <p>E-PC2</p>	<p>→ É assim, este ano... O que está dentro da capa eu já li tudo mas, pronto eu assinei, mas sinceramente... ainda não me debrucei sobre o protocolo. Li-o transversalmente.</p> <p>→ Agora se eu ajudo e depois eu sei que aquela planificação vai passar pela professora A, e esta diz que não são estas palavras, que isto não deve ser assim e não deve ser assim, ... qual é o nosso papel? Aqui ainda não percebi muito bem qual é o meu papel.</p> <p>→ Houve um momento em que eu achei que devia envolver a professora tutora no trabalho das alunas estagiárias/professora cooperante. E foi nessa altura que assim</p>

<p>2. Impacto do processo de Prática de Ensino Supervisionada: contributo para a aprendizagem e desenvolvimento profissional da orientadora cooperante</p>	<p>5. Interacção com a equipa de tutoria da Instituição de Ensino Superior</p>	<p>E-PC1</p> <p>E-PC2</p> <p>E-PC2</p> <p>E-PC2</p> <p>E-PC2</p> <p>E-PC2</p>	<p>elas deram um salto.</p> <p>→ Houve uma altura em princípio do estágio em que eu senti que aquilo que elas traziam para a minha sala de aula nada tinha a ver com aquilo que eu fazia na sala de aula, que eu queria que os meus meninos fizessem na sala de aula.</p> <p>→ Não tinha nada a ver com o meu modelo, com o meu projecto pessoal de actuação. E eu entendo que, e eu entendi que o elas estarem ali, elas não podiam deixar de ser elas próprias, mas elas tinham que se encaixar no meu trabalho. E eu pensei assim, às vezes as coisas vinham de tal maneira que elas não entendiam a linguagem.</p> <p>→ E a equipa entender a minha linguagem para depois as poderem ajudar. Porque elas chegavam lá e pediam ajuda, mas pediam ajuda à maneira delas. Não pediam ajuda naquilo que eu achava que elas deviam ter ajuda. Vinham com uma ajuda completamente diferente daquilo que eu queria e achava importante para o grupo.</p> <p>→ E foi nesse momento em que eu pedi uma reunião à tutora e que também para ser com a professora de matemática e ... mais gente, mas não, só veio a tutora e pronto a reunião foi com as estagiárias, com a tutora e comigo. E julgo que foi a partir desse dia que a tutora devia ter tido uma conversa com elas, ou então quando elas lhe pediam ajuda ela ficou a entender, ficou a perceber aquilo que eu queria exactamente quando elas iam lá com uma determinada dúvida, ela entendia-as melhor.</p> <p>→ Eu julgo que houve aqui durante algum tempo falhas de comunicação, falhas de</p>
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>2. Impacto do processo de Prática de Ensino Supervisionada: contributo para a aprendizagem e desenvolvimento profissional da orientadora cooperante</p>	<p>5. Interação com a equipa de tutoria da Instituição de Ensino Superior</p>	<p>E-PC2</p> <p>E-PC2</p> <p>E-PC2</p> <p>E-PC2</p> <p>E-PC2</p>	<p>comunicação. Porque não, as coisas a princípio não funcionaram muito bem.</p> <p>→ Ah, mas a professora cooperante disse que se podia fazer assim, a professora de matemática disse que se podia fazer assim e as miúdas, sem querer, não sei, não sei de quem é a culpa, andam ali no meio.</p> <p>→ Há falta de a equipa toda acertar linhas condutoras, fios condutores, para um trabalho que se quer coerente...</p> <p>→ ... as maiores fragilidades... portanto foi na parte inicial de estágio, foi a falta de comunicação em alguma altura, portanto na fase inicial também. E é a tal falta das tais reuniões em que toda a equipa de tutoria se reúna com estagiários e cooperantes. Acho que é uma fragilidade mas que poderá vir a ser uma mais valia para todos os grupos de estágio.</p> <p>→ Eu conheço a professora tutora, eu conheço elementos daquela equipa, elas trazerem-me aquilo e levarem para lá estas coisas, isto não tem nada a ver comigo. E há aqui qualquer coisa que eu não entendo. E eu preciso também de integrar a equipa de supervisão, de tutoria na minha sala de aula. Elas também tinham que perceber qual é a minha filosofia de estar nesta sala. Mas não pode ser através das estagiárias. Tem que ser através da presença e através de uma reunião em que elas e a equipa estejam aqui e eu diga aquilo que eu acho que elas têm que fazer aqui...</p> <p>→ Da professora cooperante que trabalhe, a trabalhar com a equipa, com os restantes membros da equipa de tutoria. Fundamental! Professora cooperante e alunos, não resulta só.</p>
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>2. Impacto do processo de Prática de Ensino Supervisionada: contributo para a aprendizagem e desenvolvimento profissional da orientadora cooperante</p>	<p>5. Interação com a equipa de tutoria da Instituição de Ensino Superior</p>	<p>E-PC2</p>	<p>→ Eu acho que havia, antes de, ou seja, no início de estágio, cada grupo de alunas estagiárias reunirem-se com a sua equipa de tutoria, com a presença da professora cooperante. Em que a professora cooperante pusesse a equipa a par do seu projecto, do seu projecto pessoal e depois elas iam fazer um projecto delas, um projecto de intervenção que se integre no meu projecto de turma.</p>
		<p>E-PC2</p>	<p>→ ... uma primeira reunião em que a equipa toda e as alunas estagiárias se reunissem para ajudar a fazer um projecto. Depois quando tivessem o projecto feito, de actuação, portanto, há uma fase de observação e nessa fase de observação a equipa tinha que se reunir. ... E portanto, na fase depois quando elas já trazem o projecto feito, a equipa reunia-se outra vez com a professora cooperante.</p>
		<p>E-PC2</p>	<p>→ Estas coisas têm que ser todas muito bem sintonizadas, porque aqui não pode haver falhas de sintonização. Porque se não as alunas estão no meio, quem perde são elas e depois os alunos e nós angustiamo-nos.</p>
		<p>E-PC2</p>	<p>→ O que eu sei é que foi uma volta de qualidade. ... eu julgo que a partir daquele dia, sempre que elas iam pedir ajuda, a professora tutora percebia-as melhor. E até dizia, não foi isto? Olhem que foi isto. E ajudava-as a preparar as coisas...</p>
		<p>E-PC2</p>	<p>→ a professora tutora quando acabou a reunião disse, apetece ficar aqui a dar aulas convosco. Apetece-me ficar aqui, F. ... Portanto ela entendeu aquilo que eu estava a dizer e fez também certamente criar entusiasmo às moças que antes se calhar não tinha criado.</p>
		<p>E-PC2</p>	<p>→ É, um volte face e, na minha opinião,</p>

<p>2. Impacto do processo de Prática de Ensino Supervisionada: contributo para a aprendizagem e desenvolvimento profissional da orientadora cooperante</p>	<p>5. Interação com a equipa de tutoria da Instituição de Ensino Superior</p>	<p>E-PC2</p> <p>E-PC2</p> <p>E-PC2</p> <p>E-PC2</p>	<p>acho que foi bastante, bastante positivo. E daí achar que foi a viragem deste estágio.</p> <p>→ os seminários são sempre incompletos porque a equipa nunca está completa. Primeiro, primeiro. Para a aferição de linguagens, portanto,... Eu acho os seminários muito, muito importantes. Os seminários são as tais reuniões alargadas a todos os grupos de estagiários, de estágio. Pronto, os seminários vêm na continuação das reuniões que eu acho fundamentais para a prática. Mas os seminários foram sempre incompletos. Nunca estive a equipa toda.</p> <p>→ ... os seminários estiveram sempre incompletos na sua equipa.</p> <p>→ ... e muito importante este trabalhar em grupo, portanto cooperante, professoras estagiárias e depois os seminários, eu sinto uma riqueza. Acho que é um ponto forte. Portanto, o papel dos seminários acho que embora não tenham funcionado na perfeição, foi um ponto forte neste estágio.</p> <p>→ Importantes porque é um momento em que em conjunto os outros grupos de estágio portanto mostram, põem no grupo os trabalhos que estão a fazer em cada uma das salas e isso é fundamental. Portanto, se perante vários professores, quer em situação de cooperante ou não, a partir de trabalho e de experiência é fundamental numa situação de formação inicial mais fundamental é, mais importante é, porque elas estão numa situação de aprendizagem, quanto mais coisas virem e com quanto mais coisas elas se identificarem, a nível da matemática, a nível da língua, mais ricas estão, mais ricas ficam. E daí poderem</p>
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>2. Impacto do processo de Prática de Ensino Supervisionada: contributo para a aprendizagem e desenvolvimento profissional da orientadora cooperante</p>	<p>5. Interação com a equipa de tutoria da Instituição de Ensino Superior</p>	<p>E-PC2</p>	<p>depois adaptar ao seu modelo pessoal de actuação que eu acho fundamental. → Falou-se uma parte. Portanto, quando houve o último seminário de avaliação de estágio, uma das coisas que eu disse foi essa. Portanto, que o estágio tinha melhorado a partir daquela reunião e avancei com a ideia de em próximos trabalhos, em próximos estágios, esta reunião que houve comigo e que eu achei muito benéfica fosse feita no início em todos os grupos, porque toda a gente aí beneficiaria. Portanto, eu lancei uma ideia para as pessoas para o ano, aliás eu no meu grupo vou exigir, agora nos outros grupos podem adoptar a ideia ou não, mas se a equipa de tutoria achar que a minha ideia é plausível, eu julgo que podem avançar com ela. É importantíssimo.</p>
<p>3. Formas de envolvimento na/da escola</p>	<p>1. Relação/ envolvimento da e com a escola comunidade e, em particular, com os órgãos de gestão</p>	<p>E-PC1 E-PC1 E-PC1</p>	<p>→ ... quase todas já tiveram estagiárias e quem não teve foi porque não quis. Porque o conselho executivo aborda as pessoas de uma maneira muito aberta... → como é uma escola muito grande, a <i>IES</i> normalmente contacta. E pronto como eu já tinha dito, há grupos grandes e várias pessoas lá da escola já tinham tido oportunidade e quem ... quem não teve... foi por opção própria. → Todos os professores que tenham o mesmo ano. Portanto, a professora da <i>IES</i>. contacta o conselho executivo e diz das suas necessidades e depois aí o Conselho Executivo contacta essas pessoas. Por exemplo, este ano julgo que foi abordado todo o primeiro ano para quem estava interessado em ter estagiários e houve uma professora que disse à partida que não queria ter estagiários este ano, pronto e não teve.</p>

<p>3. Formas de envolvimento na/da escola</p>	<p>2. Partilha de informação, canais de comunicação e de divulgação da Prática de Ensino Supervisionada junto dos órgãos de gestão e orientação pedagógica da escola</p>	<p>E-PC1</p> <p>E-PC1</p> <p>E-PC2</p> <p>E-PC2</p> <p>E-PC2</p> <p>E-PC2</p>	<p>→ ... ainda não fizemos mas já falámos, já falámos muitas vezes, o grupo já sentiu necessidade de se reunir e concretamente tratar do trabalho que está a acontecer nas salas a fazer-se com as estagiárias. Portanto, só faltou alguma, portanto, tomar a iniciativa. Portanto dizer tal dia fazemos a reunião para tratar de assuntos das turmas e dos estagiários.</p> <p>→ Numa primeira reunião seria só entre as quatro e depois poder-se-ia abrir, portanto, não veríamos inconveniente que as estagiárias estivessem.</p> <p>→ Houve partilha de angústias e de momentos às vezes menos bons de quase todas as professoras cooperantes que tinham estagiários na fase inicial, mas de uma maneira muito informal.</p> <p>→ Portanto, era nossa intenção ainda algumas vezes nos encontrarmos... ah, temos que marcar uma reunião para nos encontrarmos, acertarmos agulhas, vermos o que é que estás a fazer na tua sala, o que é que estás a dizer às tuas estagiárias, o que é que estás a fazer, qual é o projecto, como é que fazem a língua portuguesa... mas essas intenções apenas ficaram por boas intenções. Formalmente, nada fizemos. Não aconteceu.</p> <p>→ Mas de vez em quando a parte ... sobretudo na fase inicial, julgo que as angústias e o mau estar e alguns problemas que aconteceram foram partilhados, assim no intervalo, nas conversas assim de chá (risos), mas em reuniões formais nós nunca fizemos. Por falta de tempo, pronto, olhe, não fizemos. Mas era nossa intenção.</p> <p>→ Mas depois eu julgo que na fase inicial toda a gente sentia essa necessidade, mas</p>
-----------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>3. Formas de envolvimento na/da escola</p>	<p>2. Partilha de informação, canais de comunicação e de divulgação da Prática de Ensino Supervisionada junto dos órgãos de gestão e orientação pedagógica da escola</p>	<p>E-PC2</p> <p>E-PC2</p> <p>E-PC2</p> <p>E-PC2</p>	<p>depois tal como eu também dei a volta às coisas e as coisas melhoraram, julgo que também nas outras salas as coisas também melhoraram e as pessoas começaram a falar menos das angústias e começaram a dizer: olha, estão a fazer isto na minha sala, os miúdos fizeram isto, quer dizer, nós íamos trocando impressões mas muito informalmente.</p> <p>→ Depois pensámos fazer uma sessão para eles contarem essa história com fantoches às outras salas, mas houve muita coisa para fazer na altura e não conseguimos fazer isso. No entanto, fomos à sala de uma das professoras cooperantes. Fomos participar em experiências que eles fizeram lá de manhã uma sessão de actividades experimentais e convidaram os miúdos do 1º ano. Nós fomos lá participar nessa actividade. Houve também outro grupo de estagiários que fez uma mostra de trabalhos aqui no polivalente, de expressão plástica. Nós não fomos lá e fomos à outra. A minha sala foi a única que não fez nada para os outros.</p> <p>→ ... nós fomos ver actividades que os outros grupos de estágio fizeram.</p> <p>→ Eu acho que é possível e acho que é importante desde que no projecto que as estagiárias fazem, esteja isso contemplado...</p> <p>→ tem que ser um trabalho bem pensado porque um trabalho de sala de aula para ser mostrado, tem que ser feito com algum cuidado. Tem que ser muito, muito bem pensado. Agora ocorreu-me, ainda não tinha pensado nisso, mas deveria ser contemplado no projecto de estágio, de intervenção.</p>
-----------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>3. Formas de envolvimento na/da escola</p>	<p>2. Partilha de informação, canais de comunicação e de divulgação da Prática de Ensino Supervisionada junto dos órgãos de gestão e orientação pedagógica da escola</p>	<p>E-PC2</p> <p>E-PC2</p> <p>E-PC2</p> <p>E-PC2</p> <p>E-PC2</p>	<p>→ ... se for projectado inicialmente eu julgo que é um trabalho que não vai acrescentar nada ao trabalho de sala de aula, porque vai ser integrado, e depois uma mostra. Portanto, isto é ao nível de sala de aula de mostrar às outras turmas. A nível depois da reflexão também podemos programar uma reflexão depois baseado naquilo em que cada um mostrou, o processo como se desenvolveu.</p> <p>→ ... os órgãos de gestão tiveram o conhecimento do trabalho que houve por exemplo ao nível de... da exposição no ginásio...</p> <p>→ ... é assim, têm conhecimento porque eu tenho uma relação pessoal muito próxima do Conselho Executivo.</p> <p>→ ... quando fazíamos um projecto, ou um trabalho eu ia e «vocês querem ver o que os meus meninos fizeram?». Quando eu fiz a reunião com os pais e com as estagiárias, eu disse-lhes «olhem, eu vou fazer a reunião com os pais, mas as minhas estagiárias também vão estar presentes; elas vão participar, metade da reunião vai ser feita por elas e metade da reunião é feita por mim. Portanto, formalmente não há nada, mas informalmente vou falando, vou dizendo o que é que se faz. E elas também vêm as estagiárias e falam com elas... julgo que é uma coisa informal.</p> <p>→ Eu acho que quanto mais elas se envolverem na dinâmica de uma escola e dos órgãos existentes nelas, mais ricas elas vão, mais preparadas elas vão. Eu não sei com que olhos o resto da escola, o resto das professoras que estão lá e não têm estagiários vêm isto, porque às vezes isto é muito melindroso.</p>
-----------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>3. Formas de envolvimento na/da escola</p>	<p>2. Partilha de informação, canais de comunicação e de divulgação da Prática de Ensino Supervisionada junto dos órgãos de gestão e orientação pedagógica da escola</p>	<p>E-PC2</p> <p>E-PC2</p> <p>E-PC2</p> <p>E-PC2</p>	<p>→ Pontualmente, sabem. Informalmente, sabem que eu ao princípio andava triste, depois que comecei a ter expectativas mais positivas e por fim que a avaliação foi bastante positiva. Que globalmente as pessoas ficaram contentes com os estágios. Daí a saber que ... não sei, não sei se dos outros grupos elas têm mais feedback. Se calhar até terão, porque pode ter sido um trabalho ainda mais vivido, como houve aqui a exposição da Expressão Plástica... não sei se aquelas actividades desenvolvidas na sala se o Conselho Executivo foi convidado ou não para ir assistir a alguma actividade, não sei. Não sei, o Conselho Executivo sabe do trabalho por informações particulares.</p> <p>→ Um ponto forte que houve, na Páscoa o meu grupo e o grupo de outra professora cooperante fizeram um jogo de pista «à procura dos ovos de Páscoa» aqui no recinto e acho que foi um momento alto de partilha entre estas duas salas de aula. E a partir dessa altura, foi pena não ser mais cedo, eu senti que aqueles dois grupos de estágio ficaram mais próximos. E até nós, professoras cooperantes, começámos a falar mais no trabalho de sala de aula sobre o que se estava a fazer. Houve uma aproximação.</p> <p>→ ... se no projecto de intervenção for contemplado momentos de partilha a nível de grupos e a nível de escola, as coisas funcionam melhor e têm maior impacto, mas tem que estar previsto no projecto deles. Portanto, isso se calhar a professora cooperante tem que também saber disso.</p> <p>→ ... intencionalizar-se logo e envolver-se todas as pessoas. Pronto, sabemos do seminário... depois em tal data faz-se,</p>
-----------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>3. Formas de envolvimento na/da escola</p>	<p>2. Partilha de informação, canais de comunicação e de divulgação da Prática de Ensino Supervisionada junto dos órgãos de gestão e orientação pedagógica da escola</p>	<p>E-PC2 E-PC2</p>	<p>depois eles vêm buscar os trabalhos para as intervenções, ... mas é tudo muito partido, muito solto, ... → ... imagine aqui numa escola tão grande como esta que teve cinco grupos de estágio, se isso não poderia ter sido feito aqui, por exemplo? E a equipa de tutoria juntava-se aqui. Eu julgo que era mais próximo da realidade. → Esse seminário era o culminar de todo o estágio, sobretudo dos grupos que tivessem trabalhado na mesma escola, por exemplo. ... As escolas têm espaços, polivalentes... quer dizer, nós a pensarmos nas coisas é que depois temos as ideias de como é que funcionará melhor este funcionamento, mas julgo que não seria nada despropositado fazer este tipo de apresentação na escola, no terreno, no local onde elas desenvolvem a prática.</p>
<p>3. Formas de envolvimento na/da escola</p>	<p>3. Identificação de situações de envolvimento de órgãos de orientação pedagógica e de gestão da escola</p>	<p>E-PC1 E-PC1</p>	<p>→ Aquela escola muito concretamente. Aquela escola é muito aberta. Em relação às estagiárias, qual é o papel dela? É acolhê-los o melhor possível. É dar-lhes a conhecer, dar-lhes os dados que eles precisam quando é solicitada. → ... há abertura a esse tipo de coisas, mas... não me apercebi ainda que tivesse havido essa iniciativa. Porque o projecto educativo, por exemplo tem um plano de formação, mas agora ... não está nada ligado às estagiárias nem à formação inicial, neste caso. Era uma coisa que por acaso... aí teria que haver alguém ... no conselho pedagógico e eu por acaso sei lá de duas pessoas que têm que têm alunos da formação inicial e levantar esse, esse tipo de acções, por exemplo a necessidade de se fazer alguma coisa nessa área e se calhar...</p>

3. Formas de envolvimento na/da escola	3. Identificação de situações de envolvimento de órgãos de orientação pedagógica e de gestão da escola	E-PC2	→ ... se calhar ainda não está formalizada porque as pessoas que têm estágios ainda não tiveram força... e a ideia... no pedagógico para integrar isto num plano de formação. A escola, neste momento, um aspecto menos bom é ainda não termos um plano de formação bem definido. Mas ao fazer-se um plano de formação era uma área que cabia, era uma área que cabia muito bem. Era integrar nesse plano de formação o trabalho que se faz na escola a nível dos estagiários, a nível da supervisão. Podia ser muito bem integrado no plano de formação aqui desta escola.
		E-PC2	→ Tinha que ser uma coisa falada a nível de escola, falada pela escola toda, e depois a nível de ano tinha que ser negociado.
		E-PC2	→ Não está nada contemplado, não está nada contemplado no projecto educativo. Por acaso eu não participei nesse grupo de trabalho e podia ter sido uma coisa contemplada. Poderia ter sido. Mas é uma coisa que se pode, como é algo que é revisto anualmente, pode ser acrescentado alguns pontos, acho que é uma coisa importantíssima.
		E-PC2	→ Não houve nenhum momento nas reuniões. Houve um ano muito cheio de coisas. ... houve muito, muito, muito trabalho e não houve nada que contemplasse o trabalho desenvolvido com os grupos de estágio.
3. Formas de envolvimento na/da escola	4. Importância do processo da Prática de Ensino Supervisionada na (qualidade educativa da) escola organização	E-PC2	→ ... por que não arranjarmos no final de cada estágio, por exemplo, arranjarmos um momento em que a escola, como já tivemos aqui várias acções de formação, arranjássemos um lugar, tempo e espaço em que os grupos de estágio mostrassem

<p>3. Formas de envolvimento na/da escola</p>	<p>4. Importância do processo da Prática de Ensino Supervisionada na (qualidade educativa da) escola organização</p>	<p>E-PC2</p> <p>E-PC2</p>	<p>aos outros, comunicassem numa sala onde houvesse a comunicação do trabalho que fizemos com elas e elas explicassem como é que aquilo foi feito. Portanto, era uma exposição de trabalhos, mas centrada na sala de aula em que as professoras cooperantes e estagiárias dessem a conhecer, partilhassem o trabalho daqueles meses de estágio. Imagine, por exemplo, arranjava-se uma sala, não lhe chamaria exposição, era um debate, reflexão sobre o trabalho desenvolvido nas várias salas. Isso podia ser muito importante para as pessoas.</p> <p>→ Mas portanto agora falta integrar isto na dinâmica da escola. Como integrar isto na dinâmica da escola? Não aparecer isto desgarrado, um mês. Portanto isto tinha que ser uma coisa com princípio, meio e fim. Só assim é que faz e vai ter sentido.</p> <p>→ É assim, podia ser uma mais valia para os professores. Se é para os professores, é para a escola. É assim, era uma mais valia sobretudo para os professores cooperantes.</p>
-----------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

DIMENSÃO C – A PRESIDENTE DO CONSELHO EXECUTIVO

PONTO DE VISTA DA PRESIDENTE DO CONSELHO EXECUTIVO

(E-PC1 – Primeira Entrevista à Presidente do Conselho Executivo;

E-PC2 – Segunda Entrevista à Presidente do Conselho Executivo)

Categories	Subcategorias	Origem	Unidades de Sentido
1. Envolvimento no processo de Prática de Ensino Supervisionada	1. História/ contexto de vida da organização escola no âmbito da supervisão	E-PCE1 E-PCE1 E-PCE1 E-PCE1	<p>→ Quando eu cheguei, já tinha tido em anos anteriores. Já, já de certeza absoluta. Pelo menos um ano já, porque esta escola já há muitos anos que abre as portas a alunos estagiários da <i>I.E.S.</i> e de outras instituições...</p> <p>→ Pelo menos há doze, treze anos. Quando eu cheguei, já havia alunos estagiários. Não tenho memória de anteriormente ter... sim, eu penso que...pelo menos treze anos, menos não é.</p> <p>→ Sempre, com a <i>I.E.S.</i> e com outras instituições. Eu também tive de outras, nomeadamente do <i>P.</i></p> <p>→ Há professores que já vêm sendo cooperantes desde o tempo em que eu também fui... há professores que o foram posteriormente e há nomeadamente uma professora que já foi duas vezes cooperante noutras escolas...</p>
1. Envolvimento no processo de Prática de Ensino Supervisionada	2. História/ contexto de vida da presidente do conselho executivo no âmbito da supervisão	E-PCE1 E-PCE1 E-PCE1 E-PCE2	<p>→ ...há alguns aninhos fiz o CESE em Supervisão e Gestão da Formação que é portanto uma equivalência à licenciatura. Terminei em 1999.</p> <p>→ Devo dizer que foram experiências maravilhosas (diz, marcando as sílabas). Aliás, foi talvez a minha experiência enquanto cooperante que me deu depois alguma força, o contacto depois com os professores tutores, com os estagiários para depois entrar no CESE da Supervisão e Gestão da Formação.</p> <p>→ ...nunca tinha tido estagiários a não ser nesta escola. Na altura, enfim, fiquei com alguns receios... às vezes temos receios, mas foi em boa hora, porque foi das experiências mais enriquecedoras que eu já ... ainda há dias eu referia isso... que eu já tive.</p> <p>→ Eu cresci muito, enriqueci-me muito, ficaram até saudades da relação que se foi estabelecendo... Eu aprendi muito, muito, muito!... Foi das experiências</p>

<p>1. Envolvimento no processo de Prática de Ensino Supervisionada</p>	<p>2. História/ contexto de vida da presidente do conselho executivo no âmbito da supervisão</p>	<p>E-PCE2</p> <p>E-PCE2</p>	<p>mais ricas que eu tive! E acho que toda a gente aprende...</p> <p>→ Aprendi... Houve muita... houve muitas estratégias... e houve... muitas coisas novas de se fazer e de saber-fazer que eles trouxeram...</p> <p>→ Houve mesmo esta troca... eu aprendi com eles e eles aprenderam comigo, sem dúvida nenhuma...</p>
<p>1. Envolvimento no processo de Prática de Ensino Supervisionada</p>	<p>3. Relação com a Instituição de Ensino Superior</p>	<p>E-PCE1</p> <p>E-PCE1</p> <p>E-PCE1</p> <p>E-PCE1</p> <p>E-PCE1</p>	<p>→ Eu penso que temos uma boa relação com a <i>I.E.S.</i>. Penso que... quer com os professores tutores quer com a instituição em si. Ou seja, há algum carinho, se é assim que eu posso dizer e... é recíproco este carinho</p> <p>→ E sempre que... eu estou a pensar, por exemplo, na acção de formação de matemática, nós tivemos aqui um problema informático e não recebemos as informações atempadamente. Eu entretanto contacto a instituição e houve algum carinho, algum cuidado. Mesmo já ultrapassando prazos estabelecidos por sermos uma escola também cooperante, penso que há também esse carinho e essa atenção.</p> <p>→ E sempre que a escola tem algo para oferecer em termos de alguma formação, em termos de algum colóquio,... tem sempre a atenção de nos dar a conhecer e de nos incluir.</p> <p>→ ... tenho um carinho por essa escola, por quem vem dessa escola...</p> <p>→ E há algum cuidado, há algum cuidado, temos muito cuidado... há preocupação e algum acompanhamento aos professores... aos jovens professores não é, aos estagiários que aqui estão. Isso é importante dizer. Eu digo sempre. Obviamente que nada nem ninguém é perfeito. Com certeza que a <i>I.E.S.</i>... terá necessidade de rever algumas coisas, mas no que me é dado a perceber, daquilo que eu sei, daquilo que eu vejo e estabelecendo comparações, é uma escola que acompanha e é muito preocupada, acho eu.</p> <p>→ A <i>I.E.S.</i> tem preocupações num bom acompanhamento. Ou pelo menos é um acompanhamento melhor e maior, próximo. Eu não sei se posso dizer isto, mas é o que eu sinto. Melhor que em qualquer, isso sem dúvida nenhuma, melhor do que</p>

<p>1. Envolvimento no processo de Prática de Ensino Supervisionada</p>	<p>3. Relação com a Instituição de Ensino Superior</p>	<p>E-PCE1</p> <p>E-PCE1</p> <p>E-PCE1</p> <p>E-PCE2</p> <p>E-PCE2</p> <p>E-PCE2</p> <p>E-PCE2</p> <p>E-PCE2</p>	<p>em qualquer outra das experiências que temos tido com outras instituições e não vou referir nomes como é óbvio...</p> <p>→ Mas, em relação à <i>I.E.S.</i>, escola oficial, e outras instituições particulares, pois a <i>I.E.S.</i>, eu digo isto sempre, eu digo isto muitas vezes, é de facto a mais atenta, a mais preocupada no acompanhamento...</p> <p>→ E posso fazer um balanço e devo dizer que nos últimos anos tenho sentido ainda uma maior aproximação, mais cuidado, mais envolvimento, mais oferta, oferta de, de ... que tipo de oferta... os seminários que são feitos, as formações que são propostas, as ofertas que aparecem aos professores cooperantes e não só, sinto que tem havido, que têm sido em crescendo esta, esta ligação, esta interacção toda e esta, esta evolução no acompanhamento e no trabalho dos estágios.</p> <p>→ Aqui não, não houve formação para cooperantes, mas acho que houve na <i>I.E.S.</i>.</p> <p>→ ... tenho sentido em crescendo um apoio muito bom! E uma preocupação... Este ano até achei interessante porque, não só... o professor tutor mas também outros professores daquela turma – porque há outras disciplinas, outras cadeiras que são leccionadas por diferentes professores - , e achei muito interessante que eles viessem aperceber-se das realidades.</p> <p>→ Achei... – inclusivamente os seminários, alguns realizados aqui na escola – acho que é importante, neste espaço...</p> <p>→ ...e julgo, do que me é dado perceber, que é um acompanhamento, pelo menos, muito melhor do que aquele que nós sentimos por parte de outras instituições particulares! Isso, eu disse sempre! Foi o que eu senti...</p> <p>→ ... acho que a <i>I.E.S</i> é, se calhar, a instituição mais preocupada e mais atenta...; mais protectora, digamos assim..., dos seus meninos.</p> <p>→ ... podiam reforçar-se estes laços institucionais e podia haver um enriquecimento maior, não apenas para os estagiários e para os professores cooperantes, mas para todo o corpo docente da escola. Acho que só podia</p>
------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

			enriquecer... porque a <i>I.E.S.</i> é, por excelência, uma escola formadora, não só para formação inicial, como também para formação contínua.
1. Envolvimento no processo de Prática de Ensino Supervisionada	4. Responsabilidades na escolha de professores para orientadores cooperantes	E-PCE1	→ somos sempre nós que contactamos as colegas que, ou que o tutor diz, ou que nós eventualmente achamos estarem interessadas e que, do nosso ponto de vista, do nosso, como é óbvio, são modelos a seguir... Quando me solicitam, quando eu sou contactada pela instituição através de um dos professores tutores é evidente que, do meu ponto de vista, eu tento sempre contactar em primeiro lugar as pessoas, as colegas que eu considero com práticas inovadoras,... com práticas que têm a ver com a minha linha de pensamento e também com práticas como eu sempre trabalhei, com as minhas práticas pedagógicas.
1. Envolvimento no processo de Prática de Ensino Supervisionada	4. Responsabilidades na escolha de professores para orientadores cooperantes	E-PCE1	→ quando há o primeiro contacto, nós perguntamos sempre quais são os interesses para... para podermos contemplar para isso mesmo não é, para podermos contemplar quer em termos de horários, porque isso é importante, os anos de escolaridade, portanto, nós tentamos perceber. Face às exigências entre aspas ou para aquilo que a escola pretende, nós depois contactamos as pessoas que, do nosso ponto de vista, fazem sentido para um, um bom trabalho de cooperação.
		E-PCE1	→ faz sentido que depois estas pessoas procurem nas escolas os seus professores de referência.
		E-PCE1	→ a <i>I.E.S.</i> precisava de um grande número de, de enfim, de professores cooperantes e eu lembro-me que fiz um pequenino texto, ou seja, caracterizei um pouco daquilo que eu sabia que era ser-se cooperante, sobretudo o que interessa aqui, embora o pessoal e o profissional sejam indissociáveis, mas tentei caracterizar cada um dos professores ... e apresentei isso na reunião que tive com os professores tutores e com base nisso houve uma selecção.
		E-PCE1	→ Tentamos não ferir susceptibilidades. Tentamos que as pessoas... se nos apercebemos que as pessoas estão mesmo interessadas, mas que por questões de horário ou até mesmo ... de acordo com uma forma de

<p>1. Envolvimento no processo de Prática de Ensino Supervisionada</p>	<p>4. Responsabilidades na escolha de professores para orientadores cooperantes</p>	<p>E-PCE1</p> <p>E-PCE1</p> <p>E-PCE1</p> <p>E-PCE1</p> <p>E-PCE1</p>	<p>trabalhar que é diferente e que não é exactamente aquilo que se pretende, nós normalmente dizemos que a selecção foi feita de acordo com o ano de escolaridade, ou de acordo com o horário. Normalmente há preferência para os horários da manhã e... e portanto e também nem toda a gente é aberta, nem toda a gente abre a porta aos novos alunos... estagiários...</p> <p>→ Eu contacto com elas, as professoras, elas disponibilizam-se. De início houve ali alguma relutância e sobretudo porque eram as colegas que tinham o 1º ano, como é que é, eu queria, mas não já, porque é um primeiro ano, é complicado, não conheço os meninos, há uma série de... porque eram estágios todos do 4º ano, que implicam um período mais alargado...</p> <p>→ Era o interesse também da tutora para os estágios destes jovens... ficarem no 1º ano. E olhe que, como eu digo, é um ano de excelência, é um ano de excelência mesmo.</p> <p>→ Eu não conheço bem toda a gente. Conheço de uma maneira geral, mas há pessoas que eu conheço muito melhor. E em geral as professoras com que ... eu identifiquei-me muito, muito este ano com o trabalho das colegas do 1º ano.</p> <p>→ Às vezes preocupa-me. Quando sinto enfim que há colegas que querem e que, que não são seleccionadas, preocupo-me um bocadinho, mas felizmente não tem havido problemas. As pessoas têm entendido ou porque é o ano de escolaridade ou porque é aquele turno, ou porque já não é preciso mais, no início pensava-se num número que já não corresponde às necessidades e as coisas têm corrido bem.</p> <p>→ ... costumo perguntar aos colegas e porque sou sempre eu que me abeiro deles, delas, neste caso delas, e falo com elas e pergunto se realmente estão ou não interessadas. E incentivo um bocadinho, digo sempre: temos que abrir as nossas portas e vocês têm obrigação disso. Quando eu tenho mais à vontade e quando eu sei que dali vai sair com certeza um bom trabalho, porque conheço as pessoas, porque me identifiquei, eu digo que</p>
------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>1. Envolvimento no processo de Prática de Ensino Supervisionada</p>	<p>4. Responsabilidades na escolha de professores para orientadores cooperantes</p>	<p>E-PCE1</p> <p>E-PCE2</p>	<p>temos obrigação, temos obrigação de dar o nosso melhor porque vêm jovens que em princípio são aqueles que nos vão seguir ...</p> <p>→ ...que os meninos sejam, os meninos-jovens sejam... entregues ao professor que nós entendamos que são de facto pessoas que devem, que são um modelo a seguir. Claro que o modelo a seguir isto é sempre muito subjectivo, é muito relativo...</p> <p>→ ... porque me sinto sempre um bocadinho responsável... porque sou eu que incentivo as pessoas..., às vezes, há algum receio...</p>
<p>1. Envolvimento no processo de Prática de Ensino Supervisionada</p>	<p>5. Papéis, funções e responsabilidades em relação aos estagiários</p>	<p>E-PCE1</p> <p>E-PCE1</p> <p>E-PCE1</p> <p>E-PCE1</p> <p>E-PCE1</p> <p>E-PCE1</p>	<p>→ Normalmente sou eu que os recebo, a não ser que por qualquer eventualidade tenha que ser outra colega. Não é porque outra colega não seja capaz de fazer tão bem ou melhor do que eu,... mas normalmente isso passa para mim e eu gosto muito de falar, depois gosto muito de os pôr à vontade, porque na situação deles, sempre que nós entramos, vamos a um lugar diferente, por nós desconhecido, é sempre muito complicado, porque há alguns receios. Não sabemos o que é que vamos encontrar. Pronto, é como as mudanças.</p> <p>→ E eu porque já senti um pouco isso, tenho o cuidado de os receber, de os pôr à vontade. De lhes dizer sempre das nossas limitações, mas também que podem contar connosco, comigo e com todos.</p> <p>→ Dou-lhes a conhecer... faço-lhes o ponto da situação. Digo-lhes que ... mostro-lhes tudo, digo-lhes das nossas dificuldades.</p> <p>→ E vão ter... esta escola, digo-lhes isto também, é uma escola com características especiais, mas é uma escola onde se aprende muito. Exactamente pelas características atípicas que tem. É diferente na situação geográfica, é diferente porque são três edifícios, porque tem uma área muito grande, porque tem muitos alunos, enfim, há uma grande heterogeneidade aqui.</p> <p>→ Portanto digo-lhes sempre, até um bocadinho a rir, olhem vejam lá se é isto que querem, isto dói, isto não é fácil, mas é muito, muito bonito.</p> <p>→ Atendê-los, recebê-los, mostrar-lhes a escola, mostrar-lhes os serviços principais, digamos assim, vão</p>

<p>1. Envolvimento no processo de Prática de Ensino Supervisionada</p>	<p>5. Papéis, funções e responsabilidades em relação aos estagiários</p>	<p>E-PCE1</p> <p>E-PCE1</p> <p>E-PCE2</p> <p>E-PCE2</p>	<p>à biblioteca, vão à secretaria e vão aos espaços de uma forma em geral. Disponibilizo-me para falar com eles e para os esclarecer de algumas dúvidas. Dou-lhes, portanto, forneço-lhes todos os documentos da escola que possam ser importantes para o seu trabalho, nomeadamente projecto educativo, regulamento interno e outros.</p> <p>→ Sejam entregues ao professor que nós entendamos que são de facto pessoas que devem, que são um modelo a seguir. Claro que o modelo a seguir isto é sempre muito subjectivo, é muito relativo, é o modelo, mas... É uma pessoa de referência, exactamente.</p> <p>→ A maior angústia... e é óbvio que essa angústia é para os nossos colegas e é também para nós enquanto responsáveis por uma escola que é... podia ser pequena, a responsabilidade também existia, mas se calhar por ser maior, parece que temos... porque é um maior número de meninos, há uma responsabilidade grande... está aqui o... em causa o crescimento, o processo educativo/evolutivo destes meninos e portanto é uma responsabilidade grande.</p> <p>→ Eu sinto-me sempre muito responsável! E sempre, sempre, eu vou perguntando como é que se sentem..., falo com os estagiários e pergunto como é que eles se sentem na escola..., falo com os colegas e pergunto se aquele... se o trabalho que está a ser feito é um trabalho produtivo, se estão contentes..., se está a ajudar...</p> <p>→ Não... Nunca estive presente....; nem eu nunca pensei nisso, nunca fui solicitada</p>
<p>1. Envolvimento no processo de Prática de Ensino Supervisionada</p>	<p>6. Motivações e expectativas</p>	<p>E-PCE1</p> <p>E-PCE2</p>	<p>→...oxalá que todos os anos haja estagiários aqui, haja professores abertos a recebê-los que, com as suas estratégias e com dinâmicas dignas de serem seguidas, mas por outro lado também abertos, e são com certeza, é óbvio... para receber novas ideias, novas coisas, as tais lufadas de ar fresco que vêm através destes jovens da I.E.S....</p> <p>→ ...isto, depois, depende muito se há professores que abrem as suas portas e que... estão muito receptivos àquilo que chega de novo - e isso é ótimo e eu espero que aconteça – portanto, dá uma grande margem aos</p>

<p>1. Envolvimento no processo de Prática de Ensino Supervisionada</p>	<p>6. Motivações e expectativas</p>	<p>E-PCE2 E-PCE2 E-PCE2</p>	<p>professores, estagiários e aos tutores para poderem trabalhar. E..., felizmente, isso acontece muito nesta escola!</p> <p>→ ...esta abertura só pode resultar e traduzir-se num trabalho muito enriquecido.</p> <p>→ ... todos nós queremos o sucesso..., o nosso sucesso é o sucesso dos nossos alunos...;</p> <p>→ Todos os anos temos tido estágios e eu fico muito contente! Fico sempre muito contente! Porque sinto isso como no tempo em que eu os recebia na minha sala de aula... uma mais valia...</p>
<p>1. Envolvimento no processo de Prática de Ensino Supervisionada</p> <p>1. Envolvimento no processo de Prática de Ensino Supervisionada</p>	<p>7. Dificuldades e obstáculos</p>	<p>E-PCE1 E-PCE1</p>	<p>→ ... uma das coisas que preocupa os nossos colegas cooperantes é o facto de os estágios de 4º ano serem muito prolongados e ... enquanto não se encontra o momento certo, ou seja, enquanto não há uma adaptação recíproca...</p> <p>→ ... enquanto... e sobretudo se se trata de 1º ano, as colegas ficam mais ansiosas. Portanto, o medo aqui e a ansiedade reside sempre no facto de prejudicarem os meninos.</p>
<p>2. Impacto do processo de Prática de Ensino Supervisionada: contributo para a aprendizagem e desenvolvimento organizacional da escola</p>	<p>1. Sentidos e significados da Prática de Ensino Supervisionada para as crianças</p>	<p>E-PCE1 E-PCE1 E-PCE2</p>	<p>→ ... e trazem ideias novas e e é evidente que são uma mais valia para a turma...</p> <p>→ ... que eu estava muito contente e muito feliz e que lhes ia agradecer e depois também agradeci as pinturas que estão ali,... porque eles já liam. E que eu estava feliz, que gostava que eles continuassem, que levassem muitos livros para casa e que continuassem a vir à biblioteca. E também falei das pinturas, que estavam muito bonitas e é engraçado que eu depois dizia: “então vocês não aprenderam bem sozinhos, pois não? Houve quem vos ajudasse?”. Houve numa turma, numa sala foi giríssimo, quem os ajudou? Resposta, as duas estagiárias.</p> <p>→ Foi engraçado... - foi uma vez uma pequenina conversa... - eles referenciavam sempre os professores estagiários em primeiro lugar!... Portanto, as referências primeiras eram sempre os professores estagiários... e, depois, era o professor da turma... Sei que ... eles referenciavam, em primeiro lugar, os professores estagiários!...</p>

<p>2. Impacto do processo de Prática de Ensino Supervisionada: contributo para a aprendizagem e desenvolvimento organizacional da escola</p>	<p>2. Sentidos e significados da Prática de Ensino Supervisionada para as orientadoras cooperantes</p>	<p>E-PCE1 E-PCE1 E-PCE1 E-PCE1 E-PCE1 E-PCE1 E-PCE1 E-PCE1 E-PCE1 E-PCE1 E-PCE1</p>	<p>→ ... imagine trabalhos de grupo, trabalho de grupo, trabalhos a pares, enfim, são mais duas pessoas, duas pessoas adultas que passado uns meses eventualmente irão enfrentar uma turma e portanto dão uma ajuda preciosa, muito boa mesmo.</p> <p>→ ... porque realmente são três pessoas ali.</p> <p>→ Acho que aprendemos uns com os outros sempre.</p> <p>→ ... acham que... acima de tudo, a vinda de novos jovens lhes vai enriquecer o seu trabalho. E por sua vez também o seu contributo vai melhorar a prestação de quem... de quem está agora a começar. Eu penso que há uma reciprocidade, sim, eu falo por mim, eu acho que... Eu achei sempre que ganhei mais, eu achei sempre que ganhei ...</p> <p>→ ... aqueles jovens traziam coisas interessantíssimas, traziam ideias ótimas e que eu abraçava com muito carinho.</p> <p>→ Eu acho que sim, ..., eu estou a lembrar-me nomeadamente de uma professora desta escola, que é uma boa profissional do meu ponto de vista, e acho que não é só do meu... ela é de facto uma professora, uma boa professora empenhada, profissional, tudo isso, mas penso que... já algumas coisas se alteraram na prática dela desde que ela, e ela tem tido vários grupos de estagiários, desde que ela, tem estágios.</p> <p>→ Porque as pessoas são empenhadas, são abertas, se abrem a sua sala, estão abertas à partilha, se estão abertas à partilha, estão abertas portanto à troca, ao dar e receber, se recebem acabam por interiorizar isso que recebem e adaptá-lo. É evidente que nós não fazemos todos igual, nós temos uma base digamos assim que depois adaptamos à nossa forma de ser, de estar aos contextos que temos à nossa volta. Portanto, eu não tenho dúvida nenhuma que tem influência sim senhora a vinda de estagiários para as cooperantes...</p> <p>→ Há uma colega aqui que, por exemplo, teve já uma experiência riquíssima e ela sente que cresceu, mas que os jovens que estavam com ela também cresceram bastante, ...</p> <p>→ Eu acho que há também um enriquecimento para os</p>
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>2. Impacto do processo de Prática de Ensino Supervisionada: contributo para a aprendizagem e desenvolvimento organizacional da escola</p>	<p>2. Sentidos e significados da Prática de Ensino Supervisionada para as orientadoras cooperantes</p>	<p>E-PCE2</p> <p>E-PCE2</p> <p>E-PCE2</p> <p>E-PCE2</p>	<p>professores cooperantes. Eu senti sempre e penso que os colegas também sentem.</p> <p>→ ... penso que é importante quer para eles, que vão “abraçar uma profissão”, quer para a escola em geral... para a comunidade em geral, vão beneficiar... Porque é assim: por um lado, eles... pelo trabalho que desenvolvem, pelo apoio que têm do professor cooperante e até dos professores da <i>I.E.S.</i> pelas aprendizagens que fazem – que é uma “mais valia para eles” - ... mas, por outro lado, eu acho e sempre achei, mesmo quando eu tive estagiários,... achei sempre que era uma grande mais valia para nós.</p> <p>→ Sim, se, por um lado, nós temos a experiência adquirida... nós, professores cooperantes..., por outro lado, temos depois a «frescura» de gente nova, com novas ideias, com novas estratégias, com novas propostas... que, de alguma forma, são importantes para nós! É, no fundo, a renovação, não é? Porque... porque é assim: não podemos estagnar, não podemos fazer sempre mais do mesmo!... É importante adequar às realidades que nós temos... e... é verdade que, depois de quinze, vinte anos... vinte cinco e mais anos de serviço – que é, neste caso, o meu – e, por mais que nós nos tentemos actualizar, eu acho que..., a vinda dos estagiários, só pode ser uma mais valia para todos!</p> <p>→ Eu acho que se traduz num enriquecimento para o professor cooperante, naturalmente, para os estagiários e para os meninos (para o grupo-turma, não é?). Digamos que são as interacções; no fundo é isto! Acho que é a palavra certa..., as interacções que se vão estabelecendo, que se vão criando ao longo do tempo... Não tenho dúvida nenhuma que aprendem os professores cooperantes, que aprendem os professores estagiários, que há um enriquecimento grande para os miúdos – para o grupo/turma – e até, se calhar, para os professores tutores. Acho que esta interacção toda é fundamental!</p> <p>→ ... ela disse-me, claramente, isto só foi possível..., estes meus objectivos só se concretizaram, porque tive comigo mais duas pessoas, durante o tempo</p>
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>2. Impacto do processo de Prática de Ensino Supervisionada: contributo para a aprendizagem e desenvolvimento organizacional da escola</p>	<p>2. Sentidos e significados da Prática de Ensino Supervisionada para as orientadoras cooperantes</p>	<p>E-PCE2 E-PCE2</p>	<p>suficiente, para o conseguir. Porque, quando foi preciso dar apoio – e trata-se de uma colega com... pelo menos duas crianças a precisar de um apoio redobrado, mais atenções...portanto, tem duas crianças nessa situação... → ... e ela disse-me que foi fundamental a presença dos estagiários para, realmente, conseguir concretizar algumas das actividades e, portanto, atingir objectivos que tinha em mente... → ... achei sempre importante, tanto que fui cooperante e foi uma experiência muito rica para mim, acho que aprendi muito, muito, muito com os estagiários... Portanto, e isso... isso é prova de como eu valorizo a entrada de outras pessoas na sala de aula e, portanto, todas as interacções que se vão criando,... todo aquele percurso é importante... Portanto, valorizo isso!</p>
<p>2. Impacto do processo de Prática de Ensino Supervisionada: contributo para a aprendizagem e desenvolvimento organizacional da escola</p>	<p>3. Sentidos e significados da Prática de Ensino Supervisionada para a organização escola</p>	<p>E-PCE1 E-PCE1 E-PCE1</p>	<p>→ ... sentimos, eu sinto, penso que as outras pessoas também o sentirão, que a vinda dos jovens estagiários é uma mais-valia para a escola. Eu sentia isso enquanto cooperante e sinto agora enquanto, enquanto... neste órgão de gestão da escola. → Eles trazem sempre uma lufada de ar fresco. Vêm com novas ideias juntar-se a pessoas que têm mais ou menos experiência, dependendo. Eu, enquanto experiência pessoal, achei sempre, e acho, que foi muito, muito importante para mim. Porque eles traziam ideias novas, porque eles vêm cheios de vontade... pelos menos, não quer dizer que sempre, sempre, mas tive grupos de excelência. → São motores, eu acho que são motores. Encontram depois aqui professores com mais ou menos experiência, abertos, normalmente são pessoas abertas, abertas também a permitir que na sua sala de aula sejam alteradas algumas coisas, algumas dinâmicas, sejam implementadas ... percebe? E é esta, desta dinâmica toda que eu acho que um grande enriquecimento que surte efeitos sobretudo nos meninos, mas que nos enriquece a nós professores e também a eles estagiários. Portanto, é esta dinâmica, é esta reciprocidade que é uma mais-valia para a escola...</p>

<p>2. Impacto do processo de Prática de Ensino Supervisionada: contributo para a aprendizagem e desenvolvimento organizacional da escola</p>	<p>3. Sentidos e significados da Prática de Ensino Supervisionada para a organização escola</p>	<p>E-PCE1 E-PCE1 E-PCE2 E-PCE2 E-PCE2 E-PCE2 E-PCE2 E-PCE2 E-PCE2 E-PCE2</p>	<p>→ É o tal enriquecimento para todos...</p> <p>→ É o tal enriquecimento, são as novas... são as tais novas dinâmicas de que falávamos há pouco... Eu penso que é e está tudo dito. É esta reciprocidade, estas reuniões, estes encontros, os seminários em que se debatem as questões... são postas na mesa, professores mais novos, professores mais experientes, mais velhos, mais jovens... Pensam juntos, reflectem...</p> <p>→ Se isto for depois alargado à escola..., acho que é uma mais valia, sem dúvida nenhuma!</p> <p>→ Eu não digo que não podia existir, da mesma forma, uma exposição desta natureza não havendo estagiários, mas sabemos perfeitamente que esse trabalho é sempre enriquecido com a presença de mais dois adultos... Adultos esses que se preparam para... abraçar uma carreira que é a carreira de professor!</p> <p>→ E foi, pelas conversas que eu fui tendo com as colegas, uma grande mais valia a presença deles porque houve trabalhos, e houve mais atenção que se foi dando a alunos, caso por caso, que um professor apenas não conseguiria fazer... e uma boa ajuda; portanto, mais dois elementos, que durante vários meses permaneceram na escola, veio naturalmente enriquecer o trabalho todo. Isso depois acaba por se traduzir e por chegar ao resto da escola! Esta exposição, aqui, foi caso disso...</p> <p>→ Voltamos sempre à minha “tecla” que é a mesma... As interacções, as sugestões, a participação de cada um – cada um, professor titular de turma ou professor estagiário - ..., penso que só podem ser importantes.</p> <p>→ É muito positivo!... Muito positivo... Muito, muito positivo! E, nalguns casos, isso foi... foi muito visível até a mim!</p> <p>→ ... o balanço é muito positivo... e acho que passou por aqui, este ano, gente que promete muito! Muito mesmo!</p> <p>→ ... e se formos falando das coisas de uma forma mais abrangente, se reflectirmos juntas, de certeza que isso tem reflexos, tem impacto e que... se vão depois traduzir em alterações significativas e, portanto,</p>
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>2. Impacto do processo de Prática de Ensino Supervisionada: contributo para a aprendizagem e desenvolvimento organizacional da escola</p>	<p>3. Sentidos e significados da Prática de Ensino Supervisionada para a organização escola</p>	<p>E-PCE2</p> <p>E-PCE2</p>	<p>podemos nós pensar que sejam para a melhoria da nossa escola, do nosso ensino, não é?</p> <p>→ Sem dúvida nenhuma... porque há-de sempre haver professores interessados... E eu até lhes costumo dizer que têm a obrigação... Nós temos a obrigação! De “abrir as portas”... Primeiro porque, se estes jovens não passarem por estágios, não passarem por algumas experiências, ser-lhes-á muito mais difícil, depois, a sua integração. Depois, por outro lado, também a escola ganha com a vinda deles por causa de tudo aquilo que nós falámos...pelas interações que se vão estabelecendo, pelas inovações que eles vão trazendo, pelas coisas novas, pelas estratégias...Enfim, o enriquecimento que a escola lhes dá e o enriquecimento de cada um em particular, de cada um estagiário e de cada um cooperante! É importante e é bastante significativo para a escola!</p> <p>→ ... Aprendemos uns com os outros...</p>
<p>3. Formas de envolvimento da escola</p>	<p>1. Conhecimento do desenvolvimento do processo da Prática de Ensino Supervisionada pelo conselho executivo da escola</p>	<p>E-PCE1</p> <p>E-PCE1</p> <p>E-PCE1</p> <p>E-PCE1</p> <p>E-PCE2</p>	<p>→ Temos obrigação de dar o nosso melhor e, portanto, depois também gosto de saber se o produto, se a experiência é enriquecedora, se valeu a pena.</p> <p>→ Se posso até vou às turmas, se posso até eles às vezes não se apercebem, mas eu até nomeadamente na actividade que fazem aqui no polivalente, na educação física, ou nos jogos, eu passo e fico um bocadinho a olhar, a ver.</p> <p>→ Fico para ver qual é a reacção dos meninos, fico para ver qual é o tipo de trabalho, interesse-me muito por isso e fico. E, e gosto de ver o envolvimento.</p> <p>→ ... há jovens aqui que me dá gosto ver e sinto que vão ser bons profissionais e depois também há a relação que eu estabeleço com eles. Falo com eles, eles aproximam-se de mim...</p> <p>→... e as idas à turma, também... Eu, nessa conversa, também disse que quando me apercebi....; porque o feedback relativamente às leituras deles e aos progressos, chegou-me através da biblioteca... Inclusive, eu cheguei a estar na biblioteca e os meninos aparecerem e, com todo o “à-vontade”, a querer ler e a discutir... , e a escolher... Eu apercebi-me</p>

<p>3. Formas de envolvimento da escola</p>	<p>1. Conhecimento do desenvolvimento do processo da Prática de Ensino Supervisionada pelo conselho executivo da escola</p>	<p>E-PCE2</p> <p>E-PCE2</p>	<p>disso! Portanto..., a colega que estava lá – e que está – disse-me que era uma alegria e que, aqueles meninos do 1º ano, eram um encanto! Eram um encanto!... Eu fiquei tão entusiasmada que fui, sala a sala, dizer-lhes que estava muito contente...</p> <p>→... Primeiro gosto de perceber os comportamentos dos meninos noutras situações...porque eu conheço a grande maioria deles aqui, no refeitório... às vezes, conhece-os na sala de aula e sei dos seus problemas... , depois, também gosto de saber qual é a sua reacção numa ou outra actividade... Às vezes, até questiono as colegas relativamente ao comportamento dos meninos aqui ou na sala...</p> <p>→...Estou aqui muitas horas; gosto de saber... E..., relativamente aos estagiários, eu também fazia a mesma coisa..., apreciava o trabalho deles, a forma como lidavam com os meninos...</p>
<p>3. Formas de envolvimento da escola</p>	<p>2. Conhecimento do processo da Prática de Ensino Supervisionada pelos restantes órgãos de gestão e orientação da escola e docentes não cooperantes</p>	<p>E-PCE1</p> <p>E-PCE1</p> <p>E-PCE1</p> <p>E-PCE1</p> <p>E-PCE1</p>	<p>→ Eu acho que todos na escola os recebem bem. Sobretudo aqueles que lhes estão mais próximos.</p> <p>→ É assim... não... no pedagógico não... nem no projecto... vai ficando ano após ano... já ficou naturalmente instituído... mas faz todo o sentido essa questão, todo, todo.</p> <p>→Mas já ficou, foi ficando instituído... eu não me lembro numa fase inicial ... como é que isto foi tratado, está a perceber...</p> <p>→ Esse conhecimento passa pelas actividades que são mais nos espaços comuns, por exemplo, este trabalho que vê ali no ginásio, que é uma exposição de pintura lindíssima, é evidente que como foi feito num sala de aula com dois estagiários, eles tiveram também a sua colaboração.</p> <p>→ Lembro-me, por exemplo, no Carnaval, eles mascararam-se todos no cortejo, acompanharam sempre os meninos e a professora,... de uma forma muito envolvida, portanto, isto acaba por, por depois ter reflexos na escola, traduzir-se numa presença e numa intervenção muito válida na escola.</p> <p>→ Enquanto escola de facto não, não temos essa visibilidade. Não chega, ou melhor, chega ... através de</p>

<p>3. Formas de envolvimento da escola</p>	<p>2. Conhecimento do processo da Prática de Ensino Supervisionada pelos restantes órgãos de gestão e orientação da escola e docentes não cooperantes</p>	<p>E-PCE2</p> <p>E-PCE2</p> <p>E-PCE2</p> <p>E-PCE2</p> <p>E-PCE2</p> <p>E-PCE2</p>	<p>mim, mas se calhar é por isso mesmo, se calhar não chega de outra forma porque se calhar eu estou muito presente... Digo eu, não sei, ...</p> <p>→ ... para mim... o Conselho Pedagógico é o órgão mais importante e ponto final! ... se as actividades e a influência daquilo que é feito aqui passar pelo Conselho Pedagógico, pode ser muito importante. E eu, desde a última vez que nós conversámos, fiquei a pensar como será importante – em próximos estágios e na continuação – isto passar por lá.</p> <p>→ ... já há tantos anos que isto está aqui instituído – que isto faz parte da cultura da escola – que não se estendeu..., não se alargou de outra forma... manteve-se a mesma postura...</p> <p>→ Mas acho que faz algum sentido..., passar pelo Pedagógico... ou, pelo menos, o Pedagógico saber... quem é que está na escola, o que está a fazer e, depois, as estratégias ou o trabalho desenvolvido poder ter... digamos que... uma maior abrangência. E ser de um conhecimento alargado na escola.</p> <p>→ ... eu lembro-me que houve uma actividade de alguns estagiários que... chegou..., naturalmente a toda a escola.</p> <p>→ Sei que me chamou à atenção a mim... com certeza que chamou também à atenção dos miúdos e... de toda esta comunidade. E outras actividades que eles fizeram que eu me lembro perfeitamente deles terem feito... Até a participação deles no cortejo de Carnaval... lembro-me que, não só os da colega O mas outros, estiveram presentes, também se mascararam e deram muito apoio aos miúdos. Quer dizer, acabam, também, por fazer parte...</p> <p>→ Não me lembro. Eu não me lembro...</p>
<p>3. Formas de envolvimento da escola</p>	<p>3. Partilha de informação, canais de comunicação e de divulgação da Prática de Ensino Supervisionada</p>	<p>E-PCE1</p> <p>E-PCE1</p>	<p>→ ...como entra muita gente na escola, às vezes nos outros edifícios não há aquela visibilidade...</p> <p>→ Portanto, não há uma grande visibilidade para o edifício A relativamente a estas pessoas. Porque a escola recebe muita gente independentemente destes estagiários. Recebe jovens que estão a fazer estudos às vezes estudos na área da psicologia, colegas nossas que</p>

3. Formas de envolvimento da escola	3. Partilha de informação, canais de comunicação e de divulgação da Prática de Ensino Supervisionada	E-PCE1 E-PCE2 E-PCE2 E-PCE2 E-PCE2	<p>também estão a fazer... mestrados e portanto entra muita gente na escola e, portanto, às vezes não há grande visibilidade de quem são aquelas pessoas e do que elas fazem...</p> <p>→ É esta partilha, esta troca de experiências, este envolvimento, esta dinâmica diária. Não é por acaso que os... os professores queixam-se que nesta escola se trabalha muito, que é muito envolvente, porque há muitos projectos... mas a verdade é que os professores vão-se embora e voltam e temos disto vários exemplos... aprende-se muito...</p> <p>→ ... houve reuniões mensais, e mais naquelas que faziam extraordinariamente, discutiam, sim, vários temas. E acredito que entre eles tivesse... - uma vez que grande parte do 1º ano tinha estágios - que estivessem também contempladas acções desenvolvidas nos mesmos.</p> <p>→ Eu não direi que na reunião de ano ... Não sei se aconteceu..., mas acredito que acontecesse, pelo menos, num grupo mais restrito em que... fossem, realmente, discutindo... os problemas que iam tendo, as preocupações... mas também, ao mesmo tempo, as alegrias e as partilhas que iam tendo... “os ganhos” – digamos assim – que iam adquirindo...</p> <p>→ ... Este ano, realmente foi só para o 1ºano... Eu não tenho dúvidas nenhuma, mas não tenho mesmo, que, no grupo, se discutissem modos, estratégias, inovações...</p> <p>→ Claro que, se calhar, ficou mais limitado, não quer dizer que não tivesse passado, é evidente que pode passar sempre, mas ao grupo de ano porque, realmente, se tratava só de 1ºano. Mas não tenho dúvida que se isso passar para outros... que isso se torna num enriquecimento muito maior e numa passagem...</p>
3. Formas de envolvimento da escola	4. Identificação de situações de envolvimento de órgãos de orientação pedagógica e de gestão da escola	E-PCE2	<p>→ O Conselho Pedagógico tem a representatividade de..., do professor de cada ano; que é o coordenador de ano que, por sua vez, é o elemento fundamental nas reuniões de cada ano... É ele que passa a mensagem do Conselho Pedagógico para os grupos e vice-versa... Que leva, por sua vez, às reuniões de ano toda a</p>

<p>3. Formas de envolvimento da escola</p>	<p>4. Identificação de situações de envolvimento de órgãos de orientação pedagógica e de gestão da escola</p>	<p>E-PCE2</p> <p>E-PCE2</p> <p>E-PCE2</p> <p>E-PCE2</p>	<p>informação... que, entretanto, toda a informação e todos os assuntos, que forma discutidos em Pedagógico. Portanto, seria o veículo...; um veículo muito...muito facilitador para toda esta informação e todo este enriquecimento acontecer na escola toda.</p> <p>→ ... temos alguma autonomia – para além daquilo que está estabelecido, através da legislação, que deve ser discutido, todos os normativos que vão chegando, etc. -, mas, além disso, a escola tem autonomia para, de acordo com as suas necessidades, discutir os assuntos que entender pertinentes. Portanto, eu acho que isso pode, perfeitamente, ficar agendado; pode-se, inclusivamente, pôr à consideração de todos e, quando se entender... importante e pertinente, dar a conhecer aquilo que está a ser feito...</p> <p>→Viável e importante! Viável é! Não vejo, se eles são professores estagiários, se acompanham o grupo, se planificam com o professor titular de turma,... não vejo porque não poderão, não direi em todas, mas naquelas que sejam mais significativas, participar... Até porque, mesmo que as reuniões não sejam só de carácter pedagógico, porque há reuniões onde tem também de se discutir...</p> <p>→ ... a legislação que chega, as formas de..., as alterações que devem ocorrer com base nesses normativos...; eu penso que só podem ajudar porque eles vão sair daqui – quanto melhor e maior for a informação, quanto mais conhecimento tiverem da legislação..., da forma como devem agir,... melhor! Porque é assim: quanto maior for o enriquecimento deles e a preparação, em melhores condições eles estarão depois no terreno, não é? Portanto, tudo aquilo que seja... que tenha a ver com a escola no seu todo, como organização, pode ser uma aprendizagem importante para eles...</p> <p>→ ... desde que eles estejam disponíveis e que queiram colaborar, acho que não há ninguém que impeça... – não há ninguém que impeça... Se nós os queremos profissionais activos, competentes, interventivos; então tem de se lhes “abrir as portas” e de se lhes dar</p>
--------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>3. Formas de envolvimento da escola</p>	<p>4. Identificação de situações de envolvimento de órgãos de orientação pedagógica e de gestão da escola</p>	<p>E-PCE2</p> <p>E-PCE2</p> <p>E-PCE2</p> <p>E-PCE2</p> <p>E-PCE2</p> <p>E-PCE2</p> <p>E-PCE2</p>	<p>oportunidade de participarem em tudo!</p> <p>→ Eu acho é que eles têm a sua agenda muito preenchida mas..., eu acho que têm porque têm de conciliar o estágio aqui com os seminários, com trabalhos... mas, caso seja viável e possa estar contemplado no seu horário, até tem mesmo razão de ser...</p> <p>→ é preciso que ... haja oportunidade tendo em conta os “afazeres” na <i>I.E.S</i> – para poder intervir e colaborar no trabalho aqui desenvolvido... Eu achava isso muito importante!</p> <p>→ Levantou uma questão que eu acho muito importante e que, para o ano, vou, pelo menos, despoletá-la. Vou falar com as pessoas...</p> <p>→ ... de facto, nunca pensei e, por isso, estamos sempre a aprender e sempre a reflectir, acho que devemos ser muito reflexivos e depois, da reflexão, deve vir a intervenção e acção, portanto.... fiquei muito desperta, depois da nossa conversa..., e acho que se isto não estiver só na cabeça das pessoas ou seja,... se estiver na prática, se isto estiver contemplado em documentos importantes da escola, traduz-se depois... Não sei se é dar outra importância..., mas, pelo menos, nunca ficará no esquecimento!</p> <p>→ Sim, pensei, para conhecer... Por um lado, para dar a conhecer e, por outro lado, se for caso disso, discutir em Pedagógico aquilo que está a ser feito e de que forma é que isso é importante para a escola inteira...</p> <p>→ Em primeiro lugar, dando a conhecer, no Conselho Pedagógico, do... dos professores cooperantes...e que estagiários estão na escola. E, depois, qual é o seu projecto.</p> <p>→ ... essa intervenção não é... não deve ser restrita à sala de aula... porque eles, quando saírem do seu estágio, quando partirem para o trabalho efectivo com a responsabilidade de uma turma, por exemplo,... não vão estar limitados à sua sala de aula, mas sim a uma realidade que é a escola.</p>
--------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------